**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE HISTÓRIA SOCIAL**

**ALÉM DOS GRAMADOS:
HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE NEGROS NO FUTEBOL
BRASILEIRO (1970-2010)**

Marcel Diego Tonini

**São Paulo
2010**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**ALÉM DOS GRAMADOS:
HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE NEGROS NO FUTEBOL
BRASILEIRO (1970-2010)**

Marcel Diego Tonini

Versão corrigida da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em História Social.

De acordo,

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy

**São Paulo
2010**

Folha de Aprovação

Marcel Diego Tonini

Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)

Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy

Prof. Dr. Wilson do Nascimento Barbosa

Prof. Dr. Fábio Franzini

Aos meus pais, Antônio e Terezinha, e à minha noiva,
Veruska, pelo amor e apoio em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

À minha família e amigos: pai, mãe, Marília, Ricardo, Tales, Veruska, Sílvia, Henrique, Érika, Fernando, Leandro, Roberta, Fran, Davi, Dallas e Regina pelo amor, amizade, incentivo e ajuda desde sempre.

Ao professor orientador José Carlos Sebe Bom Meihy pela iniciação na história oral, ensinamentos, apoio, confiança, orientação e atenção em todos os momentos da pesquisa.

Ao Núcleo de Estudos em História Oral e especialmente às amigas Suzana, Fabíola, Juniele e Marta por compartilharem a trajetória desta pesquisa.

Ao Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e especialmente aos amigos Serginho, Diana e Paulo Nascimento pelo debate e pela amizade.

Aos amigos Danilo (Mandioca), Ricardo, Cida e Vera Rodrigues pelas sugestões e auxílios em vários momentos.

Aos professores Fábio Franzini, Wilson Barbosa do Nascimento, José Paulo Florenzano, Flavio de Campos e Antonio Sérgio Alfredo Guimarães pelas indicações e apoio.

Aos colaboradores: Bizi, Junior, Jairo, Lula Pereira, José Carlos Serrão, Paulo Cesar Oliveira, Luiz Flávio de Oliveira, João Paulo Araújo, Sérgio José Grillo, Luiz Onofre Meira, Benecy Queiroz, Renato Camargo, Alex Minduín, Juca Kfourir, Celso Unzelte, Valmir Jorge, Abel Neto, Miguel Archanjo de Freitas Júnior, Luiz Carlos Ribeiro e Arlei Damo pela atenção, aprendizado e encontros inesquecíveis.

À Universidade de São Paulo, à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, ao Departamento de História, ao Programa de Pós-Graduação em História Social e aos seus funcionários por possibilitarem esta pesquisa.

À FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio técnico e financeiro que viabilizou essa pesquisa.

Neste país, a pena máxima criminal é de 30 anos. Não sou criminoso e já cumpri dez anos a mais do que isso. Tenho o direito de dormir tranquilo.

Barbosa

Hoje, você vê negro em qualquer país do mundo. Até na Suécia você vê vários negros jogando. Então, eu tenho muito orgulho de ser brasileiro, de ser negro e de ter dado essa contribuição para o mundo. Porque essa integração começou com a equipe brasileira.

Pelé

No Brasil, negro disfarça, alisa o cabelo. Coloca roupa chique. Faz tudo para que o presidente do clube não perceba que ele é negro. Há um enorme preconceito no nosso país. Por isso tão poucos treinadores negros. E os mulatos falam que são brancos.

Lula Pereira

RESUMO

Esta dissertação propõe um estudo sobre a questão racial no futebol brasileiro atual a partir das histórias orais de vida de alguns negros que atuaram entre 1970 e 2010. O texto é dividido em três partes: na primeira, é apresentada a história do projeto, com destaque para as discussões teóricas e metodológicas; na segunda, são expostas sete narrativas correspondentes às redes de jogadores, treinadores, árbitros, dirigentes, torcedores, jornalistas e intelectuais; na terceira, são encaminhadas interpretações levando-se em consideração o conjunto dos documentos orais constituídos. Nesta última parte, são explicitados eixos temáticos que buscam articular as experiências individuais com as coletivas e traçar as especificidades de cada profissão abordada. Almeja-se, desta maneira, contribuir para o debate acadêmico com a incorporação dos discursos destes negros e a reflexão sobre as relações raciais no Brasil tomando por base as experiências e as memórias destas pessoas em nosso futebol.

Palavras-chave: negros, futebol brasileiro, história oral, questão racial, racismo.

ABSTRACT

This thesis proposes a study on the racial issues within the current Brazilian football scene from the oral life stories of some black men that played between 1970 and 2010. The text is composed of three parts: the first one presents the history of the project, highlighting theoretical and methodological discussions; the second one shows seven narratives corresponding to the webs of: football players, coaches, referees, directors of football clubs, fans, journalists and intellectuals; the third one develops interpretations taking into account the set of oral documents obtained. This last part reveals thematic axes that seek to articulate individual experiences with the collective ones and to delineate the specifics of each considered occupation. The aim is to contribute to the academic debate by absorbing these black men speeches and by reflecting on the racial relations in Brazil, having as a starting point the experiences and memories of such people in our football.

Keywords: black people, Brazilian football, oral history, racial issue, racism.

ÍNDICE

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	7
APRESENTAÇÃO	10
PARTE 1 – HISTÓRIA DO PROJETO.....	12
1.1. O início de um projeto de história oral.....	12
1.1.1. O tema em minha vida	12
1.1.2. O encontro com a história oral	13
1.1.3. Escolhas, definições e procedimentos	17
1.1.3.1. Do oral ao escrito	21
1.1.3.2. Memória(s), identidade(s), oralidade(s)	24
1.2. O desenvolvimento do projeto.....	27
1.2.1. Conceitos fundamentais	29
1.2.1.1. Negro.....	29
1.2.1.2. Raça.....	31
1.2.1.3. Etnia	34
1.2.1.4. Preconceito racial	35
1.2.1.5. Discriminação racial.....	37
1.2.1.6. Racismo.....	38
1.2.2. Entrando numa dividida	42
1.2.2.1. A questão racial no Brasil	42
1.2.2.2. A questão racial no futebol brasileiro.....	47
1.2.3. Andamento das entrevistas.....	62
PARTE 2 – NARRATIVAS.....	66
2.1. Rede dos jogadores.....	66
Bizi: “A vivência que tive e tudo que aprendi eu devo ao futebol!”	66
2.2. Rede dos treinadores.....	133
Lula Pereira: “A gente sabe o quanto custa ser negro.”	133
2.3. Rede dos árbitros	157
João Paulo Araújo: “Ser negro no Brasil é barra. Na arbitragem então, nem se fale!”	157
2.4. Rede dos dirigentes	198
Sérgio Grillo: “O Juventude tem uma filosofia de que deve ser formador de atletas e de cidadãos.”	198
2.5. Rede dos torcedores	211
Alex Minduin: “Nós temos que ser indivíduos da história!”	211
2.6. Rede dos jornalistas	242

Valmir Jorge: “Sou um rádio com aquela pilha solar que não desliga nunca!”	242
2.7. Rede dos intelectuais	278
Arlei Damo: “O futebol foi uma coisa importante no meu processo de socialização.”	278
PARTE 3 – INTERPRETAÇÕES POSSÍVEIS	321
3.1. Juventude.....	321
3.1.1. Infância.....	321
3.1.1.1. Origem social e familiar	321
3.1.1.2. Outras instituições: escola e igreja	328
3.1.1.3. Primeiras manifestações do futebol.....	334
3.1.1.4. Trecho de história de vida característica desta seção	337
3.1.2. Adolescência	338
3.1.2.1. Trabalho e estudo	338
3.1.2.2. O futebol como oportunidade.....	344
3.1.2.3. Trecho de história de vida característica desta seção	349
3.2. Profissionalização.....	351
3.2.1. Jogadores.....	351
3.2.1.1. Das primeiras tentativas ao primeiro contrato	351
3.2.1.2. Reflexos da carreira bem sucedida: dinheiro, ascensão e embranquecimento	362
3.2.1.3. Declínio e término da carreira	368
3.2.1.4. Trecho de história de vida característico desta seção	372
3.2. Outras profissões	373
3.2.1. Treinadores.....	373
3.2.2. Árbitros	383
3.2.3. Dirigentes	390
3.3. Racismo	396
3.3.1. Racismo no Brasil	396
3.3.1.1. Trecho de história de vida característica desta seção	404
3.3.2. Racismo no futebol	407
3.3.2.1. Trecho de história de vida característica desta seção	415
CONSIDERAÇÕES FINAIS	417
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	419

APRESENTAÇÃO

Início a apresentação desta dissertação pelo título escolhido: “Além dos gramados: história oral de vida dos negros do futebol brasileiro (1970-2010)”.

“Além dos gramados” porque esta expressão lança luz tanto sobre o grupo de profissionais que será entrevistado, quanto sobre o gênero de história oral adotado. “História oral de vida” por demarcar um conjunto de procedimentos e o comprometimento ético assumido com os colaboradores e com o uso dos seus relatos. Sendo assim, evidenciam-se o interesse pelas longas e profundas narrativas acerca das experiências de vida dos colaboradores, a atenção ao valor moral dos seus processos vivenciais, o respeito à sua exposição, e a opção por fazer uma história oral de vida subjetiva.

“Negros” por referenciar a comunidade de destino escolhida. Diferentemente de muitos compatriotas, partimos de três posicionamentos: primeiro, que não vivemos uma “democracia racial” no Brasil; segundo, que o racismo é latente, mas que em determinadas situações se mostra impetuoso; e, terceiro, que os negros são os mais discriminados dentre os vários grupos étnicos que compõem a nossa sociedade. “Do futebol brasileiro” porque, mais do que delimitar a colônia (negros do futebol brasileiro), vemos o futebol como um campo de disputas e um fenômeno revelador da sociedade brasileira, no qual o racismo aflora, recorrentemente, de maneira mais clara e veemente. Tal como em outros setores profissionais, os negros continuam sendo alijados de atuação no futebol, se não mais dentro de campo, ao menos em outros espaços ainda não conquistados, como no comando técnico ou diretivo de clubes e federações. Pretendeu-se entrevistar, portanto, não apenas negros que foram jogadores de futebol, mas, também, treinadores, árbitros, dirigentes, torcedores, jornalistas e intelectuais.

Espera-se, assim, que, ao trabalhar com essa gama de redes, as semelhanças e diferenças de pontos de vista e de comportamentos entre os colaboradores fiquem mais transparentes, possibilitando-nos análises ao mesmo tempo panorâmicas e profundas. A comparação de redes permite-nos, também, perceber a disputa entre as memórias construídas acerca dos negros no futebol, cada qual dentro da sua área de atuação (esportiva, política e intelectual). Outro fator que enriquece bastante esta pesquisa é a realização de entrevistas com pessoas que atuaram em diferentes décadas, o que nos possibilita notar se houve ou não mudanças nesse período de 1970 a 2010 quanto à abertura das várias profissões neste esporte

aos negros. Enfim, o estabelecimento de mais de uma rede de colaboradores só tende a ampliar a abordagem e enriquecer o debate acerca do negro em suas manifestações sociais no futebol, das representações sociais sobre este contingente populacional e do racismo neste esporte e, conseqüentemente, no Brasil.

Afinal, o que este contingente populacional tem a dizer sobre a situação atual deles no futebol brasileiro? Quais as experiências vividas e as memórias lembradas/construídas por eles? Como podemos caracterizar o racismo neste esporte? Estas são apenas algumas das perguntas norteadoras desta pesquisa, a qual pode contribuir de maneira significativa para o debate acadêmico através do registro e da análise de histórias, memórias e experiências de negros que atuam não só como jogadores profissionais. É desta maneira que pretendemos refletir sobre a história recente deles no nosso futebol, da década de 1970 aos dias de hoje.

É importante notar que, mais do que preencher lacunas existentes na literatura acadêmica – que não trata desta questão específica no tempo presente e não incorpora os diversos sujeitos partícipes do universo do futebol –, se pretende compreender a atuação dos negros neste esporte a partir principalmente do seu ponto de vista. Retira-se, assim, do apagamento o discurso dessas pessoas e traz à tona um conjunto de elementos subjetivos (experiências, sentimentos, pensamentos, visões de mundo, identidades etc.). Por fim, realiza-se, com esta pesquisa, uma reflexão sobre as relações raciais na sociedade brasileira. Esta pesquisa foi desenvolvida com o apoio da FAPESP, sem o qual seria inviável a realização das inúmeras entrevistas (vinte no total) com pessoas de distintas cidades e estados.

Na primeira parte, introduzo o projeto desenvolvido, discutindo temas caros à história oral e revisitando uma bibliografia consagrada acerca da questão racial no Brasil e no futebol. Na segunda parte, apresento sete histórias orais de vida, uma referente a cada rede de entrevistados. Na terceira parte, seleciono alguns temas recorrentes a partir do cruzamento das narrativas e elaboro a discussão da temática valendo-me de uma bibliografia específica. Como pode ser visto, é um trabalho denso e que merece ser analisado com o esmero que a questão racial no Brasil suscita.

PARTE 1 – HISTÓRIA DO PROJETO

1.1. O INÍCIO DE UM PROJETO DE HISTÓRIA ORAL

1.1.1. O tema em minha vida

Falar da história deste projeto é falar um pouco da minha vida e de algumas experiências. Como muitos meninos no Brasil, fui iniciado cedo, muito cedo no futebol. Isto porque mal nasci e meu pai já dependurou na porta do quarto da maternidade um pequeno par de chuteiras Kichute junto com uma camisa infantil do Corinthians. Sim, do Corinthians. Afinal, o pai do quarto vizinho fizera o mesmo, só que se tratava de uma camisa verde do Guarani. Mais do que demarcar território, a atitude do meu pai mostrava um desejo incontestável de colocar no mundo mais um corinthiano, tanto que a lembrancinha do meu nascimento foi um bonequinho do Corinthians. Outorgou-me, pois, tal identidade desde o primeiro dia de vida, sem que tivesse escolha ou mesmo consciência disto. Não que esteja reclamando, longe disso, deixo bem claro.

Desde então, fui bombardeado por uma série de signos e objetos (nome, escudo, cores, animal, mascote, bolas, camisas, jogos de botão, chaveiros etc.) que constantemente reforçavam a minha identidade clubística. Lembro-me, com muitos detalhes, de brincar ao pé do rádio ou em frente à televisão e, no momento do gol, meu pai carregar-me nos braços e ensinar-me o hino do Corinthians. Aos poucos, fui ouvindo histórias fantásticas de partidas testemunhadas por ele, que foi me ensinando a história do clube, os principais acontecimentos, as vitórias memoráveis, os títulos, os ídolos...

Como nenhum clube é feito só de glórias, em momentos de derrota aprendi a reconhecer os arquirrivals também e, junto com eles, os carrascos. Acima de todos, um: o “Negrão”, quase sempre acompanhado de um adjetivo depreciativo, para dizer o mínimo. Raramente, meu pai chamava-o pelo nome que o tornou famoso no mundo inteiro, Pelé. Ao mesmo tempo em que “Negrão” identificava o maior carrasco, associava aos negros o “dom” da prática futebolística. Não à toa, quando um deles “fugia à regra”, meu pai falava: “Ô, negro grosso!” ou “É negro, mas é ruim de bola.”. No entanto, a única posição que não gozava da boa fama era a do goleiro: “Enquanto o Botafogo tiver esse goleiro, está perdido.” ou “Negro não dá pro gol.”.

Antes que alguém trace uma relação causal direta e exclusiva desses estereótipos preconceituosos com o italianismo por parte das minhas origens familiares paternas, digo que,

para desgosto de Gilberto Freyre e seus seguidores, o iberismo familiar materno era mais sutil, porém não menos perverso. Embora tenha exposto situações pessoais que causam constrangimento, gostaria de deixar claro que, de uma maneira ambígua e muito característica do Brasil – tal como o próprio Freyre e tantos outros intelectuais já discorreram –, os meus familiares sensibilizaram-se por diversas vezes pela situação social vivida pelos negros, muito em virtude da nossa origem humilde e da formação cristã. Isto não justifica e não serve de desculpas evidentemente.

O fato é que, infelizmente, estes e outros estereótipos com relação aos negros não eram só reproduzidos dentro da minha própria família, mas, também, nas comunidades onde morei e na sociedade como um todo, o que evidencia o quanto a questão racial é complexa e mal resolvida no Brasil. Ao longo da minha infância e adolescência, cansei de ouvir manifestações discriminatórias nos ambientes públicos e privados que frequentava: escolas, ruas, igrejas, casas alheias, parques, estádios, bares... Do ponto de vista do senso comum, tratam-se “apenas” de situações “normais” ou de “brincadeiras”, como as piadas e os apelidos.

Ao mesmo tempo em que refletia sobre as causas deste tipo de preconceito e estudava as particularidades históricas brasileiras acerca da questão racial, perguntava-me: o que os próprios negros que fazem parte do universo futebolístico têm a nos contar sobre isto? Qual a situação atual deles neste esporte? Quais as experiências vividas por eles? Como podemos caracterizar o racismo em nosso futebol? Quais os parâmetros simbólicos por trás disso? Enfim, como, no país do “paraíso racial” ou no “país do futebol”, se construíram essas memórias ambíguas e, concomitantemente, preconceituosas em relação aos negros no futebol (e por que não nos esportes em geral)? Estas foram apenas algumas das perguntas iniciais que me motivaram a começar este projeto.

1.1.2. O encontro com a história oral

Antes de falar como comecei o projeto, gostaria de contar um pouco da minha trajetória até me encontrar com a história oral. Diferentemente do que alguns amigos que fiz na Universidade de São Paulo pensam, não me graduei em História. Em virtude da minha formação religiosa e por uma crença utópica de transformação direta da sociedade, optei por Ciências Sociais e passei no vestibular da UNESP – Campus de Araraquara no final de 2001.

Na época, imaginava ingenuamente que, através das leituras que faria, poderia aplicar alguma coisa em um futuro projeto em prol da justiça e igualdade sociais.

Embora tivesse tentado uma orientação com vistas a uma iniciação científica acerca dos direitos humanos em tempos da ditadura militar brasileira, não consegui mesmo após um ano e meio e fui percebendo o enorme fosso existente entre teoria e prática. Ao mesmo tempo em que me desencantei com isso – mas, sobretudo, com relação a algumas crenças e ideais pessoais –, ganhei do meu amigo de longa data, Davi, o meu primeiro livro acadêmico sobre futebol: *Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil* (SANTOS NETO, 2002). O curioso era que ele havia sido escrito pelo nosso professor de história do ensino médio, o pontepretano Neto (PUC – Campinas) ou Netão, como o chamávamos. Li o livro em umas três idas e vindas de Araraquara a Campinas. Até então, nunca havia imaginado que este fenômeno cultural era possível de ser estudado na academia. Realmente, o livro me abriu novas visões e caminhos.

Ao longo dos dois próximos anos, 2004 e 2005, fiz uma série de leituras sobre o assunto, mas sem um fio condutor e uma orientação cuidadosa, ainda que a professora Renata Paoliello (UNESP – Campus de Araraquara) tivesse conversado comigo em tantos momentos. Influenciado pelo ótimo trabalho de Luiz Henrique de Toledo (2002), procurei em vão desenvolver um projeto sob a perspectiva da Antropologia e, por mais de seis meses, fiz pesquisa de campo no futebol amador araraquarense. Ainda que tivesse contatado vários professores, foi apenas no último ano, em 2006, quando meu interesse se voltou novamente aos primórdios da história do futebol no Brasil – mais especificamente sobre a difusão deste esporte no interior de São Paulo –, que consegui a orientação de uma professora de história, a Maria Lúcia Lamounier (USP – Ribeirão Preto). Apesar de ela pouco entender sobre futebol, aceitou me ajudar na realização de uma pesquisa para obtenção do grau de bacharel. Por ser especialista em história imperial e da primeira República, indicou-me que voltasse a atenção para a influência das companhias ferroviárias. Em virtude da boa quantidade de fontes, escolhemos a Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro, na passagem do século XIX para o XX.

Mal havia concluído a graduação e estava com um projeto de mestrado em mãos que tentava dar continuidade à pesquisa que resultou na monografia. Inscrevi-me no processo seletivo de História Social da FFLCH-USP e almejava ser orientado pelo professor José

Carlos Sebe Bom Meihy, justamente por ele ter trabalhado com o tema na década de 1980.¹ Ingenuamente, estava esperançoso em passar naquele momento, embora mal tivesse me atentado para a importância de conhecer o seu currículo e a sua linha de pesquisa atual. Na entrevista do processo seletivo, o professor Sebe foi sincero e advertiu a importância de conhecer a história oral, uma vez que esta área possibilitaria novas abordagens na minha pesquisa. Convidou-me, pois, a cursar sua disciplina na pós-graduação, “História oral, memória e relações disciplinares”, que seria dada no semestre seguinte.

Assim, ao longo do primeiro semestre de 2007, entrei em contato com a história oral, os seus conceitos, a sua relação com a memória e a identidade, os seus usos e as suas possibilidades. Terminado o semestre, passei a integrar o Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO), coordenado pelo próprio professor Sebe. Os dois motivos que mais me fizeram encantar com esta nova área eram o tratamento ético e respeitoso assumido pelo entrevistador com o seu entrevistado durante toda a pesquisa, e a preocupação da história oral em tornar públicas histórias particulares de pessoas comuns e, a partir delas, pensar em políticas públicas que atendam aos anseios e necessidades da comunidade de destino. O historiador Philippe Joutard (1999, p. 151) advoga a favor do comprometimento da história oral com a transformação da sociedade. Ética, sensibilidade e responsabilidade sociais são características fundamentais da história oral.² Essa possibilidade de transformação social através da pesquisa fez com que relembresse as razões mais utópicas pelas quais havia escolhido, da mesma maneira que tantas pessoas, as humanas como área a ser seguida na minha carreira profissional.

Deste modo, buscava elaborar um novo projeto de mestrado que me permitisse ao mesmo tempo fazer história oral, trabalhar com o tema futebol e discutir um problema importante da sociedade brasileira. Foi quando me lembrei das minhas experiências pessoais sobre estereótipos preconceituosos e insultos raciais motivados pela disputa futebolística. A partir de então, comecei a relacionar uma série de acontecimentos acerca dos negros no futebol e que trazia à tona o racismo neste esporte, rediscutindo a questão racial no Brasil.

¹ Ver Meihy e Witter (1982).

² Sobre ética e história oral, consultar entre outros: Amado (1997), Meihy (2006), Denis (2008) e Clark (2009).

Certamente, o caso envolvendo os jogadores Grafite (São Paulo) e Desábato (Quilmes), ocorrido em 13 de abril de 2005, influenciou-me bastante a refletir sobre o assunto.³

Num primeiro momento, pensava em trabalhar com as histórias de vida dos jogadores brasileiros remanescentes da Copa do Mundo de 1950. Para tentar compreender a “nossa Hiroshima”, como escreveu Nelson Rodrigues (1992, p. 67), ou o “Waterloo dos trópicos”, como comparou Paulo Perdigão (2000, p. 23), ou a “maior tragédia da história contemporânea do Brasil”, segundo a hipótese de Roberto DaMatta (1982, p. 31), buscava entrevistar os principais envolvidos no intuito de registrar e analisar as suas experiências e visões sobre aquele acontecimento tão dramático e de consequências nefastas para todos, sobretudo para o goleiro negro Barbosa. Contudo, quando fiz o levantamento dos jogadores vivos, restavam apenas cinco.⁴ Desta maneira, tive que repensar como trabalharia com a questão racial no futebol.

Parti, então, para a leitura da bibliografia especializada sobre a questão racial no futebol brasileiro. Os primeiros olhares levaram-me a perceber que a maioria dos textos circunscreve a atenção para o período que abrange da introdução deste esporte no Brasil até a Copa do Mundo de 1970. Neste longo curso, os diversos autores, de modo geral, interpretam que há uma diminuição do racismo no interior do futebol, tendo o tricampeonato mundial uma importância simbólica, sobretudo por alçar Pelé como o maior ídolo futebolístico de todos os tempos. Além disso, notei que os textos não trazem novos documentos orais, alguns deles apenas reproduzem os relatos contidos no livro clássico de Mario Filho (2003): *O negro no futebol brasileiro*. Ainda assim, os mesmos não são tomados como eixo para uma análise da questão racial, somente são vistos como fontes complementares. Por fim, algo nitidamente perceptível é a reflexão do assunto levando em consideração unicamente o negro enquanto jogador profissional.

Desta maneira, pude, inicialmente, delimitar um período para o projeto (de 1970 a 2010) e adotar um conjunto de procedimentos que me permitissem trabalhar com o *corpus* documental central deste projeto, qual seja as histórias de vida de alguns negros do futebol brasileiro. Esclareço, contudo, que não pretendo cobrir o futebol praticado em todos os estados que compõem o Brasil, nem mesmo em todas as suas regiões. Uso a expressão

³ Este caso de racismo foi pesquisado por: C. A. F. Silva e Votre (2006), Abrahão e Soares (2007) e Cavalcanti e Capraro (2009).

⁴ Até julho de 2007, estavam vivos: Alfredo II, Friaça (falecido em 12 de janeiro de 2009), Juvenal (falecido em 30 de outubro de 2009), Nena e Nilton Santos.

“futebol brasileiro” no sentido de identificar esta modalidade esportiva em sua prática profissional e que envolve grandes competições, clubes e personagens, o que poderia ser resumido por “futebol espetacularizado”, nos termos de Damo (2007, p. 42). De antemão, outra ressalva que se faz necessária é dizer que não se trata também de entrevistar todos os negros deste tipo de futebol, mas apenas alguns deles, os quais me foram indicados por pessoas que conhecem a história da nossa comunidade de destino.

1.1.3. Escolhas, definições e procedimentos

A existência de um projeto é parte fundamental dentro de um trabalho de história oral. É nele que se justifica quem será entrevistado, quais os procedimentos que serão utilizados e quais as necessidades para a produção de documentos orais que serão analisados dentro de critérios preestabelecidos. Só assim a realização de entrevistas ganha sentido, e não simplesmente pela carência ou ausência de fontes documentais convencionais. Um primeiro passo neste caminho é o esclarecimento de algumas escolhas.

Afinal, à qual história oral eu me filio? Almeja-se que aqui história oral é muito mais do que um recurso ou uma ferramenta que simplesmente registra indiscriminadamente narrativas; é muito mais do que uma técnica que utiliza o texto resultante da entrevista como um documento complementar para análise; é mais do que um método, pois neste caso, embora já haja um projeto prévio, os pesquisadores ainda se voltam para as áreas de sua formação; portanto, é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que se vale do aporte teórico de uma gama de disciplinas (História, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Teoria Literária, entre outras) com o intuito de possibilitar uma análise das narrativas de maneira esmerada.⁵ Desta maneira, segui a definição proposta por Meihy e Holanda e adotada pelo NEHO:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 15).

⁵ Sobre o estatuto da história oral, consultar: Meihy (2005, p. 46) e Meihy e Holanda (2007, p. 63).

Assim, o conjunto de procedimentos adotado inclui: pré-entrevista (primeiros contatos, esclarecimento de como se chegou aos colaboradores, de quais os objetivos do projeto e de alguns procedimentos, conhecimento prévio da história pessoal, preparação do material e da pauta, e definição de datas, locais e horários em que as entrevistas serão gravadas), entrevista (gravação, agradecimentos e meios de contato), caderno de campo, transcrição, textualização, transcrição, pós-entrevista (conferência, autorização para uso da entrevista e carta de cessão), devolução do texto resultante da(s) entrevista(s) aos colaboradores, elaboração de resumo para arquivamento, arquivamento e publicação.

Se a minha principal intenção era registrar e, posteriormente, analisar as experiências de alguns negros do futebol brasileiro, a adoção pelo gênero de história oral de vida – tal como proposto por Meihy (2005, p. 147) – seria o passo seguinte, já que o seu valor e a sua força expressiva residem justamente no fato de ela revelar muito sobre a subjetividade do narrador. Até porque, interessam mais ao oralista os aspectos subjetivos (imprecisões, omissões, mentiras, intenções, distorções, ironias, sonhos, silêncios, pensamentos, sentimentos, visões de mundo etc.) do que os dados objetivos (fatos, datas, nomes, informações, partidas etc.) aflorados nas narrativas, uma vez que estes podem ser levantados por meio de outras fontes, e aqueles evidenciam a idiossincrasia e o modo de viver únicos. Como escreve Lang:

A história oral de vida é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo. Os acontecimentos vivenciados são relatados, experiências e valores transmitidos, a par dos fatos da vida pessoal. Através da narrativa de uma história de vida, se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, da sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (LANG, 1996, p. 34, grifos da autora).

Observo, contudo, que não se trata de uma reconstrução cronológica e factual da biografia dos entrevistados através da sua memória. Afinal, ao apresentar o projeto a eles, sempre deixei claro o tema central em questão: ser negro no universo do futebol brasileiro. Evidentemente, isto, por si só (e ainda mais quando recortado pelas redes de entrevistados, por exemplo: ser árbitro negro no futebol brasileiro), já submetia a narração a um tipo de corte, pois cada colaborador, a partir de então, ordenava e selecionava de alguma maneira o

que faria e o que não faria parte da sua história oral de vida.⁶ Certamente, se lhes fossem apresentado um outro tema motivador, a narração seria completamente diferente. Aliás, o próprio tempo a partir do qual se narra já tem um efeito muito grande na narrativa ainda que o mote em questão seja o mesmo.

Na condução deste tipo de entrevista, o oralista deve ter uma postura ao longo do(s) encontro(s) com o seu colaborador: ao invés do uso de um questionário, com perguntas sequenciais, objetivas e diretas – aos moldes do jornalismo –, deve apenas fazer estímulos, ou seja, pequenas interferências que incitem o entrevistado a falar de suas vivências (por exemplo: origens, infância, vida profissional etc.) ou de assuntos-chave dentro do projeto (por exemplo: racismo, formas de discriminação, ofensas sofridas etc.).⁷ Fazendo estímulos, o colaborador se sente à vontade para narrar com ampla liberdade sobre sua vida ou sobre algum tópico de interesse do pesquisador, organizando à sua lógica a própria narrativa que se tornará pública. Ademais, uma entrevista desta deve contemplar alguns aspectos gerais do comportamento social dos colaboradores, tais como: sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos.

No entanto, o oralista não deve se preocupar demasiadamente em abranger tais aspectos se, antes de iniciar a entrevista, a maneira como a mesma será encaminhada estiver clara para o entrevistado. Tendo ciência do formato da entrevista, estes pontos serão abordados naturalmente no decorrer da sua narração. Além disso, no contato com o colaborador, é evidente que ele deve ter, minimamente, um conhecimento prévio de que se trata de uma pesquisa acadêmica em cuja investigação o seu relato resultará em um texto escrito que se somará aos de outras pessoas entrevistadas. Exatamente por estes motivos, Alberto Lins Caldas escreve:

⁶ O uso do termo colaborador pressupõe uma relação de colaboração e de cumplicidade entre entrevistador e entrevistado, ou seja, uma ação de trabalhar junto e uma interação respeitosa e ética desde o primeiro contato até a devolução dos resultados finais da pesquisa. Isto explica a diferença de usá-lo frente a outros termos, tais como: objeto de pesquisa, ator ou agente social, informante e depoente. É impensável, por exemplo, que uma pessoa vista como objeto de pesquisa tenha autonomia para autorizar ou não o texto resultante da entrevista. Até porque, o pesquisador, neste caso, não cogita a hipótese da conferência do texto, da negociação para o seu uso, muito menos da sua validação junto com o entrevistado.

⁷ O uso do termo oralista tenta congrega todos aqueles que são adeptos da história oral, sejam eles acadêmicos ou não. Oralista vem a substituir o impróprio termo historiador oral, já que a história oral não é uma prática exclusiva dos historiadores, nem da universidade. Particularmente, do mesmo modo, vejo que história oral deveria receber outra denominação (talvez ciências da oralidade), pois o substantivo “história” antes do adjetivo “oral”, ao mesmo tempo em que incomoda intelectuais das outras áreas do conhecimento que fazem história oral, alude ao exclusivismo deste fazer aos historiadores (como se fosse patrimônio destes) e à dependência disciplinar à História. Cf. Meihy e Holanda (2007, p. 63), Meihy (2007, p. 14), Meihy (2009, p. 139).

Depois de explicado o projeto, as questões da entrevista, sobre a História Oral e o destino das entrevistas, a posição do entrevistado no conjunto do trabalho, temos dito ao nosso interlocutor como primeira pergunta: Agora que sabe o que queremos, por onde quer começar? (CALDAS, A. L., 1999, p. 101).

Isto contribui, inclusive, para a fluidez da narração ou para uma “boa” história oral de vida – já que o oralista mais ouve do que fala – e para um relacionamento cordial entre ele e o seu colaborador, relação esta baseada na confiança mútua. Ainda que adotasse esta atitude e fizesse o primeiro estímulo tal como propôs A. L. Caldas, a maioria dos entrevistados optou por um eixo narrativo cronológico, das origens familiares até hoje. Além do ordenamento lógico e linear que isto implica, suponho que a palavra “história” – uma vez que eles sabiam que se tratava de um “historiador” investigando e registrando histórias de vida – os influenciou em suas escolhas.

Na tentativa de outros eixos narrativos, busquei trazer para as entrevistas estímulos externos. Neste momento, a preparação para os encontros mostrou o seu valor, sobretudo com a coleta de informações sobre a história pessoal dos futuros colaboradores. Oralistas das mais distintas linhas de história oral fazem exatamente esta advertência, tal como Alberti (2005, p. 89): “Em geral, quando se preparam entrevistas de histórias de vida, nas quais o interesse repousa sobre a trajetória de vida do sujeito, desde a infância até os momentos atuais, o conhecimento de sua biografia é fundamental para a elaboração do roteiro.”. Atentei, também, para a importância de utilizar objetos biográficos (adereços, camisas, jornais, fotografias etc.) e os próprios locais (cidades, residências, clubes, ambientes de trabalho etc.) onde as entrevistas foram concedidas para instigar as performances narrativas dos colaboradores – assim como sugerem Hoskins (1998) e Almeida, Amorim e Barbosa (2007) –, evitando a tensão de uma pergunta inicial.

Em virtude de o futebol ser o esporte mais popular e midiático do Brasil e do mundo, os seus principais sujeitos (jogadores, treinadores, dirigentes, árbitros e, obviamente, jornalistas) são pessoas públicas. Isto requer alguns cuidados aos oralistas, já que se trata de pessoas acostumadas a dar entrevistas. É comum eles repetirem respostas e mesmo histórias, sobretudo os atletas e ex-atletas, cujas vidas são mais expostas e, conseqüentemente, mais conhecidas do grande público. De acordo com Meihy:

Nestes casos, a narrativa é marcada por factuaisismos, objetividade profissional e pouca introspecção. O comprometimento com a aparência faz com que a narrativa

dessas pessoas seja sempre próxima de uma imagem triunfal. Para eles, quase invariavelmente, o que interessa é a imagem pública e não as situações da vivência privada. Ao se fazer história oral de vida de pessoas públicas, deve-se ter em vista a necessidade de negociação dos discursos. (MEIHY, 2005, p. 140).

Dessa maneira, busquei novos elementos ao explorar ainda mais as experiências particulares e familiares dos entrevistados. Até por esta razão, muitos deles me confessaram terem sido poucos os entrevistadores que abordaram aspectos da vida pessoal, uma vez que “as perguntas costumam ser sempre as mesmas”, baseadas em determinadas partidas de futebol ou em características específicas da vida pessoal.

Se com a adoção do gênero de história oral de vida valoriza-se o protagonismo e a memória do indivíduo, é no coletivo deles que se pode dar unidade a um grupo e reconhecer identidades comuns. Daí a importância da escolha de uma comunidade de destino. Por isto, entende-se o resultado de uma experiência de bases materiais, psicológicas, de gênero ou de orientação (política, cultural ou sexual), que qualifica um grupo de pessoas, cuja memória marca os seus elementos identitários coletivos (MEIHY, 2005, p. 72; MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 51; e BOSI, 2007, p. 30 e 38). A minha comunidade de destino é composta por negros que atuaram ou atuam no universo do futebol brasileiro.

Por fim, a colônia é uma primeira divisão desta comunidade, uma fração representativa dela que se apresenta como solução operacional, tornando viável a pesquisa. Deve tomar como base, pelo menos, um dos seguintes critérios: geração, localização geográfica, classe social, etnia, gênero, profissão, entre outros (MEIHY, 2005, p. 177; MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 52). A minha colônia é marcada por negros que atuaram ou atuam no universo do futebol brasileiro entre 1970 e 2010 e que, preferencialmente, residem na região sudeste.

1.1.3.1. Do oral ao escrito

A constituição do documento na história oral é um dos pontos de maior discussão entre os pesquisadores das distintas áreas do conhecimento que se valem dela. Isto porque traz implícito um questionamento: como proceder a transcrição da entrevista? Ao contrário do que se imagina, o processo de passagem do oral para o escrito é extremamente complexo e não se reduz à transcrição de palavra por palavra dita pelo entrevistado – ao menos nessa linha de história oral à qual me filio. Até porque, este procedimento não corresponde à realidade da

narrativa, como muitos pesquisadores pensam, e não consegue, evidentemente, registrar todos os elementos e acontecimentos de uma entrevista tal como eles realmente ocorreram, para fazermos referência a Ranke.

Torna-se necessário, portanto, adotar determinados procedimentos que não só visam perder o menos possível (emoções, gestos, silêncios entonações, ironias, palavras de duplo sentido etc.), mas também se comprometem e se voltam àqueles que nos confiaram o relato. Entendendo que o importante em uma entrevista é as mensagens do narrador e não apenas a forma como as palavras foram pronunciadas por ele, Meihy (2005, p. 195) toma emprestado dos irmãos Campos (Augusto e Haroldo) o conceito de transcrição, responsável pela tradução de um estado linguístico para outro. Explícito, pois, as três etapas do processo transcriativo:⁸

1. **Transcrição:** destinando-se à primeira mudança do código oral para o escrito, a transcrição é a etapa na qual o oralista faz a passagem completa dos diálogos e sons como eles foram captados, momento este definido como transcrição “absoluta”. Assim, todos os ruídos (como telefones, risos, barulhos de animais etc.) e erros de linguagem são passados do oral para o escrito. Enfim, nesta fase, são colocadas as palavras ditas em estado bruto. Afirma-se, contudo, que a transcrição literal nunca traduzirá a performance do colaborador e tudo o que se passou no momento do encontro.
2. **Textualização:** nesta etapa, são eliminadas as perguntas, as repetições, os sons, os ruídos, os erros gramaticais, e reparadas as palavras desde que não contenham peso semântico. O que se busca é um texto mais limpo e liso, que passa a ser predominantemente do narrador, o qual assume de maneira exclusiva a primeira pessoa. Privilegiando as ideias do colaborador em detrimento da transcrição de um discurso, a textualização dá uma lógica ao texto. É nesta fase, também, que se escolhe o tom vital, isto é, uma frase que, por representar uma síntese moral da narrativa, serve de epígrafe e guia para a leitura da entrevista.
3. **Transcriação:** o objetivo da transcriação é a manutenção do sentido intencional dado pelo narrador, o qual articula o seu raciocínio com as palavras emitidas. Este ritmo da narração só é absorvido pelo oralista quando ouve repetidas vezes a

⁸ Sobre a constituição do documento na história oral, consultar: Meihy (2005, p. 195), Meihy e Holanda (2007, p. 133) e A. L. Caldas (1999a).

mesma entrevista e utiliza o caderno de campo para descrever todo o contexto do encontro. Por meio da teatralização da linguagem, como defende Barthes, a transcrição caracteriza-se pela “correção”, intervenção ou “criação” do oralista na passagem da língua falada para a escrita. Assume-se tal interferência, que, para mais ou para menos, sempre foi utilizada pelos entrevistadores, porém sem a definição de critérios. Em outras palavras, é um texto recriado, a partir da relação de colaboração entre oralista e colaborador, no qual se incorpora não só o dito, mas também o não-dito, buscando, enfim, o significado no conjunto das mensagens do narrador. A intenção é a elaboração de um texto claro, expressivo e de leitura agradável e fluente.

Ao falar deste processo transcriativo, A. L. Caldas chama a atenção exatamente para essa relação entre pesquisador e entrevistado:

A pontuação enquanto “textualização suave” (pontual) além de fundir ou excluir possíveis perguntas atua no sentido do texto se curvar à narração e dela se realizar no texto. Nunca ordenamento ou reordenamento estrutural, mas realmente uma pontuação: em “pontos” específicos atuar para que o oral se realize em texto e o texto plenifique-se em “oralidade escrita”: essa relação, essa dimensão ético-moral que se apresenta como cuidado epistemológico não tem regras, não pode ser ensinado: cada oralista na relação vital com o colaborador fundará o texto num processo compartilhado tendo como horizonte o respeito à experiência viva do colaborador. (CALDAS, A. L., 2008, p. 166).

Se o oralista interfere no texto resultante da entrevista, não é, pois, sem o consentimento do colaborador. Ao contrário, no momento de conferência do mesmo, por uma postura ética, convida-o tanto para ler como para participar de uma possível refacção, com a inclusão de informações, a exclusão de trechos narrados e a retirada de eventuais ambiguidades. Evita-se, assim, o risco de interpretações indesejadas contidas em sua fala. Caso o entrevistado suprima alguma parte de suma importância para a pesquisa, cabe ao pesquisador tentar negociar a forma como a mesma pode vir a público, seja descaracterizando personagens, locais e circunstâncias, seja tornando o narrador anônimo se for necessário. De todo modo, a vontade dele deve sempre prevalecer. A esta fase de legitimação da versão final do texto dá-se o nome de validação.

Pelo fato de o colaborador participar do processo de elaboração do documento na história oral, o oralista compartilha com ele a autoria do mesmo, mas não deixa de ser o

responsável por qualquer problema decorrente da publicação das narrativas.⁹ Dado o processo de validação, em que o entrevistado se reconhece como o narrador do texto final, solicita-se a ele uma autorização para o uso da sua história oral de vida, o que dificilmente não acontece.

1.1.3.2. Memória(s), identidade(s), oralidade(s)

Se o ofício do historiador é compreender o passado pelo presente e vice-versa (BLOCH, 2001, p. 65), o do oralista é fazer o mesmo só que através da análise das experiências lembradas pelos colaboradores no momento das entrevistas. A memória torna-se, portanto, uma das matérias essenciais da história oral. Ela é uma construção sobre o passado – próximo ou distante – elaborada no tempo presente. Se esta característica da memória foi responsável pela aproximação na sua relação com a história, a sua falibilidade, intencionalidade e subjetividade acarretaram em inúmeras reflexões e críticas ao longo da historiografia e, conseqüentemente, em um distanciamento frente à disciplina. Na medida em que se desmistificou a “verdade histórica” e se incorporou novas fontes no fazer desta disciplina – a partir da Escola dos *Annales* –, a relação entre memória e história estreitou-se novamente.¹⁰

Isto se deve pela busca de novas abordagens, problemas e objetos. Sobretudo nos anos 1960 e 1970, houve um impulso por fazer o que se chama por “nova história”, “história vista de baixo” e história dos excluídos (mulheres, negros, refugiados, imigrantes etc.). Dentro desse processo, a história de vida apareceu como um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança e de transformação (POLLAK, 1992, p. 12).¹¹ O que antes era visto como seu defeito passou a ser o seu diferencial. A memória não é precisa (não se lembra de tudo), confiável (fiel aos fatos), espontânea, cronológica, linear, fixa, imutável. Ao contrário, é falível, mentirosa, tendenciosa, intencional, seletiva, provisória, ambígua, emocional, construída, fluida, dinâmica. Daí a impossibilidade de ser resgatada, preservada.

O presente, tempo a partir do qual se narra o passado, nunca é o mesmo. É de acordo com as experiências e instâncias vividas no presente que se narra o passado. Hoje, um

⁹ Alguns oralistas trabalham com o conceito de empoderamento, que seria um processo de emancipação individual do narrador, momento em que ele adquire uma consciência coletiva da dependência social e da dominação política. Cf. Perks e Thomson (2006, parte V).

¹⁰ Sobre a relação entre memória e história, consultar: Le Goff (2003), Nora (1993) e Thomson, Frisch e Hamilton (2006).

¹¹ O artigo referido e publicado em *Estudos Históricos* ocupa as páginas 200 a 212, mas a paginação do texto disponível no site do CPDOC (www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/104.pdf) não corresponde com a do periódico.

narrador pode ressaltar nostálgicas brincadeiras na rua onde morava; amanhã, lembrará com pesar da infância difícil, quando tinha que trabalhar para ajudar os pais. Além disso, a “narrativa se constrói através de uma específica relação social entre testemunha e pesquisador.” (VANGELISTA, 2006, p. 188). Afinal, como disse Paul Ricouer (2007, p. 130), “para se lembrar, é preciso dos outros” ou, citando Maurice Halbwachs (2006, p. 30), “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas pelos outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.”. Sendo assim, uma entrevista nunca é igual a outra, pois, a cada nova lembrança, a memória é reconstruída, ressignificada.

A oralidade concatena os pensamentos e sentimentos de uma maneira muito rápida e particular, organizando à sua maneira a memória. Segundo Meihy:

É a dinâmica da oralidade que separa a história da memória. É aí que se dá o papel da história oral como mediadora entre uma solução que se baseia em documentos escritos (história) e outra (memória) que se estrutura, quase que exclusivamente, apoiada na fluidez das transmissões orais. (MEIHY, 2005, p. 62).

Ao contrário da escrita, a oralidade não permite uma organização estruturada, ordenada, complexa, controlada, refletida e revisada da narrativa.¹² É comum o oralista perceber as contradições da fala do narrador ainda no momento da entrevista. Dito isto, é possível dizer que a memória se mostra em muitos casos ambígua.

A subjetividade – que está no cerne da memória – do entrevistado permite várias interpretações: quais experiências e fatos são eleitos para serem contados (já que ele sabe que sua história se tornará pública); por onde ele começa a narrar (vida dos pais, infância, trabalho, viagem etc.); em que local marca a entrevista (lugares da memória: casa, trabalho, rua, clube, sítio, etc.); como narra (falante, lacônico, alegre, triste, com ou sem gestos etc.); como encadeia as suas ideias; o que é omitido, silenciado e esquecido propositalmente (traumas); o que e por que mente; como se veste, usa adereços; quais opções religiosas, políticas, sexuais, musicais etc.; como constrói o tempo passado; como projeta o futuro; qual o sentido ou mensagem que quer passar sobre sua história de vida etc.. Tendo como referência todas estas possibilidades, Thompson escreveu: “[...] a fonte oral permite-nos desafiar essa

¹² Sobre as diferenças entre oralidade e escrita, ver: Ong (1998). Esta característica serve como uma boa justificativa para a realização do momento de conferência e validação da narrativa junto com o colaborador.

subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.” (THOMPSON, 2002, p. 197).

A memória individual ganha sentido em história oral quando se insere no conjunto das demais memórias. Como diz Clark:

O fato de nenhuma história isolada jamais poder ser dissolvida dentro de uma experiência coletiva e o fato de histórias individuais não poderem ser lidas sem que se faça referência a uma narrativa coletiva maior, evitam o esvaziamento das histórias. (CLARK, 2009, p. 154).

Estes dois tipos de memória dependem e se explicam uma pela outra. Cabe ressaltar que a memória coletiva é mais do que a soma das memórias individuais, é o encontro de experiências comuns, é onde se repetem afinidades temáticas e onde se cruzam identidades. Ela marca uma vivência comunitária de alguns dramas, que se tornam recorrentes e que são ressignificados no momento do lembrar-narrar. A memória coletiva, assim, define uma comunidade de destino.¹³

Pertencer a uma mesma comunidade pressupõe compartilhar uma mesma identidade, no singular ou no plural, pois os indivíduos carregam uma multiplicidade de identidades.¹⁴ De acordo com as circunstâncias e interesses, pode se preferir uma em detrimento da outra. Marcar a brasilidade traz diferentes significados conforme o contexto ou o local: no período da Ditadura Militar, na época das Diretas Já, em Copas do Mundo; no Paraguai, nos Estados Unidos, no Japão etc..

A memória é o elemento essencial, o substrato da identidade, a qual é permanentemente buscada pelos homens. Ainda que haja critérios tradicionais (tais como: etnia, classe social, gênero e trabalho) para identificá-la e aprisioná-la, a identidade está em constante processo de construção, de negociação e até de disputa na relação com o outro. Tal como a memória, ela é dinâmica, fluida.

Estas características da memória e da identidade, que estão presentes nas narrativas, perdem seu efeito quando se tornam documentos grafados. A palavra escrita não tem a força de mudança que aquela que é dita. Ao registrar por meio da gravação e, em seguida, por meio do texto transcrito, a história oral dá uma dimensão física a essa liquidez da memória e da identidade, que são materializadas no momento do registro. Independentemente disso, os

¹³ Sobre a memória coletiva como um instrumento e um objeto de poder, ver: Le Goff (2003, p. 422 e 470).

¹⁴ A respeito da identidade, consultar: Bauman (2005), Giddens (2002), Hall (2000), entre outros.

caminhos percorridos pela narração estão intimamente ligados à(s) memória(s) e à(s) identidade(s), as quais se constituem as matérias essenciais da história oral.

1.2. O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

À medida que o tema, os procedimentos e os objetivos iniciais de pesquisa se tornavam claros, era necessário desenvolver o esboço do projeto que se delineava. Decidi, então, seguir os conselhos do meu professor orientador, José Carlos Sebe Bom Meihy, e partir para o que chamamos de entrevista ponto zero. Trata-se, pois, de uma entrevista com uma pessoa que detém a reserva de memória da nossa comunidade de destino e que, desta maneira, pode sugerir não só a colônia como estabelecer uma rede de pessoas a ser entrevistada. Por ser conhecedora da história do grupo e uma espécie de guia capaz de orientar o andamento das futuras entrevistas (MEIHY, 2005, p. 178), essa pessoa é geralmente a primeira a ser entrevistada e, por isso, recebe tal denominação.

O próprio professor Sebe indicou e intermediou o encontro com o ponto zero deste projeto: Juca Kfoury, seu amigo de longa data. Um motivo razoável para tamanha confiança era a atuação dele há décadas no jornalismo esportivo e, conseqüentemente, a sua inserção no universo do futebol brasileiro. É evidente que, por se tratar de um branco, não fiz propriamente uma entrevista de história oral de vida, mas, sim, uma entrevista mais tematizada, voltada para a questão racial no futebol. No entanto, para além de estimulá-lo a falar sobre a história e a memória dos negros neste esporte, não deixei de incitá-lo, obviamente, sobre suas experiências, pensamentos e sentimentos. Afinal, é nisto que consiste a riqueza da história oral.

O primeiro colaborador abordou uma série de temas – impensados até então – e forneceu elementos que foram incorporados à problemática inicial para serem perseguidos ao longo da investigação. Mais do que isso, pela sua narrativa, pude perceber a importância de ampliar o escopo dos colaboradores. Se num primeiro momento era claro que jogadores negros deveriam ser entrevistados, novas redes deveriam ser formadas após a entrevista ponto zero. Técnicos porque era de se esperar que tivessem muito mais negros nessa posição, sobretudo nos maiores clubes brasileiros que, com raríssimas exceções, dão oportunidades a eles. Árbitros, tanto em virtude da baixíssima quantidade como por serem a autoridade dentro dos gramados. Dirigentes, por conta da inexistência de negros nesses cargos e por serem a

autoridade fora dos gramados. Jornalistas, não só pela baixa quantidade, mas também pelo interesse em saber como eles, que são representados e por vezes autorreferidos como “especialistas” (TOLEDO, 2002, p. 17), enxergam a questão, já que trabalham e vivenciam cotidianamente nos diversos meios do futebol. Por indicação do próprio Juca Kfourri, resolvi entrevistar um ou outro torcedor para abarcar, supostamente, experiências e visões mais apaixonadas e parciais. Finalmente, por recomendação do professor Sebe, incluí os intelectuais para saber de que maneira eles refletem e analisam a temática.

Entendendo o futebol como um campo de disputas revelador dos aspectos e dilemas da sociedade brasileira (tal como racismo), torna-se interessante incorporar novos discursos que estão em outros espaços de atuação (esportivo, político e intelectual) neste campo profissional. Espero, assim, que, ao trabalhar com essa gama de redes, as semelhanças e diferenças de pontos de vista e de comportamentos entre os colaboradores fiquem mais transparentes, possibilitando-nos análises ao mesmo tempo panorâmicas e profundas. Além disso, a comparação de redes permite-nos perceber a disputa entre as memórias construídas acerca dos negros no futebol, cada qual dentro da sua profissão, atribuição ou, simplesmente, local da onde se fala. Outro fator que enriquece bastante esta pesquisa é a realização de entrevistas com pessoas que atuaram em diferentes décadas, o que possibilita notar uma mudança ou não sobre a atuação dessa população neste esporte. Por fim, o estabelecimento de mais de uma rede de colaboradores só tende a ampliar a abordagem e enriquecer o debate acerca do negro em suas manifestações sociais no futebol, das representações sociais sobre este contingente populacional e do racismo neste esporte.

Depois de produzidas e validadas, as transcrições devem ser analisadas em si (atentando-se para as experiências individuais dos colaboradores, com destaque para possíveis situações testemunhadas desconhecidas publicamente) e em seu conjunto (buscando-se os pontos e temas comuns que perpassam as histórias angariadas e que marcam a identidade da comunidade de destino e a sua memória coletiva), utilizando, para tanto, uma bibliografia consagrada sobre a problemática da pesquisa e evidenciando a importância desta dentro da historiografia. Realizadas as entrevistas, constituídos os documentos e examinadas as narrativas, pretende-se, mais do que preencher lacunas existentes na literatura acadêmica, compreender a atuação do negro no futebol brasileiro a partir principalmente do seu ponto de vista, retirando do apagamento o discurso dessas pessoas e trazendo à tona novos elementos

(experiências, sentimentos, pensamentos, visões de mundo, identidades etc.). Por fim, almeja-se, com esta pesquisa, propor uma reflexão sobre as relações raciais na sociedade brasileira.

De maneira resumida, apresento respectivamente o título e os objetivos deste projeto, ao qual foi concedido bolsa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo): “Além dos gramados: história oral de vida de negros do futebol brasileiro (1970-2010)”; (1) estudar o negro em suas manifestações sociais no futebol dentro do período supracitado; (2) relacionar o problema da negritude no futebol em vista da sociedade brasileira; e (3) contrastar as narrativas coletadas com a historiografia em geral.

1.2.1. Conceitos fundamentais

Antes de prosseguir com o desenvolvimento do projeto a partir de um olhar sobre uma bibliografia consagrada que trata da questão racial no Brasil e no futebol aqui praticado, cabe, já que esta pesquisa se refere aos negros, explicitar alguns conceitos fundamentais: negro, raça, etnia, preconceito racial, discriminação racial e racismo. Afinal, são termos complexos e de significados os mais variados. Daí, a necessidade de explicar os sentidos atribuídos a cada um deles, bem como mostrar as minhas escolhas. No entanto, esclareço que não tenho a pretensão de circunscrever, com extrema atenção, a construção ideológica de tais conceitos ao longo do tempo.

1.2.1.1. Negro

Quem são os negros no Brasil? Aparentemente simples, esta pergunta talvez nunca foi tão discutida quanto nos últimos anos, em virtude da implementação das cotas raciais nas universidades públicas brasileiras. Não só atual, esta é uma polêmica histórica. Em 1957, Guerreiro Ramos propôs um alargamento da definição de negro, que deveria incluir, além de pretos, mulatos e pardos (GUIMARÃES, 2005, p. 89). Afinal, grande parte do povo brasileiro era e é composta por tais indivíduos, que, desde sempre, estiveram excluídos do pleno gozo dos direitos civis e sociais, os quais, supostamente, eram garantidos pelas constituições republicanas.

Inspirado nesta ideia, o movimento negro no Brasil, sobretudo a partir dos anos 1970, defendeu que negros são todos aqueles com alguma ascendência africana, desde que assim se identifiquem. Independentemente de isto ter gerado outros debates, a intenção era agrupar

indivíduos que sofriam, do mesmo modo, discriminação e desigualdades raciais em nossa sociedade.¹⁵ A estratégia mostrou-se eficiente, já que permite lutar por uma conscientização identitária daqueles que são descendentes de africanos e por políticas públicas que reparem a exclusão histórica, social e econômica à qual os negros estiveram submetidos, ainda que sob fórmulas mais abrangentes, tais como “negros e carentes” e “negros e pobres”.¹⁶

De acordo com a classificação racial do IBGE (branco, preto, pardo, amarelo e indígena), convencionou-se dizer, para fins demográficos, que negro é o somatório de preto e pardo ou aquele que se autodeclara em uma destas categorias. É necessário dizer, contudo, que toda classificação racial é arbitrária e aceita não sem reservas. Exatamente por isto, muitos intelectuais criticam esta definição de negro, já que parte da população que se define como parda pode ter origem indígena e não africana. Outros críticos se valem dos atuais estudos da genética para argumentar que muitos brasileiros aparentemente brancos podem se identificar como afrodescendentes, com a condição que tenham marcadores genéticos africanos, o que é provável.

Para o antropólogo Kabengele Munanga (SANTOS, J. R., 2009, p. 381), isto é uma manipulação do conceito “afrodescendente” em vista do que está em jogo: assumir a afrodescendência para ser beneficiado pelas ações afirmativas. Segundo ele, este termo surgiu para aglutinar as pessoas que assumiam a sua negritude¹⁷ – vista como modo de afirmação e legitimação de uma determinada especificidade cultural – e os mestiços que não a assumiam, porém sabiam da sua ancestralidade africana como origem.¹⁸ Sob seu ponto de vista, graças às cotas, o grande público e a mídia têm discutido a questão racial no Brasil em âmbito nacional, fora dos limites acadêmicos. Para além de efeitos de consciência racial, o debate tem sido produtivo por permitir às pessoas comuns aprender e conversar sobre o mito da democracia racial e sobre as discriminações sofridas pelos negros nos diversos setores da sociedade.

De todo modo, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, assumir a negritude é uma tarefa difícil e dolorosa para muitas pessoas. Significa aceitar o próprio corpo, a sua cultura e a sua história no mundo moderno, ainda mais no Brasil que viveu sob o

¹⁵ O fato de o movimento negro no Brasil ter adotado uma política de identificação racial muito próxima do modelo bipolar norte-americano é alvo de muitas críticas por parte de intelectuais que valorizam a mestiçagem.

¹⁶ Fátima Oliveira (2004) faz uma análise breve porém fecunda sobre essa questão, principalmente no tocante às contribuições que o recorte racial traz para a compreensão da realidade vivida pelos negros no Brasil.

¹⁷ Para uma melhor definição do conceito de negritude, ver: Bernd (1988) e Munanga (2009).

¹⁸ Para uma definição semelhante do termo “afrodescendente”, consultar R. F. Ferreira (2000, p. 50).

regime escravocrata por mais de três séculos e cuja ideologia racista nega a contribuição cultural dos negros e enfraquece a sua unidade. Enfim, ser negro é, essencialmente, um posicionamento político, sentindo-se pertencente a um grupo com esta específica identidade racial. Por mais que não seja unânime ou mesmo fácil definir quem são os negros no Brasil, é certo que, na prática, principalmente em momentos de disputa e tensão racial (seja em conflitos corriqueiros, no mercado de trabalho, na família, em casos policiais etc.), todas as taxonomias raciais parecem se alinhar a um ou a outro polo: brancos ou não brancos. Nestes momentos, a negritude deixa de ser algo abstrato ou impreciso.

1.2.1.2. Raça

Raça é, talvez, um dos conceitos mais polissêmicos. De acordo com o sociólogo Ellis Cashmore (2000, p. 451), “é um significante mutável que significa diferentes coisas para diferentes pessoas em diferentes lugares na história e desafia as explicações definitivas fora de contextos específicos.”. Se no século XVI o conceito de raça foi usado pelos cientistas naturais para classificar as inúmeras espécies de animais e vegetais, no século das Luzes tal noção foi transposta por filósofos e cientistas sociais para entender as relações entre classes sociais (nobreza, aristocracia e plebe) e, sobretudo, os diversos tipos humanos “descobertos” em terras distantes desde a expansão marítima europeia do século XV. Discutiu-se, inclusive, se estes “outros” poderiam ser considerados humanos, já que, sob o ponto de vista dos europeus, adotavam práticas imorais, tais como: canibalismo, poligamia, politeísmo e nudismo (SCHWARCZ, 2001, p. 16). Desta forma, o conceito de raça serviu como uma ferramenta para classificar a variabilidade humana, que passou a ser um dado empírico incontestável.

Com o desenvolvimento das ciências biológicas ao longo dos séculos XVIII, XIX e início do XX, uma série de critérios objetivos, morfológicos e químicos foi estabelecida com base nas diferenças e semelhanças dos seres humanos. Desde então, a cor da pele sempre foi um dos principais fundamentos, sendo utilizada ainda hoje para dividir a espécie humana em, pelo menos, três raças distintas: branca (caucasoide), negra (negroide) e amarela (mongoloide). O maior problema não estava em reconhecer e identificar as inúmeras diferenças entre os tipos humanos, mas, sim, em erigir “uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais

e culturais”, com o intuito de “estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças” (MUNANGA, 2004b, p. 21).

De modos variados, promoveu-se uma naturalização de hierarquias raciais e sociais, que culminou, como se sabe, no surgimento de teorias pseudocientíficas e racistas. Acreditou-se, assim, na existência de características que determinassem beleza/feiúra, inteligência/burrice, mando/obediência, aptidão/inaptidão e um conjunto de outros atributos que, supostamente, levaria tanto a justificar a superioridade de uns frente à inferioridade de outros, quanto a promover políticas públicas de dominação, desigualdade, segregação raciais e massacre de determinadas populações, como ocorreu na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) através do nazifascismo.¹⁹

As consequências nefastas do holocausto levaram inúmeros geneticistas e cientistas sociais a discutir sobre o tema, concluindo que “a raça não é uma realidade biológica, contudo sim apenas um conceito, aliás, cientificamente inoperante, para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estanques. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem.” (MUNANGA, 2004b, p. 21). É por este motivo que o geneticista Oswaldo Frotas-Pessoa (1996, p. 29) afirmou que “raças são populações que diferem significativamente nas frequências de seus genes.”.²⁰ Contudo, ter este conhecimento não foi suficiente para que as pessoas comuns deixassem de se valer de tal noção. Por quê? A resposta para essa pergunta está no fato de que, no imaginário e na representação sociais, existem raças para explicar as diferenças humanas, sobretudo com relação às características biológicas observáveis. Nas palavras da antropóloga Maria Lúcia Montes:

Em suma, há um imaginário que se constrói em torno da diferença, que tem uma ancoragem profunda nessa leitura das sociedades e das culturas que tenta explicar a diferença, e portanto a identidade de cada grupo social, dentro de limites dados por um *continuum* da natureza. A diferença e o *continuum* são dados por esse mesmo elemento, que é a raça dos homens, como se a biologia, por si só, fosse capaz de fixar os contornos da totalidade da experiência humana, explicando a vida dos

¹⁹ Até esta mesma época, metade do século XX, muitos intelectuais ainda usavam o termo raça no sentido de nação, como: raça alemã, raça italiana, raça britânica, raça brasileira etc..

²⁰ Apesar de se saber que a miscigenação faz parte da história da humanidade, foram necessárias pesquisas em genética para mostrar cientificamente que não há raças puras na espécie humana. Mesmo aquelas pessoas com traços fenotípicos bem demarcados têm uma frequência genética diversificada. Basta ver, por exemplo, o que os exames de DNA da ginasta Daiane dos Santos revelaram quanto à sua ancestralidade: 39,7% africana, 19,6% ameríndia e 40,8% europeia. É necessário dizer, contudo, que a maioria desses estudos ditos “científicos” não leva em consideração aspectos históricos e culturais da nossa sociedade. Cf. SANTOS, J. R., 2009, p. 59.

homens e das sociedades. E é essa visão reificadora que está na base da idéia psicologizante da identidade. (MONTES, 1996, p. 53, grifos da autora).

Raça, portanto, é um conceito construído histórica e socialmente, cujo conteúdo é político-ideológico, não biológico.²¹

Ainda que a categoria social “raça” obedeça a certa matriz universal, como ela é construída e utilizada no Brasil? De acordo com Lilia Moritz Schwarcz (2001, p. 53), a nossa própria Constituição traz um enunciado confuso, já que “‘raça’ aparece como sinônimo de cor, numa comprovação de que, aqui, os termos são homólogos e cambiáveis.”. A cor, no Brasil, é vista como um fato objetivo e natural, funcionando, pois, como uma imagem figurada de raça. Exemplo claro disto é a autodefinição dos brasileiros, trazida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 1976, os quais tentaram claramente descrever as cores de pele. Como resultado, obteve-se uma miscelânea de 136 cores diferentes, “reveladoras de uma verdadeira ‘aquarela do Brasil’” (SCHWARCZ, 2001, p. 68). As palavras de Henry Louis Gates Jr. acerca desta discussão ajudam-nos a entender melhor a questão:

Necessita-se de pouca reflexão, contudo, para se reconhecer que essas categorias pseudocientíficas são, elas próprias, imagens. Quem já viu realmente uma pessoa preta ou vermelha, uma pessoa branca, amarela ou marrom? Esses termos são construções arbitrárias, não registros de realidade. Mas a linguagem não é apenas o meio de veiculação dessa tendência insidiosa; é-lhe, também, o signo. O uso da linguagem corrente significa a diferença entre culturas e seu diferencial de poder, expressando a distância entre subordinado e superordinado, entre servo e senhor, em termos de “raça”. (GATES JR., 1985, p. 6 apud GUIMARÃES, 2005, p. 46).

Desta maneira, a cor da pele e uma série de outros traços fenotípicos (tais como: formato do nariz ou da testa, espessura dos lábios ou dos cabelos, tamanho da cabeça ou dos membros) não são fatos objetivos, naturais e neutros. Ao contrário, são subjetivos e é por este motivo que a autoidentificação racial varia muitas vezes de indivíduo para indivíduo, dependendo da sua situação econômica e social e, até mesmo, do lugar, do tempo e do próprio interlocutor. Mais do que isso, tais traços só têm significado dentro de uma ideologia racial preexistente, como acontece no Brasil. Não à toa, enfim, Oracy Nogueira, como veremos posteriormente, afirmou que temos um preconceito de marca, baseado na aparência, e não de origem, como nos Estados Unidos, baseado na ascendência negra.

²¹ De acordo com Michel Wieviorka (2007, p. 27), o sociólogo britânico Michael Banton, nos anos 1960 e 1970, chegou a desenvolver “o conceito de ‘racialização’ para designar o uso da raça como representação ou percepção, como modo de categorização de certas populações por outras”.

1.2.1.3. *Etnia*

É em virtude deste conteúdo e do emprego de uma conotação negativa que muitas pessoas se ofendem quando são perguntadas à que raça pertencem. Principalmente aqui no Brasil, ainda se usa tal termo, num sentido racista, para fazer referência à população negra e para identificá-los como supostamente “inferiores” ao remeter a seus atributos físicos e ao evocar o nosso passado de escravidão. Além destas razões e daquelas já apontadas, dados os horrores da Segunda Guerra Mundial, muitos intelectuais rejeitaram o uso do conceito “raça” e passaram adotar, no lugar, o já existente termo “etnia”, o qual, em tese, é politicamente correto por superar a ideia de que a humanidade se divide em raças e por não fomentar, consequentemente, a hierarquização das mesmas.²²

Se raça é pautada pela biologia, etnia o é pelos processos históricos e culturais. Pode ser definida, pois, como um grupo composto por indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm ou creem ter um ancestral, uma língua, uma religião ou cosmovisão, um território e costumes em comum. (SILVA, K. V.; SILVA, M. H., 2006, p. 125). Na tentativa de compreender melhor a relação entre raça e etnia, alguns estudiosos adotaram a expressão “etnicorracial”, com o intuito de abarcar tanto a dimensão cultural quanto a biológica de um dado grupo social. Tal qual raça e todos os outros conceitos, etnia é um termo fruto de uma construção social, cultural e política, podendo ter diferentes sentidos ao longo da história.

Na visão de Kabengele Munanga, a substituição do conceito de raça por etnia

[...] não muda em nada a realidade do racismo, pois não destrói a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. Ou seja, o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas são as mesmas de

²² Entre os antirracistas, quer sejam intelectuais, quer sejam integrantes do movimento negro o uso do conceito raça suscita discussões até os dias atuais. Como em todo debate polêmico, há aqueles que defendem o uso e os que são contra. Os militantes defensores argumentam, basicamente, que o não uso implicaria em um disfarce para o racismo, que etimologicamente vem de raça. Além disso, acreditam que só com a utilização de tal conceito poderão lutar pela igualdade de tratamento, oportunidades e direitos entre as raças. Já os intelectuais defensores, embora cientes da não existência de raças biológicas, empregam o termo por ser uma ferramenta analítica que permite inferir a permanência da ideia de “raça” na cultura de uma sociedade, independentemente da forma como aparece. Exatamente por ser uma categoria nativa, muitos deles grafam-na sempre entre aspas. Por sua vez, os intelectuais que são contrários à manutenção de tal conceito defendem que, sendo uma política de negação do racismo existente, o antirracismo não deve adotar um termo cientificamente errôneo e que conduz ao racismo e a todas as suas consequências racistas e antidemocráticas. Particularmente, apesar de ser, do mesmo modo, contra a ideia e a crença em raças, defendo o uso de tal conceito justamente porque, através dele, se revelam as desigualdades e discriminações raciais na sociedade brasileira, a partir das quais se pode organizar a resistência ao racismo. Sobre este debate, consultar Guimarães (2002, p. 48-61).

ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou, na realidade, são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intato. É por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável a todos: racistas e anti-racistas. Constituem uma bandeira carregada por todos, embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses. (MUNANGA, 2004b, p 29).

Pelo fato de raça e etnia serem conceitos ideologicamente manipulados, este antropólogo prefere adotar os termos “negros”, “brancos”, etc. ou “população”, entendendo por isto, baseado no geneticista Jean Hiernaux, “um conjunto de indivíduos que participam de um mesmo círculo de união ou de casamento e que, *ipso facto*, conservam em comum alguns traços do patrimônio genético hereditário.” (MUNANGA, 2004b, p. 30).

Entre outras observações, Ellis Cashmore chama a atenção para o sentido identitário e político contido na forma contemporânea do conceito de etnia:

[...] um grupo possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, ao menos em forma latente, de terem origens e interesses comuns. Um grupo étnico não é mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas. (CASHMORE, 2000, p. 196).

Por fim, cabe assinalar que grupo étnico não é o mesmo que etnia, já que supõe uma interação entre todos os seus membros. Assim, por exemplo, os negros que são descendentes de angolanos compõem, como um todo, uma etnia no Brasil, ao passo que os negros membros de uma mesma comunidade remanescente de um determinado quilombo compõem um grupo étnico.

1.2.1.4. Preconceito racial

Nas palavras de Michel Wieviorka (2007, p. 59), o preconceito é “uma primeira forma elementar do racismo.”. Pode-se defini-lo como uma ideia, julgamento ou sentimento positivo ou negativo concebido previamente acerca de alguém ou de um grupo, sem levar em consideração fatos que o contestem ou desmentem nem muito menos um exame crítico a respeito. Principalmente no tocante às relações interraciais, nas quais talvez o preconceito mais se manifeste, trata-se de uma opinião de natureza hostil em consequência da generalização apressada de características a toda uma raça, independentemente da veracidade da atribuição ou da real variação desta entre seus membros.

Estes estereótipos, de acordo com inúmeras pesquisas (CASHMORE, 2000, p. 438-442), são resultados de experiências da infância e da pressão de outras pessoas para se adequar à coletividade em que se vive. A pessoa preconceituosa acredita na existência de raças humanas e, sobretudo, na hierarquização das mesmas. No Brasil, há não apenas uma crença compartilhada de que o branco seja “superior” ao negro, mas, também, de que o padrão ideal de civilização é o europeu, considerado da mesma maneira “superior” aos asiáticos, africanos e americanos. O preconceito aos negros se dá, pois, tanto por uma questão biológica (racial) quanto cultural (étnica), já que, além dos seus traços físicos não corresponderem ao ideal de beleza ocidental, a sua cultura – africana – é vista como folclórica, primitiva e inferior ao ser comparada com a branco-europeia (FERREIRA, R. F., 2000, p. 52).

Segundo Kabengele Munanga:

A ação anti-racista ordinária só pode visar os preconceitos raciais quando estes são verbalizados, declarados e até mesmo proclamados. Por exemplo, a discriminação de emprego, a recusa de acolhimento ou de alojamento em hotéis, a oposição ao casamento, os genocídios etc. É impossível legislar contra os preconceitos porque eles são invisíveis. Não se pode fazer as leis para lutar contra um preconceito. Fazem-se as leis para lutar contra os comportamentos discriminatórios concretos. Isto significa que o subsolo infernal do preconceito racial escapa, por princípios, ao tipo jurídico político da ação anti-racista. (MUNANGA, 1998, p. 47).

Ainda conforme este antropólogo, o preconceito racial não é exclusivamente fruto da ignorância de uma pessoa. Se fosse assim, a educação bastaria para erradicar o racismo. Este tipo de preconceito está embutido na própria ideologia racista da nossa sociedade e, por esse motivo, afeta o modo como os negros percebem e avaliam a si mesmos, enfraquecendo a construção de uma identidade negra e legitimando um processo de dominação de brancos sobre negros.

Para se ter uma ideia de quão arraigados estão os estereótipos negativos sobre o negro no Brasil, vejamos as respostas depreciativas trazidas por uma pesquisa da Sociedade Nacional de Agricultura datada de 1920, levantamento este que buscava saber se o imigrante negro seria benéfico ou não ao país: mau trabalhador (razões econômicas); inteligência inferior, degenerado, amoral, indolente, bêbado e criminosos (razões intelectuais e morais); inferioridade congênita, ódio ao branco oculto no coração do negro, existência do preconceito

de cor (razões raciais); dentre outras razões.²³ Isto revela como o negro era rejeitado enquanto mão de obra, bem como a penetração da ideologia do branqueamento na sociedade brasileira. A seguinte frase de Munanga (1998, p. 48) faz, dado o intervalo de tempo e o desenvolvimento educacional no Brasil de lá pra cá, todo o sentido: “não se corrige a ideologia simplesmente pela educação”. Sendo assim, a educação é apenas uma das maneiras de se lutar contra o racismo.

1.2.1.5. Discriminação racial

Se preconceito racial se trata de pensar ou crer desfavoravelmente a respeito de uma raça, discriminação racial está para além disso, uma vez que implica colocar essas crenças em ação. Pode ser definida como um comportamento individual ou coletivo observável desferido contra alguma pessoa ou grupo motivado por sua raça, estabelecendo, pois, uma diferença. É um ato que quebra, conseqüentemente, o princípio da igualdade racial por meio da distinção, exclusão, restrição ou preferências. Quando o tratamento desigual toma forma de abuso, exploração e injustiça sistemáticos, torna-se, então, uma opressão social. Assim, nas palavras de Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes (2006, p. 184): “A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito.”. Há, sob esse ponto de vista, uma continuidade entre os pensamentos preconceituosos e as atitudes discriminatórias.

Contudo, nem toda discriminação baseia-se no preconceito. Um exemplo disto é as ações afirmativas enquanto políticas públicas. Referem-se a elas de várias maneiras: “discriminação positiva”, “discriminação inversa”, “políticas de compensação” ou ainda “políticas de reparação”. O tema é extremamente polêmico e vem sendo discutido com maior atenção no Brasil desde 2000, quando foi aprovada a primeira lei que determinava cotas raciais nas universidades públicas do Rio de Janeiro. O fato é que, para usarmos outra frase comum dos seus defensores, a “ação afirmativa trata desigualmente os desiguais” com o intuito de possibilitar uma maior realização do ideal de integração igual de indivíduos e grupos numa sociedade que se quer democrática.²⁴

A discriminação racial é suscetível de exercer-se em todos os setores da vida social, mas, no Brasil, atitudes dessa natureza acontecem de maneira mais veemente sobretudo no

²³ Cf. Moura (1988, p. 80). A pesquisa acerca do racismo no Brasil realizada pelo Datafolha em 1995 abordou uma série de outros estereótipos com relação aos negros neste país, a qual pode ser consultada em Turra e Venturi (1998).

²⁴ Sobre esse debate, ver: J. Souza (1997), Guimarães (2005), Fry (2005) e Carvalho (2005).

trabalho, na interação familiar em virtude de relacionamentos amorosos e no tratamento dado pela polícia. Pesquisas recentes, no entanto, revelam que este tipo de manifestação se dá também em campos como justiça (ADORNO, 1996), educação (CAVALLEIRO, 2001) e, até mesmo, música (R. S. CORRÊA, 2009), que, como o futebol, parece ser, e crê-se nisso, um domínio social “isento” de racismo.

Michel Wieviorka, bem como outros intelectuais, acha fundamental não confundir discriminação racial com segregação racial. Embora o racismo possa “amalgamar essas duas formas elementares”, como por exemplo na separação de negros e brancos nos transportes públicos, discriminação “corresponde de preferência a uma lógica de hierarquização”, enquanto segregação, “a uma lógica de diferenciação” (WIEVIORKA, 2007, p. 68). Ambas as noções designam ao mesmo tempo um processo e o seu resultado, porém segregação racial estabelece espaços próprios destinados a negros e a brancos. É uma separação geográfica que completa-se, ocasionalmente, com medidas de circulação restritivas, como aconteceu de maneira extrema e institucionalizada na África do Sul, com o *apartheid*.

O exemplo sul-africano é o caso típico do que se chama de segregação *de jure*, ou seja, definida e exigida por lei. Há, também, a segregação *de facto*, que é a existência de uma separação não regulamentada legalmente, mas que ocorre na prática. Para o sociólogo Allan Johnson (1997, p. 203), isso se dá, entre outros casos, quando “os membros dos diferentes grupos deixam de estar representados proporcionalmente em vários setores da vida social.”. Sendo assim, poderíamos argumentar, por exemplo, que os negros, que correspondem a 50% do total da população brasileira – levando-se em consideração os números relativos de “pretos” e “pardos” da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios de 2008 –, não são integrados plenamente nas universidades públicas brasileiras, o que permitiria dizer que há uma segregação de fato.²⁵

1.2.1.6. Racismo

Como pode ser notado, preconceito e discriminação raciais são elementos preliminares necessários para a existência do racismo. Dentro desta proposta, o racismo é visto como um fenômeno recente da história da humanidade, indissociável da modernidade, da história da

²⁵ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007-2008. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/sintese/tab1_2.pdf. Acesso em: 31/07/2010.

ciência e da cultura ocidental, sendo este o seu sentido “científico” ou “clássico”.²⁶ Ainda que o conceito, propriamente, tenha sido formulado somente no início do século XX, há uma relação direta entre racismo e raça, sendo esta o seu elemento central na crença e na postulação de uma humanidade dividida e hierarquizada em grandes grupos chamados “raças”, cujas características biológicas determinavam as características culturais e psicológicas. Do ponto de vista dos mentores desta doutrina científica e dos racistas, há uma ordem “natural” destas raças dentro da sociedade humana, em que uns (brancos, “civilizados”) são “superiores” e estão ali para dominar, e outros (“selvagens”, “bárbaros”), “inferiores” e para serem dominados. Racismo é, assim, uma ideologia essencialista que imputa características negativas reais ou supostas a um determinado grupo, as quais justificam um tratamento desigual deste grupo definido perante o resto da sociedade (WIEVIORKA, 2007, p. 19-25).

As implicações do racismo pseudocientífico tiveram o seu auge, como se sabe, com o nazismo. A partir da segunda metade do século XX, com o conceito de raça sofrendo inúmeras críticas e perdendo a sua legitimidade científica e mundial, o racismo não mais necessitava teoricamente desta noção e continuou a atribuir uma relação determinista entre um grupo e as suas supostas características. Ocorre, pois, uma ampliação da sua aplicação (contra mulheres, jovens, homossexuais, pobres etc.) embora lhe falte um sentido analítico. Nesse sentido, de acordo com Michael Banton e Robert Miles (2000, p. 458), “racismo denota todo um complexo de fatores que geram a discriminação racial e designa às vezes, mais livremente, também aqueles fatores que produzem as desvantagens raciais.”. É um uso “popular” do conceito de racismo, em que qualquer atitude ou comportamento de rejeição e de injustiça social é qualificado como racismo. Devido ao uso generalizado deste termo, Kabengele Munanga, tal como outros intelectuais, defende uma definição mais precisa de racismo, levando em consideração o contexto mundial do final do século XX e início do XXI. Sob sua análise:

Além da essencialização somático-biológica, o estudo sobre o racismo hoje deve integrar outros tipos de essencialização, em especial a essencialização histórico-cultural. Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças

²⁶ Muitos intelectuais, como Joel Rufino dos Santos (2005), defendem que o racismo tal como conhecemos hoje é um fenômeno ligado ao desenvolvimento capitalista, ainda que exista também em países socialistas e, sob outras formas, em tempos remotos.

fictícias que rondam nossas representações e imaginários coletivos. Enquanto o racismo clássico se alimenta da noção de raça, o racismo novo se alimenta da noção de etnia definida como um grupo cultural, categoria que constitui um léxico mais aceitável que a raça (falar politicamente correto). (MUNANGA, 2004b, p. 27).

Independentemente de estar ou não justificado por fundamentos biológicos, o racismo persiste enquanto fenômeno com implicações sociais profundas tanto, por exemplo, na África do Sul, nos Estados Unidos e no Brasil, quanto em países europeus, como a França, a Inglaterra e a Alemanha, onde a extrema direita política tem ressurgido com um novo discurso nacionalista. Não à toa, o politólogo Martin Barker o definiu como um “novo racismo”, cujo fundamento racista se encontra na diferença cultural (língua, religião, tradições, costumes etc.) e na ameaça que isto pode representar à identidade nacional (WIEVIORKA, 2007, p. 34).²⁷

Este, porém, não é o caso do racismo no Brasil, já que a sua singularidade se encontra em uma ideologia racial integracionista, ou seja, “apresenta-se como um sistema homogeneizador através da mestiçagem racial” (D’ADESKY, 2005, p. 82). Não se trata de um racismo genocida que visa o extermínio dos negros, mas de um racismo universalista totalitário, uma vez que impõe a todos um modelo normativo de síntese do humano. A “indiferenciação” racial brasileira acaba por negar a herança histórica e cultural dos negros, bem como fragiliza a sua identidade enquanto grupo. Por este motivo, para Jacques d’Adesky (2005, p. 83), o nosso racismo é uma forma de dissolução e absolutização da etnia negra, revelando-se etnocida.

Atos racistas geralmente estão associados a cenas lamentáveis de discriminação racial cometidas individual ou coletivamente. Há, contudo, uma outra forma de funcionamento do racismo que é subliminar e anônima. Trata-se do racismo institucional, conceito este que foi originalmente formulado em 1967 por dois militantes do movimento negro norte-americano: Stokely Carmichael e Charles V. Hamilton. É camuflado no sentido de suas causas específicas não serem detectáveis (pelo menos, aparentemente) apesar de seus efeitos e resultados serem bastante visíveis (CASHMORE, 2000, p. 470). Se a força deste conceito está em mostrar como as estruturas institucionais são racistas, a sua fraqueza reside na dissociação dos seus atores perante o sistema, eximindo-os e fazendo do racismo um fenômeno abstrato. Daí,

²⁷ Para o filósofo e cientista político Pierre-André Taguieff, este racismo é definido como diferencialista. Sobre o modelo quadripartito de racismo elaborado por este autor, consultar d’Adesky (2005, p. 25-30).

alguns intelectuais defenderem a definição “racismo institucionalizado”, dando a ideia de que, no limite, há alguém que não só institucionaliza ou mantém institucionalizado tal fenômeno, mas que é responsável por suas práticas.

Certamente, o conceito de racismo institucional foi desenvolvido à luz das experiências norte-americanas e serviu para uma reavaliação dos acontecimentos sul-africanos e nazifascistas. Devido às suas características, muitos autores são contrários ao seu uso em contextos outros. No entanto, abrangeram a sua definição para tanto. Vejamos, pois, as observações de Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes, tendo em vista a experiência brasileira:

A forma institucional do racismo [...] implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos. Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos, tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história do povo negro no Brasil. Manifestam-se ainda nos meios de comunicação de massa (propagandas, publicidade, novelas), que insistem em retratar o negro e outros grupos étnico/raciais que vivem uma história de discriminação, de maneira indevida e equivocada. (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 180).

Por fim, escrevo breves notas sobre o que é interpretado como “racismo invertido” ou “racismo às avessas”. Nas últimas décadas, brancos e grupos dominantes foram alvo de indiferença e hostilidade por parte dos negros e grupos minoritários. Em virtude disso, acusaram a existência deste tipo de “racismo” e promoveram uma comparação excessivamente simples com o racismo branco, como se fosse até uma justificativa para a sua existência. Nas palavras de Ellis Cashmore (2000, p. 474), “a grande diferença é que o racismo branco é um legado do imperialismo, enquanto a versão negra é uma reação à experiência do racismo.”. Mais do que isso, deve ser dito que as consequências são completamente diferentes: se este no máximo discrimina os brancos, aquele tem a função ideológica de sustentar, perpetuar e justificar a opressão social dos negros (JOHNSON, 1997, p. 162). Uma vez que o *status* e a condição social destes grupos envolvidos não estão no mesmo patamar, deve-se sempre considerar as experiências históricas diferentes de negros e brancos.

1.2.2. Entrando numa dividida

Nesta seção, gostaria de lançar um olhar sobre uma bibliografia consagrada acerca da questão racial no Brasil e no futebol brasileiro, de modo a pontuar os argumentos dos principais autores que tratam da temática, elaborar uma análise a respeito e evidenciar caminhos a serem explorados por esta pesquisa.

1.2.2.1. A questão racial no Brasil

Sabe-se que muitas teorias científicas e doutrinas raciais – que posteriormente seriam chamadas de racistas – foram elaboradas principalmente na segunda metade do século XIX. Se, num primeiro momento, elas buscaram, baseadas numa série de características físicas (cor de pele, capacidade craniana, tamanho do nariz, testa, mandíbula etc.), classificar diferentes raças para entender a diversidade humana; num segundo instante, elas valeram-se desta pluralidade de raças para hierarquizá-las da mais inferior até a mais superior. Invariavelmente, os europeus “civilizados” localizavam-se no topo e os negros “bárbaros” e índios “selvagens” na base dessa hierarquização. A partir disso, muitos “pregadores científicos” (tais como: Gobineau, Chamberlain, Lapouge, Haeckel, entre outros) usaram e abusaram da metáfora darwinista (sobrevivência dos mais aptos ou capazes) e sugeriram políticas públicas que, de um modo ou de outro, implicavam na limpeza étnica.²⁸

Atentos a este debate internacional, a elite intelectual e política brasileira refletiu em fins dos oitocentos sobre as questões nacional e racial. Afinal, que raça que se queria para a “brasileira”, tendo em vista que a maior parte da população era constituída por negros, mestiços e índios? O contingente negro, principalmente, era considerado como entrave para a modernização do país. Ocupação do território nacional, composição da mão de obra assalariada, miscigenação (“integração étnica”, nos termos da época) e, conseqüentemente, política de imigração controlada ou seletiva tornaram-se assuntos importantíssimos para discussão desde o fim do Império e por todo o decorrer da Primeira República. Em nome de uma “ciência das raças”, muitos intelectuais (Sílvio Romero, João Batista de Lacerda, Joaquim da Silva Rocha, Joaquim Nabuco, Afrânio Peixoto, entre outros) viam o imigrante

²⁸ Cf. Seyferth (1996, p. 43). Sobre raça, ciência e nação no Brasil da virada do século, consultar entre outros: Schwarcz (1993), Skidmore (1989), Lima e Hochman (1996), e Ramos (1996).

europeu como peça fundamental para o branqueamento da população brasileira, o qual permitiria um futuro “melhor” do que o passado de “degeneração”.²⁹

Uma visão otimista deste processo irreversível, que estava em curso desde o último quarto do século XIX, pode ser extraída na introdução do censo de 1920, elaborada por Oliveira Viana:

Esse admirável movimento migratório não concorre apenas para aumentar rapidamente, em nosso país, o coeficiente da massa ariana pura: mas também, cruzando-se com a população mestiça, contribui para elevar, com igual rapidez, o teor ariano do nosso sangue. (VIANA apud SKIDMORE, 1989, p. 221).

Desta forma, através da mestiçagem, a intenção era homogeneizar a nossa população e dar uma “unidade” à nossa pátria, sem as quais o “progresso” era considerado incompatível.³⁰ Cabe dizer que, nessa época, a cultura mestiça não é valorizada em si, como o seria nas obras de Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Como disse Hermano Vianna: “Ao contrário, é olhada com desconfiança, e só aceita na falta de algo melhor.” (VIANNA, 2007, p. 68).

Em reação à presença crescente do pensamento racista na política dos anos 1930, quer na Europa (com a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini), quer no Brasil (com a Ação Integralista Brasileira), um grupo de intelectuais brasileiros (entre eles: Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Roquete Pinto) lançou em outubro de 1935

um “manifesto contra o preconceito racial”, no qual advertiam que “a transplantação de idéias racistas e, sobretudo, dos seus corolários políticos e sociais”, constitui risco particularmente grave num país como o Brasil, “cuja formação étnica é acentuadamente heterogênea.” (SKIDMORE, 1989, p. 225).

Por seu lado, eles viam em tais ideias pseudocientíficas um perigo que poderia comprometer a coesão nacional e o futuro do Brasil. A partir de então, mas principalmente após o conhecimento mundial das políticas racistas implementadas na Alemanha nazista ao longo das décadas de 1930 e 1940 e suas consequências desastrosas, o antirracismo toma conta do pensamento intelectual mundial e brasileiro.

Outros manifestos também reagiram ao racismo político e ideológico deste período. Um exemplo notável é o Movimento Bandeira, do qual participaram vários modernistas (Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo, Antonio Alcântara Machado, Mário de Andrade –

²⁹ Sobre a discussão de quais tipos de imigrantes deveriam vir ao Brasil, consultar: Seyferth (1991).

³⁰ Cf. Vianna (2007, p. 71). Ressaltamos, contudo, que a própria ideia de pureza étnica via miscigenação era contraditória às premissas do racismo científico em voga na época. A respeito da mestiçagem, ver: Munanga (2004a) e D. Ribeiro (1996).

que romperia posteriormente –, entre outros). O manifesto do movimento, publicado na imprensa em julho de 1936, saiu em defesa de um certo nacionalismo que se opunha a todas as influências estranhas à vida brasileira, criticando, assim, a adoção de ideias ligadas aos extremismos políticos quer da direita com o fascismo, quer da esquerda com o comunismo. Justificaram dizendo que isso era “incompatível com a índole pacífica e os fundamentos cristãos da sociedade brasileira” (CAMPOS, 2005-2006, p. 144).

Antes disso, em 1933, Gilberto Freyre lançou a primeira edição do clássico *Casa-grande & senzala*, em que interpretou de maneira totalmente inovadora o nosso passado colonial.³¹ Influenciado pelo culturalismo de Franz Boas, retratou minuciosamente a sociedade patriarcal de uma dada região do nordeste deste país (zonas canavieiras de Olinda, Recife e do Recôncavo baiano). Neste livro, representou de maneira harmoniosa as relações entre senhores de engenho e escravos, e apontou inúmeros elementos positivos na formação cultural brasileira, composta pela miscigenação entre portugueses, índios e negros. Aliás, atribuiu a estes últimos uma importância ímpar e decisiva neste processo cultural, ao contrário do que fizera Nina Rodrigues em fins do século XIX (M. CORRÊA, 2005-2006, p. 136). Após falar que entre os méritos de Freyre está o de fazer com que os brasileiros não sintam vergonha e repulsa pelos negros livres e pelo espetáculo da mestiçagem nacional, Guimarães escreve:

A esperança brasileira de branqueamento da sua população, seja por meio da dizimação dos negros pelas pestes urbanas (alcoolismo, sífilis, tuberculose), seja por meio da substituição dos negros por trabalhadores e colonos europeus, foi trocada por Freyre e, depois, pelos romancistas nordestinos – Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, entre outros – pelo ideal de um Brasil mestiço ou mulato. (GUIMARÃES, 2005, p. 86).

Mais do que isso, a mestiçagem e o sincretismo, para o intelectual recifense, seriam a solução genial e inovadora de contornar um provável ódio entre as raças.³²

Embora o ideário antirracista dos intelectuais dos anos 1930 e 1940 não estivesse sintetizado no termo “democracia racial”³³, ele foi encampado pelo Estado e incorporado ao

³¹ Em *Guerra & Paz*, Ricardo Benzaquem de Araújo (1994) realiza uma análise profunda sobre este livro, bem como dos outros textos de Gilberto Freyre da década de 1930 e do seu estilo narrativo baseado na oralidade.

³² Cabe ressaltar que a situação racial dos Estados Unidos (e, posteriormente, a da África do Sul) sempre se colocou como um modelo a não ser seguido pelo Brasil. Cf. Hasenbalg (1996, p. 235).

³³ De acordo com Guimarães (2002, p. 139 e 153), embora Gilberto Freyre tenha sido o inspirador da “democracia racial”, ele não pode ser responsabilizado integralmente pelas ideias e pelo rótulo do termo, mas, sim, pela legitimação científica da inexistência de preconceitos e discriminações raciais no Brasil.

senso comum racial da nossa população.³⁴ De modo geral, podemos dizer que a hibridez da sociedade brasileira seria responsável, no entender desses intelectuais, não só pela ausência de discriminação racial, mas pela impropriedade de políticas de identidades étnico-raciais (GUIMARÃES, 2005, p. 86). Desta maneira, o mito racial construído preencheria “uma importante função de controle social, apontando para a unidade e homogeneidade nacional e ocultando a existência de divisões raciais e sociais” (HASENBALG, 1996, p. 238). É nesta mestiçagem que, para muitos intelectuais (brasileiros ou não), consiste a peculiaridade de *ser* brasileiro, argumento chave para criticar aqueles (outro grupo de intelectuais e pessoas ligadas ao movimento negro) que defendem uma dualidade racial neste país.

No início da década de 1950, devido aos horrores do holocausto na Segunda Guerra Mundial, uma série de pesquisas foi patrocinada, principalmente pela UNESCO, com o intuito de revelar ao mundo as harmoniosas e não conflitivas relações raciais brasileiras.³⁵ Contudo, o resultado não confirmou o que se esperava; inclusive, de maneira geral, constatou-se uma confluência de barreiras de classe e de cor à mobilidade e à integração dos negros na ordem competitiva. Enfim, uma forte associação entre cor e *status* socioeconômico. A grande novidade representou a vulgarização do conceito de “cultura” em detrimento daquele biológico de “raça”, negando, assim, o caráter irreversível da inferioridade intelectual, moral e psicológica dos negros. No entanto, como salientou Guimarães (2002, p. 144), não se negou tal inferioridade, apenas transferiram-na para o plano da cultura, tornando-a passageira e reversível.

Ao longo dos anos 1950 e 1960, “baianos” e “paulistas” formaram, segundo Guimarães (2005), duas “escolas” e disseminaram estudos de comunidade sobre relações raciais no Brasil (exceção feita a Florestan Fernandes). De modo geral, pode-se dizer que os trabalhos desenvolvidos pela primeira “escola” sofreram grande influência do pensamento de Freyre e Pierson e, assim, tendiam a crer na democracia racial, a valorizar a mestiçagem e a

³⁴ Cf. Hasenbalg (1996, p. 237). Este autor destaca o papel importante das interpretações de Freyre, Pierson e Tannenbaum no imaginário nacional e internacional sobre as relações raciais no Brasil. Guimarães (2005, p. 65) escreve que se tornou lugar comum neste país afirmar que raças não existem, e que é a classe social o fator diferencial para que as pessoas tenham oportunidades de vida. Até hoje, para muitos brasileiros, falar em raça é uma estrangeirice e um sinal de racismo, acreditando ser esse fenômeno social inexistente por aqui.

³⁵ Citamos os pesquisadores de maior influência que conduziram tais estudos: na primeira geração, Gilberto Freyre, Charles Wagley, Donald Pierson e Roger Bastide; na segunda geração, Florestan Fernandes, Costa Pinto, Thales de Azevedo, Oracy Nogueira, René Ribeiro, Guerreiro Ramos, Pierre van den Berghe e Marvin Harris; na terceira geração, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni. Sobre o projeto UNESCO, consultar: Maio (1999).

negar a existência de raças e de uma “linha de cor” que impedisse legalmente a ascensão social de negros e mestiços a cargos oficiais ou a posições de riqueza e de prestígio. As condições generalizadas de subdesenvolvimento e a classe social, sim, seriam uma barreira enfrentada por todas as minorias, não só pela negra. Ainda que os intelectuais desta “escola” tenham observado o preconceito racial nas regiões norte e nordeste como um todo, foram tímidos em sua análise e conceberam a sociedade brasileira como multirracial de classes.

Por outro lado, a “escola” paulista, cujo maior expoente foi Florestan Fernandes, procurou a singularidade das relações raciais no Brasil por meio da análise da estrutura social, quer da sociedade colonial, quer da industrial. Como escreveu Guimarães:

Foi a partir da comparação entre as funções sociais do preconceito racial, antes e depois da abolição, que Fernandes o explicou, no presente, como uma tentativa das oligarquias dominantes de preservarem os privilégios de uma ordem social arcaica, baseada no prestígio de posições herdadas. (GUIMARÃES, 2005, p. 83).

Nesta mesma linha de estudos, Costa Pinto via que o preconceito racial aflorava o conflito de classes, próprio das sociedades industriais. Oracy Nogueira, por sua vez, tratou de comparar e diferenciar o preconceito racial dos Estados Unidos e do Brasil. Naquele país, o negro é vítima do preconceito de origem ou de sangue, ou seja, basta ter algum antepassado negro para sofrer preconceito. Neste país, o negro sofre se tiver alguma marca ou aparentar fisicamente traços negroides, não importando a sua ascendência. Lá, o preconceito é sistemático, às claras, e a ideologia é segregacionista e racista; aqui, o preconceito é assistemático e dissimulado, e a ideologia é assimilacionista e miscigenacionista. De maneira resumida, Florestan Fernandes explica-nos um ponto importante que esclarece o debate:

Na verdade, nos acostumamos à situação existente no Brasil e confundimos tolerância racial com democracia racial. Para que esta última exista não é suficiente que haja alguma harmonia nas relações raciais de pessoas pertencentes a estoques raciais diferentes ou que pertencem a “raças” distintas. Democracia significa, fundamentalmente, igualdade racial, econômica e política. (FERNANDES; PEREIRA; NOGUEIRA, 2005-2006, p. 172).

Assim, os intelectuais desta “escola” confirmaram a existência do preconceito e discriminação raciais no Brasil, desmentindo frontalmente o mito da democracia racial, visto mais como um ideal, uma meta, do que uma realidade.

Em fins dos anos 1960 e início dos 1970, até em virtude da situação política brasileira, os estudos sobre relações raciais cederam espaço para temas “macro” (tais como: classes

trabalhadoras, industrialização, urbanização etc.), principalmente na sociologia.³⁶ Somente no final da década de 1970, novas pesquisas foram elaboradas e retomaram a discussão, assim como ocorreu o ressurgimento do movimento negro em 1978. Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva foram dois dos pioneiros dos estudos sobre as desigualdades raciais no Brasil. Eles e outros deixaram de enfatizar a herança ou o legado do passado escravista para destacar as práticas racistas e discriminatórias no presente. De maneira resumida, podemos dizer que, apoiados sobretudo num conjunto de dados demográficos, esses pesquisadores mostraram que negros e mestiços estão expostos a desvantagens cumulativas ao longo das fases do ciclo de vida individual, e que tais desvantagens são transmitidas de uma geração a outra.

Nas décadas seguintes, muitos pesquisadores deram continuidade aos estudos raciais quer para mostrar as desigualdades e discriminação sofridas pelos não brancos, quer para entender o racismo à brasileira e a ideologia da democracia racial.³⁷

1.2.2.2. A questão racial no futebol brasileiro

Esse breve panorama sobre os estudos que tratam da questão racial no Brasil, desde os fins do século XIX até as últimas décadas do século passado, ajuda-nos a entender como o futebol foi experimentado por seus praticantes e discutido pelos intelectuais, literatos e jornalistas ao longo de todo este período.

É inevitável que, ao falar sobre a questão racial no futebol, seja retomado o livro clássico de Mario Filho (2003): *O negro no futebol brasileiro*. Publicado pela primeira vez em 1947, o livro apresentava quatro capítulos: “Raízes do saudosismo”, “O campo e a pelada”, “A revolta do preto” e “A ascensão social do negro”. Anos mais tarde, em 1964, o autor acrescentou outros dois capítulos: “A provação do preto” e “A vez do preto”. A própria sequência dos títulos sugere o longo e penoso processo de democratização do futebol brasileiro, cuja fixação era o objetivo do jornalista ao escrever seu “ensaio” (FILHO, 2003, p. 16).³⁸

Escrevendo em prosa leve e coloquial e valendo-se de ampla coleta de dados (documentos oficiais – atas de entidades, correspondências dos clubes, súmulas dos jogos,

³⁶ Lembramos que, em 1969, os principais representantes da “escola” paulista foram aposentados compulsoriamente.

³⁷ Entre tantos, destacamos apenas: Barros e Henriques (2000), DaMatta (1981), J. B. B. Pereira (1996) e Guimarães (2002).

³⁸ Sobre a vida e obra de Mario Filho, consultar: Antunes (2004) e M. R. Silva (2006).

registros dos jogadores – jornais, revistas, álbuns de fotos e, sobretudo, entrevistas), Mario Filho narra a história do futebol neste país, enfatizando a trajetória dos jogadores negros e mestiços desde os primórdios deste esporte até o início da década de 1960: do início elitista e discriminatório aos negros e pobres; da popularização na passagem da década de 1910 para 1920; da crise institucional que isso suscitou; da profissionalização nos anos 30; da ascensão social e da integração dos negros nos grandes clubes e na seleção brasileira ao longo das décadas de 1930 e 1940; da participação nas primeiras Copas do Mundo; da derrota na Copa de 1950 e suas consequências; até o bicampeonato mundial e a heroicização de Pelé. Evidentemente, este não foi o único jogador negro a ser destacado no decorrer da narrativa. Citemos outros: Friedenreich, Carlos Alberto, Manteiga, Fausto, Jaguaré, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Barbosa, Bigode, Juvenal, Zizinho, Sabará, Didi, entre outros.

Tendo em vista o contexto histórico brasileiro em que o livro foi escrito e as influências ideológicas de Mario Filho, podemos entender as suas intenções ao narrar a trajetória dos negros no futebol tal como fez, ainda que ele tenha acreditado em sua neutralidade na interpretação e na reconstituição verdadeira dos fatos.³⁹ O prefácio de Gilberto Freyre e o texto das orelhas de Édison Carneiro nas duas primeiras edições de *O negro no futebol brasileiro* são sugestivos nesse sentido. Mario Filho vê o futebol como um espaço de democratização racial e de identificação e união nacionais. Por mais que o autor tenha sido fundamental para a valorização tanto do negro como do seu papel na história do futebol brasileiro, é preciso deixar claro que ele fez uma seleção das centenas de relatos coletados e deu um sentido, uma sequência, ao ordená-los à sua maneira.⁴⁰ Isto não invalida a sua importância e a da sua obra – até porque, é preciso considerar a sua lucidez em notar que

³⁹ No final da nota ao leitor da primeira edição, Mario Filho está tão convicto de sua realização que escreve: “Não, eu não usei a imaginação. [...] Uma vaidade eu tenho: a de apresentar uma obra que desafia contestação.” (FILHO, 2003, p. 23). Ao falar que ninguém havia refutado as histórias narradas e nem os seus personagens, completa e finaliza o texto: “O que prova que o que está aqui é a verdade pura e simples.” (FILHO, 2003, p. 23). Parece que o autor estava convencido da total democratização racial no futebol brasileiro ao final da primeira edição do livro. Contudo, com os acontecimentos decorrentes da derrota nacional na Copa do Mundo de 1950, o jornalista reavalia a sua narrativa e diz ter enfrentado “uma prova a que poucos livros se submetem em vida” (FILHO, 2003, p. 16). Novamente, termina a nota à segunda edição confiante: “Estou certo que *O Negro no Futebol Brasileiro* se enriqueceu com o que agora lhe foi acrescentado e que, por pertencer-lhe de direito, completa-o, dando-lhe forma definitiva.” (FILHO, 2003, p. 17, grifo do autor).

⁴⁰ L. A. M. Pereira escreve acerca do livro de Mario Filho e da ideologia própria dos anos 30 e 40 que o permeia: “Firmava-se, assim, uma visão harmônica e linear sobre a história do futebol na capital do país, na qual o preconceito teria sido progressivamente superado na afirmação nos campos de uma mesma imagem nacional onde não parecia haver mais lugares para tensões e conflitos.” (PEREIRA, L. A. M., 2000, p. 343). Ver, também, D. A. Souza (2008, p. 189-190) que discute rapidamente passagens da primeira edição de *O negro no futebol brasileiro* que fazem apologia à democracia racial.

só a fonte oral lhe ofereceria um rico material para o estudo em questão (uma vez que a fonte escrita dissimulava o racismo no período pós-abolicionista) e o seu enorme esforço por registrar memórias que, de outro modo, estariam fadadas ao esquecimento –, mas lhe tira a veracidade, objetividade e oficialidade da sua narrativa tal como apregoa (SILVA, C. L. B., 2006, p. 187-201).

Gilberto Freyre (2003, p. 25) – tanto no prefácio do livro citado como num artigo para o *Diário de Pernambuco*, em 1938 –, Mario Filho (2003, p. 217) e, posteriormente, Anatol Rosenfeld (1993 [1956], p. 100) caracterizam um estilo brasileiro de jogar futebol (dionisíaco), no qual o modo de jogo britânico (apolíneo) teria sofrido significativas mudanças com as contribuições de nossa cultura mestiça, particularmente do samba e da capoeira. Os três autores veem a importante função civilizatória a ser desenvolvida pelo futebol em nosso país, como escreveu Freyre: “O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura.” (FREYRE, 2003, p. 25). Ou “sublimação das tensões”, nos termos de Rosenfeld (1993, p. 106).

Conhecendo a história brasileira, na qual mesmo no período pós-abolição o trabalho manual ainda era estigmatizado, Rosenfeld é muito perspicaz ao notar que: “[Aos negros e mestiços] Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação.” (ROSENFELD, 1993, p. 85).⁴¹ Percebe, também, que o analfabetismo era um pretexto para que negros, mestiços e brancos pobres não conseguissem integrar as equipes e participar das competições do futebol. Afinal, numa sociedade de passado escravista, não se espera que o racismo se manifeste explicitamente em documentos oficiais das ligas de futebol. Embora tenha escrito que o “preconceito racial no Brasil” é relativamente “brando” e que “a democracia racial no campo logo reinou de forma ilimitada”, o autor não negou que dentro das torcidas e das dependências dos clubes grã-finos tenham sido proferidos insultos raciais (ROSENFELD, 1993, p. 87 e 98). Ao final, expõe o futebol como um canal de ascensão dos negros, sobretudo economicamente.

Depois desses três autores, o futebol, em especial a questão racial no seu interior, continuou a ser um tema preterido pela academia. Quando analisado nas décadas de 1960,

⁴¹ Na página anterior, contudo, o autor tece alguns comentários que, por mais bem intencionados, podem dar margem a uma interpretação racista do que escreve: “os negros, mulatos e brancos pobres” têm um “talento natural”; por não terem uma profissão, “podiam lançar toda a sua paixão no jogo”; e “homens de cor [...] tornados interiormente incapazes de enfrentar as exigências da vida” (ROSENFELD, 1993, p. 84-85).

1970 e mesmo 1980, era interpretado como “ópio do povo” por vários autores que se valiam das noções marxistas.⁴² Como salienta Toledo (2001, p. 150), eles têm uma concepção reducionista da noção de cultura, uma vez que, baseando-se no binômio estrutura-superestrutura, eles a determinam pelas condições materiais de existência. Somente nos anos 80, o futebol foi tomado como um objeto de estudo das várias áreas das ciências humanas, com destaque para a sociologia, antropologia e história.

Em 1985, Lúcia Helena Corrêa fez um texto acerca do racismo no futebol brasileiro. Inicia-o com uma frase forte: “O racismo [...] continua o mesmo, dos camarotes às gerais, entre cartolas e torcedores.” (CORRÊA, L. H., 1985, p. 31). E segue dizendo que “o racismo apenas apurou o próprio estilo”, abandonando expressões explícitas – “negro sujo” ou “crioulo nojento”, exemplifica – “para abrigar-se em conceitos mais modernos e menos vulgares. Mas nem por isso menos cruéis.” (CORRÊA, L. H., 1985, p. 31). Para tanto, cita que, depois da Copa do Mundo da Suécia (1958), ele foi travestido de paternalismo quando afirmaram a “superioridade do negro no futebol, graças à ginga e malandragem da raça.” (CORRÊA, L. H., 1985, p. 31). Entre outros exemplos recentes de racismo no futebol, a autora termina a introdução do texto fazendo críticas a Gilberto Freyre e Mario Filho e dizendo que, numa sociedade racista como a nossa, para o negro se sobressair não basta ser bom, é necessário ser ótimo, indispensável ser excelente, o melhor (CORRÊA, L. H., 1985, p. 32).

Em seu curto texto, L. H. Corrêa percorre rapidamente a história do futebol no Brasil narrando episódios conhecidos de racismo. Por fim, ela usa alguns argumentos para afirmar que o futebol como um todo está se embranquecendo.⁴³ Desde a seleção brasileira que de 1970 a 1984 diminuiu o número de jogadores negros (de cinco para três), passando pelas arquibancadas dos estádios, com o aumento do preço dos ingressos, até a entrada de futuros jogadores nos grandes clubes brasileiros, uma vez que os locais dos campos de várzeas e

⁴² Entre eles: Luigi Volpicelli, Gerard Vinnai, Juan José Sebrelli, Roberto Ramos, Renato Pompeu, Dante Panzeri. Cf. Toledo (2001, p. 139). Ver também: Meihy (1982, p. 17), Levine (1982, p. 39-40) e Murad (1995, p. 113).

⁴³ Joel Rufino dos Santos não usou exatamente este termo, mas afirmou que deveriam ser discutidos “o alijamento do jogador negro” depois de 1970 (principalmente na seleção brasileira de 1978, comandada por Cláudio Coutinho), a militarização do nosso futebol e a “rebelia” de vários jogadores (especialmente de negros como Reinaldo e Paulo César Caju). O historiador, assim como L. H. Corrêa e ao contrário de outros estudiosos do futebol que dão como acabado o processo de democratização racial neste esporte, identificou que insultos racistas continuavam sendo proferidos aos atletas negros na época em que escreveu seu livro. Cf. J. R. Santos (1981, p. 87, 89, 33 e 90).

terrenos baldios estavam cada vez mais sendo urbanizados e a prática profissional estava exigindo jogadores com melhores condições físicas. Assim, como os negros – que em sua maioria compõem as classes sociais mais baixas – conseguiriam chegar às escolinhas de futebol e investir em sua preparação física? Como podemos perceber, a autora finaliza o texto de maneira bem pessimista:

No futebol milionário, a competição, naturalmente, é cada vez maior, já entre os brancos. E, neste caso (é histórico), o negro perde terreno, devolvendo-se ao *esporte bretão*, que de 1895 a 1930 foi sua principal característica: um privilégio de brancos. (CORRÊA, L. H., 1985, p. 39, grifo da autora).

Em 1996, o antropólogo Marcos Alves de Souza escreveu um artigo no qual procura analisar a construção da nação brasileira a partir do futebol, a qual está baseada em códigos demarcadores de gênero e de raça. Segundo ele, as representações populares e mesmo as eruditas do “futebol-arte” – estilo brasileiro de jogar futebol que nos singulariza perante outras nações – associam-no diretamente ao negro.⁴⁴ Para essas pessoas, a raça negra tem o “biotipo” ideal para a “prática ‘maliciosa’ da bola” (SOUZA, M. A., 1996, p. 119), o que faz com que o autor caracterize este discurso como “biologizante” e como um efeito colateral da discriminação racial no futebol e na sociedade brasileira.⁴⁵ Concordando com a interpretação de L. H. Corrêa, M. A. Souza diz:

Em outras palavras, a atribuição de características negras como fundantes do nosso futebol, devido ao sucesso do negro nesta esfera de atividade, é dada como hereditária, ao invés de ser explicada em função do racismo de nossa sociedade. (SOUZA, M. A., 1996, p. 127).

Baseando-se em Mauss, ele sustenta que o conjunto de “técnicas corporais” que define a prática do futebol é transmitido “culturalmente aos seres humanos, sejam eles de que raça, origem, religião e sexo forem.” (SOUZA, M. A., 1996, p. 128). O autor defende que a habilidade dos negros, mulatos e brancos pobres no futebol seria explicada pela sua prática em condições adversas, sendo que, em condições ideais, torna-se de excelente nível técnico. Enfim, M. A. Souza busca devolver à cultura o que dela é e, assim, retirar características

⁴⁴ Sobre este assunto, consultar entre outros: Vogel (1982, p. 109), DaMatta (1994, p. 16), Gil (1994) e Helal e Gordon Júnior (1999, p. 22). A paginação deste último artigo, publicado em *Estudos Históricos*, não corresponde com a do periódico, já que foi extraído do site do CPDOC (http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=41).

⁴⁵ Helal e Gordon Júnior fazem uma observação importante que segue o mesmo raciocínio de Souza: “A passagem de especificidades culturais (produto da história) para essencializações raciais (inscritas na natureza das coisas e do mundo) é um passo muito curto ao qual devemos estar sempre atentos.” (HELAL; GORDON JÚNIOR, 1996, p. 19).

“inatas” imputadas à forma de jogo dos negros, o qual marcaria, por sua vez, o estilo brasileiro de futebol.

Assim como Lopes (1994), Cesar Gordon Júnior escreveu dois artigos tendo como referência principal o livro *O negro no futebol brasileiro*. Contudo, ao contrário daquele antropólogo, este não privilegia o aspecto biográfico de Mario Filho e a sua contribuição para o jornalismo esportivo brasileiro, mas, sim, a história dos negros em nosso futebol, dividindo em três momentos: 1. A democratização do futebol brasileiro, desde a introdução deste esporte neste país até a metade do século, período em que teria havido uma lenta aceitação do negro; 2. A Copa de 1950, na qual a derrota na final teria reacendido a discussão sobre as deficiências da raça brasileira, acusando-se negros e mestiços pela “tragédia”;⁴⁶ 3. O tricampeonato mundial em 1970, quando teria ocorrido o “coroamento do processo descrito por Mário como *a revanche do preto*”, centralizado no “maior ídolo do esporte de todos os tempos – Pelé” (GORDON JÚNIOR, 1996, p. 76, grifo do autor).⁴⁷ Nesta linha, o autor entende o futebol como um instrumento democratizador das relações entre raças no Brasil, que ocorreu em um processo lento e desuniforme de integração e de ascensão social dos negros. Isto não implica dizer que se pôs fim ao racismo, quer na sociedade brasileira, quer no futebol. Em suas palavras:

Durante um século, desde sua introdução aqui, o futebol funcionou ora como elemento integrador (louvando as características supostamente negras e mestiças do nosso futebol, como “ginga”, “malícia”, “arte”), ora como diferenciador (ressaltando as velhas idéias de inferioridade negra, incapacidade mulata). Conquistas e derrotas brasileiras em nível mundial marcavam os avanços e recuos do processo. As derrotas servindo para acentuar preconceitos e ratificar estereótipos (quando negros e mulatos – e, em momentos mais extremos, a própria nação, por ser considerada “híbrida” ou “mestiça” – eram diretamente responsabilizados pelo insucesso esportivo do país). As vitórias, entretanto, servindo como instrumentos de democratização e de maior aceitação da participação dos negros e mestiços na vida social e econômica. (GORDON JÚNIOR, 1995, p. 73).

⁴⁶ Sobre a Copa de 1950, consultar entre outros: DaMatta (1982), Perdigão (2000), Moraes Neto (2000) e Bellos (2003).

⁴⁷ A respeito da representação de Pelé como um modelo de “bom” comportamento para os negros, ler: Levine (1982) e Vieira (2003). Robert Levine vê Pelé como um divisor de águas na história do nosso futebol: “O reconhecimento de Pelé como o rei do futebol, no início de 60, simbolizava a prontidão da estrutura do futebol (e da sociedade em geral) em romper a relutância de exaltar o brilhante estilo pessoal, que G. Freyre, em Fausto e Leônidas, denominara dionisíaco.” (LEVINE, 1982, p. 34).

Assim, Gordon Júnior analisa que este processo não se deu contra a ideologia racista ou contra a fábula das três raças, mas dentro dela. É tendo isso em mente que, de acordo com ele, devemos entender a invenção de um estilo brasileiro de jogar futebol, tal como defende M. A. Souza. Lendo os escritos destes dois antropólogos, M. A. Souza e Gordon Júnior, percebemos o seu embasamento no texto de Arno Vogel (1982), o qual faz reflexões sobre o futebol e o ethos nacional a partir da discussão de dois momentos importantes para este esporte no Brasil: a derrota na Copa do Mundo de 1950 e o tricampeonato na Copa de 1970. Se naquela Copa, o povo brasileiro sentiu-se envergonhado, desonrado e humilhado, identificando três negros como culpados; nesta, sentiu-se orgulhoso da nação e viveu o maior carnaval, tendo em Pelé a grande estrela do campeonato.

Nos anos de 1998 e 1999, houve uma discussão em torno do livro de Mario Filho, a partir da tese de doutorado de Antônio Jorge Soares. Enquanto este autor faz uma série de críticas àquele jornalista e aos “novos narradores” (termo pejorativo e irônico usado por Soares para denominar um conjunto de intelectuais que teriam utilizado acriticamente os dados e interpretações de *O negro no futebol brasileiro*, livro que teria sido tratado por eles como história oficial e verdadeira do futebol brasileiro), Helal, Gordon Júnior e Murad defendem seus próprios trabalhos acadêmicos, Mario Filho e a sua obra.⁴⁸ Por sua vez, estes contestam a argumentação de Soares e arrolam uma série de equívocos que teriam sido cometidos, dentre os quais destacamos: a forma imprópria e desrespeitosa como criticou, a desvalorização dos relatos orais, a concepção estreita sobre a história e a negação da predominância de um idioma racial no decorrer da história do futebol brasileiro, o qual teria sido substituído pela questão do amadorismo *versus* profissionalismo.⁴⁹

Sem nos estendermos neste debate e compreendendo a contribuição histórica da obra (e não apenas deste livro) de Mario Filho, da qual sou admirador, expresso minhas dúvidas quanto a possíveis contribuições negativas à imagem do negro no Brasil, por mais bem intencionado que estivesse ao redigir suas crônicas e livros. Por exemplo: quando o jornalista escreveu sobre o episódio da estreia de Barbosa no escrete nacional, momento em que o goleiro não teria aguentado o pior e teria se borrado todo, chamando-o indiretamente de

⁴⁸ Consultar: Soares (1999).

⁴⁹ Cf. Helal e Gordon Júnior (1999) e Murad (1999). Outros autores que entraram nessa polêmica foram: L. Fernandes (2003), C. L. B. Silva (2006), M. R. Silva (2006) e D. A. Souza (2008).

tremedor (FILHO, 2003, p. 290)⁵⁰; ou quando fez uma crônica em 14 de janeiro de 1956 dizendo: “Eles [uruguaio] foram campeões do mundo porque deram um bofetão em Bigode. E enquanto precisarem esbofetear os Bigodes que aparecerem no caminho de uma vitória, não hesitarão.” (FILHO apud ANTUNES, 2004, p. 147). Dá a entender, para mim, que o centromédio Bigode foi covarde.⁵¹ Cito Mario Filho, mas poderia ser outro cronista daquela época, como o seu irmão, Nelson Rodrigues:

Vejam 50. Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta, da derrota. O gol de Gigghia ficou gravado, como um *frango eterno*. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da Espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado *frango de Barbosa*. (RODRIGUES, 1994, p. 71, grifos nossos).

Por mais que as crônicas sejam “portadoras de um *espírito do tempo*, de imagens de um tempo social” (ANTUNES, 2004, p. 44) e trabalhem com acontecimentos cotidianos e pontos de vista compartilhados, o quanto elas não expõem as opiniões e interpretações dos fatos por parte de quem as escreve? Por serem veiculadas em jornais e sendo capazes de atingir um número maior de leitores potenciais do que qualquer outro gênero literário, o quanto as crônicas destes jornalistas não teriam influenciado as opiniões das pessoas ou mesmo não teriam contribuído para a construção do mito sobre a Copa de 1950, por exemplo?

Baseado em pesquisa quantitativa, José Jairo Vieira elaborou no início deste século um significativo trabalho em que analisa atualmente os mitos e as crenças sociais de que no futebol não existe discriminação racial e de ascensão social dos negros e pardos através deste esporte. O autor constata poucos goleiros negros em atividade e que, segundo a literatura e o depoimento dos mesmos, isto se deve aos valores negativos associados desde a experiência de Barbosa na Copa de 1950. Na função de técnico, para a qual se associa liderança, discernimento tático, poder de abstração e capacidade intelectual, é ainda pior, já que só dois negros ocuparam este cargo na história da seleção brasileira. Assim, o sociólogo conclui que

⁵⁰ A respeito disso, o arqueiro criticou o jornalista e retrucou: “Mas eu nem quis contestar porque essa é uma baixeza tão grande que nem vou descer a esse nível.” (MORAES NETO, 2000, p. 50). Tanto Antunes (2004, p. 186) como C. A. F. Silva e Votre (2006, p. 18) fazem essa mesma observação a partir, respectivamente, das crônicas e do livro *O sapo de Arubinha* de Mario Filho.

⁵¹ Outras crônicas poderiam ser tomadas como exemplo: 1 de fevereiro e 31 de maio de 1958. Cf. Antunes (2004, p. 181, 160, 183 e 186).

“no futebol brasileiro o negro está mais para zagueiro raçudo do que para técnico estrategista” (VIEIRA, 2003, p. 226).

Acerca da distribuição salarial dos jogadores segundo a cor/raça, Vieira revela que os negros ocupam a base desta distribuição, ao passo que os brancos estão situados nos estratos mais elevados da mesma.⁵² Tendo em vista a escolaridade dos pais dos jogadores segundo a cor, o autor evidencia que as famílias dos jogadores negros e pardos manifestam uma situação sócio-econômica inferior à das famílias dos jogadores brancos, sendo aqueles de origem humilde e estes pertencentes à classe média. Com base numa tabela de mobilidade intrageracional (trajetória pessoal) dos jogadores segundo a cor, Vieira informa que a ascensão social intrageracional ocorre para a maior parte dos brancos e pardos, enquanto a maior parcela dos negros fica imóvel socialmente. Quanto à mobilidade intergeracional (trajetória familiar), negros, pardos e brancos demonstram dificuldade para a mobilidade ascendente via o futebol. Desta forma, o autor desmistifica “o senso comum que atribui o futebol como um meio eficaz de mobilidade para as pessoas pobres, em especial, para as pessoas negras” (VIEIRA, 2003, p. 235).

Entre todos os entrevistados, 84,7% não veem a existência de discriminação racial no futebol. No entanto, esta percepção diminui do branco para o negro. Os agentes mais listados por esta prática são: dirigentes, torcedores e os próprios jogadores. Com relação a formas de discriminação por este último grupo, os jogadores brancos perceberam apenas a manifestação menos sutil (tratar negros como crioulos, burros, macacos e pretos), que também foi destacada como a principal pelos pardos; já os negros dividiram-se de maneira igual entre as quatro formas indicadas, com graus de sutileza distintos (as outras três formas são: brincadeiras irônicas, menosprezo nas discussões e rivalidade por superioridade).

Ao final do artigo, Vieira trata dos estereótipos vinculados à prática esportiva e aos negros. Primeiro, há uma associação entre esporte e pouca inteligência, sobretudo no futebol, por ser o mais popular deles, ao contrário da natação ou do vôlei. Segundo, há uma afirmação comum da superioridade física e da forma de jogar dos não brancos, que, sem evidência científica, só serve para reforçar a discriminação social. O autor conclui “que, apesar do reconhecimento da importância do futebol para a valorização e aceite do negro e pardo na sociedade brasileira, nesta atividade não ocorre uma neutralidade ou uma inexistência de

⁵² Nesta pesquisa, foram entrevistados jogadores profissionais de futebol das três divisões do Estado do Rio de Janeiro, realizando um total de 327 questionários e 16 entrevistas.

discriminação.” (VIEIRA, 2003, p. 242). Para o sociólogo, a crença de que neste esporte não existem práticas e atitudes discriminatórias contra negros e pardos só mascara um processo que ocorre em toda a sociedade brasileira, além de dar a “incorreta sensação de que em algum lugar e de alguma forma eles podem não ser vítimas de discriminação.” (VIEIRA, 2003, p. 242).

Em 2004, José Sérgio Leite Lopes escreveu um artigo em que analisa a história do futebol brasileiro, desde a sua origem até os dias atuais, colocando em evidência os conflitos sociais e dilemas nacionais, com destaque para a questão racial. A respeito do período que vai até o tricampeonato mundial da seleção brasileira, o autor faz uma síntese dos vários trabalhos sobre futebol já elaborados, pontuando: o início elitista, o futebol de fábricas (atentando para o Bangu), a crise do amadorismo com a vitória do Vasco em 1923, a formação de um estilo brasileiro de futebol com a implantação do profissionalismo e a integração efetiva dos jogadores negros, a volta dos estereótipos racistas após a derrota na Copa de 1950 e a inversão dos estigmas sociais com as conquistas mundiais do nosso futebol.

Segundo o autor, a partir de 1970, aconteceu uma série de mudanças: oportunidades escassas de praticar futebol de maneira espontânea (campos de várzea sendo urbanizados, sobretudo em São Paulo); diminuição do patrocínio de práticas extrafabris pelas empresas (como o futebol); aumento relativo da participação de jogadores de classe média (iniciados via futebol de salão e futebol de praia); lutas por melhorias nas condições do profissionalismo no futebol; intensificação das transferências dos jogadores brasileiros para a Europa, Estados Unidos e Japão; hedonismo consumista dos jogadores que ascendem socialmente (observando que os atletas negros são suspeitos pela polícia); evangelização de um grupo grande de jogadores; aumento de grupos de torcedores (formados predominantemente por jovens); aumento do número de profissionais diversificados associados ao esporte (profissões do corpo, *marketing* esportivo, imprensa esportiva, pessoal de serviço etc.); transmissão televisiva direta de torneios e partidas para qualquer lugar do mundo ao vivo; e, enfim, do comercialismo dentro do futebol. Lopes conclui avaliando a participação das classes populares (negros, mestiços e brancos pobres) no futebol brasileiro:

Pela linguagem do corpo e pela invenção de um estilo original de um esporte quase universal, essas classes populares brasileiras puderam silenciosamente contribuir para sua elevação social relativa e ao mesmo tempo fornecer um domínio importante de identidade nacional, invertendo, nesse campo, os estereótipos racistas e de

etnocentrismo de classe das elites e internalizados no conjunto da sociedade. (LOPES, 2004, p. 156).

Carlos Alberto Figueiredo da Silva e Sebastião Josué Votré publicaram em 2006 o livro *Racismo no futebol*, no qual, baseados principalmente em estudos de etnometodologia e na teoria das representações sociais, fazem uma análise da imprensa esportiva brasileira na cobertura das Copas do Mundo de 1950, 1982, 1986, 1990 e 1998, competições em que a seleção nacional não se sagrou campeã. Os autores afirmam que a discriminação racial em nosso futebol é “ativa e operativa, fundada no imaginário social brasileiro. O estigma persiste, de forma latente, ressurgindo em situações de conflito.” (SILVA, C. A. F.; VOTRE, 2006, p. 9). Em cada Copa do Mundo citada, a mídia teria personificado a culpa da derrota em um dos jogadores da seleção: Barbosa em 1950, Zico em 1982 e 1986, Dunga em 1990 e Ronaldo em 1998. Contudo, haveria uma diferença no teor das críticas dirigidas aos jogadores brancos e negros: os primeiros seriam acusados enquanto atletas, em seu desempenho técnico e tático; os segundos seriam acusados enquanto pessoas, em sua fibra, coragem e moral.

Ao final do livro, C. A. F. Silva e Votré fazem uma interpretação sobre o caso Grafite-Desábato.⁵³ Segundo eles, o “racismo para fora” é exercido com mais ênfase do que o “para dentro”, que é naturalizado e camuflado. Desábato teria sido tomado como bode expiatório, para o qual teriam sido descarregadas todas as nossas “frustrações, ódios e tensões acumuladas” (SILVA, C. A. F.; VOTRE, 2006, p. 75). Assim como Grafite, ele seria, na opinião dos autores, uma vítima. Independentemente dos motivos pelos quais levaram a mídia e a polícia brasileiras a explorarem a ofensa racista vinda do argentino, Desábato, de fato, discriminou racialmente o Grafite e, desta forma, no meu entender, deveria ser julgado de acordo com as leis deste país. O que é lamentável, além da forma como o episódio foi tratado, é o seu resultado e a falta de uma discussão profunda sobre o racismo quer no futebol, quer na sociedade brasileira. Afinal, são inúmeros os casos de insulto racial no Brasil e pouquíssimos deles ganham repercussão.⁵⁴ Uma prova disso é a diferença na abordagem dos episódios

⁵³ A respeito disso, consultar também: Abrahão e Soares (2007).

⁵⁴ Um desses episódios foi o sofrido pelo sambista Dudu Nobre e sua família em 17 de novembro de 2008. Eles acusaram a tripulação da companhia aérea da American Airlines de agressão e racismo. Assim como o caso Grafite-Desábato, este também se caracteriza pelo racismo vindo de fora. A respeito de um estudo sobre insultos raciais, ver capítulo 6 do livro de Guimarães (2002).

envolvendo brasileiros na Europa em comparação com aqueles sofridos pelos negros em próprio solo nacional.⁵⁵

Finalmente, destacamos o recente livro de José Miguel Wisnik, no qual ele procura fazer ligações entre o jogo e os processos que o cercam, entre o interno e o entorno do futebol. Escrevendo de maneira simples e, ao mesmo tempo, erudita, o autor trabalha com uma infinidade de intelectuais (brasileiros e estrangeiros) para tentar compreender melhor este esporte e os seus significados no Brasil. Buscando entender o porquê de os negros e mulatos dominarem o esporte em geral e o futebol brasileiro em particular, Wisnik baseia-se em Gumbrecht para advogar em favor do desencantamento de um tabu, qual seja a

[...] afirmação de que afrodescendentes manifestam uma *propensão congénial* a responder instantaneamente, e com o corpo todo, a desafios que se colocam e se resolvem no tempo-espço do jogo, assim como no da música e da dança. Trata-se de uma capacidade de improvisação encarnada que poderia se traduzir na palavra *prontidão*, no sentido de presteza, agilidade, desembaraço espontâneo diante de uma demanda objetiva que encontra eco no desejo do sujeito. (WISNIK, 2008, p. 226, o primeiro grifo é nosso; o segundo, do autor).

Sabendo que está tocando em um assunto muito delicado e correndo o risco de ser mal-entendido pelos leitores, o autor, logo em seguida, diz que sua afirmação não deve ser confundida com racismo (WISNIK, 2008, p. 227). Para tanto, ele acredita que “bossa” seja um termo mais apropriado, já que

[...] virou no Brasil o significante de um “patrimônio imaterial” de difícil nomeação: a ginga, o jeito, a disposição a habitar o intervalo do ritmo, os hiatos da linguagem, os meneios do corpo, ou seja, um equivalente mais qualificado de *prontidão*. Pode-se dizer que a *bossa* é uma *prontidão avisada*, que conhece os atalhos do tempo e do espaço, que vai sem pressa e sem abrir mão da graça e da malícia. (WISNIK, 2008, p. 230, grifos do autor).

Em seguida, Wisnik diz que o não lugar da linguagem (em “O samba [o futebol], a prontidão e outras bossas/ são nossas coisas/ são coisas nossas”) é justamente o correspondente eficaz do nosso estilo futebolístico, “um traço marcadamente da cultura” e, ao mesmo tempo, “uma estratégia *congénial* à condição da carência, da falta e da pobreza.” (WISNIK, 2008, p. 230-231, grifo nosso). O mulato (não necessariamente o mulato literal)

⁵⁵ O próprio jogador Grafite voltou a ser vítima de racismo em jogo que marcou a despedida de Romário da seleção nacional, 13 dias após o episódio envolvendo o argentino. Na ocasião, algum torcedor brasileiro jogou uma banana em campo com as inscrições “Grafite macaco”.

seria o agente metacultural por excelência da “prontidão” e da “bossa”, o mediador da reciprocidade cultural – não o representante de uma suposta naturalização da cultura – e o relativizador da fixidez das raças e das culturas.

Se não interpretei o autor equivocadamente, uma junção entre as técnicas corporais da cultura negra e a condição social inadequada em que os negros vivem no Brasil daria a este contingente populacional um “DNA cultural” (WISNIK, 2008, p. 361) capaz de fazê-lo inventar maneiras artísticas de se sobressair no futebol, na música e na dança, tendo “um papel decisivo na constituição cultural do Brasil moderno” (WISNIK, 2008, p. 229).⁵⁶

Embora tenha entendido a argumentação de Wisnik que ressignifica e tenta descolar o racismo dos termos que utiliza para caracterizar a capacidade dos negros no futebol, tanto “prontidão” como “bossa” remetem inevitavelmente a características biológicas. O uso das palavras “congenial” e “DNA cultural” torna, a meu ver, isso mais explícito e, assim, seu discurso tende a ser “biologizante” – tal como advertiram M. A. Souza (1996) e Helal e Gordon Júnior (1999) –, por mais que ele não tenha dito: que todos os negros têm capacidade de prontidão nos esportes; que somente eles detêm tal prontidão; ou, ainda, que esta é a única capacidade deles. A impressão que tive é que ele gostaria de falar sem preocupação de ser repreendido, sem ser politicamente correto, como o fez João Saldanha, que, segundo o próprio Wisnik, “não se intimida com o tabu apontado por Gumbrecht [...] e afirma, de boca cheia, que negros e mulatos têm uma facilidade *atávica* para o futebol.” (WISNIK, 2008, p. 298, grifo nosso).

O autor entende que a democracia racial se realiza no futebol, porém não se completa na sociedade brasileira. Diz ele:

O futebol chegou a se formar [...] e a nação não. Os destinos opostos da cultura e da sociedade apresentam-se como duas faces do mesmo nó, e a terapia pela cultura, que faz do mal o seu antídoto, resiste no seu ponto estacionário. Não é à toa que, visto pelo prisma do futebol, que o encarna aos olhos de todos, *o país se realiza extraordinariamente enquanto não se realiza nunca*. (WISNIK, 2008, p. 244, grifos do autor).

Fazendo uma releitura do futebol brasileiro a partir de Gilberto Freyre e Mario Filho, Wisnik vê o futebol como “o *fármakon* prodigioso, o veneno remédio que converte a

⁵⁶ Na visão de Jocimar Daolio, a explicação da boa capacidade de negros para o futebol se deve pela maior concentração desta população nas camadas populares e não por algum componente biológico. Cf. Daolio (2000, p. 31).

violência, a desagregação social, o primarismo, o oportunismo vicioso e estéril, em arte e em perspectiva de afirmação do país.” (WISNIK, 2008, p. 243).⁵⁷ Contudo, do mesmo modo como avançou, o processo, segundo ele, é virtualmente reversível, uma vez que a violência e a sublimação estão intimamente ligadas. Pelo futebol, argumenta, pode-se ler que “o Brasil é uma droga”, sendo ao mesmo tempo esta expressão salvadora e mortífera, redentora e destrutiva, crédito inflado e desprezo, tudo e nada, numa oscilação polarizada. Para Wisnik, curar esta ambivalência é precondição imaterial de qualquer mudança neste país.

O autor faz, ao final do livro, uma crítica da crítica da ideia de mestiçagem elaborada por uma “militância racialista de inspiração norte-americana, com presença significativa na universidade”, a qual “pretende converter os termos complexos do problema à oposição inequívoca entre branco e negro.” (WISNIK, 2008, p. 421). Se todos os brasileiros são “mestiços”, por que existe discriminação racial neste país? Será que alguns são mais “mestiços” do que outros? Discordando dele, relembro que, se o dualismo racial norte-americano levou a um racismo explícito, a nossa mestiçagem acarretou em um racismo cordial, dissimulado. Para quem sofre, imagino ser doído do mesmo jeito, independente da forma de expressão. Tenho a impressão de que o mito mesmo desmistificado da nossa democracia racial é tão forte que nós, brasileiros, não conseguimos nos libertar dele, por mais que se prove a discriminação racial sofrida pelos negros neste país, inclusive no futebol e na música.⁵⁸

Ainda que as ideias de Wisnik sejam trabalhadas de maneira encantadora, entendo que a dureza da realidade (prática) racista no Brasil é maior do que a beleza do ideal (sonho, teoria) da democracia racial. Assim como ele, eu não sou negro, mas vejo que a conscientização identitária no tocante à raça da nossa população é a saída mais rápida para a luta por políticas de ação afirmativa que visem a diminuição a curto prazo da desigualdade social entre brancos, de um lado, e negros, brancos pobres, índios, deficientes físicos etc., de

⁵⁷ Sobre o papel do *fármakon*, o autor escreve: “ele é a força que revira em seu contrário, o *mesmo* que se transforma em *outro*, o avesso do avesso.”. Ou ainda: “essa força extraiu da formação escravista brasileira o seu *fármakon* e virou a história do Brasil de ponta cabeça, embora na dimensão lúdica e simbólica.”. E mais adiante: ““transformar o tabu em totem”, virar o recalque de ponta-cabeça e converter os próprios entraves traumáticos da formação brasileira em fermento libertador.” (WISNIK, 2008, p. 243, 390 e 415, grifos do autor). Embora tenha escrito sucintamente, Mauricio Murad também analisou o futebol como uma “espécie de *phármakon*” (MURAD, 1995, p. 111, grifo do autor).

⁵⁸ Vide: Vieira (2003) e R. S. Corrêa (2009).

outro. A meu ver, ou entramos nesta dividida ou os negros continuarão perdendo o “jogo” neste país, apesar da sua ginga, malícia, malemolência...

Que balanço podemos fazer após todos estes textos? Apresento sinteticamente alguns pontos que podem ser aludidos: 1. Há uma crença social incorporada por uma parcela dos intelectuais de que o futebol é um espaço racialmente democrático em sua totalidade, e a aceitação paulatina dos negros enquanto jogadores ao longo das primeiras décadas deste esporte no Brasil cumpre um papel importante na consolidação deste imaginário; 2. Outra crença existente da mesma forma é a de que os negros possuem um dom “natural” para a prática dos esportes e, particularmente, do futebol, sendo a eles associado o estilo brasileiro de jogar futebol, o qual é denominado de “futebol-arte”; 3. De maneira geral, os textos apontam para uma existência mais aparente do racismo no futebol aqui praticado até a primeira conquista brasileira em Copas do Mundo (1958) e, também, para uma importância simbólica do tricampeonato (1970) que teve como maior ídolo mundial o negro Pelé; 4. A maioria dos textos não volta a atenção para a questão racial no período recente do nosso futebol (pós-1970); 5. Do mesmo modo, a minoria se vale dos relatos de negros para analisar as relações raciais neste esporte; 6. Praticamente, não se discute a presença e a atuação de negros em funções outras no futebol que não a de jogador profissional, tais como: treinadores, árbitros, dirigentes e jornalistas. Ora, uma pesquisa que se utiliza dos procedimentos metodológicos da história oral pode não só contribuir bastante para o preenchimento das lacunas mencionadas nestes três últimos pontos como também abrir novas discussões a partir das memórias, histórias e subjetividades emergidas nas narrativas de pessoas que, quase sempre, foram esquecidas pela historiografia.

Por fim, é importante notar que esta visão democrática racial da evolução do nosso futebol ao longo da primeira metade do século XX até as conquistas nacionais é reproduzida constantemente não só em livros, mas, também, em arquivos e museus. Basta ver, por exemplo, as exposições do Arquivo do Estado de São Paulo (http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_futebol/index.php), do Museu Afro Brasil (“De Arthur Friedenreich a Edson Arantes do Nascimento: o negro no futebol brasileiro”) e, principalmente, a sequência das salas do Museu do Futebol (As origens, Os heróis, Rito de passagem, Copas do Mundo e Pelé e Garrincha). A impressão que se tem é que, após o caminho percorrido, não há mais racismo no futebol brasileiro, devidamente derrotado em

1970 e esquecido a partir desta data mágica. Ao meu olhar, é um elogio à democracia racial, uma homenagem ao Mario Filho e uma reprodução idílica da história do futebol brasileiro.

1.2.3. Andamento das entrevistas

Com o objetivo de analisar todas essas questões, fui a campo entrevistar negros e brancos que atuaram ou atuam no universo do futebol brasileiro entre 1970 e 2010. Em pouco mais de dois anos, realizei vinte longas entrevistas, que juntas passam de quarenta horas de gravação, o que dá uma média aproximada de duas horas por entrevista. Evidentemente, aqueles que se identificaram mais com a proposta narraram por horas, sem se preocupar muito com a duração da entrevista ou mesmo do encontro. Não à toa, as poucas entrevistas que não passaram de uma hora foram realizadas com brancos. Embora as indicações de possíveis colaboradores tenham sido inúmeras e apesar de ter procurado outras tantas pessoas, estabeleci vinte entrevistas para que conseguisse dar conta do andamento da pesquisa. No quadro 1, apresento os colaboradores deste projeto, a(s) rede(s) à que pertencem e a data das entrevistas.

Quadro 1 – Entrevistas realizadas

Nº	Colaborador	Rede(s)	Entrevista(s)
1	Juca Kfourì	Jornalistas	9/10/2007
2	Renato Camargo	Torcedores	24/4/2008
3	Celso Unzelte	Jornalistas	30/4/2008
4	Bizi	Jogadores e Treinadores	2/7, 16/7 e 23/7/2008
5	Junior	Jogadores, Treinadores, Dirigentes e Jornalistas	7/7/2008
6	Paulo Cesar de Oliveira	Árbitros	1/10/2008
7	Luiz Flávio de Oliveira	Árbitros	9/10 e 13/11/2008
8	Lula Pereira	Jogadores e Treinadores	15/7/2009
9	Miguel Archanjo de Freitas Júnior	Intelectuais	17/7/2009
10	José Carlos Serrão	Jogadores e Treinadores	24/7/2009
11	João Paulo Araújo	Árbitros e Dirigentes	4/8/2009
12	Luiz Carlos Ribeiro	Intelectuais	10/9/2009
13	Jairo	Jogadores	11/9/2009
14	Valmir Jorge	Jornalistas	12/9/2009
15	Arlei Damo	Intelectuais	15/9/2009
16	Sérgio Grillo	Dirigentes	16/9/2009
17	Benecy Queiroz	Dirigentes	25/9/2009
18	Luiz Onofre Meira	Dirigentes	31/10/2009
19	Alex Minduín	Torcedores	12/11/2009
20	Abel Neto	Jornalistas	17/11/2009

No quadro 2, esquematizo as indicações de pessoas que foram entrevistadas. O procedimento do ponto zero e das redes mostrou-se bastante válido, tanto que as indicações se entrecruzavam. Como pode ser visto, Lula Pereira e Paulo Cesar de Oliveira, ambos indicados por Juca Kfourì, foram as pessoas mais lembradas, justamente por serem os negros mais conhecidos dentro das suas profissões, o que já evidencia uma restrição reveladora no mercado de trabalho. É nítida, também, uma pequena divisão das redes em dois blocos: um contendo profissionais mais ligados ao campo de jogo (jogadores, treinadores, árbitros e jornalistas) e que, em virtude desta proximidade, acabaram sugerindo indicações de colegas; outro contendo redes (dirigentes, torcedores e intelectuais) mais distantes entre si e, também, mais fechadas, permitindo-me pouco prosseguimento em busca de novos colaboradores.

Quadro 2 – Esquema das indicações de entrevistados

Por fim, apresento um quadro que diz respeito ao período de atuação dos colaboradores ao longo do tempo abrangido por este projeto, de 1970 a 2010. Permite ver como a carreira pode ser curta e difícil para jogadores, treinadores e árbitros. Mais do que isso, revela como o investimento em uma nova profissão dentro do universo do futebol não é garantido. Em contrapartida, os dirigentes perpetuam-se dentro dos seus clubes.

Quadro 3 – Atuação dos entrevistados ao longo do tempo (1970 – 2010)

A seguir, exponho algumas narrativas transcritas que foram escolhidas pelo que revelam, sobretudo, em termos de experiências e idiossincrasias. A ordem de apresentação segue daqueles sujeitos mais ligados mnemonicamente ao futebol (jogadores) àqueles mais distantes (intelectuais), tal como nos quadros apresentados acima. Cada rede é representada por um colaborador.

PARTE 2 – NARRATIVAS

2.1. REDE DOS JOGADORES

Bizi: “A vivência que tive e tudo que aprendi eu devo ao futebol!”

Infância

Vou começar a contar a minha história de vida pela infância. Afinal, esse caminho que tô trilhando hoje começou lá atrás... Eu sou paulistano, nasci em São Paulo mesmo, na Vila Carrão, subdistrito de Tatuapé. Vivi lá até meus 38 anos. De lá pra cá, fixei residência na Mooca, já que minha esposa é daqui. Mas, desde os 15, eu já conhecia o bairro porque jogava no Juventus.

A minha família, graças a Deus, é bem unida, apesar das dificuldades que a gente passava... Naquela época, a gente só tomava leite em casa aos domingos. Durante a semana, tinha apenas chá ou café. Pão com recheio era a mesma coisa... Mas, não lembro disso com tristeza, não. Lembro com alegria porque vivia tão bem! Na minha infância, passei algumas vontades, principalmente na época de Natal. Mas, a vida da gente era tão feliz! O meu pai e a minha mãe eram muito queridos pelos nossos padrinhos, que, até por serem bem de vida,

nunca nos deixavam sem presente... E o meu pai me passou um ensinamento muito bom que, até hoje, eu conservo. Ele sempre falava pra mim:

— Filho, um dia eu não vou estar aqui, mas você dá sequência nessas amizades que o papai criou.

E eu estou dando sequência até hoje. Mas, o meu pai foi o melhor e o único amigo que tive na vida! Porque ele teve presente tanto nos bons momentos, quanto nos piores que eu passei. Sempre estive ali do meu lado, junto de mim...

Desde os 8 anos de idade, fazia os meus próprios brinquedos. Sabia fazer, mas, hoje, esqueci tudo! Foge da minha cabeça. Afinal, tenho 53 anos... Mas, não posso falar que a minha infância foi triste. Não foi triste! Foi assimmm... sofrida, mas sempre tivemos onde morar e nunca passamos fome. Fomos privados de algumas coisas, só que fome, graças a Deus, nunca passamos! Nem eu, nem as minhas irmãs. Aliás, tenho três irmãs: uma mais velha e duas mais novas...

Quando era criança ainda, meu pai se aposentou muito cedo por invalidez. Ele passou a sustentar a gente com os biquinhos que fazia. Sempre nos educou de uma forma boa. Até hoje, eu tenho orgulho de ter a educação que meu pai me deu. Por isso que tenho portas abertas em vários lugares! Aprendi a fazer amizades, né? Essa é uma herança boa que eu vou levar pro resto da minha vida. E procuro passar essa educação que eu tive pros meus alunos, pros meus filhos, pros meus sobrinhos... Tenho certeza que vai servir pra vida deles...

Tenho saudades da minha infância... Se falar que não tenho, é mentira! Na verdade, tenho muita saudade! Porque, apesar das dificuldades, ela foi feliz. Feliz mesmo! Hoje, infelizmente, vejo algumas situações de crianças carentes, que não têm a infância que eu tive. Crianças que não têm pai nem mãe, que passam fome, que não têm aonde morar... Fico bastante sensibilizado com essas situações. Como tive tudo isso, graças a Deus, dou cada vez mais valor à minha infância.

É dessa época que vem o meu apelido. Desde pequenininho, a minha irmã mais velha me chamava de Bizi. Segundo meus pais, ela falava no começo Tibizi. Era Ti-bizi! Com o passar do tempo, ela tirou o “ti” e ficou Bizi. Aí, todo mundo passou a me chamar assim e o apelido pegou...

Uma vez, li num livro que Bizi é um pássaro preto, magrinho e esperto. Eu também era bem mirradinho. Até porque, a minha natureza sempre foi ser magro... Tem muita gente

que acha que é sobrenome, mas meu nome não tem nada a ver com o apelido. Eu me chamo Carlos Roberto Bento. Até tem pessoas da família mesmo que às vezes perguntam:

— Qual teu nome mesmo?

Afinal, pra qualquer lugar que eu vou, sou conhecido como Bizi. Por Carlos Roberto mesmo, ninguém me chama. Até porque, ninguém conhece meu nome; já o apelido, marcou. Então, essa é uma herança da minha irmã mais velha que tem três anos a mais do que eu... Me falaram algumas vezes que Bizi não me ajudou na carreira. Mas, não é verdade! Porque só vivi coisas boas no futebol. Se não tive sorte, não foi por isso. Este, realmente, era um caminho que não tava destinado pra mim. De repente, Deus tá preparando uma coisa muuuito melhor! E eu sei disso. E vai acontecer!

Santos Foguinho da Vila Carrão

Comecei a jogar futebol com 10 anos de idade. Jogava descalço mesmo, ao contrário dessa garotada de hoje, que tem material adequado. Na minha época, jogava em campo de terra, na rua, aonde desse. Em uma daquelas brincadeiras ali na rua, uma pessoa do meu bairro, que tinha um time de futebol, me convidou pra jogar. Aí, eu fui com toda a minha esperança. Acho que, desde garoto, já era predestinado mesmo...

Eu e o pessoal da minha geração, a gente gostava mesmo de jogar futebol. Porque, na época, não tinha muitos jogadores bons, a não ser o Pelé. É que nem eu sempre falo: torcia pro Santos por causa do Pelé! Do mesmo jeito que, recentemente, a molecada torcia pro São Paulo por causa do Kaká. Então, queria ser atleta profissional de futebol e o meu sonho era jogar no Santos! Iniciei no Santos Foguinho da Vila Carrão, aonde desenvolvi meu futebol.

Antes de começar como lateral, eu jogava de ponta-direita ou ponta-esquerda. Apesar de ser destro, tinha facilidade para usar os dois pés... Por esse time, disputei o primeiro campeonato de dente-de-leite em 1969, que era, na época, transmitido aos sábados pelo canal 4, a TV Tupi. Num certo jogo, o lateral esquerdo titular faltou e o dono do time, o senhor Astrogildo, começou a perguntar pros jogadores:

— Quem pode jogar nessa posição?

Um falava:

— Ah, eu não vou porque não chuto com a perna esquerda.

Outro:

— Ah, eu não vou porque não gosto.

E eu só ouvindo e me trocando, né? Aí, quando chegou em mim:

— Bizi, você é o último. Dá pra quebrar o galho na lateral esquerda?

— Dá, seu Astrogildo. Eu vou.

Pra minha sorte, teve essa emergência e eu joguei de lateral esquerda naquela partida. Nós ganhamos de 3 a 1 do BANESPA, que era o time do Wladimir que depois jogou no Corinthians, eu fiz um dos gols e fui escolhido o melhor jogador em campo. O prêmio que ganhei foi um relógio e um emprego nas antigas Lojas Eduardo, que vendia calçados. Lembro que trabalhei por algum tempo nessa loja... Depois desse jogo, nunca mais larguei a posição.

Ninguém acreditava que eu ia mudar de uma maneira tão radical de posição. Porque, até então, jogava de ponta-direita, que tinha mais concorrência, mas que dava mais visibilidade. Inclusive, segundo uma reportagem que saiu no jornal, cheguei a ser aplaudido de pé pelo público num jogo em Pirassununga... Mesmo assim, pela facilidade que eu tinha pra me movimentar e pelo meu desenvolvimento na nova posição, resolvi mudar. E não me arrependi, não. Porque, às vezes, eu paro pra pensar que, se não tivesse ido pra lateral, não teria a oportunidade que tive e não conseguiria ser atleta profissional. Por isso, falo que foi Deus que me direcionou pra tudo isso que aconteceu... Pra tudo que faço na minha vida, sempre peço orientação a Ele. Nessa e em tantas outras decisões que tomei no passado e em todas as próximas que vou tomar daqui pra frente, eu acredito que é Ele quem me direciona.

Garoto do Pelé

Eu cito e vou citar ainda muitas vezes o Pelé, porque, nessa época, ele falou de mim numa reportagem sobre o dente de leite. Isto que estou desembrulhando é uma relíquia, uma joia rara!

Isso aqui não tem dinheiro que pague!... Não tem porque foi uma coisa que vai ficar marcado pro resto da minha vida! Tá aí a data: 1969... Eu tinha 14 anos nesta foto, mas o texto diz que tava com 10... Este é o campo do Nacional, na Comendador Souza. Era ali onde o Foguinho da Vila Carrão jogava.

Então, fizeram uma reportagem com o Pelé, com o Rivelino e com outros jogadores antes da Copa de 70 para saber quais os garotos que eles gostavam do dente de leite. Aí, o Pelé falou:

— O Bizi do Santos Foguinho da Vila Carrão.

Isso foi quando tinha 14 anos, mas olha a data que peguei a assinatura do Pelé... só em 29 de agosto de 2006. Há um ano atrás! Ele assinou no dia da inauguração do busto dele no estádio do Juventus. E veio o Pelé e todo o máster da seleção brasileira jogar contra os veteranos do Juventus. Eu também fui convidado pra participar. Na verdade, a minha intenção não era nem jogar, mas pegar essa assinatura que você está vendo aqui. Sem dúvida, isso era muito mais importante pra mim! Tanto que, na hora que eu entrei no vestiário, vi o Neto, que tá na Bandeirantes, e fui na sua direção pra conversar. Não cheguei a jogar contra ele, mas se lembrou de mim. Aí, falei:

— Neto, preciso chegar lá do lado do Pelé por causa disso aqui. — e mostrei o quadro — Quero pedir um autógrafo pra ele.

— Bizi, se você não conseguir chegar perto dele, eu te levo até ele.

Porque é muito difícil chegar na frente do Pelé. Mas, nem precisou. Nós nos reunimos no vestiário e o Pelé passou cumprimentando um por um. Quando chegou na minha vez, cumprimentei, abracei e perguntei se ele lembrava disso aqui. Então, disse:

— Claro que eu lembro! Tá velho, hein!? – brincou comigo.

Aí, pegou uma caneta, autografou, tiramos uma foto. Foi aquela emoção... Trinta e quatro anos depois... Olha, isso aqui pra mim ééé... é tudo! Meu lado profissional tava começando e uma pessoa que já era consagrada no mundo inteiro falar isso de mim é motivo de muito orgulho. É emocionante! Por isso que falo que não tive foi sorte, oportunidade... As que eu tive, aproveitei. Mas, essa daqui é uma das maiores lembranças da minha carreira.

Fiquei sabendo dessa reportagem no dia que saiu. Na época, esse jornal aqui, o Popular da Tarde, era muito famoso. Hoje, eu não sei se é o Jornal da Tarde. Um amigo meu viu a matéria e me avisou. Aí, foi aquela correria. Comprei vários exemplares. Todos da minha família têm essa foto! Peguei pra cada um deles... A partir disso, fiquei conhecido como o garoto do Pelé. Até hoje, tem amigos que me chamam:

— Ó o garoto do Pelé aí!

Então, é uma coisa tão gratificante pra mim que não tenho palavras pra descrever, sabe? É só a gente sentir mesmo!...

Isso foi motivo de muita festa no Foguinho da Vila Carrão. Até fiquei mais conhecido, né? Deu, também, um nome pro clube, que era de bairro, pobre na época. O senhor Astrogildo enfrentava as suas dificuldades também... Hoje, não. Tá bem avançado tudo. Depois, quando eu passei a ganhar dinheiro, ajudava ele um pouquinho. Às vezes, dava um dinheiro pra ele comprar alguma coisinha, material esportivo e tal. Tudo dentro da minha possibilidade, é claro. O que a gente ganhava era pra sobreviver! Mas, não passava necessidade.

Vários serviços

Através do campeonato e desse time de dente de leite, fui aparecendo e surgiram as primeiras oportunidades. Cheguei a fazer testes no São Paulo na mesma época que o Muricy Ramalho, que é amigo meu. Passei, mas, depois de seis meses, desisti do futebol por causa da minha família. Eu e a minha irmã mais velha precisávamos ajudar em casa, já que meu pai ficou doente. Aí, voltei à minha vida de novo...

Fiz vários serviços. Ajudava a minha mãe, por exemplo. Ela lavava e passava roupa pra fora e eu fazia as entregas ou, então, buscava as peças de roupa. Cuidava da casa... Na época, as ruas não eram todas asfaltadas como são hoje e nem todos os quintais das casas eram cimentados. Quando algum vizinho queria limpar o quintal, aí eu carpia e ganhava um dinheiro, né?

Também cheguei a trabalhar na rua. Fazia carreto na feira, coisa que sumiu dos anos 80 pra cá. Eu lembro que voltava da escola ainda pela manhã, tirava meu uniforme e colocava a minha roupa de “pilha”, como se diz no popular. Aí, era só pegar meu carrinho, que eu mesmo tinha feito com rolimã e caixa de bacalhau, e ir pras várias feiras-livre. A cada dia, a gente ia numa feira diferente. Digo “a gente” porque vários garotos da minha idade faziam isso. Então, nós ficávamos num determinado ponto e, quando víamos uma pessoa saindo da feira com dificuldade de carregar as coisas, a gente se apresentava e se oferecia para conduzir até o carro ou até a residência... Durante muitos anos, eu fiz isso e ganhei dinheiro assim. E não era só dinheiro! Ganhava alimentos, roupas, frutas... Porque já tinha uma freguesia certa.

Até os meus 13, 14 anos, trabalhei de marreteiro junto com meu melhor amigo de infância. Até hoje, a gente se comunica e mantém essa amizade... A gente vendia *tupperware*, baldinho, pratinho, manteigueira, saboneteira, ralador... e uma série de coisas pra ganhar um troquinho, né? Porque, quando comecei a me envolver com o futebol nessa época, não ganhava nada ainda! Não tinha nem uma ajuda de custo... Os meus pais, por mais que quisessem, não podiam me dar nada. E eu me virava bem, viu! Não tenho vergonha de falar isso.

Então, fazia de tudo um pouco. Com o dinheiro que conseguia, ajudava a minha mãe e ainda me deslocava até os treinos. Como na minha época eram só dois por semana, eu tinha tempo pra estudar, pra trabalhar e pra treinar. Precisava desses serviços porque, senão, não teria como pagar a condução pra ir treinar. Do bairro onde eu morava, do Carrão, até o Bom Retiro, perto da Marginal Tietê, era uma boa distância. O campo de treinamento do São Paulo ficava ali. Então, pegava um ônibus até a Praça da Sé e, de lá, ia a pé! Mesmo assim, eu fui galgando e superando as dificuldades...

Desilusão

Saindo do São Paulo, fiquei longe do futebol por mais ou menos um ano. Só retornei quando tive a oportunidade de jogar nas categorias de base da Portuguesa. Foi uma passagem boa, conheci o Enéas, falecido Enéas, e vários outros atletas. Com alguns deles, mantenho contato até hoje... Mas, um ano e meio depois, tive outra dificuldade e larguei o futebol. Na verdade, foi uma desilusão.

O que aconteceu foi o seguinte. Apareceu uma pessoa do departamento amador que disse querer me ajudar. Nesse espaço de tempo, quando joguei o campeonato dente-de-leite, consegui um emprego e a empresa me dispensava duas vezes na semana pra treinar na Portuguesa... Essa pessoa, que era diretor na época – não quero citar o seu nome –, conseguiu fazer minha cabeça pra mim não trabalhar mais e só treinar e jogar pelo clube. Em troca, me ofereceu um salário que era mais do que ganhava nesses serviços que fazia. E eu acreditei nele e me empolguei, né!? Cheguei em casa, conversei com meu pai e expliquei a proposta. Mas, meu pai me alertou:

— Pensa bem!

— Ah, pai, é melhor pra mim porque trabalhar e treinar ao mesmo tempo é muito cansativo.

Bem, acabei me iludindo com a promessa dessa pessoa. Jamais poderia esperar que ela me enganaria daquela maneira. No primeiro mês, ela pagou direitinho o meu salário. No segundo, também. No terceiro e no quarto mês, atrasou o pagamento. Quando chegou no quinto mês, passou a não dar mais essa ajuda de custo. Sem avisar, ele sumiu! Descobri aonde esse diretor morava, fui na casa dele várias vezes, mas ele nunca tava. Foi quando falei pra mim mesmo:

— Ah, não quero mais jogar!

Já não era a primeira vez que tinha me desiludido. Só que dessa vez foi pior porque fui enganado por uma pessoa... Das outras, não. Tinha parado porque queria trabalhar e ajudar meus pais. Por um tempo, desisti mesmo do futebol...

A Portuguesa não se manifestou. Não era igual hoje que é bem mais profissional! Atualmente, o atleta faz um contrato, traz documentação e um monte de coisas. Na minha época, só entregava meu RG. Não tinha nada documentado. A gente tinha que confiar na pessoa que nos convidava. Esse era o risco que se corria.

Isso não aconteceu só comigo! De vez em quando, acontece até hoje. Se não for bem direcionado, se não tiver pai envolvido pra ver o negócio, se o acerto for só com o moleque, a coisa não é confiável, né?... É como costume falar: o culpado não é o clube, são as pessoas que o dirigiam naquela época... Já nesse tempo, fui vendo as dificuldades que se tem pra chegar. Porque não é só ter a parte técnica, o dom de saber jogar futebol, que influencia. É uma série de coisinhas que estão no caminho: pessoas que iludem, que enganam, que prometem e não cumprem... a falta de uma ajuda de custo, as dificuldades de locomoção... É por isso que eu falo que todos querem ser atletas profissionais de futebol, mas são poucos os que chegam.

Não é porque não ganhei dinheiro, porque não fiz a minha independência financeira, que não foi uma grande vitória pra mim. Muito pelo contrário! Até porque, passei por muita dificuldade pra chegar! Me privei de uma série de coisas: família, amigos, divertimentos, finais de semana... Cheguei porque, além de querer, gostava muito! Profissionalmente, não me queixo. Agora, financeiramente, eu não tive sorte! Encaro assim. À época, também, não se ganhava dinheiro como hoje. Mas, vou falar até o final da minha vida: a vivência que tive e tudo que aprendi eu devo ao futebol!

Uma vida no Juventus

Primeiro o homem, depois o atleta

Depois dessa experiência, achava que nunca mais iria voltar. Nunca mais! Porque foi muito duro, sabe? Largar meu emprego... Talvez poderia até ter seguido carreira aonde eu trabalhava... A partir de então, só queria saber de trabalhar e estudar. Fiquei longe do futebol por mais um ano... Até que apareceu um colega meu, o Édson, que morava no Carrão e era profissional do Juventus na época. Nunca me esqueci dele porque foi uma pessoa que me ajudou e me incentivou muito quando cheguei no clube. Por várias vezes, ele me convidou pra ir fazer um teste por lá. Argumentava que eu ainda tava na idade e que deveria tentar. De tanto insistir, um dia falei:

— Ah, tá bom, vai. Eu vou então.

Sabe quando uma pessoa insiste com você e você faz o que ela pede só pra não chatear ela? Foi isso. Passei no teste e fui ficando, subindo as categorias... Cheguei no Juventus com 15 anos e só saí com 33. Foram 17 anos no clube. Muito tempo, né!? Não me arrependi

porque aí eu vi que a coisa foi colocada de uma outra maneira pra mim. Fui bem recebido e senti que poderia chegar a ser atleta profissional de futebol. E, realmente, foi o que aconteceu. Algumas pessoas que trabalhavam lá na época já me conheciam da Portuguesa e de outros times, o que facilitou a minha permanência... Então, lidei com pessoas bem mais profissionais. Mandaram chamar meu pai e o acerto foi feito com ele. Aí, acabei ficando metade da minha vida lá.

Eu nunca me esqueço do primeiro contrato profissional que fui assinar... Um diretor, já falecido, disse pra mim:

— Ó, Bizi, aqui a gente valoriza primeiro o homem, depois o atleta.

Então, isso me marcou muito. Carreguei pro resto da minha carreira, no Juventus e em outras equipes que joguei... “Primeiro o homem, depois o atleta.”... Talvez até por isso, eu tive a conduta que tive no Juventus. Até porque, 17 anos num mesmo time é uma vida. E, hoje, é raro! Como atleta, não quis ser melhor que ninguém, mas sempre dei bons exemplos. Eu, nos meus 22 anos de carreira, nunca cheguei atrasado em um treinamento! Nunca levei uma advertência! Nunca fui multado! Nunca fui suspenso!... Por qualquer coisa que seja. Então, isso, hoje, é raro. E eu trago isso de bom comigo.

Como atleta, me relacionava bem com as pessoas do clube, sempre tive um comportamento exemplar... Alguns colegas meus me criticavam por isso:

— Você é muito bonzinho. Você não briga. Você...

Mas, isso era a personalidade minha! O fato de eu não brigar, não discutir, não queria dizer que era bobo. Tanto que entrava ano e saía ano, o time do Juventus mudava e eu tava sempre lá! Ninguém mexia comigo... no bom sentido. Então, pensava da seguinte forma: “Se eu não saio daqui, é porque tenho valor!”. Porque havia troca de treinadores e todos aqueles que vinham de outras equipes já me conheciam. E, assim, permanecia no grupo. Então, levava isso como uma coisa positiva!

Apesar de ficar todo esse tempo no clube, não ganhei dinheiro! Isso eu nunca escondo de ninguém porque era uma época diferente da de hoje... O Juventus é considerado um time pequeno, mas sempre foi conhecido. Muita coisa que aprendi, muita coisa que vivo hoje, muitos lugares que conheci, muitas amizades que fiz eu devo ao futebol. Até em termos de educação também. O futebol não ensina só a jogar e a praticar o esporte, ensina o dia a dia.

Mas, subir do amador pro profissional não é fácil. Nessa fase, o limite de idade fica martelando na cabeça da gente o tempo inteiro. Quando a gente está pra estourar, ou sobe pro profissional ou não segue... Todo mundo se preocupa porque tem muita expectativa de realizar o sonho e chegar a ser atleta profissional de futebol. Eu não falo “jogador de futebol”, falo “atleta profissional de futebol”!

Eu fui feliz porque, um ano antes de estourar a minha idade nas categorias de base, já estava jogando na equipe profissional do Juventus. Isso foi ótimo! É motivo de muito orgulho e alegria pra mim... Ao passo que outros colegas meus estavam preocupados e comentavam:

— Poxa! Vou ter que esperar o último ano pra ver se vai ou não vai...

Eu, graças a Deus, já tive essa oportunidade e me profissionalizei um ano antes! Só que muitos não conseguiram infelizmente... Hoje, é muito pior! Porque parece que tem um certo limite de idade e um garoto de 16 anos é obrigado a se profissionalizar pra jogar na equipe principal. Na minha época, não. Só com 17, 18 anos... Então, até galgar esse patamar tem muuuuita coisa.

O futebol de hoje mudou muito! Na minha época, não existia empresário ou procurador, como o pessoal costuma falar. Talvez se eu tivesse uma pessoa desse nível junto de mim, me orientando e tudo, poderia ter ido além da onde eu cheguei. Poderia ter jogado até fora do Brasil! Coisa que era muito raro na minha época... Quando eu tava começando, o Pelé tava encerrando a carreira aqui no Brasil e indo pros Estados Unidos jogar no Cosmos.

Experiência no Espírito Santo

A partir do momento que assinei meu primeiro contrato profissional, a minha situação começou a melhorar um pouco. Lembro que, com as “luvas” que recebi, eu não sabia se dava a entrada pra comprar um carro ou uma casa. Por falta de orientação, acabei comprando um carro. Meu primeiro carrinho foi um fusquinha 1300, usado, ano 68. Fiquei com ele durante cinco anos... Se tivesse a cabeça de hoje, compraria um imóvel, uma casa, um apartamento. Só que a maioria dos jogadores atuais não é diferente também. Quando eles ganham um dinheiro, a primeira coisa que pensam é em comprar um carro importado. Raramente, um deles compra um apartamento. A diferença é que, antes, nós tínhamos que parcelar a compra e, hoje, eles pagam à vista.

Os estudos, eu sempre procurei manter até que chegou um momento em que tive de decidir: ou estudava ou jogava futebol. Isso foi em 1976, quando o Juventus me emprestou e fui pra Vitória do Espírito Santo. Na época, estava cursando o primeiro colegial. Tinha que decidir!... Apareceu essa excelente oportunidade pra disputar o Campeonato Brasileiro pelo Rio Branco. Este time era o Corinthians de lá. A camisa era igualzinha: preta e branca com listras verticais. Por esse clube, joguei contra equipes poderosas mesmo: Palmeiras, Internacional, que foi campeão, Grêmio... Joguei contra equipes fortíssimas!

Lembro que nunca tinha saído de casa, assim, pra ficar longe da família... E eu me decidi! Cheguei em casa, conversei com meu pai, com minha mãe sobre essa oportunidade. Não era nem pra ganhar dinheiro, mas pra conhecer outros lugares. Porque, até então, só vivia Juventus!... Fazia seis anos que não saía do clube. Então, abriu as portas. Aí, eu fui! Fiquei um ano.

Essa experiência no Espírito Santo me direcionou e vai me direcionar pro resto da vida. Porque eu tinha apenas 21 anos quando saí de casa. Hoje, o jovem com 21 anos é bem mais responsável. Não que eu não fosse responsável na época, mas era uma situação totalmente diferente... Era muito difícil um jovem sair muito cedo de casa pra seguir a vida sozinho. Principalmente por causa do futebol, indo pruma cidade tão distante de São Paulo. Vitória é uma cidade maravilhosa por sinal.

O primeiro mês de adaptação foi triste porque sentia muita falta da família. Tinha saudades da minha mãe, do meu pai, das minhas irmãs, dos meus amigos... Nos momentos que eu tava sozinho na república onde morava, chorava. Chorava bastante!... Era uma maneira de desabafar. Mas, naquela época, não tinha condições para telefonar. Não tinha nem telefone! Então, ou mandava telegrama ou escrevia carta. Era assim que eu me comunicava com a minha família.

Foi duro! Já era um homem, mas a gente tinha aquela coisa muito de convívio. Até hoje!... Eu era muito apegado à minha mãe e ao meu pai. Era o único filho homem, né? Mas, como escolhi a minha profissão, tinha que passar por essas dificuldades e seguir aquele caminho. Depois, fui me adaptando, me condicionando, me preparando. Sabia que, a partir daquele momento, eu ia ter que me adaptar a essa nova condição. Já era profissional há algum tempo, mas essa foi a primeira grande experiência que tive mesmo.

Morei numa república junto com outros atletas de vários lugares. Ali, tive que aprender a me virar: lavar a minha roupa, arrumar minhas coisas, cuidar até da minha alimentação em alguns momentos. Nós tínhamos uma pessoa contratada pra fazer esse trabalho, mas, depois de um tempo, ela nos abandonou. Foi um aprendizado em conjunto com outros colegas que estavam lá também. No fim, foi bom porque, mais dia ou menos dia, eu ia ter que aprender sozinho e não depender de pai e mãe pela vida toda. Aprendi muita coisa! É por isso que eu falo: o futebol, pra mim, foi um aprendizado que é pro resto da vida!

Sem dúvida, voltei com uma outra cabeça de Vitória. Na acepção da palavra, voltei mais homem! Mais responsável também... Continuei a ajudar em casa porque tinha preocupação com a família que estava aqui. Meu pai estava aposentado por invalidez e minha mãe tinha que cuidar de duas filhas pequenas ainda. Então, uma parte do dinheiro que ganhava, mandava pros meus pais.

Inclusive, em uma dessas vezes, tive uma decepção! Abriram o envelope que enviei pelo correio... Roubaram, mas nunca soube se foi quando chegou aqui ou se foi nos Correios de lá mesmo. Fiquei muito chateado, muito triste com isso... Porque, até então, eu vinha fazendo essa remessa e nunca tinha acontecido nada. A minha mãe sempre me avisava quando recebia o dinheiro. Mas, daquela vez, como tava demorando muito, entrei em contato pra saber. Em seguida, a carta foi devolvida porque tinha sido violada. Depois disso, parei de mandar o dinheiro via correio e comecei a fazer depósito no banco.

Ao final da experiência, já estava mais centrado e consciente na carreira que havia optado. Após um ano, já não sentia tanta saudade. Isso porque durante todo esse tempo só pude vir pra São Paulo uma vez. Foi quando o Rio Branco veio jogar contra o Palmeiras no Parque Antártica. Aí, aproveitei pra ver a minha família, né?... Mas, quando foi pra vir embora de Vitória, eu fiquei muito sentido em ter que largar a cidade. Gostei muito de lá e do seu povo. Em todos os lugares que passei, seja como atleta ou como treinador, sempre deixei saudades e boas amizades.

Depois dessa experiência, vieram outras em lugares mais próximos. Cheguei a trabalhar no interior de São Paulo, aonde joguei por um ano no Barretos. Vinha pra casa um final de semana sim, outro não. Aí, era mais fácil, né?... Mas, retornando do Espírito Santo, permaneci por mais dez anos no Juventus.

Desespero em Ribeirão Preto

Na minha carreira, tive coisas pitorescas, mas coisas graves também. Quando jogava no Juventus ainda, em uma partida em Ribeirão Preto contra o Botafogo, alguns atletas estavam no vestiário rezando, como é de praxe, prestes a entrar em campo. Estava fazendo a minha oração em frente a uma imagem de Nossa Senhora Aparecida que tava em cima de uma mesa junto de uma vela acesa. De repente, senti uma coisa queimando e a parte de baixo minha camisa tava pegando fogo! Porque, na época, o que é que acontecia? Após o aquecimento pro jogo, o massagista chegava com uma bisnaguinha de álcool e punha no peito dos jogadores pra melhorar a respiração e tudo. E a gente tinha o costume de fazer isso sem nenhuma proteção e nem nada, né?

Naquele dia, estava muito quente em Ribeirão. Muito calor! Estava quase 40 graus. E álcool e fogo não combinam, né!? Então, a minha camisa começou a pegar fogo. Aí, foi aquela confusão, aquela correria toda. Naquele alvoroço, vários jogadores que já estavam no túnel pra entrar no campo retornaram. Os dois primeiros que eu lembro que chegaram a mim foram o Geraldão e o Wilsinho. Como eles também estavam com álcool, falei:

— Não chega perto pra eu não passar pra vocês!

Quem me salvou foi o Wilsinho, ponta-esquerda que atuou na Portuguesa e que depois veio jogar comigo no Juventus. Na tentativa de tirar a camisa e ir pra baixo do chuveiro, ele falou que eu pulei a mesa de massagem de mais ou menos um metro e vinte. Segundo ele, da minha cintura pra cima era só fogo. Naquele desespero, a primeira imagem que veio na minha cabeça foi Deus e, então, elevei meu pensamento até Ele: “Meu Deus, seja o que o Senhor quiser!”. Até hoje, acho que estava pensando isso, mas o Wilsinho jura que eu gritei. Aí, ele pegou uma toalha e me abraçou, abafando o fogo. Ainda tenho umas marcas de queimadura no peito e no antebraço porque a camisa grudou.

Naquele dia lá em Ribeirão, foi a primeira e única vez que minha irmã mais velha foi me assistir. Poxa! Eu encerrei a carreira e ela não me viu jogando... Estavam ela, minha mãe, meu pai... Eu fui atendido no próprio vestiário pelo doutor César de Oliveira, que é o irmão do doutor Osmar de Oliveira. Depois que passou aquela confusão toda, aí eu caí na real, vi o que tinha acontecido comigo e me deu uma crise de choro. Foi um desespero total! Era uma maneira de desabafo também, né? Mas, foi uma coisa passageira. Dentro de 15 dias, voltei a jogar normalmente pelo Juventus... Isso foi em 81.

Gol memorável, ano especial e “bichinho”

Depois disso, só vieram coisas boas. Eu lembro que fiz uns seis ou sete gols ao longo da minha carreira. Agora, o mais importante que eu fiz foi contra o Corinthians. Esse ficou gravado na minha memória... Foi em 1980 ou 81, num jogo no Parque Antártica, aonde o Juventus ganhou de 3 a 0. Eu fiz o primeiro gol, o Ataliba o segundo e o Geraldão o terceiro. O estádio tava lotado porque, apesar do mando ser do Juventus, a torcida toda era do Corinthians... Esse jogo marcou muito a minha carreira. Até porque, na época, era muito raro um lateral avançar e fazer um gol. Hoje, é normal porque os laterais foram transformados em alas.

A jogada do gol foi muito bonita. Eu lembro que aos 8 minutos peguei a bola na lateral esquerda próximo da linha de meio campo, fui avançando e, quando percebi, já estava na frente do goleiro do Corinthians. Na época, era o Rafael. Aí, baixou o espírito de atacante em mim e consegui numa felicidade minha fazer o gol... Pena que não deram muita ênfase na época porque a mídia não era como a de hoje. Senão, talvez através desse gol eu tivesse mais exposição e tudo, né? Afinal, peguei a bola no meio do campo e fui até dentro da área do Corinthians. Gostaria muito de ver esse gol novamente.

Eu, pessoalmente, sempre gostei de jogar contra time grande. A motivação era enorme principalmente pela grande oportunidade de aparecer no cenário do futebol. A gente entrava pensando em fazer uma boa apresentação, já que a televisão estava presente para a transmissão. Quando duas equipes pequenas se enfrentavam, não tinha essa cobertura toda. Então, era a nossa chance pra se mostrar. Quem sabe algum dirigente de clube grande não olhava pra gente, né? Por isso que era o jogo da nossa vida. Até hoje, é assim. Só que, na minha época, a gente jogava umas três ou quatro vezes por ano contra cada time grande.

O ano especial no Juventus foi 1983, quando a gente foi campeão da Taça de Prata, que hoje é a Série B do Campeonato Brasileiro. No setor nacional, essa foi a única conquista do Juventus... Sabe o que é que a gente ganhou de prêmio, hein!? Ganhamos menos do que o salário da gente! Dá pra acreditar? Veja: nem com o título houve o reconhecimento das pessoas que dirigiam o clube. Porque esse aí foi o único título mesmo que o Juventus ganhou! Já que era uma competição que envolvia o Brasil todo, né? Infelizmente, a gente não foi valorizado da maneira que tinha que ser...

Não é que nem hoje! Porque, hoje, o atleta profissional de futebol que fica campeão, ele compra um apartamento, uma casa, alguma coisa. Isso pra você ver o que era o futebol da época que eu joguei. Por isso que converso muito com os meus alunos e cito esse fato pra eles... Era muito diferente, tá!? É uma coisa que não aconteceu só comigo. Tantos da minha época passaram por isso também...

Então, com relação a hoje, o “bicho” que a gente ganhava era simbólico! Na linguagem do boleiro antigo:

— Vamos ganhar um “bichinho” pra fazer a feira.

Isso é pra você ter uma ideia de que o “bicho” não era gordo como o de hoje em dia. Mesmo assim, nós, jogadores, planejávamos o seguinte: como a gente jogava duas ou três vezes na semana, se ganhasse dois jogos, não precisaria mexer no salário. É lógico que a gente se esforçava bastante pra isso acontecer, porque, quanto mais partidas ganhava, mais “bicho” e a gente acumulava dinheiro... Contra time grande, o “bicho” era maior, né? Alguns diretores davam do próprio bolso pra gente. Pelo menos, toda semana tinha um “bichinho”. Era sagrado! Então, às vezes, tinha mês que eu não mexia no meu salário, vivia só com esse dinheiro... Até porque, o custo de vida era menor na época.

Às vezes, quando ganhava um “bicho”, fazia uma extravagância. Eu curtia muito comer em lanchonete! Ou, então, fazia um churrasquinho pros colega em dia de folga... Pegava um cinema com a minha namorada. De vez em quando, gostava muito de fazer o tal do bate-volta: pegava o carro, descia pra Praia Grande e, no final do dia, voltava pra casa. E não gastava muito dinheiro. Até porque, não havia tantas opções como hoje, né? Essas coisas parecem que não são nada, mas, na época, eram os divertimentos que se tinha.

Com o que a gente ganhava, dava-se pra se viver bem! Não se passava dificuldade. Só que não chegava a ponto de dar pra comprar uma casa ou um carro, né? Isso só acontecia quando o jogador era vendido. Numa transferência, o atleta tinha direito mais ou menos a 15%. Mas, era bem raro jogador ser vendido. Porque o clube segurava muito a gente, né!?

Às vezes, eu fico imaginando o jogador de hoje que ganha 200 mil reais por mês. Ele não vai sentir falta se não ganhar um “bichinho” de mil reais por jogo. Pra ele, tanto faz. Então, veja como mudou da época que joguei pra agora... Imagina antes! Tudo mudou... Nós, ex-atletas, costumamos falar que, na nossa época, tinha muito mais jogador bom de bola e que ganhava pouco. Não menosprezando o pessoal de hoje, mas o nível técnico atual é mais baixo

e os atletas ganham muito mais dinheiro... O Pelé mesmo é um exemplo. A gente sabe que ele foi mesmo fazer a independência financeira dele quando foi pros Estados Unidos, encerrando a carreira dele aqui e indo jogar lá no Cosmos.

O mais importante é que eu soube viver muito bem na minha época. Embora tivesse muuuito jogador bom de bola e apesar de jogar numa equipe pequena como o Juventus, sou lembrado até hoje! Fico até lisonjeado com isso... é uma das coisas que eu também carrego pro resto da vida e com bastante alegria.

A tal da Lei do Passe

Nessa época, final da década de 70, início de 80, eu tinha esperança de sair do Juventus e ir para um time grande. Mas, nós, jogadores, nunca ficávamos sabendo se tinha algum clube interessado no nosso futebol. Antes, iam primeiro consultar os dirigentes do clube que era dono do passe. E, dependendo da conversa, isso nem chegava aos nossos ouvidos... Hoje, é diferente! Se um clube tá interessado em um atleta, ele solta na mídia, já manda alguém ir conversar direto com o jogador. O que eu acho correto porque, de repente, esse atleta não está satisfeito no clube e tem todo o direito de sair...

Não existia empresário pra cuidar dessa parte, pra fazer esse intercâmbio. Hoje, o atleta tem empresário ou, então, já fica sabendo pela imprensa. É bem mais informado e orientado... Quando a gente descobria – às vezes, por algum colega que era do clube interessado –, já tinham se passado meses... Aí, a gente não podia fazer nada com relação a isso, não dava pra correr atrás, não adiantava ir cobrar dos dirigentes... Até porque, nós tínhamos contrato em vigência também, né? E, normalmente, a gente procurava cumprir o que assinava. Eu, pelo menos, sempre cumpri o meu contrato até o fim!

Tem pessoas que me questionam que joguei 22 anos e não consegui fazer uma independência financeira... Mas, isso não é tudo, né? Pois, o lado profissional, que era o meu objetivo, eu conquistei. O lado financeiro... depende de outras pessoas e do destino. Por isso que eu defino futebol da seguinte forma: 90% é sorte e oportunidade, e 10% é qualidade, dedicação, gostar do que faz... É lógico, você tem que ter uma certa condição técnica para a prática do futebol, mas acho que o fundamental é sorte... Mesmo assim, sou feliz porque tive um sonho e, em parte, pude realizá-lo. Naquela época que joguei, era muito mais difícil a gente aparecer no cenário do futebol. Não existia a mídia atual.

Mas, gostaria de ter tido mais oportunidades!... Logicamente, passei a maior parte da minha carreira no Clube Atlético Juventus. Por duas vezes na sequência, em 1979 e em 1980, eu tive a chance de ir para duas equipes grandes de São Paulo e do futebol brasileiro. Até do futebol mundial!... E fui impedido por pessoas que, nessa época, comandavam o clube. Não vou citar nomes porque não vem ao caso, né? As oportunidades apareceram, mas eu fui podado de aproveitá-las!

Não fiquei chateado com o Juventus porque o clube continua, mas pessoas passam! E a pessoa que o dirigia na época me impediu de chegar aonde eu queria. Não fiquei com raiva, mas mágoa eu senti bastante! Porque, talvez naquela oportunidade, poderia não ter ficado rico, mas ter feito a minha independência financeira! E, pelo menos, ter jogado uma temporada em uma dessas duas equipes. Em 1979, foi o Palmeiras, que era treinado pelo Telê Santana, que se interessou... Em 1980, foi o São Paulo do Carlos Alberto Silva.

Até me lembro que, na época, esse treinador pediu eu e o companheiro de equipe César Pappiani, meia esquerda muito bom que depois foi jogar no Atlético Mineiro... Mais ou menos, foi assim: o São Paulo veio e fez uma proposta. Vamos supor: ofereceu 50 mil reais pelo passe do Bizi e o Juventus pediu 500 mil. Aí, o São Paulo desistiu e trouxe de Recife o Marinho Chagas, que depois foi lateral esquerdo da seleção brasileira... Naquele momento, lembro que o São Paulo só tinha como lateral esquerdo o Airton, que é colega meu de profissão até hoje. Eu iria pra ser reserva dele, disputar posição e tudo. Mas, eu fui ceifado!

Só fiquei sabendo disso dois, três meses depois. Fiquei muito chateado, muito magoado... Eu não sei ao certo como é que foi que esses dois clubes procuraram o Juventus. Assim, não posso falar com certeza, mas não duvido que, realmente, me impediram de sair. Até porque, na época, isso não aconteceu só comigo. Outros colegas meus também passaram por essa situação. E o pessoal ainda fala em ética? Cadê?

Não descarto que não tenha saído por motivo financeiro porque não existia procurador como existe hoje. Talvez se eu tivesse um empresário ou tivesse tomado uma atitude radical pra sair do Juventus, teria sucesso... Às vezes, a pessoa queria receber uma vantagem financeira e, antes de chegar até a mim, já propôs a quem veio me contratar tal situação. Então, eu acredito que essa pessoa quis levar dinheiro na negociação, sim... Hoje, é pior ainda!... Fazer o quê? Tinha que passar por isso.

Naquela época, ainda existia a tal da Lei do Passe. E o meu pertencia ao Juventus... Sempre fui um atleta que procurei fazer o meu trabalho. Nunca discuti, nunca briguei! Eu não tive a mesma atitude daqueles colegas que brigaram e ameaçaram pra poder sair do clube. Não condeno eles por quererem sair, ter uma outra vida, ganhar dinheiro e fazer a independência financeira. Mas, não me arrependo. Por quê? Porque, hoje, falo até com muita propriedade que eu sou um dos poucos ex-atletas que tem as portas abertas no Juventus... A hora que chego, sou bem recebido. E a minha passagem no clube como atleta profissional, como homem, é uma coisa que marcou a sua história...

Então, Marcel, eu acho que, na minha carreira, só faltou eu jogar em time grande! Mas, não fico chateado por causa disso, não. Eu joguei num grande clube que foi o Juventus. O que não quer dizer que não tinha expectativa de ir pra um clube maior. Talvez se tivesse ido poderia fazer a minha estabilidade financeira. Desde a época do dente de leite, eu sempre tive um sonho. Vivía falando pros meus pais:

— Pai, mãe, se chegar a ser jogador de futebol, eu vou comprar uma casa pra vocês.

Era a minha vontade... Infelizmente, nunca consegui. Não realizei esse sonho!... Porque não tive condições. Na cabeça dos jogadores, também passa isso. Hoje, tem muitos deles que fazem! E eu acho certo. Nunca quis ficar milionário pra não perder minha liberdade de ir e vir, de andar pelas ruas. Mas, gostaria de ter conseguido me estabilizar financeiramente e poder dar uma condição boa pra minha família, pros meus pais. Construir um teto pra eles, sabe? Porque aonde eles moravam era herança de família por conta dela ser muito grande.

Enfim, o meu sonho era esse... Não pude dar nem pros meus pais, nem mesmo pra mim! As condições financeiras que eu tive e tenho é de me manter apenas, sem me privar de nada. E saúde, né? Saúde é uma coisa que não tem preço! A gente tendo saúde, supera tudo... Então, meu sonho não foi só chegar a ser atleta profissional, foi de ajudar a família... E isso eu tenho até hoje! Às vezes, falo brincando:

— Se ganhar na loteria esportiva, eu vou fazer isso, fazer aquilo...

Não vou ganhar nunca porque tenho esse pensamento. Por isso que eu não ganho e não ganhei até hoje! Eu, Bizi, penso assim. Mas, a gente vai perseguindo, né?... Sou um cara muito feliz. Sou um homem muito feliz mesmo! Se você perguntar pra mim se tenho alguma desilusão, eu respondo nunca. Nunca tive! Tive, é claro, algumas coisas na minha vida que não deram certo, tanto do lado profissional quanto do pessoal, mas são situações que todo ser

humano passa. E comigo não seria diferente. Só que eu soube administrar, absorver bem... Tenho 53 anos de idade e ainda tenho muita coisa pra realizar na minha vida. Continuo sonhando ainda!

Assédio de mulheres e o primeiro casamento

Jogando no Juventus, vivi, posso falar assim, um assédio das mulheres. Que o Juventus, numa época, tinha uma certa projeção... Só que eu não era e não sou diferente dos meus companheiros, né? Nem daqueles e nem dos de hoje. O que é que eu pensava disso? Achava que as mulheres que se aproximavam de mim era por causa do futebol. Até porque, a gente não tinha contato, relacionamento, conversas, essas coisas... Em dia de jogos, tava cheio de mulheres esperando. Se eu falar que não fui assediado, é mentira.

Mas, tinha tanta preocupação com a minha profissão e com a minha saúde! Me dediquei muito por ser atleta profissional de futebol. Tanto que joguei até os meus 36 anos... Cheguei até além do que alguns chegaram. Tinha que cuidar principalmente da minha saúde porque era essencial pra mim poder praticar o esporte.

Esse assédio não aconteceu e não acontece só pra quem é jogador, mas pra quem é cantor, ator... Todos têm as suas fãs. Duvidava da atitude delas: “Poxa! Essa atenção toda é só porque sou jogador de futebol e porque sou atleta do Juventus.”. Não era pela pessoa, pelo homem, pelo ser humano que sou. Então, sempre tive isso na minha cabeça! Apesar de ser um pouco conhecido – não vou dizer famoso –, sempre fui muito discreto e reservado pra me relacionar com alguém. Tive poucos relacionamentos, mas duradouros. Com quem me envolvi mais seriamente, cheguei ao casamento.

Na minha época, tinha muitos jogadores famosos que vinham de equipes grandes, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, pra jogar no Juventus. E a mulherada focava principalmente neles. Só que eu ficava sempre de fora das farras. Não condeno quem participava! Mas, sempre achei que tinha que saber me portar... Hoje, isso deve ser pior ainda, né? Por causa da mídia que existe atualmente em volta dos atletas. Foi assim com o Pelé, é assim com o Ronaldo e sempre vai ficar aquela dúvida.

Com a minha primeira esposa, foi uma situação diferente. Ela só ficou sabendo que era jogador de futebol muito tempo depois... Era muito difícil arrumar uma namorada naquela época! Porque os pais achavam que jogador de futebol era vagabundo e não queriam que suas

filhas namorassem a gente. Hoje, não! Hoje, tanto o pai como a mãe jogam, no bom sentido, as filhas no colo do jogador. O motivo é o dinheiro, né? Mas, nos anos 70 e 80, até amizade eles proibiam!

— Ah, jogador de futebol é tudo vagabundo! Nem têm estudos.

Por isso que, decorrida a minha carreira, eu voltei a estudar, porque essa alegação me acompanhou até quando parei de jogar futebol. Os comentários que a gente ouvia eram esses:

— Mas você não estuda? Só joga futebol? E aí?

É até uma preocupação natural dos pais naquela época com relação ao futuro das filhas, né? Porque o futebol é realmente uma incógnita! Uma hora você tá por cima, outra por baixo; às vezes ganha dinheiro, às vezes não... Só que eu sempre fui bem centrado nisso. Começaram a pagar um pouco melhor depois que a profissão foi regulamentada. Quando comecei, o tratamento do clube não era tão sério. Não tinha registro, carteira assinada, uma série de coisas. Até por isso, acho que nós não tínhamos tanta credibilidade.

Mesmo com essa dificuldade, cheguei ao meu primeiro casamento. É uma coisa que passou na minha vida. Tentamos, mas não deu certo. Acho que já tava escrito, né? Paciência. Não queria que acontecesse o divórcio. Nem comigo e nem com ninguém. Mas, é uma coisa que qualquer ser humano tá sujeito a acontecer... Não sou o primeiro e não vou ser o último a passar por isso. Cada um foi prum lado e segue a vida na melhor maneira possível... Costumo falar sempre assim:

— Foi bom enquanto durou.

E desse relacionamento tive dois filhos homens. Já estão criados hoje, graças a Deus. Cada um seguindo o seu caminho... O que passou, passou. Eu encaro dessa forma. Era uma coisa que tinha que viver... Superei bem, graças a Deus. Não gosto de falar muito disso porque não traz boas recordações. Muito pelo contrário! Até em respeito à minha família que vivo hoje, prefiro não comentar muito. Encontrei uma outra pessoa, a Claudete, minha esposa atual, e nós estamos levando a nossa vida. Então, é bola pra frente.

Uma história que dá pra escrever uma novela

Inclusive, vou contar agora uma história que dá até pra escrever uma novela. Já pensei até em mandar pros programas de televisão... Estava há um bom tempo separado do meu primeiro casamento... Um ano e pouco mais ou menos... Foi por causa de um colega meu –

que eu achava que era colega meu – que conheci minha esposa atual. Ele se passava por mim em determinados lugares: o Bizi do Juventus.

Em um dia, ele foi num baile e paquerou a minha esposa. Era um salão que ficava no Ibirapuera e que, de vez em quando, eu frequentava. Já nem existe mais! Mas, era ali que os ex-atletas se reuniam pra conversar e tudo, né? Então, num certo dia, ele foi lá e começou a dar em cima da minha esposa. É engraçada a história...

Conversando com ela, ele disse que iria jogar na Javari, mas que tinha fugido da concentração só pra vê-la no salão. Como ela nunca ligou pra futebol e como tinha ficado com um pé atrás, cortou o papo:

— Você é o Bizi? Por mim, tudo bem. Você podia ser até o Pelé!

Voltou pra casa, mas ficou com um negócio na cabeça: ele disse a ela que, no lugar dele, iria jogar um outro atleta com o mesmo nome Bizi e com a mesma camisa 6. Então, perguntou pro pai dela:

— Pai, como é que o jogador reserva da mesma posição substitui o titular? Ele entra e usa o mesmo nome e camisa do titular?

— Não. Cada um entra com o seu nome e a sua camisa!

Aí, ela e sua prima – que acabou sendo nossa madrinha de casamento – foram assistir ao jogo do Juventus e Guarani. Quando ela me viu com a camisa 6 fazendo aquecimento, perguntou pra um companheiro de trabalho:

— Escuta, quem é o Bizi?

— Ah, é aquele que tá lá com a camisa 6.

Então, ela confirmou que não era aquele colega meu... Acabado o jogo, as duas foram embora. No dia seguinte, como a minha esposa trabalhava aqui por perto, mandou o *boy* comprar uma camisa minha do Juventus... Assim que acabou o treino, o rapaz me chamou:

— Ô, Bizi?

— Pois não.

— Você conhece a Claudete?

— Não.

— Ela queria comprar uma camisa sua.

— Ah, tudo bem.

Aí, eu vendi a camisa e ele foi embora. Dois dias depois, o moleque foi de novo comprar outra camisa. Só que, dessa vez, trouxe o número de telefone dela. Ela queria conversar comigo porque queria me contar o que tinha acontecido. Nem imaginava que o cara que eu achava que era meu colega tava se passando por mim... Então, liguei e marcamos o encontro na frente da Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho.

Desci com meu carro em frente à igreja e vi ela parada com uma pasta na mão. Pensei: “Ah, deve ser alguma menina que quer uma entrevista de escola.”. Porque, naquela época, tinha um monte disso, sabe? Aí, na hora, ela começou a falar tudo:

— Ah, você conhece fulano de tal?

— Conheço.

— Olha, ele tá se passando por você. Outro dia, estava... – e contou o encontro que teve com ele – Eu acho que você precisa saber porque, de repente, ele apronta alguma coisa por aí e te prejudica.

— Nossa, muito obrigado. – agradei e nos despedimos.

No dia seguinte, pensei em convidá-la pra sair. Ela acabou aceitando o convite e já estamos há vinte e poucos anos juntos!... Por isso que eu queria ter encontrado esse meu colega pra agradecer-lo, porque, se não fosse ele, não teria conhecido a minha esposa. Infelizmente, fiquei sabendo há pouco tempo que ele morreu de AIDS... Então, eu e a Claudete sempre nos lembramos dessa história. Dá pra fazer uma novela, não dá?

Na época que conheci a minha mulher, eu tava numa situação: separado, sozinho, morando de favor na casa da minha irmã porque não tinha pra onde ir... Foi aí que a minha vida começou a mudar! Apareceu uma mulher que caminha do meu lado, não atrás. Que tem um ditado que diz assim:

— Atrás de um grande homem sempre existe uma grande mulher.

Mas, no meu caso, não. A minha mulher caminha do meu lado! Então, se estou dessa maneira hoje, se sou o que sou hoje, eu devo muito a ela também que sempre me apoiou e me incentivou. A Dete, como eu chamo ela carinhosamente, é a pessoa que me dá forças o tempo todo pra mim não desanimar nunca... A gente, graças a Deus, tá aí numa batalha. Temos sonhos ainda! Nós dois. E vamo construir junto, vamo trilhar junto. Então, hoje, eu sou feliz em todos os aspectos! Profissional, familiar, sentimental... Continuo ainda com sonhos. É lógico que, enquanto tiver saúde, vou ter sonhos na minha vida!

E a família da minha esposa me adotou. Minha sogra, Dona Isabel, – eu costumo falar pra todos – é minha segunda mãe. É minha mãe branca. Ela, meus cunhados, meus sobrinhos, todos valorizam muito o meu esforço, a minha dedicação, a minha disposição para ajudar as pessoas e fazer alguma coisa por elas. Isso me dá uma alegria! Porque, infelizmente na minha carreira como atleta, eu não ganhei dinheiro. Não tive condições de comprar um imóvel ou dar uma casa pros meus pais. Não realizei esse sonho. Não porque eu não quis, mas porque não tive condições, não tive oportunidade... Mas, sempre fui esforçado e nunca me acomodei. Isso eles viram em mim! Quem garante que eu não vou passar por outras situações difíceis e não vou superar novamente? A gente tá aqui pra isso, né? Viver e superar as coisas...

A minha mãe, Dona Terezinha, e a minha esposa, Claudete, são as duas pessoas mais importantes da minha vida! Então, tenho uma família muito carinhosa, sincera, compreensível, que se preocupa comigo. Muitíssimo preocupada mesmo! Porque eles sabem da dificuldade que é o meio em que eu trabalho. Nem todos têm sorte, né?... Temos problemas, é claro, mas não existe família perfeita. Dificuldades a gente sempre tem, né!? Só que a gente tem um respeito, uma admiração, uma torcida um pelo outro, sabe? Todos torcem por mim, na minha profissão, no meu trabalho. E a recíproca é verdadeira. Isso é muito bom!

Excursão à África e saída do clube

Em janeiro de 1987, o Juventus ainda não tinha iniciado as atividades aqui no Brasil e foi convidado pra participar da Festa da Cultura Afro. Na época, o cantor Gilberto Gil era quem cuidava dessa parte cultural aqui no Brasil. Então, ele escolheu os grupos Olodum e Ileaiê e, além disso, queria levar uma equipe de futebol pra fazer alguns jogos na África. E o Juventus foi convidado! É lógico que aceitou o convite. Assim, o clube fez essa excursão e eu fiz a minha primeira e única viagem internacional. Não vou falar a última porque, de repente, posso viajar de novo pra fora do país. Quem sabe um dia vou ter essa oportunidade?

Na semana anterior à viagem, um avião que fazia a mesma rota tinha caído e morreu toda a tripulação brasileira. Quando soube disso, fiquei com medo e tentei inventar alguma coisa pra não ir. Mas, faltando uma semana, acabaram me convencendo que não ia acontecer nada. Mesmo assim, a viagem foi meio conturbada. Fizemos uma escala em Joanesburgo, uma cidade muito bonita, aonde até me senti em São Paulo. Aliás, é muito parecida!

Depois, pegamos um avião e fomos pra Cotonou, que fica na República Popular do Benin. No desembarque, havia muitos brasileiros nos esperando, gente do governo, inclusive o cônsul! Fomos muito bem recebidos lá... É uma região muito pobre. Até hoje, continua assim porque a gente vê no noticiário, na televisão, que a situação ainda tá muito ruim. Há muito descaso das autoridades de lá. Mas, em termos de passeio, foi muito bom. Como nunca tinha saído do Brasil, pra mim foi uma experiência pra conhecer o continente africano, as minhas origens, já que sou descendente, né?

A gente viajou muito de ônibus naquelas estradas de terra por dentro do país. Era um poeirão só! Terra de um lado, terra de outro... Consegui ver alguns animais que só via pela televisão, pelos filmes do Tarzan, né? Porque era assim que eu conhecia a África até então. Lá no local, é diferente. A coisa é bem mais real porque a gente tá vendo de perto os animais. Tem muitos que passam na beira da estrada ou que atravessam na frente do veículo... O calor de lá é forte demais! No início, a gente foi levando, mas, depois, tava difícil de suportar. Fizemos visitas a vários lugares. Nós conhecemos uma tenda religiosa. Não sei se posso chamar assim, mas é onde fica um deus deles, o Vudu.

Sofremos muito com a alimentação de lá. Era muito ruim a comida. Muito ruim mesmo! Por isso, a gente quase não se alimentava. Todo dia, eu comia praticamente só arroz e salada. Como tava acostumado com a alimentação daqui, era muito complicado comer outro tipo de coisa.

Apesar de estarmos visitando vários lugares, nós só falávamos em voltar pro Brasil:

— Ah, como eu queria estar no Brasil!

Essa era a fala e o pensamento de todo mundo. Só na hora do jogo que a gente se esquecia de tudo porque era o que a gente mais queria fazer...

Aí, chegou um tempo que tentei escrever uma carta pra minha família. Não consegui mandar porque não tinha correio próximo. Pra dar um telefonema, ficava muito caro e não tinha condição de pagar... Tudo isso foi me deixando nervoso porque o tempo não passava e não tinha nada pra fazer, era só viagem pra lá e pra cá.

Numa dessas trajetórias de viagem, teve um momento que foi a gota d'água pra mim. Naquela agitação toda de não conseguir me comunicar com os parentes aqui no Brasil, a coisa foi ficando difícil, sabe? E chegou um dia que, quando começaram com aquelas brincadeiras de jogar papelzinho dentro do ônibus, não aguentei. A cada papel jogado, eu, que estava

sentado bem na frente, levantava e olhava pra trás pra ver quem era. Mas, era eu olhar e as pessoas se sentavam. Na enésima vez, quando jogaram na minha cabeça, explodi:

— Da próxima vez, joga a mãe junto!

Foi o apelo final, né? Mas, quebrou o clima de tristeza e todos começaram a bater palmas, me abraçaram, me pegaram no colo...

— Aêêê... A gente queria que você fizesse isso mesmo!

Porque, enquanto aquela pessoa que tava sendo o foco da brincadeira não apelasse, eles não paravam. Se não fosse eu, seria outro atleta. Só que eu apelei demais, né? Então, pedi desculpa mesmo não sabendo quem tinha atirado o papelzinho:

— Ó, desculpa aí por ter falado isso.

— Ah, Bizi, que nada!

Aí, já virou festa, virou samba e todo mundo começou a cantar no ônibus... Agora, eu conto de uma maneira bem alegre e a gente dá risada, mas, no momento, foi desastroso pra mim. Essa foi uma das passagens mais pitorescas da minha carreira.

Bom, voltamos pro hotel onde nós estávamos hospedados. Era um hotel muito luxuoso... Sheraton era o nome. À noite, na hora do jantar, foram me chamar no quarto. Assim que cheguei no restaurante, todo mundo se levantou e começou a bater palmas novamente pra mim. Aí, um dos colegas meus veio e entregou um troféu pra mim.

— Mas, por que esse troféu?

— Leia o que está escrito.

Tinha um adesivo com o nome: Troféu Apelação.

— Nossa! – me expressei.

— Você foi premiado por ser o atleta que mais apelou durante a excursão.

Aí, o pessoal todo caiu na risada. Foi um momento de descontração porque, realmente, todos nós já estávamos esgotados de continuar num lugar daquele, com tanta pobreza, muita sujeira, né? Aquilo lá é de tocar no coração, sabe? O que eu fico mais chocado é que aquelas coisas que vi lá trás no Benin – como pessoas revirando lixo pra se alimentar – eu vejo hoje aqui no Brasil. Esse tipo de situação e essa pobreza toda me sensibilizam muito, mas, infelizmente, não tenho como ajudar. Algum órgão do governo deveria tomar providência, né? Se os próprios governantes não fazem isso, quem sou eu pra poder mudar o quadro?

No fim, fiquei muito feliz por ter participado dessa viagem e poder conhecer outro país. Não era a primeira vez que o Juventus tinha ido pra fora porque já tinha feito excursão pra Itália, Espanha, Inglaterra, França, Estados Unidos, até pro Japão... Só que toda vez que surgia essa oportunidade, eu não podia ir. Ou estava emprestado pra algum time ou alguma outra coisa me impedia.

Depois dessa experiência, fiquei só mais um ano no Juventus. Já tava na hora de mudar. Tinha 33 anos e era dono do meu passe. Saí junto com outros atletas... Fiquei bem triste, viu! Eu me senti como se estivesse saindo de casa e tendo que levar a vida sozinho, fora do ambiente familiar... Foi o mesmo sentimento que tive quando saí da casa dos meus pais pra seguir a minha vida e constituir a minha própria família... Até porque, na época, tinham pessoas do clube que eram muito apegadas a mim e que me consideravam demais. Não como atleta, mas como homem. Metade da minha vida passei lá e não foi fácil, não. Afinal, 17 anos não são 17 dias ou 17 meses. É uma vida praticamente... Não saí derrotado, sabe? Saí feliz por ter permanecido todo esse tempo.

Foi no Juventus onde aprendi o que sei da vida. O aprendizado começou lá. É isso que eu lembro. É claro que as pessoas, que vão no clube hoje, não são obrigadas a saber e entender isso. Mas, aqueles que são da minha época entendem e conversam bastante comigo. Foi uma fase que eu vivi na minha vida e soube aproveitar muito bem. Até hoje, por incrível que pareça, tiro proveito de todas as passagens. Costumo falar:

— As únicas boas heranças que o Juventus me deixou foram: o conhecimento, o aprendizado, o direcionamento... Não só na vida de atleta – de quando iniciei até o final da carreira –, mas na vida pós-atleta também. Tudo isso aprendi lá dentro nos anos que fiquei no clube.

Por isso que o Juventus faz parte da minha vida toda! É uma coisa que eu não vou poder apagar da minha vida... Não dá pra esquecer! Não tem como porque, se o clube não tivesse me dado a oportunidade, não teria sido projetado no meio do futebol profissional... E isso numa época muito difícil, quando tinham vários atletas bons de bola, famosos... Consegui me destacar no meio desse pessoal todo.

Isso é uma coisa que ficou marcada e que sempre vou lembrar e comentar com as pessoas. Basta ver nas conversas que tenho com colegas, torcedores e aqueles que acompanharam a minha carreira. Por isso que, até hoje, eu continuo vivendo o Juventus, só

que de uma outra forma. Quando converso com essas pessoas, pela maneira que me tratam, pelo carinho que têm comigo, fico imaginando que, na cabeça deles, eu ainda sou aquele Bizi atleta do Juventus que eles conheceram. Então, isso ééé... bom demais!

Do final de uma carreira ao início de outra

Após uma semana, eu estava no Ituano e, no primeiro jogo, contra o Taubaté, fraturei a perna logo aos vinte minutos. Foi num lance em que o jogador deu um carrinho por trás e quebrou minha perna. Aí, fiquei catorze meses parado... e foi aquela luta, né!? Graças a Deus, a minha sorte – eu agradeço até hoje essa pessoa – é que o doutor Marco Aurélio, médico do São Paulo, tava assistindo ao jogo. Ele se sensibilizou com a minha situação e me mandou vir pra capital. Então, ele e a equipe dele me operaram. Fiquei três meses me tratando no São Paulo como se fosse atleta deles!

Até hoje, eu tenho seis parafusos de platina aqui na perna direita. Depois disso, voltei a jogar por mais três anos, até os meus 36... União Mogi das Cruzes foi o clube aonde encerrei a minha carreira como atleta e iniciei a de treinador nas categorias de base. Sabia que a tendência natural era continuar trabalhando. E por isso que eu sou feliz, né!? Continuo batalhando ainda...

A minha esposa me incentivou quando quis parar de jogar futebol e, depois, quando quis fazer faculdade. Eu não tinha ganhado nada até então. Não tinha dinheiro, não tinha nada! Só tive o apoio dela que foi a única pessoa que me estimulou:

— Eu tô do teu lado e te ajudo.

Outras pessoas, falaram:

— Não. Você é nego véio. Vai fazer faculdade? Pra quê?

Mas, eu não. Tinha esse pensamento: se quisesse fazer o trabalho que tô fazendo hoje, teria que ter uma formação. Depois, pedi e consegui bolsa de estudos da faculdade. Consegui 100%! Tá certo que, no último ano, o programa da faculdade quis me cobrar, mas, como eu já tinha o direito, provei por *a* mais *b* que não podia pagar. Aí, fui no PROCON e entrei com ação na justiça, no juizado de pequenas causas aqui na São Judas. Ganhei a causa por direito! Eu queria pagar da maneira que pudesse, não da maneira que a faculdade queria.

Me formei em 97, mas só fui pegar o diploma agora em 2006. Deixei de ganhar empregos muito bons porque não tinha o CREF. E, assim, não pude exercer minha profissão!

Então, veja: eu sofri pra caramba, viu Marcel! Mas, sempre com o pé no chão, sem desespero, batalhando, correndo atrás, pedindo ajuda. Uma coisa que não tenho vergonha de fazer é pedir ajuda. Eu dou minha cara mesmo!

Foram esses valores que me direcionaram na vida. Com isso, criei relacionamentos, sou respeitado. Sinto que sou respeitado não por ter sido um ex-atleta, mas pelo meu caráter e pela pessoa, profissional e homem que eu sou. Porque um ex-atleta que não tem fama, não ganhou dinheiro... ninguém vai respeitar. Você concorda ou não? Eu penso assim. Só que comigo, graças a Deus, acontece diferente! Várias pessoas chegam a falar pra mim:

— Pô! Você nem parece que foi jogador de futebol. É tão humilde!

Poxa vida! Quando ouço esse tipo de coisa, fico muito feliz! Isso me engrandece muito. Graças a Deus, se elas me veem assim é porque é uma coisa que consegui, né? Eu fiz por merecer e vou continuar mantendo isso... Aí, vou voltar no início da nossa conversa: às minhas origens. Elas estão no dia a dia comigo. Desde a minha infância até hoje no momento que nós estamos conversando. Continuo da mesma forma! Já vivi muita coisa, mas o que ficou não esqueço nunca mais. Eu jamais vou esquecer minhas origens! Jamais! Então, este é o Bizi ex-atleta profissional de futebol, o Bizi profissional de educação física e o Bizi que tá batalhando e que tá querendo ainda conquistar um lugar ao Sol... Só isso!

Não tenho vergonha de falar pra ninguém que vim de uma família pobre, humilde. Vivo, hoje, numa família que batalha também. Minha esposa trabalha junto com meu cunhado. Ele é uma excelente pessoa! Meu cunhado, eu costumo falar, é o irmão branco que não tive!... É o irmão que eu não tive, independente da cor, da raça. E ele fala a mesma coisa: que eu sou o irmão dele... Tudo isso me emociona muito...

Então, depois de alguns anos que encerrei minha carreira, graças a Deus, eu tive essa intenção de retomar os meus estudos. Tive forças pra isso, tive ajuda e consegui. Voltei e recuperei o tempo. Não vou falar o tempo que eu perdi, mas o tempo que deixei de estudar... Independente de ter sucesso financeiro ou não, uma hora eu ia ter que parar por causa da idade, né? Ao longo da minha carreira, fui me preparando psicologicamente... Tava com a cabeça bem focada pra que esse dia chegasse: o dia que teria que parar de jogar futebol. Por isso que, na época que tomei a decisão, não foi um impacto pra mim e não sofri tanto com isso.

Graças a Deus, tive essa condição de voltar a estudar. Fiz uma faculdade e me formei. Hoje, eu sou um educador... Fico até lisonjeado de poder me classificar assim: um profissional de educação física que jogou futebol. Acho que os atletas atuais já deveriam estar se preparando pra daqui a alguns anos quando forem encerrar a carreira. Isso é uma coisa que me preocupa muito... Tanto que, para os adolescentes pra quem dou aula – de 15 e 16 anos –, procuro passar isso também, pra que eles comecem a pensar em parar a partir do momento em que se profissionalizarem. A maioria não pensa no futuro, só vive o presente. Principalmente nessa profissão porque futebol é um meio ingrato!

Esse meu jeito fez com que, hoje, eu não me lembrasse do futebol com aquela saudade:

— Ahhh, eu queria... Ah, como era bom...

Não. Tem que ser uma coisa bem saudável, bem sadia, bem gostosa. Uma coisa que eu fico muito lisonjeado e muito feliz é que, em todos os lugares que vou, como nos jogos entre ex-atletas, sempre alguém vincula:

— Ó, o Bizi do Juventus ali!

Então, isso marcou, ficou, né!? E não me arrependo de não ter tido algumas atitudes porque eu sempre, como acabei de falar, penso futuramente. Se não tirar proveito no momento que estou vivendo, tenho certeza que futuramente esse proveito vai ser bem-vindo. E eu sempre pensei dessa forma... Sou chamado de “patrimônio do Juventus”, o que é um orgulho para mim! Até porque, certamente, sou um dos jogadores que mais vestiu a camisa do clube. Mas, por outro lado, sou um patrimônio que não ganhou dinheiro, que não fez independência financeira... Só que tem uma coisa que não tem dinheiro que pague: é a gente não ser esquecido por algumas pessoas que ainda permanecem no clube. Isso não tem dinheiro que pague!... Sinto saudades!

Eu que revelei o Grafite!

Como a gente está conversando pessoalmente, vou falar uma coisa que nem pro Milton Neves falei! Eu que revelei o Grafite que jogou no São Paulo! Foi na cidade dele mesmo, Campo Limpo Paulista. Não gosto de falar muito disso porque, às vezes, as pessoas vão achar que quero me aproveitar do nome dele. Mas, acho que preciso deixar um pouquinho

a modéstia de lado... Então, ele está no meio dos vários jogadores que revelei nas categorias de base dos clubes por onde passei.

Liberava ele duas vezes na semana pra vender saco de lixo por conta de um problema dele e tudo... Isso ele já falou na televisão. Só que nunca comentou de mim! Mas, tudo bem. Aprendeu muito comigo, ouviu muitos conselhos meus e seguiu a orientação que dava. Então, Deus que ajude cada vez mais ele e não o desampare. Posteriormente, pegou outros treinadores e foi desenvolvendo mais o seu futebol. O Estevam Soares mesmo. Inclusive, o Estevam, que é amigo meu, apelidou ele de Grafite. O apelido surgiu porque é espigadão, cumpridão, escuro. Grafite lembra lápis, né? Antes disso, ele era chamado por Dina. O apelido veio do nome Ednaldo... Mas, eu tenho aquele gostinho de falar:

— Eu fui o primeiro treinador profissional dele! Eu fui a pessoa que o encarreguei.

Isso me satisfaz! O Grafite seguiu o que falei. Não só que eu falei, mas o que outros treinadores também orientaram. Foi assimilando um pouquinho de cada um e por isso que chegou aonde chegou. Hoje, se não me engano, tá na Alemanha.

Lembro até que, na primeira semana que apareceu, foi uma pessoa lá de Campo Limpo Paulista mesmo que veio pedir pra eu dar uma olhada, uma avaliada nele... Ele já estava um pouquinho fora da idade, sabe? Aí, conversei com essa pessoa e fiz uma pergunta natural que todo treinador faz:

— Ele é profissional ou é amador?

— Ah, ele é amador. É aqui da cidade, tal...

— Traz o rapaz pra mim dar uma olhada.

Essa pessoa ficou espantada!

— Mas, o senhor vai olhar?

— Vou! – falei com firmeza – Como é que eu posso avaliar se não vi o futebol dele?

Aí, a pessoa trouxe... Já na primeira semana, conversei com a minha comissão técnica:

— Ó, esse rapaz vai longe!

É que nem eu falo: a gente não tem condições de saber se vai ou não vai. Mas, com uma semana de trabalho, falei que, se ele pegasse uma sequência de treinamentos de grupo, ia desenvolver bastante seu futebol. E foi o que aconteceu... Fico feliz por ter dado a ele essa chance. E torço cada vez mais pelo Grafite.

Não foi fácil ele chegar aonde chegou, não! Passou muita dificuldade... Teve uma passagem, se não me engano pela Coreia ou China, aonde sofreu muito! Saiu fora do país, numa língua totalmente diferente da nossa. Depois, chegou no Goiás, São Paulo... Já tinha a predestinação pra ser bom jogador, né? Porque tinha uma certa qualidade. O que precisava era ser trabalhado da maneira como foi.

Encontrei com ele pouquíssimas vezes, mas, das vezes que conversamos, sempre me agradeceu e disse que deve a mim. Mas, respondi:

— Ó, não é a mim porque foi mérito seu!

Posso ter tido uma parcela, mas o dom é dele. Só que eu fui o primeiro que começou com ele! Os outros deram sequência.

Esse trabalho que fiz com o Grafite fiz também com atletas de outras equipes por onde passei. No União de Mogi, aonde fiquei por 9 anos, também revelei vários jogadores. Não tive recompensa financeira nenhuma! Mas, tive o reconhecimento dos atletas! E isso não tem dinheiro que pague... né? Essa falta de recompensa atinge muitos treinadores. Não foi só comigo. Acontece hoje e vai continuar acontecendo... A recompensa mínima que se espera é o reconhecimento do profissional com quem a gente trabalha, né? E isso eu não me queixo, sempre tive de todos eles. A maioria está longe, em vários lugares do Brasil, e, de vez em quando, eles ligam perguntando como é que eu tô, se ainda sou treinador, sabe? Alguns falam:

— Poxa, professor! Eu tô sentindo a sua falta! Muita coisa que você falava pra mim, pra nós, pro grupo, a gente tá presenciando hoje. O senhor abriu os nossos olhos!

Isso é muito gratificante! É uma coisa queee... me emociona bastante. Mas, eu sei que, se isso tá acontecendo, é porque fiz e faço por merecer. Mesmo após 10 anos, tem alguns deles que ligam pra mim e me propõem até pra ser empresário deles. Não tenho condições financeiras pra bancá-los, mas o que fica marcado é o não esquecimento daquele Bizi treinador, Bizi comandante...

Graças a Deus, eu tenho o dom de me comunicar fácil, de trazer as pessoas para o meu lado. E o treinador tem que ser comandante sem ser arrogante. A partir do momento que você dirige uma pessoa, que o seu subordinado vê que você tá se dando pra ele, no bom sentido, ele vai adquirindo a confiança em você e vai te olhar de outra forma:

— Poxa vida! Essa pessoa está me comandando, mas me respeita.

Tanto com atletas profissionais quanto com crianças e adolescentes, sempre agi assim, o que facilita as coisas... Na minha opinião, este é um trabalho muito difícil! Porque são poucos treinadores que conseguem trabalhar com adolescentes e com equipes profissionais... Na base, é muito mais difícil! Porque, ali é o alicerce, o começo de tudo. Quando esse atleta for selecionado pra equipe de cima, ele tem que chegar pronto, preparado. Em todos os sentidos! Não é só a parte técnica! É a parte física, é o emocionaaal... é uma série de coisas. E tudo isso tem que ser trabalhado na base. É por baixo que se inicia.

Eu, sem falsa modéstia, tenho essa experiência, essa vivência, porque, quando comecei como treinador, iniciei com crianças e fui galgando até chegar no profissional. Pra ser treinador de futebol, não basta ser um ex-atleta. O lado de educador é uma das principais exigências. Cito o próprio Pelé como exemplo. Ele é o rei do futebol, mas, que eu me lembre, nunca ouvi falar do Pelé como treinador... E é uma pessoa que, pelo que foi e é no futebol mundial até hoje, poderia ser. Não sei qual é o motivo de não querer, mas é só pra mostrar que não é fácil, que é preciso preparo. Cito o Pelé, mas poderia falar de outros tantos ex-atletas e ídolos.

Não adianta eu encerrar a carreira hoje e, daqui um mês, estar dirigindo uma equipe profissional. É totalmente diferente! Por quê? Hoje, eu sou comandado; amanhã, estou comandando. E, pra isso, precisa muito tempo... Principalmente hoje, é complicado você segurar um garoto de 16, 17 anos que já é ídolo numa equipe grande. Então, você tem que lidar com a cabeça dele desde a categoria de base. Até porque, o atleta profissional, na acepção da palavra, tem que ser realmente um profissional! Em todas as atitudes. Não é só dentro de campo, na hora que está praticando o esporte. É fora dele também... O adolescente é lapidado na base, por isso que ela é mais difícil. Na minha opinião, o treinador tem que ter esse dom! Essa profissão não é tão fácil quanto parece.

Uma outra coisa que os treinadores têm que pôr na cabeça é que as estrelas são e sempre serão os jogadores que estão dentro de campo... Por exemplo: eu mesmo já me considerei uma estrela dentro de campo. Mas, a partir do momento que virei treinador, não. E, ao contrário de mim, tem vários treinadores e até dirigentes que querem aparecer mais que jogadores. Alguns têm até inveja deles... Hoje mesmo, a minha realidade e atitude são de um profissional de educação física e não de um jogador de futebol. A minha época já foi. Então,

eu tenho que viver como um educador, um professor de educação física. É isso aí! Porque muitas pessoas nas ruas comentam:

— Ô, o cara ainda acha que é jogador de futebol!

E tem muitos ex-atletas que agem dessa maneira! Alguns não estão nem aí! Aham que nunca o dinheiro vai acabar, que vão ser sempre famosos, que vão estar sempre com vinte e poucos anos... Só que o tempo vai passando, vai passando, vai passando e, quando acorda, tá com 50 anos e não fez nada na vida! E daí? Vai correr pra onde? Vai fazer o quê?... E o que é que vai acontecer com ele? Age de maneira inconformada, cai nas drogas, no álcool... Tá cheio de jogador perdido por aí. São inúmeros casos... Fico sempre chateado quando fico sabendo.

Isso vale tanto praquela jogador que terminou a carreira por idade avançada quanto praquela que parou na metade do caminho por sofrer alguma contusão séria e não poder mais jogar futebol. É lógico que ninguém espera que vá acontecer uma coisa dessas, mas o jogador sempre tem que estar preparado.

No meu caso, eu nunca esperava que, depois de 17 anos no Juventus, aonde nunca tive uma contusão séria, fosse quebrar a perna na primeira semana seguinte. Não tinha me preparado pra isso! Como podia imaginar? Quando aconteceu, achei que fosse o meu fim. Depois disso, tive cabeça pra voltar a jogar. Foi difícil, mas era uma coisa que tinha que passar e, graças a Deus, consegui.

Assim como teve gente que se aproximou de mim porque quebrei a perna, teve gente que se afastou porque deixei de dar aquela condição de antes: churrasquinho, festinha... Entendeu? É nessas horas que você vê quem é seu amigo e quem não é. E, aí, percebi quem eram os aproveitadores que estavam encostados em mim e que só queriam me sugar. Então, se não tiver uma estrutura psicológica e familiar boa, acaba caindo naquilo que falei. Tem muita gente que não vê outra saída, né? Que isso sirva de alerta para os jogadores de hoje.

Por isso que, quando encerrei a minha carreira, controlei isso aí. Repito: precisa se preparar psicologicamente pra largar a profissão. Aquele que se prepara pra parar de jogar futebol tem uma conduta totalmente diferente. Temos vários exemplos: o Pelé, o Zico, o Junior do Flamengo, o Wladimir do Corinthians... Me preparei bem antes e, hoje, tô com 53 anos, tô trabalhando e fazendo uma coisa que gosto.

Lado pior

O treinador negro no Brasil não vence!

Antes de sentir na pele, sabia da dificuldade de se tornar técnico porque já havia visto outros ex-atletas, colegas meus. Muitos deles começaram como treinador, mas foram poucos que tiveram sorte. Um dos que tiveram um começo bom foi o Nelsinho Batista, que hoje treina o Sport. Tive a felicidade de jogar com ele durante quatro anos no Juventus, e eu lembro quando ele encerrou a carreira como atleta e iniciou como técnico. Teve muita dificuldade, superou várias coisas e, atualmente, pode ser considerado um treinador de linha, treinador *top* no Brasil. Só que tiveram tantos outros que não tiveram a mesma chance, a mesma sorte. Posso falar de mim mesmo, do Deodoro, que trabalha comigo na CooperEsporte, e de tantos outros...

Como treinador, eu peguei dirigentes bons e dirigentes ruins. Até maldosos... Entre o final dos anos 90 e início de 2000, trabalhei com um empresário durante dois anos. No segundo ano, quando terminei meu trabalho, ele me chamou e falou:

— Ó, Bizi, você foi o treinador mais honesto que trabalhou comigo até hoje! Continue desse jeito.

Isso, pra mim, por partir da pessoa que me contratou, foi o máximo! É o que me dá força pra mim continuar seguindo o caminho, a minha profissão da maneira que eu sigo. Cada vez que ouço, isso me engrandece, me enche de alegria e de esperança... Sinto muito orgulho disso. E é difícil a gente ouvir isso hoje. Como também já ouvi diferente, de um empresário – não vou nem citar o nome – que assumiu uma equipe e me mandou embora porque não era treinador de esquema... Então, eu vivi os dois lados!

Mas, o lado pior vou contar agora. Não aconteceu como atleta profissional e não acontece como educador que sou. Só que aconteceu como treinador de futebol! Há uns anos atrás, um treinador profissional, que está no nordeste hoje – não quero citar o nome dele também –, trabalhava na Portuguesa... Lembro que, na época, todo mundo foi contra ele, mas ele falou uma coisa que é realidade! Eu, pelo menos, vivi na pele e tantos outros viveram e vivem. O que ele disse foi o seguinte:

— O treinador negro no Brasil não vence!

Gostaria que isso fosse só coisa nossa, tá!? Não sei se vou generalizar ou não, mas eu, Bizi, penso assim: acho que algumas pessoas não gostam de ver o negro comandando. Em

determinadas situações, em determinadas profissões, ninguém gosta de ver o negro em cargos de comando.

E isso não é racismo da minha parte. Eu não sou racista e nunca fui! Mas, ao longo do tempo, fui vendo e pensando a respeito disso que esse treinador tinha falado e acho que ele tava certo. Porque vivi e sofri isso na pele! Eu fui discriminado... Não gostaria de citar o nome do clube porque o responsável por isso foi a pessoa que o estava dirigindo naquela época. Não tenho nada contra o clube! Mas, é uma agremiação recente e que está na primeira divisão do Campeonato Paulista. O ano em que isso aconteceu foi 2000. Este clube ainda não tinha time profissional, era só base.

Nesse ano, larguei o clube onde eu estava lá em Guarulhos, que era daquele empresário que me elogiou, e fui pra esta agremiação. No ano seguinte, voltei a trabalhar com o empresário! Mas, tinha saído de Guarulhos porque quis e porque a estrutura desse clube pra onde fui era excelente, assim como é até hoje. Fui pra ganhar o mesmo salário, só que as condições de trabalho lá eram melhores...

Enfim, senti que fui mandado embora desse clube por causa da minha cor de pele. Não pelo trabalho, porque, modéstia à parte, o meu trabalho é simples, mas é bom, não é melhor do que dos outros. Quanto mais simples você fizer as coisas, tem mais possibilidade de dar certo. Nesse clube, o meu trabalho estava sendo muito bem feito! Até porque, lembro que, em 14 jogos, o meu time não tinha perdido nenhum jogo!

Não me deram motivo nenhum ao me demitirem. O que aconteceu é que, na véspera do décimo quinto jogo, levaram uma pessoa na concentração – aonde a gente morava – que seria o treinador que iria entrar no meu lugar. Só que me apresentaram ele da seguinte forma:

— Bizi, essa pessoa veio conhecer o local.

Mas, naquele momento, eu já senti que aquela pessoa iria ocupar a minha função. E, realmente, foi o que aconteceu. Não vou falar tomou porque não tem nada a ver.

Naquele dia, véspera do jogo, eu chamei o preparador físico que trabalhava comigo e disse:

— Ó, amanhã, independente do resultado, vai ser o último jogo meu!

— Ah, Bizi, você...

— Espera! Você vai ver. – cortei a fala dele.

Minha equipe podia até perder porque já tava classificada para a outra fase. E, justo naquele jogo, nós acabamos perdendo... Como era um jogo normal, poderia perder como poderia ganhar. Depois de 14 jogos sem derrota, esta foi a única que tive. Aí, no dia seguinte, eu, a comissão técnica e todo o grupo estávamos almoçando quando me chamaram. Me chamaram por telefone!... No momento que vieram me buscar aqui neste prédio, vieram de BMW. Na hora de me mandar embora, me mandaram embora por telefone...

Naquele momento, senti mágoa... muita angústia! Não senti raiva porque quem sou eu pra ter raiva de alguém? Não tenho raiva de ninguém! Isso é uma coisa que não existe dentro de mim. Mas, me senti menosprezado, jogado... Sabe? Eu preferia que a coisa tivesse sido de uma outra forma! Para o próprio grupo ficou esse pensamento também, porque a equipe era muito boa e o trabalho realizado tava sendo excelente! Até por isso que eu não quis nem dialogar com a pessoa que me despediu.

Assim que desliguei o telefone, voltei pro refeitório e eles viram que o meu semblante já tava totalmente diferente. Aí, reuni o grupo e contei. No momento, alguns deixaram de almoçar e queriam ir falar com a pessoa que me dispensou. Eu que não deixei e fiz até um minidiscorso:

— Não. Ninguém vai. Segue a vida de vocês... Já estive aí do lado de vocês e, hoje, tô do lado de cá. Isso é pra vocês verem e pensarem bem se um dia vão querer trocar de lado, como eu fiz... Por isso que, como treinador, cobreí de vocês, exigi bastante, mas para o bem de todos nós. Então, que sirva de exemplo pra vocês o que aconteceu comigo. Até como atleta mesmo! Hoje, vocês estão bem e servem. Amanhã, alguém aí vai achar que vocês não servem mais e vão mandá-los embora. E nós temos que aprender a conviver com esse tipo de situação: hoje, você serve; amanhã, você não serve!

Alguns deles choraram... Quando a gente comanda um grupo, tem sempre um ou outro que se apega mais a você. Conversava com um ou outro separadamente. E foram esses atletas os que mais sentiram. Eles, os meus auxiliares, o cozinheiro, o massagista, todos eles queriam tomar uma atitude e sair a meu favor. Mas, não deixei:

— Não, gente! Vocês dependem desse emprego tanto quanto eu. Continuem trabalhando da mesma forma. Ao próximo que vier, deem o apoio que vocês deram pra mim... E, assim, o nosso trabalho vai seguindo. O que aconteceu, aconteceu. Passou. Isso não tem problema. Nós estamos aqui de passagem, tanto eu quanto vocês.

Lá, naquele instante, ocorreu uma “manifestação” que me deixou muito feliz. Aí, me dei conta: “Poxa vida! Como eu sou realmente querido.”. Fico emocionado ao lembrar disso... Aproveitei para pedir desculpas por chamar, em um momento ou outro, a atenção de uma forma um pouco mais ríspida de alguns atletas. Eles entenderam porque todos sabiam da minha maneira de repreendê-los, né? Sempre com respeito. Porque eu, como treinador de futebol, sempre falava e falo pra qualquer grupo que trabalhei, trabalho ou possa vir a trabalhar:

— Eu vejo primeiro o homem, depois o atleta.

Isso, eu deixo bem claro! Porque, se colocar o atleta na frente do homem, não vou ver o caráter... vou ver a profissão. De repente, ele pode ser um atleta limitado tecnicamente, mas é um grande homem, tem um grande caráter. Aprendi isso e procuro passar pras pessoas que comando...

Três de uma vez só!?

Talvez discriminação seja uma palavra muito forte pelo que aconteceu comigo. Porque não foi uma coisa, assim, muito acintosa. O que não tira a minha desconfiança e o meu sentimento... Até porque, por enquanto não apareceu ninguém pra me falar que não foi dessa forma, pra me provar diferente. Então, continuo pensando que foi por ser... né?

Outras pessoas passaram por situações muito mais acintosas do que eu. Senti, mas de uma forma “sutil”. No fundo, no fundo, teve alguma coisa a ver com aaa... com a minha cor de pele, né? Até pelas atitudes distintas que tiveram comigo no início e no fim. Vou dar um exemplo: hoje, você me joga pedras de ouro; amanhã, um caminhão de pedra... Tá entendendo? Por isso que eu tenho esse pensamento. Não vou falar nem dúvida! É pensamento.

Por coincidência – até me lembrei agora –, na mesma semana que eu fui mandado embora, outros dois colegas meus foram despedidos. E, por coincidência, nós três somos... né? Olha só que coisa! Por isso que, até hoje, penso da maneira que te falei. E eu sou mais... deles. Eu era da categoria sub-20, um deles da sub-17 e o outro da sub-15...

Três de uma vez só!? Coincidência, não? E na mesma semana! Entende? Então, é por isso que falo que foi uma coisa que aconteceu. Eu não descarto que tenha tido esse problema... Não descarto! Tá certo que, depois disso, foram outros treinadores que nem eu pro

clube, mas, na época que vivi lá, acho que foi, sim. Fiquei chateado, é claro. Não só por mim, mas também por esses meus colegas que sofreram e passaram pela mesma situação que eu.

Tudo bem. Financeiramente, me pagaram sem problema nenhum. Isso eu tinha por direito. Só que a atitude... Por isso que, nessa época, comentei com a minha equipe e comissão técnica esse problema de eu ser... É verdade isso. Infelizmente, tem muita gente que não quer admitir e não admite. Levo isso sem revolta, sem nada porque tenho outras coisas pra fazer... Mas, sou um cara consciente, sou realista! Que existe, existe! E, nessa profissão, tem! Treinador de futebol, tem!

Eu chego até a falar pras pessoas:

— Escuta, algum de vocês conhece algum treinador negro? Me fala. Quem no Brasil?... Em São Paulo, tem?... Não tem, não aparece.

Tomara que Deus queira que não seja, mas é um pensamento meu porque eu vivi na pele!... Foi falta de respeito com o profissional! Lógico, ninguém é obrigado a aceitar você em qualquer lugar. Se a pessoa não quer mais, diga claramente:

— Olha, não quero mais você por isso, por isso e por isso.

Aí, tudo bem. É um direito que ela tem. Agora, fazer da maneira que fizeram e fazem até hoje... Não falo por só mim! Já fizeram isso com treinadores *top*, com os melhores treinadores do Brasil. Só que eles estão acostumados e não dependem dessas pessoas, porque a maioria deles, financeiramente, já está estabilizado e definido. Então, largam esse emprego e, logo, vão pra outro time... Mas, imagina o profissional que tá começando, que depende do emprego pra poder mostrar o trabalho e acontece uma situação dessa.

Que Deus não mude meu pensamento, minha conduta...

Eu tô acompanhando de longe as eleições nos Estados Unidos. Estou vendo o candidato à presidência Barack Obama, a sua trajetória, as dificuldades que teve e tem pra tentar se eleger, né? Então, isso não é só no Brasil, é no mundo todo! Mas, isso não me influencia em nada na minha vida: dia a dia, trabalho, relacionamentos... Em nada! Só tô comentando uma coisa que eu tô vendo e uma coisa que eu passei. Mas, como sou esclarecido, deixo isso de lado! Porque sei com quem convivo...

Mas, acho que tem diferença, sim. Que nem costumei falar: o racismo, o preconceito racial é a hipocrisia... Por quê? Porque ninguém vê a cor do negro rico! Até por isso que não

me incomodo muito com esse tipo de coisa. Essa é a minha opinião! Não sou melhor e nem pior do que ninguém, não sou perfeito, tenho erros, mas eu penso dessa forma. Respeito a opinião de todos, mas me baseio pelo meio que vivo e pelas pessoas com quem me relacionei durante a minha trajetória...

Até por pensar, por encarar assim, diferente dos outros, isso nuuunca me prejudicou em nada! Você entendeu como é que é? Os bons relacionamentos que eu tenho, minha família e meus amigos me fazem superar todas essas coisas que aconteceram comigo. Tô comentando isso porque é a minha história de vida! Foi uma coisa que vivi, que passei na minha carreira e que quero deixar registrada... Se eu passei, alguns não passaram, outros vão passar, né?

Nunca tive vergonha da minha cor de pele... Sempre dei a minha cara pra bater! Por isso que eu consigo as coisas, que eu trago pessoas pro meu lado, que elas gostam de mim:

— Poxa vida, Bizi! Mas você nem parece que foi um jogador de futebol!

Aí, eu pergunto:

— Mas o que é que vocês imaginam de um jogador de futebol?... Qual é o pensamento?

— Ah, mas você é tão simples!

— As minhas origens são simples!

Aí, eu já vou lá pra trás, no passado. Não é porque cresci um pouquinho hoje que vou esquecer as minhas origens simples... Muito pelo contrário! As minhas origens vou carregar pro resto da vida! Não adianta. Dou um exemplo: o Lula é o presidente do Brasil, mas as suas origens ele carrega até hoje... Sempre vai estar com você, não dá pra tirar da tua vida...

Acho que outro ponto fundamental é a gente ter equilíbrio emocional. Porque você estando equilibrado emocionalmente, você resolve qualquer situação! Pode não resolver na hora, mas parando pra pensar consegue resolver. Então, tem coisas que não tem como mudar a tua maneira de pensar.

E a gente tá aqui de passagem. Nesse espaço de tempo que nós estamos aqui, eu acho que a gente tem que procurar fazer coisas boas. Se não puder ajudar alguém, não prejudique... Né? É bom conviver com a família como convivo, ter boas amizades como tenho, ter portas abertas como tenho... Por isso sou feliz! Muito feliz!... Que Deus continue me dando essa saúde. Que Ele não mude meu pensamento, minha conduta... pra mim continuar recebendo só

coisas boas, me aproximando de pessoas que querem me ajudar. Eu só peço isso! Porque o que a gente precisa mais pra viver?

Minha família é a base de tudo!

Mas, isso que tô falando pra você, até como um desabafo, eu vivi e passei por causa do futebol. Talvez se não tivesse sido um membro do futebol, não teria presenciado nada disso. E não estaria contando isso aqui hoje. Essa é uma história real de vida! Então, o que eu fiz foi procurar tirar lições, aprendizados de todas as situações que vivi. Costumo sempre tirar o lado bom e o lado ruim esqueço, deixo de lado.

Eu cresço com tudo isso! Cada vez que acontecem situações adversas comigo, levo como um aprendizado, um crescimento pessoal. De saber resolver, de saber sair delas sem consequências piores. É até bom porque a vida não é feita só de coisas boas. A gente tem que ultrapassar também as adversidades e eu, graças a Deus, cheguei num ponto que, o que tinha de passar no meu lado profissional, acho que já passei... E sempre penso positivamente, né? Continuarei sendo assim, fui criado dessa forma e não tenho o porquê de mudar.

Mas, nesses momentos, família é fundamental! Esse é um ponto queee... supera tudo! Família é tudo na vida da gente... Assim que saí do clube, liguei na metade do caminho de casa pra minha esposa e contei. Ela queria saber como é que eu tava:

— Não, tô bem. Chateado, mas tô bem!

É lógico, a cabeça estava a mil. Mas, sabe como é que é, né? Enquanto a gente não tá próximo da pessoa, ela não acredita no que a gente fala.

Vim sozinho, carregando minhas malas. Cheguei em casa e fui bem recebido por minha esposa e minha sogra. Conversamos bastante... Disse que eu pensava que tinha alguma coisa a ver com a minha cor de pele... Comentei que senti isso na pele até por viver numa família da raça branca. Elas me falaram que, se realmente aconteceu isso aí, foi por falta de espírito das pessoas. Que não era pra mim levar em consideração porque a minha capacidade, inteligência e caráter não estavam na cor da minha pele, na minha raça, estavam na pessoa que eu sou! Já sabia disso. As pessoas nem precisavam me falar, mas a maioria fazia esse comentário!

Ainda falei pra minha esposa e pra minha sogra:

— Não vou desistir! Ainda tem outros clubes. Não existe só lá pra trabalhar.

E foi o que aconteceu. Não desisti e fui pra outros lugares... Graças a Deus, tenho uma família bem estruturada – não digo financeiramente, mas em termos de educação e valores – e que sempre me apoiou moralmente. Minha família é a base de tudo! E tenho da onde me sustentar. Não dependo do futebol graças a Deus! Até por causa da minha formação que me ajuda em outros trabalhos. Por isso que eu superei tudo isso e vou superando... Estou preparado pra viver novas situações.

Dificuldades, a gente tem? Tem. Porque a Educação Física não é uma profissão em que se ganha muito dinheiro. Mas, o prazer em fazer o que eu faço me dá vontade de continuar!... Por esses motivos também que a gente tem que ter amizades, sabe? Prezo muito as amizades que tenho. Porque todos os empregos que consegui e consigo até hoje – lógico que tenho capacidade também – foram por ter amigos, pessoas que conhecem a minha índole e o meu trabalho...

Me desiludi completamente com essa profissão: treinador de futebol

O fato de ser despedido não aconteceu só dessa vez, mas, nessa equipe, foi a principal porque teve o lado racial. Das outras, não. Já fui mandado embora com dois jogos. É normal! Natural! Por isso que eu falo: essa profissão de treinador é muuuito complicada. Não é só aqui no Brasil, não. A gente vive muito de resultados. Gosto de ouvir e de assistir programas esportivos, e presto muita atenção no que os treinadores falam e passam... Mano Menezes do Corinthians, Luxemburgo do Palmeiras, Muricy Ramalho do São Paulo e outros tantos. E todos eles têm as suas dificuldades de comando. Comigo, não foi diferente. Se eles, que são *top* de linha, têm dificuldade, imagine eu e tantos outros que só trabalhamos em equipes de base...

Já trabalhei em clube que a diretoria não dava alimentação pros atletas. Nessa ocasião, eu e meu preparador físico tivemos que dar dinheiro do nosso bolso – sem poder – pra cozinheira comprar ingredientes do café da manhã, arroz, feijão pra dar o que comer aos jogadores. Senão, como eles poderiam treinar? Então, tudo isso eu, como treinador, já fiz. E foram várias vezes, assim como outros colegas que também fizeram e fazem. A gente não tem obrigação! Mas, por que que a gente faz? Por causa do grupo que a gente comanda. Eles merecem. É assim que se traz os seus comandados pro seu lado!

Mas, não tenho queixa nenhuma. Nunca discuti e nem me envolvi em confusão com jogador. Com dirigente então, muito menos. Só que eu costumo falar que dirigentes são todos iguais! Todos eles calçam 40! Lógico, há exceções nesse meio? Há. Mas, são pouquíssimas exceções! Tudo isso foi um aprendizado, serviu pra mim abrir os olhos e ver que a carreira de treinador é muito desgastante. De repente, eu poderia ficar até doente por certas coisas que poderiam acontecer na sequência. Não é? Então, fui até quando Deus me falou:

— Não, Bizi. Tá na hora de sair disso, de partir pra outra coisa. Você tentou até aqui e não deu certo. Mas, não foi por falta de tentativa.

Por isso que não me arrependo de nada do que fiz. Vivi várias situações e, de todas elas, tiro lições. E lições boas! Sempre pensando positivo e que vai vir coisa melhor pra mim. E sempre tá vindo coisa boa pra mim.

Tive outras decepções, mas coisas, assim, menores, coisas de futebol, de resultado, por conta do time não ganhar... Tive alguns problemas com dirigentes. Por exemplo:

— Bizi, você tem que pôr tal jogador no seu time.

— Não. Vou escalar quem eu quiser, quem tiver melhores condições técnicas...

Sabe essa situação de querer impor? O fato de eu não ceder a essas ingerências deve ter me prejudicado muito!... E outras coisas também que eu vou lembrando e que estão vindo na minha cabeça. Como morava na cidade do clube durante a semana – pois não dava pra ir e vir de São Paulo todo dia –, ficava sempre na concentração, fazendo meus trabalhos, olhando minhas coisas, o pessoal... Olhando, não vigiando!

Tinham alguns funcionários do clube que iam na casa dos dirigentes, né? Eu não, sempre ficava na minha. E isso também me prejudicou um pouquinho! Porque eles achavam que eu tinha que estar ali, junto deles. Mas, não sou disso. Trabalho é trabalho... lazer é lazer. Como estava trabalhando, não tinha que viver enfiado na casa de presidente e de diretor. Não. Tinha que estar aonde morava e acabou...

Depois, quando já estava no clube há mais de dois meses, vieram me falar uma vez:

— Ó, fulano reclama que você não vai lá. Você tá aqui e não vai lá?

— Eu sempre tenho alguma coisa pra fazer aqui. – justifiquei.

Provavelmente, se eu tivesse algum resultado ruim, seria obrigado ouvir coisas que não queria, do tipo:

— Ahhh... também, né? O Bizi tava lá e não sei que...

Então, eu sempre fui muito inteligente pra esse tipo de coisa! Esse fato não foi o principal, mas foi uma das coisas que contribuíram. Quando vinham me cobrar, sempre fugia do assunto:

— Ô, Bizi, o ropeiro vai, o médico vai e você não vai?

— Não, eu tenho outras coisas pra fazer... Qualquer hora, vou.

E acabava não indo... Eu acho que, às vezes, você tem que fazer uma média, uma política da boa vizinhança, mas pra trazer benefícios pro seu trabalho. Não pra fazer reunião, churrasco, pra tomar uísque na casa de presidente, de diretor... Eu sabia que essas coisas não iam acrescentar nada pro meu trabalho e nem pra minha vida! Só iam acabar me prejudicando! Mais dia ou menos dia, né?

Então, esse e outros motivos influenciaram na minha demissão. Outro fato: eu, no dia de jogo, queria ficar somente com os atletas e a minha comissão técnica nos vestiários... Tem dirigente que não gosta disso. Ele quer estar presente e quer ouvir a minha palestra antes das partidas, nos intervalos e depois dos jogos. Só que eu era exigente nesse aspecto:

— No dia do jogo, só eu e minha comissão técnica. Os médicos só se precisar de alguma coisa... Dirigente, diretor, presidente, vocês querem conversar com determinado jogador? Chamem ele nas suas salas, separado do grupo e no dia seguinte.

Mas, não. Eles querem conversar no momento do jogo. Eu fico a semana inteira com os atletas e não aparece um dirigente! No dia do jogo, eles vão querer estar no vestiário dando palpite? Isso eu não admito e nunca admiti no meu trabalho! Até porque, tem muito diretor que gosta de aparecer nessas horas... Então, nunca engolia esse tipo de atitude... Alguns colegas meus falavam pra mim:

— Ah, você tem que se submeter a isso.

Mas, não dá. Eu não consigo! Se alguém consegue, o problema é dele. Cada um age de uma maneira... O dirigente me contrata por determinado salário e vai ficar interferindo no meu trabalho?... Eu comando um grupo de 25 a 30 pessoas e aí? Que visão que eles vão ter do comandante deles?... Não que quisesse me impor perante uma pessoa que, dentro da hierarquia, estava acima de mim. Mas, ali, no meu trabalho, o comandante sou eu! Sempre mostrei comando. Isso é tudo pra quem lida com grupo! Então, certamente, em algumas equipes, fui prejudicado por causa disso. E os treinadores aceitam esse tipo de situação se

quiserem. Ninguém é obrigado! Né? Mas, na maioria das vezes, muitos fazem isso pra segurar emprego!

Vou contar uma outra situação que aconteceu tantas vezes comigo: eu estava trabalhando em alguns clubes e outros treinadores ligavam se oferecendo pra ficar no meu lugar por menos do que ganhava. Isso acontece até hoje! É que a gente não fica sabendo. Aí, volto a falar: que ética? Existe ética? Eu acho que em nenhuma profissão existe ética! O que existe é o seu trabalho, a sua capacidade, né?

Eu sempre percebi o que tinha se passado depois. Muito tempo depois! Seis meses, um ano após sair do clube.

— Ô, Bizi, sabe quando você tava dirigindo tal clube?

— Ah.

— Você ficou sabendo que fulano ligou lá pra se oferecer e trabalhar no seu lugar?

Então, é assim que a gente fica sabendo desse tipo de coisa... Conheço muitos treinadores, mas, às vezes, o relacionamento com eles não é dos melhores. Então, com aqueles que tenho boa relação, fico sabendo dessas situações... Isso é algo que acontece até os dias de hoje. Afinal, vemos treinadores *top* no Brasil que não se dão bem, né? É visível isso aí! Só que eu tinha mais amigos do que inimigos... Então, ficava sabendo desse tipo de coisa bemmm depois que eu tinha saído da equipe. Mas, sempre desconfiava porque o futebol é meio sórdido, meio falso, assim como são outras áreas. E é assim porque envolve muitos interesses!

A gente cansa de ver dirigente, presidente, esse pessoal que fica na parte burocrática, roubando, dando desfalque em clubes, e fica por isso mesmo. Os mais prejudicados, na minha opinião, são aqueles que trabalham dentro do campo: treinador, comissão técnica, jogadores... Tudo isso acaba estourando dentro do campo, nas mãos daqueles que trabalham dia a dia, embaixo de sol, de chuva, no frio, que enfrentam viagens, más condições de trabalho...

Por isso que ser treinador é uma profissão ingrata! A maioria não enxerga por esse lado, só olha para aqueles que conquistaram o último patamar, que ganham muito dinheiro. Só que na trajetória muitos desses treinadores passaram pelo que falei... Por essas coisas que passei que eu chego a ponto de falar que tô enjoado com o futebol, viu! Não posso nem ouvir falar em ser treinador de futebol de time profissional. Não quero!... A gente sofre muito.

Se eu tivesse aquela capacidade, aquela tranquilidade de engolir, não estaria falando essas coisas hoje. Mas, só que não tive isso! Não dá pra ficar aqui dentro do meu pescoço! Tanto que, na época, não suportei... Enfim, não generalizo os dirigentes. Alguns com quem me relatei foram muito bons! Me respeitaram como profissional, por isso mantenho contato até hoje com um ou outro... Agora, os outros, não... Não sei, não tenho mais contato e nem quero, porque eles não vão me ajudar em nada! Se não me ajudaram na época que eu precisava, muito menos hoje... Alguns já me convidaram pra voltar, mas não quero. Isso é um direito meu. Me desiludi completamente com essa profissão: treinador de futebol.

Esse tipo de situação aconteceu direto na minha vida!

Como atleta, nunca passei por uma situação como a que eu passei quando era treinador desse clube aqui de São Paulo. Nunca! Muito pelo contrário. Em todos os lugares que chegava ou que frequentava, era bem recebido sem problemas... Nunca gostei de me expor, mas, quando ficavam sabendo que era o Bizi do Juventus, muitas vezes eu me via em volta das pessoas e conversando... O jogador de futebol chama a atenção em qualquer lugar. Isso é natural. Até hoje, vou em determinado lugar e alguém fala:

— Ô, você foi ex-atleta?

As pessoas chegam e começam a perguntar isso, aquilo. E é gostoso, é muito bom!...

Pra falar a verdade, o primeiro contato era bem difícil quando chegava num lugar, mas, a partir do momento que ficavam sabendo quem eu era, nossa aí a coisa mudava completamente! Sabe? E, hoje, não é diferente também. Já aconteceu de eu entrar em determinados lugares, em repartições, por exemplo, pra fazer algum serviço ou alguma coisa, e as pessoas ficarem todas assustadas, de olhos arregalados, com medo. Até entendo porque, no mundo que nós tamos vivendo hoje, as aparências enganam, né? Depois, me identifiico, as pessoas ficam sabendo que eu sou um profissionaaal... Aí, já ameniza a coisa. Percebo? Percebo. Só que sei administrar, analisar e, dependendo do lugar que eu tô, se ver que é uma coisa que vai piorar, já procuro sair de finiiinho. Nunca aconteceu, mas, se sentir tal coisa, já tô preparado pra isso!

Mas, isso é geral, não é com relação só ao futebol, né? As aparências enganam porque, às vezes, uma pessoa que está de terno e que a gente imagina ao olhar que é um bom indivíduo, de repente essa pessoa é da pior qualidade, da pior espécie... Então, tirando essa

passagem como treinador que foi uma coisa, assim, muito acintosa e que incomodou um pouquinho, eu nunca passei por algo parecido como atleta. E, hoje, Nossa Senhora! Hoje, muito menos.

É lógico que, se você perguntar pra mim como que é no momento do jogo, não tem como eu negar que já fui xingado. Fui e por várias vezes! Torcida, então, nem se fale. Nossa! É até hoje. Me xingaram quando era atleta, quando era treinador... E ouvia muitas coisas. Muitas!... Me ofendiam de “negro”, “negro sujo”, “macaco”... Quando sou convidado pra participar de jogos em algumas escolas, tem sempre aqueles pais mais alterados que fazem isso comigo. Mas, isso é coisa natural, normal!

Agora, cabe a mim, no caso, saber absorver isso aí. O que eu costumo falar é o seguinte: aquele cara que tá lá fora me vendo, ele é pura emoção... Pura emoção! O futebol, pra ele – tô generalizando a torcida, tá? –, é um lazer. Pra gente, que tá lá dentro, não. É o nosso trabalho! Por isso que eu tenho que agir com a razão. Tenho que estar adaptado e preparado pra essas situações de provocação do adversário, da torcida... Isso, hoje, é comum! No dia a dia, é comum!

Apesar de já ter ouvido muito xingamento, isso não me incomoda. Sabe por quê? Porqueee, na realidade, como eu sou bem esclarecido, a minha cor de pele é só pigmento. O que vai por baixo disso aqui é igual a de qualquer ser humano: branco, amarelo, negro, mulato... Tudo é igual! O corpo, o sangue... Então, procuro encarar por esse lado.

Só que, às vezes, eu observo a pessoa que tá me agredindo ou agredindo outras pessoas dessa forma e fico com pena dela. Porque vejo que ela, com todo o respeito que tenho pelo ser humano, não tem esclarecimento nenhum! Aquela pessoa, às vezes, não é culpada. De repente, ela não teve uma educação adequada, o meio ambiente em que ela vive é daquele jeito, ela tem muito mais dificuldades na vida do que eu... Não é? E aquele momento ali do futebol é um desabafo pra ela, que se sente bem fazendo esse tipo de coisa. É assim que levo isso. Não fico com raiva, não! Porque eu sou eu e ela é uma pessoa totalmente diferente.

Então, nós, por sermos mais esclarecido, temos que saber administrar e observar isso aí de uma forma positiva. E eu sempre levo por esse lado! Levo pro lado da falta de espírito da pessoa, falta de religião, falta de educação, né? Às vezes, não vou falar que a pessoa faz por maldade, porque aquilo é uma coisa que vem já desde o nascimento, a infância, está no dia a dia dela... Eu encaro assim!

Até porque, da mesma maneira que posso me sentir ofendido se alguém me chamar de “negro sujo”, eu posso ofender alguém se disser “branco sujo”... É a mesma conotação! Não vejo diferença!... Tanto do branco pro negro quanto do negro pro branco. Se ambos se ofenderem, é racismo. E racismo é uma coisa que eu não tenho! Graças a Deus, isso comigo não existe!... Então, isso, no meu dia a dia, desde a infância, fui aprendendo, fui analisando e fui procurando entender da minha maneira, não de uma maneira revoltante, agressiva, recíproca... Eu sempre procurei pensar o contrário.

Esse tipo de situação aconteceu direto na minha vida! Às vezes, até brinco com algumas pessoas. Qualquer coisinha que acontece, todo mundo fala:

— Ah, só podia ser negro! Só podia ser preto!

Desde quando era criança, existia isso aí, e, desde moleque, nunca procurei levar pro lado da pigmentação, da cor. Sempre penso se a pessoa tem caráter ou não, se é equilibrada ou não... Todas essas coisas não dependem da cor ou da raça, né? Você pode achar estranho o que vou falar: eu não tenho preconceito nenhum! Nunca tive! Por isso que me tornei amigo de todo tipo de gente: de branco, japonês, nordestino, árabe, argentino... Todas essas amizades eu tenho. Convivo numa família de italianos. Então, você acha que eu sou racista? Que eles são racistas? Não... Há exceções. E muitas!... O meio ambiente que vivo é esse! E quem faz o ambiente é a gente. Então, você que tem que fazer aquela pessoa mudar o pensamento dela com relação a você por causa de sua cor de pele. E isso eu faço e tenho facilidade pra isso. E todo mundo tem que ter!... Tem que mudar isso aí! Tem que haver respeito entre as pessoas! Na realidade, resumindo tudo, nós somos todos seres humanos...

Já fui convidado pra entrar em movimento negro, mas nunca me interessei. Eu nunca me interessei porque é uma coisa que nunca me incomodou! Nunca me atrapalhou! Tem? tem. Mas, sabe quando você tá consciente? Porque a gente tem que mudar isso aí! E de que maneira que a gente muda? Com atitudes corretas. Ninguém é perfeito, mas, se você procurar fazer o certo, eu acredito que tem sempre alguém do lado de lá do céu que vai perceber isso... Você pode até não conseguir, mas alguém vai falar:

— Não deu, mas ele tentou fazer o certo.

Tudo isso faz parte! É que, no mundo que nós estamos vivendo hoje, as coisas estão bemmm... bem visíveis, bem acintosas. A gente tá cansado de ver no noticiário da televisão:

— Negros não são admitidos por causa da cor. Nordestinos não são admitidos por causa disso, daquilo.

Mas, tem o outro lado também. Tem vários nordestinos em cargos de comando, tem vários negros na política, que são artistas e uma série de coisa... Agora, acho que cada um tem que saber diferenciar isso aí. Um negro não pode achar que eu, por ser negro, tenho que me ligar com o movimento negro. Não! Não tem nada a ver! Se aquilo não tá me atingindo, por que é que eu vou me envolver com aquilo? Tenho que procurar viver em harmonia com todas as pessoas! Independente da cor, da classe, da situação financeira... Então, penso dessa forma... É por isso – não vou falar nem talvez – que eu me relaciono bem com todos e não tenho problema nenhum nesse sentido...

Só que o mundo de hoje é diferente, né? Não são todas as pessoas que pensam assim. Por isso que tem tantas guerras... Quem sabe um dia os povos vão se entender? Eu não vou chegar a ver! Mas, é uma coisa que vai acontecer! Apesar de nunca ter sofrido, antigamente era bem pior... Mas, a gente já tá tendo uma melhora nos últimos anos. Porque – pra usar o português claro – já tá se misturando mais! Não tá aquela coisa separada. Então, acho que a coisa vai diminuir. Ainda tem! Mas, vai chegar uma hora que vai acabar isso aí. Depende das escolas, dos educadores, dos meios de comunicação e de uma série de coisas pra contribuir nesse processo.

A gota d'água

Em 2003, estava empregado no Chute Inicial, escola franqueada ao Corinthians, há mais de um ano. De repente, fui convidado pra ser treinador do Auto Esporte, na Paraíba, e falei com meus familiares:

— Poxa vida! Primeira oportunidade de trabalhar como treinador fora do estado de São Paulo. É a oportunidade que eu precisava!

Pois, já tinha sido treinador em várias cidades paulistas: Mogi das Cruzes, Suzano, Itaquaquecetuba, Guarulhos, Tietê, Barueri... Eram todas equipes pequenas de São Paulo.

Só que, no meio do futebol, seja como atleta ou treinador, a gente tem que acreditar nas pessoas! E a pessoa que fez o convite pra mim, ela também foi iludida, enganada, envolvida por acreditar em outras pessoas... Eu, em momento algum, a culpo. Até hoje,

quando encontro essa pessoa, ela me pede desculpas! Por ter me tirado da onde estava pra me levar pra lá e me fazer passar por aquela situação.

Mas, foi um aprendizado bom. Me fez cair na realidade porque ser treinador de futebol aqui no Brasil é muito difícil! Muuuito difícil!... Talvez se eu não tivesse ido pra Paraíba, se não tivesse passado pelo momento que passei, se não tivesse vivido os momentos ruins que vivi lá... hoje estaria conversando diferente. Eu estaria me lamentando de não ter ido! Não é o caso... Não me arrependo de ter ido, não! Só lamento o que eu e mais vinte e tantas pessoas vivemos lá.

Tinham atletas de São Paulo, do Maranhão, do Paraná, do Rio de Janeiro, de vários estados. E todos sob a minha responsabilidade. Inclusive, três garotos menores de idade que treinavam na escola aonde dava aula e que só foram comigo porque os pais deles me conheciam. Então, eu era o comandante e nós fomos abandonados lá! Ficamos dez dias sem comer! A nossa sorte é que o dono do hotel Vicente da Paraíba em que nós estávamos, o seu José, deixou a gente ficar lá de graça e dava café da manhã ainda. Eu e meu preparador físico, o professor Walter – excelente profissional –, nós comprávamos pão com mortadela... Os atletas não almoçavam nem jantavam! Os taxistas que ficavam em frente ao hotel, ao saberem da nossa situação, fizeram uma vaquinha e começaram a comprar refrigerante pra gente. Durante dez dias, foi isso...

A situação ficou desesperadora! Porque o clube, quer dizer, os dirigentes do clube nos abandonaram... Eu não “generalizo”, mas, na minha opinião, hoje todos os dirigentes de futebol calçam 40! Em outras palavras, todos eles são iguais! Eu não confio em nenhum deles! Infelizmente, é uma imagem muito ruim que ficou. E a gente vê que vem acontecendo muitas coisas envolvendo dirigentes de clubes, né? Então, o que tô falando faz sentido.

Eu não culpo o clube, culpo as pessoas que o dirigiam na época! Por isso repito: essas situações que aconteceram comigo na Portuguesa, no Juventus, naquele clube em 2000 e no Auto-Esporte nada têm a ver com a instituição em si. Os responsáveis são sempre essas pessoas que estão no comando naquele momento. São dirigentes incompetentes! São pessoas que não têm sensibilidade nenhuma! Só pensam em ter mais poder e se esquecem que ali, na frente delas, tem um profissional, um ser humano...

Chegou um dia, quando estava insustentável, tomei banho, troquei de roupa e saí. Até lembro que um funcionário do hotel conversou comigo. Segundo me disse, eu nem olhei pra

ele de tão perturbado que estava. Parecia que tava... sozinho no mundo. Saí, fui andando, indo, indo, indo... e entrei em uma igreja aonde estava tendo uma missa. Sentei... Até hoje, me emociono quando lembro... Tinha que ser da maneira que foi! Eu reconheço que tinha que ser naquele dia. Não podia ser antes nem depois. Então, sentei e fiquei assistindo a missa. No final, todo mundo foi embora e eu comecei a chorar. Me deu uma crise de choro! Que tava tão desesperado – eu como comandante de vinte e cinco pessoas – que não sabia que atitude tomar. Aí, uma senhora lá na igreja viu que estava chorando e veio até a mim. Perguntou:

— Moço, o que é que você tem?

Conversei com ela, disse da onde era, o que estava fazendo lá, expliquei a situação e tudo. Aí, ela falou:

— Ah! Você tem que ter muita fé em Deus.

Na hora que ela falou “ter muita fé em Deus”, eu fiquei fora de mim e gritei:

— Que Deus? Que Deus é esse? Que Deus? – falei repetidas vezes – Eu saí da minha cidade natal, trouxe vinte e cinco pessoas comigo que precisavam de um emprego e acontece isso?

Eu tava... alucinado. E ela me ajudou:

— Olha, eu vou chamar o padre. Ele está ali e você vai conversar com ele.

Aí, o padre veio, me levou até a sala dele. Sentou ao meu lado, deitou minha cabeça na coxa dele e me mandou começar a falar. Mas, antes disso, eu chorei, chorei, chorei... Quando já tinha desabafado, comecei a contar o que é que estava se passando. Então, ele me consolou:

— Olha, filho. Isso é uma provação que você tem que passar. Mas, você vai sair dessa situação...

Aí, saí de lá aliviado! Antes disso, me ajoelhei no altar, pedi perdão a Deus pelo que eu tinha feito horas antes, por criticá-lo, né? Mas, foi uma coisa que Ele entendeu porque sei que me perdoou, já que me ajudou muito e vem me ajudando até hoje. Deus só colocou coisas boas na minha vida, na minha carreira... Quando cheguei na porta do hotel, tinha um repórter da cidade lá. Como já o conhecia, fui em sua direção e ele me perguntou:

— Pô! O que é que tá acontecendo?

— Ó, a situação tá assim, assim, assim... – era um repórter da Globo da Paraíba – e nós estamos abandonados aqui.

— Nossa! Deixa comigo!

Ele chamou todos os jogadores para uma reportagem. Os atletas me pouparam de aparecer:

— Professor, você não vai se expor, não! Deixa que a gente vai botar a boca no mundo. Vamos preservar a tua imagem porque você tá sofrendo muito por nós aqui...

A reportagem foi ao vivo pra TV Globo da Paraíba. Ahhh... logo depois, veio gente até do governo falar comigo. Na época, a presidente da federação paraibana mandou o filho dela conversar diretamente comigo. Ó, em meia hora, resolveram a nossa situação! Em meia horinha. Mas, pra isso, teve que aparecer na mídia, né!? Aí, veio presidente do clube dizendo que a gente não podia fazer tal coisa. Retruquei:

— Você abandonou a gente aqui!

Depois, lembrei do momento que estive na Igreja, daquela conversa com o padre que falou que, a partir do instante que eu saísse de lá, a nossa situação ia ser resolvida. Realmente, foi o que aconteceu... Fui o último a vir embora pra casa. Lembro que, antes de acontecer tudo isso, liguei em casa num domingo, falei com meu cunhado que insistiu pra eu vir embora:

— Não. Vem embora pra casa porque você não precisa passar por isso. Você, meu, é o irmão que eu não tive. Vem pra cá! Não precisa ficar aí e não depende disso. Eu vou mandar passagem de avião e você vai voltar amanhã.

Todos da família da minha esposa gostam de mim e queriam que voltasse pra São Paulo, mas expliquei a situação:

— Ó, Marcelo, não dá. Sou o comandante e não posso abandonar o pessoal aqui. Afinal, eles estão aqui por minha causa. Senão, vou agir com eles da mesma forma que agiram comigo.

Ele entendeu e eu fiquei mais vinte dias na Paraíba. Então, o pessoal do governo veio e deu passagem pra cada um de nós. Assim, fui mandando um a um pro seu lugar de origem. A federação paraibana pagou a despesa pro hotel e mais dez dias de alimentação pra gente... Quando resolveu a situação, aí eu subi pro meu quarto, me ajoelhei, elevei meu pensamento a Deus e pedi desculpa:

— Pai, me perdoa. É que foi um desabafo, um desespero...

E conversei com Ele como converso até hoje. Eu não frequento muito a igreja, mas, quando quero falar com Ele, me tranco dentro do quarto, me ajoelho e converso. Questiono algumas coisas, mas tudo dentro de um limite. E foi o que aconteceu lá também...

Então, foram situações que quem tá fora do futebol imagina uma outra coisa porque só vê o lado bom deste esporte. Que nem, por exemplo, se alguém pensar em treinador de futebol, só vai lembrar de Luxemburgo, Leão, Felipão e não sei quem... Só que eles mesmos também têm a dificuldade deles! E, pra eles, eu acredito que seja até pior porque estão na mídia... Às vezes, fico imaginando o Muricy e vejo que tem uma nação contra ele. Pô! Ele é um ser humano! Sofre tantas pressões, corre o risco de sair na rua e ser agredido. Este é o preço que a gente paga. Então, eu não falo só por mim, falo por esses que são conhecidos também... Principalmente, pela pressão que sofrem da mídia de hoje, né?

No final, encaro tudo aquilo na Paraíba como um ensinamento, uma lição de vida, uma coisa que a gente tinha que passar e que aconteceu pra mim evoluir o que eu sou. E a gente aprende. Cada situação vivida, seja ela boa ou ruim, você tem que saber absorver e levar sempre pro lado bom, adquirindo mais conhecimento. É o que eu faço, venho fazendo e vou continuar fazendo até o final da minha vida... Situações que só eu pude passar. Ninguém poderia passar por mim! Nessa e em todas as outras, o maior prejudicado fui eu. Por quê? Por confiar nas pessoas. Não é que confiei em todo mundo. Mas, é que, nesse meio do futebol, se não confiasse na pessoa que estava na minha frente, não chegaria a lugar nenhum. É um risco que a gente corre... Mas, esse fato foi a gota d'água! A partir de então, decidi não ser mais treinador de futebol, porque foi uma experiência muito ruim que passei na vida...

Uma outra realidade

Voltando pra São Paulo, fiquei um tempo desempregado. Só a minha esposa estava trabalhando e nós tínhamos que ajudar a pagar as despesas porque a gente mora com a Dona Isabel... Foi e é difícil! Mas, graças a Deus, eu tenho um equilíbrio emocional tão grande que consigo caminhar, sabe? Se você me perguntar “Ah, Bizi, você nunca pensou em fazer uma bobagem?” e eu falar que não, é mentira. É mentira mesmo! Porque, nessa situação, se a gente não tiver um certo equilíbrio emocional, pensa em fazer bobagem.

No mundo que nós estamos vivendo hoje, principalmente neste país, o que é que passa na cabeça da gente? “Ah, fulano faz e não vai preso. Também vou fazer!”. É isso que passa! E já passou pela minha cabeça. Só que Deus me deu a índole... Porque acredito muito nisso: ou a gente nasce com a índole de ser bom ou de ser ruim. E eu tenho a índole de ser uma pessoa boa. Que é uma pessoa que raciocina, mas, é lógico, tem seus limites. Que ninguém é

perfeito! Só Ele é perfeito e a gente o crucificou, né? Então, passou muita coisa na minha cabeça, mas, pela educação que tive, pela família que vivo, consigo seguir em frente... E, da minha família, eu nunca deixo de falar!

Trabalho com crianças nas escolinhas

Com a minha formação em Educação Física, passei a trabalhar em escolinhas de futebol. Há uns dez anos, mais ou menos, estou nessa luta. Já dei aula na escola do Corinthians e, hoje, estou numa que é franqueada ao São Caetano. Além disso, pela CooperEsporte, dou aula há um ano no Parque da Aclimação, que é um lugar considerado de primeira linha. Mesmo com pouco tempo, já abracei essa causa que envolve em torno de dez a doze mil crianças. Enquanto Deus estiver me dando condições pra mim poder fazer esse trabalho de estar com os meninos dentro de campo, dentro da quadra, praticando esportes junto com eles, eu continuo.

O trabalho nas escolinhas de futebol não é apurado como em clube. Porque a gente procura fazer algo mais pelo lado social, na periferia, com crianças carentes. É comunidade! É pra tirar as crianças da rua... Talvez se aqueles meninos não estivessem com a gente naquele horário, eles poderiam estar ociosos, fazendo sei lá o quê. Lá, não. Aprendem alguma coisa, se alimentam, já que no Parque da Aclimação são servidos merenda e lanche pela prefeitura.

Se esse é o lado social, tem o lado particular, que é a escola franqueada ao São Caetano. Ali, os objetivos já são variados: tem um menino que tá lá pra ser observado, outro pra preencher o tempo, tem um garoto que é meio gordinho e quer praticar mais esporte. Então, a escolinha não é só pra quem quer ser jogador de futebol! O nosso papel é agir mais ludicamente. Eu me divirto bastante com eles e não cobro muito a parte do futebol. Uso mais o meu lado de educador.

Às vezes, são duzentos alunos por período. É claro que tem outros professores que dividem o trabalho comigo. E a gente vê no semblante de cada garoto daquele que, no momento em que eles estão ali, nos veem como um irmão mais velho, como um tio, como um pai, que para alguns já partiu. A gente percebe isso pela alegria que eles passam e transmitem no momento da aula. No meu caso e de outros colegas que foram ex-atletas, eles têm curiosidade e fazem um monte de perguntas. Veem a gente como um ídolo, apesar de a grande maioria não ter presenciado a nossa época de jogador. Sempre tem alguém da família

deles que se lembra da gente e, através dos familiares, eles se apegam muito a nós, e nós a eles.

Talvez na casa desses garotos, por um motivo ou outro, eles não têm essa atenção que a gente dá. E só precisam de um pouquinho de atenção e carinho. Por isso que eu costumo falar em algumas reuniões que, se a gente estender a mão pra uma criança, ela vai te dar o coração de volta. Porque a criança não tem maldade, ela é sincera... E a gente também aprende muito com eles.

Então, o que nos deixa mais feliz não é o aprendizado no futebol. É lógico que tem muitos que se desenvolvem. Dentro da maneira que os garotos são tratados por nós, eles naturalmente vão desenvolvendo e a gente percebe a evolução deles, a melhora no comportamento... Alguns chegam rebeldes, outros quietos, mas, depois de um tempo, já estão mais sociáveis. Por quê? É o tratamento, a educação, a convivência. Pais e mães agradecem a gente pelo trabalho que é feito com os seus filhos. Tudo isso é muito gratificante! Por isso que eu me coloco sempre na posição de educador. Eu não sou técnico de futebol, sou um educador!

Mas também, exige da gente muita responsabilidade porque temos que conhecer cada uma dessas crianças e saber conversar de uma maneira que todas elas consigam entender aquilo que estamos passando... A partir do momento que elas estão sob o meu comando, eu sou o responsável por elas. Não é pai nem mãe, é o professor. Então, prezo por isso e tomo muito cuidado. Na hora que estou lá com eles, esqueço a minha vida, esqueço a minha família, esqueço todo mundo! Só penso naquilo que tô fazendo ali, na conversa com eles... Todo cuidado é pouco na nossa fala pra não chegar em casa totalmente distorcido. Eu procuro falar numa linguagem bem simples pra que não confunda a cabeça deles. Essa é a minha maneira de trabalhar! Não sou melhor nem pior do que ninguém, mas eu me preparei.

Costumo falar que quem faz esse tipo de trabalho com criança – não desmerecendo os outros – tem um dom de Deus... A gente já nasce com esse dom e vai desenvolvendo durante o trabalho, vai aprendendo, né?... E a gente acaba se envolvendo muito e a dedicação é intensa.

Desde quando eu era moleque, sempre ouvi falar que o futuro do nosso país são as crianças. Só que jogam muito a responsabilidade pra cima de nós, educadores. E eu tenho uma maneira de pensar que educação se aprende em casa! Na escola, o educador dá a

sequência. Toda a educação da criança depende da onde ela vive, com quem vive, em que condições vive, os exemplos que ela tem... Não concorda? Tudo isso a gente conversa com os garotos lá porque eles estão num lugar que tá aquele menino pobrezinho, tá aquele que o pai tem um pouquinho mais de condição e tá aquele outro que tem mais condições ainda. Mas, no momento da aula, estão todos juntos! Um vivendo o problema do outro. E a satisfação é imensa quando você vê eles se relacionando bem, se sentindo iguais, independente de raça, de poder econômico. A partir do momento que a gente consegue fazer essa socialização, eu posso chamar ali de o “nosso mundo”. E o “nosso mundo” ali é um mundo diferente do que está lá fora! Então, é com isso que fico satisfeito. Este é um momento muito bom que a gente vive. Eu, pelo menos, vivo o dia a dia...

Hoje, dou aulas em duas escolas. O pessoal fala:

— Nossa! Mas você dá aula assim?

— Dou. Eu tenho que dar aula em três ou quatro escolas.

Quanto mais tiver melhor porque muita gente acha que o profissional de Educação Física ganha dinheiro e tem um trabalho financeiramente rentável. Não é! Eu falo porque tô no meio junto com outros colegas meus. Então, a gente procura ter vários empregos pra poder sobreviver e passar esse aprendizado que tivemos na faculdade. Ela nos ensina até um certo ponto. Depois, a gente sai e busca se aperfeiçoar.

Quando começamos a trabalhar fora, aí é que vemos realmente a dificuldade dessa profissão. Eu, pelo menos, ao sair da faculdade, fui observando no meu dia a dia e tirando lições de todos os profissionais com quem trabalhei. Peguei um pouquinho de cada um e moldei a minha própria personalidade, a minha maneira de ser, de atuar...

Apesar das dificuldades, não gosto que ninguém fale mal dessa profissão. Tem pessoas que discriminam! Tem pessoas que acham que o profissional de Educação Física é aquele garotão bombado, que coloca uma camisetinha regata e um shortinho apertado e sai desfilando, mostrando o físico. Não é... Às vezes, converso com alguns estagiários que trabalham comigo e eles falam que hoje é ainda pior! Então, acho que cabe a nós, profissionais da área, mudar essa visão.

Na minha opinião, o profissional de Educação Física é tão importante quanto o médico, quanto o fisioterapeuta, quanto qualquer outro que faz parte desse trabalho. Por isso que nós temos que ser respeitados. Claro! Em todas as profissões, tem os bons e os maus... A

gente não pode generalizar. Essa é a profissão que eu escolhi. A tendência natural por praticar esportes seria essa. E não me arrependi! Já sabia que é uma profissão que, financeiramente, é difícil de ganhar muito dinheiro.

Tenho essa gratificação que sempre carrego comigo: as pessoas gostarem de mim, me respeitarem aonde quer que eu chego... Isso aí não tem coisa melhor. Saúde é importante. Até porque, pela profissão, nós temos que ser um exemplo de saúde! E isso aí não é pra qualquer um, não! Tem que gostar mesmo e isso tá dentro de mim.

Me adaptei muito a fazer esse tipo de trabalho social. Por isso que me afastei totalmente do lado do treinador de futebol. Gosto tanto de trabalhar com criança porque passo ensinamentos, comento o que vivi. Na verdade, eu sou um deles! Vejo isso no olho de cada um. Por isso que tenho o dever e o direito de orientá-los pra que eles não se desiludam daqui a algum tempo, se é que alguém vai chegar lá.

Eu levo o meu trabalho com essa finalidade social. Não viso ganhar dinheiro com isso. Mas, se aparecer um garoto que tenha a predisposição de ser jogador de futebol e a gente puder encaminhar, aí não tem problema. Por que é que eu não vou poder ajudar? Se tiver condição, vou ajudar, sim. Citei o caso do Grafite, que foi um deles...

Dentro do meu trabalho, eu converso muito com as crianças e adolescentes, e procuro colocar de uma maneira bem simples esse trabalho meu de escola de futebol. Eles não estão ali pra aprender a jogar futebol. Até porque, na minha maneira de pensar, ninguém ensina a jogar futebol! O que nós podemos fazer é passar os fundamentos. Agora, ensinar a jogar futebol é uma coisa muito difícil, muito complicada, porque existe a tendência natural de já nascer com o dom.

Para aquele garoto que tem esse dom, o nosso trabalho é desenvolver e aprimorar aquilo que ele já sabe. Por isso que eu costumo me classificar como um educador. Porque não é só a parte esportiva, é a parte de educação, de comportamento, socialização, companheirismo, amizade, trabalho em grupo... Então, dentro da minha aula, procuro juntar tudo isso e não só me focar na aprendizagem do futebol. Tanto que eu costumo brincar e falar pros meus alunos:

— Se algum de vocês não chegar a ser um atleta profissional de futebol, vai ser presidente do Brasil, médico, advogado...

Não é? Vai ter uma outra profissão digna como a de atleta profissional de futebol. Na cabeça deles, jogador de futebol é aquele brasileiro que está na mídia, que está jogando no exterior, que se realizou financeiramente... Até porque tem muitos jogadores jovens que estão saindo dos clubes aqui de São Paulo e indo pra fora. São neles que os meninos se miram! E não naqueles desconhecidos que atuam em equipes menores ou em times do interior de São Paulo. Então, eu procuro orientá-los dessa forma: que não existem só clubes grandes no futebol, existem também várias equipes médias e pequenas. Quer dizer, pra falar bem claro, hoje, ou é time grande ou é time pequeno!

Infelizmente, não ganhei dinheiro. Não consegui adquirir nenhum imóvel ou bem na minha vida. Nenhum! Isso eu não tenho vergonha de estar falando porque é a realidade. Na cabeça dos meninos de hoje, quem é jogador de futebol ganha dinheiro. Mas, não são todos que têm a felicidade de jogar num clube grande, na Europa. Tem alunos meus que não conhecem os clubes pequenos da cidade de São Paulo. Que nem o Juventus mesmo! Vários alunos meus me perguntam:

— Professor, você jogou no Juventus da Itália?

Coitados! Eles não têm a noção por causa da época em que vivem, né? Não é culpa deles. Acabo esclarecendo e falo que joguei no Juventus de São Paulo. Porque eles só veem o futebol televisionado, de time grande, de clubes da Europa. Então, converso com eles para que não se iludam e não fantasiem muito. A realidade não é assim tão fácil quanto parece.

Gosto muito da minha profissão. Adoro! Amo demais! Lógico, o meu lado atleta não vou esquecer nunca! Mas, já passou... Hoje, eu vivo uma outra realidade: sou um professor, um educador, um profissional de educação física. Dentro da medida do possível, procuro passar de uma maneira bem simples o que eu vivi no futebol e o que passei até chegar ao meu trabalho atual. O que a gente faz não é formar jogador de futebol, é um trabalho social.

É assim de uma maneira bem simples que eu falo pra não confundi-los e não direcionar a vida deles direto para o futebol, mas, sim, para o estudo... Veja, Marcel: mesmo com a formação que tenho, é difícil arrumar emprego. Vários colegas meus enfrentam a mesma dificuldade. É por isso que eu falo pra essa garotada de hoje:

— Estudem! Tem que estudar! Uma hora vai fazer diferença.

Costumo dizer que o estudo a gente pode levar até o final da vida, independente da profissão que se escolhe. Já o esporte, dependendo do tipo, chega uma hora que você tem que

parar por conta da idade, por faltar condição física, né?... Como exemplo, eu cito o meu caso. Cheguei numa situação de decidir entre jogar futebol e estudar. Optei pelo futebol. Por quê? Porque era um sonho meu e era uma atividade que eu já vinha lidando há muito tempo. Não a encarava nem como um risco! Pois, quando a gente tem uma meta, não corremos risco. A gente tem é que tentar!... E não me arrependi, não! O futebol nos ensina muita coisa. Aprendi a me comportar, a me vestir, a me relacionar com pessoas importantes, a falar... disciplina! E disciplina é tudo na vida da gente, em qualquer setor.

Graças a Deus, nas escolas que trabalhei e trabalho, nunca aconteceu com as crianças uma situação como aquela que vivi em 2000. Até porque, isso depende muito da pessoa que tá no comando ali dentro. Pra mim, no meu espaço de trabalho, os meus comandados são todos iguais! Independente se é negro ou branco, magro ou gordo, homem ou mulher, rico ou pobre... Todos iguais!

Agora, o fundamental é o controle da aula, é o posicionamento do educador dentro de campo com todos os meninos... Tenho que fazer eles sentirem que, naquele momento ali, eu sou o comandante. Mas, pra isso, é preciso ter o dom! E comandar um grupo é diferente de comandar a tua casa ou a tua família. É diferente! Com cada um tenho que lidar de um modo.

Comandar um grupo, essa comunidade como a gente costuma falar, é complicado. Às vezes, eu tô dando aula e tem uma pessoa sentada lá fora usando droga... Aí, falo praquela criança que tá vendo:

— Ó, não pode fazer aquilo.

De vez em quando, tomo a atitude de ir lá conversar com essa pessoa e peço a ela pra não fazer aquilo naquele momento por causa das crianças. E tem que saber chegar! Das vezes que eu cheguei, a pessoa entendeu:

— Ô, professor, tudo bem.

— Quer fazer? Faz, mas não aqui. Olha as crianças ali...

Então, tem que ter modos, tem que falar com jeito. E o nosso trabalho envolve essas situações e a gente passa por isso. Não é fácil, não. A nossa obrigação é orientar as crianças que estão ali vendo o que está acontecendo pra que elas não sigam o mesmo caminho. E não pode enfeitar o pavão.

Se a gente tratar uma das crianças um pouquinho diferente, as demais percebem. Porque elas são muito sensíveis! Então, a gente tem que se preocupar em não fazer isso. Se

for pra chamar a atenção, tem que chamar a atenção de todos. Não pode fazer diferença. E eu tenho a facilidade de fazer esse tipo de coisa. Por tratar todas as crianças da mesma forma, falando sempre de uma maneira simples, elas se ligam em mim. Por onde passei, fiz amizade com as crianças. Eu mesmo brinco com alguns, rolo no chão, me jogo...

É uma maneira de entrar, assim, no mundo da criança! É assim que passo alegria e contágio muitas pessoas. Até os pais e as mães que ficam fora dão risada... Por isso, recebo elogios por parte de alguns. Ou eles vêm e falam direto pra mim ou falam pros donos da escola. Isso, pra mim, é sinal que tô fazendo meu trabalho corretamente, né? O meu dia a dia é esse aí: com a criança...

Os ex-atletas e o desemprego

Esse pessoal com quem convivo, ex-atletas, é bem unido. A gente não pode ajudar um ou outro que está mal financeiramente, mas tem apoio moral. Que nem eu falo: isso, às vezes, é muito mais importante do que o dinheiro porque o apoio moral ajuda na autoestima da pessoa... Os que são aposentados têm da onde tirar, mas os que não são precisam trabalhar. E a cooperativa, de uma forma ou de outra, possibilita um ajudar o outro e é uma fonte de renda para todos. Nós nos misturamos bastante e temos um ambiente bem saudável...

Tem alguns que já foram *top*, já ganharam muito dinheiro, mas, hoje, passam por situações difíceis, estão bem acima da idade. Às vezes, me comparo com a vida que alguns deles tiveram e vejo que me dei muito melhor. Eles ganharam dinheiro, tiveram uma condição financeira boa, só que não souberam administrar e, hoje, estão em situações difíceis. Sem contar aqueles que estão doentes e têm problemas de saúde, né?

Eu converso com várias pessoas, do futebol ou não, e sempre pergunto duvidando:

— Será que os atletas de hoje vão ter daqui a 30 anos o relacionamento que os atletas da minha época têm atualmente?

Gostaria até de ter uma bola de cristal pra poder saber. Até porque, a maioria deles é tudo milionário hoje em dia. Entre as gerações de ontem e de hoje, o que mudou foi o poder aquisitivo. Atualmente, o futebol virou um negócio! Todo mundo quer ganhar dinheiro com futebol às custas de quem trabalha dentro de campo. Isso é claro, né!? Tá cheio de clube que presidente, diretoria e dirigente desviam dinheiro. Isso acontece no futebol, mas também acontece em empresas e no governo...

Mas, voltando ao que eu estava dizendo, como fui treinador de futebol e trabalhei em alguns clubes, vi que não tinha mais aquela relação de acabar um jogo e todo mundo ficar ali conversando, batendo papo. Agora, mal acaba o jogo e tem atleta que nem toma banho e vai embora direto pra casa. Sabe? Não tem aquela coisa de ficar meia horinha ou uma horinha comentando o que foi, o que não foi, os lances da partida... Acho que até nesse ponto mudou muito. Hoje, é totalmente diferente! Ao contrário deles, a gente ainda preserva essa amizade e tem mais respeito um pelo outro também.

Lá na cooperativa, por exemplo, tem um pessoal anterior a mim e tem gente da minha geração, com quem joguei junto ou contra. Se for dar nomes, vou ficar a manhã inteira falando... Leivinha e Minuca, que jogaram no Palmeiras; Badeco, que é o presidente da CooperEsporte; Basílio, que é o vice; Félix, campeão do mundo; Dudu, que foi meu treinador no Juventus; Mengálvio, Coutinho e Dorval, que jogaram com o Pelé... Tem até ex-árbitro de futebol, como o Edmundo Lima Filho, que apitou partidas na minha época... São muitas pessoas... Me espelho naqueles que tiveram uma vida de superação.

Eu já fiz parte de um sindicato dos treinadores. Na época, tava há um ano desempregado e não me arrumaram emprego!... Era sócio, pagava a anuidade e não tive ajuda. Por isso que me afastei!... No sindicato dos atletas, foi a mesma situação porque, toda vez que eu precisei de algum serviço ou de alguma coisa, nunca me ajudaram em nada!

E digo mais: na época, acho que só davam oportunidades pra quem era jogador de time grande! Jogador de time pequeno não tinha vez. Isso é um sentimento e um pensamento meu, tá!?... Então, comecei a correr atrás de outras pessoas que não eram de instituições ou de órgãos desse tipo, mas que podiam me ajudar. E me ajudaram pelo conhecimento, pela amizade, por tudo aquilo. O sindicato dos atletas, para o qual eu contribuía todo ano, nunca me propôs aposentadoria! Nem pra mim, nem pra esses ex-atletas que trabalham comigo. Lá na cooperativa, tem alguns deles que já têm mais de 70 anos e não têm mais condições de trabalhar. Poderia ser dada uma aposentadoria de direito pra eles. Até pelo que já fizeram pelo futebol brasileiro, não concorda?

Isso que vou falar agora comento com poucos. Porque, às vezes, não dá nem pra tocar no assunto... Eu, Bizi, penso assim: acho que as federações de cada estado, o ministro dos esportes ou, sei lá, até o presidente Lula, que gosta de futebol, poderiam olhar pra nossa classe. Tô falando agora porque, daqui alguns anos, eu também vou estar com a idade

avançada e, às vezes, precisando de uma aposentadoria. Então, acho que eles já deveriam ter feito isso. Não falo só pelos atletas de São Paulo, mas de todos os estados!

Até porque a gente vê que tem vários atletas aí que morreram sem assistência, sem nada, abandonados. Jogadores bem mais velhos que eu ou mesmo jogadores da minha geração. A gente lembra sempre do Jorge Mendonça. Teve uma ascensão muito grande, foi muito conhecido e tudo, mas, depois, morreu largado na rua como um mendigo. E não teve só ele, não. Com o Garrincha, foi a mesma história... E tantos outros que a gente nem fica sabendo! Então, a gente fica preocupado com isso.

Se é verdade que o Lula vai dar aposentadoria aos campeões mundiais pelo Brasil, essa medida já seria um bom início. Pra, depois, começar a se estender aos outros atletas. Principalmente, porque não são todos que tiveram um ganho financeiro ao longo da carreira ou que fizeram a sua independência. Não são todos! Então, eu acho que deveria até ter, no caso, uma lei que fosse pra todos... A gente espera que isso realmente aconteça.

Até porque, o desemprego tá no mundo todo! E a maioria do nosso pessoal já ficou desempregado. Agora mesmo, neste momento, nós estamos numa situação delicada lá na CooperEsporte. Pois, acabou o contrato com a prefeitura. Infelizmente, pra mantê-lo, a cooperativa depende de outras pessoas que nos deem condições. É essa a nossa luta nesse momento. A cada ano, tem aquele processo de renovação de contrato com o governo. A gente sabe que esse é um ano político e que os políticos também têm interesse nesse trabalho.

Então, a gente está aguardando o trâmite de licitação pra resolver e renovar o contrato. Atualmente, isso é o que mais me preocupa. Quero resolver isso o quanto antes... Não só eu! Eu e muitos colegas dependemos desse trabalho. São por volta de setenta ex-atletas. Afinal, é a sobrevivência da gente! Sem falar que esse é um projeto muito importante e espero que continue pra sempre. Não pode acabar! A partir do momento que regularizar essa situação no nosso trabalho, aí eu vou estar com a cabeça mais tranquila pra pensar em outras coisas. Porque tenho o sonho de adquirir um veículo pra necessidade da família, não é? Pra mim, pra minha esposa, pra minha sogra...

Mesmo com essas dificuldades, gosto bastante do que faço e, através desses relacionamentos meus, tem sempre um ligando:

— Bizi, precisamos de um profissional como você pra isso, pra aquilo...

É aí que eu falo que as amizades fazem parte da vida da gente. E quem faz amizades somos nós! Ninguém vem atrás da gente. É a gente que tem que correr atrás pra fazer as amizades, principalmente as boas. E eu não tenho problema nenhum, não tenho vergonha de estar desempregado e bater na porta de alguém pra pedir emprego. Por isso que tenho sempre portas abertas. Sempre! Fechou uma aqui, abrem quatro, cinco ali... Isso, ao longo da minha vida, ao longo da minha carreira, é assim: fecha uma, abrem várias! E eu escolho a mais adequada.

Sonhos

Ser treinador do Juventus nas categorias de base

Tenho um sonho também de montar o meu próprio negócio! Só que, pra isso, preciso me aprofundar na área burocrática, administrativa. Porque a parte prática já conheço. Ter uma escola de futebol é uma vontade minha, um projeto meu. Mas, isso aí vou começar futuramente e só parar daqui uns dez anos mais ou menos. Porque eu tô com o pique todo ainda! Penso nisso até pra ajudar esses colegas meus que têm essas dificuldades que acabei de falar. Afinal, tendo uma escolinha, posso contratar pessoas pra trabalhar. Então, tudo isso eu tenho na cabeça, mas virá na sequência e é questão de oportunidade e tempo... Já até me propuseram montar escolinha em sociedade! Me fazem esses tipos de convite porque as pessoas confiam em mim, o que me deixa muito contente...

Mas, o meu sonho mesmo é ser treinador do Juventus nas categorias de base! Que eu adoro o Juventus! É o clube que me projetou e que me permitiu estar nessa vida até hoje... Não sei quando isso vai acontecer. Isso eu não escondo de ninguém! Já tive lá várias vezes me oferecendo, informando que estava desempregado, mas não apareceu a oportunidade. Tudo bem. Um dia, alguém lá se lembrará de mim e vai me dar essa oportunidade... Já até falei pra eles:

— Um dia vocês vão lembrar de mim!

Pelo trabalho que eu faço e que eles conhecem, quem sabe um dia vai aparecer alguém de lá e falar:

— Poxa! Vamo dar uma oportunidade pro Bizi mostrar o trabalho dele. Não como atleta, mas, agora, como comandante.

Só que eu quero trabalhar na categoria de base porque já revelei vários atletas... Enquanto estiver vivo, vou sonhar com isso! Vai depender das pessoas que comandam o clube hoje ou que vão comandar não sei daqui quanto tempo. Isso aí eu não falo só por mim, falo também por outros ex-atletas que jogaram e conviveram comigo lá. Acho que já deveriam ter dado essa oportunidade, não acha?... Um dia, ainda vai acontecer.

Contar e documentar a minha história de vida

Acabei falando demais, né? Gosto de falar de mim, da minha carreira, da minha trajetória. Acho que ela não foi diferente da de outros, não foi melhor e nem pior. Mas, tem coisas interessantes pra serem contadas. Por isso que, às vezes, me empolgo um pouquinho e uma coisa ou outra foge da minha cabeça porque foram tantas passagens... Tive mais boas do que ruins nesses 22 anos. É uma vida... Poder registrar minha vida me pegou de surpresa. Estou muito feliz porque é uma coisa tão... tão... boa e gratificante pra mim que eu me emociono...

Esse trabalho vai ficar marcado. Vai ser a minha marca registrada... De vez em quando, sou convidado pra dar palestras e daí, dependendo das perguntas que forem feitas, já posso me basear no que estiver no papel. Vai me ajudar em todos os sentidos! Por enquanto, é a satisfação pessoal de ter um trabalho feito sobre mim, minha vida e tudo. Isso não tem dinheiro que pague!

Estou pensando em poder mostrar a minha história pras pessoas e falar:

— Olha o que foi feito! Essa é a minha história de vida.

Sabe essas coisas que só a gente mesmo sente? É como aquela reportagem do Pelé que saiu no jornal. A minha família todinha tem! Quando vou, às vezes, na casa de algum parente, vejo o quadro na sala e isso é muito gostoso!

Eu fico muito feliz com isso! Porque é uma coisa que sempre pensava na minha vida, mesmo na minha época de atleta: “Poxa vida! Por que não consigo pôr isso por escrito?”. De repente, pra milhares ou centenas de pessoas, isso tudo não vai dizer nada, mas, pras outras, vai dizer alguma coisa!... Eu gosto muito de ler! Todo tipo de leitura que faço, tiro proveito. Você tá entendendo? Porque a gente é tachado:

— Brasileiro é burro porque não gosta de ler.

Eu não penso dessa forma. Cada um tem seu assunto preferido. Dentro da medida do possível, leio sobre todos os assuntos e procuro entender o que tô lendo... Às vezes, se não entendo, vou perguntar a uma pessoa que é entendida pra adquirir um certo conhecimento. Até porque, como frequento vários lugares, gosto de saber pra poder conversar sobre todos os assuntos. Gosto de ler pra não ficar de fora das conversas. Se bem que eu preciso de óculos pra ler, porque, depois de uma certa idade, começa a embaralhar as vistas...

Leio de tudo! O que mais me sensibiliza e chama a minha atenção é história de vida. Que nem, por exemplo, meu cunhado mais velho me deu um livro que se chama *A semente da vitória*, do Nuno Cobra... Poxa vida! Eu me identifiquei muito com esse livro! O autor conta a história do Ayrton Senna e de outros profissionais do esporte. Já li faz uns sete anos... É mais ou menos isso que quero fazer com relação à minha pessoa: contar e documentar a minha história de vida.

Por esses dias, comentei com alguns colegas de profissão sobre essas entrevistas e eles acharam interessante o trabalho. Passei pra eles uma coisa bem simples, que não tenho intenção de ganhar dinheiro com isso, mas que é uma vontade pessoal de registrar a minha vida e a minha trajetória desde quando comecei nessa carreira. E o pessoal ficou todo entusiasmado, querendo saber:

— Ah! Mostra quando ficar pronto, hein!?

Isso acaba me deixando feliz. Até porque, eles gostam tanto de mim que acabam se envolvendo com a coisa também.

A minha história estando documentada, vai ser bom pra mim mostrar pras crianças e adolescentes do meu trabalho. Tenho certeza que alguns deles vão falar:

— O professor Bizi foi jogador, mas teve dificuldades. Muitas! Mesmo assim, chegou.

Afinal, tenho obrigação de orientá-los e de passar pra eles que nós sempre temos que ter vontade, determinação, dedicação, luta... Isso não é só pro futebol, mas pra qualquer outro tipo de profissão, certo?! Pra poder chegar aonde a gente almeja. Eu e muitos colegas meus passamos por muitas situações difíceis pra realizarmos esse sonho de ser atleta profissional de futebol. Isso não é só da época que joguei, mas agora também. Nos dias de hoje, acredito que seja muito mais difícil pros jovens galgarem essa profissão.

Quero deixar por escrito de uma maneira bem simples pra passar não só pras crianças, mas também pros adultos que conviveram com a gente, que me conheceram na época, que

acompanharam a minha carreira... Esse é um sonho que está se realizando. Por isso que sempre falo pras pessoas nunca desistirem de sonhar...

Minha mensagem especial

Acho que, ao lerem a minha história de vida – que não é pior, nem melhor e nem diferente de tantas outras pessoas –, vão considerar tudo que vivi, todas as dificuldades que passei, desde a minha infância até hoje... Eu tenho certeza que pra quem ler, ainda que só um pouquinho disso que tá aqui, vai ajudar em alguma coisa e vai tirar bons proveitos. Ao menos, vai servir de alerta.

Dentro da minha simplicidade e da minha maneira de expressar, procurei passar coisas positivas pras pessoas: motivação, personalidade, caráter, bom coração, amizade, amor, respeito... Eu acho que, quanto mais carrancudo a gente é, mais coisas ruins a gente atrai. A pessoa estando bem consigo mesma, estando feliz com o que faz no dia a dia, ela consegue resolver seus problemas e transmitir alegria para as pessoas à sua volta. Porque o estado de espírito diz tudo.

E eu sou muito alegre assim por quê? Costumo falar que a minha juventude vem das minhas risadas. Independente da idade, tem que ter espírito jovem, né!? Por isso, sigo aquele ditado: “Quem ri, vive mais.”. Vivo num ambiente sadio, convivo com uma família ótima, trabalho com pessoas boas, tenho excelentes amizades... Pra todas essas pessoas que conheço, procuro passar a minha felicidade. Me considero um homem muito feliz e sou feliz mesmo! A causa disso é que eu procuro. Se as pessoas não buscarem essa felicidade, não vão encontrar, não...

Todo dia de manhã, antes de sair de casa, mas depois de fazer a minha oração, tenho o costume de ir na frente do espelho e dizer pra mim mesmo:

— Bizi, você é uma excelente pessoa e vai ter um ótimo dia hoje.

Tem gente que acha estranho isso, mas é a minha maneira de atrair coisas boas, bons fluídos, energia positiva. Então, tudo que eu faço é sorrir bastante, dar risada, e brincar com as pessoas. Mas, tudo dentro de um limite e com respeito.

Isso não quer dizer que não tenho problema. Tenho, sim. O Bizi tem vários problemas! Só que ele tem uma linha de saída pra procurar resolver cada um dos seus problemas. De vez

em quando, percebo que estou saindo um pouquinho fora do rumo e, então, elevo meu pensamento a Deus e peço pra Ele:

— Opa, Pai, me dá equilíbrio emocional pra mim não sair do meu limite.

É assim que vou vivendo. Resumindo tudo isso, acho que, pra superar as dificuldades que tive, pra tirar lições de vida e pra viver dessa maneira, só tendo muita fé em Deus, independente da religião de cada um. Todas as religiões têm a mesma finalidade. Tem que pedir pra um ser supremo! Na minha vida toda, sempre entreguei tudo nas mãos Dele e fiz minhas preces também a Nossa Senhora Aparecida. Então, essa é a minha mensagem especial que deixo pra finalizar.

2.2. REDE DOS TREINADORES

Lula Pereira: “A gente sabe o quanto custa ser negro.”

Eu não posso simplesmente falar da minha profissão. Tenho que contar sobre a minha vida: de onde venho, onde estou e pra onde quero ir...

Tive muitas dificuldades quando criança e adolescente... De um casamento da minha mãe, que foi o primeiro e único, ficaram eu e a minha irmã... Quando tinha 1 ano de idade, a minha mãe estava grávida dela e o meu pai foi embora de casa... E nós passamos por muitas, mas muitas necessidades! Fomos morar na casa do meu tio, irmão da minha mãe. Agradeço a Deus por ele ter me criado e ter me dado essa personalidade e todo esse embasamento de vida para que pudesse chegar aqui onde estou hoje.

Fui conhecer o meu pai biológico com 15 pra 16 anos... Na época, estava batendo uma pelada, baba ou babaíá, como se chama, e o pessoal da antiga estava lendo a Revista Placar. Isso foi em 1971... Eles viram o meu pai em uma das páginas como campeão do primeiro turno do Campeonato Baiano pelo Jequié. Nunca tinha visto uma foto dele! Então, o pessoal me chamou:

— Lula, vem aqui. É o teu pai!

Fui lá, olhei e achei parecido, né?! Aí, levei a revista pra minha mãe.

— Ah, é esse sem vergonha aqui! – falou ela.

Fiz uma carta pro meu pai e, naquela época, ele me respondeu por telegrama, coisa do passado. Tive verdadeiramente a oportunidade de conhecê-lo em dezembro de 71, em Feira de Santana. Ele também foi jogador e técnico de futebol, assim como o meu tio, irmão da minha mãe.

O meu tio, com 16 anos de idade, jogou no Fluminense do Rio de Janeiro, junto com Castilho, Veludo... Inclusive, tem um historiador do futebol cearense que me mostrou um livro recentemente, provando que o Fluminense esteve aqui em Fortaleza em 1948. Eles jogaram contra o Ceará, o Ferroviário e o Fortaleza, e meu tio era o goleiro. Você veja como é a vida de Zé Paulo! Então, venho de uma dinastia de pessoas ligadas ao futebol.

Desde que eu me entendo como gente, acompanhava esse meu tio, que era treinador no Ferroviário do Recife. Levava o almoço dele e já ficava pro treinamento da tarde. Até porque, naquela época, só se treinava uma vez por dia, normalmente no período da tarde. Então, ficava ali apanhando bola até terminar o treino pra gente voltar pra casa. Era essa a rotina...

Cada vez mais, a minha cabeça estava ligada ao futebol, assim como tinha a necessidade de ganhar rapidamente uma grana para ajudar a minha mãe e a minha irmã. Pra minha sorte, houve um comício na rua do bairro que morava... Nos domingos pela manhã, jogava num time chamado Guarani, e, à tarde, na seleção do bairro.

Eu me lembro que, nesse comício, o Alcides, treinador do Guarani, se encontrou com o treinador do juvenil do Sport Clube do Recife, que se chamava Zuca. Ele tinha realmente um time muito bom lá em Olinda. Disse ao treinador do Sport para dar uma oportunidade a cinco garotos irem treinar em Recife: dois meias, dois atacantes e eu como zagueiro. Era pra fazer, logicamente, aquilo que a gente chama de teste. Aí, o treinador do Sport falou assim:

— Dos cinco, eu só não quero o zagueiro porque estou cheio deles!

Mas, o Alcides insistiu que ele levasse os cinco, mesmo tendo vários zagueiros. Entre os que foram, estava o Vasconcelos, que depois acabou jogando no Náutico, no Palmeiras e no Chile, onde, se não me engano, tem residência fixa hoje... Fomos os cinco. Chegamos lá, os quatro primeiros entraram e eu fiquei aguardando. Treinei apenas trinta minutos. No final, no meio daquela multidão de pretendentes, o preparador físico do clube chamou:

— Fulano de tal, beltrano, Luiz Carlos...

Luiz Carlos era eu. Pra você ver: dos cinco, o que ficou foi eu! Os outros quatro voltaram a treinar, mas não permaneceram. Tanto é que o Vasconcelos foi aparecer no Náutico, em Recife também. Aí, tive a oportunidade de começar a jogar num time profissional, tá?!

Pra minha sorte, no ano de 1972, disputei o campeonato juvenil pelo Sport e já passei a integrar o time profissional. Quando faltava um jogador ou outro, eu era chamado. Fui guindado à condição de profissional pelo professor Aureliano Beltrão. Não sei nem se ele ainda está vivo, mas é um pernambucano radicado no Rio de Janeiro. Inclusive, tem alguns livros editados de futebol. Em 1993, quando cheguei da Europa, onde fui fazer estágios, dei uma festa pra ele no Rio pelo que representou pra mim... Hoje, lamento que não sei o seu paradeiro... Nunca mais obtive contato com ele.

Fiquei durante cinco anos no Sport Clube do Recife... Conquistamos alguns títulos importantes. No dia 1º de setembro de 1975, me lembro como se fosse hoje, eu fui para o Santa Cruz, na maior transação feita entre dois clubes rivais do futebol pernambucano. À época, tinha aquela coisa da Lei de Passe: depois de sessenta dias, se o clube não tivesse renovado o contrato, o seu passe era arbitrado na federação. Assim, qualquer clube que se interessasse, era só ir lá e pagar. O Santa Cruz Futebol Clube fez isso e passei, então, a jogar por ele durante cinco anos. Chegamos também a fazer grandes campanhas, não só em nível regional como no nacional.

Em 80, eu vim para o Ceará. Vim pra cá para fazer uma ponte, porque o Flamengo, na época do capitão Cláudio Coutinho, mostrou duas ou três vezes interesse em mim. No Flamengo, tinha um jogador que havia jogado pelo time do Santa Cruz, que era o Nunes. Ele era a pessoa que conversava comigo e fazia a mediação. O Flamengo mandou dois times pequenos pra me contratar, mas o Santa Cruz não negociou... Fiquei muito aborrecido por isso e fui falar com a diretoria. Disse que não podiam fazer aquilo comigo, pois estavam atrapalhando a minha carreira. Hoje, entendo que agi com a cabeça quente. Lógico que não destratei ninguém, mas as palavras foram duras. Imediatamente, fui punido e fiquei afastado por dez dias. Depois, fui reintegrado ao clube com a chegada do Paulo Emílio como treinador.

Logo em seguida, apareceu o presidente do Ceará Esporte Clube, Franzé Moraes, me pedindo para vir pra cá porque ele era candidato a deputado em sua primeira eleição e o Ceará tinha perdido dois turnos. Mas, realmente me motivei a vir quando ele me disse:

— O pessoal do Flamengo tem boas relações com a gente e, assim, daria pra você fazer a ponte.

Foi aí que me despertou o interesse. Vim pro Ceará, disputamos o último turno e ganhamos. Na melhor de três, fomos campeões. Aí, depois de ser campeão, cheguei pro presidente e disse:

— Agora, preciso seguir meu caminho.

— Não! Como é que eu vou largar o meu capitão, o meu líder? E a minha vida, como é que fica aqui?

De certa forma, eu não lamento. Porque agradeço muito ao Ceará, às pessoas deste estado, principalmente aqui na capital, pelo carinho, receptividade e oportunidades que me foram dadas... Joguei durante seis anos no Ceará, com quatro títulos. No Santa Cruz, joguei por cinco anos e ganhamos quatro títulos. Já no Sport, em cinco anos, fui tricampeão juvenil e campeão profissional em 1975, depois de doze anos sem conquista de título. Nós fizemos o supertime da Ilha na época, com Dario e outros jogadores vindos dos grandes centros... Terminei a minha carreira como atleta no Ceará em 1986, em virtude do rompimento no tendão de Aquiles...

Quando fiquei bom, uns três meses depois, passei a exercer a função de auxiliar técnico no Departamento Amador do Ceará. Em 1988, fui levado à condição de treinador dos juniores e fizemos um trabalho que eu reputo como extraordinário. Em 22 jogos, conquistamos 22 vitórias! Se não me engano, nós fizemos 110 gols e sofremos apenas 7. Foi uma campanha fantástica! Inclusive, em 93, cheguei a falar desse título pro João Havelange, presidente da FIFA na época.

Depois, fui guindado à condição de treinador da equipe profissional e conquistamos alguns campeonatos. Realizamos um trabalho maravilhoso de base! Se você fizer um levantamento, o único trabalho verdadeiramente de base que existe no Ceará foi através da minha pessoa. Pra você ter uma ideia, toda a minha história está no Orkut... Tinha doze jogadores do departamento amador jogando na equipe titular. Na ocasião, apenas dois eram de fora: Tita e Mazinho... Então, a gente tinha realmente uma base muito boa! As condições que me foram oferecidas também, assim como as pessoas que trabalhavam comigo.

Veja: na época, nós não tínhamos a figura do empresário no futebol. Se ali existisse, talvez aquela rapaziada tivesse ido para o sul ou sudeste do país. Eu, inclusive, no ano de 93,

levei catorze jogadores num ônibus de Fortaleza para Americana, quando fui trabalhar com o Cilinho no Rio Branco. Aliás, considero essa pessoa um pai pra mim também. Eu o conheci em 1973, quando ele foi treinar o Sport, e mantemos essa amizade até hoje... Mas, um desses jogadores que levei foi o meia Souza, bastante aproveitado como muitos outros lá em São Paulo.

Depois, saí e fui para Europa fazer estágio. Consegui isso através de um amigo meu da Suíça, o Pierre. Nessa viagem, tive a oportunidade de conhecer o Romário, no Barcelona. No período que fiquei neste clube, ele me deu toda a atenção e, a partir dali, fizemos relativamente uma boa amizade. Em seguida, fui para o Bayern de Munique. Fiquei hospedado na casa do Jorginho, que hoje é auxiliar do Dunga. É uma pessoa fantástica! Devo muito a ele. O Jorginho não me conhecia, mas o que ele fez por mim...

O Márcio, amigo meu que tinha trabalhado comigo aqui no Ceará e que depois jogou no Fluminense, Flamengo e na seleção de base, estava na Suíça naquela época. Foi ele que fez pra mim o contato com o Jorginho, que era atleta de Cristo. Então, a sua esposa me esperou na estação de trem e ele me acolheu em sua residência junto com os seus filhos. Isso não tem dinheiro que pague! Eu me lembro que, quando vim embora, todo mundo estava chorando. Inclusive, eu, já que fizemos amizade. É um ser humano fantástico que, se pudesse fazer alguma coisa por ele, me sentiria muito feliz porque me ajudou muito! O próprio Romário também.

Depois, estive no Ajax, em Amsterdam. Foi lá que vi, na minha concepção, o melhor trabalho desenvolvido a nível de departamento amador. Estive também no Milan, na época em que o Capello era o treinador... Então, eu já andei nesse mundo buscando conhecimento para que pudesse melhorar a minha condição de aprendizado e de qualidade.

Voltei em dezembro de 93 e fui pro Rio de Janeiro. No ano seguinte, parti pra Santa Catarina. Através do Marciano, que trabalhou comigo aqui no Ceará uns tempos, conheci um primo dele que era diretor de futebol no Figueirense, José Laércio Madeira, o Dedé, e fui trabalhar neste clube que tinha vinte anos que não conquistava um título... E trouxe umas experiências lá do meu estágio, tanto a nível de trabalho como em termos de alimentação, melhorando a qualidade do atleta. Foi quando nós introduzimos a banana no futebol, em 1994. Um médico lá na Suíça que me advertiu sobre a riqueza desta fruta, principalmente com

relação à quantidade de potássio. Não só por isso, mas por todo um trabalho muito bem realizado, acabamos conquistando o título catarinense depois de vinte anos...

Em 1995, eu estava aqui no Ceará e dois dirigentes e proprietários do União São João, José Mário Pavan e Iko Martins, estavam passando férias em Fortaleza. Eles se encontraram com o meu ex-presidente do Ferroviário, Clóvis Dias, já que tinha trabalhado durante três meses neste clube antes de ir pro Rio Branco. O Clóvis contou a minha história e me indicou aos dois. Fui chamado, conversamos e mostrei o meu projeto de trabalho. Eles ficaram encantados, mas falaram que, naquele momento, não era possível porque o Serginho era o treinador do União São João. Então, eles me ofereceram pra trabalhar na divisão de base. Respondi que não, porque era um profissional, já havia feito estágio na Europa, havia sido campeão no Ceará, no Figueirense, e não iria me sentir bem nessa posição. Queria, sim, trabalhar numa equipe da primeira divisão do futebol paulista, mas com outras condições.

Passaram-se de quinze a vinte dias e eles voltaram a me ligar toda semana. Pensei: “Sabe de uma coisa? Eu vou! Quero conquistar o meu trabalho, as pessoas lá em São Paulo.”. E fui pro União São João. Pra mim, uma grata surpresa, na época, pela estrutura... Estava no departamento amador, mas sabia que a equipe profissional não ia bem. Não demorou muito e eles me contrataram para ser o treinador profissional. De dezesseis clubes no campeonato, éramos décimo quarto colocado, mas acabei classificando o time nas finais do Paulista. Isso foi, sem dúvida nenhuma, a minha porta de abertura no sudeste! Fiquei um tempo no União. Lá, revelamos vários jogadores de muita qualidade e fizemos um trabalho maravilhoso também por conta das condições oferecidas pelo Zé Mário e Iko Martins...

Até hoje, tenho saudades! Sou um cara muito emotivo... Normalmente, faço muitas amizades por onde passo. Às vezes, converso com meus amigos por telefone, por meio da internet. Hoje em dia, é até mais fácil. Mas, quando falo, eu me emociono porque... trabalhei num clube do interior e vi o povo da cidade se integrar com a gente. Isso, pra mim, é muito, mas muuuito importante! Digo sempre pros meus amigos: é fundamental ver o povo integrado e feliz. O futebol possibilita isso. É lógico que a gente não consegue dar eternamente porque não se ganha sempre. Mas, dentro do possível, dá pra fazer, mais até do que o normal, com que as pessoas se sintam felizes. E isso eu não posso deixar de reconhecer que nós conseguimos no União São João...

Depois deste clube, a minha vida realmente se abriu de forma muito interessante. Afinal, lá fui campeão do interior e campeão brasileiro pela Série B. No Rio Branco, também fui durante dois anos campeão do interior paulista, recebendo aquele prêmio oferecido pelo Farah. Hoje, ainda existe só que a fórmula é diferente. Naquela época, ganhava quem chegava em melhor posição no campeonato. Estive no Botafogo de Ribeirão Preto, onde fui campeão da Série A2. Fizemos um trabalho maravilhoso por lá, pois revelamos Doni, Cicinho, Luciano Ratinho, Leandro...

Da mesma forma, na Portuguesa. Lancei o Ricardo Oliveira, o Edson Araújo, que se chamava Edson Pelé. O pessoal dizia que não era Pelé, era pelado, brincando com ele... E saí por esse Brasil afora: passei pelo América de Minas Gerais, onde fui campeão mineiro no ano de 2001; no Criciúma, fiquei em terceiro lugar na Copa do Brasil de 96; estive também no Paysandu, Ceará, Bahia... Neste clube, trabalhei duas vezes e tive uma identidade fantástica! O carinho e o amor que o torcedor do Bahia tem por mim é um negócio fenomenal! É uma coisa de fazer chorar...

Até pela Arábia Saudita, já passei. Não conhecia e nunca tinha trabalhado por lá. Um auxiliar técnico meu, José Cléber, que está no mundo árabe há muito tempo, sempre quis me dar essa oportunidade. As palavras dele foram:

— Olha, Negrão, a parada não é fácil, não!

Porque o clube tinha 9 jogos e 9 derrotas consecutivas na primeira divisão, sendo doze times disputando. Financeiramente, não era também um grande negócio, mas era uma chance de tentar abrir o mercado e mostrar o meu trabalho. Então, fui pro Al-Hazm e trabalhei bastante... Pra você ter uma ideia, terminei em sétimo lugar no campeonato.

Na Arábia Saudita, tem um programa diário na televisão que fez, na época, uma enquete sobre qual o melhor treinador do campeonato. O torcedor ligava para o programa e deixava o seu voto. Lógico que tudo foi passado pra mim através do meu intérprete, o Mustafá. Eu acabei ficando com o segundo lugar, atrás apenas do campeão... Até brincava lá com o *sheik* e com os árabes dizendo que, no lugar que estava, o camelo não aguentou e foi embora... Porque é duro viver lá. Em Al Qasim, meu amigo, só pra guerreiro! Não é fácil, não... A religião é ortodoxa... A gente passa o dia todo dentro de casa, só vai treinar à noite. Não tem um *shopping*, não tem uma música, não tem nada! Lá, só tem restaurante e

mercado... E futebol. Mais nada! Mas, foi uma experiência muito boa. A expectativa é de voltar pra Arábia e pegar um grande clube.

Na época, o *sheik* do meu clube me disse que o Rei havia sondado a possibilidade de me levar pra seleção. Só que o meu *sheik* disse que não era hora, já que a seleção estava muito conturbada e que eu desse tempo ao tempo porque as coisas iriam acontecer de uma forma mais tranquila. Mas, no futebol, não tem essa de tranquilidade! Se dorme Pelé, acorda pelado... De qualquer maneira, foi muito boa a experiência porque o pessoal viu e gostou do meu trabalho.

No ano seguinte, o Al-Nassr me ligou e fechou um contrato comigo. Eles estavam preenchendo a documentação e nós ficamos de mandar, numa quinta-feira, o número do meu passaporte e ter a minha entrada através da embaixada do Brasil. Pra surpresa minha, no outro dia, quem me ligou foi o Mustafá, o intérprete do clube no qual trabalhei, dizendo que era pra eu voltar para o Al-Hazm e não ir para o Al-Nassr. Respondi:

— É simples: diga pro *sheik* fazer um contrato com a mesma condição que o Al-Nassr está me oferecendo. Aí, eu vou.

Eles não fizeram isso e não tive mais o contato com o Al-Nassr. Depois, o Mustafá me ligou e disse uma coisa que é interessante: na Arábia Saudita, tem a dinastia, ou seja, rei, príncipe, *sheik*, sultão e assim vai... Há hierarquia e um não incomoda o outro. Pelo contrário, pede. Se for atendido, tudo bem; se não for, continua do mesmo jeito. Tá entendendo? Essa foi uma das causas porque não fui ao Al-Nassr.

Segundo o Mustafá, o *sheik* queria porque queria que eu voltasse ao Al-Hazm, pois era uma exigência da cidade. O *sheik* nasceu nessa cidade e é o presidente benemérito desse clube onde eu estava. No entanto, ele é presidente também do Al-Shabab, da capital Riad. É um time grande e tem uma estrutura fantástica! Fiquei lá diversas vezes através dele... Uma vez falei pra ele:

— É aqui que o senhor tem que me trazer!

Mas, o *sheik* disse que o Al-Shabab era *business* e o Al-Hazm era coração. Você veja como são as coisas... Acabei não indo. Apareceram outras oportunidades, mas não se fecharam... Pra minha surpresa, ainda hoje recebi de novo uma ligação lá do Mustafá, querendo que eu volte pro Al-Hazm. Respondi:

— Mas, homem, vocês só querem me levar pro Al-Hazm! Por que não me levam pra Riad no Al-Shabab?

— Não, mas o *sheik* está pedindo que você o ajude e ele vai lhe ajudar...

Mas, é muito difícil ir, né?! Ir sozinho, pior ainda. Quando fui, fui só.

Eu sou separado e tenho três filhos do meu casamento: Luiz Eduardo, Priscila e Bárbara... O Luiz Eduardo é advogado e vem fazendo concurso pra juiz... A minha filha do meio, a Priscila, é médica e está terminando a pós-graduação. A sua área é dermatologia com estética... E a minha mais nova, no final do ano agora, vai se formar em direito também. Diz que vai seguir a carreira, quer ser juíza... Isso é bom. Fico muito realizado ao vê-los buscando seus espaços, seus caminhos. Procurei dar a eles, tudo aquilo que não tive, principalmente a condição do estudo. Até hoje, a gente investe pra que eles aprendam e procurem ser o melhor naquilo que realizam, como procuro fazer na minha profissão... Estou muito feliz com os filhos que eu tenho! Agradeço a Deus que eles não têm vícios e estão se encaminhando na vida... Tenho uma neta já com 6 anos, filha do meu filho, a Jéssica...

Vivo essa vida de treinador que não é fácil! De vez em quando, paro e fico pensando... Às vezes, até falo pra Deus me dar uma outra condição pra que eu possa viver fora do futebol. É só ver: com 10 rodadas, 9 treinadores são postos pra fora. Isso na Série A, porque, na Série B, o número é maior ainda... Então, vivemos o tempo todo sob instabilidade, pressão, tensão... Sabemos que, hoje, a gente é aplaudido e, amanhã, vai ser xingado... Ninguém consegue administrar a paixão do torcedor, mas nós temos que trabalhar com isso.

Certa vez, na Portuguesa, em São Paulo, eu fiz uma declaração de que o treinador tá sempre perto de uma cadeira elétrica, né?! A mídia é o nosso juiz. Se ela diz sim, a gente é salvo; se diz não, somos imediatamente eletrocutados... O futebol já melhorou muito, mas infelizmente isso continua acontecendo... Cada vez mais, as pessoas passam a dizer que as coisas erradas, tanto no futebol como na vida, são uma questão de cultura. Todo fato errado, se diz:

— Não, é a cultura do povo.

Falam isso pra não assumir responsabilidade, simplesmente transferir. E nessa de “cultura”, pais, mães, irmãos, filhos, netos, amigos... sofrem. Porque o treinador de futebol tem família! E ela sofre quando vê o torcedor jogando pedra, óculos... Nós somos agredidos moral e fisicamente! É uma coisa que há de se repensar... Há de se repensar porque eu não sei

aonde nós vamos parar. Até onde nós vamos chegar com essa violência, com essa forma de tratamento absurda?

Normalmente, cai nas costas do treinador, como se ele fosse o único exclusivo culpado pelos insucessos. Porque, quando tem sucesso, todos, do porteiro ao presidente, são importantes. Mas, quando o time perde, só um não serve! Isso me magoa, me deixa triste... mas eu adoro futebol. Como te disse, desde o dia que nasci até hoje, é uma vida dentro deste esporte e tenho muita coisa pra dar ao futebol... Tenho muito, muito, muito porque sou um profissional que me acho dedicado, estudioso do assunto, estou sempre buscando aprender pra ter um conhecimento melhor e poder transmitir aos meus comandados e às pessoas que convivem comigo... Estou aguardando...

No ano passado, fiz um trabalho maravilhoso aqui no Ceará. O clube tinha só quatro jogadores, estava sem credibilidade, sem patrocínio, e faltando apenas uma semana pra começar a segunda maior competição do país, que é a Série B. Mesmo assim, fizemos uma campanha muito boa. Infelizmente, mais uma vez, assumiram a direção financeira do clube dois conselheiros que queriam mudar o quadro técnico. E acabaram mudando. De dezembro de 2008 a maio de 2009, o Ceará já teve quatro treinadores! Veja como é a vida, como é difícil pra nós...

Tive algumas propostas de clubes do nordeste, tive uma do sul, do Paraná, mas nós não chegamos a um acordo financeiro... Tive um momento que não podia sair daqui de Fortaleza porque tinha alguns problemas particulares pra resolver... Graças a Deus, está tudo resolvido e agora estou pronto pra voltar a trabalhar porque estou cansado de estar em casa! Tá entendendo? Mas, espero que logo logo Deus me ilumine novamente. Peço sempre assim pra ele:

— Me leve onde eu possa fazer algo pra deixar as pessoas felizes e não tristes, e onde possa ser bem sucedido profissional e financeiramente.

Primeiro, profissionalmente; depois, financeiramente. Então, estou aguardando... Sou oriundo de uma família kardecista, mas não me considero um porque não sou praticante. Ao mesmo tempo, sou porque o Kardecismo é uma filantropia, é fazer o bem sem ver a quem. Então, partindo desse princípio, me sinto um kardecista. Sou um cara que não me pego desejando mal a ninguém. Não me lembro qual foi o dia que parei pra desejar mal a alguém. Pelo contrário! Eu gosto de dar oportunidade, de resgatar as pessoas, de ajudar. Gosto disso!

Talvez aí esteja, em grande parte, o porquê das pessoas passarem a gostar de mim quando chego nos lugares. Eles me veem com essa condição. Sou um homem desprovido da vaidade do ter. Então, sou simples e quem me conhece sabe disso. Adoro sentar com os amigos e bater papo!

Moro com a minha filha mais nova, 24 anos. Até disse pra ela:

— Poxa, tá difícil pra eu sair porque tá sendo tão corrida a nossa relação!

Porque, nessa vida nossa de futebol, se tem pessoas que sofrem muito mais do que a gente são os familiares, mulher, filhos... Afinal, tem concentração, viagens, treinos, e, com tudo isso, a gente não dá assistência. É muito difícil! Conheço profissionais que têm uma dificuldade tremenda...

Mas, como estava lhe dizendo, não me considero kardecista porque, hoje, não tenho frequentado às reuniões. Eu me considero um homem não de religião, mas um homem de Deus, porque acredito Nele, em Jesus, e tenho certeza absoluta que sou filho do Homem. Só que, diante de Deus, pratico, gosto do meu semelhante, faço bem a ele e dou oportunidade... Convivo muito bem com os jogadores que são atletas de Cristo e os que não são também. Nos meus grupos, graças a Deus, a gente tem uma receptividade muito boa. Eu nunca tive nenhum problema! Pelo contrário, fico muito feliz quando trabalho com um grupo que tem atletas de Cristo. A minha convivência com eles é maravilhosa! Muitos já tentaram me levar, mas digo assim:

— Qualquer hora dessa, eu chego lá.

*

Eu já fui chamado a falar sobre preconceito e sobre racismo muitas vezes... É sempre bom dizer que preconceito é uma coisa, racismo, outra... Parabenizo a pessoa com a qual estou conversando e que tem a intenção de entrar mais profundamente nesta questão, porque é uma coisa que o brasileiro sabiamente não gosta. Se a gente perguntar a qualquer brasileiro:

— Você é preconceituoso, você é racista?

— Não!

No entanto, ele não deixa a filha branca dele casar com negro... Infelizmente, é uma grande verdade. Já tive algumas oportunidades de discutir, de, inclusive, dar palestras sobre

esse assunto. Não era nem dar palestras porque não me considero um professor a ponto de dizer que palestrei, mas, sim, uma forma de trocar informação e colocar aquilo que eu penso, vejo, o que já senti, vivi e vivo pra quem não viveu e não carrega consigo o problema. Afinal, de uma certa forma, a gente traz na cor da epiderme, né?!... Há um processo muito sutil de eliminação da raça negra... Só que ninguém assume. Essa é a grande verdade.

Eu acho que um assunto como esse, que pra mim é de grande relevância, teria que ser discutido todo mês. Deveria se sentar diante das câmeras de televisão ou no próprio rádio e trazer as pessoas pra que se pudesse melhorar nisso. Mas, não, são poucos os momentos em que se vê uma discussão com objetividade e finalidade. Pra te dizer honestamente, só vejo falar de preconceito ou de racismo quando é dentro do campo de futebol: ou pelo torcedor ou pelo jogador que chama um ou outro de “macaco”, disse e daquilo. Mas, fora dessa esfera, onde que se discute isso, onde que se fala? Eu não conheço. Você conhece, Marcel?...

Na universidade, parabenizo apesar de ser uma coisa restrita. Agora, eu fico muito preocupado com os movimentos negros porque normalmente quem participa deles fica marcado... Até eu, que não participo de nenhum movimento, já sofri na pele por diversas vezes! Tive empresários que falaram assim pra mim:

— Olha, o presidente do clube disse que você é o cara, mas infelizmente é negro.

Isso não me causou nenhum... remorso ou trauma. Até achei legal porque eles foram objetivos e diretos. Pior é quando não é! Esse é o grande problema nosso! Ninguém carrega na testa: “gosto de negro” ou “não gosto”. Se carregasse, a gente evitaria o aborrecimento, o constrangimento... É lógico que, lá dentro do meu coração, a gente diz:

— Poxa, não era pra ser assim.

O homem deveria ter as oportunidades pela sua competência, independentemente da cor... Mas, o que a gente vê no Brasil... Fico feliz que haja esses movimentos. Como estou te dizendo, acho que era uma matéria pra se ter num programa mensal em um canal nacional. Seria importante pra que as pessoas tomassem um maior conhecimento e deixassem o racismo de lado. Na verdade ninguém é melhor do que ninguém pela cor, não é?

Então, a gente tem alguns problemas e espero que um dia isso passe pra que possamos ter negros, brancos, índios, pobres, ricos, ou seja, a sociedade de uma forma geral vivendo em paz e com as mesmas oportunidades. Porque, de uma certa forma, a gente vive em paz, tendo o branco as melhores condições e oportunidades. O negro, não...

O que eu estava falando pra você é verdade. Quando jogava futebol, não tinha tantos problemas, não... O que existe agora, do cara tentar ofender, chamar de “macaco”, disso ou daquilo, é um problema, mas não é um dos piores... Machuca, desencadeia, mas há outras ofensas mais fortes...

Uma das coisas que falo é que o negro, quando subalterno, é bem aceito... Até porque, ele se esmera pra fazer tudo melhor que o branco e merecer a oportunidade... Mas, pra chegar a nível de comando, a coisa pega. Aí, é seríssimo! Por isso que eu digo que era necessário um levantamento mais amplo, sem faz de conta, sabe? Mas, sem revanchismo, sem violência... Afinal, isso não leva também a nada. É dialogando que as pessoas têm que se entender.

É isso que tenho visto. Não só no futebol, mas em todas outras áreas! No futebol, pior ainda porque, junto com a música, é o lugar onde mais os negros conseguem se sobressair em virtude da pobreza, da condição de pouco estudo que lhe são ofertados... Até porque, normalmente a gente advém de família pobre e precisamos primeiro ganhar dinheiro pra depois estudar. Muitas vezes, passamos a ganhar dinheiro e não conseguimos mais estudar... Aí, faz como eu faço: dá aos filhos o que não tive, a condição de estudar e de ser alguém através da educação. Eu me sinto muito orgulhoso, como disse ainda há pouco, de estar fazendo isso pelos meus filhos. E sempre que posso, ajudo outras pessoas também...

Agora, há um fato difícil de ser diluído: como é que nós, com tantos jogadores negros, não temos treinadores negros? Nas escolinhas juvenis, até temos um ou outro, mas não a nível profissional... Essa é uma realidade. Se você fizer um levantamento hoje, na Série B e na Série A não tem nenhum negro trabalhando! Quando eu digo “negro” é igual a mim ou um pouquinho até mais. Afinal, tem muito mulato por aí. Por exemplo, o Luxemburgo é negro? Não é negro. Joel Santana é negro? Não é. Celso Roth é negro? Não é. E o Serrão? Também não. Negro sou eu: Lula Pereira.

Aí, te pergunto: cadê um outro?... Até pra te dar como base. CADÊ OUTRO?... Não tem! A gente tem nas divisões de base, mas não tem no nível profissional. Nas Séries A e B, nós temos 40 clubes! E, mesmo assim, não tem nenhum negro. O que poderia estar trabalhando era eu se tivesse aceitado a proposta do Campinense... E se você for pra Série C, também não tem!... Por isso que eu te falo do processo sutil de eliminação... Será que nós não temos num país tão grande uns três atletas negros com capacidade de ser treinador? É lógico

que não é porque jogou futebol ou porque é negro que tem que ser treinador. Não, tem que ser treinador por competência. Por isso que eu sempre digo pra eles e pra todo mundo:

— Se preparem!

Eu me preparei pra ser treinador! Fiz vários cursos! Fui pra São Paulo e fiz uns três cursos. Fiquei mais de mês no Rio de Janeiro fazendo cursos. Fui me embasar e buscar conhecimento pras pessoas não falarem:

— Ah, é treinador porque jogou.

Não. Eu também joguei futebol. Joguei por dezesseis anos e tenho uma vida de pai, de tio, tudo jogador e treinador! Então, me estranha: como que nós não temos num país de alta miscigenação meus irmãos de raça galgando a condição de treinador de futebol? Não vejo no basquete, não vejo no vôlei, não vejo no futsal... Não vejo e nunca vi... E olha que assisto de tudo. Onde tem esporte, estou antenado... E tenho que estar, pois é a minha profissão. Gosto de fazer isso, mas não vejo negros como técnicos... Então, alguma coisa tá errada, né?! Volto a repetir: ninguém quer mexer nisso... Ninguém se aprofunda nessa questão.

Faz exatamente seis anos que nós temos uma cota dada aos negros, mas há um reboleio, há uma insatisfação porque está se procurando dar a eles um caminho para que possam ter condições verdadeiramente de estudar e de ser alguém. Lamento isso profundamente... Acho que deveria ter cota em todos os setores, e não só nas faculdades, não. Aliás, nós temos uma lei bem antiga, a Afonso Arinos, que, se não me engano, diz que toda e qualquer empresa ou repartição tem que ter 10 ou 15% de negros. E onde é que eles estão? E não é só com relação ao negro, não! Quando falo do preconceito, do racismo, incluo também os deficientes e outras classes menos privilegiadas. Nós tínhamos que fazer essa integração, não é? Mas, não com leis, pois aqui não se cumpre lei. Se tem um país onde não se cumpre lei é no Brasil! Não adianta fazer mais. O que tem que se fazer? Cumprir.

Então, deveria ter cota pra tudo e, assim, dar oportunidade pra que a gente mostre o nosso potencial. Agora, a gente não vai poder mostrá-lo sem ter a mesma oportunidade e dar a mesma condição de educação aos nossos filhos negros... É só pegar um menino negro e um garoto branco, um nascido lá na favela e o outro, numa condição brilhante. Inverta os papéis: ponha o menino loiro lá na favela e o da favela lá onde tem condição. O negrinho vai ser doutor! Ele vai ter os bons colegas e uma boa educação. Já o branco vai ter uma forte

tendência pra ser bandido... Essa é uma grande verdade! Então, acho que nós precisamos mudar, ainda há tempo. Já se melhorou alguma coisa, mas muito pouco. Muito pouco!

Basta, Marcel, a gente olhar pro nosso futebol e comparar quantos jogadores negros nós temos com quantos treinadores, árbitros, dirigentes, e outros profissionais negros... Há ou não há aquele processo sutil de eliminação que lhe disse? Alguma coisa tem que ser feita pra que isso mude porque já vem de muito tempo. Com cota pra todos os meios profissionais, teríamos negros em todos os lugares! Mesmo assim, mesmo estudando, não é fácil.

Nós temos um ministro, o Joaquim Barbosa. As atitudes dele nos enchem de orgulho pra caramba! Dizem que é uma pessoa maravilhosa! Só que já trabalhou na gráfica do Senado... Deve ter muita coisa pra contar. Imagina ele sentado numa mesa tomando uns chopes e deixar o negrão acorrentado do peito dele sair, hein?! Deve ser demais!... Digo sempre que todos nós temos um negrão dentro do nosso peito acorrentado na grade e que, quando a gente toma um pouquinho de álcool, ele nos fala:

— Ôôô... deixa eu saíí!

Há há há... Mas, não pode, pois, se deixar sair, há problema...

É lógico que a gente tem que respeitar a opinião de cada um, principalmente quando se trata de um assunto tão complexo como o do preconceito e do racismo, mas sempre deixo um legado pros meus irmãos: é possível vencer trabalhando, lutando, se dedicando e com honestidade... Deus, mais cedo ou mais tarde, vai nos encaminhar... A gente nunca vai ser alguma coisa na vida sem o outro. Não há como! Pode ser o maior milionário no mundo, mas, se ficar sozinho, acabou. É suicídio, depressão, doença, drogas e um monte de coisa...

Tenho um grande amigo, Wilton Bezerra, que diz que a grande felicidade da vida é o outro, o que é uma grande verdade. Pra gente crescer, precisamos de alguém que nos ajude. É assim em qualquer setor da vida! E é isso que eu espero que aconteça conosco, mas não com medingagem, sabe? Mas, sim, com coisas refletivas, com decisões e com tomadas efetivas pra que se mude o quadro. Quando se abre a porta de uma detenção, não quero mais ver quase 99,9% de negros... Temos que mudar isso!

Sou tranquilo nesse tocante porque já sofri tanto, viu Marcel! Costumo dizer que nasci negro, pobre e há dois palmos da lama pra baixo. E é verdade. Nasci em 6 de junho de 1956, na beira da maré, em Salgadinho, Olinda. Só vendo, meu Deus... Note que estamos nessa caminhada de luta há muito tempo. Tenho amigos de infância até hoje e que podem falar.

Alguns deles também conseguiram com muito trabalho, apesar de não serem negros. E eles são admiradores da minha luta e da minha forma de ser... Vejo que há uma necessidade de melhora e de divulgação pra que as crianças vão entendendo as coisas, o outro, as diferenças, mas sem violência e sem revanchismo. Volto a lhe dizer: não é fácil, mas tenho esperança de que ainda vou ver muita coisa nesse mundo modificar...

Pra se ter uma ideia, ontem eu passei por um grupo de amigos, que tem juízes, desembargadores, advogados, empresários e eu como treinador de futebol. A gente se reúne aqui perto de onde nós estamos, no Kasa Caiada, que é um restaurante de um amigo nosso, ex-árbitro. Por coincidência, eu sou um dos fundadores porque, no dia em que abriu, fui convidado e estava presente. Ele diz que esse restaurante já tem mais de vinte e cinco anos. É um lugar onde se fala de tudo: política, futebol, religião... Lá, a gente descasca, como se diz aqui no nordeste.

E, ontem, a gente estava discutindo sobre bolsa família, bolsa escola. Como sempre, tem os que são a favor e os que são contra. Eu parti de um princípio, da isonomia... Só que vamos pensar num ser humano pobre, que tem uns quatro filhos e que passa a ter um cartão com o seu nome. Com ele, essa pessoa vai poder retirar todo mês o seu dinheiro. Já ouvi muitos dizerem:

— É uma esmola.

Mas, é uma esmola com dignidade. Quem nunca pediu, não sabe o que é esmola. Quem já viu um familiar pedindo, como eu vi minha mãe, ou batendo no vidro de um carro, sabe o que estou falando. Até porque, alguém sabe onde está a autoestima daquele que está pedindo esmola? As pessoas não fazem ideia e nem dimensão. Então, pensa o que significa esse mendigo sair da rua e ter um cartão que ajuda no pão de cada dia da sua família. Há de se reconhecer... Pra mim, não interessa politicamente quem fez. O que me interessa é a ação, é ver o que isso pode trazer de benefício. E traz! Muitas vezes, as pessoas não analisam esse outro lado. Aí, algumas delas me dizem:

— Tem gente que recebe a bolsa e vai pra rua pedir.

Mas, isso faz parte do caráter das pessoas, da índole delas. Bom seria que elas não fizessem mais isso e procurassem através desse benefício organizar a sua vida. Melhorou muito para o pobre. Muito! Só quem pode falar é ele, que conhece, que vivencia, que passa por isso. Você tá me entendendo? Mas, pra tudo, há sempre os que são contra. No final, não é

tudo bom, pois sempre tem alguma coisa que acaba saindo errado. Às vezes, se faz com a ideia e a intenção de que a coisa seja feita com clareza e lisura, mas, de repente, há pessoas, que não precisam ganhar, ganhando. Se tem gente que recebe sem precisar ou que para de trabalhar depois que recebe, é uma pena. Infelizmente, nós temos realmente muitos problemas no Brasil e um deles é o da falta de caráter. Todas essas são situações que acabam acontecendo, mas o importante é que a ideia é boa!

*

Certa vez, dei uma entrevista pro Juca Kfourri, na época que ele ainda comandava o Cartão Verde, na TV Cultura, e o programa teve uma grande audiência. Foi logo em seguida ao caso do Grafite. Na semana seguinte ao ocorrido, o Juca me ligou pra participar. Na época, um grupo de portugueses junto com o seu João Rabelo entraram no Ceará e me colocaram no cargo de coordenador. Não podia viajar até São Paulo porque a gente estava aqui, como sempre, fazendo um time em cima da hora. Faltavam apenas uns dez dias pra começar a competição e o clube ainda não tinha nada! Então, o Juca fez com que participasse daqui mesmo. No programa, estavam também o Fabão, zagueiro do São Paulo, e o professor Carlos Alberto da Silva, do Rio de Janeiro, que, se não me engano, editou dois livros a respeito de preconceito.

Naquele momento, fiz algumas observações muito interessantes, que foram duras, mas que são verdadeiras. Sei que falei até com ênfase... Depois, recebi tanta ligação, tanta mensagem desse Brasil afora! Eram negros do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de Belém, de Manaus, do Brasil todo! Eles ficaram encantados com a minha maneira sincera de ser diante de um fato tão complexo. Disse pro Juca nesse tom:

— Juca, você tem filhos?

— Eu tenho netos.

— Então, você tem filhos duas vezes. Afinal, neto é um filho que você não tem, mas que acaba sendo seu porque é filho do seu filho ou da sua filha. Então, é seu filho. Você quer algum mal pro seu filho?

— Não.

— Eu também não quero pros meus... — e comecei a falar do negro no Brasil...

Eu acredito no amor, tá certo?! Acho que sem amor não tem razão de se viver. Muitas vezes, o negro não tem coragem de dizer, mas eu tenho. O negro fica idealizando os filhos. Ele pensa: “Se me caso com uma branca, o meu filho vem mulato e, assim, vai sofrer menos do que eu e vai ter mais oportunidades na vida. Se me caso com uma negra, o meu filho vai sofrer as mesmas coisas que eu sofro.”. Isso é uma grande verdade!... Sei que muitos irmãos não vão ter a coragem de dizer isso, mas, lá no fundo do coração deles, lá dentro da cabeça deles, eles sabem que eu tenho razão. Porque essa é a grande verdade nossa aqui no Brasil, diferentemente do que acontece nos Estados Unidos. O negro americano faz questão de casar com uma negra, seja em que situação for! Por quê? Porque ele tem uma condição de vida. Independentemente, tem a sua faculdade e será juiz, médico... e vai embora, diferentemente da gente aqui. Por isso, ele não se mistura! Pelo contrário! Valoriza a raça negra se casando com mulheres negras. E desafiei:

— Me apontem um brasileiro branco, bem sucedido, casado com uma negra.

Ninguém apontou!... NINGUÉM!... Repeti a pergunta:

— Me digam um juiz, um médico, um desembargador, um homem bem sucedido, BRANCO, casado com uma NEGRA!

Todo mundo ficou quieto... De repente, alguém falou:

— Ah, tem de fora, o Hans Donner.

— E ainda casa com a mulata mais bonita!... E ela também tem feições de branca... – retruquei.

— Há um europeu.

— Mas, eu falei brasileiro...

Disse, nesse mesmo programa, que negros e brancos são verdadeiramente iguais na pobreza. Lá na pobreza, você não é branco e eu não sou negro, e nós somos irmãos. Você vai na minha casa e eu vou na sua e ninguém tá nem aí. Então, foram várias situações que fui colocando pro Juca e que Fabão e o professor ficaram em silêncio...

Na verdade de fato, ninguém tinha coragem de debater como eu falava! Só que eu estava pedindo às pessoas que me mostrassem uma situação diferente da que estava colocando...

— Mas, a filha do Pelé não é mulata? – falou alguém.

— É, mas, oficialmente, ele só se casou com mulher branca... – respondi.

— Ah, porque onde ele andou não tinha...

— Não é não... Eu acredito no amor, sou homem do amor, mas a grande maioria dos negros pensa dessa forma. A gente sabe o quanto custa ser negro...

Trabalhei mais de um ano na Bahia. A população baiana tem 75% de negros. Um dia, cheguei no hospital e vi que o vigilante era negro, a recepcionista era negra, a enfermeira era negra, o médico era negro e o paciente também era negro. Achei tão bonito! E te digo que o baiano é desprovido de vaidade e dessa preocupação do que os outros vão pensar ou falar... Pouco importa o que as pessoas acham. O baiano é fenomenal. Cansei de ver, em frente ao meu apartamento, negras gordas se bronzeando, dançando na praia, vestidas com a roupa que queriam, com o cabelo que queriam... Lá, ninguém se mete na sua vida! Diferentemente de outros locais, onde as pessoas logo já apontam e falam:

— Iii... olha lá.

Fiquei encantado com isso na Bahia! Uma vez, sentei na mesa com um professor da universidade de lá e começamos a conversar. Dá pra perceber que adoro uma conversa, não? Ainda mais quando tem uma cervejinha e um tira gosto. Nós estávamos conversando e eu colocando esse meu estranhamento. Ele me advertiu:

— Aqui, a gente anda do jeito que a gente quer. O negócio é diferente dos outros lugares. Nós somos a maioria!... Agora, a elite é branca. Esses 25%, Lula, é quem manda, como na África do Sul. Essa é que é a verdade: o poder tá na mão do branco na Ba-hi-a!

Mas, voltando ao programa do Juca Kfourir, ele foi de uma franqueza e de uma abertura pras pessoas de todo Brasil... Através dessa minha aparição e opinião, muitas pessoas me convidaram pra participar de movimentos, mas não tenho interesse... Gostaria mesmo é que as pessoas comessem a repensar em tudo aquilo que coloquei naquele dia. Hoje, a gente está conversando aqui de uma forma bem mais tranquila, não é?! Foi um bom programa. Só que não houve outro mais! Há há há... Você tá vendo como eu tenho razão?...

Nunca tinha pensado nisso que vou te falar agora. Acho que Juca não esperava que eu fosse falar as coisas que falei, ainda mais porque o programa era ao vivo. Eu é que passei a fazer as perguntas e a respondê-las. Ficaram sem palavras diante dos meus argumentos. Acho até que não concordavam com algumas coisas, mas não tinham como rebater. Até porque, eu acho que nunca alguém havia dito todos aqueles fatos colocados em uma televisão pública...

No final, parabeneizei o Juca e disse:

— Olha, Juca, eu não sei se você vai ter condições de fazer outro programa a respeito desse mesmo assunto, que volto a repetir: deveria todo mês ter.

Acho que isto deveria partir do governo federal. Eles deveriam fazer todo mês um programa, chamar as pessoas, passar pro Brasil todo pra nos reeducar... pra nos reeducar! Porque tem muita gente que está educada errado... Ainda espero que isso aconteça. Tem que fazer como se faz contra o fumo, contra as drogas: todo dia passar propaganda na televisão. É pra massificar mesmo! Você já pensou as crianças brancas e negras brincando juntas, sem preconceito e em todos os segmentos sociedade?

*

O Felipão é um grande amigo e um irmão que eu tenho no futebol. Ele me empregava. Às vezes, as pessoas ligavam pedindo indicação e ele falava:

— Ó, traz o Lula.

Veja só o que ele já fez por mim: quando saiu do Palmeiras e do Cruzeiro, me indicou. Eu me lembro que, na época, conversei com o Lapola do Palmeiras e almocei com os dirigentes do Cruzeiro. Mas, nos dois casos, nada evoluiu...

Cheguei a ir pro Flamengo. Mais uma vez, o Felipão teve participação. O jornal O Globo colocou a manchete: “50 anos depois um negro treina o Flamengo”... A experiência lá foi maravilhosa. Maravilhosa!... Por mais paradoxal que seja, a saída do Edmundo dos Santos Silva, que sofreu o *impeachment*, foi a minha queda no Flamengo. Porque foi ele, um baiano, quem me deu oportunidade e quem me levou pro Flamengo... Tá lá estampado: “50 ANOS DEPOIS!”. Só em 2002 e de lá pra cá nenhum negro treinou, não! Ah, o Andrade treinou, mas interinamente. Tá vendo só?

Te confesso que realizei um sonho. O meu pai, que fui conhecer com 16 anos, jogou no Flamengo... Por coincidência, ele estava morando comigo aqui em Fortaleza. Estava enfermo e nós cuidamos dele. Fizemos cirurgia e ele ficou novo, inteiro. Daí, fui pro Flamengo e ele ficou aqui na minha casa. Veja como é a vida... Foi um sonho, mas eu me preparei, Marcel, praquilo. Tive muitas, mas muitas dificuldades! Não por ser negro. A dificuldade maior era modificar a maneira de trabalhar lá no Flamengo. Estava acostumado

com São Paulo, onde trabalhei por oito anos. Vai vendo: treino de manhã e de tarde, cobranças, exigências...

Lá no Rio, sofri durante trinta dias. Um dia, quando saí do treino, o Apolinho, Washington Rodrigues, botou o fone no meu ouvido pra participar do programa dele, das cinco e meia às seis da tarde, e disse:

— Eu fui contra a sua entrada no Flamengo, mas, hoje, sou contra a sua saída.

Eu achei isso maravilhoso. O Apolinho não conhecia o meu trabalho, passou a conhecer e mudou de pensamento. Ele disse que eu não passaria quinze dias no Flamengo, mas fiquei cinco meses e vinte e três dias... Só saí porque houve o *impeachment* do Edmundo e o presidente que entrou infelizmente tomou umas decisões lá... Fazer o quê? Ele era o novo presidente e a gente tinha que acatar. Tá entendendo? Mas, me lembro que, quando saí do Flamengo, o Júlio César, goleiro da seleção, o Juan, do Roma, o Alessandro, do Corinthians, o Athirson, do Cruzeiro, e outros jogadores deram entrevistas contrárias à minha saída.

Inclusive, se você tiver com esse pessoal, pergunte pra eles a respeito da minha pessoa. Você vai ver o que eles vão dizer sobre o trabalho que fizemos no Flamengo. Tivemos momentos duros, mas também grandes momentos. Superamos, levantamos a cabeça e olhamos no olho das pessoas. Eu não olho e não falo com ninguém de cabeça baixa! Falo com as pessoas como estou conversando com você. Seja um presidente, seja um gari! Assim, olhando nos olhos, sem medo, sem subterfúgios... Infelizmente, muitas das vezes não fui bem recebido, principalmente por ser negro. Porque a pessoa fica esperando que vá de cabeça baixa, falando “sinhô”, pedindo permissão pra tudo... Tá entendendo?

Treinar a Portuguesa também não foi fácil, não. No dia em que cheguei, falei pro presidente que queria ser apresentado no salão de honra. E fui... Poucas vezes me apresentei de terno, mas, nessa vez, tratava-se de uma apresentação num local especial. No salão de honra, agradei a confiança em mim depositada pra ser treinador da Portuguesa e disse que, séculos depois, os portugueses estavam se redimindo. Afinal, no passado, foram eles que nos trouxeram nos porões dos navios pro Brasil e, em 2000, um time deles tinha um treinador negro. Disse também que, por mais paradoxal que seja, os grandes ídolos da Portuguesa foram negros: Enéas, Badeco, Djalma Santos, Ivair, Denner, Zé Roberto... No final, fui aplaudido, porque mexi com a história do clube...

Nós fizemos um grande trabalho, mas, tanto lá como no Flamengo, é sempre carregado... A briga pelo poder é um negócio sério... Foram dias importantes. Na Portuguesa, consegui revelar o Ricardo Oliveira, o Edson Araújo; já no Flamengo, o Felipe Melo, o Andrezinho... Além disso, trouxe o Hugo do Friburguense, o Liédson do Coritiba e o André Dias do Paraná.

Sempre tive um bom relacionamento com os meus atletas. Até porque, trato bem as pessoas. Quando me conhecem passam a gostar, a admirar a minha luta, a minha sinceridade, a minha maneira de ser. Sou um cara guerreiro, perfeccionista... Tenho hora pra chegar, mas não pra sair. Vivo o clube, sabe? O futebol é minha vida!...Aonde eu chego, sou querido pelos funcionários... As minhas experiências são muito boas.

*

O meu sonho é voltar a treinar grandes clubes. Já trabalhei em São Paulo, Rio, que são o *top* do futebol brasileiro, em Minas... Tenho muita vontade de trabalhar no Rio Grande do Sul, mas não consegui até agora. A mesma coisa no Paraná. Porque aí teria completado os principais centros do nosso futebol... Depois que a gente conversa com os outros profissionais que já passaram por esses estados, fica sabendo que são bons lugares pra se trabalhar, pois eles nos dão ótimas condições.

O grande problema do nordeste é esse: estrutural. Mas, tem um lugar pra se viver melhor que Fortaleza? Não conheço. A qualidade de vida aqui é maravilhosa. Se vive melhor com pouco. Principalmente um cara como eu, que não tem luxo. A minha vida é normal, não tem nada de excedente.

Sem dúvida nenhuma, há diferenças em se trabalhar em cada um desses estados. Em Santa Catarina, por exemplo, trabalhei no Figueirense, no Criciúma e no Avaí. Mas, não tive lá nenhum problema por ser negro. Se tive... tive aquilo que é normal, ou seja, do torcedor falar:

— Negro isso, negro aquilo...

Isso acontece na maioria dos estádios brasileiros... Na verdade, esse tipo de atitude não é normal porque, quando uma pessoa está me chamando de negro, é no sentido pejorativo, com a intenção de me rebaixar. Está entendendo? Lógico que não gosto. Se disser pra ti que

gosto, estou mentindo. Mas, esse tipo de situação não me tira o controle daquilo que eu tenho a realizar... Também nunca quis levar isso pra frente. Você já pensou se, em cada lugar que fui trabalhar e que o torcedor tivesse me xingado de “negro isso” ou “negro aquilo”, eu tivesse comprado briga?... Há há há... Aí, os caras não me contratariam mais... Eles iam falar assim:

— Não traz esse cara, não, porque ele só dá trabalho!

Que engraçado!... Todo mundo tem receio porque sabe que, se falar, eles vão achar ruim... Eu sei que o torcedor é movido pela emoção e que ele se transforma quando esta na arquibancada. E seja de que classe social for!... Já aconteceu uma vez de partir da minha própria torcida:

— Vá emboooora negro isso! Vá emboooora negro aquilo!

Note. Eles não disseram:

— Vá embora treinador!

Não. Disseram:

— Vá embora negro!

Como que posso gostar disso?... Todo mundo escuta e todo mundo silencia. Ninguém quer botar o dedo nesse “vulcão”, não. Esse “vulcão” está adormecido. Tá tudo bom como tá pra todo mundo vírgula! Está bom pra quem está em cima, mas, pra quem sofre as consequências, não está bom. Não tá! A gente sabe que não está. Só que, se a gente abrir a boca, quem vai ouvir? Quem vai tomar uma atitude? Quem já foi punido por isso?... Me aponte... Não vejo... Que nada! Vai pra baixo do tapete. Se vai na polícia, eles viram pra gente e falam:

— Volte daqui dois meses.

E ninguém fala, ninguém viu, ninguém sabe... É esse o grande problema. Acho, honestamente, que deveria se punir, mas, pra mim, a maior e melhor saída é a reeducação das pessoas. Do mesmo jeito que ninguém chama um branco de “branco”, mas nos chamam de “negro”... Gosto de ser chamado de “negrão”, só que sei quando a pessoa pronuncia no sentido carinhoso e quando é de forma pejorativa. Não faz mal me chamar de “negro”, porque eu sou mesmo. O problema está na entonação que a pessoa dá à palavra! Uma coisa é dizer:

— Ô, meu negão, vem cá!

E outra é falar:

— Negro isso, negro aquilo.

Nossa! Quantas vezes ouvi isso... A gente tem que ser superior a essas coisas, está entendendo? Ensinei meus filhos pra isso também. Lógico que ninguém chama meu filho de “negro” ou minha filha de “negra”. Agora, é só olhar pra eles aqui nessa foto pra ver que são filhos de “negrão”. Olha os narizes e os lábios deles... Mas, a pele é clara porque a mãe é branca...

Eu só gostaria de dizer uma última palavra pros meus irmãos de raça negra e para aqueles menos favorecidos, como os deficientes, que são deficientes eficientes... Todos eles também merecem ter as suas oportunidades. Espero que continuem se preparando a nível de educação e de conhecimento para buscar, de forma conciliadora, com argumentos, o seu lugar. Porque não vai ser no grito e nem com guerra, como já vi muitos apregoarem:

— Falta guerra neste país. Tem que sangrar, tem que matar!

Não... Não. Nós temos que alcançar e buscar o nosso espaço com educação e com conversa. Devemos sentar todos e discutir:

— O que é que você acha e sente? E você? E você? E você?...

É muito importante as pessoas sentirem! Uma vez, disse isso para um branco:

— Eu queria que você passasse trinta dias como negro. Que descesse Jesus aqui na Terra e o transformasse em negro. Aí, você vai ver como é que é!

Está me entendendo?... Então, quero que não desistam e que continuem lutando de forma organizada, no sentido de se preparar melhor para as oportunidades. Porque, se eles se prepararem de igual pra igual, não dá. Tem que ser mais, tem que ter algo a mais. Até porque, nós, negros, temos que provar três, quatro, cinco vezes pra mostrar que temos capacidade!... A não ser que os nossos senadores, deputados federais, presidentes, ministros ou alguém faça uma extensão dessa cota pra tudo nesse país. Afinal, a lei lá do homem, do Afonso Arinos, não foi respeitada, não. Nunca foi respeitada!... Isso é o que eu deixo pros meus amigos de raça: continuem lutando porque eu estou aqui lutando também...

Fico feliz de ter tido essa oportunidade de... não de palestrar, mas de falar o que eu penso e o que acho, as minhas experiências. Acho que sou um cara que sirvo para educar e para fazer com que as outras pessoas tentem, pelo menos, seguir parte do meu caminho. Eu não lamento. Só tenho a agradecer a Deus e às pessoas que me deram oportunidade. De uma forma ou de outra, eu tive. Poderia e deveria ter muito mais pela minha competência, honestidade e dignidade! Acontece que só isso, não é suficiente... infelizmente.

2.3. REDE DOS ÁRBITROS

João Paulo Araújo: “Ser negro no Brasil é barra. Na arbitragem então, nem se fale!”

Aqui onde nós estamos é a Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba. Na verdade, são três unidades de ensino. O CEPP é um centro profissionalizante que oferece cursos rápidos. Você se lembra daquele tal de PROEP do governo Fernando Henrique? Ele que fez aquilo lá, e o dinheiro que financiaria esses PROEPs vinha das centrais sindicais. Era assim: o governo passava para as centrais; as centrais, para os sindicatos; e os sindicatos, para o PROEP. O PROEP, junto com as centrais, fazia os cursos de capacitação, de profissionalização. Só que eram cursos rápidos voltados para aquelas pessoas que estavam sem emprego e que precisavam voltar logo para o mercado de trabalho. Então, esse era para ser o destino dessa verba, mas as centrais sindicais recebiam determinada quantia e acabavam desviando para muita coisa. Para o sindicato por exemplo. Aí, o sindicato usava o dinheiro para o bem próprio, para campanha de sindicalistas, de políticos e essas coisas todas... Com isso, o governo cortou. Cortando, matou a maior parte dos PROEPs, que ficou parada até hoje, por mais de cinco anos.

Agora que voltou a funcionar, mas enfrenta alguns problemas. O governo quer que os cursos sejam gratuitos. Como é que uma escola pode dar curso gratuito? Tem professor e um monte de coisa que, por contrato, tem que pagar pô! Então, está caminhando, caminhaaando... Só caminha aqui porque a Fundação está suprindo ou pagando a dívida, vamos dizer assim. Inclusive, eles foram para Brasília essa semana e vão voltar daqui um mês com um processo de lá. Mesmo assim, a gente sabe que os caras ainda querem que a escola funcione com curso técnico e gratuito. Não dá, né?! Vai ser complicado isso aí...

O outro segmento daqui é o colégio técnico. O COTIP, aliás, é mais famoso do que a própria Escola de Engenharia. Se você vier a Piracicaba e perguntar a alguém:

— Eu preciso ir na Escola de Engenharia. Você sabe onde é?

Provavelmente, a pessoa vai te responder:

— Desculpe, não conheço.

Agora, se você falar:

— E onde fica o COTIP?

— Ahhh, o COTIP eu sei onde é que é!

Aqui em Piracicaba, é assim que funciona...

Já a Escola de Engenharia tem cinco cursos: Mecânica, Mecatrônica, Tecnologia – que está sendo implantado nesse ano –, Administração e Processamento de Dados. Eu coordeno, então, os laboratórios de Mecânica dos cursos ligados a essa área. Quer dizer, a Mecatrônica, a Tecnologia e a própria Engenharia Mecânica... Começou, aqui, com Engenharia Civil. Após um tempo, veio a Mecânica e, depois de muito tempo, foram criando os outros cursos... Só que já trabalhava aqui quando era Engenharia Civil. Pra você ter uma ideia, entrei em 76 como auxiliar técnico. Depois, é que fui estudando... Tentei fazer engenharia civil, mas não consegui.

Eu era metalúrgico antes de vir para cá. Comecei a trabalhar em 69. Tenho quarenta anos de trabalho! Quer dizer, quarenta anos de carteira assinada, com trabalho registrado e recolhimento no INSS. Nesses tempos que pedi para ver a minha aposentadoria e soube que tenho quarenta anos. Antigamente, quando se mudava de uma firma para outra, ficava uns três meses sem registro e aquelas coisas todas. Então, mesmo assim, deu todo esse tempo de carteira. Na verdade, de 69 até 2009, são trinta e nove anos, dez meses e quinze dias.

Mas, aconteceu um problema sério aqui. Essa escola é uma Fundação Municipal, mas os alunos pagam para estudar. Quer dizer, é uma Fundação Municipal de direito privado, certo?! É por causa disso que eles pagam. E tem um Conselho de Curadores, do qual já fiz parte. Até pouco tempo, esse conselho se reunia duas, três vezes por ano. Agora, não. De um tempo pra cá, a política aqui dentro pegou feio e esse conselho começou a se reunir todo mês. Incrível! Se reúne para resolver os pepinos da escola... A escola cresceu bastante. O diretor financeiro, que está há vinte e cinco anos aqui, vem administrando muito bem a escola.

Dinheiro não é o problema, e isso é muito bom considerando a situação da maioria das escolas hoje em dia. Até por ter dinheiro, é uma briga danada com o diretor executivo. Por quê? Porque o diretor executivo vem, fica três anos e vai embora. E o que é que ele quer fazer? Bom, é melhor eu falar bem baixinho: obra. Quer fazer para poder mostrar. Só que o financeiro não deixa. Senão, acaba com o dinheiro da escola. Então, nesses três anos, é um pé de guerra danado! Pô, terrível!... É um pé de guerra, mas a escola continua firme, e vamos indo, vamos em frente...

Eu trabalho aqui desde 69. Depois, passei para auxiliar; de auxiliar, fui para assistente; e, de assistente, cheguei a técnico. E estou como técnico faz um tempão porque não tem mais pra onde ir. Afinal, não tem plano de carreira! Eu fui assim... abrindo o terreno até ser técnico. Agora, não tem jeito. Nós estamos brigando para colocar um plano de carreira, mas... Já vieram cinco empresas fazer isso aqui e não consegui implantar nenhum dos cinco. Atualmente, tem um outro plano de carreira sendo estudado para ver se consegue implantar. Só os professores de Engenharia conseguiram implantar depois de um tempo. Os professores universitários são em maior número e têm mais força de luta. Os funcionários não conseguem fazer isso... Mesmo porque, somos poucos. A escola tem quase três mil alunos e somente sessenta funcionários. Pouquíssimos! Aqui, a máquina não incha por causa desse cara, do diretor financeiro. Ele não deixa inchar de jeito nenhum!

O que supre a gente é a contratação de estagiários. São uns oitenta alunos que nos ajudam no tempo de estudo. Todo mundo sabe que esta é uma mão de obra barata. Isso os ajuda também e permite que paguem a escola, fazendo tocar em frente. Nós vamos andando, e eu me equilibrando... É foda! Não é fácil me equilibrar aqui. Já me mandaram embora, inclusive. Isso foi em 89. Não podiam, mas me mandaram. Mesmo assim, as coisas se acertaram. Por quê? Porque 89 foi o ano em que fui para a CBF. Por conta disso, não liguei

muito, viu. Mesmo porque, um diretor me mandou embora aqui e um outro já me chamou na sala de frente, falando:

— Você está contratado.

— Ah, é?!

— Então, você começa a trabalhar em março, quando começam as aulas. Só que você vai trabalhar apenas dezesseis horas por semana. Não será mais quarenta. Vai ser um contrato igual de professor, vai ganhar por cinco semanas e tal... – seguiu explicando a condição.

— Ahhh, tá bom! – respondi contente.

Como tinha me formado em Educação Física em 84 e não trabalhava na área, pensei: “Ah, vou trabalhar com Educação Física e, ao mesmo tempo, continuar aqui. Isso vai facilitar para eu poder apitar.” Foi o que aconteceu. Em março, fui recontratado por dezesseis horas semanais e comecei na arbitragem também. Deu certo, o dinheiro foi entrando e não fez falta. Então, não liguei e fui embora...

Acelerando essa história da escola, eu falo pra você que me equilíbrio aqui porque, em 2004, o Tribunal de Contas determinou que ajustassem a situação das pessoas que não têm concurso, e eu era um desses. Não tinha concurso quando entrei, mas tinha um problema: a Constituição de 88 me deu estabilidade de emprego porque quem tivesse, em 88, cinco anos de trabalho em órgãos públicos tinha estabilidade de emprego. Só que fui mandado embora em 89. Quer dizer, eles não podiam me mandar embora naquela época, mas me mandaram. Aí, recontrataram. Se tivesse entrado na justiça, eu tinha ganhado e continuado com as quarentas horas. Não entrei por pura ignorância minha de não saber isso da Constituinte...

Agora, em 2004, veio a determinação de que tinham que mandar embora todos os funcionários contratados sem concurso público. Essa era uma prática comum no início dos anos 90, e a escola acabou contratando muita gente aqui sem concurso público. Então, mesmo com dez, treze ou catorze anos de casa, trinta e cinco pessoas foram mandadas embora. Da lista de trinta e nove, só eu e mais uns dois ou três ficaram. Fiquei exatamente por conta desse imbróglio. E tinha outro motivo: a minha demissão tinha uma coisa esquisita. Por quê? Porque um diretor assinou a demissão e um outro, a rescisão. Que negócio é esse? O diretor que assinou a minha demissão era o de Engenharia e não o executivo. Só que não existe nenhum papel que comprove que ele estava no cargo de diretor executivo naquela época. Se não existe papel, então ele não podia ter feito isso. Foi uma demissão ilegal. É um imbróglio

que você não imagina! Aí, eles não me mandarem embora. Então, fiquei. Fiquei e venho me equilibrando, né?! É uma ameaça daqui, outra dali, outra de lá...

Eu dou aula no COTIP de Educação Física desde 92. Também foi sem concurso e não me mandaram embora por isso. Esses dias, o diretor falou assim pra mim:

— Eu esqueci de te mandar embora naquela época.

— Você esqueceu?! Que ótimo então!

Há há há... “Esqueci”, há há há... Esqueceu e eu fiquei! Que engraçado! Mas, toda hora estão me dizendo:

— João Paulo, você precisa pedir demissão do COTIP.

— Ah, isso eu não vou fazer. – respondo.

— Você tem que pedir demissão.

— Eu não vou pedir.

— É?

— É. Isso, eu não vou fazer.

— Ah, então vamos ver o que o Conselho vai decidir.

Só que o Conselho também não decide. Se eles quisessem arrumar a minha situação, já tinham arrumado. Eu entendo assim... Não há vontade de acertar, mas também não há vontade de me mandar embora. Com certeza, é porque não podem. Senão, é bem provável que eu ganhe na justiça. E ganhe até as quarenta horas! Porque isso que fizeram comigo não existe na CLT. Me contratar por dezesseis horas? Isso não existe! Não EXISTE!... Bom, tanto eu quanto eles estamos enrolados.

Só para terminar essa história, tem uma coisa ainda muito importante para relatar. Veja bem: como estou aqui há tanto tempo, o meu piso salarial, em relação aos outros que fazem o mesmo trabalho na escola, é alto. O meu salário é quase o dobro. É por isso também que a negada vive sempre querendo me caçar. Um negro ganhando mais que os brancos! Você sabe que isso é complicadíssimo no Brasil. Então, esse é o motivo que estão toda hora me ameaçando daqui, dali, de cá, de lá...

Numa época em que até já era árbitro de futebol conhecido, eu lembro que existia um cara aqui que fez um complô para me mandar embora. Porque eu tinha um salário razoável comparado com os dos outros. Tirando os salários do diretor, do secretário e do contador, o salário do técnico era o maior de todos os funcionários naquela época. Hoje, não. O salário

desse pessoal acima foi embora. Lógico, né?! O do diretor foi lá em cima! Há há há... O do pessoal antigo está chegando no meu. Na verdade, alguns até passaram porque o meu ficou parado, estagnado. Então, lá nos anos 90, tinha um cara, que era secretário da Escola de Engenharia e que tinha muita influência com professores, diretores e tal, que vivia falando assim:

— Pô, gente! Nós mandamos o João Paulo embora, mas ele foi beneficiado! Agora, trabalha só dezesseis horas e ganha o mesmo valor/hora da época que trabalhava quarenta horas por semana.

Eu só ouvia e não falava nada, não. Não tinha o que falar. Mas, depois, quando mandaram os aposentados embora, ele foi junto. Na verdade queriam pegar uns quatro ou cinco aposentados, e ele estava no meio. Pra mandar esses embora, foram todos os vinte aposentados... A gente dá gargalhada, mas é assim que funcionam as coisas. É foguete!... Mesmo assim, a minha relação com todos eles, hoje, é boa. Sempre tive jogo de cintura. Não ligo muito para as fofocas que surgem de vez em quando. Até porque, faço bem o meu trabalho. Fazendo bem o meu trabalho, não têm muito que falar de mim. A maioria das pessoas só elogia o que faço. Então, dá pra tocar em frente. Mas, sempre me equilibrando, tomando cuidado, pisando em ovos... É complicado. Um outro rapaz, o Marquinhos, que estava na mesma situação que a minha, não aguentou e foi embora. Aliás, todos os negros foram embora naquela época! Só ficou eu. Inclusive, fazendo um comentário em *off*, até o diretor virou pra mim e falou:

— Poxa vida, João Paulo. Depois, vão falar que eu sou racista.

— Não vão falar, não. – respondi.

Se ele veio fazer esse comentário, é porque ele é. Talvez, só não me mandou para não deixar explícito isso aí, não é?! O diretor que me disse isso! Não foi qualquer funcionário, não. Mas... está tudo bem.

O preconceito existe mesmo! Está por aí de uma forma bastante camuflada. Nós não temos muitas oportunidades. Eu acho que essa é uma necessidade que tem que se criar. Em todo lugar que a gente consegue furar os bloqueios, é muito difícil. Quando a gente fura, estão sempre querendo nos derrubar. Sempre! Porque sempre tem racista. E tem aquelas caras também que não são ou, melhor dizendo, não são tão. São, mas não TÃO! Então, esses daí nos deixam passar. Agora, quando entra uma outra pessoa que é um pouco mais, aí já quer

nos puxar o tapete. Se a gente não der muitos motivos ou, melhor, se não der motivo nenhum, fica difícil de o cara nos puxar. Mas, se ele puder, faz. Faz por causa da cor, simplesmente por isso. É incrível, mas é verdade. Senti isso na minha vida inteira... É muito complicado. Ser negro no Brasil é barra. Não é fácil, não. Na arbitragem então, nem se fale! Nela, também aconteceu muito.

Eu me lembro que, na primeira vez que fui apitar um jogo lá no Maracanã, o maqueiro do estádio, que era um fortão e hoje deve ter quase 70 anos, falou pra mim:

— Poxa vida. Cara, você é barra!

— Por quê? – perguntei.

— Porque dificilmente um negro está como árbitro central. Sempre está bandeirando. É muito difícil!... Você consegue furar, você é barra! Está de parabéns!

Então, na arbitragem, também foi assim. Na minha época, foram muito poucos os que se destacaram. Tinha o Wilson Carlos dos Santos, do Rio de Janeiro, que foi o segundo a furar. Eu achei que ele tinha sido o primeiro, mas, nesses dias, vi que tinha um antes dele. O Wilson Carlos dos Santos era um negão finíssimo! Inclusive, eu me espelhei muito na arbitragem dele. Aí, veio o Zé Aparecido e eu!

A coisa era complicada demais... Até nos jogos, era difícil pra apitar. É! Existe. Esse pessoal do Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Fluminense... é foda! Os caras falam:

— Negro? Ah, meu Deus! Mas, um NEGRO?

Até hoje eles falam se você quer saber! Era difícil quando saíam as escalas. É que, quando eu subi, o presidente da comissão de arbitragem da CBF era o Ives Mendes, e ele escalava mesmo. Cheguei na FIFA também por causa dele. Eu não tive apoio nenhum de São Paulo para ir à FIFA. Politicamente, era um zero à esquerda! Ooorra! E consegui me manter três anos. Pra você ter uma ideia, no primeiro ano que fiquei árbitro da FIFA, eles prepararam um cara daqui de São Paulo para me substituir. Primeiro, não acreditavam que fosse! Porque eu já tinha 42 anos. Diziam pra mim:

— Ah, você não vai apitar. Êêê, que isso! Esquece! Você já tem 42 e os caras lá estão querendo abaixar a idade.

Existia mesmo essa conversa na época. Falavam na minha cara:

— Você não vai, não vai, não vai!

Mas, acabei indo. No final do ano, o Ives me ligou e disse:

— Ó, fique tranquilo que você é FIFA.

Depois, me ligou o Nabi Abi Chedid e outros caras de São Paulo. Só que quem me ligou primeiro foi o Ives porque ele que me levou para a FIFA. Por que me levou? Porque o Zé Aparecido tinha saído por motivos políticos. Olha só por que entrei. Simples acaso! Ele tinha saído e, para substituí-lo, tinha que ser outro árbitro de São Paulo.

— Quem que vai no lugar? – perguntaram.

Iii... Olharam pra cá, olharam pra lá. Quem tinha que ir já tinha ido.

— Vamos pôr o melhor desse ano. Quem foi?

Eu! Eu que tinha sido o melhor árbitro daquele ano de São Paulo. Entendeu? Só por isso eu fui!... Tinha um outro motivo também. Em dezembro, estava uma briga política para tirar ou não o Zé Aparecido. Nesse “tira ou não tira”, decidiram tirar. Só que o *FIFA News*, aquele caderninho, já estava atrasado porque faltava a indicação do Brasil. Como as coisas estavam sendo muito atropeladas, não deu tempo para a briga política. Mesmo porque, muitos achavam que o Zé Aparecido não saía. Quando ele saiu, os árbitros aspirantes não conseguiam trabalhar politicamente. Aí, eu entrei. Foi tudo muito rápido. Nem acreditei que cheguei. Eu tinha fé, mas sabe como é, né?!...

No ano seguinte, os caras estavam preparando outro árbitro para me substituir já. No ano seguinte, cara!... Aí, esse árbitro se deu mal num jogo lá em Porto Alegre. Dançou e não teve jeito. Não foi. Logo, já começaram a preparar outro. E, assim, eles foram preparando outros árbitros até que, certo dia, veio um do Rio Grande do Sul e conseguiu. Porque, como politicamente eu era um zero à esquerda, não tinha ninguém por mim. Só o Ives que me mantinha lá, e eu também não ajudava ele. Nunca o ajudei, então... Que engraçado! Ele me mantinha por birra. Tive essa sorte, rapaz. É que ele tinha umas encrências com o Farah. Inclusive, foi o Farah que montou aquele esquema para tirar ele da CBF. Então, o Ives me manteve lá por BIRRA com o Farah! Por isso que me manteve... Assim, fiquei três anos e apitei jogo pra caramba...

As coisas são um barato porque o cara que era diretor de árbitro aqui de São Paulo dizia o seguinte para os caros amigos dele:

— Orra! Esses jogos que o João Paulo está apitando na FIFA, o Godói é que tinha que apitar. Não o João Paulo. Mas, o Godói fala demais e acaba perdendo pro João Paulo.

Falava isso direto, acredita? Falava desse jeito... Eu era muito escalado para jogos da FIFA. Aqui em São Paulo, era ele o homem forte que escalava os árbitros. Ele é que preparava os caras para me substituir, e dava na cara. Na verdade, era pra eu ter ido antes para a FIFA... Só que aí o Godói foi primeiro. No ano anterior, tinha ido o Zé Aparecido, que tinha mesmo que ir. Naquele ano, quando eu era aspirante e achei que seria a minha vez, foi o Godói que ocupou a vaga...

Eu e o Godói começamos mais ou menos juntos. Ele fez o curso primeiro que eu, mas ficou muito tempo sem apitar porque ele mesmo dizia que era uma ladroeira danada. E era uma roubalheira mesmo! Os árbitros que existiam eram quase todos ladrões e não era fácil. Então, ele ficou um tempo sem apitar. Depois de um ano e pouco, quando a coisa ficou um pouco mais séria, ele voltou a apitar. Nessa época, eu já tinha chegado na primeira divisão...

A arbitragem em São Paulo teve duas fases sérias. A primeira fase foi em 87 – acho que antes do Farah assumir –, quando muitos árbitros foram afastados por corrupção. Eu já bandeirava e sofria pra burro. Comecei na arbitragem, na verdade, em 81. Durante cinco anos, bandeirei terceira divisão, não apitava nada! Aqui em Piracicaba, nós fizemos o curso em seis ou sete árbitros. Todo mundo apitava já e eu bandeirava para todos eles. Apenas em 85, 86, que comecei a apitar. Lembro que fui fazer um jogo amistoso entre Rio Branco e seleção brasileira de juniores. Nessa seleção, jogava Dunga, Romário, Dida, Bebeto e todos esses caras que foram grandes depois. Fui lá e pedi essa chance. Bandeirar, já estava cansado. Cinco anos, pô! Se não me dessem, eu ia parar. Inclusive, foram o Álvaro, diretor, e o Joaquim, também lá do departamento de árbitros, que me deram essa chance. Fui, apitei, e os caras gostaram. Daí pra frente, comecei a apitar alguns jogos de *juniors*. Aí, vieram jogos de terceira e de segunda divisão. De primeira, apitei muito pouco. Na época, todo mundo gostava porque, como só tinha três divisões, apitar a primeira dava um *status*.

Depois, houve um acordo entre a Federação e o Sindicato dos Árbitros, e denunciaram todos os árbitros corruptos. Mandaram embora um monte e limpou! Inclusive, a lista dos corruptos que foram afastados saiu na Gazeta Esportiva e em outros jornais. Então, eu cheguei na primeira divisão por causa disso aí. Saiu um puta monte e subiu a nova safra, que era: eu, o Godói, o Zé Aparecido, o Dionísio, o Serginho Corrêa – que hoje é da CBF –, o outro Serginho que foi jogador de futebol e um bando de cara. Mesmo assim, sobrou alguns da safra antiga, mas não duraram muito tempo. Eles tiveram que se enquadrar naquele novo contexto

do futebol. Aí, rapaz, na hora que eu comecei a apitar primeira divisão, não parei mais. Ninguém me segurou! Há há há...

Eu sempre tive essa “fortaleza” aqui, sabe? Não era barrigudo como hoje, mas sempre fui meio gordinho, meio forte. É a minha estrutura, pô! Hoje, estou com 135, 140 quilos, mas, na época, pesava 100, 105 mais ou menos. Quer dizer, com 105 quilos e 1,90 de altura, eu era meio forte. Todo mundo falava que era gordo, só que os meus testes físicos eram um dos melhores que existiam. Mesmo assim, a negada me chamava de gordo. Essa marca ficou.

Tem uma coisa que é engraçada. A Sul-Americana me escalava muito. Eu fazia pra fora o jogo que não fazia no Brasil. Aqui, a imprensa descia o cacete direto em mim, mas, fora do país, a negada me elogiava pra caramba. Era incrível isso aí! Lá, muito elogio; aqui, só cacete. Só CACETE!

— Não, porque tá gordo, porque não sei que lá, porque não sei de que, porque tetetê...

Qualquer errinho meu era maior que os dos outros, né?! Por ser negro sem dúvida nenhuma... Chegou uma época que foi um barato. Na Federação Paulista, mais ou menos junto comigo, em 89 e 90, vários negros começaram a apitar na primeira divisão. Vários! Dagoberto, eu, Zé Aparecido... Sei lá, tinha uns sete ou oito negros apitando. Tinha também o Raí Silva, que até já morreu. Era realmente um cara bastante honesto e começou a apitar nesse mesmo momento. Até porque, já estava ali fazia tempo, mas não tinha expressão. Nessa limpeza, ele conseguiu também um espacinho. Aí, na hora que estava todo mundo reunido, os brancos falavam assim pra gente:

— Pô, gente! Vamos pintar de negro! Vamos lá, vamos lá... – passavam as mãos nos braços. – Vamos nos pintar pra gente poder apitar. Porque aqui só negro apita.

Então, a gente via o racismo vindo dos próprios colegas, das pessoas com quem nós convivíamos, com quem trabalhávamos. Pessoas que iam bandeirar o jogo pra nós!... Dá pra acreditar? Então, era complicado, não era fácil, não... Eu me sentia, na verdade, como a maioria dos negros se sente, né?! Quer dizer, leva tudo na brincadeira. Leva na brincadeira, você entendeu? Se você perguntar pra muitos negros:

— Existe racismo no Brasil?

— Aqui? Ah, não tem!

Essa vai ser a resposta. Porque acha que é brincadeira da pessoa e tal... Mas, nunca vê o que realmente está acontecendo. Eu fazia de conta que não via. Sentia, sabia, mas fazia

como todo mundo. Às vezes fazia de conta que não via, às vezes dava risada e entrava na brincadeira:

— Ah, vamos, sim! Vamos pintar!

Fazia isso para conseguir tocar em frente. Se revoltar não dá! Não tem como se revoltar. Então, a gente tem que achar o meio de se enquadrar. Tem que ir deixando as pessoas perceberem que a gente não percebeu ou que levou na brincadeira, que está tudo bem... E assim eu fiz sempre! Sempre fui tocando e levando dessa forma. Faz de conta que é brincadeira e vamos em frente... Porque você tem que estar junto, não pode se separar. Entendeu?! E não pode, também, levar a sério – isso é incrível, mas é verdade – nem deixar a pessoa perceber que a gente sabe o que está se passando. Senão, talvez, o cara vai ser mais explícito ou trazer retaliação. Levando dessa maneira que estou te falando, o cara vai me achar legal e não me prejudicar muito. Me prejudica, mas não muito. Aí, a gente consegue furar o bloqueio! Porque, se a gente for levar a ferro e a fogo, não consegue furar... Então, tem que ter inteligência para poder tocar, estar no meio e conseguir levar. Tem que ser assim. Agora, a gente sabe que o preconceito é grande demais. É grande! Não é fácil, não. Respira fundo e vai tocando a vida, fazendo o que dá...

A Caderneta de Poupança dava um prêmio de 2 mil dólares para o melhor árbitro de São Paulo. No começo do campeonato, estava todo mundo no mesmo embalo. Quando chegou uma certa época, tinham apenas alguns que se destacavam... É incrível uma coisa! Se você pegar a história do futebol, vai ver isso que vou te falar. Na sociedade de hoje, também é assim. Se uma pessoa é escura aqui no Brasil, é negra. Se ela é um pouquinho clara, escapa um pouco. Não que essa pessoa não seja negra, mas é clara ou tem cabelo liso. Assim, consegue escapar mais do racismo...

Voltando, eu tinha um amigo com características de negro e tudo mais, mas que tinha cabelo liso. Eu e ele estávamos nos destacando para ser o melhor do campeonato. Foi nesse mesmo ano que fui à FIFA. Bom, faltava um monte de partidas ainda até o final do campeonato. Aí, começaram a acertar os jogos dele. Como que o pessoal acertava naquela época? Da seguinte forma: jogava São Paulo e XV de Piracicaba, em São Paulo. Quem ganhava? São Paulo, facinho, facinho. E eles escalavam o cara. Jogava Palmeiras e Ferroviária, que era o algoz do Palmeiras, em Araraquara. Eu... Você entendeu como que é?

Então, é assim que eles faziam. Na verdade, fizeram sempre isso comigo aqui em São Paulo. Mesmo assim, eles não conseguiam me derrubar.

No final do campeonato, estávamos eu e o Robertinho – vou falar o nome porque não tem problema nenhum – na disputa para ver quem seria o melhor árbitro de São Paulo. E o Robertinho foi fazer, então, um jogo que não tinha nada a ver, um Corinthians e Palmeiras. Só isso, só! Era um dos únicos clássicos que ele ia fazer no campeonato inteiro. Mas, tinha um problema: o Palmeiras já era o campeão. Quer dizer, era um jogo só para cumprir tabela! Não valia pontos. Na tabela, não valia nada! Mesmo sendo um clássico, mesmo tendo a rivalidade, escalaram o Robertinho porque acharam que o jogo seria fácil. Apitando um Corinthians e Palmeiras e o jogo indo bem, ele seria consagrado o melhor de São Paulo, pô!

Na mesma rodada, eu fui apitar uma pauleira lá no interior para decidir quem caía. Só! Há há há... Há há há... Eu dou gargalhada, mas foi isso: eu fui decidir quem caía no interior e o Robertinho foi apitar Corinthians e Palmeiras num campeonato já decidido... Mas, o Casagrande acabou com o jogo dele. Estragou a arbitragem do cara, e ele se perdeu e não teve pulso suficiente na hora para tomar as decisões. Hoje, ele é, inclusive, diretor da escola de árbitros de São Paulo. É gente muito boa, um cara legal e não tinha nada que ver com o negócio. O problema era o dirigente lá, não era ele... Como ele foi mal no jogo, não poderia ser o melhor árbitro de São Paulo. Não tinha como o cara do departamento fazer isso. Ainda mais, por ser um clássico em que a imprensa toda estava lá!

— E aí? Quem vamos pôr, então? Quem que será, hein? – discutiam.

Ficou essa briga de “quem será?”, “quem será?”, “quem será?”, e eu fui fazer um jogo da Copa do Brasil na Bahia. Essa partida era na quarta e a festa de encerramento do campeonato daqui era na quinta-feira em um restaurante nos Jardins... Fiz o jogo e chegou um telefonema lá na Bahia dizendo que eu tinha que vir rapidamente a São Paulo para participar de uma festa em um restaurante, porque receberia o prêmio de melhor árbitro de São Paulo. Você vê que coisa, rapaz? Na véspera, na quarta-feira à noite, os negos falaram:

— VENHA PRA SÃO PAULO AGORA!

Há há há... Há há há... É, meu, as coisas são assim. É um barato, um negócio demais. Aí, vim, recebi o prêmio e, por isso, fui para a FIFA. Era o Robertinho que estava sendo preparado para ir. Se fosse o melhor de São Paulo, ele que tinha ido! Entendeu?... E eu era aspirante, ele não. Tanto é que, no ano anterior, o Godói, que também não era aspirante à

FIFA, foi e eu, que era, fiquei. Por isso que eu falo pra você que a coisa é feia, não é fácil, rapaz. A vida do negro no Brasil é bastante complicada... No futebol, os negros têm essa facilidade por causa da sua própria habilidade, tanto dos jogadores quanto dos árbitros que conseguem chegar. É mais por causa do talento e da força de vontade mesmo. Senão, é muito difícil, muito complicado... Assim, as coisas foram acontecendo na minha carreira.

Difícilmente, se falava sobre essas coisas que estou te contando. Pra você ter uma ideia, eu não fiz nenhuma final de campeonato aqui em São Paulo. Nenhuma! Dá pra acreditar?... O Zé Aparecido fez. Ele não fez uma só, fez TRÊS! E eu não fiz nenhuma... Sempre estava no grupo dos melhores, entre os três ou quatro que ficavam para as finais. Mas, nunca fiz uma final de campeonato...

Lembrei de uma coisa que aconteceu que nem sei se posso falar... Dou risada, mas aconteceu. A única final que eu estava escalado para apitar foi a de 93. Me tiraram na hora do jogo. Falaram assim pra mim:

— Bom, João Paulo. Então, venha que você vai apitar e tal...

Só que na hora lá, não me colocaram. Falaram que foi por sorteio. Sorteio, bosta nenhuma! Sorteio começou a existir há um tempo atrás por conta da exigência do Estatuto do Torcedor. Aí, sim começou existir. Mas, lá atrás não existia, não. Esse negócio de que faziam sorteio era tudo mentira. Tinha um cara que era escalado para apitar e acabou... Dessa vez, eu é que estava. A própria Federação me ligou na terça-feira e disse:

— Você vai fazer a final.

O primeiro jogo da final foi aquele em que o Viola imitou um porco na comemoração do gol do Corinthians. Quem apitou foi o Dionísio. O segundo jogo era para ser meu. Inclusive, na quinta-feira, o Aragão, que era o presidente do Sindicato dos Árbitros, me ligou e falou assim:

— Ó, acabei de sair de uma reunião com o Farah. O jogo é seu, tá?! Tome mais cuidado com os lances perto da área porque, no meio de campo, você é experiente e sabe como fazer. Só tenha mais cuidado com isso aí, tá bom?!

— Tá bom. – respondi.

— Então, tá.

No domingo, dia da final, umas onze horas da manhã, marcaram um encontro em um restaurante do Shopping Morumbi. Quando cheguei lá e vi os três árbitros, o Dionísio, que

tinha apitado o jogo anterior, o Godói e o Zé Aparecido, pensei: “Porra, tô fora.”. Porque eu achei que iam estar lá os auxiliares, os bandeiras... Aí, daqui a pouco, falaram:

— Vamos fazer uma reunião agora que a gente vai escolher o árbitro.

Olhei para os caras, um lá abaixou a cabeça... Fazer o quê? Tudo bem. Aí, escolheram o Zé Aparecido. Ele veio até mim porque sabia que seria eu que iria apitar – todo mundo sabia, pô! – e disse:

— Porra, João Paulo, você me desculpa.

— Zé, a culpa não é sua. Os caras escalaram você porque acham que você pode fazer... A culpa não é sua, não.

Agora, não sei se a culpa era ou não dele. Isso, eu não posso dizer. Na época, achei que não era. Realmente, não sei... Depois que eu fiquei meio assim, sabe? Mas, sempre tive ele como uma boa pessoa e acho que ele é um cara legal, gente fina e tal... Foi usado! Acho que, nesse jogo, usaram ele. Em que sentido? O estilo de arbitragem dele era diferente do meu. Expulsava jogador por pouca coisa, não relevava algumas atitudes, não tinha jogo de cintura... Por conta disso também que ele subiu na arbitragem. Assim como o Paulo Cesar de Oliveira, que, no começo, tinha o mesmo estilo do Zé Aparecido. Ainda bem que o Paulo mudou. A trajetória dos dois é igual! E já vi que essa é uma forma que dá certo.

A minha não dava. Eu era um árbitro que conversava bastante com os caras. Às vezes, era xingado pelos jogadores, mas nunca xinguei ninguém porque sempre respeitei as pessoas. O meu tipo de trabalho era aquele de formiguinha, certinho. O do Zé não, já era mais estouradão. Vou dizer uma coisa pra você que ele mesmo me falou lá na hora mesmo:

— Ó, João Paulo, só que os caras me pediram que eu faça como a gente fazia na segunda divisão lá atrás.

Como a gente fazia? Como a gente subiu da terceira para a segunda divisão para moralizar a arbitragem, já que era uma roubalheira danada naquela época, nós dávamos amarelo na primeira entrada dura. Se o jogador dava a segunda, a gente expulsava e acabou! Não tinha cor de camisa. Quem fizesse isso estava fora. Era para a moçada ver que a arbitragem tinha mudado. A gente fazia isso no começo, lá em 88, 89. Depois, todo mundo já estava acostumado. Aí, a bola tinha que abaixar, e eu abaixei. Todo mundo abaixou um pouco. Então, quando o Zé veio com essa história comigo, falei:

— Zé, não faça isso! Não faça isso porque não é mais segunda divisão. Agora, é primeira, é final de campeonato e é Corinthians e Palmeiras, porra! Você não pode fazer isso!

— Ah, João Paulo, os caras mandaram eu fazer, e vou fazer.

— Então, faça. – falei desapontado.

Naquele ano, ele saiu da FIFA. Naquele ano... Você entendeu? Ele fez o que pediram eee... É complicadíssimo. Então, ele foi usado no meu ponto de vista, mas não percebeu isso. Agora, ele, claro, não vai dizer isso jamais. Como eu também já devo ter sido usado em várias oportunidades, e, talvez, não reconheça. Ele é um cara bom... Acho que está vivo ainda. Porque ele tinha câncer de estômago, mas acho que sarou... Então, isso foi consequência dessas coisas que eu te falei. É nervosismo e tal... A carga dele foi muito pesada. Porra, sofreu pra burro. Quem que não sofre, não é? Foi operado lá em 1995 mais ou menos. Em 92, ele saiu fora da FIFA. Por quê? Porque, depois dessa final em que ele se enrolou, acabou se enrolando também em outro jogo aqui e ali. A maior parte da imprensa, que era corinthiana na época, começou a pegar no pé dele pra lá e pra cá. Aííí... se enrolou inteiro e saiu da FIFA naquele ano mesmo. Continuou apitando depois, mas aqui em São Paulo só... E eu que assumi o lugar dele! Pra você ver como são as coisas.

Apesar dos caras terem pedido pra mim alguns favores em todo o tempo que passei na arbitragem, eu não fiz! Não fiquei devendo favor a ninguém. Não cheguei a ser muito famoso, exatamente por causa disso, por não fazer favor. Então, jogos importantes, finais e essas coisas todas, eu não apitava! Não estou dizendo que, em todas finais, os árbitros escalados tinham de pagar o favor. Só que se tinha que pagar o favor durante o campeonato! Você entendeu? Quer dizer, uma hora ou outra o árbitro tinha que dar uma força para um time ou para outro... Eu não fiz, nunca fiz isso.

Errei, tive alguns erros na arbitragem, mas foram erros meus. Eu sofri com os erros meus. Não errava porque alguém tinha me pedido para errar. E os caras pediam! Pra mim, pediram muito pouco. Pediram no começo e já não fiz. Dali pra frente, foram muito poucos os pedidos que recebi. Comigo, a bola era baixa, bem baixinha. Até o Ives Mendes, que pedia bastante para os árbitros e que foi banido do futebol por corrupção, pra mim ele não pediu nenhuma vez! E ele que me manteve na FIFA os três anos por causa de birra que tinha com o Farah... Eles falavam:

— Não, o João Paulo não adianta. Não adianta.

Agindo assim, não fiz grandes jogos e não fiquei muito conhecido, como muitos ficaram. Alguns ficaram bastante conhecidos, talvez, por mérito. E olhe lá! A única coisa que eu digo pra você é o seguinte: o Zé Luís Guidotti, que foi um árbitro que teve também vários erros e que é daqui de Piracicaba, falou um dia pra mim:

— João Paulo, eu estou decepcionado com o futebol. Totalmente decepcionado! Porque descobri, agora depois de tanto tempo, que uma pessoa que era meu amigo, que eu admirava e gostava muito, que o cara era um ladrão.

É até engraçado... Eu não vou falar para você quem é o cara, mas está aí ainda HOJE! Ele não apita jogo mais, só que ainda está no futebol.

— O cara roubava. Era meu amigo, vivia na minha casa! Dá pra acreditar? Eu nunca vi nada, mas, agora, tenho certeza que ele era um juiz que facilitava resultados. – continuou.

Entendeu?! Por isso que ele completou dizendo:

— Olha, eu não quero mais saber de futebol!

E não quis mais saber mesmo. Depois de encerrar a carreira, ele virou navegador, escreveu um livro e tudo mais... Já morreu inclusive.

Então, algumas pessoas que eu acho que também não fizeram podem ter feito alguma coisa. Sei lá! Muitas coisas, eu não sei e não ficava sabendo. Aqueles que ficavam nos bastidores acabavam ouvindo uma coisa aqui, outra ali. O Daniel Fernandes, que também foi árbitro da FIFA, era um que sabia tudo. De vez em quando, eu ficava sabendo de umas coisas porque ele me contava. Mas, não procurava e nem queria saber! Só procurava fazer o meu trabalho de maneira bem feita, como sempre fiz. Entendia a arbitragem dessa forma. Isso que era importante pra mim. E é até hoje assim.

Tanto é que não consegui quase nada na arbitragem também. Depois que parei, até tentei alguma coisa. Iii, mas nem na Federação. Nada. Não consegui nada porque... é complicado, cara! Porra, você não imagina como isso é complicado... O Paulo Cesar deve estar sofrendo pra burro! Até porque, pelo que eu sei, é um cara supergenteboa, honesto... A mesma coisa o Sálvio. Devem sofrer pra caramba! Falo por experiência própria: é difícil...

Vou dizer uma outra coisa que o Zé Aparecido me falou. Se você for entrevistá-lo, acho que dificilmente ele vai te dizer isso. Pode até negar agora, mas é algo que ele me disse na época. Como você sabe, ele, que era negro também, saiu da FIFA por motivos políticos. Mesmo assim, ficou quieto, não abriu a boca, sofreu calado. Também não adiantava nada

abrir a boca! Adianta falar? Não adianta falar, rapaz. É complicado porque ele foi apitar um jogo lá na Colômbia, que acabou 2 a 1 para a Colômbia sobre a Argentina. Os jogadores da Argentina reclamaram um pênalti, que não houve e que o Zé não deu. O pênalti não aconteceu. Se não aconteceu, ele não deu o pênalti, ora! Mas, a Argentina achou que foi. Esse foi um dos motivos de ele ter saído. Depois desse jogo, o Grandona pediu a cabeça dele para a CBF. Deve ter falado:

— Esse cara tem que sair da FIFA! Nós não queremos mais ele.

— Então, tá. Nós vamos tirá-lo. Mas, qual motivo para tirar o cara?

Aí, ficou naquela briga: sai, não sai, sai, não sai... Pra piorar, gostava de um microfone que só vendo e saiu falando aquela história lá do Zé do São Paulo, um vizinho que pediu para ele... Uma coisa que não devia ter falado nunca! Que isso é comum. Quantos vizinhos não viram pra gente e falam:

— Ô, João Paulo, rouba lá pra mim hoje, hein?!

Isso é normal, porra! Todo vizinho fala. E ele foi contar justo uma história assim. E se fodeu porque, aí, a imprensa pegou no pé. Claro, né?!... Orquestrada. Orquestrada porque tinham alguns repórteres que recebiam dinheiro da Federação. Você entendeu?! Então, quando o Zé Aparecido deu essa deixa, esses caras, como precisavam arrumar um motivo para tirar ele, mesmo que não fosse algum motivo real, espalharam a notícia e fizeram essa história do vizinho dele virar um negocião. Todo mundo acabou caindo em cima dele, aí já era... O vizinho falar uma coisa dessas é normal.

— Ah, rouba pro meu time lá!

Isso é normal, porra! Chega a ser hilário... Só que orquestrado com os caras que recebiam dinheiro da Federação, esse caso resultou nisso: tiraram o Zé da FIFA. Tudo por causa desse jogo, porque ele “não” fez o trabalho dele certinho...

Veja bem, raciocine comigo! Você mora no Rio de Janeiro, eu moro em São Paulo. Você me escalou para ir apitar o jogo na Colômbia. O avião sai de São Paulo. Por que motivo você vai sair da sua casa no Rio de Janeiro, vai vir aqui em São Paulo, pegar um táxi no aeroporto e vir até a minha casa para me levar no aeroporto?... Não é engraçado? Por que você ia fazer isso, gente?... O Ives fez isso com ele... Então, existia um acordo entre Brasil e Argentina, que era o seguinte:

— Você apita os meus jogos que eu apito os seus, e os dois vão...

Porra! Simples... Qualquer pessoa, raciocinando, vê que não é possível um cara fazer uma coisa dessa. Por que que eu vou sair do Rio de Janeiro e vim para cá fazer tudo isso aí a trabalho?... E uma vez só? Se fosse todas as vezes desde o começo, tudo bem. Mas, não. Foi só essa vez... É complicado pra caramba! Ai, ai... E com o Zé Aparecido. Usaram ele mais uma vez, um negro, porra! Entendeu?!...

Ele falou pra mim com essas palavras:

— Pô, João Paulo! Os caras pediram para eu ir lá operar na Argentina.

Mas, ele nunca disse isso publicamente. Agora, o Daniel sabe porque bandeirou pra ele. É um rolo. Só os caras que estavam juntos no trio é que sabem o que aconteceu. E assim outros casos, viu! Com outros árbitros, também aconteceu isso. Mesmo com caras que conseguiram furar aquele bloqueio dos corruptos que eu te falei. Talvez, até já fossem também lá para trás e, a partir de 88, passaram a seguir esse novo esquema. Certamente, isso aconteceu com esses caras também, né?! Mesmo já no novo esquema e tal. Um deles também saiu da FIFA por causa disso. Ele fazia lá atrás, mas parou. Inclusive, ele me contou uma conversa que teve com um dirigente naquela época:

— Não, não vou fazer mais. A garotada aqui está voando. Pra mim, também acabou porque eu não preciso mais fazer isso. – disse esse árbitro.

— Não vai fazer? Você tem o rabo preso lá atrás. Então, vai ter que fazer aqui agora. – pressionou o dirigente.

— Não, não vou fazer. – bateu o pé.

E não fez!... Caiu fora. Aí, o Godói entrou no lugar dele. Se você for seguir por aí, descobre quem é... Quando eles tiram os árbitros do quadro da FIFA, não explicam nada pra gente. Simplesmente nos tiram. A gente tenta ligar para eles, mas não consegue mais falar. No meu caso, já sabia porque eu não tinha mesmo sustentação política. Um árbitro da FIFA sem esta sustentação não consegue ficar muito tempo. Alguém tem que segurar ele lá. E eu sabia que não tinha isso. Até por isso, falava para algumas pessoas:

— Uma hora ou outra, eu vou sair.

Saí no último ano, ainda bem. Na época, tinha 44 anos e meio. Quer dizer, não fui até o fim. Era para eu ter tido mais um ano pela frente ainda, como todo mundo teve, menos eu. Sabia que ia ser difícil. Se quando entrei já tinha gente preparando outro árbitro para me substituir, calcule com o passar do tempo. O cara ainda era meu companheiro, hein?!... Mas,

ele também queria subir na arbitragem e tal. Só que não conseguiu nada. Talvez, não fosse tão bom... Hoje, ele está por aí, é instrutor da CBF. O Serginho que o levou pra lá. Os dois sempre foram amigos. Ambos eram militares também...

No futebol, existem muitos interesses políticos. Demais! Aliás, sobrepõem ao esporte. O interesse financeiro também é muito grande. E, para isso, eles ainda usam as pessoas que querem usar. Tinha um certo presidente aí que, quando entrou na Federação, não tinha nada, mas saiu milionário. Os caras fazem cada coisa que é incrível. Tudo por interesse pessoal. Inclusive, tem muitos políticos nesse meio. Eles acabam seduzindo os presidentes das federações, que, por sua vez, seduzem os presidentes de clubes. Ou nem seduz, já que a arbitragem é deles. Então, é só indicar o árbitro certo para apitar o jogo que eles querem. Só isso. Aí, o presidente do clube prejudicado fica fodido e tal, mas, depois, o presidente da Federação dá a ele uma vantagem lá na frente... e assim vai.

Até 88, essas coisas existiam muito mais! De 88 pra cá, diminuíram. Só que isso não acaba nunca. Tanto é que teve um outro escândalo agora em 2005, o do Edílson. Aliás, a origem do esquema é daqui. Aquelas pessoas que faziam apostas em site inglês eram de Piracicaba... Até tentaram me envolver nisso aí. Como fui um cara que passei limpo, vieram conversar comigo perguntando se eu poderia falar com o presidente da Comissão de Árbitros da CBF, que na época era o Armando Marques, para facilitar alguns jogos ou indicar árbitros que podiam ajudar nisso. Sabe quanto me ofereceram? 30 mil reais por semana. Falaram assim:

— 30 pau, João Paulo! 30 pau por semana para você fazer isso aí.

— Eu não vou entrar nessa porra porque esse negócio vai estourar logo. Mesmo que não vá estourar, não é da minha índole isso. — respondi.

Agora, uma coisa é certa: o esquema deles era “legal”. O que acabou com ele foi a ganância. Se eles não tivessem sido gananciosos, estavam até hoje. Porque o esquema deles era o seguinte: pegavam jogos no começo do Campeonato Brasileiro; viam quais os juízes escalados para algumas partidas sem tanta importância, como o Edílson, o Danelon ou outro; arranjavam os resultados com os árbitros; e os jogos entravam no site de apostas. Só que eles apostavam apenas no time que iria ganhar, é claro.

Durante a partida, o juiz escalado fazia alguma coisa para favorecer o resultado: dava um pênalti, expulsava dois ou três jogadores do time que deveria perder e tal... Se a partida

era no sábado, a imprensa falava das coisas erradas na segunda e na terça-feira. Depois, morria a discussão porque o jogo não tinha tanta importância assim. Exatamente por isso o árbitro não era penalizado. Você entendeu? Então, o esquema deles era bom!

Só que aí vem a ganância. Por quê? Quando o Edílson o Danelon eram escalados, a aposta era muito grande. Tinham uns outros árbitros que também estavam no esquema, mas que não foram pegos. Com esses, a aposta não era tão grande como quando eram os dois apitando. Por conta dessa diferença no valor das apostas, a polícia começou a descobrir:

— Espera aí! Por que estão carregando só em cima desses dois?

O esquema acabou demorando a vir à tona porque o site era inglês. E o esquema já vinha há dois anos, viu! A coisa era antiga. Por isso, talvez, que eles vieram me procurar, para expandi-lo mais. Tinha que ter mais gente envolvida. E, como eu conhecia bastante gente, poderia ajudar:

— Ô, João Paulo, liga pra tal árbitro, liga pros caras, liga pro... – falaram pra mim.

— Eu não vou ligar pra ninguém. Não vou entrar nessa coisa aí, não. Porra, passei limpo até agora. Por que é que eu vou entrar em um negócio desse agora? – respondi.

Então, os caras vieram me procurar para fazer esse tipo de coisa. E me ofereceram 30 mil por semana... Até agora, não deu porra nenhuma também pra ninguém, viu! Depois, virei testemunha de acusação e falei tudo isso que aconteceu comigo. Na época, inclusive, muitos falaram para eu não abrir a boca porque poderia virar para o meu lado. Como certa parte acabou virando mesmo:

— Ô, João Paulo, você envolvido no esquema?

— Porra! Você não leu no jornal a matéria? Você não viu que eu estou denunciando o esquema? Você não VIU? – retruquei irritado.

— É, mas o seu nome tá lá junto com o deles.

Quer dizer, de denunciante eu passei a envolvido... Eles não entendem que existe uma pessoa honesta nesse país. É incrível! Ainda mais por ser um negro, né?! Mesmo eu falando como funcionava o esquema, a coisa quase virou contra mim. Só que o promotor falou pra mim:

— Não, João Paulo, você é minha testemunha de acusação.

— Ah, não quero me expor. Me tira desse negócio!

Mas, o Reinaldo, que é gente fina pra caramba, me colocou. Acabou não dando em nada. Nesses dias, eles me chamaram lá no fórum.

— E daí, João Paulo? Qual que é o RG dos caras? Qual que é o...

PÔ! Eles têm tudo e querem que eu fale?

— Ah, não sei!... Falo o que já falei: o esquema funcionava desse jeito, os caras vieram me procurar e eu não quis aceitar. Se vocês puxarem o telefone aí, vão ouvir a conversa.

O processo ainda está rolando. Não sei até onde vai isso aí...

*

Bom, vamos mudar um pouco de assunto. Deixa eu te falar sobre a minha infância. Eu nasci em 16 de julho de 1952 na cidade de São Paulo. O meu pai é que é daqui. Ele se casou com a minha mãe aqui em Piracicaba e, após o casamento, se mudaram para São Paulo. Ele era fundidor e foi trabalhar na Nitro Química, que é do Antônio Ermírio de Moraes. Aliás, como ele tinha uma habilidade muito grande na fundição, ganhava bem e pôde me dar uma infância muito boa. Pra você ter uma ideia, o meu pai até estava pensando em comprar um carro, aquele Volks alemão ainda.

Nesse tempo, ele estava iniciando o SENAI e era um cara autodidata mesmo, lia bastante e tal. Como sabia muito de fundição, os garotos brancos vinham aprender com ele para serem instrutores do SENAI. Ele também queria ser, mas era negro... Ficou desgostoso demais com isso, acabou saindo de São Paulo e voltando pra cá. Eu tinha 6 anos quando isso aconteceu.

Aqui em Piracicaba, o racismo era muito grande naquela época. Existiam duas grandes empresas: a Dedini – que hoje é a Belgo – e a Mause, que não aceitavam negros. Então, não tinha onde ele trabalhar aqui na cidade, mesmo tendo uma habilidade muito boa. Foi obrigado a trabalhar em fundições pequenas e passou a não ganhar o suficiente.

A minha família era de Monte Alegre, um vilarejo pertinho daqui. A minha avó era cozinheira do Morganti e o meu avô trabalhava lá também. Eles compraram um terreno aqui na cidade, e a gente construiu uma casa no fundo do quintal e passamos a morar com eles. A

minha infância foi boa até os meus 6 anos. Daí pra frente, a coisa ficou complicada porque o meu pai não arrumava emprego. Era tudo subemprego e ele não conseguiu mais se aprumar...

Aí, voltou a trabalhar em São Paulo, mas não queria na Nitro Química porque achou que foi discriminado. Ele nunca me disse essas coisas, mas eu sentia e via o que acontecia. Tempos depois, em umas conversas com ele, consegui confirmar isso a partir do que ele me contou. Voltamos para São Paulo, mas o meu pai logo morreu. Era novo, tinha 52 anos e eu, 14 só... Eu fiz o SENAI e já comecei a trabalhar em uma officininha aqui, outra ali. A minha mãe era empregada doméstica: passava roupa, limpava casa e aquelas coisas todas... A gente foi se virando nessa época.

No SENAI, era assim que funcionava: os alunos ficavam seis meses estudando na escola e seis meses trabalhando na empresa. De todos, eu era o único negro da turma. Todos faziam isso, menos eu... porque era negro. Lembro, como se fosse hoje, o que disse o professor Edson no começo do primeiro semestre do ano seguinte, quando a gente voltou para o SENAI:

— Ô, pessoal, todo mundo trabalhou?

Todo mundo levantou a mão. No segundo semestre que tinha passado, os alunos conseguiram trabalhar na Mause, na Dedini e em outras empresas pequenas. Inclusive, esse professor de desenho era dono de uma metalúrgica. Nisso, eu e o Miguel – que se chamava Miguel Antônio Euler – falamos que não trabalhamos.

— Você, Miguel, por que não? – perguntou o professor Edson.

— Ah! Porque não quis, professor. Não quero trabalhar ainda, não. – respondeu ele.

— E você, João Paulo? – virando-se pra mim.

— Porque eu não consegui.

— Então, você precisa tomar um banho de leite de camelo para ficar branco.

Lembro como se fosse hoje dessas palavras que ele falou pra mim... Na hora, eu dei risada como todo mundo. Não consegui pegar o que tinha acontecido... Então, eu passei os três anos de SENAI assim: estudava seis meses e ficava em casa no segundo semestre. É claro que pegava uns servicinhos pra fazer. Até porque, nós éramos em cinco e eu tinha que ajudar a família. Só consegui arrumar um emprego quando me formei, com 17 para 18 anos. Era uma empresa de uns italianos. O chefe de lá era um carrasco do caralho, mas era mais comigo. Também, era o único negro que trabalhava na empresa! Mesmo porque, fui um dos poucos

negros naquela época que conseguiu fazer SENAI. Fiquei quatro anos nesse emprego. Enquanto isso, a minha mãe aguentou firme.

Bom, o Adilson Maluf se elegeu como prefeito da cidade e trouxe a Caterpillar pra cá. Quando a Caterpillar veio, vieram várias outras empresas junto. Aí, como eu era torneiro mecânico, ficou fácil de arrumar emprego nessa época. Saía daqui, entrava ali. Saía dali, entrava lá. Quer dizer, desde que comecei a trabalhar com carteira assinada, nunca fiquei UM dia desempregado até hoje. É claro que não fiquei rodando muito, não. Trabalhei em poucas empresas.

Depois disso, em 75, eu entrei aqui no COTIP para fazer o técnico. Foi uma dureza. Foi porque tinha que trabalhar durante o dia e estudar à noite. Só que sempre pediam para eu fazer hora extra. E tinha que fazer, né?! No ano seguinte, sobrou uma vaga aqui de ajudante, e eu consegui entrar. Desde então, não saí mais daqui. Em 80, comecei a apitar e, de 82 a 84, fiz Educação Física... A partir do momento que comecei a trabalhar com carteira assinada e passei a ganhar mais, deu pra tocar a vida de uma maneira melhor e fui em frente. Vamos vivendo, como todo mundo...

Fui casado, é lógico. Tenho dois filhos, um casal. A minha filha mora em São Paulo, trabalha no Itaú. Foi um barato! Ela começou a estudar, fez cursinho e tal... Eu não tenho porra nenhuma, não tenho nada na vida! Mas, sempre ganhei um salário razoável. Quando apitava, ganhava melhor ainda. Pude, então, pagar um colégio pra ela o todo tempo. Quer dizer, só em um período pequeno ela estudou em um colégio público, mas era um dos melhores colégios daqui de Piracicaba. Ela falava pra mim que queria ser médica. Dei a maior força para ela conseguir o que queria. Incentivei bastante! Fez cinco anos de vestibular e, mesmo assim, não conseguiu passar. Aí, como a minha sogra e a minha cunhada foram morar nos Estados Unidos, ela foi pra lá e ficou por um ano. Voltou e fez mais outro ano de cursinho. Não conseguiu de novo. Até que um dia, ela virou pra mim e falou:

— Porra, pai, eu não quero fazer Medicina. Só estou fazendo porque você que quer!

— Eu não acredito nisso, filha! Eu não acredito nisso... Mas, você que falava que queria ser MÉDICA! Não fui só eu. – respondi indignado.

— É. Só que, depois, você começou a falar, falar, falar e eu estava indo, mas...

Há há há... há há há... Só rindo mesmo. Vê que coisa, meu? Inclusive, ela me disse que teve um ano que fez inscrição para Enfermagem na Universidade de São Carlos e passou. Só

que não falou nada pra mim porque achou que eu quisesse que ela fizesse Medicina. Disse pra ela:

— Mas que coisa! Aiii... Aiii! Não acredito nisso, filha.

Até parece que eu sou um pai duro. Nada disso... Bom, falei pra ela fazer o que ela quisesse, é claro. Vi que estavam montando a Faculdade Zumbi dos Palmares, que era voltada para que negros estudassem lá. Disse assim:

— Filha, entra aqui porque a primeira turma vai se dar bem.

Como começou a se falar na reparação e era a primeira universidade do Brasil de negros para negros, a primeira turma ia se dar bem. Ela entrou e se formou há dois anos. Hoje, trabalha na administração do banco Itaú. Então, ela pegou o bonde e trabalha no Itaú exatamente porque a escola fez um convênio com o banco para que contratassem estagiários. Eram vinte vagas, uma na política de cotas. Quer dizer, não ia ter jeito de não chamar um negro, né?! Quando soube disso, falei:

— Filha, você tem que ser a primeira da classe! A primeira vai ter um emprego bom.

Até porque, não era só o Itaú. Existiam outras empresas grandes, como a IBM, que tinham convênio. Quem estuda só tinha que pagar um salário mínimo por mês. Enfim, foi morar em São Paulo, foi uma das melhores alunas e conseguiu esse emprego no banco. Está lá até hoje. Ótimo!... Já o meu garoto, está enrolado até agora. Está difícil...

Depois, eu acabei separando da minha esposa e, hoje, namoro uma moça branca. Ei, rapaz, é complicadíssimo! A família não quer... Não aceita porque eu sou negro. Por isso que falo pra você: ainda existe até agora, é ferrado e é forte... O pai dela não aceita:

— Ah, não. Ele é negro!

Até hoje, a coisa está enrolada... No começo, ela tentou esconder de mim. Tanto é que falava pra ela:

— Escuta: eu não quero que você esconda nada. Quero que você fale tudo comigo. Senão, a gente não vai continuar. Se você for à casa do seu pai ou a algum lugar onde você acha que ele vai estar, ou mesmo amigos dele que possam não gostar da minha presença, tudo bem. Me avise que eu não vou junto com você. Vamos ver até quando vou suportar isso. Vamos ver... Por enquanto, dá pra aguentar e a gente vai indo.

Então, eu quero que as coisas sejam assim: transparentes. Ela foi casada com um japonês e teve dois filhos. Eles são superlegais, gente fina pra caramba! Inclusive, no dia que

ela foi conversar com o pai dela, os caras foram juntos. O pai dela, quando começou a falar, achou que os netos iam apoiá-lo. Só que eles foram contra o avô, e ele ficou fodido! É até engraçado... Então, eles me apoiam, gostam de mim. A gente conversa sempre numa boa! Eles me apresentam para os amigos:

— Ô, esse aqui é o João Paulo e tal...

Isso é muito legal... Veja bem: quando ela começou a namorar o japonês, existia resistência da família dos japoneses. Eles são muito racistas, você sabe disso. Então, os japoneses fizeram várias reuniões para aceitá-la na família. Até que um dia, o marido dela, que já morreu, falou:

— Ou vocês a aceitam, ou eu saio da família e fico com ela.

Aí, a família acabou aceitando ela. Mas, ela mesma fala:

— Acabou aceitando, mas assim... sabe?! Meio de longe. O meu pai viveu tudo isso e agora... Eu não entendo!

Só que eu entendo. É assim mesmo que funciona... Quando ela fala isso pra ele, ele responde:

— Ah, mas quando você se casou com o japonês já foi difícil.

— Mas, aí o racismo foi ao contrário, né pai?! Eram eles que não me aceitavam. – diz ela indignada.

— Não, porque isso aí já é tradição na minha família. Como o meu pai morreu e a família da minha mãe não o aceitou, eu também vou morrer e não vou ACEITAR! – fala ele bravo.

Isso porque o avô dela era descendente de árabe e a avó, de italiano. Por isso, diz que nunca vai aceitar também... Então, a minha vida é assim... Gosto de viver, mesmo desse jeito. Vou convivendo com tudo, sabe?! Sempre com jogo de cintura e passando por cima das coisas, porque não tem outro jeito. A gente tem que passar por cima, senão não consegue viver. Não adianta querer lutar, remar contra.

Depois que eu parei de apitar em 97, fui tentar ser político. Na primeira vez, fui candidato a vereador aqui só para ajudar o partido PT. Na eleição de 2000, o cara que era candidato a prefeito tinha me convidado para ajudá-lo a dirigir a cidade. Topei, só que nem filiado ao partido era. Entrei, então, no partido, fui candidato a vereador e tive mais ou menos mil votos. Não consegui entrar como vereador, mas fui secretário de esportes.

No entanto, só fui nomeado para o cargo em 29 de dezembro. A eleição, como você sabe, foi em outubro. Isso pra você ver a luta que foi para o prefeito manter a palavra dele comigo. Os outros secretários já estavam todos escolhidos. Um outro político, que era do partido adversário, já estava falando na imprensa que ele seria o secretário de esportes. Já estavam divulgando, mas havia um impasse. Um negro? Secretário? De Piracicaba? Mesmo assim, o prefeito manteve a palavra, e eu tomei posse no dia 1º de janeiro. Durante quatro anos, me afastei da escola e fui secretário de esportes aqui da cidade.

Foi legal! Gostei bastante. Fiz muitos trabalhos sociais... Mesmo porque, essa linha social, que o PT segue, é a que eu gosto. Até então, tinha uma tradição de só formar equipes de competição. Ahhh, acabei com tudo isso! Falei:

— Não, nós vamos trabalhar na base, com a garotada na periferia...

Então, fiz um trabalho bastante legal nesse sentido. Gostei e todo mundo gostou. Foi joia esse tempo que fiquei secretário de esportes aqui em Piracicaba... Os caras vinham me pedir várias coisas. Falava sempre que não fazia. Nisso, o prefeito vinha e me chamava para ver o que estava acontecendo. Eu dizia:

— Está acontecendo que o cara vem me pedir coisa que eu não posso fazer, porra!

— Ah, então tá. Deixa que eu converso com ele. – respondia ele.

— Então, conversa com o cara lá porque eu não vou fazer!

Pô, é incrível! Demais... Ser político é com-pli-ca-dís-si-mo! Ser secretário também, mas não muito, dependendo do prefeito. Senão, o prefeito o tira e põe outro no lugar. No meu caso, ele foi firme e me manteve, mesmo eu recusando as falcatruas que os caras queriam fazer nas contas da secretaria. Pode esquecer que isso ele não vai fazer para outro de jeito nenhum! Falou assim:

— Se eu for pedir algo pra você, você vai ter que me entregar. Se não me entregar, eu não vou fazer.

Ôôô, rapaz, aqui foi duro... E essa coisa de ser o único secretário negro pegava um pouco. Todo mundo vinha pedir coisa pra mim e, quando eu dizia “não”, eles iam falar com o prefeito:

— PORRA! O João Paulo não quer fazer...

Entendeu? Toda hora querendo me derrubar. Nossa, era incrível!... Eu não fazia ou porque não era legal ou porque não tinha condições de fazer. Aí, o prefeito entendia a

situação, mas a pressão era sempre grande demais. Iii, rapaz, e os meus amigos secretários também eram complicadíssimos demais, por quê? Porque muita coisa a Secretaria de Esportes não tem. Ela não tem verba para construir nada. Quem constrói é a Secretaria de Obras, e o secretário não fazia. Não fazia... E o cara falava que era meu amigo. Era dose pra caralho! No começo, eu assumia a carga porque não sabia. Na hora que peguei a manha de tudo, já era. Aí, eu mostrava a verba da minha secretaria e mandava os caras no lugar certo:

— Vai lá na Secretaria de Obras. Fala que eu te mandei lá e que o dinheiro pra fazer a obra está com ele, não comigo. Aqui, a minha ação é fazer atividades. Agora, obras, quadras, campos... essas coisas não são comigo. Não tenho verba pra fazer isso.

Então, não era fácil, não... Só que não consegui me eleger depois disso. Tentei três vezes ser candidato a vereador. A primeira não valeu, mas, nas duas últimas, tentei para entrar. Fiz mil e duzentos votos dessa última vez. Pior é que o PT conseguiu eleger três vereadores com mil e quinhentos. Faltou pouco. Não consegui. Não consegui porque faltou dinheiro. Eleição é dinheiro. Não adianta! É claro, existe a parte de o candidato ser conhecido. Isso ajuda, mas, se a pessoa não tiver dinheiro na hora para injetar e colocar caras que trabalhem e peçam votos pra ela, não consegue... É muito dinheiro que a gente tem que pôr. E depois não tem de volta o dinheiro que se gasta. Quer dizer, não sei o que esses políticos fazem. Eu gostaria de entender porque é necessário muito dinheiro. Muito! Se a gente pede para um empresário, fica preso com ele. Aí, na hora que entrar coisa dele lá, vai ter que aprovar. É assim que funciona a política.

Nas campanhas, sempre gastei dinheiro meu. O máximo que reservei foi 10 mil reais. Xiii, mas os caras que entram gastam 70, 80, 100 mil reais... 100 mil! “Só” isso! Como posso gastar uma quantia dessas? Não tem condição, porra. Não dá!... A não ser que o político se venda, como muitos vereadores que conheço... Aí, são outros quinhentos. Tem um amigo nosso aqui, o João, que é um desses que entraram pobre na política e hoje estão ricos. Porque sempre foi negociando essas coisas. Então, é diferente. Esse não é o meu perfil.

Hoje em dia, isso não tem valor, viu! É que é da gente. Como está dentro de mim, é uma coisa que dificilmente vou mudar. É simplesmente isso... Na verdade, são esses caras que têm valor, né?! Tanto é que essa pessoa que citei está lá. Faz vinte anos que ele é vereador! É um cara superconhecido, todo mundo o valoriza, mas é um ladrão. E daí? Tem muito mais valor que nós! Que somos pessoas honestas. Então, essa nossa sociedade é complicada nesse

sentido. Dá muito valor ao dinheiro hoje em dia. O dinheiro é que fala mais alto... Não tem mérito nenhum a gente querer fazer as coisas direito. Melhor uma pessoa fazer as coisas erradas que terá mais valor, será mais reconhecida.

Na arbitragem, a mesma coisa! É engraçado. Se no nosso jogo tem muitos lances polêmicos, a gente fica famoso. Um amigo nosso, o Modesto Salviatto Filho, que se aposentou na polícia militar, foi árbitro de futebol, mas não conseguiu muita coisa na arbitragem também. Ele falava o seguinte:

— Eu quero estar nesse Pisando na Bola toda semana. Porque aí eu fico famoso, porra! – e dava risada... Apareci uma vez ou duas só.

Ele queria estar toda semana nesse programa de televisão que passava naquela época. Era ruim de apito, mas tinha uma força política grande na Federação. Por isso que sempre estava apitando jogos. Queria ficar lembrado pelos lances polêmicos...

Tem um lance que aconteceu comigo que, na época, não gostei, mas, hoje, eu adoro que tenha acontecido. Foi um jogo entre Palmeiras e São Paulo na Copa Libertadores da América. O Euler, jogador do São Paulo, rápido pra burro, deu um deu um drible no César Sampaio dentro da área do Palmeiras, e o César Sampaio o segurou pela camisa. O problema é que eu estava nas costas do César Sampaio, que encobriu o Euler, e eu não vi o puxão. O Godói, que era o meu bandeira, estava lá do outro lado e disse que também não viu. Só que a câmera da Globo estava de frente para o lance, no ângulo oposto ao meu. Há há há... O mundo inteiro viu, menos eu.

Depois que parei de apitar, eu estava andando na rua aqui em Piracicaba – hoje, é raro, mas ainda acontece isso comigo – e um homem falou assim para o filho dele:

— Filho, você conhece esse moço aí?

— Ah, pai, não. – respondeu o garoto, que era pequeno.

— É árbitro de futebol. Ele ROUBOU o São Paulo! – lembrou indignado.

Engraçado... Eles falam até hoje isso aí. Eu não ligo, não. Até gosto. Tanto é que falei pra ele:

— É verdade mesmo. Só que eu não roubei, viu, o São Paulo. Até porque, ninguém rouba o São Paulo! Como que algum árbitro vai roubar o São Paulo? Não dá, não tem como tirá-lo de lá. Acontece que eu errei um lance lá. Foi isso que aconteceu. – esclareci.

Mas, eu sou lembrado por isso. Você vê como são as coisas? TUDO que fiz certo não tem valor, só tem valor esse lance. Tive, sei lá, uns 96% de acerto, mas sou lembrado pela pouca porcentagem de erro, por um lance negativo como esse. É complicado isso...

*

Comecei na arbitragem por acaso. Eu já trabalhava aqui na escola, mas achava que precisava ganhar um dinheirinho a mais, já que estava prestes a me casar e a minha mulher estava pressionando. Precisava arranjar uma maneira de conseguir um dinheiro extra para poder comprar uma casa pra gente. Antes disso, eu fui jogador de futebol na várzea aqui em Piracicaba. Era volante, depois passei a ser quarto zagueiro. Todo mundo falava:

— Pô! Mesmo com esse seu tamanho, você joga macio e tal.

Eu não tapava o pé em ninguém. Tinha dó, porque com esse corpo, poderia machucar alguém... Até teve uma época que tinha um cara que queria me levar para treinar em uns times profissionais. Não fui porque estava trabalhando, não tinha jeito. Naquele tempo, jogador de futebol não ganhava muita coisa e não dava para parar de trabalhar e arriscar. Então, não fui e acabei ficando na várzea mesmo.

Teve uma outra vez que o nosso time se classificou para o Desafio ao Galo. Assim que conseguiu a classificação, o dono do time contratou três ou quatro caras para ir jogar lá. Aí, eu achei injusto:

— Ah, se eles não vão, eu também não vou.

E não fui! Pô, os negos lutaram junto com a gente. Na hora que chegou, ele tira os caras e põe outros? Tive sempre esse senso de justiça. Sofri muito, mas não gosto que façam com os outros. Essa teria sido uma boa chance, porém acabei não indo no dia do jogo.

De vez em quando, até apitava o jogo do secundão. O primeiro quadro era o dos bão e o segundo, o dos cascudão. Nisso, tinha um rapaz que trabalhava comigo aqui na escola, o Mauro Roque Choba, que falou assim pra mim:

— Ô, João Paulo, começa a apitar jogo então.

— Caramba! Eu acho que vou fazer isso aí mesmo pra ganhar um dinheirinho e ajudar nas despesas do casamento.

Entrei na arbitragem assim. Comecei a apitar sem pretensão nenhuma, sem fazer curso, sem nada, só para aumentar a minha renda mesmo... O primeiro campeonato que apitei foi a Copa Continental aqui em Piracicaba no ano de 78. O campeão dessa copa ia para o Desafio ao Galo lá em São Paulo. Daqui da cidade, tinham alguns árbitros que, apesar de serem muito ladrões, eram famosos pra caramba: o Dado, o Medeiros, o Mandoni e tal... O que aconteceu? No primeiro ano meu, fui o melhor árbitro da Copa. Inclusive, ganhei um prêmio da Caderneta Continental! “Bom, então espera aí.” – pensei – “Deixa eu ver se faço alguma coisa para me aprimorar.”. E peguei uns outros livros sobre arbitragem e comecei a ler. Em 79, continuei a apitar e já cometi uns erros clamorosos de interpretação porque não conhecia a regra direito. Porque estudar só não vale, não consegue. Achei melhor, então, fazer o curso da Federação em 80. Até porque, apitando profissionalmente, ganharia mais ainda.

O meu maior incentivo, na verdade, foi que em 81, quando o Grêmio foi campeão brasileiro. No dia da final, eu fui bandeirar o jogo preliminar entre os aspirantes lá no Morumbi. Foi a primeira vez que entrei no estádio. Nossa, estava lotado! Depois do meu jogo, assisti a final e fiquei encantado com o clima de decisão. Tanto que falei:

— Porra, é isso que eu quero!

Daí, eu comecei a mandar pau, mas só como bandeirinha... A coisa mais desestimulante que teve comigo também foi por racismo. Tinha um cara que queria acabar comigo, um tal de Dirceu Fernandes, um ladrão sem vergonha que era diretor de árbitro na época. Era ele que vendia os árbitros e pegava o dinheiro das equipes. Uma parte ficava para ele, outra para os juízes que roubavam as equipes. De 81, eu estou pulando para 87. Nesse tempo, como já te falei, comecei a bandeirar jogos da primeira divisão e a apitar *juniors* de segunda e de terceira.

Muitas vezes, nem era escalado como árbitro para essas partidas, mas, sim, como bandeira um ou bandeira vermelha. Porque acontecia muito do juiz não ir apitar, aí o bandeira um virava o árbitro, o bandeira dois ou bandeira amarela virava o um, e uma pessoa da associação de árbitros da cidade virava o bandeira dois. Era assim que funcionava. Apitei muitos jogos dessa maneira. E o que é que eu fazia? Virava para esse bandeira inexperiente e dizia:

— Você fica parado na linha lateral. Na hora que a bola sair do campo, você levanta a bandeira. O resto, deixa comigo.

E apitava o jogo sozinho praticamente, sobretudo se esse bandeira cometia algum erro. Então, o tal do Dirceu Fernandes deve ter pensado: “Pô, com esse cara não tem jeito.”. Por conta disso, em 87, ele me fez sair daqui de Piracicaba e ir a São João da Boa Vista para ser bandeira amarela de um *junior* de ter-cei-ra di-vi-são. Ele queria acabar comigo! Na hora que eu cheguei lá, o árbitro escalado estava começando e não sabia o que fazer:

— Mas, João Paulo, você está apitando terceira divisão já. Puta vida!

— Ah, bicho, mas estou aqui e vou trabalhar direitinho. Pode ficar tranquilo comigo. Não vai ter problema nenhum.

Aí, chegou o Brahma lá, o Sidney Vieira, que era o árbitro número um. Disse indignado:

— PORRA, João Paulo, o que você está fazendo aqui caramba?

— O que estou fazendo aqui? Sou bandeira dois, pô, você não está vendo?

Ninguém acreditava no que o cara fez comigo. Mas, fui lá e bandeirei certinho... No fim, o Brahma falou pra mim:

— Esse cara não tem jeito mesmo! Vamos deixar ele de lado.

Então, aconteceram essas coisas comigo. Depois daquele jogo do Morumbi, pensei: “Agora, eu vou chegar na CBF. Quero apitar jogo do Campeonato Brasileiro.”. FIFA, não pensava. Mesmo assim, você vê que demorei pra burro até chegar. Demorei bastante por causa dessas coisas: segura aqui, segura ali, segura lá. Via todo mundo indo pra frente e eu ficando pra trás. Só que os caras iam para frente, mas não iam muito, né?! E eu fui devagarzinho. Talvez, tenha até sido bom porque pude chegar sólido lá na frente. Todos os caras que formaram comigo – Marcos Spironelli, o próprio Daniel Fernandes, o Edmauro... – já estavam apitando segunda divisão e bandeirando primeira em 82. Enquanto isso, eu lá bandeirando terceira, terceira, terceira... Só via os caras no jornal toda hora e eu lá atrás. Falava pra mim mesmo:

— Calma, uma hora eu chego. Vai demorar, mas vou chegar!

E cheguei na frente deles. De 88 para frente, passei na frente de todo mundo! É até engraçado...

A minha mulher não me apoiava muito, não. Sabe? Aliás, esse é um dos motivos da nossa separação porque eu ficava muito fora, e ela me cobrava muito. De final de semana, ela não podia contar comigo. Eu entendo até o lado dela. Mas, saí muitas vezes de casa bastante

contrariado. Você sabe que o árbitro tem que estar psicologicamente muito bem preparado, senão vai afetar. E eu sei que muitos erros que tive foram por causa disso: sair de casa brigado. Isso é uma bosta... Ela sempre gostou muito de festas e não admitia ir sozinha. Falava pra ela ir, e ela ia inclusive.

Com o tempo, a nossa relação foi se desgastando. Nós nos separamos em 95. Eu estava vindo de um jogo no exterior. Tinha ido na segunda-feira e voltei no sábado. Só que os caras já tinham me escalado em uma partida no domingo. Então, cheguei em casa, troquei de roupa e saí para ir apitar o jogo. Quando voltei do jogo no domingo, a minha mala estava pronta na área... Tive que ir embora, não teve jeito, me pôs pra rua... Pensei: “Se em quinze dias ela não mudar de ideia, eu não volto mais.”. Em quinze dias, ela não mudou, e não voltei mais. Depois, se arrependeu. Mas, aí, eu é que não queria mais. Falei:

— Agora, já era.

Então, estou separado desde 95. Namorando aqui, namorando ali, namorando lá e vou em frente. Está bom assim, viu! Ah, moro sozinho, de boa. Os meus filhos moraram comigo bastante tempo. Foi joia! Não tive problema com eles... Agora, estou com essa moça que te falei. Já tinha namorado outras brancas, é claro, mas não tinha acontecido esse rolo. Ou, pelo menos, as coisas não eram tão claras assim como é hoje. Enquanto estiver virando mais ou menos, está bom. A hora que eu cansar, paro.

*

Na hora do jogo, dentro do campo, existe muito insulto dos jogadores para os árbitros. Porque vários jogadores famosos abusam muito da fama que eles têm. Se o árbitro é bastante conhecido, não tanto. Mas, se o árbitro não é conhecido, eles aproveitam do cara. Logo nos primeiros minutos de jogo, eles nos testam. Isso é normal. Se eles sentirem firmeza na gente, param de nos testar. Mas, se eles sentirem uma fraqueza, tomam conta do jogo e o juiz perde o comando. Aí, durante o jogo, passam a nos xingar porque sabem que, mesmo xingando, não serão expulsos. Esse árbitro não vai expulsar porque não tem como explicar lá fora depois do jogo.

Comigo, aconteceu algumas vezes de algum jogador me xingar muito na frente dos outros. Tive que expulsá-lo, senão perderia a moral. Saindo do campo, ele falou que não fez nada, e a imprensa apoiou:

— Pô, mas não vi o cara fazer nada mesmo.

Nisso, é a gente que leva pau. Aí, o dirigente do clube vai na Federação para nos criticar. O dirigente da Federação ou chama a gente para conversar ou nos afasta uma semana ou duas por causa disso. É uma pressão enorme! Por isso que os jogadores xingam muito os árbitros durante os jogos. Dirigentes e treinadores, então, abusam disso.

Eu lembro que tinha um problema com o Telê Santana, principalmente depois desse jogo que aconteceu. Ali no campo, ele xingava os jogadores, seus e dos adversários. Ele humilhava mesmo! Só que a imprensa não fala nada disso. É isso que eu fico louco com os jornalistas! Com os árbitros, então, nem se fala. Nos ofendia demais... O Zinho também. Era um cara que xingava a gente de “filho da puta” a todo momento. Como que a gente podia expulsá-lo? Ele “não” tinha feito nada pra gente. E o César Sampaio? É o mais filho da puta jogador que eu encontrei na vida! Isso porque era atleta de Cristo, hein?! Reclamava de TUDO, rapaz, dentro do campo. Antes de começar o jogo, já vinha falar com a gente:

— Ô, professor, vai com Deus.

— Vai com Deus e de boca fechada senão você vai se foder hoje! – já respondia firme.

— Ah, mas nem começou o jogo!

— É por isso mesmo! CALADO! Não enche o SACO! – retrucava.

Falava assim depois que fiquei conhecido porque antes eu não podia fazer isso. Falando dessa maneira, dava um freinho em jogadores como o César Sampaio. Mesmo assim, eles enchiam o saco, mas não tanto. Essa relação dentro do campo é muito conturbada. Por isso que alguns árbitros xingam os jogadores pra caralho. É difícil... Um amigo meu dizia o seguinte:

— Sabe por que é difícil? Porque um torcedor nos vê da seguinte forma: a gente é um cara que está com uma camisa diferente dos demais, não pertence a nenhuma torcida e ainda é protegido pela polícia. Você quer o quê?

Há há há... Tudo que o torcedor não gosta! Você entendeu? Esse relacionamento com jogador, treinador, dirigente é difícil. Sofremos muita pressão, desde a hora em que chegamos

no estádio até no vestiário. Alguém chuta a porta do nosso vestiário. A gente abre e se depara com um dirigente:

— Eu ouvi o barulho aqui. O que aconteceu? – pergunto.

— Não, fica tranquilo. Aqui, não acontece nada. Os policiais já estão afastando os caras que fizeram isso...

Só que foi o próprio dirigente que chutou. No começo, eu caía nessa. Depois, peguei as manhas e sabia que eram eles mesmos. Inclusive, xingamentos também. Com exceção dos presidentes de grandes clubes, que pouco vão aos vestiários e que quando vão costumam ser cordiais em geral, os dirigentes e diretores de clubes vão lá para nos intimidar. Quando o time deles precisa ganhar o jogo, vão e intimidam mesmo.

Uma vez, em Santos, eu sofri uma pressão muito grande em um jogo entre Santos e Novorizontino. Nas cinco rodadas anteriores, o time de Novo Horizonte não tinha ganho de ninguém. Só que, na sexta rodada, os dois times estavam se enfrentando lá na Vila Belmiro e estava 2 a 1 para o Novorizontino... Aí, o Marcelo Teixeira, que já era presidente naquela época, pediu que a torcida santista invadisse o campo para melar o jogo. Essa era a intenção dele. Porque, neste caso, iria para o tribunal e tal, demorando até sair uma decisão. Enquanto isso, o Santos, que estava bem no campeonato, jogaria com o São Paulo na última rodada e, ganhando, se classificaria para as quartas de final.

O Marcelo Teixeira levou a torcida para o vestiário do Santos e, pelo vestiário, eles tentaram invadir o campo. Só que a Rota, a polícia, é barra pesada lá em Santos. E tinha um sargento da Rota na porta do vestiário que sai para o campo. Esse policial impediu por um tempo que a torcida invadisse. Depois, os caras agrediram esse sargento e conseguiram entrar. Com isso, a polícia ficou fodida e desceu o cacete nos torcedores após a confusão. Inclusive, teve torcedor que veio para me agredir. Eu me defendi da maneira que pude. Enfim, eles invadiram e melaram o jogo. Mas, já tinha se passado quatro quintos do jogo. Quer dizer, não dava mais para anular a partida e o Santos se fodeu. Depois, no jogo contra o São Paulo, tomou o maior chocolate, 5 a 0...

Isso é pra você ver que existe essa pressão dos dirigentes de clube, essa coisa deles quererem ganhar no grito, esse amadorismo, eu diria. E não mudou muito de lá pra cá porque, eu fui presidente do XV de Piracicaba. Na época que era secretário de esportes, o XV estava em uma fase muito ruim, e acabou sobrando a presidência do clube pra mim. Fui presidente

do XV por quase um ano e meio. Vi que não mudou nada! A gente saía daqui para jogar em outros lugares e continua igual. Principalmente com relação aos dirigentes do interior, porque eles têm aquela paixão pelo time, invadem, ameaçam... É demais, é terrível! Se a gente for comparar com hoje, o árbitro de agora tem uma condição para arbitrar muito mais segura, mas, ainda assim, é arriscado, complicado. Sem falar nessa impunidade que há, né?! Não tem punição nenhuma. Quando há, é muito pequena. Essas são algumas das dificuldades que nós, árbitros, passamos.

A questão do profissionalismo é outra delas. Outro dia, até escrevi um artigo sobre isso na imprensa aqui da cidade. Eu acho que a profissão ficaria muito facilitada se houvesse reuniões periódicas entre os árbitros. O dirigente da arbitragem precisa ser um cara firme e sem vaidades, no sentido de querer aparecer mais que os árbitros. Ele tem que conseguir colocar na cabeça dos árbitros que eles só têm a ganhar se trocarem experiência uns com os outros, não fomentando o individualismo como a melhor coisa do mundo.

Até porque, a maioria dos árbitros de futebol fica muito prepotente e abusa da autoridade que tem. Só porque um árbitro assume um cargo, acha que é o rei da carne seca e quer aparecer mais do que realmente é. As coisas não são assim. Se eles hoje trocassem mais experiências entre si, assistissem mais os vídeos, discutissem os lances e conversassem mais sobre o que acontece dentro de um campo de futebol, eu acho que o nível da arbitragem brasileira melhoraria 1000%. Para isso, seria importantíssima a profissionalização dos árbitros.

Não para todos, viu. Porque acho que isso é impossível. Mas, para os árbitros do Campeonato Brasileiro, por exemplo, acho que daria para a CBF profissionalizar. As federações poderiam indicar realmente os melhores árbitros. Se bem que isso seria muito difícil porque sempre houve e sempre haverá influência política. Não tem jeito e nem remédio para isso. Por isso que nem sempre vão os melhores... Bom, mas, se os árbitros da CBF fossem profissionalizados, teriam dedicação exclusiva e poderiam fazer essas coisas que falei. Do jeito que está, não dá porque é preciso ter um trabalho.

Aliás, na época que apitava – não sei se continua assim, acho que continua –, se a gente não tivesse a carteira assinada, não apitava. Quer dizer, nem todo mundo havia essa necessidade. Comigo havia! Se não levasse sempre uma declaração de trabalho, eu não apitava. Nessa situação, a dedicação não pode ser exclusiva. Só que os dirigentes queriam que

fosse. Quando eles escalam um árbitro para apitar, por exemplo, um jogo na quarta, em São Paulo, e outro no domingo, em Recife, como é que o juiz vai trabalhar? Como que eles querem que ele ainda trabalhe? Porra, não tem jeito! Não dá. Então, os árbitros do quadro nacional têm que ser profissionalizados.

A nossa arbitragem já é uma das boas que existem. O que pega é que os nossos árbitros pecam por ser muito detalhistas. Qualquer faltinha, o juiz daqui tem que apitar. Se não apitar, a imprensa pega no pé. Isso está errado. O jogo tem que ser jogado como nos países. Quer dizer, nem todo choque é falta. Eu já fazia a coisa rodar um pouco mais. Talvez, seja por isso que eles me criticavam tanto também, além de ser negro, né?! O contato físico faz parte do jogo, pô! O árbitro não pode ser tão detalhista. Não há necessidade disso...

Voltando à questão dos insultos, digo pra você que já fui insultado pelo fato de ser negro também. Não foram muitas vezes, mas lembro que foram várias. Por jogadores e por torcida muito mais. Eu sempre falo o seguinte: na minha época, tinham uns dois ou três árbitros que eram japoneses. Com japonês e negro, o repertório de xingo aumenta. E agora aumentou muito mais com as mulheres. Sofri na pele e, digo mais, vi dirigentes dizerem:

— Porra, mas também... vai escalar um negro para apitar o nosso jogo? Falei com o Farah e ele ainda escalou um negro para apitar meu jogo.

Já vi isso aí também e não foi uma ou duas vezes, não. Foram mais... É por isso que eu falo pra você que existe um racismo grande no futebol e que isso, inclusive, interfere até na escala do árbitro. Porque, no fim das contas, quem manda é o presidente do clube. Se ele falar que não quer um negro apitando as suas partidas, o presidente da Federação vai agradar mais ao presidente do clube do que ao árbitro. Até porque, árbitro tem bastante. Sem falar que ele precisa do voto dos presidentes dos clubes para continuar na presidência da Federação. Então, não escala mesmo!

Agora que a gente tocou nesse assunto, me lembrei de uma história. Teve um ano aqui em São Paulo que eu apitei sete clássicos no Campeonato Paulista. Sete clássicos e dois seguidos do Palmeiras, um na quarta-feira e outro no domingo... Isso foi no ano que o Godói foi para a FIFA. Enquanto apitei sete clássicos, o Godói apitou um. E esse um que ele apitou foi a final do campeonato... Eu gosto dele, foi um grande árbitro e, no meu conceito, é uma grande pessoa. Só que o dirigente o adorava e foi escolhendo os jogos do campeonato para ele.

Veja bem: no segundo semestre, eu estava lá na Federação e o Márcio Rezende tinha sido escalado para apitar Flamengo e Grêmio na quarta-feira e, no domingo, Flamengo e São Paulo ou alguma coisa assim. Sei que eram dois jogos do Flamengo. Aí, esse dirigente que me escalou para os sete clássicos no primeiro semestre, falou assim:

— Querem acabar com a carreira do Márcio, porra! Escalando ele em dois clássicos seguidos!

Olhei bem para ele e pensei: “Mas... você fez isso COMIGO, porra! Então, queria acabar comigo!”. Ai ai... Só rindo mesmo... Você entendeu? Ele se entregou na minha frente e esqueceu que fez isso comigo... Então, eu apitei sete clássicos e o Godói, um. Era um bom árbitro, apitou muito bem essa partida e foi à FIFA naquele mesmo ano. E eu fui só no ano seguinte por causa desses rolos todos que contei pra você. Quer dizer, tem esse negócio, rapaz. Existe sim. E como!...

Sabe? Apitar lá fora é uma maravilha. Quando a gente chega no aeroporto, sempre tem algum árbitro nos esperando. Eles nos levam até um hotel e depois até um restaurante para jantar e aquela coisa toda. É um barato! Quando eles vêm pra cá, a gente tem que fazer a mesma coisa com eles. Tudo por conta das federações... Por ser negro, eu acho que era até muito bem recebido. Me tratavam muito bem! Inclusive, lembro que teve uma vez que o avião atrasou e eu cheguei cansado, meio irritado. O cara ficou me esperando até à noite no aeroporto. Acho que foi no Peru ou no Equador, não me lembro direito. Na hora que vi o árbitro, disse:

— Nossa, você me desculpa. O voo atrasou e tal...

— Ô, João Paulo, que é isso! – respondeu com simpatia.

Chegando no hotel, ele foi pegar a minha mala, mas falei:

— Não, não. Pode deixar que eu mesmo levo a mala até o quarto.

No dia seguinte, levantei, desci e comecei a conversar com os caras numa boa. Falava um pouco espanhol. Aí, ele virou pra mim e disse:

— Puta que pariu!

— Que é que foi? – perguntei.

— Porra, achei que você fosse argentino.

Há há há...

— Porque os caras não têm essa educação assim, porra! – prosseguiu.

Há há há...

— Que argentino o que, rapaz! – falei.

Olha só a fama deles, meu. Terrível, não é?... Enfim, os caras me tratavam muito bem. Acho que não tive problema nenhum nesse sentido. Com a imprensa, podia até ter alguns comentários antes dos jogos. Mas, depois dos jogos, era só elogio. Aliás, teve uma vez que eu e o Godói fomos fazer dois jogos no Peru. Eu apitei na terça-feira e ele, na sexta. Depois do meu jogo, a imprensa me elogiou pra caramba! O próprio Godói me falou assim:

— Puta que pariu, João Paulo! Você é um cara que apita pra caralho, e no Brasil não dão chance pra você, né?!

Você entendeu? Quer dizer, ele estava falando pra mim: “Lá no Brasil, os dirigentes não dão muita chance pra você porque você é negro, cara.”. Ele me disse claramente isso...

Teve até uma outra vez que os árbitros do Equador estavam de greve e a Federação de lá pediu que eu fosse apitar a final do campeonato deles, Emelec e Barcelona. Lá, eu fiz uma final. Aqui, não! Bom, o clima não estava muito amigável porque os árbitros estavam em greve. Mesmo assim, os caras vieram falar assim:

— João Paulo, com você nós não temos nada. Nosso negócio é com os dirigentes daqui e tal, mas eu achava que você não deveria ter vindo.

— Mas, eu não sabia o que estava acontecendo aqui. Não sabia que vocês estavam em greve, porra. Se soubesse que estavam em greve, tenham certeza que eu não viria! Fiquei sabendo aqui. Agora, não tem jeito de eu voltar atrás. Vou apitar.

Ah, fui lá e dei um show de arbitragem. Foi lindo! Até trouxe o recorte de jornal porque o que falaram de mim foi coisa de louco! Tenho guardado isso até hoje. Depois do jogo, a imprensa fez uns elogios maravilhosos lá, coisa que aqui no Brasil não existia. Nunca existiu. Os elogios foram muito poucos aqui. Muito poucos... Talvez, me elogiavam também por ser de fora, né?

Eu acho que o único problema que tive foi quando fui apitar um sul-americano na Bolívia. A imprensa pegou muito no meu pé, dizendo que estava muito gordo. Nossa! Mesmo sendo naquela altitude toda, corri pra burro. Fiz o teste de Cooper e corri 1.750 metros em doze minutos. Lá em La Paz, hein?! Até me elogiaram depois do primeiro jogo que apitei. Apesar do elogio que me fizeram, eles ficaram meio assim de me escalar nos outros jogos por causa disso... Poxa, eu sempre pesei a mesma coisa, isso que é duro. Uma hora, eu era gordo,

outra hora não. Dependia do momento. Sempre pesei de 100 a 105 quilos, mas tenho essa estrutura física...

Então, a minha relação fora do Brasil foi muito boa. Sempre fui muito bem recebido em todos os países da América do Sul. Até na Argentina fui bem tratado, pô! No Monumental de Nuñes, em La Plata... Lá fora, não tenho trauma nenhum. Só aqui. Tenho trauma aqui porque eu achei que a negada daqui não me valorizou o suficiente... Apesar que tenho um consolo em cima de tudo isso: eu não participei de esquema nenhum, estou limpo. Às vezes, acho que talvez isso também tenha feito com que eu não apitasse finais de campeonato no Brasil. Clássicos, eu fiz muitos, só que durante o campeonato. Finais, não...

E digo pra você o seguinte: há uma grande resistência para o negro ser técnico de futebol. Muito grande! Um negro negro, assim como eu, ainda não consegue. Veja o Lula Pereira, que tenta aqui, ali, lá. Até o próprio Hélio dos Anjos, que não é tão negro assim, não consegue. E o cara é bom. Ele dirige time pequeno, time médio e passa de relance, às vezes, em um time grande. Você pode olhar no Brasil que você não encontra.

Por isso que eu falo pra você: no futebol, eles não conseguem barrar por causa do talento dos negros. Na arbitragem, são pouquíssimos negros! Só tem um ou outro em São Paulo e alguns outros por aí. Agora, como técnico, só em times pequenos e olhe lá! Porque a pressão é muito grande. Aliás, da própria torcida, que pressiona o dirigente para demiti-lo. O repertório dos xingos também é maior quando o árbitro é negro. Então, no Brasil, infelizmente ainda não há espaço para técnico negro.

Como dirigente, poxa vida, como é complicado! Lembro que um dia estava no estádio e o XV acabou perdendo o jogo. Depois da partida, veio uma torcedora até mim e falou:

— Enquanto um negro for presidente do XV, o XV não vai ganhar!

Uma mulher, hein?! Uma mulher me disse isso ali na arquibancada, quando estava todo mundo caminhando junto para ir embora. Eu estava num patamar acima da arquibancada, e ela olhou pra cima e disse isso na minha cara. Isso porque, quando eu peguei a presidência do XV, o clube simplesmente tinha uma folha salarial de 170 mil reais só para os jogadores, e uma receita de zero. De zero! Aí, eu consegui ainda dar um jeito. Falei com o prefeito, que me ajudou, e nós fomos nas empresas pedindo patrocínio. Com isso, mandei alguns caras embora, assinei as promissórias dos caras – que não paguei até hoje – e abaixei de 170 mil para 40 mil reais a folha do time. Tudo isso para poder tocar o clube. Porque o XV

estava falido, devia pra todo mundo na cidade. Foi naquela época, comigo, que começou a recuperação financeira do clube. Estava um bagaço, hoje está razoável até.

Eu vou te contar, viu... Aiii! Não quero mais saber de futebol. Quero sossego agora. Não aceito mais algumas coisas... Teve uma época que eu comecei a ser cronista esportivo aqui numa rádio de Piracicaba. Fui até comentarista por um tempo na Rede Vida. Cheguei a mandar uns currículos nas TVs, mas não consegui. Eu não perco mais o meu sábado e domingo para ir atrás do futebol. Nem no campo vou mais assistir jogo! Prefiro ficar em casa assistindo televisão, mas não jogo. Com o controle na mão, de vez em quando eu ponho no futebol para ver o resultado, os gols e alguns lances. Só isso. Não vivo atrás de jogo mais.

São dias perdidos. Como já perdi muito desses dias na vida, hoje não dá mais. Quando o XV jogava longe, acordava no domingo de madrugada para acompanhar e voltava só à noite. Pô, perdia o domingo inteirinho viajando pra lá e pra cá a troco de nada. Ah, não... Parei de ir na rádio por causa disso. Até porque, ganhava quase nada. E nem se me pagassem também muito dinheiro! A vida do jogador é difícil, viu, por causa disso. Eles têm as regalias deles, mas é complicadíssimo! Porque, durante uma etapa da vida, perdem o final de semana em concentração, em jogo... Nessa hora, eles podiam estar com a família, não é?!

Então, hoje eu não faria mais isso. Durante a semana, pode até ser que corra atrás e tal, mas, de final de semana, me esquece! No máximo, se o jogo for aqui em Piracicaba e eu perder aquelas duas horinhas ali. O domingo inteiro, não dá mais pra mim. De jeito nenhum! Eu acho que minha contribuição já foi dada.

*

São muitas as lições que tiro da minha vida... Eu acho que não me preparei muito na vida, não. Sabe? Todo mundo tem que se preparar melhor! É importante. Você, eu, mas principalmente o negro tem um grau maior de dificuldade para vencer as barreiras. Então, nós temos que nos preparar melhor ainda. E, isso, eu não fiz. Está certo que a vida é um aprendizado, que a gente vai aprendendo com o tempo, mas estou agora com 57 anos e vi que não me preparei bem para toda a vida. Devia ter estudado mais, pensado no meu futuro...

Porém, acho também que soube aproveitar bem as poucas oportunidades que tive. Talvez, eu não esteja tão bem financeiramente por causa desse modo meu de ser. Não

consegui muito dinheiro, mas vivo bem, vivo tranquilo e ganho razoavelmente. Na medida do possível, eu acho que tenho uma vida boa. Tenho, sim.

Tenho algumas mágoas também. Tenho mágoa da Federação Paulista, tenho mágoa dos caras lá... É complicado essas coisas, sabe por quê? Porque acho que eu poderia ter sido melhor aproveitado, por ser um cara que passou limpo na arbitragem. Poucos passam limpo, né?! E como eu passei limpo, acho que a moçada deveria valorizar isso em mim. Mas, sei também que não valorizam porque, para eles, não interessa isso. Você entendeu?! Isso não tem nenhum valor para eles. O que tem valor são outras coisas que não fazem parte de mim... E digo uma coisa pra você: não me arrependo de nada do que fiz. Só acho que devia ter estudado mais.

Olhando para o futuro, tenho um sonho que ainda não realizei. Sem sonhos, a gente não vive. E o meu é morar na praia, porra! Esse é meu sonho!... Teve uma época que eu queria montar um negócio: construir e vender casas. Achei que ganharia um dinheiro nisso, mas não deu. Perdi tudo. Fiz isso para arrumar uma grana justamente para viver na praia.

Tentei esse negócio por quê? Porque quero ter uma casinha legal pra mim e outras ou vários apartamentinhos para os meus amigos também. Assim, todo mundo passaria o dia junto, mas, na hora de dormir, cada um teria o seu lugar. Esse negócio de dormir amontoados em qualquer espaço não é comigo! Tanto é que não viajo de monte. Sempre gostei do meu sossego... Não tenho outro sonho na vida a não ser este que estou buscando: morar na praia. É um sonho possível e ainda vou realizar. Só precisa ser de São Paulo pra cima porque, senão, é muito frio.

Até agora, não tinha me aposentado porque, aqui na escola, se tivesse me aposentado, era obrigado a sair. Só que conversei com o advogado e ele me falou que agora mudou. Mas, eu ainda estou com medo. Estou com medo exatamente por causa do meu salário. Para os termos de funcionário da escola, tenho um bom salário. E viver só com o que o INSS paga, cujo teto é 3.300 reais, não dá. As minhas despesas são maiores do que isso hoje. Já mandei a papelada, mas estou com um medo do caralho. Vou esperar um pouquinho mais essa situação e enquanto isso vou guardando mais uns 3 mil por mês. Tudo isso pra quê? Pra realizar aquele meu sonho. E vou conseguir!

2.4. REDE DOS DIRIGENTES

Sérgio Grillo: “O Juventude tem uma filosofia de que deve ser formador de atletas e de cidadãos.”

É importante que esse assunto da discriminação racial, que é o tema do teu trabalho, seja colocado assim: as desigualdades, infelizmente, existem e as discriminações também. Essas desigualdades socioeconômicas trazem de maneira contundente esse aspecto racial. Eu acho que isso é muito negativo! Negativo pro país e pro mundo. Afinal, o mundo não deveria ter cor nem raça.

Isso é uma coisa que, pessoalmente, me agride muito. E, também, os tratamentos que as próprias autoridades dão ao tema. Pra mim, chamar uma pessoa de “negro” ou de “branquela” tem a mesma conotação, né?! No entanto, se um branco chama alguém de “negro” ou “negrão”, esta pessoa procura os poderes constituídos, que dão guarida à sua reclamação, e o branco está sujeito a ser responsabilizado de diversas formas. Agora, se uma pessoa da raça negra me chama de “branquela” ou, como nós somos chamados aqui na nossa região, de “gringos”, aí a autoridade não leva em conta. Entende? Ambas são formas de discriminar que deveriam ser evitadas.

Deixa eu te dar um exemplo. No Grenal, a torcida do Grêmio passa o jogo inteiro chamando a torcida do Inter de “macaco”... em coro. Em coro! E as autoridades do meio esportivo, no entanto, não fazem nada, não responsabilizam o Grêmio. Nunca este clube perdeu o mando de jogo como nós perdemos aqui. Por que essa discriminação? Por que o

Grêmio é grande e o Juventude é um clube médio? Ao que eu saiba, a lei deveria ser pra todos, mas, neste país, não é assim.

Nos jogos lá do Corinthians, do Palmeiras e não sei mais quem, não mataram torcedores?... E o que é que aconteceu? Interditaram algum estádio?... Não, não interditaram. Então, como é que nós vamos fazer a regulação desse tema? É com tratamento igual pra todos perante a lei. A Constituição diz isso claramente. Não só a nossa, mas as constituições de todos os países do mundo... Eu já tomei a liberdade de entrar no assunto porque sou muito objetivo. Me perdoe se atropelei.

*

Eu sou filho da terra, nasci em Caxias do Sul mesmo. Sou de 21 de abril de 1944. Tenho, portanto, 65 anos. Os meus antepassados, meus bisavós, vieram da Itália, da região do Vêneto, constituíram família e se desenvolveram aqui na nossa região... Profissionalmente falando, as nossas vidas têm origem na indústria. Nós temos uma empresa de autopeças, a Autotravi Borrachas, que é composta por duas famílias majoritárias. Eu represento uma delas. Temos também uma empresa de distribuição, chamada Macrosul. Ela distribui fixadores, ou seja, todos os parafusos que você imaginar da forma mais ampla e completa possível em território nacional. Inclusive, agora, temos inserção no mercado latino-americano e estamos exportando.

Além disso, temos uma fábrica de abraçadeiras, que são aquelas pecinhas de metal que a gente aperta pra fixar a mangueira no bico da torneira. Sabe? Onde tem uma mangueira, tem uma abraçadeira! Então, nós estamos nesse mercado também. O nome da empresa é Metalmatrix... Em função disso, estamos organizando uma nova empresa para fabricarmos mangueiras. Afinal, onde nós vamos vender abraçadeiras, os clientes perguntam:

— Já que vocês vendem a abraçadeira, por que não me vendem a mangueira? Eu também preciso da mangueira!

Assim, nós vamos investir nisso também. Nós ainda não decidimos o nome para pedir o registro. Deve ser Mangflex, Mangfix ou alguma coisa nesse sentido...

Eu sou casado e tenho três filhos. O Ângelo, que é o mais velho, tem 40 anos e é médico. O meu filho do meio, que tem 36 anos, chama-se Cristiano e trabalha comigo.

Devagarzinho, estou passando a batuta pra ele, porque esse é do ramo e tem o meu perfil. O Ângelo é cientista e o Cristiano é de negócios... Tenho, ainda, a Caroline, que tem 25 anos e é nutricionista. Ela também trabalha nas nossas empresas e tem consultório junto com o Ângelo.

A organização familiar fica com a minha esposa, a Miriam, que é quem toma conta da casa. Um dia, ela quis vir trabalhar conosco, mas nós dissemos pra ela:

— Não. Tu ficas em casa, organizando a retaguarda, que nós vamos buscar o dinheiro.

E não erramos na decisão porque criamos três filhos exemplares.

*

Faz vinte e cinco anos que sou conselheiro do Juventude. Sempre ajudei o clube de uma forma ou de outra. Anteriormente, as entidades como um todo tinham um tipo de gestão mais amadorista, ou seja, os dirigentes vinham aqui pro clube somente no final do dia. Aí, é que eles faziam o rescaldo do que aconteceu durante o dia e viam o que podiam fazer pela entidade. Na verdade, podiam fazer pouco. Nós sabemos que não é assim que se dirige uma empresa. Então, de uns anos pra cá, principalmente depois da era Parmalat, que foi nos anos 80, o Juventude está bem melhor organizado. A Parmalat trouxe um conceito empresarial pro clube e nos cobrou:

— Vocês se organizem com gestão e conceitos empresariais porque, se um dia eu sair daqui, o legado que quero deixar é que vocês saibam seguir em frente, sem a nossa cogestão.

E o Juventude, na minha opinião, fez relativamente bem a lição de casa porque, a partir daí, fez um planejamento estratégico e busca segui-lo rigidamente. Obviamente, nesse meio tempo, existia uma época de transição e de conflito entre o modelo de uma certa forma amadorista e o da Parmalat. Então, houve algumas oscilações do modelo de gestão, mas foram feitos ajustes e, hoje, o clube já está muito próximo da profissionalização completa.

Neste momento, pra você ter uma ideia, nós já temos toda a parte administrativa e financeira profissionalizada. O futebol está semiprofissionalizado porque nós não encontramos ainda a pessoa certa pro lugar certo. Estamos procurando um gestor que vá comandar todas as categorias de futebol do Juventude, desde as escolinhas, passando pelos juvenis, juniores até os profissionais. Tudo tem que ter a mesma formação para que o

menino da escolinha chegue no profissional e esteja acostumado a conviver com uma filosofia de trabalho, que planeja não só o desenvolvimento físico dele, mas também o seu desenvolvimento intelectual.

Afinal, o Juventude tem uma filosofia de que deve ser formador de atletas e de cidadãos. Ou seja, quando o atleta vestir a nossa camisa verde, o nosso manto sagrado, vai ter que sentir orgulho e honra. E isso se associa com formação, com filosofia, com jeito de ser... Esse é um ideal! Ainda não chegamos lá com todos, porque nós contratamos jogadores, atletas já formados. Alguns deles trazem traços parecidos com isso, outros, não. No entanto, aqueles que vêm da base trazem isso muito fortemente marcado, uma vez que o clube trabalha bem.

Pra você ter uma ideia, por questões que eu já enumerei e por contrair situações de dívida, o Juventude vendeu a sua antiga sede campestre, saldou todos os compromissos e comprou uma nova sede. Vendemos, me parece, vinte e três hectares e compramos quarenta e dois, numa distância, digamos assim, de dois quilômetros de um local para o outro. Saneamos o clube e temos, hoje, um centro de formação com cinco campos prontos, um miniestádio, um ginásio coberto – protegido do tempo, já que o inverno é muito duro aqui –, dois campos de grama sintética para a prática de futebol sete e toda a parte de infraestrutura, vestiários, salas e áreas diversas que são necessárias para os treinamentos.

Paulatinamente, vamos levar pra lá toda a estrutura de futebol, uma vez que os treinamentos da semana são realizados aqui no estádio. O próximo passo é a instalação de um mini-hotel nessa área. Assim, o clube não vai mais precisar concentrar em hotéis da cidade antes dos jogos, podendo se preparar no seu próprio centro. O nome dele é CFAC: Centro de Formação de Atletas e Cidadãos.

Então, tudo o que se relaciona a esporte, a formação, a treinamento do dia a dia, nós vamos levar pra lá. Só viremos ao estádio para os jogos. A atividade de formação não profissional já está lá. Essa primeira fase está pronta. A segunda, que diz respeito ao profissional, nós vamos fazer daqui pra frente. Ou via financiamento ou através de um parceiro que queria investir e ganhar junto conosco.

Este centro será como uma fábrica de atletas. Ou seja, nós vamos formar pessoas competentes e responsáveis não só como jogadores, mas como homens. Nós queremos que

eles levem essas ideias para as suas famílias. Essa é a mensagem que o clube passa para os seus atletas.

Por causa desse planejamento, o Juventude busca, evidentemente, treinadores que se identifiquem com a formação de atletas da base. Ou seja, os nossos treinadores têm que gostar de trabalhar com os nossos jovens. Afinal, não adianta nós formarmos esses jogadores e o treinador que está no profissional não acompanhar os treinamentos da base, não avaliá-los, não participar do desenvolvimento destes atletas e não aproveitar aqueles que são competentes na equipe profissional. Se nós mesmos não dermos oportunidades e não os colocarmos na vitrine, outros clubes virão e farão isso.

Na nossa base, temos muitos jogadores de cor que estão aqui aprendendo a trabalhar conosco, se desenvolvendo e buscando competência para que, amanhã ou depois, estejam no mercado do futebol. Esse é o objetivo dos treinadores e da direção em todas as áreas, mas, principalmente, na formação dos atletas. Esse modelo de gestão já fez escola... Então, os nossos treinadores têm que, sem dúvida nenhuma, trabalhar com jovens e, obviamente, ser pessoas de bons valores, sem uma vida atribulada ou confusa.

*

O negro é quase que a essência do Brasil, né?! Afinal, uma boa parte da população brasileira é de cor... O meu próprio bisavô, por parte de mãe, não passaria por branquela. Por isso que eu tenho também a tez... morena, além do cabelo escuro... Apesar de que, com os anos, já branqueou. Nas nossas empresas, convivemos e temos várias pessoas de cor. São pessoas, digamos assim, muito interessantes e de fino trato. Se pudesse ter trabalhadores de todas as raças, eu teria.

Aqui no sul, os habitantes que vieram desenvolver o Rio Grande são de origem europeia, mas miscigenaram com o negro e com todas as outras raças que migraram pra cá. No entanto, aqui estão basicamente pessoas de cor branca. Se formos a São Paulo, ao Rio de Janeiro, a Minas Gerais, teremos um bom percentual de pessoas de cor e encontraremos uma convivência harmônica. De São Paulo pra cima, essa proporção com certeza cresce. Até porque, quando o Brasil foi descoberto e colonizado, vieram os negros pra cá de uma forma importante. Ficaram no norte e, depois, migraram pro centro... Realmente, é uma realidade

brasileira: o negro se insere perfeitamente... na formatação do nosso país, como uma raça, um tipo de pessoa... importante. Principalmente no mundo do futebol, ele se insere bem!

Mas, é claro que existe sempre uma diferença daqui do sul perante as outras regiões do país. A gente não pode ser hipócrita de dizer que as famílias, usando um linguajar mais popular, amariam de paixão que a filha de pele... branca fosse constituir família com um menino de pele... escura. A hipocrisia não pode fazer parte desse tipo de assunto. Existe racismo. Não só no Brasil como no mundo.

É só nós olharmos para a constituição familiar no nosso próprio país. Com algum percentual de exceção, que eu não sei te dizer qual é, o branco procura uma branca e o preto, o moreno, o mestiço, também, procura a sua identidade através da pele... Pessoalmente, não vejo isso de uma forma tão marcante. O que não pode é alguém, que chame outra pessoa de uma forma discriminatória, de “negro” ou de “branquela”, ser formador de opinião. Não, não pode ser assim! A exceção não pode... virar lei ou, então, preponderar sobre o todo. Não é porque alguém discriminou que isso passa a ser uma verdade. Não. É verdade que existe, mas num percentual muito pequeno. Muuuito pequeno!

Os problemas que nós tivemos aqui no Juventude foram provocados por gente que veio de fora. Deixa eu te dar um exemplo: o Antônio Carlos, que teve aquele problema aqui com um jogador, não é de Caxias! Ele deve ser do interior de São Paulo ou coisa parecida... O nosso estádio tem lugar pra 25.000 pessoas. O pensamento e a atitude irracional de um único torcedor não podem comprometer a dos outros 24.999, numa hipótese de que o estádio esteja lotado. Entende?... Isso, me parece, ocorre de maneira igual em São Paulo, em Minas e em outros lugares. Sempre vai ser a exceção das exceções, né?!

No entanto, o Juventude, no caso, foi punido e, me parece, de uma forma incoerente. Não concorda? Afinal, nós perdemos o mando de jogo porque um torcedor, no momento, cuspiu no juiz. Mas, nós estávamos aqui em 10.000 pessoas naquela partida. Um cara, um único cara cuspiu no juiz, entende? Está errado? Com certeza! Tanto é que ele era associado do clube e foi retirado do quadro social durante um período como punição. Ele reconheceu, nunca mais vai repetir a atitude e vai fazer escola pra que outras pessoas não façam o mesmo. De fato, aconteceu, é verdade. A entidade como um todo agiu prontamente: o responsabilizou.

Além disso, nós tomamos medidas de todas as formas pra combater esse tipo de atitude: panfletamos, fomos na imprensa, fizemos um trabalho de corpo a corpo interno,

passamos mensagens, convocamos todos os conselhos... Principalmente, com o conselho jovem, que é muito atuante. Este conselho visa, justamente, a renovação das lideranças no clube. Então, através dos poderes do Juventude, nós trabalhamos fortemente e formamos uma opinião de que atitudes irracionais não podem acontecer. Se o sujeito tem um desencanto qualquer com a vida, aqui, na nossa casa, não é local para ele manifestar os seus desencontros... Agora, é um tema complicado! As discriminações são um tema complicado.

Nós nos sentimos muito injustiçados perante esses casos que envolvem o nome do Juventude. Muito! Porque fomos pegos pra Cristo! Essa é a verdade... Se nós pegarmos os casos de discriminação racial que ocorreram no Brasil, quem é que foi punido?... Nós fomos o primeiro a ser punido. Mas, só o Juventude que praticou? Se nós praticássemos em todo jogos, tudo bem. No entanto, ocorreram duas situações: uma do Antônio Carlos, que não é o Juventude. Ele, sim, que teve que responder e não o clube. E o outro caso é o do Júlio César... Parece-me, assim, totalmente descabida a ação contra o Juventude porque a lei, ao que eu saiba, teria que valer pra todos!... Está no capítulo principal da nossa Constituição! Isso não vale pros políticos também?

Infelizmente, envolveram o nome do Juventude em alguns casos. O goleiro Felipe fez uma acusação e não provou. Se o chamaram de “negrão”, então que prove isso! Não pode simplesmente responsabilizar o nosso clube dizendo que ouviu. Ao que nos consta, nos autos do processo, ele não prova nada. O Juventude, hoje, está movendo uma ação contra ele na justiça. Se houver justiça nesse país, ele será responsabilizado. Não sei de que forma. Acho que, no mínimo, vai ter que se retratar nacionalmente, não concorda?

No caso do Tinga, é aquilo: são exceções. Certo? A mesma coisa com o Júlio César. Nós estávamos aqui no estádio e não ouvimos. Diferentemente do que acontece, como eu falei pra você, no Grenal. Lá, é toda a torcida do Grêmio gritando:

— Ma-ca-co, ma-ca-co, ma-ca-co... — e segue o refrão deles.

Então, dá pra ouvir o alarido facilmente. Aqui, é uma única pessoa que se manifestou. Entende?! Então, como pode que um esteja de passo certo e todas as outras 10.000 pessoas, de passo errado? Condenável? Com certeza!... O Juventude tem uma história tão grande! Nós vamos completar cem anos agora em 2013. E são cem anos de coisas bem feitas e de inserção completa nos meios socioeconômicos... Não pode que um desencontrado, um brigado com a vida, nos prejudique.

Digo pra você que trabalhamos muito seriamente esse assunto... Gostaríamos que os poderes constituídos trabalhassem da mesma forma e responsabilizassem a todos!... Quando cuspiram no juiz, já nos condenaram de antemão e perdemos o mando de dois jogos. Só que, depois, nem fomos condenados. Veja que neste país é assim: primeiro, nos condenam e, depois, nos absolvem. Mas, o prejuízo que eles nos causaram... Nós ficamos, digamos assim, marcados pela autoridade esportiva. No entanto, repito: deveriam punir todos! Não só o Juventude... Inclusive, quando se matam nos estádios...

Nós conversamos com o Júlio César. Ele mesmo identificou a pessoa que o ofendeu e nós conversamos com esse torcedor, que se retratou. Não houve uma evolução. O Júlio César é gente boa e não quis, também, polemizar. De todo modo, foi, com certeza, um momento de constrangimento pra nós. Enfim, tratamos bem a situação, né?! Volto a dizer pra você: nós não compactuamos com essa ideia do torcedor... Tanto que estão, aqui no clube, trezentos atletas de cor, convivendo perfeitamente.

O Antônio Carlos, por sua vez, ficou muito envergonhado. Tanto é que ele, depois, teve a atitude de ir aos meios de comunicação, buscando se retratar. Num primeiro momento, o atleta adversário, que eu não me lembro o nome, não aceitou o pedido de desculpa, mas, depois, aceitou. Aceitou porque viu que o Antônio Carlos não é ummm... um bandido, não é um uma pessoa do mal. É uma pessoa de bem, entende? Mas, nós demos toda guarida pro Antônio Carlos e, inclusive, o orientamos de que ele devia ter atitudes, digamos assim... pró-ativas via divulgação... Quem reconhece o erro, tem a atitude reconhecida e respeitada. Porque errar é humano, não concorda? Reconhecer é demonstrar grandeza. Então, nós trabalhamos dessa forma com ele.

E não só com ele. Orientamos os nossos jogadores desde a base. Qualquer um que entra aqui, é formado como cidadão, é visto como um dos nossos e não como uma pessoa de cor. Se ele estiver – exagerando – com dor de barriga, nós vamos estar com diarreia, vamos estar ligado e colado nele. O problema dele é o nosso! Volto a dizer pra você: nós temos diversos jogadores que são de cor e que transitam pelo clube. Temos uma ligação muito estreita com os nossos atletas... Isso é a nossa marca!

Uma marca de um clube que quer formar não só o atleta, mas o cidadão. Não deixe de fazer constar isso no seu trabalho: nós temos o Centro de Formação de Atletas e Cidadãos. E Cidadãos! O atleta tem que sair daqui com o selo de garantia! Garantia de qualidade, que é a

boa formação. Não basta ser um bom jogador, tem que ser uma pessoa do bem. Certo? Um cidadão que vai multiplicar essas ideias no seu meio socioeconômico. Assim, ele se inclui na sociedade de uma forma importante.

Daqui, os nossos atletas levam a mensagem pras famílias que são, do ponto de vista da informação, menos desenvolvidas. Então, eles vão falar o seguinte:

— Olha, gente, o mundo é diferente e nós, como família, podemos ser melhores do que somos. O meu irmão vai estudar e vai pro Juventude se formar como eu.

A pessoa de cor deve buscar o seu espaço! Quando passar o tempo de validade como atleta, tem que se preparar pra conviver depois na sociedade, quer seja como preparador físico, como treinador ou como executivo do mundo do futebol. Pra isso, tem que deixar a namorada, a novela das oito, o joguinho, a canastra ou o bingo com os amigos. Vá pra escola e se prepare. Tem que se capacitar! Porque não basta, por ter cor, pedir oportunidade. Ele tem que ser competente. Senão, ninguém vai dar oportunidade, seja branco ou de pele escura...

Vivemos épocas de competência em tudo, inclusive no futebol, que passa a ser administrado, graças a Deus, por conceitos de gestão empresarial. Essa é a grande sacada na minha visão porque, se não for assim, os clubes desaparecerão... Sobrarão aqueles que praticarem esses conceitos...

Enfim, por causa também das atitudes tomadas pelo Juventude, a Federação nos deu apoio. O Novelletto, que é o presidente, é um cavalheiro e amigo pessoal da nossa casa. Mantemos uma relação maravilhosa... Eu diria pra você que a parte de discriminação racial é uma coisa do passado... Não tivemos mais problemas. A única coisa que tivemos depois disso foi aquela infelicidade do rapaz que cuspiu no juiz. Justamente pra prevenir isso, o clube está colocando vidros ao redor do gramado.

Só que tem outra coisa: daqui a pouco, pode ser até um adversário nosso que venha aos jogos e cometa uma atitude dessa, não é? Pense nisso acontecendo lá em São Paulo, com um maluco do Palmeiras se infiltrando na torcida do Corinthians e fazendo uma barbaridade dessas. Aí, vamos punir a torcida do Corinthians ou a entidade? Mas, como vai identificar o torcedor? Não tem como. A não ser que prenda o cara em uma miniprisão, em uma sela ou alguma coisa assim dentro do próprio estádio. Ali mesmo, seria feito a acareação e a punição dos responsáveis. Eu acho que deveria de ser assim! Os poderes constituídos e mesmo a legislação poderiam ser mais contundentes no sentido que não importa indicar o que está

errado, mas, sim, verificar o erro e trabalhar pra que ele não se repita. E é isso o que o Juventude fez!

*

O racismo é uma realidade. Vaza mais no futebol porque este é um esporte de massa. Como tem muita mídia em cima, tudo que acontece no mundo do futebol adquire uma dimensão maior. A discriminação racial existe também nos outros esportes. Só que, como eles não têm a mesma cobertura jornalística, a notícia chega num volume muito menor...

Você sabe como a imprensa é, né?! Com certeza, ela tem mais é que registrar esses casos, mas poderia ser de uma forma, digamos assim... mais construtiva. O sensacionalismo não constrói nada. Só causa aquele auê pra vender jornal. E o que fica de ensinamento? Qual o comentário? O que a imprensa faz, além de combater? Ela, como tem o meio de comunicação de massa, teria que se inserir de uma forma construtiva. Não só criticar fortemente, mas, também, ter ações pedagógicas pra formar uma opinião nova e diferente...

Eu não tenho o número exato, mas me parece que 60% da nossa população tem menos de 40 anos, ou seja, a maior parte dela é composta de jovens. E é muito importante que essas mensagens e ensinamentos cheguem até eles. Afinal, esses jovens serão o futuro do nosso país. Isso também tem que partir das famílias. Na sua, na minha e em todas as famílias estruturadas, se ensina que o direito de um vai até onde começa o do outro; o que é certo e errado; o que é meu é meu, o que é seu é seu; e aquelas coisas todas que os nossos antigos nos passavam: o “por favor”, o “com licença”, o “obrigado”... Isso não pode ter idade, não concorda? Essas coisas, a gente traz de berço!

Então, me parece que a imprensa mais sensacionaliza do que dá um rumo para a nossa população jovem. Não basta dizer que fizemos uma barbaridade! Tem que propor:

— O que é que nós vamos construir do ponto de vista pedagógico? De que forma vamos fazer pra que aquilo não aconteça mais?

Entende?

*

Acho que o mercado de trabalho no futebol não se ampliou mais fortemente para as pessoas de cor porque elas não procuraram o seu espaço. As pessoas de pele escura vão fortemente até o atleta. E depois disso? Quantos treinadores de cor escura nós temos? Quantos preparadores físicos?... Entende? Em cargos de direção e gestão, então não precisa nem falar. Não porque não se queira, mas é preciso olhar para as origens familiares dessas pessoas, para o tipo de educação e para a formação que elas receberam. Normalmente, são famílias mais humildes que não têm uma estrutura. Essa é uma verdade.

Eu te digo que, na atividade privada, apesar de haver um exemplo ou outro de pessoas de cor ocupando cargos nas estruturas intermediárias das empresas, a situação é muito mais forte que no futebol. Por quê? Aí, responsabilizo muito mais as pessoas de pele escura por omissão e por não buscarem esse espaço do que as entidades em recebê-las e permitir que elas ocupem essas posições. Falo isso pra você com convicção absoluta! Se a gente for consultar dez pessoas, certamente sete ou oito vão colocar essa mesma opinião... Temos que buscar melhorar nisso. Quando digo “temos”, quero dizer as pessoas de cor e as entidades.

Como inseri-las? Não basta elas quererem. Têm que buscar a formação. Pra eu dar ou não um espaço na minha empresa a uma pessoa de cor, vou ver a sua competência. Não basta ser amigo do presidente do clube ou amigo do assessor de futebol. Pode ser amigo, mas tem que ser, em primeiro lugar, competente. Afinal, vivemos épocas de competência!... Sempre digo assim pro meu pessoal:

— Já se foi a época de chorar salário pro chefe. Tem que mostrar competência. Aí, sim, vou dar oportunidade de crescimento. Se tu não fores estudar, não fores buscar os treinamentos e o teu espaço, via competência, ninguém vai te ajudar. Ninguém! Aí, tu vais dizer que é uma pessoa de azar? Que as coisas boas nunca acontecem pra ti? Ao acaso, por chorar ou por reclamar, ninguém vai subir na vida. Tem buscar a competência via treinamento. Vai pra escola, pra universidade, pras escolas técnicas...

Você não concorda, Marcel?... As empresas estão cheias de oportunidades, independentemente de cor. Então, de forma nenhuma vejo resistência, seja das empresas, seja dos clubes de futebol. De forma nenhuma!... Digo isso pelo meu conhecimento, pela minha experiência e por acompanhar futebol desde menino. Ao longo de toda a minha vida, desde que jogava na várzea até este momento, em que circunstancialmente sou dirigente, sempre acompanhei a evolução e o mundo do futebol... Mas, pode registrar no teu trabalho: as

entidades receberiam e receberão de braços abertos as pessoas, independente da cor da pele. Elas se interessam muito mais pela competência das pessoas. Tenho plena convicção disso!

Não existe discriminação racial! O que nós temos que entender é que o futebol, hoje, é um negócio. E, como negócio, ele tem uma gestão empresarial que não enxerga a aparência. Se as pessoas de pele escura não estão ocupando o espaço maior, lhes cabem buscar a competência. Os cursos e as oportunidades estão aí. As escolas, abertas pra todos. Pra todos! Se menos pessoas de cor estão nas escolas, nós não podemos dizer que as entidades discriminam. Eu acho que é muito mais, digamos assim, uma atitude passiva dessas pessoas em aceitar tal situação. Elas mesmas se autodenominam excluídos. Por quê? Porque não buscaram, também, se incluir. É ou não é?

Isso você enxerga claramente no mundo empresarial. Vamos representar um diálogo entre duas pessoas:

— Quantos gerentes ou pessoas de cargos altos das empresas são de cor? – pergunta uma delas.

— Poucas. – responde a outra.

— Por quê?

— Porque a pessoa de cor também não buscou.

Aí, a primeira pessoa vai argumentar assim:

— Mas, falta uma condição econômica para que elas tenham acesso à formação educacional. Pra isso, precisam ter dinheiro.

— É verdade. É verdade... Sem pagar as contas, ninguém consegue comprar nada e também não consegue entrar numa universidade particular. No entanto, tem as universidades públicas, que também não olham a cor da pele e, sim, a competência em prestar o vestibular e passar. – contra-argumenta a segunda pessoa.

Você percebe o que eu estou tentando dizer?... Eu acho que isso, devagarinho, se desmistifica desde que o homem de cor procure o seu espaço.

Na minha vida profissional, trabalho desde jovem com pessoas de pele escura e nunca tive problema. É verdade que, dentro da nossa empresa, são menos as de cor? Com certeza! Por quê? Porque, na nossa região, tem mais brancos. Então, obviamente, vou ter um percentual altíssimo de pessoas de pele branca. Mas, já se nota um crescimento da população de cor também. Afinal, ela é economicamente importante e promove a imigração...

*

O meu grande sonho como dirigente do Juventude é ver aquele projeto do CFAC ser consubstanciado e materializado através da formação de muitos atletas e cidadãos com o nosso selo de qualidade. Essa será a nossa maior marca. Aí, nós vamos ter o produto valorizado e reconhecido pra colocar num negócio chamado futebol. Seria a minha grande realização! Poderia morrer feliz enrolado na minha bandeira verde dizendo:

— Poxa vida! Investi bem o meu tempo. Ajudei a construir uma boa gestão de negócios no meu clube, que, certamente, vai trazer muitos resultados positivos.

Pra você ter uma ideia, o Juventude é hoje uma empresa juridicamente formada pra receber um parceiro. Por termos uma fábrica de atletas, já estamos recebendo visitas de dirigentes de vários clubes do mundo. Eles veem no Juventude, em virtude da colonização europeia da nossa região, uma matéria prima muito boa. Até porque, as pessoas daqui se identificam com as culturas europeias e, quando vão pra lá, têm uma adaptação mais fácil. Quem quiser fazer negócio com o Juventude vai não só comprar os direitos federativos de um atleta, mas também ter a garantia de um cidadão formado e que sabe falar várias línguas: o espanhol e o inglês, além do italiano que, na nossa região, muitas pessoas falam e entendem bem.

2.5. REDE DOS TORCEDORES

Alex Minduín: “Nós temos que ser indivíduos da história!”

A nossa entidade e as pessoas que dela fazem parte estão aí pra ajudar. Isso é fantástico! Eu sempre falei pro Mandioca o seguinte:

— Os Gaviões ou a torcida do Corinthians é referência para uma série de segmentos que envolvem a nossa sociedade.

Eu, particularmente, estou ativamente dentro dos Gaviões há dezenove anos. Assim como a maioria dos jovens que lá estão, venho da periferia. Boa parte de nós, que se achega com uma carga recebida nos bairros periféricos, recebe uma carga diferente na torcida organizada. Ou seja, eu diria que, dentro dos Gaviões – e acredito que nas demais torcidas também –, estes jovens, tanto da periferia quanto da classe média, são reeducados e moldados segundo a realidade que a entidade representa. A torcida os direciona para as festas e atividades nas quais a entidade está envolvida, mas para as cobranças que também fazem parte do meio esportivo em que a torcida está inserida.

No caso dos Gaviões, é uma torcida diferenciada, por quê? É apaixonada pelo clube e militante, estando sempre envolvida com as questões sociais do nosso país. É nesta torcida que, em via de regra, estes jovens vão perceber que a nossa sociedade é dividida por classes

sociais. Mas, não importa muito a classe social na qual eles estão inseridos, já que vão se tornar um associado e um torcedor organizado, tendo que se moldar perante a política dessa entidade. Além disso, estes jovens torcedores vão aprender a ter responsabilidade e a respeitar os mais velhos e o próximo.

Eu te digo isso também pela história que envolve os Gaviões desde a década de 60, quando esta torcida foi fundada. Foi uma das primeiras entidades civis: a defender de forma totalmente explícita a anistia para os presos políticos do nosso país; a participar ativamente do processo das Diretas Já; e, assim, acredito ter sido uma das primeiras torcidas organizadas na América Latina a se envolver e se entrelaçar também com os movimentos sociais. Quer dizer, não só conscientizando boa parte dos seus associados, mas participando ativamente de algumas lutas, encabeçadas por movimentos como: MST, Movimento dos Sem Teto, aqui do centro de São Paulo, movimento contra os Carecas do ABC, Movimento Punk, movimento de jovens, como por exemplo que curtem *rock*, Movimento *Hip Hop*... Ou seja, a torcida organizada e os Gaviões, propriamente ditos, estão inseridos em uma variedade de movimentos sociais.

Por ventura, eu diria que é até natural, leva-se para dentro dos movimentos sociais, alguns pigmentos que envolvem a característica de ser corinthiano e Gaviões da Fiel. E vice-versa porque acho que os movimentos também acrescentam muito para os membros e para boa parte dos dirigentes e lideranças dos Gaviões da Fiel. Acho que houve uma contrapartida. Boa parte dos associados sabe desse envolvimento da torcida, desse comprometimento das lideranças com o Corinthians e, mais do que nunca, sabe que a entidade tem um compromisso de fato com a sociedade brasileira. Por isso que escolhi começar a minha história por aí, a nível de Gaviões e de sua estrutura.

Agora, falando um pouco do Alex Minduín, eu entrei nos Gaviões em 89. Como mencionei, boa parte da minha formação foi dentro desta torcida. Em muitos seminários, nos quais sou convidado para participar e falar da torcida organizada, da estrutura futebolística do nosso país e da questão do negro dentro da nossa sociedade e na torcida, eu costumo dizer que 60% da minha personalidade foi formada ali dentro daquela entidade. Já os outros 40% vieram da minha casa, por parte de irmãos, de pai e de mãe. As pessoas, às vezes, se assustam quando falo isso e dizem:

— Poxa, a família tem a menor carga na sua formação? E a maior carga parte da torcida na qual você adentrou?

O que as pessoas têm que entender é que eu entrei nos Gaviões em 89, quando tinha de 13 pra 14 anos. Ao entrar nos Gaviões, a pessoa entra para acompanhar e apoiar incansavelmente o Sport Club Corinthians, tá certo?! Então, o que é que leva eu falar que 60% da minha personalidade foi formada ali dentro? Porque eu passava a maior parte da minha vida, da minha adolescência e da minha fase adulta junto com esse agrupamento e com essas pessoas que fazem parte da minha relação. Então, não poderia ser diferente! Ficava mais tempo nos Gaviões da Fiel do que com a família e na escola. Durante a semana, eu estudava, mas ia na quadra dos Gaviões duas vezes de segunda a sexta. No final de semana, tinha jogo do Corinthians e no dia que não tinha jogo, sábado ou domingo, estava na quadra da torcida.

Lá foi a entidade e o local onde eu pude ter consciência de como funciona a engenharia dessa nossa sociedade. Porque, lá dentro, encontrei pessoas de classe média alta, de classe média, de classe média baixa, pobre e miserável... A pessoa de classe média alta conscientizava o de classe média, o de classe média conscientizava o de classe média baixa e assim sucessivamente. Havia e há uma contrapartida das classes que estão inseridas nos Gaviões, ou seja, é um ambiente em que todos aprendem, desde o jovem de classe média alta até o jovem que vem da extrema periferia.

Num dado momento do crescimento desse indivíduo – e isso aconteceu comigo após receber uma carga de conscientização –, ele tem dois caminhos a percorrer: ou reverte a situação que está posta em nossa sociedade ou se acomoda com ela. No meu caso, procurei reverter essa situação porque acho que deve ser uma das piores coisas para um indivíduo saber da sua realidade e permanecer inerte. Então, o que é que ocorreu com o Minduín? Após receber aquela carga dentro dos Gaviões, ele se colocou na posição de enfrentamento, saindo da situação na qual ele se encontrava há quinze anos atrás. E o que proporcionou isso para o Minduín, assim como pra muitos jovens que saíram e que saem da periferia paulistana e das periferias de forma geral? A consciência de classe, a consciência política e, enfim, a consciência de que, se eu não me organizar enquanto indivíduo e comunidade, é quase impossível mudar a minha realidade. Não posso simplesmente depender do governo, seja federal, estadual ou municipal. Eu tenho que fazer dessa minha conscientização a minha

bandeira de luta dentro da nossa sociedade, seja em algum movimento, universidade ou o que for.

Dos meus 13 anos e meio até os 17, eu participei do Departamento de Bandeiras dos Gaviões, que é o onde se inicia toda grande liderança dentro da entidade. Não tem um outro caminho. Não se chega dentro dos Gaviões sendo líder. É nesse departamento que esse jovem adolescente recebe todos os valores e as convicções do que é ser Gaviões da Fiel e qual a diferença desta torcida dentro e fora da arquibancada.

Com 17 anos e meio, eu participei da minha primeira diretoria. Fui idealizador do departamento social dos Gaviões, sendo diretor por oito anos, e um dos primeiros a ver esta torcida enquanto empresa. Mas, sempre considerei que as lideranças dos Gaviões, em hipótese nenhuma, poderiam ou podem ser remuneradas pela entidade, ou seja, não pode se manter dela. Cada liderança tem que ter o seu próprio trabalho, a sua profissão e o seu ganha pão fora da entidade, tá certo?!

Com 25 anos, eu comecei a participar mais ativamente e colocar os Gaviões da Fiel mais no âmbito da discussão acadêmica, enquanto um movimento social e uma torcida que contesta alguns segmentos dessa nossa sociedade. Com o decorrer do tempo, a gente vai assimilando que a função da torcida tem que extrapolar, sim, o espaço da arquibancada. Torço para que os Gaviões continuem sempre nesse caminho! De contestar não só o que está acontecendo lá dentro do Sport Club Corinthians Paulista, mas, também, essa estrutura futebolística que está posta aqui no nosso país...

Entrando na questão do negro dentro dos Gaviões da Fiel, eu começo dizendo de que maneira o negro ainda é visto, em pleno século XXI, por boa parte da nossa sociedade: como uma pessoa que, de certo modo, não tem um raciocínio, não tem uma capacidade de ter uma produção intelectual, mas, sim, mecânica. Digo isto tendo em vista a forma como as novelas e os filmes retratam os negros, sempre os colocando numa situação desfavorável e os atrelando à criminalidade. Quando eles estão dentro da política, o que é raro, são corruptos. Ou seja, nunca uma imagem que mostra o negro inserido na sua família ou aplicado nos estudos. Ao contrário, sempre é uma imagem estereotipada, na qual o negro só serve pra algumas coisas: esportes, trabalho braçal e – você pode até achar estranho o que vou te colocar e que é algo que deve ser discutido dentro do movimento negro – sexo, seja por um membro mais avantajado do negro, seja pela negra que suportaria uma ou duas pessoas na cama. São visões

estereotipadas que, infelizmente, foram criadas no século passado ou talvez retrasado e que, de uma forma sutil, volta e meia sempre estão postas nos veículos de comunicação.

Eu torço pra quê? Uma sociedade justa e igualitária, no meu modo de ver, tem que mostrar o que ou do que essa sociedade é composta: quem formou a cultura nacional, qual a imagem do Brasil no exterior, qual a nossa identidade. Nós mencionamos sempre – ou, pelo menos, boa parte da imprensa – que o nosso país é miscigenado, uma mistura de raças. Mas, não é o que ocorre, por exemplo, na produção cinematográfica, nos programas televisivos, nas novelas... Não é? Certa vez, em um debate que participei na Argentina, um colega da Noruega, que veio falar sobre os *hooligans* na Europa, me indagou dizendo o seguinte:

— Olha, Minduín, que incrível! Na Noruega, nas nossas propagandas, há mais negros do que no teu país. Por que isso?

Veja: se um indivíduo, que não conhece profundamente a nossa sociedade, tem essa percepção, você imagina nós, negros! É só ver televisão e notar que 95% dos atores são brancos. Não é a questão de ter o ator branco! Tem que ter o ator branco, sim, mas tem que ter o japonês, o nordestino, o povo do sul... Isso tudo é o povo brasileiro. E o povo brasileiro, de certa maneira, não é visto pelos meios midiáticos, vamos dizer assim. É um processo? É um processo, eu diria. Porém, está muito longe de nós sermos hoje chamados de um país igualitário para todas as raças. Esse tipo de coisa, de fato, não se mostra.

Há, é claro, o esforço de um pequeno setor da imprensa em relação ao negro e à questão racial, mas é um grupo de pessoas que não faz parte da grande mídia. Eu diria que esse setor tem se organizado por conta desse espaço mesmo que a mídia teima, e teima mesmo, em não dar pra comunidade negra. Diria ainda que a imprensa brasileira é antinacionalista. Mostra de tudo, só não mostra o que é o Brasil ou o povo brasileiro.

Se a gente for ver o grande telejornalismo, quantos âncoras negros nós temos? Na Record, tinha uma; na Globo, tem um que aparece aos sábados para cobrir a folga do William Bonner, não é? E tem também uma comentarista política de Brasília, que não me recordo o nome. Ou seja, eu te dei dois canais, Globo e Record, que são canais de massa, mas que não reproduzem o que a massa é. Nos demais, a gente simplesmente não vê jornalistas negros inseridos! Na Cultura, tem uma, mas é obrigação porque é um canal público. Não tinha que ter só uma!

Infelizmente, as pessoas que estão à frente desse trabalho ainda pensam num Brasil Colônia, num Brasil Terceiro Mundo e numa Europa *top* de linha no saber. Essa é uma linha ideológica atrasada! E que direciona a massa como um todo, inclusive os próprios negros. Dá pra ver que há uma inércia da comunidade negra como um todo em relação a esse enfrentamento. Mesmo havendo uma massa de pessoas negras no nosso país, a gente não vê ninguém se contrapondo ao que está posto aqui em São Paulo, no Rio Grande do Sul, no norte ou no nordeste brasileiro. Poxa, o cara olha para o telejornal, para a novela e não se vê! O nordestino e algumas comunidades do sul também não se veem, mas o negro menos ainda.

Pra gente entrar nessa discussão tomando como base o meio do futebol, eu vou te fazer uma pergunta: quantos comentaristas esportivos negros você visualizou ou tem visualizado na grande ou até mesmo na pequena mídia? Afirmando que não vi e não vejo! A gente pode pegar qualquer canal: Sportv, ESPN, Globo, Gazeta... Não vê. Agora, o fato de a gente não ver é um preconceito em relação à raça negra ou ao negro em si? A questão não é o preconceito, não. A questão é não visualizar o negro enquanto portador de uma opinião ou como detentor de um conhecimento que ele possa vir a explicar sobre o jogo, a partida ou algum segmento do meio esportivo. E onde que está o negro?... Está no outro lado da mesa enquanto jogador, esportista ou um cara que xingou, que enfrentou o juiz, que foi mal educado e que deveria ser expulso. Ou seja, simplesmente é visto como uma ferramenta de entretenimento para a grande sociedade. Isso me lembra o Império Romano. Quem eram os gladiadores?... Eram, em sua maioria, imigrantes ou escravos vindos da África subsaariana. Eles vinham de lá para entreter quem?... Entendeu?

Dos jogadores de hoje, somente uma pequena parcela é renomada e ganha bem. Se a gente pegar aqueles que jogam na primeira divisão, veremos, sem muito esforço, que 60% deles ganham salários na faixa de dois a, no máximo, cinco mil reais. Se formos para a segunda e terceira divisões, essa realidade piora mais ainda. Sem falar nos contratos escravos que boa parte dos jogadores assina, em que 70% vai pro empresário e 30% pro jogador, e com desconto. Oxalá, que não esteja acontecendo isso com os grandes jogadores como Ronaldo, Ronaldinho... Porque, se estiver acontecendo, não vão saber administrar o mínimo que estão ganhando e vão se perder. Enfim, uma série de fatores pode ocorrer para que eles caiam não só no esquecimento, mas também nas tragédias da vida.

É aquilo que te mencionei: nós não podemos nos acomodar com uma sociedade que ainda é tocada como no tempo do coronelismo da República Velha. Se, de fato, a gente quer uma sociedade justa e igualitária, nós não podemos aceitar isso nunca... Eu gostaria que os negros progressistas da nossa sociedade, detentores de recursos financeiros, criassem instrumentos paralelos para enfrentar essa grande mídia. Tomara a Deus que a gente consiga, pelo menos, ter essa consciência e que tenham algumas pessoas que pensem e montem empresas para se contrapor a esse tipo de estrutura que está posta.

No posto que ocupo na empresa onde trabalho, eu sou o único negro. No curso de Economia que faço na universidade, sou o terceiro negro... e que se considera negro! No curso de Sociologia, sou o segundo negro. Ou seja, só tem dois negros no período em que estudo. Isso demonstra o quê? Isso prepara a sociedade pra quê? Se a gente olhar para a periferia ou para a nossa sociedade como um todo, o que tem em maior quantidade: negros e mestiços ou brancos descendentes de europeus? Onde estão inseridos os negros e os mestiços? E os brancos?

Quando menciono isso, não quero dizer que as etnias tenham que se gladiar. Não é isso! Acho que tem que haver uma condição favorável para que o negro possa ser inserido de uma outra forma nessa nossa sociedade. Quais são os três pontos de ascensão para o jovem negro de periferia? O que é passado pra ele? Ou é jogador de futebol, ou é excelente boxeador ou, então, entra em um outro segmento que não precisa de uma produção intelectual. Na verdade, falta pra gente condições de se chegar em uma universidade e ter um conhecimento que nos coloque em pé de igualdade na disputa por um emprego ou por um concurso público.

Eu sei que, hoje, a nossa sociedade se encontra em disputa, principalmente por conta da política de cotas, que é um tabu para uma série de setores. Porém, é um caminho. O ideal é que todos tivessem um espaço em que pudessem adentrar nas universidades e exercer as suas funções. Não é o que ocorre! E, quando não ocorre isso, tem que se criar um mecanismo, como a política de cotas. Se tem uma coisa que a nossa mídia sempre faz questão, é de que a comunidade negra se esqueça o quê os escravos passaram no nosso país. Se a gente for fazer uma comparação com algo que aconteceu no século passado, poderia lembrar o genocídio que houve com os judeus na Alemanha ou com os armênios na Turquia.

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão... Além de ser o último, ainda não deu estrutura para que o negro se visse enquanto homem e ser livre. Com isso, se ele não se

adequasse ao que estava posto e não voltasse para a casa do senhor, submetendo-se àquela condição, o negro não teria o que comer e não teria onde dormir. E uma outra coisa que a história não mostra e não faz questão de ressaltar é que a escravidão, de certa maneira, foi uma manobra econômica por conta do momento que o país vivia na época. Era mais barato deixar o negro livre do que mantê-lo com alimentação e moradia, mesmo que trabalhasse na lavoura. Ou seja, foi um processo perverso, sem falar as questões psicológicas, as doenças que, até hoje, estão presentes no organismo das pessoas que são descendentes de escravos. Então, diria que o processo de abolição no nosso país foi muito árduo para a população negra e isso justifica, sim, a política de cotas.

O processo político no nosso país foi pesado do ponto de vista da formação da população negra e da população como um todo. Nós tivemos, por exemplo, uma ditadura de 64 até 85, com 21 anos de duração. Mesmo assim, a nossa sociedade era amena e acomodada à situação, com indivíduos que não partiam para o enfrentamento. Nós não temos esse costume. Então, podemos dizer que, infelizmente, a nossa sociedade está posta de uma maneira em que as coisas devem ser encaminhadas sem enfrentamento.

Diferente, por exemplo, do que houve nos Estados Unidos. Depois da Guerra Civil, teve a luta pelos direitos civis dos negros, né?! E foi um processo louco também, porém a comunidade negra se uniu de uma tal maneira. Ou melhor, não só a comunidade negra, mas também os progressistas, homens brancos que se adentraram junto com os negros norte-americanos e enfrentaram o sistema. A maneira que eles adentraram é dez, quinze vezes maior do que aconteceu e está acontecendo no nosso país.

No Brasil, qual foi o primeiro grande líder intelectual que começou a defender os negros? Foi Joaquim Nabuco, um grande estadista por sinal. Agora, depois de Joaquim Nabuco, a gente conta nos dedos outros grandes progressistas que auxiliaram na luta do povo negro brasileiro. Nos dias de hoje, são pouquíssimos também. Aí, entra a questão do comodismo da nossa sociedade e de boa parte da comunidade negra. Só uma pequena parcela que, nos momentos cabíveis, mostra a sua cara e diz:

— Estamos aqui. Precisamos mudar isso e ser vistos como uma sociedade igualitária de fato.

Não à toa, muitos projetos que estão no Congresso Nacional e nas Câmaras Municipais estão solicitando a participação de 20 ou 30% do negro na mídia, na propaganda...

Por que isso? Porque, de fato, só quem é negro sabe o terror psicológico que se passa quando adentra, por exemplo, em um restaurante de médio porte. Ou, então, quando está em um departamento ou em nossa sala e um gerente de uma outra empresa vem nos visitar e nos olha do outro lado da mesa. A gente olha nos olhos dele e sente o impacto: “Poxa! O cara é negro.”, deve pensar ele. Só quem é negro percebe isso!

Tem um fato de ordem pessoal que eu gostaria de relatar aqui. Eu sou filho de pai negro, neto de avó negra e bisneto de negro escravo. Isso por parte de pai. Por parte de mãe, sou filho de uma mulher branca, que é filha de português. E a minha mãe sempre dizia o seguinte:

— Olha, filho, você tem que mostrar o que é pelo teu conhecimento e pela luta dos seus pais pra que você fosse o que você é.

E eu só fui entender esses posicionamentos da minha mãe quando acontecia algum fato em que as pessoas falavam pra ela:

— Poxa, ele é adotado?... Nossa, mas é teu filho?

Então, toda vez que acontecia uma situação dessa, ela sempre mencionava aquilo... Isso mostrava pra mim que a sociedade que eu estava inserido não tinha avançado nesse quesito. E isso porque já se passou mais de vinte anos! Ainda hoje, vejo que muitos setores da nossa sociedade ainda não avançaram.

Por isso que eu, particularmente, defendo a política de cotas para as empresas estatais e multinacionais. Acho que isso vai combater, de certa maneira, não só o preconceito, mas fazer com que as pessoas se acostumem que elas vivem em uma sociedade pluralista, em que várias etnias contribuíram para aquela cultura: italianos, alemães, eslováquios, japoneses, coreanos, bolivianos, angolanos, nigerianos... Ou seja, fazer com que as pessoas entendam que estão inseridas em uma megalópole chamada São Paulo. É uma sociedade que tem, por necessidade, de ser pluralista. Entendeu?

Sobre a questão da torcida, você poderia me perguntar assim:

— Minduín, há algum tipo de preconceito, em relação ao negro na torcida em si?

Eu responderia essa pergunta da seguinte maneira:

— Enquanto o negro está junto com outras pessoas pra torcer, ver o clube e viajar pra ver o clube, é uma coisa. Agora, a partir do momento que ele é levado a ser apresentado para a família, eu diria que não é 100% salutar, não.

E isso é fruto desse processo todo que eu te mencionei anteriormente. As pessoas precisam se acostumar que o negro é diferente: a sua maneira de andar, de se vestir, a sua postura enquanto pessoa, enquanto indivíduo... Ele é mais despojado, fala mais alto, gosta de estar com agrupamento e outros artifícios que ele se utiliza. Ou seja, o negro é o diferente!

Cada um recebe uma carga cultural diferente. Dos europeus, pelo menos na minha opinião, o italiano é uma das descendências que mais se atrelam à raça negra. Afinal, ele gosta de estar junto com a família, de jantar ou almoçar junto, passar o final de semana com a família, de falar alto, de ouvir música também... Pelo que eu vejo aqui em São Paulo, é assim: tem muita similaridade quando um conhece o outro. Na maioria das vezes, dependendo da região da Itália que essa família saiu, se cria uma sinergia fantástica. As famílias se conhecem, se interagem, se entendem. Em boa parte das vezes, até mesmo casam seus filhos entre si, né?!

Isso aconteceu no Bexiga, na Bela Vista... E teve uma sinergia e uma certa fusão com a cultura negra. Hoje, a gente vê ali a escola de samba em que em um dado momento o presidente é branco, em outro a diretoria é branca. Lá, tem uma escola de samba muito diversificada, em que negros e brancos se interagem, se namoram, se casam e não querem nem saber da sua descendência, da onde veio e pra onde vai. Tudo isso é um processo e faz parte do quê? Do conhecer o próximo e de dar espaço para o diferente.

Eu diria que a cultura negra, tão latente no nosso país, tem se estendido para todos os cantos do nosso país. Hoje, se a gente vai para o sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina ou Paraná, dificilmente em uma danceteria não vão tocar um pagode ou um samba. A mesma coisa no nordeste e na região norte do Brasil. Agora, a mídia e os meios de comunicação têm que fazer a sua parte. E isso, eu falo pra você com todas as letras, não estão fazendo. Não sei por que raios! Acho que é de uma ignorância tamanha porque o negro consome e dá dinheiro. O samba, o pagode, o funk, o *hip hop*, o axé, a Timbalada, tudo isso veio de que berço? E onde está e o que traz o carnaval baiano? Quantos milhões de pessoas participam do carnaval paulistano e do Rio de Janeiro? E as micaretas também? Vai montar uma micareta sem o axé e a Timbalada pra você ver o que acontece...

Nós tivemos um fato inusitado no *Skol Beats*. Os caras fizeram lá um primeiro evento e resolveram colocar só música *techno* e *underground*. A festa não durou sete horas, quando era pra durar vinte e quatro. Não durou porque chegou um momento que o pessoal já estava

louco de cerveja e de outras coisas mais, e não aguentava mais aquele barulho do *putz putz* no ouvido. Já no outro *Skol Beats*, mesclaram e deixaram a micareta e a Timbalada por último, que foi o que segurou a festa mais de vinte e quatro horas. Isso por quê? Porque tá enraizado no sangue do brasileiro! A gente assimilou essa cultura e se vê sambando e batucando alguma coisa. Agora, falta a gente ver que o camarada que trouxe a capoeira para o Brasil e que está difundindo ela por aí afora veio de uma realidade diferente, passa por muitas dificuldades e precisa ser inserido nessa nossa sociedade.

Eu diria que nós temos um caminho muito looongo... E acho que as torcidas organizadas podem, e muito, contribuir para isso através das arquibancadas. Daí, dizer que o preconceito não está entre os torcedores ou nas arquibancadas é uma balela! Afinal, os torcedores fazem parte dessa nossa sociedade. O preconceito pode não estar inserido nos noventa minutos. Durante o jogo, a gente abraça, beija, festeja... Agora, depois dos noventa minutos, meu querido, a rotina volta a ser a mesma, tá certo?! Se o camarada não estiver atento ao que está acontecendo ao redor, você pode ter plena certeza de que ele acaba ficando na berlinda.

Isso não significa que a gente não tenha grandes amizades a partir das torcidas organizadas. Pelo contrário, é óbvio que se tem. Da mesma maneira que se tem a inserção em diversas famílias de classes sociais diferentes. Quando se tem essa inserção, a gente tem que entender que é a quebra de um paradigma. Volto a dizer: aquele jovem de classe média que se adentra nos Gaviões da Fiel é reeducado e recebe um outro tipo de concepção de sociedade, em que, nesta entidade, não há divisão de classe e nem quem tem mais ou menos dinheiro. O que está posto ali é a igualdade de todos. Então, esse jovem quebra o paradigma quando leva uma pessoa da periferia, da favela ou da comunidade para dentro do seu lar.

Agora, isso não quer dizer que, dentro deste lar, ele não vai enfrentar o problema. Talvez, depois de adentrar nos Gaviões, esse jovem perceba que o pai ou a mãe dele são preconceituosos. Às vezes, não é do ponto de vista racial, mas do econômico. O pai dele pode lhe dizer:

— Como você pode trazer um cara que não faz parte do nosso *métier* pra dentro da nossa casa?

Talvez, ele até consiga resolver o problema no seu lar.

E vice versa! É provável que esse jovem de classe média seja levado pra periferia. Obviamente, ele tem um outro estereótipo: se veste diferente, a pele é branca, o olho é claro, o cabelo é liso... Ou seja, ele é um ser diferente dentro dessa comunidade. E, aí, quem mora lá e o leva pra lá vai ter que explicar também o porquê que esse jovem está ali:

— O cara tá com a gente! É gente da gente... Ele se compadece dessa nossa situação. O cara também não concorda e digo mais: é fiel às nossas ideologias e aos nossos valores.

Então, eu diria pra você que nós estamos dentro de uma sociedade que está em disputa... É necessário que a gente se desperte para isso. Volto a mencionar: qual é a grande ferramenta pra fazer com que isso mude de fato na cabeça do brasileiro? Eu tenho a plena certeza de que é a mídia. Basta a gente dar uma analisada na maneira como são feitos os nossos programas televisivos, esportivos... Como são feitas as entrevistas com os jogadores? São induzidas! Como eles são vistos?... Tem uma outra questão que coloquei em um determinado seminário: quais são os valores do esporte que a grande mídia tem passado pra nossa sociedade? E as respostas me surpreenderam! Ascensão financeira, divulgação das marcas... Sabe?! E a questão primordial da interação, da sinergia entre as raças e culturas não foi mencionada! O esporte é uma ferramenta para isso. Assim como deve ensinar a competição saudável entre os atletas, o companheirismo, a disciplina... Esses são alguns dos valores fundamentais que o esporte pode promover pra nação como um todo.

Infelizmente, no nosso país, só alguns segmentos que se destacam. Espero que, em um futuro próximo, a gente possa ter uma torcida que pense não só no clube, mas também nas questões que estão fora do clube, problemas que são de toda a nossa sociedade. Espero que a torcida tenha liberdade de expressão nas arquibancadas, que é algo que falta também. E uma torcida que possa sempre que possível mudar a mentalidade dos jovens. Acho que é mais ou menos isso que posso estar contribuindo com a tua pessoa. É mais ou menos isso o que eu penso da sociedade brasileira, de uma torcida de modo geral e do negro. Aliás, o negro, às vezes, tem vergonha de falar:

— Eu sou negro.

Ou, então, são as pessoas que têm vergonha de falar:

— Pô, como que ele é? – pergunta alguém.

— Ah, é um moreninho assim.

Não! Como assim “moreninho”? Moreno que eu entendo são pessoas como você, por exemplo. Na Argentina, no Chile ou na Europa, moreno é uma pessoa da sua cor, e eu sou considerado negro. Nos Estados Unidos, também sou. O Barack Obama é mais claro do que eu, mas é considerado negro... Inclusive, outro fato inusitado que um professor de Economia falou uma vez em um debate foi como os negros norte-americanos afetaram a economia quando fizeram o boicote a algumas marcas. Esse professor da França falou o seguinte:

— Olha, até a família do jovem presidente negro Bill Clinton aderiu a essa luta.

Aí, todo mundo se espantou:

— Pô, o cara está louco, né?! O Bill Clinton, um branquelão de olho azul e tal, negro? Acho que ele se enganou. – a gente comentou.

Terminado o seminário, os alunos foram perguntar isso pra ele, e eu estava doido pra ouvir a resposta:

— Poxa, professor, você falou “jovem presidente negro”, mas o Bill Clinton é branco, pô! Não é negro!

— Você sabia que o Bill Clinton lá nos Estados Unidos é considerado negro por conta do bisavô dele que era negro? – respondeu o professor com uma pergunta.

Todo mundo se espantou novamente:

— Que é isso, professor! Que loucura!

— Não. Nos Estados Unidos, uma pessoa é considerada negra pela sua árvore genealógica.

Depois disso, pensei: “Caramba! Olha como cada sociedade visualiza essa questão.”. Aqui no Brasil, é necessária uma reeducação. A gente não está aqui só pra servir. Uma sociedade que tem esse tipo de comportamento ainda não está preparada para o crescimento. Por mais que os veículos de comunicação e que as instituições econômicas digam o contrário, o Brasil é um país, de fato, do futuro. É pré-sal, minério, biodiesel... É a USP se colocando entre as cento e cinquenta melhores universidades do mundo. Tudo isso é uma maravilha, mas, se a nossa sociedade não for vista como um todo, e não dividida, a gente vai sofrer muitas coisas lá na frente a nível de competição.

Se formos olhar para os Estados Unidos de novo, veremos que eles viveram em um *apartheid*, vamos dizer assim, até os anos 60. Só cresceram depois que os direitos civis foram respeitados. Se criou lá uma sociedade dividida em que brancos não gostam de negros e vice

versa? Se criou. Há bairros de negros e há bairros de brancos? Há. Porém, sendo pobre ou sendo rico, o negro tem escolas boas para os seus filhos. Ou seja, lá se tem condições igualitárias.

Criança é a coisa mais fantástica na face da terra! Ela é de uma pureza... O adulto que a induz a se separar, né? Em uma ocasião em que estive na Argentina e outra na Suíça, eu fui levado a instituições de adolescentes. Obviamente, a probabilidade de encontrar um negro por lá era quase nula, a não ser que fosse refugiado. Ao adentrar a sala de aula, não fui visto como diferente, mas como uma novidade. Tive uma ótima interação com aquelas crianças, assim como elas tiveram comigo. Depois, percebi que esses países, de certa maneira, preparam as pessoas não para serem preconceituosas, mas para ficarem inibidas com o diferente. Esse fenômeno é muito estranho! Basta a gente ver, por exemplo, que, na fase adulta, os suíços repudiam o refugiado da Turquia, da África e tal, e já veem com outros olhos. Aqui na Argentina, está tendo um movimento pesado de ver o refugiado como algo à parte da sociedade, tipo:

— Eles não nos pertencem. Não queremos aqui!

Ou seja, quem induz a isso se não os meios que controlam a comunicação dessa sociedade? Resta-nos torcer pra que mais jovens progressistas estejam inseridos na mídia. Ouça bem o que eu vou te dizer porque daqui a uns trinta anos você vai se lembrar disso: de fato, nós só vamos ser um país de primeiro mundo quando essas pequenas coisas se dissiparem. O que eu quero dizer com “pequenas coisas”? Quero dizer que a sociedade deve deixar de ver o negro de uma forma diferenciada, inferior. Porque todas as etnias têm a acrescentar à sociedade brasileira. Agora, quem vai mudar isso? A nossa parte é reivindicar, protestar. Só quem está na “crista da onda” pra modificar essas questões é que pode falar o “sim” ou o “não”. Tem alguma outra bandeira que a gente pode aderir para que esses mecanismos se dissolvam? Como é que eu vou chegar para a comunidade negra e falar pra ela deixar de ver novela, de ver futebol ou de participar dos Gaviões? A gente está inserido em tudo, porra! Só não estamos inseridos nos meios de comunicação como deveria.

Aliás, agora estão lançando um filme interessante, o *Besouro*, que fala do grande capoeirista baiano. Achei fantástica a iniciativa do cineasta porque teve uma sacada. Afinal, os japoneses difundiram toda a sua cultura através do Kung Fu, do Bruce Lee e do raio que o parta. Os norte-americanos difundiram todo o poderio bélico, a força e a inteligência do

homem branco através dos filmes de guerra e dos super-heróis. A Argentina fez o mesmo com a Mafalda. E o nosso país? Você já parou para pensar nisso aí?... Pô, a gente não tem um herói nacional, um personagem de projeção mundial mesmo! Nós temos uma série de heróis nacionais, mas não temos um cara que o estrangeiro bate o olho e pensa no Brasil. Não é do caramba isso?

O estrangeiro vem pra cá para quê? Vem pra fazer o turismo das nossas belezas naturais e também o da pobreza, tirando umas fotos e tal. Só que ele não acha alguém que represente o nosso país. Tá bom que a gente tenha o Pelé, que é fantástico, uma maravilha no futebol e não sei quê. Mas, e a nível mesmo de mostrar a riqueza intelectual e cultural do Brasil?... Talvez, agora com o Lula, mesmo ele não tendo curso superior. No nordeste, eu tenho certeza absoluta que ele vai virar um santo brasileiro.

Falando em Pelé, eu acredito que ele tenha um montante financeiro que dá pra montar um canal de rádio e de televisão. Assim, poderia contribuir muito mais! Poderia usar o espaço que tem e fazer um enfrentamento mais direto. Acho que, na concepção dele, o simples fato de ele ser negro, já está contribuindo para a luta racial. Pra mim, ele optou por um outro caminho e comprou a ideia da elite dominante que acha que não vale a pena lutar pelos negros porque não têm consciência. Acreditam naquela velha história de jogar lavagem aos porcos, não é? Ou seja, acham que os negros não vão entender o que eles falam ou a sua linha de raciocínio porque não têm base para isso. É uma pessoa que, de certa maneira, apoiou a Ditadura. Na cabeça dele, deve pensar: “Tirei a minha família da pobreza e sou visto como o maior jogador de todos os tempos. E sou negro. Bom, a minha contribuição está aí.”. Conseguiram vender esse “peixe” pro cara!

Tiveram outros jogadores negros que adotaram na época uma postura diferente da dele. Se o Pelé fizesse o que eu estou te dizendo, poderia ficar para a eternidade, assim como os grandes ídolos: Jesus, Gandhi, Mandela, Madre Tereza de Caicutá, Martin Luther King... Essas são pessoas que viveram um período, mas deixaram uma obra para a eternidade. Da maneira que ele optou, apenas vai viver e passar. Será lembrado como o maior jogador do século XX. Só que, no século XXI e XXII, terão outros iguais a ele. Agora, te pergunto: quem foi a pessoa que pregou a ideologia da não violência?... Você está entendendo o que estou dizendo? Nós vivemos em constante metamorfose. Quem escolhe como se viver e o tipo de

legado que se quer deixar somos nós mesmos! Na questão racial, acho que o Pelé assumiu uma posição mais amena do que poderia...

Toda conquista é fruto de uma luta. Acho que teve alguns avanços nesse quesito, mas eles precisam ser intensificados. Há muito a se caminhar, discutir e andar... E são pessoas, como você e como eu que, obviamente, estarão ocupando espaços – oxalá, que sejam estratégicos! – dentro da nossa sociedade pra mudar isso.

*

Poxa, estou falando há um tempão e nem me apresentei direito. O pessoal me conhece por Minduín, Minduca ou Mindu, mas meu nome é Alex Sandro Gomes. Nasci no mesmo dia que o Elvis Presley morreu, 16 de agosto de 77. Dentro dos costumes da nossa cultura, pertencço ao signo de Leão. Meu nome tem origem grega e significa Deus da Guerra... Vim de uma família de classe média baixa. O meu pai era mestre de obras e minha mãe, cozinheira. Tenho oito irmãos, dois falecidos. Sou casado com uma mulher negra e tenho uma filha.

Fui bancário, mas hoje estou no Conselho da CUT, Central Única dos Trabalhadores. Sou assessor parlamentar na área de estudos econômicos de um vereador e de um deputado estadual aqui na cidade de São Paulo. Sou também militante de movimentos sociais e adepto da luta pela reforma agrária. Ou seja, eu me classifico como um humanista de fato porque o Minduín quer ver essa nossa sociedade brasileira *cambiada*, como os argentinos falam, ou modificada, transformada... Oxalá, que os estudantes possam estar lutando dessa mesma maneira, com esse mesmo ímpeto, né?!

Sou estudante de Economia pela PUC São Paulo, onde curso o terceiro ano, e estou transferindo agora o meu curso de História para o de Sociologia na FESP, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Taí uma paixão minha: estudar. Só sinto por não ter tanto tempo pra isso como gostaria. Tenho 32 anos e o meu objetivo é, um dia, representar o nosso país. Mais especificamente: estar no Itamaraty e ser embaixador... Domino uma língua, a espanhola, e, por cinco vezes, tive a experiência de ir na Argentina participar de seminários voltados para a questão da violência entre as torcidas organizadas do Brasil. Na Suíça e no sul da Alemanha, fui pelo mesmo motivo por uma única vez.

Aqui no nosso país, por conta da minha atuação, me tornei uma referência dentro das torcidas organizadas. No Corinthians, pelo meu posicionamento enquanto torcedor organizado e associado do clube, também sou uma referência por defender um futebol mais popular e uma democracia mais ampla dentro do clube, e por visualizar o espaço da arquibancada como um meio de entretenimento da massa trabalhadora... A minha influência pelo Corinthians, obviamente, veio da minha família: mãe, pai e irmãos. Mas, também pelo fato do time ter sido fundado por trabalhadores operários e ser um dos primeiros a abrir espaço para jogadores negros e pessoas de outras etnias e religiões, como os judeus e árabes por exemplo. Não à toa, se fala muito que é o time do povo. O que seria do Corinthians se não se abrisse a todas essas pessoas de diferentes origens que estão inseridas na sociedade paulistana? Então, a história do time também me chamou muito a atenção.

Fui para os Gaviões da Fiel justamente pela energia que a torcida sempre demonstrou durante os noventa minutos. Enquanto o time está dentro do campo jogando, a torcida está na arquibancada apoiando. Eu diria que ser Gavião não é ser mais corinthiano, mas ser um extremado incentivador de uma paixão chamada Corinthians. Isso que me fez adentrar e participar na entidade. De fato, me tornei um Gavião, ou seja, luto com unhas e dentes pelas cores do Sport Club Corinthians Paulista... O meu pai, particularmente, não gostava dos Gaviões da Fiel. Ele sempre gostou muito de uma torcida que não existe mais, a Torcida da Curvinha, que há muito tempo não se vê mais a faixa dela lá no Pacaembu. A minha esposa não me acompanha por não gostar de futebol e dos Gaviões. Ela acha que a minha participação em tudo isso traz mais problemas para a minha vida do que coisas boas. E tem o fato, também, de demandar tempo, já que, ao invés de estar com a família, estou nos Gaviões ou no clube... Mas, não é por isso que vou deixar de ser Gavião e de lutar pelo Corinthians e por uma sociedade melhor.

*

Na nossa sociedade, eu diria que temos dois tipos de preconceito: o econômico e o racial. O econômico, dentro de uma cidade como São Paulo, é mais presente do que a questão racial. Por quê? Se você tem um negro jogador de futebol que ganha mais que 300, 500 mil ou um milhão de reais por ano, ele deixa de ser negro e passa a pertencer à elite. Exemplos,

temos aos milhares! É só a gente pegar o Ronaldo, o Ronaldinho, o Robinho, o Adriano, o Vagner Love... Por terem dinheiro, esses caras não sofrem preconceito nenhum! Eles adentram ou são convidados a entrar em qualquer restaurante da nossa cidade. Qualquer família abastada gostaria que a sua filha casasse com um homem como eles. Se vai ter filho, neto ou bisneto de negro, pouco importa! O que importa mais é o que cai na conta desses jogadores. Esse é um tipo de preconceito.

Já em algumas comunidades no sul do país, o preconceito racial é mais pesado. Por conta do quê? Pelo menos na minha avaliação, por conta da educação ou reeducação daquela comunidade que se instalou no sul e que veio lá da Europa. A partir do momento que eles tivessem uma mídia ou um veículo de comunicação que prestasse uma assessoria pra quem está vindo pro Brasil, você poderia ter a plena certeza que o preconceito ia passar despercebido. Até porque também, o camarada, que é descendente de italiano, alemão, suíço ou o que for, veio pra cá por conta das dificuldades que sofreu durante a Primeira ou a Segunda Guerra no seu país de origem.

Tem uma outra coisa: esses imigrantes, que são preconceituosos aqui na interação com outras etnias, sofreriam também preconceito se voltassem para os seus países de origem. Não é? Amigos meus já me falaram isso:

— Sou descendente de italiano, mas fui pra Itália e lá fui hostilizado. Me chamaram de “brasileiro de merda” e tal... Sou descendente de alemão e fui estudar lá na Alemanha e me xingaram de “brasileiros de merda” e não sei quê...

Ou seja, quando um cara menciona isso, ele se vê como um descendente de europeu dentro da nossa sociedade, mas, fora, não se vê como renegado na sua cultura de origem. Só que no seu país, ele é visto como brasileiro e ponto! Pode ter a cutis mais clara do mundo, o olho mais azul e o cabelo mais liso que seja. É brasileiro e não pertence a casta deles! Tá certo?

Agora, a mídia faz um esforço para esse camarada entender isso? Não faz. A mídia seria o grande chamariz pra que houvesse uma interação entre essas etnias de um país com dimensões continentais? Seria, mas não é isso que acontece. A gente tem uma sociedade totalmente amena, que é tocada por uma ideologia conservadora e que só mostra o belo e não a nossa própria realidade. Então, é muito controverso quando se fala do preconceito racial no nosso país. Um camarada me fala:

— Não, eu não sou racista.

Porém, se um namorado se adentrar dentro do lar com uma negra de cabelo pixaim ou carapinha, você pode ter a plena certeza que a família vai ser simpática, falar “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite”, “vamos almoçar” e tal, mas, em uma conversa a sós com filho, vai tocar na questão econômica e na racial. Se fosse uma modelo negra maravilhosa, ia dizer:

— Opa, ótimo!

E vice versa. Com uma menina, loirinha, maravilhosa, de dentes branquinhos, olhos azuis, cabelo liso e um corpo maravilhoso, ia acontecer a mesma coisa. Só que o gosto dela é o quê? Não é o jovem branco de olhos azuis. É o jovem negro, careca ou *black power*, que anda diferente, que fala alto e tal... Na hora que ela for apresenta-lo à família... opa! Em uma conversa a sós, ela ter uma recepção negativa, principalmente se esse negro não tiver posses financeiras ou não for alguém da mídia ou badalado pela mídia.

Então, a gente vive uma hipocrisia, em que a imprensa é a grande indutora dessa hipocrisia e desse preconceito... Eu diria que uma das coisas mais insensatas do ser humano é não saber conviver com o diferente. Não pelo fato de ser negro, mas pelo de ser humano, né?! Não consigo entender isso... não consigo entender mesmo.

Eu me relacionei com várias mulheres brancas e houve casos em que a família se contrapôs ao namoro por conta da minha cor. Agora, sempre, da mesma forma, a família me recebeu de uma maneira totalmente educada. Conversei com o pai, com a mãe, falei dos seus sonhos, onde atuo, da minha família, das minhas raízes, do que eu gosto, do time que sou apaixonado, enfim, interagi e me apresentei à família. Aí, passando-se dias, a moça de repente não ligava mais ou, se ligava, falava:

— A gente precisa conversar e tal...

Quando começava a conversa, era um choro daqui, outro choro dali até que eu sabia o motivo:

— Poxa... de uma forma tão ruim, eu descobri que o meu pai – ou mãe – é preconceituoso.

É o que falei pra você: isso tudo é um processo de reeducação... Se a gente for olhar para a sociedade indiana, vai ver que é dividida por castas. Quando olhamos o povo indiano, achamos que tudo é indiano. Só que, entre os caras, não. Tem a primeira casta, a segunda, a terceira e tal. Entre elas, as pessoas sequer se conversam, se cumprimentam... Se a gente for

ver, por exemplo, o Afeganistão ou o próprio Iraque, há duas etnias em que eles se identificam pela feição do nariz: o que tem nariz fino é considerado nobre e o que tem nariz achatado, inferior. Um filme que, inclusive, ressaltava isso é *O Caçador de Pipas*.

Enfim, já na sociedade brasileira, qual o estereótipo físico que faz com que o camarada sintam repúdio pelo outro? QUAL?... Nenhum porque aqui a gente tem: branco com nariz fino, branco com nariz achatado, branco com cabelo escorrido, branco com cabelo crespo, negro com cabelo crespo, negro com cabelo liso, negro com nariz fino, negro com nariz achatado... Ou seja, não dá liga! Há comunidades que têm um estereótipo marcado, mas elas não são o todo. Essas comunidades têm que se inserir na sociedade e se moldar perante ela, e não o inverso. Isso é ilógico, inconcebível! E quem faz essa mecanização, vamos dizer assim, se não os meios de comunicação? Quem reproduz essa questão?...

No meio político, quais as grandes lideranças negras que nós temos, hoje, no Congresso Nacional?... Na política paulistana, seja partido de esquerda ou de direita?... E não é que o negro não se interessa pela política. Lógico que se interessa! Agora, a mesma engenharia que está posta na nossa sociedade, está posta dentro dos partidos. Ou seja, o negro serve para ser um cabo eleitoral, ser isso e ser aquilo, mas, para ocupar os postos-chaves que compõem as empresas estatais, aí o buraco é um pouco mais embaixo. Quando se tem a necessidade de se criar uma Secretaria para cuidar das questões raciais, é porque algo não está correto dentro dessa nossa sociedade, algo tem que ser forçado, pressionado. Entendeu?

Outra questão importante de ser discutida é a seguinte: o negro tem que fazer um esforço muito forte pra não ser preconceituoso. Nós temos um problema de reeducação dentro da nossa sociedade. Nem todo branco é preconceituoso, mas todo branco precisa ser reeducado a não ser preconceituoso, tá certo?! Essa é uma questão para qual, acredito, serão necessários muitos anos para ser modificada... Apesar de que tem um fato na nossa sociedade que infelizmente é um mau hábito: tudo que acontece lá fora repercute aqui dentro. Você poderia me perguntar:

— Minduín, você acha que o Brasil vai entrar numa onda Obama?

— Eu acho que não. Pra chegarmos nesse nível, levaremos um tempo. Só que acho que o Obama é um símbolo pra uma nação como a nossa que visualiza o negro sempre numa posição inferior e nunca de liderança.

Não falo isso por incompetência, não é isso. É hábito! Sabe? Se a gente chegar num banco, uma pessoa vai falar assim:

— Puta, você viu o gerente? Ele é negro, cara!

Se for em um sindicato:

— Ô, sabe esse negão aí? O cara é diretor e tal...

Em uma universidade:

— Sabe o Milton Santos? O cara era mestre, doutor, isso e aquilo... O negrão era foda, hein meu?!

Por que não falar dos brancos no mesmo tom? Poderíamos falar do Paulo Freire, do Caio Prado Júnior ou do Florestan Fernandes desta maneira também:

— Puta, o brancão era foda, hein cara?!

Todos eles foram pessoas que pensaram a nossa sociedade da maneira que eu estou dizendo pra você. Se a gente não lutar para que se mude essa concepção, o nosso país não será o país do futuro, do desenvolvimento. Vai sempre ficar ali na berlinda, engatinhando para tal, mas não será... As empresas, na maioria, estão fazendo a sua parte ao aderir esses programas de ações afirmativas. Mas, a mídia – eu vou bater até o final nessa tecla – é a grande vilã da história.

*

Mudando um pouco de assunto, você, que é lá de Campinas, deve saber que o derby entre Guarani e Ponte é um dos jogos mais violentos de São Paulo. Aquilo é pesado mesmo! Já assisti muitas partidas por lá... O que acontece no nosso país a nível de violência é brincadeira de criança, cara. Se a gente for comparar com outros países da América Latina ou da Europa, vai ver que a coisa aqui é feia. No Brasil, o que falta, na verdade, é uma política pública de diálogo com o torcedor organizado, e um trabalho de logística.

A outra questão é o valor de ingresso e o espaço dentro da arquibancada. No Campeonato Brasileiro, quem determina o valor do ingresso é o clube. Olha que absurdo! É um produto que eles estão oferecendo, cara. Não pode acontecer isso. Deveria ser pré-determinado: até as finais, R\$ 10,00; nas semifinais, R\$ 20,00; e, nas finais, R\$ 30,00. Isso, por exemplo, tinha que constar no Estatuto do Torcedor!

Na arquibancada, além da falta de estrutura para receber o torcedor ou o cliente, vamos dizer assim, não se tem banheiros adequados, bebedouros adequados, espaços determinados... A torcida não pode, também, sequer manifestar a paixão pelo seu clube através de bandeiras, faixas, fogos... Quando não se tem isso na arquibancada, a pessoa, obviamente, vai canalizar aquela energia para outros segmentos, outros fins. Puta que pariu! Pô, não precisa ser sociólogo, psicólogo, pedagogo ou estudioso da questão pra saber que, quando não se dá algo para o ser humano dentro de um segmento que ele está inserido, entretendo-o com aquilo ali, ele vai pensar em uma outra questão.

É só a gente pensar em uma empresa. Se um camarada chega às oito horas da manhã, trabalha, trabalha, trabalha, para uma hora para o almoço, e trabalha, trabalha, trabalha, você pode ter a plena certeza que essa empresa não vai crescer. Vai ficar estagnada porque ninguém vai pra lá simplesmente para exercer uma função. Tanto é que as grandes empresas já têm pensado no quê? Em um horário de sono, de exercício, de momento de lazer... Para isso, têm reduzido a jornada de trabalho, inclusive para que o trabalhador possa ter mais tempo com a sua família. As empresas têm tomado essa decisão porque sabem que, se o camarada está contente, a produção é melhor e maior, as ideias fluem de uma forma diferenciada.

Só que os caras não levam isso para o futebol! Por quê? Porque não tem necessidade... O que eles ganham com fechamento de contrato com empresa publicitária, o que a mídia ganha também com *merchandising*... Aliás, essa merda tinha que ser proibida no nosso país! O programa esportivo rolando, o jornalista falando de futebol e, de repente, vem alguém dizendo:

— Agora, meu amigo telespectador, eu tenho que falar pra você da Caninha Jamel. Caninha Jamel, a caninha que deixa você feliz!

Depois, eles mostram uns trinta jovens entrando no sopapo e dizem assim:

— Violência no futebol. Coisa absurda! Esses vândalos têm que ser punidos, tem que ser presos. É cadeia pra esses caras!

Agora, e a caninha? O que ela está causando para o pai de família? Qual é o tipo de violência que está causando dentro do seu lar?... Não é? Então, são valores, velho, que não vistos de formas igualitárias! Se fossem vistos, tudo bem. Em uma sociedade em que se quer viver de forma harmoniosa, um programa desse não poderia fazer propaganda voltada para o

uso do álcool e iria reeducar o jovem, mostrando que o esporte é para entretenimento e não para se gladiar.

Falta muita vontade política dos clubes em relação a isso. Hoje, as torcidas organizadas, ou boa parte delas, não pensam que podem ser instrumentos de transformação dessa nossa sociedade. Há um outro ponto: você imagina uma entidade como Gaviões da Fiel, com oitenta e dois mil associados, totalmente organizada, batendo na porta do Palácio do Governo do Estado de São Paulo e reivindicando melhores condições de educação, de moradia, de trabalho. Então, não vamos nem entrar nessas questões mais efervescentes da nossa sociedade, vamos ficar apenas naquelas que são “*light*”, como a reivindicação de melhores condições dentro dos estádios. Oitenta e duas mil pessoas preparadas pra matar ou pra morrer. Imagina tomar o Palácio. Puta que pariu! É tudo que o governo não quer...

Eu gostaria muito que as torcidas assumissem alguns papéis dos estudantes dentro das universidades. Não é que o fato de tomar uma reitoria vai resolver o problema. Não é isso! A questão está além. É de mostrar que:

— Pô, pera lá! Vocês administram, mas, aqui, nós ocupamos e colocamos a nossa reivindicação a hora que a gente quiser.

O mesmo vale para as empresas. Imagina ocupando uma diretoria:

— A gente não quer regalia. Só queremos trabalhar e vocês não nos demitam sem ter razão clara. Pô! Vocês estão lucrando durante cinco anos. No primeiro ano que reduz o teu lucro em 20%, vocês querem nos mandar embora? Vai para puta que pariu!

Você imagina se acontecesse isso com as torcidas também. Oxalá que fosse assim! Mas, infelizmente não é...

Por falar em violência, deixa eu falar um pouco da Polícia. Diria a você que não é a instituição que é ruim. São as pessoas que, infelizmente, se utilizam dessa instituição para uma prática que está no seu inconsciente. Quer dizer, o camarada enquanto civil é tranquilo, pacato e respeitador; enquanto policial, ele se vê com um poder de oprimir, humilhar e açoitar o diferente.

Agora, eu confesso a você o seguinte: respeito as leis e as instituições do nosso país, porém nunca fiquei à mercê quando sofri qualquer tipo de retaliação ou agressão por parte de um policial. Então, você poderia me perguntar:

— Minduín, você já sofreu algum tipo de agressão por parte de um policial?

— Sim, já sofri dentro e fora do estádio.

— E você reagiu?

— Sim, reagi e eu vou continuar reagindo sempre.

— Por quê?

— O problema não é um policial faltar com respeito verbal. Com desrespeito verbal, eu contra-argumento de uma maneira sutil, colocando a pessoa no lugar devido, mas sem desrespeitá-lo. O problema está na agressão física. Aí, o policial ultrapassa o espaço limite determinado pela minha pessoa. Então, a partir do momento que ele me agride, entendo que ele está me dando um espaço para que eu pague na mesma moeda aquela agressão que esteja sofrendo.

Você poderia me perguntar ainda:

— E, Minduín, você já foi preso por isso?

— Sim, já fui. E, se por ventura acontecer novamente, eu julgo que tenho um argumento plausível. Só agredi um servidor público porque também fui agredido. Ele está ali para me servir e me coibir caso eu esteja fazendo algum ato ilícito, mas não para me agredir.

Você está entendendo o que eu estou dizendo? Digo, Marcel, que eu tenho me esforçado para passar aos demais torcedores essa consciência. Acho que tem que haver um equilíbrio: o torcedor tem que respeitar o espaço do policial e ele tem que respeitar o da gente. Toda ação ruim do torcedor tem que ser combatida, analisada, estudada e planejada. Não se pode tratar o torcedor como se trata bicho, não é? E sou defensor de que para toda ação tem uma reação. Se a ação do policial for boa e benéfica, a reação do torcedor também será; se ela for ruim, a do torcedor será péssima.

Eu já fui parado na rua por ser visto como suspeito de algo, mas não sofri nenhum tipo de preconceito direto pelo fato de ser negro. Nem mesmo em palavras. Pelo menos, não me recordo de sofrer qualquer tipo de ofensa racial por um policial... É, não me ocorreu. Não sei se tive sorte... Até porque, em todas as vezes que fui parado, sempre fui muito tranquilo e nunca tratei o policial por “senhor” ou “senhora”, mas, sim, por “você”, “pois não” etc.. Eu também nunca falei assim:

— Olha, eu sou trabalhador, isso e aquilo.

Nunca mencionei esse tipo de questão. Sempre esperei as perguntas e sempre dei as respostas de maneira direta e curta. Sou muito tranquilo para me defender.

*

Já que a gente entrou de novo nessa questão do preconceito racial, eu te digo que certa vez um jogador de futebol muito conhecido, o Viola, me chamou de “macaco”. Devia ter uns 17 ou 18 anos. Estava passando o ônibus do Corinthians, vi o Viola na janela e gritei:

— Ô, Viola, e aí? – sabe aquela coisa de torcedor?

— Vai se foder, seu macaco! – respondeu me xingando.

Caramba! Eu fiquei sem reação... Comentei com os meus amigos e eles debocharam de mim por ter ido atrás dele. Fiquei encucado com aquilo. Cheguei em casa, contei pro meu pai também. Ele gostava do Viola porque fez aquele gol do Coringão em 88, de carrinho, em cima do Guarani. Depois, na seleção, quase fez um golaço naquele ataque monstruoso contra a Itália. Bom, falei pro meu pai e ele me disse:

— Não, não é possível. Você ouviu demais.

— Não, pai. Tenho certeza que ele me chamou de “macaco”. – reafirmei.

— Que filho da puta! Isso que acontece quando o cara ganha dinheiro, né?

E fiquei com aquilo na cabeça. Agora, fora essa vez... não me lembro. Dentro da torcida na arquibancada, muito pelo contrário. Apesar de que a arquibancada já está dividida por classes sociais, né?! No Pacaembu, dá para visualizar muito essa divisão: as numeradas coberta e descoberta ficam para a elite; a nossa arquibancada, para as organizadas e para classe mais baixa; o tobogã, a mesma coisa; as cadeiras laranjas, para a classe média... Teve uma vez que eu assisti nesse setor laranja, mas é outro estilo de torcedor. Dá para ver que o pessoal dali é mais abonado mesmo.

Assim, diretamente, nunca sofri nenhum tipo de preconceito. Mas, já ouvi de um torcedor – corinthiano, obviamente – coisas do tipo:

— Puta, que nego filho da puta! Macaco do caralho e tal... – xingando um jogador.

Ou seja, volta naquele ponto que eu te mencionei: aquilo está no inconsciente do camarada. Agora, entre duas pessoas, no *tête-à-tête*:

— E aí? Você é racista?

— Ah, eu não, pô! Você é louco? Imagina!

Já na arquibancada, estando com uma pessoa da mesma etnia... não sei. Ali, rola um pouquinho disso aí. De uma forma sutil, mas rola, sim.

Aqui no nosso país, cara, está acontecendo um processo com as torcidas do sul que tem me preocupado. Principalmente com a torcida do Grêmio que tomou uma postura de se ver diferente das demais torcidas e se vê enquanto porto-alegrense, descendente de europeu e tal... Essa torcida tem sofrido influência de diversos grupos de extrema direita mesmo, ligados ao nazismo, fascismo. Inclusive, eu vi uma reportagem um mês e meio atrás com um dos grandes líderes nazistas da atualidade do nosso país, que foi preso no caso e estava com a blusa da torcida do Grêmio. Essa mesma torcida assassinou faz três ou quatro meses um punk no meio da própria torcida.

Só que é aquilo: sabe aquela história de alimentar uma mentira? Vai alimentando, alimentando, alimentando até ela se tornar verdade? É o mesmo que está acontecendo com a torcida do Grêmio. Por quê? Porque os caras assimilaram toda a festa e todo o estereótipo do torcedor argentino e trouxeram para as arquibancadas de Porto Alegre. E outras torcidas, obviamente, vão reproduzir isso aí!

Agora, os caras não analisaram alguns fatores. Primeiro, a forma como Porto Alegre foi colonizado; como a cidade foi desenvolvida; a contribuição das diversas etnias; a descendência dos argentinos. Esses torcedores do Grêmio copiaram a sua maneira de se expressar na arquibancada, mas não perceberam que, genealogicamente, os argentinos são descendentes de índios em grande parte. Eles mesmos, por falta também de consciência e de conhecimento, falam nas arquibancadas deles insultos racistas contra bolivianos, paraguaios e, até mesmo, uruguaios. No mundo, os argentinos são periféricos também!

E digo mais: um torcedor do Grêmio pode até mencionar que é descendente de alemão, de italiano ou da puta que pariu, mas, se ele for lá pra Alemanha ou pra Itália, não vai ser visto enquanto filho de alemão ou de italiano. Ele vai ser visto da mesma maneira como um brasileiro descendente de japonês lá no Japão, ou seja, como um traidor, um cara que fugiu da guerra, que abandonou a nação. Vai ser visto como brasileiro, independente de ter a cutis mais clara da face do planeta. O registro está na documentação dele! Se não estiver dentro de uma comunidade brasileira lá na Europa, dificilmente vai ser aceito por alguma outra comunidade que seja oriunda do próprio país.

Quer dizer, é muita falta de conhecimento real da onde o cara vive! A torcida do Grêmio está alimentando uma mentira que está se tornando uma verdade na cabeça de muitas pessoas. Eu temo que isso possa se estender para outras regiões do país. É um risco! Se isso se estender por Santa Catarina e Paraná, pode se criar um cordão em que se utiliza a arquibancada para praticar falas xenofóbicas, homofóbicas, fascistas e nazistas. Em Porto Alegre, já tem esse tipo de movimento há muito tempo. Eles lançaram uma vez um movimento separatista. Algumas comunidades acham que não são brasileiras e, sim, que são de fato italianas, alemãs e tal. Outras sequer falam o português...

Esses movimentos precisam ter um espaço para divulgar as suas ideologias. Onde que eles podem encontrar uma quantidade exorbitante de pessoas para difundir rapidamente isso? Nas arquibancadas. Se nesse espaço as pessoas não tiverem discernimento e nem concepções da sua própria realidade, como acontece com os torcedores do Grêmio, é muito mais fácil de esses movimentos imporem as suas ideologias. Muito mais!

Este é um processo que está ocorrendo na Itália também. Só que lá já tem diversas divisões dentro da mesma torcida. A do Lazio é um exemplo disso. Os *Irriducibili* são extremamente fascistas! Em oposição a eles, uma outra torcida, que não me recordo o nome, foi criada há três anos, e se julga humanista, socialdemocrata. Ela está crescendo também. Essas duas torcidas já se enfrentaram diretamente... No Real Madrid, tem uma torcida que é extremamente fascista e outra, comunista. Por questões ideológicas, já teve enfrentamento até na arquibancada. O Livorno, da Itália, é um clube totalmente comunista: diretoria, jogadores, torcida...

Então, nos países europeus que são consolidados do ponto de vista do pensamento e das questões ideológicas, as pessoas têm lado. Mesmo de uma forma inconsciente, elas têm um posicionamento. Afinal, os pais ou os avós, no caso, passaram por um sistema comunista ou por um sistema de extrema direita. Por conta disso, não se tem muita novidade ideológica. Quando não se tem isso, tem o quê? O choque, a disputa, o confronto de ideias, que às vezes chega às vias de fato, como nas torcidas de um mesmo clube.

Agora, no Brasil, em que boa parte da nossa população infelizmente vê a política como um simples meio para as pessoas usufruírem, terem poder ou roubarem. Tem uma certa razão, mas, por outro lado, esse tipo de pensamento também facilita a incorporação de

ideologias extremadas como essas. Até porque, esta é uma sociedade que não sabe muito para onde vai ou o que defender. Aí, chega um camarada e fala:

— Você é descendente de italiano, cara. Corre nas tuas veias o sangue real, nobre. Nós somos diferentes. Somos detentores do conhecimento, da ciência. Tudo que está posto na Terra saiu das nossas origens, da Europa e tal...

A pessoa que está ouvindo começa a assimilar isto. E esta mentira começa a se tornar uma verdade na cabeça dela. No meio no qual ela convive, não tem um descendente de nordestino, um descendente de negro... Assim, fica mais fácil dessas ideologias entrarem, e, uma vez dentro, é difícil saírem.

Olhando para São Paulo, a gente vai ver que os *art-powers* quiseram se inserir enquanto movimento dentro de algumas torcidas. Só que o espaço deles foi automaticamente limitado! Aí, perceberam que, dentro das torcidas, não dá para se inserirem. Afinal, o que é que se encontra em uma torcida, principalmente aqui em São Paulo? Negros, descendentes de nordestinos e jovens de classe média e de classe média alta, que, de certa maneira, estão cansados do mundo no qual vivem todos os dias: condomínio fechado, etiquetas, molecada falando da importância de ter duas ou três línguas, falando de viagens para a Europa, para os Estados Unidos, roupas de marca... Alguns deles querem que se foda essa questão! Estão preocupados com o quê? Em ter o seu lazer, tomar a sua cerveja, se relacionar com vários tipos de pessoas e serem vistos como iguais. São valores diferentes do que eles estão acostumados. Por isso que eu acho que aqui é mais difícil dessas manifestações acontecerem.

Mesmo assim, gostaria de registrar sobre os *skinheads* do ABC. Que é uma das coisas mais absurdas! A pessoa se diz *skinhead*, mas não é capaz de analisar que o seu pai, no mínimo, é metalúrgico e trabalha na Volks, Ford, Caterpillar... Enfim, é um pai que estudou no SENAI, foi trabalhar numa dessas empresas, obteve um salário de classe média baixa e batalhou para ter uma casa e para dar uma condição melhor para os seus filhos. Mas, vamos supor que esse *skinhead* seja neto de italiano que chegou aqui em São Paulo na década de 20. Ele não pensa no que aconteceu na região da Itália onde seus familiares viveram para que o seu avô tivesse que vir pra cá junto com milhares de italianos. O cara não vê que vieram presos, pobres, miseráveis, doentes... Não veio a nata da Itália pra cá! Você tá sacando?

Se eu for na Angola hoje, não serei visto como descendente de angolano, mas, sim, como brasileiro. Vão me olhar com desconfiança mesmo sendo negro! Agora, o que me faz

ter orgulho de ser descendente de angolano e brasileiro? E o que faz um descendente de italiano e brasileiro ter orgulho disso?... Você percebe que não tem um motivo contundente que me faça ser diferente do cara? Dentro da nossa sociedade, não cabe isso. Não cabe! Falo isso não só pelo fato de ser negro, mas por não dar liga. O brasileiro pode ir para qualquer canto do planeta que vão perguntar:

— Você não samba pra gente ver? Faz uma caipirinha? Como que é a capoeira? A violência é muito grande no Brasil? E o futebol? Pelé, Ronaldinho e não sei quê...

Este é o estereótipo do brasileiro lá fora. Mesmo que não goste de alguma dessas coisas, nós vamos saber falar sobre tudo isso. Por quê? Porque tá inserido na gente! No meu caso, é mais fácil porque sou negro. Às vezes, converso sobre esses assuntos de cultura brasileira e de questão racial com alguns amigos brancos meus. Eles são seres humanos transparentes e que não têm tabu com relação à etnia. Pelo o que me disseram, até por terem tido essas oportunidades de ir para o exterior, é isso que os estrangeiros perguntaram a eles. Talvez, enquanto brasileiro e estando no nosso país, a gente não visualize isso.

E quem não deixa visualizar isso? É aí que eu quero chegar. É a nossa classe média que induz o povo a tantas coisas, assim como nas maiores revoluções que aconteceram no mundo. A Revolução Francesa é um exemplo disso. A nossa classe média, cara, tem um papel fundamental, mas só uma pequena parcela dela é progressista. Até por isso, é tachada de louca ou chata. Então, ao mesmo tempo que ela detém tanto conhecimento, é de uma ignorância tamanha...

Vamos ver onde isso vai dar, meu. Volto a mencionar: eu e você somos instrumentos para essa mudança. Porque a gente sabe o que acontece na nossa sociedade e tem que passar isso para as outras pessoas. Acho que seria muito frustrante uma pessoa do nosso gabarito passar a vida inteira sem influenciar outras pessoas. Nós não podemos nos dar a esse luxo! Não podemos levar todo esse conhecimento que está na nossa cachola para os confins da terra. Nós temos que ser indivíduos da história! Você que já fez História sabe disso.

*

Sabe, Marcel, agora que você falou um pouco de preconceito racial no futebol, eu lembrei de uma coisa. O irmão da minha esposa namora com a filha do Chulapa. O Serginho

Chulapa assumiu interinamente por várias vezes o comando do Santos por várias vezes, mas nunca teve a oportunidade de continuar como treinador. Adoro analisar a parte tática do futebol! Eu o vejo muito como se fosse uma guerra, em que o treinador tem que traçar estratégias para conseguir o objetivo. Então, se a gente for ver a última vez que o Chulapa assumiu interinamente o Santos, antes da vinda do Luxemburgo, dá pra ver que não tem diferença nenhuma da maneira como o Luxemburgo montou o time. Inclusive, as variações táticas adotadas pelo Luxemburgo durante uma partida são as mesmas. Ou seja, o Chulapa nunca teve oportunidade! E é visto como? Um cara bruto, ignorante... Não é isso, cara! Eu entendo que ele tem um jeito e esse jeito precisa ser respeitado. É como o meu cunhado fala:

— Poxa, ele conversa muito pouco. É o jeito dele! A gente tem que analisar o que ele passou lá atrás. Ninguém sabe da realidade que teve, dos tipos de privação que sofreu...

Tem certas coisas que uma pessoa como ele tem que se libertar, mas é no decorrer de uma série de fatores. Quantos e quantos problemas a gente carrega para o resto da vida porque aconteceu com a gente na infância! Não é? A gente tem que saber reconhecer o outro... É aquilo que eu te falei: na arquibancada, a gente vê um monte de negros, mas, dentro do clube, quantos negros nós temos? Quando falo “negros”, quero dizer negros que combatem e que se colocam como liderança para se tornarem dirigentes lá na frente... Tem: eu, o Tiquinho – um amigo meu dos Gaviões – e o André Negão, com quem nunca conversei, mas que dizem ser o “braço direito” do Andrés. Ou seja, não tem praticamente ninguém!

E ainda falo pra você: quando chega um jantar do clube, o pessoal que está sentado na mesma mesa já olha com estranhamento. Naqueles que eu participei – até porque às vezes o convite chega a R\$ 100,00 –, percebi que a minha presença causou um certo desconforto. Isso é uma coisa que não sei como a gente pode combater isso por dentro. Sinceramente, não sei. Quantos e quantos jantares eu dava duas ou três garfadas, via que algumas pessoas estavam me olhando de uma maneira como se não fosse para estar ali, e fingia que ia no banheiro para dar no pé.

Hoje, não faço mais isso. Quero que se foda! Ponho o guardanapo na gola da camisa, coloco o cotovelo em cima da mesa, converso com as pessoas sem me inibir... Sabe por quê? Aqueles que acham que não devia estar ali fazem coisas muito piores. Tenho que me preocupar com aquelas pessoas que também querem um clube e uma sociedade diferente. Não que seja o paladino da justiça... A gente não precisa convergir em todas as opiniões, mas,

naquilo que convergimos, podemos mudar muitas coisas pra melhor. Isso que é importante pra mim!

Eu sou cristão, mas não tenho uma igreja. Conheço diversas religiões e me dou bem com todas elas, desde umbanda até candomblé, quimbanda, espiritismo, judaísmo, islamismo, evangélica, católica... Não tenho religião, mas sou um cristão e um defensor assíduo dos ensinamentos do Nosso Senhor Jesus Cristo. Não tenho dúvida de que Ele foi um grande corinthiano!... É isso, cara. Acho que, a grosso modo, é mais ou menos isso que o Minduín tem pra falar.

2.6. REDE DOS JORNALISTAS

Valmir Jorge: “Sou um rádio com aquela pilha solar que não desliga nunca!”

A minha mãe veio de uma família mineira. O meu pai, eu não conheço até hoje. Sei que mora em Jundiaí, mas nunca o vi... Ele nunca me procurou. Tentei procurá-lo, mas, também, nunca tive sucesso... Fui criado em Dracena, no tempo que ainda tinha o trem que ia de São Paulo pra lá. Inclusive, passava em Campinas, na beira do campo da Ponte Preta. Costumo brincar às vezes com os caras:

— Pô, pra quem saiu de Dracena de trem e hoje consegue voltar pra lá de carro, já foi um grande progresso porque nem o trem tem mais.

Em Dracena, vivi até os meus 14 anos. Nesse período, cursei só até a quinta série por um problema assim meio que de justiça... É que eu fui criado por uma família de italianos... Sou de 61. Naquela época, ser mãe solteira era uma coisa complicada. A minha mãe engravidou e o meu pai deixou pra lá. O pai dela a expulsou de casa e ela teve que sair pelo mundo. Foi parar em Dracena e, lá, me deixou com uma família pra que tomassem conta de mim. Dali, a minha mãe desapareceu e foi cuidar da vida dela.

Só que tinha a questão jurídica, já que não tinha mãe nem pai. Até por medo, essa família precisava de uma autorização do juizado de menores pra tudo o que eu ia fazer. Então, até essa idade de 13, 14 anos, sempre fui Valmir Jorge. Eu não tinha sobrenome porque não fui registrado com o sobrenome da minha mãe e nem podia ter o sobrenome da minha família de criação por conta dessa questão aí complicada, né?!

Como disse, era uma família de italianos e, dentro dela, sempre o único negro fui eu. Então, cresci, desde pequeno, sabendo quem eu era, que não era da família e tal. Atualmente, uma situação dessa é mais tranquila, só que, naquela época, era muito complicado pra gente administrar... Hoje, tenho 48 anos, mas me lembro com clareza de passagens da minha vida com uns 4, 5 anos. Desde criança, sempre falavam:

— Ah! A mãe dele o largou e não sei que... É filho disso, filho daquilo e pêpêpê...

E assim foi... Em 75, a minha mãe apareceu do nada lá em Dracena, numa época em que eu até ia ser registrado pela família e ser adotado legalmente. Aí, o juiz não permitiu porque disse que a mãe sempre prevalecia e tal... Ela tinha e queria me registrar, só que ninguém me perguntava se eu queria ou não. Então, fui levado pra casa dela em São José dos Campos, onde fiquei apenas três dias e fugi, voltando pra Dracena. Bom, desde então até hoje, eu que cuido do meu nariz e sempre foi assim! Até porque, não queria ficar com a minha mãe e, também, já não podia legalmente ficar de novo com a minha família de criação. Senão, eles teriam um problema muito grande, poderiam ser processados e aquelas coisas...

Trabalhei na roça desde os 8 anos de idade. Colhi café, algodão, amendoim... Fiz de tudo! Quando voltei pra Dracena, não tinha onde morar. Tive que ficar ali e aqui, morando na casa dos outros... Não demorou muito e retornei a São José dos Campos ainda em 75. Lá, comecei a trabalhar em padaria. Fui padeiro até os 19 anos. Quando fiquei maior de idade, não havia mais problema nenhum e pude, enfim, morar novamente com a minha família de criação. Dracena é o lugar que eu gosto, né?!

Bom, foi indo até que, em 1980, apareceu o rádio na minha vida. Não tinha noção nenhuma, mas, como todo taurino que se preza, eu sou muito teimoso e cabeça dura às vezes... Sempre gostei de música, principalmente de música inglesa. Era autodidata mesmo, estudando inglês por conta, cantando músicas, aprendendo as pronúncias corretas... Naquele tempo, eu me lembro que trabalhava como servente de pedreiro junto com o meu irmão de criação mais velho... Uma vez, a gente tava fazendo a laje da casa de uma irmã minha ao som de um radião, que carregava pra cima e pra baixo. E ficava tipo corrigindo os caras, entendeu? Principalmente, no que dizia respeito a nomes de músicas internacionais. Naquela época, 79, 80, era um absurdo a pronúncia dos caras! Por exemplo, ao invés de pronunciarem *Beatles*, falavam na forma aportuguesada: Be-a-tles. Era normal ouvir isso... Ao invés de *Queen*, era Cuen:

— Agora com você: Cuen, *Lóvi ofe mai laiñi*.

Ficava puto da vida com isso! Reclamava tanto que um dia a minha irmã se aborreceu e me disse assim:

— Pô! Se você sabe e fica aí corrigindo os caras, por que não vai lá fazer no lugar deles?

— Eu vou. – respondi.

— Não vai!

— Vou!

— Duvido! – retrucou ela.

E, pra não voltar atrás, teimoso que sou, fui pedir emprego numa rádio. Nunca tinha entrado numa rádio, mas nem para pedir música! Era a Rádio Nova Dracena... Tem até hoje, mas é um absurdo o que aconteceu! As rádios tradicionais das cidades entraram em rede e, então, a Rádio Nova Dracena se tornou a Rádio Globo de Dracena, entendeu?! Só que eu, como sou da antiga, ainda chego lá:

— Pô! Vou lá na Nova Dracena.

E os caras falam:

— Não tem mais a Nova Dracena. Agora, é a Globo.

— Claro que tem! É o mesmo prédio, o mesmo pessoal...

Enfim, foi lá que eu comecei... como redator. Fui pedir emprego e o cara falou:

— Olha, locutor não tem vaga, mas eu tô precisando de um redator.

Respondi rápido:

— É o que eu sou mesmo. É redator.

— Ah! Então, tá bom. Fica aqui uma semana aprendento e tal...

Nesse período, o redator nas rádios do interior fazia o seguinte: pegava um gravadorzinho preto Aiko e o deixava do lado do radião Transglobe, o grandão. Quando entrava o noticiário da Guaíba de Porto Alegre, da Rádio Bandeirantes de São Paulo e o da Globo do Rio, gravava isso tudo. Era bem comum o *gillette press*! O redator anterior geralmente copiava as notícias, mas não achava tão legal. Comecei a inverter o processo: ouvia mesmo as notícias e fazia uma redaçãozinha diferente rapidinho. E os caras gostaram... Virei o redator do noticiário da rádio.

O primeiro dia, um horror! Fiquei uma manhã inteira pra bater duas notinhas. O detalhe é que eu não sabia datilografar! Tive que praticar à noite... O antigo redator, o J. B. Moura, queria sair pra pegar uma função melhor e, então, começou a investir em mim e me ensinou tudo. Até porque, era o único candidato à vaga... Em uma semana, já tava fazendo direitinho e o cara foi apresentar um programa, me deixando na roubada. Até hoje, são dois dedos de cada mão pra digitar. Agora, tenho um pouco mais de agilidade, mas, naquela época, era pac, pac, pac... Um horror! Enfim, fui admitido mesmo, na Rádio Nova Dracena, no dia 30 de novembro de 1980.

No final do ano – tem até hoje –, o Ditinho, que é um locutor sertanejo muito famoso lá na região, tinha o hábito de chamar todo mundo da rádio pra falar no programa da tarde da véspera do Natal. Chamava a menina que servia o café, a senhora da limpeza, todo mundo! Nesse barco, eu tava também... Nessa época, tinha passado aquela birra da minha irmã, mas, apesar de ter entrado na rádio, ela ainda me falava:

— É, você entrou. Só que os caras continuam falando tudo errado e você não faz nada!

Aí, nesse programa de final de ano, aproveitei a chance quando o Ditinho me chamou:

— Olha, agora tá ao meu lado o nosso novo componente: Valmir Jorge, que é o redator aqui. Tudo bem, Valmir?

— Tudo bem.

— Deixe aqui a sua mensagem de Natal para os ouvintes da rádio.

Até então, eu era o cara da redação. Tratei de imitar como os locutores fazem, com a voz grave e, ao mesmo tempo, suave:

— Muito boa tarde, senhoras e senhores, ouvintes da Nova Dracena. Que todos tenham um venturoso Ano Novo e um Feliz Natal! Que a família não sei o que... – dando um discursinho meio de improviso e tremendo, né?!

Depois do programa, o cara me elogiou:

— Pô, que beleza! Você foi bem, mas nem conversa direito com a gente...

Ninguém sabia que tinha uma voz boa. Até hoje, costumo dizer que o taurino, além de teimoso, é muito tímido. Só que o pessoal não acredita nisso porque, atualmente, sou um dos maiores caras de pau do mundo. Essa é uma arma pra gente combater até a própria timidez... Aí, na festinha, com cervejinha, churrasco e tal, o gerente da rádio me chamou no canto e falou:

— Poxa! Não sabia que você era locutor e não sei o que...

— É, pois é! – fazendo novamente aquela voz de locutor.

— Não, não. Pode voltar a falar normal. Tudo bem...

Dei aquele sorriso amarelo e ele me perguntou:

— Você já era locutor?

— Ah, lá em São José dos Campos, eu gravava uma coisinha ou outra e pêpêpê...

Como em todo final e começo de ano é normal o pessoal sair de férias, fizeram um convite pra mim:

— Você aceita dar notícias de utilidade pública: nota de falecimento, carro perdido?

— Claro! – respondi prontamente.

Então, comecei a entrar em um programa de um cara lá pra fazer isso. Rapidinho, essa pessoa do horário, que queria tirar férias e passear, me perguntou:

— Ô, você não faz aí pra mim uns quinze dias?

— Opa!

Ele dobrou o gerente, que acabou permitindo. Logo, comecei a anunciar e desanunciar músicas à noite, das dez à meia-noite, que era um horário que ninguém queria... Daí, exercitei aquela primeira etapa que era:

— Vocês ouviram Demis Roussos, *Goodbye, my love, goodbye*.

E o programador da rádio, Élcio Veloso, que era um puta cara legal, veio conversar comigo:

— Pô! Legal, cara. Você tem um inglês bom, uma pronúncia boa.

— Ah... Não sou fluente, mas falo legalzinho e tal...

Até hoje, tenho mania de colecionar letra de música. Então, pegava as músicas que gostava, ficava ouvindo e ia treinando a pronúncia, né?! Mesmo sem estudar inglês em escola, ia aprendendo assim e saía legal.

Fui fazendo esse programa à noite e o cara gostou e me propôs:

— Pô, legal! Então, pega o programa da manhã.

Acho que, em uns quatro ou seis meses, eu já tava com um programa das duas às cinco da tarde, o que era o melhor horário pra gente.

Bom, fiquei nisso até 84. Saí da Nova Dracena e fui pra Difusora, que era uma rádio concorrente. Depois, voltei pra Nova Dracena. Nesse meio tempo, era o redator da rádio de

manhã e tinha o programa à tarde... que era pra pegar a mulherada. Maravilha! Com isso, pensei: “Ah, não sou feio como achava e como falavam que eu era.”. Era ruim de serviço. Não pegava ninguém! Sabe?

Pô! A mulherada ia lá na rádio. Hoje em dia, não tem mais isso, mas, naquela época, tinha uns programas seguidos à tarde na Rádio Nova Dracena: na primeira hora, era Mande sua Mensagem; na segunda, Pediu, Ouviu; e, na terceira, Melhores do Dia. Era o dia inteiro um monte de menina, mulher, velha na rádio... Quando era o nosso aniversário, elas levavam presente pra gente. Então, eu virei o astro ali da tarde, assim como tinha o Peninha na parte da manhã e o Márcio Laércio Ramos com um programa antes do meu horário.

Assim foi por um tempo até que um dia, tinha um jogo do Dracena Futebol Clube, que tava na segunda divisão do Campeonato Paulista. Era naquela época que a primeira divisão tinha trezendos times e a segunda divisão era regionalizada. A nossa região era a Alta Paulista, abrangendo Araçatuba, Assis, Penápolis... Enfim, o pessoal da rádio montou uma equipe pra acompanhar o Dracena e um cara me disse assim:

— Olha, o plantão sumiu! Ele foi embora pra Prudente. Você não quer fazer o plantão aqui, no domingo? Se fizer, eu te pago um cachê e você vai ganhar uma grana extra.

— Mas, o que é que faz o plantão?

— Ah, plantão é o cara que grita lá: “Gooool, loteria”... – e me explicou mais ou menos.

Bom, fui lá pro plantão, apesar de não ter a menor noção. E foi aí que abriu mesmo o rádio pra mim! Fiz o plantão, fui daqui, fui dali até que, em junho de 1984, nasceu Evellin, que era o meu terceiro filho. Na época, já tinha a Katty e o Rick. Tava com uma mão na frente, outra atrás e com uma bicicleta que ainda não tinha acabado de pagar a prestação na Brasimac, uma loja que, acho, nem existe mais...

Um dia, um cara conversando comigo me perguntou:

— Meu, por que você não vai para uma rádio grande? Pô! Eu ficou ouvindo as rádios de São Paulo e você, meu, tem o mesmo padrão dos caras...

Até porque, todo mundo no interior ouvia as rádios de São Paulo, né?! Pensei e respondi:

— Ah, eu vou tentar, sim.

Em seguida, sofri uma recaída e fui visitar minha mãe. Chegando lá, ela pediu pra ficar em São José dos Campos. Ela morava sozinha numa casona enorme e acabei indo. Vendi todos os trequinhos e as bugigangas que tinha lá em Dracena, peguei a minha mulher na época, os meus três filhos e aquele monte de mala, e fui pra São José. Ah, não durou três dias! A minha mãe tava saindo de um processo de alcoolismo pesado, sem eu saber disso, e sobrou pra mim. Além disso, não conhecia ninguém da cidade ligado à área de comunicação. Não queria ser padeiro de novo porque já tinha definido a minha profissão: radialista. Era onde tava me dando melhor e já era registrado, rendia bem.

Comecei a bater de porta em porta. Fui pedir emprego na Rádio Clube de São José dos Campos, que fazia parte da famosa Cadeia Verde e Amarela da Rede Bandeirantes de Rádio... No início dos anos 80, começou, no Brasil todo, a ter uma mudança no formato da FM. Até então, o locutor fazia aquele vozeirão postadão e só tocava música que a gente costuma falar “de dentista”, “de consultório médico”, sabe? Por exemplo:

— Vocês ouviram... Ray Conniff... *Somewhere, my love*... Vocês ouviram... Nat King Cole... *Mona Lisa*. – falando bem grave e pausadamente.

Então, as rádios tavam passando dessa locução formal pra uma coisa mais descontraída, com a Rádio Cidade e a Jovem Pan entrando forte nisso:

— Oi, boa tarde. Tudo bem? Você ouviu... – sem nada daquilo. Entendeu?

E a Rádio Clube de São José dos Campos também tava investindo nesse modelo. Até então, a Clube FM tinha dois locutores padrões: o Zé Maria e o Mina Santos, que faziam aquele vozeirão. Com a entrada de um coordenador novo, eles tavam pegando uma rapaziada pra mudar justamente o formato. Aí, entrou o meu inglesinho de moleque, de cartilhinha, que ajudava.

Enfim, cheguei lá na rádio pedindo emprego e o cara falou:

— Olha, pra rádio aqui, não estamos precisando de ninguém, mas a gente está montando uma FM. Você não quer fazer o teste?

— Vamo lá!

— O teste é o seguinte: sábado e domingo, a rádio deixa de ser o formalzão, o gravadão e o enlatado. A gente vai dividir o tempo entre os concorrentes: um pega das oito da manhã às onze horas; outro, das onze às duas...

Sei que o meu teste era das oito da manhã às duas da tarde no domingo, sem ganhar porra nenhuma!

— Oi, boa tarde! Agora, com vocês: B52's...

Era a época em que o *New Age* tava tomando conta do Brasil, com aquelas bandinhas novas, né?!... Acho que fiz isso por umas duas semanas até que um dia cheguei no gerente e contei a minha situação:

— Olha, você vai me utilizar? É que tô aqui com três filhos e não tenho onde morar, sabe? Tô vivendo na casa da minha mãe e tal... — abrindo o coração pro cara.

Aí, ele falou:

— Não, beleza. Você vai no FM.

Afinal, a FM tinha sido implantada e consegui pegar um horário pra mim. Ao mesmo tempo, eles ficaram sabendo que eu fazia noticiário e plantão esportivo. Na época, o São José Esporte Clube, a Águia do Vale, tinha subido e tava na primeira divisão. O Alberto Simões, que tá até hoje lá, e o Valtencir Vicente, os “papas”, haviam montado uma equipe forte pra disputa do campeonato. Aí, entrei no plantão em dias de jogos do São José, fazia o FM no horário das onze às duas da tarde e ajudava na redação e apresentação do Jornal das Sete no AM. E, assim, fiquei com as mesmas funções que tinha no interior... Isso foi em 86.

Um belo de um dia, estou na FM:

— Alô, Clube. Pediu, Ouviu. Ligue aqui, pede a sua música e ganhe um ingresso pra não sei o que. Ligue agora!

Tinha só um telefone pra isso. Assim que falava pros ouvintes ligarem, já tirava o telefone do gancho, né?! O que eu acho uma puta sacanagem! Mas, a maioria faz e não adianta. Tô nessa estrada até hoje e é assim mesmo! Se o locutor anunciar qualquer coisa, pode ter certeza de que, uns dez minutos antes, já tá dando ocupado, entendeu?! Enfim, depois de anunciar, tocou o telefone. Atendi:

— Pois não? Que música você vai ouvir?

— Não. Eu quero falar com o Valmir Jorge.

— Quem gostaria?

— Aqui é o Tony José...

Pensei comigo: “Tony José?”, conheço esse nome.

— É da Rádio Bandeirantes de São Paulo. — completou a informação.

A segunda coisa que pensei foi: “Como é que esse cara conseguiu pegar a linha nesse telefone que ninguém consegue?”. Afinal, a gente pegava o telefone, botava o dedo no gancho e, na hora que tirava, já tinha uma pessoa na linha, pois a rádio tava com uma audiência boa e tal... E ele perguntou:

— Quem é que tá falando?

— É o Nick. – respondi.

Esse é o meu apelido. Na época, eu usava Nick no FM e Valmir Jorge no AM. É que a Rádio Clube de São José dos Campos é uma rádio muito forte até hoje e eles não queriam que o cara que brincava e falava palavrão no FM mantivesse o mesmo nome no AM. E a parte de esportes, que era do AM, também era encarada como uma coisa mais seriona e tal. A Clube tava entrando com um estilo diferente pra combater a Stereo Vale, que era quem comandava na região do Vale do Paraíba todo... Enfim, como eu fazia um monte de palhaçada no FM, usava o apelido Nick. Voltando, o Tony José me disse:

— Eu quero falar com o Valmir Jorge.

— Não, sou eu mesmo.

— Pô, chegou uma fita sua aqui na Rádio Bandeirantes através do Darcy Reis.

— Como assim? – perguntei espantado.

— Ué! Você não mandou uma fita aqui pra Bandeirantes?

— Não, não mandei.

— Bom, eu não sei como ela chegou. Só sei que tem uma fita sua aqui e que o Darcy quer marcar uma entrevista com você.

O Darcy Reis, que até já morreu, foi um grande narrador esportivo e era, na época, chefe da equipe de esportes da Bandeirantes. Ele morava em Jacareí, que é do lado de São José dos Campos, e, como todo apaixonado por rádio, tava sempre ouvindo as rádios da região... No fim da conversa, marcamos uma entrevista em São Paulo. Fui até Jacareí e, de lá, peguei carona com o Darcy. Tava cagando, né meu?! Até então, pra mim, o rádio era ali entre Dracena e São José dos Campos. O plantão esportivo que fazia na Clube era um bico, apesar de gostar muito. Tinha que pegar bico pra caramba dentro da rádio porque, nesse mesmo ano, em 86, nasceu o Jeff, meu quarto filho. E, com quatro filhos, a gente tem que fazer de tudo! Aí, o Darcy elogiou o meu trabalho e disse que ia fazer um teste lá em São Paulo.

Chegando lá no estúdio, o pessoal tava fazendo um programa chamado Esporte Emoção, do meio-dia à uma da tarde, que era a coqueluche da Bandeirantes na época. O Antônio Edson apresentava e os comentaristas eram: Fiori Gigliotti, Dalmo Pessoa, Flávio Adauto, Luiz Augusto Maltoni... Enfim, toda a nata. Assim que acabou o programa, cumprimentei o pessoal e o Fiori me perguntou:

— Oi. Você é de Dracena?

— Sou, sim.

— Pô! Conheço Dracena. Já fui pescar lá no rio Paraná e tátátá e pêpêpê...

O Fiori conhecia tudo quanto era cidade do Brasil. Ele tinha título de cidadão honorário de tudo quanto era lugar! Bom, conversa vai, conversa vem e ele falou:

— Vamo lá! Que eu vou fazer o teste com você.

Na hora, pensei assim: “O que é que eu falo? Vou falar que vou no banheiro e vou sair andando daqui, porra!”. Entramos no estúdio. Na técnica, ficaram o Sérgio Barbalho, que era o coordenador, Ligeirinho, Roberto Monteiro e outros caras que tavam acompanhando. De um lado, sentou o Fiori Gigliotti; de outro, o Flávio Adauto; e eu no meio...

— Loteria esportiva, resultados... Fórmula1, Grande Prêmio do Brasil... Patrick Depailler, Keke Rosberg, tátátá – tava com os nomes dos pilotos na ponta da língua, tudo decaradinho, né?! – Plantão Bandeirantes, Valmir Jorge.

Aí, os caras gostaram e o Darcy falou assim:

— É o seguinte: já falei com o gerente da rádio de São José dos Campos. Você vai ficar lá até o final do mês e, no começo de junho, vem pra São Paulo. Tudo bem?

— Tudo bem.

Só que alguém deu um croquinho na minha cabeça e eu pensei: “E a grana?”. Então, perguntei:

— Quanto é que eu vou ganhar?

— Ah, você vai ganhar dois mil. – respondeu.

— Mas, tem um detalhe: lá em São José dos Campos, ganho mil reais pra fazer o horário da tarde, quinhentos pra fazer o jornal de manhã e mais oitocentos pra fazer plantão de domingo. Além disso, faço lá uns bicos pra serviço de som, onde ganho mais uns trezentos. Então, em São José dos Campos, tô ganhando quase três mil. Pra vir pra São Paulo e ganhar dois mil, não vai dar. O senhor me desculpa.

Meio desapontado, ele falou:

— Ah, tá. Você tem certeza?

— Eu tenho.

— Pô, mas é a Bandeirantes! – insistiu.

— É, mas e Rick, Katty, Evellin e Jeff?

— Como assim?

— Meu, eu tenho quatro filhos pra criar, tenho uma mulher... Não dá.

— Beleza.

Deu um tempinho e me ligaram de novo. A Ana Marina Manholi, que era a secretária, tava na linha:

— Oi, Valmir. O Darcy quer falar com você outra vez. – falando com aquela voz bem fina.

— Ah, tá bom.

— Quanto é que você ganha aí? – perguntou o Darcy.

— Sou registrado com tanto, mas tem os extras. Você pode até ver a minha ficha aí. – afinal, a gente recebia pela Bandeirantes São Paulo.

— Então, tá. Você ganha três mil e duzentos em São José dos Campos. A gente vai te pagar quatro mil aqui. Tá bom?

— Tá bom.

Quatro mil não era uma merreca, mas perto dos outros caras que trabalhavam lá... Pra você ter uma ideia, o Tony José, na época, devia ganhar uns nove... Ia pra ser o segundo plantão da Bandeirantes. Além disso, seria o plantão da Rádio São Paulo, porque, na época, a Bandeirantes tinha uma jornada de domingo: o jogo principal na Rádio Bandeirantes e o segundo jogo era narrado pela Rádio São Paulo. Bom, sei que eu fui pra lá e, aí, larguei mão de FM, de jornalismo e tal, pra ser só o plantão esportivo.

Assim que cheguei e comecei a trabalhar, fiquei sabendo que os caras lá falavam o seguinte de mim:

— Porra! Arrumaram um neguinho lá em São José dos Campos que imita o Paulo Edson direitinho.

Fiquei puto! Disse pra eles:

— Meu, eu não imito Paulo Edson nenhum! A pessoa que ouço no plantão é um cara chamado Silvio Filho, da Globo.

Sabe o que é que é? O meu timbre de voz é muito parecido com o do Paulo Edson. O detalhe é que o dele era arrastado. Deixa eu imitar pra você ver:

— Oi, genteee. Aqui Bandeirantees, Paulo Edson com as novidades de esporteee.

E eu não arrastava nada a minha voz... Enfim, todo mundo queria ir lá ver quem era o “imitador” do Paulo Edson...

Foi uma beleza uns seis meses! Ia pra Bandeirantes à tarde, umas cinco e meia, e acompanhava o programa das seis, que era o Marcha nos Esportes. Quem produzia era um jornalista chamado João Prado de Almeida Pacheco, que é o pai do Juca Pacheco, atual assessor de imprensa do São Paulo. O João Prado começou a me ensinar a produzir... No dia que não tinha jogo, eu fazia um programa na Bandeirantes chamado Atualidades Esportivas, que era cinco pra meia-noite e tinha cinco minutos de duração. Aí, o Tony José e outros caras falavam:

— Meu, chega na Bandeirantes às dez da noite, pega o fax – na época, ainda não tinha internet – e vê o noticiário dos clubes. Faz o boletim e vai embora! Você não tem que ficar aí até tarde.

Aos poucos, começou a pintar umas coisas extras. Um dia, faltou um cara para o Jornal da Bandeirantes, que era das onze às cinco para meia-noite, e o José Paulo de Andrade me pediu:

— Pô, a Sandra Marta – que era a menina que apresentava junto com o Carlos Gatti – faltou e você não quebra um galho, não?

— Claro.

— Você tem noção?

— Ah, seu José, eu apresentava um programa de manhã lá em São José dos Campos.

— Meu, eu tenho que botar alguém... Ah, vou abraçar o risco.

E assim apresentei ao lado do Carlos Gatti. Acabou o jornal, ele disse:

— Meu, o que é que você tá fazendo lá no segundo plantão do esporte? Porra, vamos puxar você aí pro jornalismo! O José Paulo de Andrade adorou...

No outro dia, voltaram a conversar comigo:

— O Zé Paulo falou que, se precisar, pode te escalar alternado, sem atrapalhar o esporte.

— Claro. Pô, pelo amor de Deus! – respondi prontamente.

Às vezes, tinha folga no sábado de manhã. O Repórter Bandeirantes, normalmente, era apresentado pelo Ferreira Martins na edição da manhã e pelo Walker Blaz à tarde. Quando não era um desses dois, o apresentador era um cara chamado Lourival Pacheco. Só nego fodido! Então, quando tava no sábado de manhã por lá, o Ferreira ligava ou pro Nivaldo Nocelli ou pro Gonçalo Parada – que é pai do Marcelo Parada, diretor de jornalismo da Bandeirantes – e falava:

— Escuta, ééé... liga lá pro Valmir Jorge e vê se ele não pode fazer o tal?

Ah, eu ia correndo, ia de bicicleta! Nessa época, já morava no Caxingui, do lado da Bandeirantes. O programa era anunciado assim:

— Repórter Bandeirantes, edição da manhã. Uma produção da equipe Bandeirantes de jornalismo. Texto, Gonçalo Parada. Interpretação, Valmir Jorge.

Dracena parava! Os caras ligavam o radião lá na sapataria... Apreendi na Bandeirantes a não gaguejar. Aí, pronto. Bacana! O Zé Paulo de Andrade sempre me convocando e eu passei a fazer parte da equipe Bandeirantes de jornalismo como *freela*, o que quebrava um galho. Ao mesmo tempo, era plantão dois no esporte.

Até que um dia, um cara chamado Gilberto Pereira sofreu um infarto. Ele apresentava o programa Bandeirantes Boa Noite, que era da meia-noite às quatro da manhã. Como eu fazia o Atualidades Esportivas ao vivo, ficava na rádio até esse horário. Por conta do problema de saúde dele, cada dia um cara apresentava. Aí, o Luiz Fernando Magliocca tinha vindo dos Estados Unidos pra revolucionar a Bandeirantes. A Rádio Bandeirantes passou a ser RB 840 e o Ferreira Martins, com aquele vozeirão, fazia as vinhetas assim:

— RB 840, a nova marca da Bandeirantes.

O cara chegou mudando um monte de coisa e me perguntou:

— Escuta, fiquei sabendo que, lá em São José dos Campos, você fazia FM. É verdade?

— É, eu fazia, sim.

— Pô! Então, você tem noção de musical?

— Tenho.

— E você não quer fazer um teste no Bandeirantes Boa Noite até o Gilberto Pereira se recuperar?

— Opa!

Fiz o teste e, no segundo dia, me efetivaram. Com isso, saí do esporte como plantão dois e fiquei dois anos e dois meses fazendo o Bandeirantes Boa Noite. Só que não era mais aquele estilo gravadão do cara, né?! Mudei, botei o ouvinte no ar e eles gostaram. Nesse período, eu já tava meio folgado! Que além de teimoso e de tímido, o taurino é muito encrenqueiro. Comecei a arrumar confusão com todo mundo lá. Produzia e fazia o programa sozinho da meia-noite às quatro. Era um tesão! Antes de mim, os caras faziam até às duas da manhã, gravavam o resto e iam embora. Um belo de um dia, apareceu lá um gordinho e falou:

— Ó, prazer, eu sou o novo produtor do Bandeirantes Boa Noite.

— Legal! Vai me ajudar. – respondi.

Só que o cara trabalhava até às dez da noite, me chamava e falava:

— Ó, tem isso, isso e isso. – me dando a pauta do programa.

Depois disso, ia embora e ficava ouvindo da casa dele. Eu saquei a do cara. No primeiro dia, não fiz o que ele mandou. No segundo dia, também não. Aí, no terceiro dia, o Salomão Éssper, que tá até hoje fazendo lá o jornal da manhã com o Zé Paulo e com o Joelmir, me chamou na direção:

— Pô! Mas, você é um cara rebelde?

— Não.

— E por que é que você não faz o que o cara tá mandando?

— Tô há um ano fazendo o programa sozinho e tá uma beleza. Inclusive, o seu João gosta. – Na época, o João Saad era vivo. Como ele sofria de insônia, chegava no estúdio de vez em quando por volta da uma hora e ficava por lá. Das primeiras vezes, eu trancava, mas, depois, vi que ele gostava do meu estilo e foi uma beleza. Eu e o programador colocávamos as músicas que o seu João gostava, principalmente as da Elis Regina... – No dia que o cara ficar comigo no programa da meia-noite às quatro da manhã, eu vou fazer e a gente vai trabalhar junto. Ele não pode ser o produtor de um programa da noite e ficar em casa descansando! Ele vai embora dez horas...

— Ah, então tá. Mas, tem fazer igual o cara tá mandando.

— Beleza!

Eu sempre ia ver espetáculos em São Paulo. Depois dos *shows*, convidava os artistas pra irem no programa. Entrevistei o Dudu França, a Dona Ivone Lara, muita gente que não é da sua época e que fez muito sucesso... Um belo dia, tô eu lá entrevistando uma pessoa e entra o cara gritando no estúdio:

— Porra! Você tem que fazer o que eu estou mandando! Quem manda aqui, sou eu!

— Meu, vai gritar com a sua mãe!

— O quê?

Mal perguntou e eu já saí na porrada com ele lá dentro. Hoje, o Paulo Marques é um grande amigo meu. O cara era enorme, parecia o Bud Spencer, um ator antigo, grandão, forte, barbudo. E ele era muito feio, gritava com todo mundo e, por isso, o pessoal morria de medo dele. Com receio de apanhar do cara, já parti pra cima. Bom, resumindo: naquele dia, ele foi no 34 D.P., que fica ali do lado da Bandeirantes, e fez exame de corpo de delito. Deu uma merda! Quase que fui preso.

Até às duas da tarde, eu tinha sido mandado embora da Bandeirantes por justa causa. Nesse horário, me ligou em casa o José Paulo de Andrade e falou:

— Vem aqui na Bandeirantes, que eu, o Salomão e o Samir Razuk queremos conversar com você.

Chegando lá, eles disseram assim:

— Olha, você não vai mais ficar no Bandeirantes Boa Noite, mas o Fiori Gigliotti e o Pedro Tadeu Zorzetto – que era o coordenador – querem você no esporte... pra ser repórter.

— Você tá louco! Pô, tô com uns três anos de Bandeirantes, vocês estão me mandando embora por justa causa e eu não vou ganhar porra nenhuma!... Tenho escolha?

— Não.

Então, argumentei:

— Eu não tenho capacidade de ser repórter da Bandeirantes porque tem Pinheiro Neto, Roberto Monteiro...

— Ó, o Otávio Muniz tá saindo da rádio e vai pra TV. Nós vamos precisar de um repórter. O pessoal, aqui, gosta muito de você porque pode fazer várias coisas e tal... Você vai ficar uma semana acompanhando o Eduardo Luiz e, depois, a gente conversa.

— Então, eu tô...

— Não, você não foi mandado embora mais. Continua tudo.

Não deram baixa e continuei. Ao término de uma semana, me chamaram lá e falaram:

— E aí? O que é que você viu?

— Olha, do jeito que o Ligeirinho faz, eu também faço...

É que o Eduardo Luiz é um dos maiores repórteres esportivos até hoje, mas o pessoal brincava se perguntando se ele era burro ou se imitava o Vicente Matheus. Pra mim, ele não era burro e, sim, inculto, preguiçoso... Ele é até da região de Campinas. Se você mostrar isso pra ele, o cara vai querer me matar. Então, ele tinha umas pérolas:

— Eu se enganei... Eu se fiz por si mesmo.

Eram essas coisas engraçadas... Enfim, comecei como repórter na Bandeirantes nesse período e fiquei até 94. Fui crescendo e, nesse ano, era o primeiro repórter da Bandeirantes. Até porque também, muita gente foi saindo e havia um processo de renovação. A nossa equipe era: Valmir Jorge, Ricardo Capriotti, Azevedo Marques, Cássio Ricardo, Pinheiro Neto... Em 94, cobri a Copa do Mundo nos Estados Unidos e, aí, veio aquela paixão antiga pelo *USA*. Quando voltei, sentei com o meu chefe e falei:

— Eu queria que você me mandasse embora.

— Por quê?

— Eu quero ficar morando nos Estados Unidos. Tenho visto de dez anos e tal.

— Porra! Você está louco? Agora que chegou a primeiro repórter, que é uma coisa que todo mundo quer. Tem nego que tá há dez anos aí no mercado e não consegue. Porra! Vai chutar isso para cima? – insistiu ele.

— Eu sei, mas é que eu ainda sou molecão e, quando voltar, ainda tenho tempo de recuperar.

— Então, Valmir, vamo fazer o seguinte: você fica até o final do ano enquanto eu vou preparar o Ricardo Capriotti pra ser o primeiro repórter. Depois, te libero e a gente faz um acerto pra você pegar fundo de garantia e tudo. Em junho, eu te contrato pra ser o correspondente da rádio, porque a rádio vai precisar de alguém pra cobrir as Olimpíadas de 96.

— Deus existe! – exclamei.

Voltei pra casa e fiz uma puta festa e tal... Fiquei até o final de 94 na Bandeirantes, quando eles me dispensaram. Em janeiro de 95, mudei pros Estados Unidos, onde permaneci mesmo após acabar o meu contrato de correspondente das Olimpíadas. Passei 95 e 96 inteiro

na América. Tava apaixonado por lá! Eu me separei da minha segunda esposa. Quer dizer, levei três filhos pros Estados Unidos e, nessa altura, já tinha a Saty, meu quinto filho.

Separado, voltei pro Brasil, deixei meus filhos e retornei à América. Eu e uns amigos montamos lá uma banda e tinha começado a dar certo. Isso é uma outra coisa também que nunca tinha imaginado que fosse acontecer, mas acabou caindo no meu colo. Eu mesmo escrevia as músicas e cantava. Chegamos a gravar um CD, com todas as músicas minhas, e fomos contratados pela Coca-Cola. Durante as Olimpíadas, a gente tocou.

Inclusive, quando explodiu a bomba no Centro Olímpico, a gente tava tocando em Athens, que era onde morava, do lado de Atlanta, e entrou a edição extraordinária avisando. Na hora que vi a notícia no telão, pensei: “Perdi o emprego.”. Afinal, tava tocando no palco enquanto o fato tava acontecendo... Éramos eu e o Pedro Bassan, que, na época, trabalhava na ESPN e na Bandeirantes. Às vezes, a gente trocava de escala. Quando ele fazia matéria pela ESPN de manhã, eu tinha que cobrir pela Bandeirantes no mesmo período. E, assim, a parte da tarde ou da noite ficava pra ele fazer pela Band.

Naquele dia da bomba, o plantão era meu. Trabalhei até às sete, oito horas, peguei meu carro e fui pra Athens, já que não ia ter nada do Brasil. Só que explodiu a porra da bomba! Já existia celular naquela época, mas era daqueles grandões. Olhei pro meu celular e a luzinha piscando. Puta! Era Bandeirantes me chamando... Peguei alguma coisinha por lá e entrei no ar:

— Boa noite. Estamos aqui no *Centennial Olympic Park* e acaba de explodir uma bomba aqui... – e era verdade porque polícia fechou e ninguém tava tendo acesso – Ninguém sabe o que aconteceu pêpêpê e tátátá...

Enquanto isso, os caras da banda tavam falando e acenando pra mim de longe:

— Eiii! Vem! Vai começar o segundo *set*.

Falei mais um pouco e tratei de finalizar a matéria:

— A qualquer momento, voltamos ao vivo. Valmir Jorge, de Atlanta, Olimpíadas 96, especial para a Bandeirantes.

Daí a pouco, uns quinze minutos depois, o telefone tava com a luzinha piscando de novo... Que sufoco! Enfim, acabaram as Olimpíadas e fiquei na América mais um tempo. Voltei em 97 pro Brasil e fui trabalhar com o Éder Luiz na Rádio Band FM... Ele saiu da Rádio Capital e tava montando uma equipe de esporte na Band FM. E o Joca, que era o

coordenador na época e que depois viraria agente do Só Pra Contrariar, do Alexandre Pires e da Carla Perez, disse pro Éder que aceitaria um programa de esporte desde que tivesse uma linguagem diferente. Afinal, o Pinheiro Neto, o Roberto Carmona e tantos outros tinham a linguagem do AM arcaico, com aquela voz grave e tal.

Logo que voltei dos Estados Unidos, fui ver uma menina que namorava e que trabalhava na Bandeirantes. Chegando lá, o Éder me encontrou por acaso e me perguntou:

— Meu, o que é que você tá fazendo?

— Nada.

— Pô! Vamo conversar. Eu tô precisando de um cara que nem você na minha equipe pra falar merda, pra fazer bagunça no ar... Você topa?

— Pô, topo! – respondi prontamente.

Afinal, tava sem emprego... E, assim, comecei a trabalhar com o Éder. Em 98, fizemos a Copa do Mundo na França, minha segunda Copa, e, em 2000, cobrimos o Mundial da FIFA, que o Corinthians foi campeão lá no Rio. Nesse mesmo ano, juntei uma graninha e tentei montar uma equipe por minha conta. E montei na Nova Brasil FM, que até hoje só toca MPB. Aí, tomei um chapéu porque investi uma grana, montei uma equipe fodida, começamos a trabalhar e tal, mas não tinha assinado o contrato com os caras. Nisso, o Kajuru fez uma proposta melhor e me tiraram... Perdi meu dinheiro tudo e fiquei na bosta! Sem emprego.

Depois disso, rodei vários lugares, fui pra lá, pra cá... Em 2003, fui pra Campinas e trabalhei com o pessoal da Rádio Educadora AM. Fazia a Ponte Preta, que tinha um puta time! O Alexandre Fávaro era o goleiro. O Lauro, que hoje tá no Inter, era reserva dele. Quem mais? Tinha Rodrigo, Ronaldão, Elivélton, Piá, Washington, Macedo, Adrianinho, Mineiro, Fabinho... Um puta time da Ponte! Morei uns quatro ou cinco meses em Campinas.

Aí, o SBT me contratou pra fazer o Campeonato Paulista em 2003. Além disso, fazia um trampo prum amigo meu dos Estados Unidos e ganhava um cachezinho extra. Quando acabou o meu contrato com o SBT em 2003, voltei a trabalhar pro Éder Luiz, nessa vez na Transamérica, até 2006. Fomos pra Alemanha cobrir a Copa do Mundo, a minha terceira Copa. Retornando, montei novamente uma outra equipe... Teimoso. Aconteceu a mesma coisa: montei, investi, peguei uns caras bons de São Paulo que estavam parados... De novo, tomei na cabeça! Vendia dez de patrocínio, mas tinha que pagar quinze. Pagava todo mundo e, enfim, fali mais uma vez...

Fiquei andando de um lado pro outro, fazendo um bico aqui, outro, ali... Nesse período, já fazia alguns jogos de São Paulo e umas materinhas pro J.B., o João Baptista Faria, aqui da Rádio Paiquerê, em Londrina. Então, ele me chamou:

— Pô, tu não quer vir pra Londrina, não?

— Vamos ver, vamos ver...

E vim, em 2008, pra Londrina e tamos aí na expectativa de cobrir mais uma Copa do Mundo. Afinal, a Paiquerê, hoje, é uma rádio *top*. Em termos de seleção brasileira, é “cabeça de chave”, como a gente diz. Porque, por exemplo, na Copa das Confederações agora, tava a Paiquerê, a Itatiaia e a Clube do Belém, só três rádios do Brasil todo. Não tinha uma rádio de São Paulo ou uma rádio do Rio!... Antes de vir pra cá, tava na Rádio Capital. E um amigo meu falou assim:

— Pô, mas você vai sair da Rádio Capital e vai pra Paiquerê? O que é que você vai fazer em Londrina?

— Ah! Se tudo correr bem, vou fazer a minha quarta Copa do Mundo. Vocês, aqui, vão assistir pela televisão.

Porque o rádio em São Paulo, infelizmente, tá falido. Quer ver? Tem aaa... a Transamérica do Éder, a Bandeirantes, que é tradição, a Pan e a Globo, ainda capengando, com todo o respeito. Sou fã da Globo e sempre tive um sonho de trabalhar lá, mas isso nos bons tempos. Já recebi três convites pra trabalhar na Globo e falei não pros três. Por quê? Porque, onde eu tava trabalhando, ganhava, por exemplo, uns quatro mil e a Globo me oferecia mil e oitocentos... Sou do tempo em que a Globo tinha a vinheta:

— Um Brasil de audiência! – com aquele vozeirão, sabe?

Era fodido! Só tinha nego bom mesmo! Hoje em dia, quando vou lá, com todo respeito, fico pensando: “Putá! É uma judiação a Globo ter esse tipo de profissional.”. Muitos lá são meus amigos, mas é o que costumo dizer:

— Meu filho também é uma maravilha, mas eu não vou escalar ele como centroavante do Corinthians, se for o presidente do Corinthians, porque, bola, ele não joga bem.

É a mesma coisa na Globo. Então, tenho muita gente lá amiga, mas fraca de serviço. E não dá! Já a Paiquerê, hoje, é uma rádio que é exemplo no Brasil inteiro. Tô muito feliz! A gente fez a Copa das Confederações e tenho esperança de fazer um trabalho legal pra ir pra Copa do ano que vem... É isso. Venho de uma linhagem de rádio que era aquilo:

— Valmir, você faz tal coisa?

— Porra! Faço.

Mas, tinha que ir lá e fazer porque, senão, os caras me chutavam a bunda no outro dia... Porque, hoje, tá muito fácil trabalhar em rádio! Se o seu pai tem uma empresa e põe um patrociniozinho na rádio, o dono te arruma um horário pra fazer algum programa. E não é assim, né?! Não podia ser... Então, resumidamente, a minha história dentro do rádio é mais ou menos isso... Eu não paro de falar, né cara?!

*

Deixa eu te contar a história do meu apelido: Pretão. Eu mesmo que coloquei de tanto que os caras me chamavam de “negão”... Tinha um histórico meio chato porque arrumava muita confusão, entendeu?! Hoje, tô mais tranquilo, sou um repórter de Cristo... Pô! Eu me lembro que, da Bandeirantes, fui mandado embora três vezes. As três por causa de confusão...

O que me ajudou muito na minha carreira, principalmente como repórter, era o fato de fazer umas coisas um pouco diferentes do que os caras faziam na época. Saía do convencional e dava umas tiradas com os jogadores, por exemplo. Então, consegui um espaço legal muito rápido porque era diferente. Até hoje, é tudo muito igual. Um profissional novo ouve um cara que ele acha legal, um Wanderley Nogueira ou um Carmona, e quer fazer igual... Uma vez, pedi conselho pra um amigo meu:

— Pô! Você acha que eu seguro a onda de repórter na Bandeirantes?

— Segura, sim. Afinal, você tem uma voz melhor que a dos caras – e tinha mesmo! Na época, os repórteres nunca tinham aquela preocupação de ter uma voz boa e uma dicção legal. A maioria falava de qualquer jeito. – e tem um improviso bom. Só que você tem que ter um negócio diferente. O Ligeirinho, por exemplo, tem uma vozinha chata e atropela o português, mas as pessoas acabam nem reparando nisso porque ele tem carisma e é diferente. Quando fala, todo mundo sabe que é o Eduardo Luiz, o Ligeirinho. Você precisa arrumar algum negócio.

— Ah, beleza! – agradei.

Mas, os caras me provocavam. Por quê? Porque, aí, vinha o negócio do negro... Naquela época, a gente tinha, além da Rádio Bandeirantes, a Globo fodida, a Pan fodida, a

Record bem e a Tupi, com aquele restiiinho ainda do tempo bom da Rádio Tupi... Só que não tinha um preto! Não tinha um negão! Fazendo matérias, não. O Pinheiro Neto não dá pra considerar porque era um moreno claro lá de Santos. Então, não tinha um sequer. Hoje, em rádios em São Paulo, ainda encontro um ou outro.

Na TV, é mais difícil. Ah! Um exemplo: a TV Globo tem o Abel Neto e quem mais?... E o Heraldo Pereira, que tá há 38 anos. Quem mais? A Glória saiu. Tem aquela menina, repórter em Curitiba. Na redação, onde frequento porque tenho uns amigos, é a mesma coisa. Estamos falando de uma potência, entre as quatro principais redes de televisão do mundo. E, mesmo assim, a gente conta nos dedos os negros que tem lá. Então, tem muito pouco!

No meu caso, como era repórter, só tinha eu. Aí, os caras:

— Pô, esse negão folgado! Chegou ontem e já... Tem que falar assim! É padrão Bandeirantes.

Só que eu fazia de outro jeito. E os caras começaram a pegar bronca de mim...

Voltando, uma daquelas três confusões foi assim: uma vez, tavam jogando São Paulo e Palmeiras e o Roni Silva, que, inclusive, é de Campinas, era o operador da Bandeirantes na época. Nós começamos a discutir por causa do equipamento. Ele tava puxando um fio e eu falei:

— Se você puxar esse fio, vou te dar um puta murro aqui no meio de todo mundo.

— Ahhh... – debochou ele – Você vai fazer isso? Duvido!

Quer dizer, o cara não acreditava que eu ia arrumar uma briga dentro do jogo do São Paulo, atrás do gol do Zetti. Aí, o cara puxou o negócio e eu enchi a lata dele... Inclusive, o Paulo Pinto, que é um repórter muito famoso, pequenininho e que tava no Diário de São Paulo na época, tirou uma sequência de fotos. Eu e o Roni Silva rolamos no chão, deu polícia, foi uma merda!

Tem um livro que uns caras fizeram, “Meu jogo inesquecível”, e pegaram o depoimento de um monte de pessoas. E tem um meu lá, que é exatamente esse. Então, o Fiori Gigliotti tava narrando assim:

— Quareeenta e cinco minutos. Deus do Céu! Torcida brasileira, tem alguma coisa estranha atrás do gol do Zetti. O jogo tá parado. Valmir Jorge, o repórter da RB 840, informe!... Shhh... Cássio Ricardo, o outro repórter. Aqui da Bandeirantes não escapa nada,

gente! Shhh... Não é possível! Azevedo Marques, o repórter solto da Bandeirantes, o que é que tá acontecendo, Azevedo?... Shhh...

Aí, o Dalmo Pessoa:

— É, Fiori, parece que tá tendo algum problema lá e os nossos companheiros estão ajudando a separar. Tá tendo uma briga lá, Fiori!

Era o Valmir Jorge e o Roni Silva rolando no chão, na porrada, e o Azevedo tentando nos separar... A bola saiu na linha de fundo e o Zetti:

— Gente, para, para, para!

Foi uma merda, cara. Deu justa causa. No outro dia, o João Zanforlin, um puta advogado, foi lá e me defendeu junto à direção da casa. Explicou o porquê da briga, né?! Aí, os caras viram que tinha entrado racismo e um monte de coisa na parada. O Zanforlin me defendeu:

— Olha, Samir, o moleque chegou do interior, humilde, tá crescendo e os caras ficam xingando ele de “negão”, “macaco folgado”... Aí, ele perdeu a cabeça.

— Tá certo.

Bom, eles me deram uma semana pra eu esfriar a cabeça. Fui pra praia, voltei e continuei, entre outros rolos que eu arrumava. Mas, tinha esse negócio de a pessoa me chamar:

— Ô, negão...

— Não, negão o cacete! Negão tem um monte aí! – já respondia na lata.

Outra história engraçada é uma que eu tava num jogo e começaram uma discussão. Aí, um cara falou assim:

— Ah, é aquele negão lá...

Parti pra cima dele dizendo:

— Que foi, véio? O que é que você falou para mim?... Você me chamou do quê?

— Te chamei de “negão”! Por quê? – respondeu ele me intimidando.

— Ah, bom! Pensei que você tivesse falado “pretão”. “Negão”, beleza.

Quer dizer, dei uma afinada com categoria e vim embora porque não dava pra encarar o cara, né?! E os outros colegas racharam de dar risada:

— Ahhh, tá. Então, “negão” pode e “pretão” não pode?

Bom, aí, começaram a me chamar de Pretão... Tudo bem. Mas, quando eles me chamavam:

— Oh, negão...

— Negão, não! Negão tem um monte por aí. Pretão! Pretão só tem eu. Sou o único.

Porque o preto se fode muito! A história do negão no rádio é foda, cara!... Atualmente, abriu bem mais. Antigamente, ou eu me defendia na porrada ou ficava pra trás... Hoje, tenho registro de jornalista, já que o Ministério do Trabalho aceitou por tempo de serviço, depois de verificarem a minha contribuição no nosso sindicato. Afinal, só fiz até quinta série. Não fiz faculdade, não fui formado em jornalismo...

Uma época, em São José dos Campos, fiz um curso do SESC, como todo mundo, pra pegar o diploma. Só que eu não tinha o diploma do segundo grau. Aí, um amigo meu me emprestou... Passei um corretivo em cima do nome dele e datilografei no mesmo lugar. Tirei uma cópia e usava ela. Pô! A gente falsificou o negócio. Quase que fui preso... Uma semana antes da formação, o tiozinho que seria o paraninfo da turma era o mesmo que tinha sido diretor daquele grupo em que o Alberto Limírio, meu amigo, havia estudado. Grupo Escolar do Jardim Satélite, em São José dos Campos. Olha que merda!

Um dia, me ligaram na Rádio Clube e falaram assim:

— Valmir, você precisa comparecer urgente no SESC porque deu uma merda lá.

Chegando lá, estavam me esperando um cara do sindicato, um diretor e o Elói, que era o locutor da Stereo Vale e o nosso professor no curso. Perguntei:

— O que é que foi?

— Meu, esse aqui é você? – mostrando-me a cópia do diploma.

Olhei, hesitei, mas falei assim:

— É.

— Como? Esse diploma é seu? Não pode ser seu!

— Não, esse aí é meu. – insisti.

— Pô, mas isso aqui tá errado!

— Então, esse é uma cópia. Esse é meu, mas o original não é.

— Porra! Então, você admite?

Aí, contei a história:

— Olha, meu, tá vindo uma lei aí e, quem não tiver o registro, não vai poder trabalhar em rádio... Eu não estudei e não tenho diploma, mas preciso concluir esse curso.

O tiozinho queria denunciar e ia foder a mim e ao meu amigo. Como já tinha pagado muito caro pelo curso todo, um deles lá me propôs:

— Vamo fazer o seguinte: fica um a um. Você não vai receber diploma e eu também não vou levar o caso adiante. Beleza?

— Beleza. – aceitei.

— Então, tá. Faz de conta que não aconteceu.

Depois, consegui o registro por tempo de serviço. Sou registrado desde 1980. Enfim, a gente tinha que fazer essas coisas pra sobreviver. Hoje em dia, o mercado tá cheio de gente. Mesmo uma pessoa fazendo faculdade e um monte de coisa, ela chega no mercado pra receber quinhentos, seiscentos pau. Tem muita gente e poucas oportunidades atualmente. É por isso que a gente vê a qualidade caindo... Entende?...

Teve um período que fiquei perambulando por aí. Cheguei a morar na França... Com isso, dava pra mentir em francês, né?! O meu inglês bom ajudava bastante. Numa época, fiquei enrolado com uma paraguaia e pratiquei o meu espanholzinho... Mesmo assim, tem poucas pessoas que investem nessas coisas hoje em dia, entendeu?! Por exemplo, do pessoal que agora tava lá na África do Sul, pouquíssimos falavam inglês bem... Eu não tenho uma faculdade, mas tenho uma cara de pau pra ir me virando...

Mas, uma coisa eu falo pra você: a gente cresce ouvindo o tempo inteiro esses comentários, essas ofensas. Não é que goste, mas já vira:

— Ah, isso é normal.

Eu tava, por exemplo, naquele episódio do Grafite com o Desábato... Todo mundo tava vendo que, o tempo inteiro, o argentino tava falando na orelha do Grafite e eles se xingaram bastante. Pra gente, era normal. Quer dizer, “normal” porque acontece isso na disputa do futebol:

— Ah, negão, vai tomar no seu cu!

— Ô, branquelo, filho da puta e pêpêpê...

Quando aquele delegado – que, aliás, acompanhava todos os jogos do São Paulo – entrou em campo e prendeu o Desábato, a maioria dos jornalistas não entendeu e achou, naquele momento, até exagerada a atitude. Só que, depois, a gente vê que mudou, deu uma

melhorada. A mesma coisa aconteceu após o caso do Antônio Carlos lá em Caxias. A meu ver, pelo menos, isso parou um pouco, as provocações diminuíram bem. Afinal, era normal antes ouvir assim:

— Ah, aquele negão lá... Ô, macaco... Ô, não sei o que...

Pô!... Não é que a gente goste, mas já nos acostumamos com isso. Com relação a jogador, até hoje a gente ouvi isso. É claro que o cara que ofende não tem mais aquela liberdade de xingar:

— Ah, vai tomar no seu cu, negão! Macaco! Filho da puta!... Chiclete de onça. Pudim de asfalto...

Hoje em dia, já não ouço mais isso que nem antes, mas era normal antigamente. Às vezes, até os negros também respondiam assim:

— Ah, vai você, alemão, galego, branquelo!... Branco, filho da puta...

O que também é uma ofensa, ainda mais no tom que o cara falava. Com isso, o branco também pode dizer:

— Pô, o cara foi racista comigo.

Mas, o negro sofre muito!... É complicado... Vi várias vezes uma discriminação desse tipo que te contei. Comigo, diretamente, nunca aconteceu. Até por conta da minha formação e de uma série de coisas, já sabia dessas situações e sempre procurei medir cada uma delas. Hoje, nem tanto porque a gente acaba, com o tempo, criando assim ummm... um estilo no meio em que trabalha e em qualquer lugar, né?! Agora, eu sou contra ao fanfarrão que vive arrumando confusão de todo lado. Mas, também, sou contra ao bonzinho, ao quietinho, aquele que é humilhado e fala:

— Ah, deixa pra lá.

Isso eu não consigo! Eduquei os meus filhos sempre assim: respeitando todo mundo, falando “sim, senhor” ou “não, senhor” e com sorriso na cara. Só que sempre deixei claro, também, que não era pra eles voltarem pra casa magoados, cabisbaixos ou remoendo consigo mesmo alguma coisa que tenha sofrido. Se tiver que falar, fala; se tá dentro do nosso direito, a gente tem que se defender até o fim. Então, fazia muito isso e essa agressividade assusta um pouco as pessoas. Não deixava muito chegar nesse ponto. Inclusive, todo mundo sabe que situações como essas acontecem com a polícia. Isso é até hoje, mas já foi bem pior.

Uma vez, num final de ano, tava viajando de trem até Dracena. Adoro! No Brasil, quase não tem, mas, na Europa, quando a gente vai fazer coberturas, viajo de trem sempre que posso. Enfim, tava indo pra Dracena e passei por um caso desse. A gente tava em turma, todos nós arrumadinhos, as menininhas bonitinhas. Saiu uma confusão lá e o policial viu que eu era negro, né?! Logo, veio até mim e pregou a mão na minha orelha. Como estava escuro dentro do trem, assim que tomei aquele tapão, já virei e coleí o cara também.

Teve uma época que treinava e fazia uma coisa ou outra que me dava uma estrutura física boa. Além disso, sempre tive uma estatura acima da média. Como costumava falar, eu gostava de uma confusão e me virava bem. Era bom de serviço! Depois que enchi a lata do cara, vi que ele tava com outros três policiais. Aliás, é normal a presença deles em ônibus, em trem... Eles viajam, mas não pagam o ingresso. Não pagam “pra dar segurança”, né?! No entanto, ao mesmo tempo, é aquela coisa da truculência, infelizmente, da nossa polícia. Ou melhor, é quase sempre assim no mundo inteiro... Então, se um policial tem um problema e vê, de um lado, uma turma de arrumadinhos, branquinhos e bonitões, e, de outro, um negro – por mais que esteja bem vestido–, ele vai no negão! A gente sabe disso...

O negócio era que eu me defendia, independente das consequências... Se tivesse que ir parar no xilindró, não tinha problema. Chegava lá e contava a minha história... Nós sofremos muito! Mas, nunca passei por uma situação de ser humilhado. O que acontecia era aquelas coisas de chegar num lugar e perceber que ficava de canto ou que tinha sempre alguém de olho em mim e tal... Quando me olhavam estranho, me apresentava e encarava:

— Pois não, é comigo? Qual é? Tem algum problema?

Ou seja, ganhava meio até na agressividade. Sempre procurei me impor, ocupar o meu espaço por ali e evitar que chegasse num ponto daqueles. É aquela coisa meio velada...

Por exemplo, nos Estados Unidos, fui parar na corte umas duas vezes por causa de um cachorro... É até engraçada a história. Eu adotei um *beagle* que latia muito... Botei o nome dele de Bugu, o mesmo daquele cachorro chato da historinha do Mauricio de Sousa que ferra o Bidu e que tinha sempre uma plaquinha onde tava escrito: “Alô, mamãe!”. Era um cachorro preto. Danado que só vendo! Destruíu toda a fiação telefônica dentro de casa e me dava muito trabalho.

Lá em Athens, a minha vizinha do lado, uma escocesa tradicional, me dizia que eu tava na *neighborhood* errada. É que ali onde morava, era a vizinhança dos brancos e, só no

lado de baixo, depois da *Jefferson Street*, é que ficava a vizinhança dos negros. Ela sempre insinuava isso, criava caso e chamava a polícia. Pra cuidar do meu caso, mandaram, pra você ver como é que é, uma xerife negra. Ela falou:

— Ah, nesses casos, tem que vir um policial negro.

— Então, isso não é discriminação? – questionei.

— Não, é que...

— Claro que é! Tem tantos policiais. Por que tem que ser um negro?

— É que, pra discutir com negros, os brancos ficam numa situação não confortável e tal... – justificou a policial.

Eu sentia isso. Por exemplo, na nossa banda, tinha uma cara chamado Jay, que era o baterista. Ele entrava na minha casa, abria a geladeira, botava o que ia beber e ficava ali... Porque o americano tem o costume de levar o que vai comer e o que vai beber se tem uma festa na casa dos outros. O pessoal não tem o hábito de dividir como aqui no Brasil... Aí, eu virei pro Carl, que era o nosso baixista e líder da banda, e falei assim:

— Meu, qual que é a desse cara? O cara entra na minha casa...

— Olha, eu vou te falar um negócio, mas você não me leva a mal. Sabe o que é que é? É que você é casado com uma branca. Os negros, aqui, não concordam muito com isso. E o Jay é um atuante da comunidade negra.

Um dia, fui conversar com o Jay:

— O amigo, vem cá. Onde é que você mora?

— Grrr... – resmungou ele.

— Não, cara, fala direito comigo. Você entra na minha casa, vem ensaiar aqui, faz o que quer, te dou a maior liberdade e não fala comigo. Por quê?

— Grrr... – resmungou novamente.

Aí, eu abri o jogo:

— Qual que é? É porque a minha mulher é loira e a sua mulher é negra? O problema é seu. Cada um, cada um. Eu venho de um outro país e tal...

O cara não gostou muito, não. Depois, até parou de ir lá em casa... Então, tem essa coisa nos Estados Unidos: se uma pessoa negra tem um problema com a polícia, eles mandam um policial negro ou uma xerife negra pra atender o caso. Eu sentia na pele e tal, mas nunca abaixei a cabeça, não. E tô aí, até hoje, correndo atrás...

Nos Estados Unidos, a gente tá vendo que o cara nos evita e tal, mas ninguém tem coragem de tomar uma atitude clara. Aqui no Brasil, se acontece uma situação dessas, o negro leva numa boa. Quer dizer, hoje nem tanto. Antigamente, era mais normal ouvir:

— Ah, olha a cor dele!... Ah, tinha que ser preto mesmo, hein?!

Ou, então, como o Antônio Carlos fez quando jogava no Juventude: passa a ponta do dedo no braço e indica a cor da pele:

— Ó, ó, ó!

Arrumei muita briga, dei muita cabeçada, muita pernada em folgado por aí com esse negócio. Às vezes, quando percebia alguma coisa, olhava assim de soslaio, de rabo de olho, e via o cara fazendo o gestinho de passar a mão no braço. Já dava no meio:

— O que é que foi?

— Nada.

— “Nada” o escambau! Toma logo uma bolacha aqui pra largar de ser besta!

E já criava caso. Então, essa é a grande diferença entre o racismo no Brasil e nos Estados Unidos: aqui, a gente ainda fala e tal, mas, lá, o cara não fala, não acusa o negro porque sabe que vai ser processado e aquela coisa toda... É bem assim: o negro na sua, o branco na dele e *that's all*...

*

Nesse tempo todo como repórter, viajei pelo Brasil inteiro. Só que não estive ainda num estado chamado Roraima. Tenho um amigo que morava em Boa Vista e tentava sempre combinar de ir pra lá, conhecer e tal, mas não dava certo... Esse é o único estado do país em que não estive. E, também, Fernando de Noronha, outro lugar que ainda não tive o prazer de conhecer... Dos outros, já estive em tudo quanto foi canto por aí atrás de bola. Agora, disso tudo, pra ser bem sincero, eu sinto o seguinte: a cidade de Curitiba é estranha, diferente. Não só pra negro! Todo mundo que conhece percebe isso. O curitibano não aceita isso de jeito nenhum, mas a cidade de Curitiba é estranha!

Eu estive pra trabalhar uma vez lá pela Rádio Transamérica. Até fui ver casa, mas não gostei. Eles me ignoraram! É aquela coisa meio americana. Se a gente vê um vizinho e dá “bom dia”, o cara nos olha como se estivesse olhando pro vazio... Fui muito pro sul do país e

nunca tive problemas. Mesmo em Caxias, onde fiz vários jogos, não vi ou senti nada disso. Pelo menos, foi a minha percepção. Até pelo meu jeito talvez, pois já chego chamando a atenção, me relacionando com todo mundo, trocando ideia... Sempre saio de casa com o espírito ligado no meu piloto do bom humor, sabe?! E tem coisa que deixo pra lá e não vejo.

No nordeste, não acontece nada disso. O Brasil é aquilo, né?! O brasileiro sabe dessas coisas. Um cara vira pra outro e fala:

— Ô, aquele negão safado!

— Ah, que nada! Aquele branquelo e pápápá... – responde a outra pessoa.

Quer dizer, passa batido, não tem uma coisa assim tão conflitiva. Falo por mim, pelas minhas experiências. Já namorei japonesa e mulheres de diferentes origens, mas não tive problema de relacionamento nem com elas e nem com as famílias delas também. Mas, como disse, a cidade de Curitiba foi a que eu mais senti assim uma certa rejeição, um negócio estranho... com todo mundo que é de fora e, também, com os negros...

Na maioria dos lugares que passei, vi bastante briga entre torcidas. Já participei de umas coisas feias... Eu me lembro muito bem, até hoje, do Corinthians sendo desclassificado na Libertadores pelo Flamengo, que ainda tinha o Junior, dentro do próprio Pacaembu. Eu era o terceiro repórter da Rádio Bandeirantes... Terceiro repórter é aquele que faz torcida, posto policial... fica solto por ali. Na época, ainda se vendia cerveja nos estádios e em garrafa! O torcedor vinha com o copo e os caras enchiam e deixavam as garrafas nos engradados dentro do bar.

No segundo tempo, acho que após o segundo ou o terceiro gol do Flamengo, a torcida do Corinthians começou a chiar e, logo, invadiu os bares do Pacaembu. Os torcedores pegaram as garrafas e começaram a jogar pra dentro do gramado. Foi depois disso que, pela primeira vez, proibiram vender bebida em garrafa nos estádios... Não demorou muito e a torcida invadiu, também, o campo. Como o Pacaembu tava lotado, os demais torcedores começaram a correr pra todo lado.

Naquele momento, aconteceu um negócio estranho. A polícia brasileira – mal preparada, né?! – reagiu batendo em todo mundo. Eles entraram, fecharam o portão principal do estádio e jogaram os cavalos pra cima de qualquer um. Quem estava saindo, dava de frente com a tropa. Os policiais, com as suas espadas compridas, batiam de lado na gente, dando

aquelas lapadas, sabe? Então, era aquele choque: uma massa vindo de um lado, outra, de outro, e a gente ali no meio daquele desespero todo.

Eu me lembro que vi um senhor de uns 65 anos com uma criança de uns 8. O moleque gritava muito e o senhor o abraçou e o colocou entre ele e um pilar. Cada policial que passava dava uma lapada nas suas costas. Nisso, eu tava com o Luciano Faccioli – um baita amigo meu, que, na época, era repórter da Rádio Jovem Pan – e a gente conseguiu chegar perto dos dois e enroscar os nossos braços pra tirá-los dali. Pra tentar facilitar, nós levantamos os nossos microfones, mostrando as canoplas da Bandeirantes e da Jovem Pan. Mesmo tomando borrachada e botinada da polícia e apanhando dos próprios torcedores que batiam em todo mundo, a gente conseguiu resgatar o senhor e a criança e vazar daquele pedacinho, indo em direção ao posto médico, que era bem do lado da entrada. Escapamos daquilo ali, mas, no outro dia, nós estávamos com as costas marcadas... Foi um caos!

Outra vez, teve uma briga feia também em Campinas, num jogo entre Corinthians e Guarani. Foi a mesma coisa: invasão, polícia batendo nos torcedores, correria... Foram vários casos... Lá em Porto Alegre, numa outra ocasião, apanhei da torcida do Grêmio. É que os caras me confundiram com um jogador chamado Maurício, que é aquele negão, ponta direita, que fez o gol do título do Botafogo em 89. Ele tinha até feito o gol da vitória contra o São Paulo. Só que, como o Grêmio tinha perdido a partida de ida por 2 a 0, foi desclassificado nas semifinais do campeonato. Isso foi em 90, ano em que o São Paulo decidiu o título com o Corinthians.

Depois do jogo, eu tava esperando um pessoal na saída do vestiário. Na época, usava cabelo comprido e tava usando boné naquele dia. Quando um torcedor me viu, falou assim:

— Aí, mercenário, mulherengo e pêpêpê...

O cara me xingou e eu já respondi xingando a mãe dele também. Aí, ele partiu pra cima de mim. Pensei: “Ah, uns dois dá pra segurar.”. Só que os outros torcedores, que estavam longe, viram o forfé e vieram correndo pra me bater. Sei que tomei muitas bolachas até o pessoal da Rádio Guaíba chegar e discutir com os caras:

— Ei! O que é que isso?... Não é ele, não, e não sei o que...

Então, os meus amigos me levaram pra dentro do vestiário e foi aquela história do pessoal me perguntar:

— E, aí, como é que foi a vida?

— Olha, apanhei, mas também dei soco pra caramba!

No fim, a gente dá risada, né?!... Agora, com relação a gritos racistas de torcidas, já ouvi. Só que, em São Paulo, que é onde mais trabalhei, não tinha muito isso. O que tinha eram aqueles xingamentos comuns de uma maneira geral. Não me lembro de ter visto uma torcida se juntar contra um único jogador e gritar “macaco”, por exemplo. Até porque, todos os clubes de São Paulo, nessa nossa época, sempre tiveram jogadores negros. A mesma coisa entre as torcidas, que tem branco, negro, loiro...

Diferentemente do sul do país, em Caxias, por exemplo, onde quase a maioria é branca. Assim, é mais fácil de juntar lá um grupo de cinquenta, cem, sei lá, duzentos torcedores e começarem a xingar de “macaco” ou a jogar banana dentro do campo pra ofender um determinado jogador ou alguém da raça negra, né? Mas, em São Paulo, no Rio e até no nordeste, eu não peguei isso, não. Aliás, nem no sul também, nunca peguei um caso desse.

*

O racismo no futebol brasileiro é aquela história. Em quase todos os casos, o jogador negro vem de uma família pobre. Aí, tendo sucesso na profissão, ele passa a ganhar dinheiro e ascende socialmente. Só que, depois que termina a carreira, o cara volta a ter uma situação muito ruim. Mesmo hoje, a gente vê muitos jogadores passarem por isso. Eu até teria alguns casos pra contar aqui, mas seria deselegante citar nomes... Na cidade de Campinas, tem um jogador muito importante que passou exatamente por isso. Ao longo da carreira, ele não soube segurar as despesas direito e, assim que passou a fase dele, voltou a ter dificuldades. Aí, é muito comum o cara virar pra gente e falar:

— Pô! Eu nunca tive nada na vida... Depois tive condição, mas não sei o que... – e começa a lamentar.

Depois, cai na bebida, na droga e, daí, não tem mais recuperação... Entre nós, repórteres, a gente até brinca. Vemos muitas gerações de jogadores se formando, tendo sucesso e depois parando de jogar. Muitos seguem bem em outras funções, mas a maioria tem problema. Não só problema financeiro, mas problema no sentido de o cara já não ser mais o fulano do Corinthians, o beltrano do Palmeiras, o sicrano do São Paulo ou do Flamengo ou do Coritiba, enfim. Ele é um ex-jogador que volta a ser negro, não que deixasse de ser, mas, na

época em que tava bem, era um negão bonito, com carro zero, entrava onde bem entende e tal. Quer dizer, a cor não pesa nessa fase. Só que, quando ela passa e o cara não consegue segurar, ele sente muito o racismo. O jogador negro mesmo se volta pra isso, pras frustrações e pra aquela coisa toda.

Um exemplo bom disso, posso tirar dos dois anos e tanto que vivi nos Estados Unidos: o negro é muito mais racista que o branco... Aqui no Brasil, também tem isso às vezes. O cara reclama por qualquer coisa:

— Ah, só porque eu sou preto e não sei o que...

— Mas, ninguém falou que você é preto.

É lógico que o negro vai enfrentar barreiras em toda profissão, mas, se tiver capacidade e lutar, conquista o que quer... É que, às vezes, ele mesmo fala que ninguém o ajuda, mete uma preguiça e usa como desculpa o fato de ser negro, o que é uma grande hipocrisia. É claro que tem racismo no Brasil, mas isso não nos impede de seguir adiante dentro da profissão e de fazer sucesso, desde que a gente realmente queira.

É até por isso que eu não acho que os negros enfrentam uma segregação no futebol e no esporte. Se a gente for olhar pro atletismo, vamos ver muitos mais negros do que brancos em algumas posições. Por quê? Porque é a genética de cada um. Querendo ou não, o maior jogador de futebol do mundo é o Pelé, negro; o maior jogador de basquete é um negro norte-americano; com *boxer*, é a mesma coisa; e por aí vai. Inclusive, a santa padroeira do Brasil é negra. Então, tem umas coisas assim que nos valorizam. Enfim, acho que depende do cara mesmo. Não tem tantos técnicos negros, né?! Mas, em todas as áreas, há bons profisisonais... Eu até brinco com isso. Às vezes, as pessoas vinham me perguntar:

— E, aí, como é que você conseguiu?... Pô! Você é o primeiro repórter da Bandeirantes negro!

— Não, não sou. Eu estou repórter...

Na nossa vida [acho que não está se referindo ao negro], é assim: a gente precisa provar todo dia... Por quê? Porque é o ciclo da vida. Tem cara que não faz nada, mas vem de uma boa família, ganha e tal. Outros, não; tem que correr atrás. O gostoso da vida é a disputa, a conquista diária. Eu sempre encarei dessa maneira. Por isso que, às vezes, quando dou uma encostada, reclamo pra mim mesmo:

— Pô! Eu não vou ficar reclamando de ninguém, não. Valmir, levanta. Você faz tanta coisa.

A minha filosofia de vida é essa! Não sou religioso praticante, mas tenho as minhas crenças e trabalho em cima delas. Então, pra mim, até hoje, a grande religião é essa: acreditar, correr atrás, querer de verdade e fazer por onde que a conquista vem, entendeu?!... Às vezes, as pessoas me perguntam:

— Pô! Mas, você não queria ganhar um monte de dinheiro?

— Queria, mas sei que eu não preciso ganhar um monte de dinheiro. É pela minha trajetória.

Eu me propus a o quê? A criar bem meus filhos, saudáveis, tentar passar uma boa educação, principalmente esse ensinamento de conseguir as coisas através do trabalho. Agora, não adianta se dedicar a ganhar muito dinheiro pra comprar não sei quantas mansões. A gente tem que fazer o que gosta! Sempre tive como grande objetivo conhecer lugares. E, dentro do meu limite, conheço muitos lugares, como já te disse... Gosto de comer bem, viver bem, conhecer pessoas, outras culturas... Eu me viro bem em qualquer lugar do mundo. Passei quase um mês com a seleção brasileira na Arábia Saudita e também não tive problema. É o país mais difícil em que já tive até hoje.

Insisto nisso: se o negro faz o seu trabalho e é competente, ele ganha o respeito. Claro que, também, tem aquela coisa dos outros ficarem secando, de haver competição. Aliás, como há em qualquer profissão. O espaço é curto, pequeno mesmo, né?! O que a gente fala do futebol profissional vale pro rádio também, porque a “Meca” ainda continua sendo São Paulo. Todo mundo sonha:

— Pô! Eu venho lá da casa do chapéu pra trabalhar em São Paulo.

Isso era uma coisa que o pessoal me cobrava e, volta e meia, ainda me cobra. Principalmente, quando eu saí da Bandeirantes AM, da Band FM e, depois, da Transamérica. É uma questão de levantar e olhar pro meu histórico profissional. Até hoje, nunca fui mandado de nenhum trabalho que fiz, exceto na roça porque não gostava muito. Naquela época, era muito molecão ainda. Mas, quando comecei a trabalhar profissionalmente, sempre fui requisitado.

Com 14 anos, comecei a trabalhar como padeiro, de 75 a 79. Com três meses, deixei de ser ajudante pra trabalhar, da meia-noite e meia às sete da manhã, como forneiro

principal... Trabalhava, ralava o tempo inteiro e nunca faltava! Então, nunca fui mandado embora e sempre saí bem. Quando queria, falava:

— Meu, me manda embora que eu preciso sair

Ou seja, fazia a minha parte bacana... Da mesma forma, falei nas rádios em que trabalhei, como, em 2006, quando saí da Transamérica:

— Éder, não tô mais com tesão de fazer o negócio! Então, não adianta eu ficar aqui te enrolando como repórter. Quero montar a minha equipe, fazer outras coisas...

Fiz isso quando tive a banda também. Larguei o rádio esportivo e investi na música por dois anos e meio. Não deu certo, mas tudo bem. A gente tem que ir atrás do que gosta, só que tem que ter uma noção do seu talento praquilo. Enfim, sempre fui um cara muito leal com quem trabalhei. Se não tava mais a fim, falava mesmo, por mais que as pessoas tentassem me convencer a não largar dos empregos por isso ou por aquilo. Enquanto tenho prazer na minha função, trabalho pra caramba, numa boa. Nunca fui carreirista e nunca vou ser!

Da mesma forma, nunca coloquei uma empresa no pau e nunca vou colocar. Por quê? Em todos os lugares que trabalhei, me deram oportunidade e eu cresci dentro daquilo que me propus a fazer. Eles cumpriram a parte deles e eu, a minha. É por mau caratismo e por safadeza de funcionários que tem um monte de empresa hoje não contrata ninguém mais com carteira assinada. Então, sempre fui honesto e tenho muito a agradecer como negro no futebol e na minha profissão. Não por ser negro, mas por ter consciência da minha dificuldade e mesmo assim conseguir.

Quantas vezes ouvia indiretamente comentários racistas! Principalmente, de concorrentes. Só que pegava aquilo como estímulo. Por exemplo, com namorada:

— Pô! O que é que essa mina quer com esse negão? Separado, um monte de filho, pobre, sem faculdade, sem formação e não sei o que... O que é que uma mulher vai querer com um cara desse?

Se ficava sabendo, pensava: “Beleza.”. Depois, chegava e peitava os caras. Você sabe que o covarde não fala na sua cara. Mas, esse tipo de coisa nunca me ofendeu. Só respondia com umas perguntas assim:

— Ô, com quem que tá a menina? Tá comigo! Quem que é o cara que tá indo pra tal lugar? Sou eu... Você esteve onde? Você jogou onde? Você faz o quê?

Então, pronto. É a melhor resposta, entendeu?! Não adianta ficar perdendo tempo nessa hora... Uma vez, depois da final da Copa do Mundo de 94, nos Estados Unidos, eu tava num bar com um pessoal e tava trocando umas ideias com uma canadense, que foi com a minha lata e tal. Ainda não entendia bem o inglês, mas falava legal e tinha uma boa pronúncia. Por conta disso, senti que um americano tava tirando com a minha cara e tentando me ridicularizar. Aí, perguntei:

— Então, você é americano?

— Sou.

— E quantos idiomas você fala?

— Ah, eu falo inglês e beleza!

— Beleza nada, cara! – respondi rispidamente – Se você acha que, por ser americano, é o melhor, superior, você tinha que ter o mínimo de conhecimento do mundo. Eu sou brasileiro.

— Ah, não sei nem onde é o Brasil!

— Azar o seu. Eu sou brasileiro, mas tô aqui no seu país.

— Eu nunca saí do Texas. Pra mim, o mundo é aquilo lá.

E eu sempre pensei o seguinte: se eu e um outro cara estamos ocupando o mesmo ambiente e ele não concorda com a minha presença ali, alguma coisa está errada. Ou ele desceu muito ou eu que subi, porque, querendo ou não, nós estamos, naquele momento, no mesmo patamar. Continuando a discussão, disse assim pra ele:

— Se você acha que o americano é o *suprassumo*, você devia, pelo menos, se interar o mínimo, pois, aí, ia aprender um pouco de espanhol, de francês e até de português aqui com a gente. Poxa, eu sou brasileiro e tô falando inglês. Daqui a pouco, vou estar falando muito bem a sua língua e conseguir, também, me comunicar em francês, em espanhol...

Aí, as meninas, a canadense, a francesa e a mexicana, me deram os parabéns e ainda foram embora no carro que a empresa tinha alugado pra mim. Enquanto isso, o americano ficou a pé porque a mulher que tinha levado ele pro bar foi embora sozinha. Então, são situações que eu senti que fui discriminado. Nesse caso, foi mais pelo fato de ser brasileiro ou *chicano*, como eles falam, do que por ser negro. Enfim, sempre mostrava o meu melhor e não escondia nada. Quem vem comigo ou quem me aceita como companheiro, amigo, funcionário ou qualquer outra coisa, tá sabendo o que eu tenho pra oferecer.

— Olha, eu sou isso, tenho isso, tenho aquilo. — falo até hoje.

— Ah, mas você não tem vergonha?

— Ué! Vergonha, não. Vou ter vergonha em, amanhã, ter que correr de você porque falei uma coisa e tô fazendo outra.

Não é demagogia, é assim que eu encaro as coisas...

Pra terminar, digo que sou muito feliz dentro dessa profissão no rádio e acredito que seria em outra profissão também. É que o rádio possibilita o quê? Eu não paro de falar, falo dormindo e tal. Sou um rádio com aquela pilha solar que não desliga nunca! Adoro fazer amizade, brincar, comunicar e cativar as pessoas. E o rádio me possibilita isso. Ainda mais ligado ao esporte, ou melhor, ao futebol, que é a paixão mundial...

Às vezes, brinco falando que fiz um pedido ao Grande Arquiteto do universo, que é o seguinte:

— Quando a minha filha mais nova tiver uma boa orientação e uma condição de se virar sozinha, eu estarei tranquilo na hora que Você quiser me chamar.

E, hoje, ainda bem, tô nessa situação. A minha filha mais nova tem 18 anos, tá aí bonita, correndo pra lá e pra cá, com um monte de sem-vergonha dando em cima dela, mas já tô à vontade. Continuo, é claro, me cuidando até agora. Pratico esporte, corro, faço de tudo, mas, tô tranquilo e agradecido. Afinal, Ele fez a parte dele e eu, a minha... Sou um cara muito feliz!

Gostaria de terminar esse bate-papo deixando uma mensagem, que, há muito tempo, guardo pra mim: viva a vida intensamente, já que daqui nada se leva. Tirando o motorista e o cobrador, o resto é tudo passageiro... É assim que eu quero levar a minha vida, cumprindo bem o meu papel, fazendo bons amigos e dando muita risada... Como dizem uns amigos meus lá da Jamaica com o sotaque deles:

— *Black is beauty!*

È isso aí... Ah! E quero deixar registrado que o projeto da minha vida, pelo resto dos meus dias, é chamado KREJS... Katty, Rick, Evellin, Jeff e Saty, meus filhos.

2.7. REDE DOS INTELECTUAIS

Arlei Damo: “O futebol foi uma coisa importante no meu processo de socialização.”

O futebol foi uma coisa importante no meu processo de socialização. Ele aconteceu em um momento bem interessante da minha vida. É um caso. Então, já que tu és historiador e gosta de história oral, deves gostar dessas coisas...

Eu nasci bem no interior de Santa Catarina, em um lugar que hoje é chamado de Formosa do Sul, mas que à época era município de Quilombo. Conquanto seja branquela de origem, já que ambos os meus bisavós vieram do norte da Itália e que por isso mesmo estão mais para europeus nórdicos do que para negros, nasci em um município com esse nome: Quilombo. Engraçado...

Quando ainda era filho único, a minha família morava em um lugar relativamente ermo, no sentido de que não era possível enxergar a casa do vizinho mais próximo. Além disso, ficávamos há uma certa distância da comunidade... Bem no meio do mato mesmo! Por conta disso, eu tive uma infância muito solitária. Aprendi a brincar sozinho porque não tinha nenhuma companhia...

O meu pai era agricultor e a minha mãe, professora. Em um determinado momento, quando a minha mãe se tornou diretora de uma escola, nós fomos morar na Vila Formosa, que era um aglomerado de umas cento e cinquenta a duzentas casas. Naquela época, eu tinha uns cinco anos e meio e comecei a frequentar ambientes onde tinham outros garotos e outras garotas com quem tinha que conviver. Eu me lembro até hoje que tive uma certa dificuldade de entrosamento porque não estava habituado a brincar com amigos. Então, tinha que negociar essas questões todas.

Quando comecei a ir na escola, no ano seguinte, não se fazia muito educação física. Provavelmente, uma vez por semana se tanto. Nós fazíamos as atividades eventualmente no próprio pátio da escola e, às vezes, no campo de futebol, que era o campo da comunidade. Na verdade, era um potreiro do seu Simonato... Dou risada porque era um potreiro cheio de bosta, já que as vacas pastavam ali.

A professora fazia uma divisão sexual das atividades: as meninas jogavam caçador e os meninos, futebol. Havia toda uma distribuição de espaço correspondente em uma sociedade tradicional, com os meninos ocupando o espaço principal, o campo, e as meninas, um espaço ao redor dele... Às vezes, a professora ainda juntava a primeira e a segunda série.

Desta segunda série, tinham dois meninos que eram maiores do que todos os outros. Um era o Noé, um caboclo com traços indígenas, e o outro, o Fio, que era de uma família de negros, com mais dez irmãos, todos homens. A brincadeira era que a família dele formava um time de futebol. Depois, ele foi apelidado de Caju, como é conhecido até hoje, em alusão ao Paulo Cézar Caju... Ele não teve oportunidade de desenvolver os seus dotes futebolísticos. Acho que ninguém da família dele teve, mas ele e o Nenê, um dos seus irmãos mais velhos, jogavam muito! Inclusive, o Caju virou alcoólatra e teve uma história um pouco triste...

Enfim, tanto o Fio ou Caju quanto o Noé se destacavam na época porque eram maiores do que os outros garotos e por terem habilidade. De um lado do campo, jogava o Caju e, de outro, o Noé. É engraçado que todas as crianças, independente de estarem jogando três, oito ou vinte, correm o campo inteiro atrás da bola. Essa é a dinâmica de ocupação do espaço: todo mundo atrás do objeto do desejo, né?! Então, corria o Caju com a bola um tanto até que ele arrematasse em gol e, depois, o Noé fazia o mesmo no sentido contrário, enquanto todos os outros garotos só corriam atrás...

Eu me lembro que, em uma dessas ocasiões, a professora me estimulou a jogar, já que, como homem, tinha que brincar junto com os meninos... Mas, não gostei daquela brincadeira porque era um bando que passava. Era avassalador! Todo mundo suado, aquela gritaria, aquele xingamento todo... Aquilo não fazia muito sentido pra mim. Acho que, em uma das vezes, eu tropecei, caí numa bosta e ainda me pisaram por cima... A gente dá risada, mas, por conta disso, acabei me retirando da brincadeira. Sentei sob a sombra de uma árvore junto com o Vitor Paulo, outro menino que, seguidamente, saía da brincadeira. Provavelmente, por ser muito gozado pelos outros colegas devido à língua presa.

Numa dada ocasião, a professora nos convidou pra jogar com as meninas. Achei o caçador muito mais interessante! Porque as regras eram muito claras: todo mundo parado e arremessos de bola contra alguém do outro time. Daí, se acertava ou não acertava em uma pessoa, era ponto...

Até que eu passei para a segunda série e – eu me lembro como se fosse hoje – nós fomos para a última aula do dia: educação física. Era mês março e estava muito quente por conta do verão. Atravessamos um banhado e eu me preparei pra jogar caçador com as meninas. A professora virou pra mim e disse:

— Não, tu vai jogar lá com os meninos.

Pensei comigo: “Putz, que sacanagem! Jogar com os meninos?”. Não gostei daquilo! Bom, entrei em campo e parei lá na defesa. Obviamente que o Caju e o Noé tinham rodado e eram, então, meus colegas de turma. Hum... Naquele dia, era do time do Noé. Quando o Caju veio com a bola, há uma certa distância, chutou... A bola bateu na minha canela e ardeu muito. Tive vontade de chorar e pensei em abandonar aquilo tudo: “Azar da professora! Ela me mandou aqui, mas não vou mais jogar isso.”, me rebelando contra o sistema. Engraçado!...

Mas, não tive tempo! Ao mesmo tempo em que deu vontade de chorar, todo mundo veio pra cima de mim e me abraçou porque tinha salvado o gol. Eu tinha feito um grande feito! A partir daquele momento, o tal do futebol mudou de figura... O jogo começou a fazer sentido porque eu era alguém dentro jogo, alguém importante para o grupo dentro da dinâmica. Eu me lembro que cheguei em casa eufórico! Queria narrar cada lance, mas meu pai me deu um puxão de orelha porque tinha largado a refeição pra ficar contando a tal da aula de educação física. Provavelmente, devia ter quisto há muito tempo participar da

dinâmica. Só que não sabia como porque nunca tinha ganhado uma bola, nunca tinha participado dessa socialização...

É claro que, essas coisas, eu fui recuperando depois na memória, quando já estava escrevendo a dissertação. Então, pensando um pouco para além dos meus envolvimento subjetivos com o tema, mais do que o jogo em si, aquilo foi uma espécie de um ritual de passagem em que, a partir daquele momento, eu passei a fazer parte do grupo. Não só do grupo de meninos, mas também fazer parte. Foi fundamental porque me colocou como sendo alguém participante dele. E fui reconhecido como tal!

Desde então, eu virei um fanático! Aos poucos, fui aprendendo que os meninos todos tinham um time de futebol, que tinham jogos aos domingos, que sempre havia conversas na segunda-feira, que um era Grêmio e o outro era Inter e tal... Quer dizer, fui descobrindo toda essa dinâmica e fui, também, fazendo as minhas escolhas e participando desse universo, que é, digamos assim, um ambiente muito importante na socialização dos meninos... Ser excluído disso tem um custo muito alto, muito caro.

Eu não me lembro muito desses primeiros anos de escola, mas depois dessa época tenho uma lembrança melhor, sobretudo sobre o fato de ser filho da diretora. Isso sempre causava uma interação diferenciada, né?! Afinal, sempre é filho de uma autoridade. Então, sofria uma discriminação positiva, mas, pra mim, era sempre uma discriminação incômoda. Provavelmente, se eu não fosse filho de diretor, ia querer sê-lo; mas, como era, não queria sê-lo porque não achava que tinha grandes vantagens. Ao contrário, tinha desvantagens: via que era tratado de uma maneira diferenciada, era excluído de certas conversas, de certas coisas...

Isso é um pouco da minha infância nesse lugar distante... Completei até a oitava série nessa escola e, depois, acabei indo para um seminário. Era uma carreira típica, digamos assim, de meninos do interior que tinham essa oportunidade. Quer dizer, para continuar os estudos, ou a gente ia para um colégio agrícola, ou para um colégio de padres ou para alguma rede familiar. E o que estava mais ao alcance, pelo menos da minha mãe, que tinha um envolvimento muito grande com a Igreja, era o seminário. Ela era uma olheira dos padres! Hum... Recrutava talentos vocacionais e tinha um certo acesso.

Não tive muita escolha. Fui para o seminário... Nunca tive interesse de ser padre ou coisa parecida, mas tinha, em primeiro lugar, uma oportunidade de estudar... embora não gostasse muito também, mas não via muita perspectiva ali. A minha mãe jamais me deixaria

fora da escola, pelo menos até aquela época... O grande ponto positivo era bastante espaço pra jogar futebol. Nós jogávamos, no mínimo, uma vez por semana. Geralmente, jogávamos um dia à tarde; em outro, à noite; e aos domingos. Além disso, havia os horários de intervalo. Então, aquilo compensava todos os tempos de reza e coisas do gênero... É até engraçado.

Concluí o segundo grau e voltei pra casa durante um tempo... Por mim, teria ficado por lá e feito alguma coisa, mas, de novo, a minha mãe insistiu para que continuasse os estudos e fizesse uma faculdade. Aí, fiz vestibular pra muitas coisas: Agronomia, Filosofia... Acabei passando em Engenharia Mecânica e vim para o Rio Grande do Sul, para Porto Alegre. Frequentei durante dois anos, mas descobri que não tinha nenhuma vocação e nenhuma referência pra fazer este curso...

Chutei o balde literalmente! Fiz uma escolha muito romântica em optar pela Educação Física. Porque gostava de futebol e tinha essa referência mais próxima. Eu me via como professor, mas não como engenheiro... Foi um choque pra minha família:

— Ah, vai largar a Engenharia pra fazer Educação Física? – questionaram.

— Vou. É isso que eu gosto. – respondi.

Ao mesmo tempo, tinha pedido uma transferência interna na universidade pra fazer Filosofia... Logo no início do curso de Educação Física, eu fui me identificando e entrando em uma discussão a respeito dos referenciais epistemológicos dessa área, uma coisa que é característica da Educação Física brasileira do final dos anos 80 e início dos 90. Acabei me envolvendo com isso e fiz várias disciplinas do curso das ciências humanas. Passei pela Filosofia e Sociologia até que eu descobri a Antropologia. Achei que era o meu caminho...

É claro que tive oportunidades. Fui bolsista PET, um programa da CAPES que ainda existe hoje, o que me deu oportunidade de fazer essas incursões mais transversais por outros cursos. Isso foi decisivo na minha formação de maneira que, quando concluí a Educação Física, eu já tinha uma boa parte do curso de Ciências Sociais e, como a seleção de pós-graduação da Antropologia era aberta, tinha, digamos assim, as competências mínimas pra ser aprovado. Então, fui fazer o que gostava e, até hoje, me sinto muito à vontade com a Antropologia.

Durante o curso de Educação Física, apesar de gostar de futebol, deixei um pouco de lado isso. Só que não tinha tempo de fazer uma reconversão completa e me interessar por temas que não fossem aqueles que eu já dominasse um pouco de antemão ou que tivesse uma

certa familiaridade... Além disso, havia uma espécie de estímulo dos professores para que fizesse uma pesquisa sobre futebol, já que, na época, eram poucos os trabalhos. E, assim, acabei me vinculando a essa temática...

Na verdade, o meu tema central não é propriamente a questão racial, mas vou te dizer como ela apareceu. Quando comecei a pensar efetivamente em um trabalho sobre o futebol, os estímulos que vinham dos professores, sobretudo, me encaminhavam muito pra fazer um trabalho sobre violência. Na época, essa discussão estava muito em voga, já que foi um período de intensificação da violência entre as torcidas. Acho que foi em 95 ou 96 o ano daquele episódio em que um torcedor do São Paulo foi morto por um torcedor do Palmeiras em um jogo de um campeonato juvenil. Estava na moda discutir isso.

Neste mesmo período, iniciei mais ou menos a minha orientação com o professor Ruben Oliven... Ele havia participado da banca de mestrado do Luiz Henrique de Toledo, que tinha acabado de receber o prêmio de melhor dissertação da ANPOCS. Quando se transformou em livro, pediram pra ele resenhar. Aí, ele me passou essa tarefa. Seria uma espécie de prova, pois, se fosse capaz de fazer essa resenha, eu seria orientado por ele. Ao mesmo tempo, aquele foi um trabalho em que me demoveu de qualquer expectativa de escrever uma dissertação sobre violência no futebol. Porque achei que ele já tinha escrito o essencial a respeito.

Bom, o que me restava? Ele trabalhou basicamente com um tipo específico de torcedor, que são torcedores organizados, onde essa violência física se manifesta ou está mais presente. Afinal, a violência está presente no torcer, digamos assim. Ela é um dos elementos constitutivos da dinâmica esportiva, conquanto seja preponderantemente uma violência simbólica, tida como desejada e performatizada através de gestos e, sobretudo, de palavras... Então, eu disse a ele:

— Olha, professor, eu vou estudar o significado de torcer em uma perspectiva mais ampla. Antes de esses torcedores serem organizados, eles são torcedores. Afinal de contas, o que faz com que alguém se vincule a um clube de futebol?

Esse era um domínio completamente a ser descoberto... Havia aí um argumento interessante para se pensar a questão, já que vivemos justamente em um período em que a maior parte dos nossos vínculos se dá através de escolhas racionais. Estas são um tipo de escolha enfatizada pela modernidade e, sobretudo, são compassadas pelo viés temporal, ou

seja, nós temos a possibilidade de ruptura ou de devolução. Por exemplo: o casamento civil, hoje, pode ser feito e desfeito, ao contrário do casamento religioso que é mais tradicional... O direito do consumidor, cada vez mais, garante a possibilidade do sujeito devolver o produto caso não fique satisfeito. Enfim, boa parte das nossas escolhas é dessa natureza, em que podemos nos arrepender e mudar.

Acontece que a escolha no caso do futebol é única e imutável. Quer dizer, uma vez que o sujeito fez a escolha por torcer por um clube, não tem volta. Ele até pode torcer por outros clubes, mas torce, prioritariamente, por um... O sujeito pode se colocar para fora do sistema, só que não pode mudar a casaca no meio do percurso. Ou seja, é uma típica escolha que contraria essa perspectiva da modernidade, do individualismo, da escolha racional... porque tampouco é uma escolha racional. Geralmente, ele não faz uma escolha assim:

— Vou pra tal time porque ele é o melhor.

Até porque, este time é melhor em um momento, depois já não o é e, assim, o sujeito vai ter de arcar com o ônus dessa escolha.

Enfim, trabalhei com isso no mestrado. Peguei como mote a ideia do significado de torcer, mas, depois que eu tinha escrito todos os capítulos, reli e pensei que o conceito de pertencimento clubístico poderia *linkar* várias partes da dissertação, algumas mais fragmentadas. Enquanto não criava esse argumento, fui trabalhando basicamente com o conceito de identidade da seguinte maneira: existe uma identificação dos indivíduos com essa instituição clubística. Na verdade, o clube é um signo de uma comunidade de pertence.

Então, eu trabalhava com um referencial já utilizado por alguns outros pesquisadores. Aliás, os próprios torcedores usam esse termo êmico de nação enquanto comunidade e sentimento, que é um conceito weberiano, mas que, depois, foi apropriado e modificado pelo Benedict Anderson para comunidade-sentimento-imaginada. Assim, tentava traçar, nos capítulos da dissertação, as várias modalidades de identificação que os clubes concentravam. No caso específico aqui do Rio Grande do Sul, a rivalidade Grenal está assentada em cima dessas duas categorias: classe social e raça. É mais forte do que alguns outros lugares, conquanto essas duas categorias sejam, mais ou menos, genéricas no caso das rivalidades clubísticas brasileiras. Pouco importa que elas sejam mais simbólicas do que empíricas, no sentido de que os dados sociológicos nos mostram que não tem diferença em termos de distribuição dos torcedores. Do ponto de vista simbólico, essa rivalidade é muito presente...

Bom, isso me levou a reconstituir uma espécie de um histórico de como essas categorias sociais, de classe e de raça, foram sendo incorporadas à rivalidade Grenal. Para mim, isso era fundamental porque eu tinha muito essa preocupação de mostrar como o futebol se tramava à dinâmica social, como ele incorporava e dramatizava determinadas tensões sociais. Em outras palavras, como é que ele estrategicamente, conquanto não fosse propriamente uma estratégia intencional e premeditada, dragava pra dentro de si esses dilemas que estavam postos em um espectro mais amplo.

Então, eu sempre trabalhei com a ideia de que o jogo em si mesmo não tem sentido. Ele precisa buscar um sentido para fora de si mesmo... É muito raro alguém gostar do jogo exclusivamente pelo prazer de gostar. Isso é um pouco do viciado, que é aquela pessoa que gosta de tudo quanto é modalidade de jogo, pelo envolvimento, pela questão mesmo dramática de ganhar ou perder. Senão, é um jogo que não faz muito sentido. Pra que ficar vendo lá o pessoal correndo atrás de uma bola?

Isso tinha a ver um pouco com a minha infância, né?! Até uma certa época, não fazia sentido nenhum! Depois, começou a fazer todo sentido! Mas, o sentido estava onde? Não era o prazer de chutar uma bola, de correr... Nisso, não tem prazer nenhum. Estava em participar de um grupo. E o futebol me permitiu isso. Foi quando pensei: “Deve ter alguma coisa que faz com que o futebol drague tensões e outros aspectos importantes.”. Aí, comecei a trabalhar com História e, sobretudo, com a mitologia. Afinal, não só tem muita mitologia a respeito disso como é um terreno muito fértil para se trabalhar com questões relativas à oralidade...

Basta ver que todos os torcedores sabem contar histórias. Mas, são histórias que eles viveram, que ouviram de outros, que escutaram pelo rádio... Narram eventos dos quais eles jamais participaram, nos quais nunca estiveram ou coisas do gênero. Então, tudo isso constrói, digamos assim, um universo muito fantasmagórico. E eu tinha que limpar um pouco isso com referências muito escassas. Segui muito o Ginzburg. A ideia do paradigma indiciário, pra mim, foi uma leitura muito importante porque trabalhava bastante com indícios, numa fronteira entre uma história social, que não existia e que eu tentava dar conta, e ummm... uma história oral – não sei se é o termo mais apropriado – ou, às vezes, memória mesmo dos torcedores especificamente em relação à questão.

Bom, os relatos dos torcedores jogavam sempre a rivalidade para um período inicial. Segundo eles, a rivalidade sempre existiu; o Grêmio, desde sempre, era o clube dos

germanófilos e da elite porto-alegrense; e o Internacional, o clube dos negros e dos pobres... Olhando, então, para os jornais e etc., vi que não era bem assim. Eu nunca acreditei muito nessa história de uma grande rivalidade desde o princípio, mas na ideia de que o princípio seja algo importante de ser incorporado às narrativas. É típico da leitura da narrativa mítica: “Era uma vez...”, né?! Não, não era. O Grêmio e o Inter eram muito próximos no começo...

Ah, tem aquela história fantástica! Quando o Olívio Dutra foi tomar posse do cargo de prefeito de Porto Alegre, na primeira eleição do PT aqui, em 89, pediram pra executar o hino da Internacional Socialista:

— Toquem o hino da Internacional.

O maestro atendeu prontamente:

Glória do desporto nacional...

É muito engraçado!... Quer dizer, tinha toda essa coisa envolvendo a cor vermelha do Inter, o seu nome, os operários, negros, pobres... Depois, eu fui montando o quebra-cabeça. É claro que os gremistas se defendem um pouco dessa acusação de racismo ao dizerem que o Inter não é bem isso que é apregoado. Enfim, comecei a me interessar pelo assunto e questionei: “Afinal de contas, em que momento essa questão racial efetivamente apareceu dentro dessa dinâmica?”. Ela aparece, mais ou menos, nos anos 40 junto com outros eventos como o predomínio dos negros no carnaval de rua. Então, é quando o carnaval sai pra rua que eles são incorporados pelo Internacional. Só mais tarde, eles seriam pelo Grêmio, em um processo bastante tensionado internamente, já que havia evidências muito claras da existência de uma corrente contrária, o que marcava o clube como preconceituoso e etc.... Na dissertação, acabei escrevendo um capítulo sobre classe e raça no futebol. Depois, quando fui trabalhar com a formação de jogadores, no doutorado, a questão racial volta a aparecer embora não fosse o meu foco principal.

Eu acho que tem três maneiras de trabalhar a questão racial no futebol brasileiro... Pensando do ponto de vista teórico, se nós entrarmos com uma matriz mais freyreana e que sempre pensa o Brasil em contraposição aos Estados Unidos, aparece o Brasil como sendo uma espécie de democracia racial. Se nós tomarmos essa perspectiva, efetivamente o futebol aparece como sendo um daqueles espaços onde o negro tem oportunidades... Isso serve, inclusive para muitos, como argumento de que nós somos uma sociedade democrática e que não tem maiores problemas em relação aos negros, tanto é que os principais ídolos do futebol,

que é muito valorizado pelos brasileiros, são negros. Isso seria a prova cabal de que não tem racismo.

Por outro lado, temos uma segunda perspectiva, mais bourdiana. De maneira muito clara em um artigo, Bourdieu formula o campo esportivo como sendo o lugar dos negros nos Estados Unidos, o que não é muito diferente do lugar dos negros em toda parte. Ou seja, a ideia de que eles são tidos como predestinados pra atividades basicamente corporais, razão pela qual não seria de se esperar que, se eles tivessem algum espaço na nossa sociedade, seria no esporte e na música... No campo artístico em geral porque, em relação aos campos político, econômico e intelectual, seria o campo menos valorizado. Esses espaços são menos vigiados e, aí, os negros podem desenvolver os seus talentos, fazer carreiras e etc.. Então, como no Brasil predomina basicamente o futebol, os negros estão neste esporte.

Uma outra possibilidade é nós pensarmos, dentro de uma tradição mais uspiana de Florestan Fernandes e companhia, o campo por dentro ou a partir dele mesmo... Quando eu comecei a fazer a tese de doutorado, tinha que fazer um pouco dessas subdivisões que têm dentro do campo e que você utiliza muito bem quando recortou as sete redes. Nitidamente, dá pra perceber que você tem a intenção de pegar uma diversidade de narrativas, não é?

Com relação a isso, por muito tempo e ainda hoje, tem gente que faz uma confusão muito grande, o que pra mim causa aborrecimento porque significa que o campo avançou muito pouco. As pessoas falam em futebol como se fosse um todo homogêneo, e falam de qualquer coisa relacionada a ele... Quer dizer, a primeira coisa que eu tinha que fazer era definir o meu objeto: a formação de jogadores. E os jogadores são o quê? São profissionais. Eles não são a mesma coisa que os torcedores... Eles se constituem e se pensam de maneira diversa. É muito mais útil pra mim, teoricamente, ler coisas a respeito de outras formações profissionais pra pensar a formação de jogadores do que ler sobre futebol. Afinal, eles se pensam como sendo especialistas em algo dentro desse universo. Então, eu peguei basicamente aquelas categorias que o Luiz Henrique de Toledo tinha trabalhado na tese do doutorado: os profissionais, os mediadores especializados e os torcedores. E acrescentei uma outra dimensão importante, os dirigentes.

Antes disso, tinha que pensar de qual futebol se tratava porque é algo extremamente amplo, quase que um significante flutuante. Dividi o futebol em quatro matrizes ou, se trabalhasse em uma perspectiva mais foucaultiana, quatro níveis discursivos, pois não dá pra

pegar a pelada e comparar com futebol profissional. São coisas muito distintas! Além disso, pensei em futebol de várzea, que seria o intermediário ou uma flutuação entre esses dois últimos níveis, e na matriz escolar, que é uma outra discursividade, está dentro das disciplinas da Educação Física, tem o envolvimento do Estado, lalalá...

Bom, o meu negócio era futebol de espetáculo e, dentro do futebol de espetáculo, a formação de jogadores. Só que eu precisava pensá-los na relação com essas outras categorias dentro do campo. Essas divisões são interessantes pra pensar o lugar dos negros também... Eu já tinha trabalhado um pouco com o lugar deles nas torcidas. Torcer é uma categoria ampla. Quando a gente vai no estádio, percebemos que são demarcados outros pertencimentos dentro daquele universo mais extensivo dos torcedores. Embora eles pertençam a uma mesma comunidade de sentimento, tem segmentações e classes distintas de torcedores. Na classe da geral, popular, é onde normalmente estão os negros.

Com relação a isso, eu, particularmente, até gozava um pouco o Inter no meu trabalho –tinha lá dentro de mim um certo gremismo –, dizendo: “o Inter é clube do povo, mas ele reserva para o povo o pior dos espaços, que é onde os caras mal conseguem ver o jogo.”... Bom, de qualquer maneira, eles reservam um espaço no seu estádio, coisa que o Grêmio não tinha preocupação em fazê-lo. Na época, o Grêmio se vangloriava de ter os camarotes que eles não tinham. Agora, o Inter já construiu e ainda fechou a coreia... É até engraçado, pois os dois clubes estão muito mais equivalentes hoje. Mas, a questão era: o espaço do torcer estava muito claro e aberto. Quer dizer, qualquer um pode se apropriar desse sentimento da identificação clubística. Não é preciso ir no estádio para se dizer um torcedor fanático e etc..

Pra jogar, depende de ter alguma modalidade de talento em certa medida, mas, também, da maneira como vai conduzi-la. Efetivamente, não há restrição para os negros. Não é um lugar em que o sujeito tenha que provar para os outros e que, apesar de ser negro, ele é capaz de fazer aquilo. Está dado! E, pelo contrário, até é afirmado como sendo próprio para os negros...

Quando a gente olha para a crônica esportiva, que são os mediadores especializados e que têm uma importância diferenciada nas relações de poder, quase não tem negros. Particularmente dentro da crônica especializada, há aqueles cronistas que têm mais valor entre eles: os comentaristas esportivos. São aqueles que são reconhecidos como tendo uma

autoridade dentro do próprio campo. São mais valorizados que os repórteres, que os narradores... Enfim, dá pra contar nos dedos das mãos quantos negros a gente tem...

Mesmo entre a classe dos dirigentes, não tem. Mas, aí, alguém pode dizer o seguinte:

— Olha, esse é um problema que não tem necessariamente a ver com o futebol. O fato é que tanto os dirigentes quanto os cronistas são recrutados fora do próprio campo.

Os dirigentes, basicamente, são: homens, profissionais liberais, bem sucedidos econômica e politicamente, normalmente têm posições mais conservadoras, tradicionais... É esse, digamos, o nicho preferencial de recrutamento dos dirigentes de futebol. Já os mediadores da imprensa, em geral, são recrutados entre as classes média e média baixa. Não é a modalidade de Jornalismo mais valorizada e, por isso, as pessoas que trabalham nessa área tem menos prestígio... Enfim, de qualquer maneira, de novo, eles são recrutados de fora, pressupondo uma formação universitária ou alguma coisa nessa perspectiva.

Mas, existe um tipo de profissão que é muito valorizada e que recruta pessoas, basicamente, a partir dos jogadores de futebol. São os técnicos. Só que, aí, a gente não tem negros de novo. Então, deixa muito claro e muito explícito não só para o futebol, mas para toda a sociedade brasileira onde está o recorte racial... Naquele textinho que eu te passei, *Os racismos no esporte*, há um episódio que, pra mim, é revelador e conta toda a história:

— Negro pra jogar futebol, tudo bem. Agora, pra ser técnico, não.

Por quê? Primeiro, porque é uma posição de mando; segundo, que é uma posição tida como sendo própria de um estrategista, ou seja, alguém que tem uma capacidade intelectual um pouco superior. Inclusive, para se impor frente aos demais... E se imagina que, para se impor, o sujeito tenha que desenvolver alguma modalidade de estratégia, não podendo ser um néscio qualquer. Então, pra isso, os negros são, desde muito cedo, desacreditados dentro do próprio campo, o que revela, digamos assim, a face cruel do racismo à brasileira. Não está dito em lugar nenhum:

— Negro não pode.

Mas, ao mesmo tempo, está sendo dito a todo momento... Eu gosto muito do Bourdieu, que discute como essas coisas são ditas sutilmente. Através do cotidiano, por exemplo, em que o sujeito vai sendo desautorizado a fazer certas coisas, e, ao mesmo tempo, autorizado a fazer outras. Então, os negros entram em um espaço em que o destino deles está mais ou menos traçado. De serem exímios jogadores caso disponham de talento e consigam ser

exitosos no concurso da profissão... Depois da carreira, eles que se arranjam fazendo alguma outra coisa.

Isso continua sendo reproduzindo diariamente. Todos os comentaristas da Rede Globo são brancos. Até os de arbitragem! Temos o Falcão, o Caio, o Casagrande, que são ex-jogadores. Aí, alguém pode argumentando assim:

— Ah, mas tinha o Pelé, o Dadá...

Só que, nestes casos, tem algo de pitoresco, sobretudo no do Dadá, que sempre fala certas coisas... Tem um ou outro que consegue romper um pouco isso, como o Junior eventualmente, mas quantitativamente é flagrante a predominância dos brancos.

Sobre esse lugar dos negros, talvez, no futuro, eu gostaria de voltar a trabalhar, mas me demanda um tipo de investimento considerável ou mesmo etnográfico. Francamente, às vezes acho que seria um trabalho que não sei quantas pessoas se interessariam para lê-lo e entendê-lo na profundidade que isso tem. De todo modo, outra coisa fundamental nisso é trabalhar basicamente com os cânticos e com os xingamentos individuais nos estádios. Ali, é uma outra face do racismo...

Tive que escrever a tese e comecei a pensar como se forjava a identificação dos jogadores com o clube e com a torcida, e vice-versa. Afinal, tem toda uma negociação aí, que é necessária de ser feita embora, cada vez mais, o jogador seja compreendido como um profissional. Mas, ele não é um profissional qualquer. Os torcedores exigem alguma modalidade de identificação com o clube. Por isso, cobram, por exemplo, a existência de um centro de formação. Às vezes, em alguns clubes, isso é muito mal organizado e deficitário, mas tem que ter porque, senão, o dirigente é crucificado por não formar jogadores da base. Pretensamente, os torcedores acreditam que esses jogadores têm identificação, já que estão lá desde que nasceram, sendo assim torcedores tais quais eles que estão na arquibancada... Dentro disso, comecei a pensar um pouco como essa relação foi sendo constituída ao longo do tempo...

Uma coisa importante é notar que os torcedores têm o monopólio da palavra. Os jogadores não têm o direito de dizer nada. Nesses momentos quando o time perde, uma sequência de derrotas, por exemplo, eles saem do jogo dizendo:

— Não tem nada o que falar, tem que jogar bola.

Quer dizer, é uma desautorização radical da palavra. Todo o monopólio da fala cabe aos torcedores... Eu trabalho muito com as teorias da reciprocidade. E, aí, volto à questão do pertencimento pra tentar explicar um pouco isso. É a ideia de que o torcedor se empenha completamente porque tem uma identificação com o clube, que é imutável, e vai perder ou ganhar pela performance dos jogadores. Ele não tem alternativa, está preso ao clube. Os jogadores, não. Em perdendo, eles, simplesmente, rebaixam o clube pra segunda divisão e, depois, trocam de agremiação. É claro que vai manchar um pouco a sua biografia, mas não é nada que não seja reparável. Ou seja, eles circulam e os torcedores ficam presos...

Além de circularem, os jogadores recebem pra jogar. Em algumas circunstâncias, recebem relativamente bem. Os torcedores, além de não receberem nada e de ficarem presos, pagam o ingresso! Então, além de pagar e pagar um preço demasiado às vezes, eles sofrem quando o time perde. É uma espécie de um castigo. A contrapartida desse castigo é eles se autorizarem a dizer, tendo o monopólio da palavra e do julgamento... Não dá pra desconsiderar toda essa dinâmica que é própria, digamos assim, do clubismo.

Por outro lado, essa autorização total, essa concessão licenciosa, que se faz aos torcedores e que se restringe aos jogadores, não foi sempre assim. Ela aconteceu em um momento particular em que houve uma mudança na composição das torcidas, quando houve uma popularização do futebol, lá nos primórdios. Ao menos, pelos relatos de alguns historiadores, o público que frequentava os estádios era o mesmo que, hoje, frequenta as quadras de tênis. E, no tênis, a gente não tem essa quantidade de xingamentos, de palavras agressivas e tal... Então, me questionava em que momento isso aconteceu, o porquê disso e qual a relação entre o crescimento dessa popularização do público torcedor com o crescimento de assalariados negros jogando...

Bom, daí me surgiu a ideia de pensar algumas outras coisas interessantes. Por exemplo, qual é o lugar onde os torcedores se colocam pra assistir aos jogos? Qual o lugar simbólico? Há uma crença de que eles se colocam no lugar dos jogadores, mas não é. É no lugar do técnico! Comecei a ir no estádio e ver como é que os torcedores recebiam os jogadores que eu tinha acompanhado na formação. Anotava, sobretudo, o que eles falavam individualmente, quando estavam em transe assistindo a partida. São, basicamente, atos ilocucionários, ou seja, frases que não se satisfazem em dizer algo, mas em expressar uma ordem. A estrutura frasal é sempre a seguinte:

— Chuta, seu merda! Passa, desgraçado!

É sempre uma ordem seguida de uma qualificação negativa do sujeito a quem a ordem é dada. Então, quando os torcedores vão no estádio, independente de classe, de raça, do que quer que seja, eles não só se sentem autorizados a dizer o que querem como – aí é que está a sutileza – se colocam no lugar do técnico e, portanto, no lugar daquele que dá ordens, que comanda outros homens. Assim, de alguma maneira, a gente poderia pensar que, num sentido mais profundo, se vai ao estádio de futebol não simplesmente pra assistir desinteressadamente a um jogo de bola, mas pra exercer um desejo, uma satisfação, quiçá inconsciente, de comandar outros homens. O estádio é o lugar onde se pode fazer isso, independentemente de as ordens serem atendidas pelo sujeito. O que importa é dar ordens, ter o prazer de enunciar uma ordem. Aí, os palavrões e xingamentos adquirem uma conotação que, digamos assim, cumpre esse espaço deixado em branco pelo fato de o sujeito a quem a ordem é dirigida estar distante e, muito provavelmente, não atender a essa ordem. Quer dizer, a agressividade é tal que preenche esse vazio... Enfim, é um grande espetáculo onde homens vão dar ordens pra outros homens.

Bom, se você quiser pensar isso em algum resíduo ou sadismo de uma sociedade escravocrata, à la Sérgio Buarque de Holanda, eu acho que daria pra fazer uma conexão profunda com isso. E mais: o fato de que aqueles que estão em campo são, prioritariamente, recrutados entre grupos populares em geral e negros em especial, pouco importando se eles ganham muito ou pouco, legitima essa discursividade extremamente autoritária. Repito: extremamente autoritária. É uma catarse... Alguém pode dizer assim:

— Que bom que se faça isso no estádio de futebol e que não se faça em outros lugares.

Cada vez menos, se tolera isso em outros lugares, mas, no futebol, continua sendo absolutamente tolerável. E tem muita gente que acha isso absolutamente como parte da democracia do futebol, ou melhor, exalta isso como sinônimo de uma democracia. Então, esses elementos todos me fazem pensar: “que democracia é essa?... Que democracia é essa que autoriza alguém a tal discurso, a tal agressividade, a tal autoritarismo?”. Mesmo que ele seja simbólico, há uma carga ali de violência muito forte. E ainda essa violência é dirigida a alguém, não a um sujeito qualquer.

Por que não se tem isso no tênis? Ou no vôlei? Porque, nestes esportes, não tem negros e nem populares em geral. Como as pessoas vão dirigir essas palavras aos seus iguais? À

subalternos pode. Quer dizer, é a ideia mesmo de que há, no futebol, uma classe de subalternos e que podem ser dadas a eles muitas coisas – prestígio, por exemplo –, mas, também, podem ser retiradas a qualquer momento. Jogador de futebol é uma profissão muito marcada pela presença de negros no caso brasileiro, e é um *status* muito vulnerável... Tudo o que um jogador construiu ao longo de um ano pode ser retirado em uma sequência de dois ou três jogos ou, às vezes, em um evento... Então, eu acho que seria interessante trabalhar como a questão raça aparece nessas coisas mais abstratas.

*

Por um lado, eu estou meio cansado dessas discussões de futebol; por outro, tem muita coisa interessante a se pensar... Quando estava na França, fiz um levantamento, que continuo atualizando, através dos dados publicados pelo *L'Equipe*. Neste jornal, aparece a distribuição dos jogadores de acordo com a divisão social do trabalho. São quatro posições: goleiro, defensor, meio-campista e atacante. A divisão é feita também por nacionalidade, levando em consideração os cinco principais países, que eu chamo de *Hollywood* do futebol: Inglaterra, Itália, Alemanha e França e Espanha.

A maior parte das pessoas acha que os brasileiros são recrutados pra jogar no ataque. Não são! A última pesquisa que eu atualizei, agora com os dados de 2007, mostra um gráfico em linha reta decrescente. Claro que tem menos goleiros! É que eles são, geralmente, não só recrutados no próprio país como formados dentro do próprio clube. Inclusive, toda a formação do goleiro é diferente. Ele não é jogador de futebol, é outra coisa. É goleiro, uma coisa à parte... Daí, da defesa pra frente, o Brasil é uma linha reta decrescente. A gente pode pensar duas coisas: a principal é a ideia de que o Brasil é um mulato, um intermediário entre branco e negro, ou, simplesmente, rompeu-se essa barreira racial. Mas, contradiz uma ideia de senso comum de que os brasileiros são bons no ataque. Até pouco tempo atrás, era só o que se dizia! Bastava assistir a um jogo de futebol, que se ouvia:

— A defesa brasileira é um pânico!

Talvez, tivesse sido sempre uma ilusão. A gente não tem um dado empírico capaz de dizer que o Brasil tivesse a pior defesa dos campeonatos ou que perdesse por causa dela... Às vezes, acontece. Agora, com a maior presença de jogadores brasileiros em clubes importantes,

decerto já não se fala mais tanto e não se ouve mais com tanta frequência. Ainda assim, o pessoal acredita que tem mais atacantes brasileiros no exterior. Na verdade, não tem.

Aí, quando a gente olha para os franceses, por exemplo, que jogam fora da França, nesses outros países, o gráfico é uma descendente. Na medida em que avança da defesa pro ataque, diminui a quantidade de franceses, ao contrário do que se vê em três países da África subsaariana. Ao invés de ficar te falando assim de cabeça, deixa eu pegar a minha tese pra te mostrar o gráfico... Achei! Está na página 336. Veja:

Gráfico 8.1 – Divisão do trabalho em equipe por nacionalidade

Fonte: banco de dados do autor sobre jogadores que atuam nos principais mercados europeus. Foram selecionados, sob 2.747 da amostra, os atletas de nacionalidade francesa (FRA), argentina (ARG), brasileira (BRA) e, agrupados, os senegaleses, camaroneses e nigerianos (AFR), os principais “estrangeiros” atuando nesses mercados²⁸¹.

Legenda: G= Goleiro; D=Defensor; M= Meio-campista; A= Atacante.

São dados de 2004. A linha amarela é a dos brasileiros. No último gráfico, está até mais reta da defesa para o ataque. De qualquer maneira, o que se imagina é uma coisa ascendente. Essa linha em azul é a da França e tem uma inclinação um pouco mais pronunciada do que a brasileira. No último levantamento, é ainda mais pronunciada. Já essa linha verde é a dos jogadores da África. Aqui, eu juntei os senegaleses, camaroneses e nigerianos, mas, no segundo levantamento, peguei toda a África negra. Mesmo assim, essa reta continua se reproduzindo.

Quando li os livros didáticos que falam sobre a formação de jogadores – trouxe vários deles lá da França –, a ideia sempre expressa é a de que o jogador, para atuar na defesa, tem que ser seguro, ter confiança, comandar os demais jogadores, orientar... Quer dizer, seria meio complicado imaginar um negro fazendo isso. E isso se reflete na posição dos técnicos, já que vários deles foram jogadores e capitães das suas equipes. Ou seja, eles vão construindo essa autoridade, aprendendo a mandar e a se impor ao longo da carreira. Os capitães das equipes... hum... normalmente são branquelos...

Outra coisa interessante que eu fui pesquisar era a respeito dos jogadores da dupla Grenal. Precisava construir esses argumentos, mas tinha que ser com dados fundados. Eu queria mostrar que o Brasil também importa jogadores, sobretudo aqui no sul, por ter uma familiaridade e uma proximidade com a Argentina e o Uruguai. Basicamente, se importam o quê? Zagueiros! Mas, não podia simplesmente chutar isso, precisava fazer um levantamento. Então, peguei um livro sobre as escalações dos Grenais e juntei um grupo de uns vinte e cinco a trinta jogadores nas últimas décadas. É disparado! Tem muito mais zagueiros do que atacantes. Talvez, tenha começado recentemente a aparecer muitos atacantes também que vêm de fora: colombianos, chilenos... e uruguaios e argentinos, é claro.

Os dois clubes daqui têm títulos históricos com a presença deste tipo de jogador. No primeiro título brasileiro conquistado pelo Inter, em 75, quem era o capitão?... Figueroa, um chileno. No Grêmio, campeão brasileiro em 81, o capitão era o Hugo de León, um uruguaio... É a ideia do xerife. Hum! Esse é o termo que se utiliza. É o cara que vai botar ordem, mandar nos outros etc..

Recentemente, a CBF divulgou uma lista de todos os registros de jogadores. Dá um pdf com três mil e não sei quantas páginas. Como tem a distinção por nacionalidade, eu quero fazer, com tempo, o argumento mais fino, mostrando que, à contrapartida dos europeus, que importam o que lhes faltam, nós também importamos. O que nós achamos que nos falta? O homem branco, o colonizador, o xerife, o comandante... Claro que isso tem muitas margens de relativização, mas acho legal construir esses argumentos mais extensos porque eles nos possibilitam pensar o jogador que contraria essa perspectiva, como ele conseguiu se impor e etc.... É esse o trabalho que eu quero fazer agora, continuando a estudar a movimentação de jogadores do Brasil pra fora.

Os meus escritos, recentemente, são sobre as excursões, que já fazem parte de um processo de globalização, de circulação transnacional, mas que são anteriores à saída de jogadores. Como você sabe, eu trato futebol de espetáculo como um bem simbólico. Então, essas excursões têm a ver com a estruturação desse mercado de bens simbólicos na Europa, em que eles têm as tecnologias capazes de produzir o espetáculo. Isso é algo que, agora, estão tentando implementar no Brasil também.

Para tanto, é necessário, na visão deles, passar por todo um processo de higienização. Quer dizer, como o futebol é uma coisa que tem muita violência, é preciso civilizar o evento, porque senão ele não é um produto digno de consumo ou recomendável, digamos assim. Tem que aparar todas as suas arestas. Os gramados, por exemplo, têm que ser perfeitos e não oferecer riscos aos jogadores. Afinal, nessa prática esportiva, não pode aparecer atletas quebrando a perna, lesionando o joelho ou pisando em um buraco. Além de um gramado limpo, todas as pessoas devem estar sentadas no estádio. Não pode haver bandos sem camisa. Hum... Enfim, tudo isso é um longo processo pra converter isto em um espetáculo de massas e em um produto a ser vendido pelo mundo. Assim, nós, além de consumirmos o nosso espetáculo, passamos a consumir esses espetáculos vindos de fora.

Detalhe: os europeus montaram todo esse circuito, mas necessitam de um pouco de qualidade técnica nesses espetáculos. Para isso, é fundamental recrutar artistas de fora, de todas as partes do mundo, sobretudo da África e da América do Sul. Os grandes fornecedores de pés de obra para esse mercado são, particularmente, Brasil, Argentina, Uruguai, África subsaariana e a região dos Balcãs também...

Então, o que são as excursões? São o momento anterior em que os clubes brasileiros viajam pra se apresentar... Mais ou menos, diria pra você que o futebol da atualidade está para o cinema ou para o vídeo, já que se assiste de casa pela televisão, assim como o futebol daquela época estava para o espetáculo circense, quando as pessoas iam, basicamente, nos estádios para assistir aos jogos. Esse é um tema fantástico porque havia as excursões de clubes tradicionais, notadamente o Botafogo e o Santos, times melhor remunerados e com mais mercado, mas, também, de clubes como o Cruzeiro de Porto Alegre. Quem não é daqui, geralmente, não conhece. É um clube que, em algum momento, até chegou a rivalizar com Grêmio e Inter, mas nunca conseguiu nem um título gaúcho, quanto menos uma projeção nacional. Quase desapareceu e, hoje, joga na segunda divisão se tanto...

O fato é que o Cruzeiro fez uma excursão que durou três meses e que passou por vários países da Europa em 62. Enquanto o Brasil jogava a Copa do Mundo do Chile, o Cruzeiro estava excursionando na Europa. Eles não foram só para as cidades grandes, passaram, também, por cidades pequenas de vinte e trinta mil habitantes. E lotavam os estádios! Teve o Metropol também, um clube lá de Criciúma que desapareceu, mas que chegou a ser campeão catarinense na década de 60. Era formado basicamente por trabalhadores das carboníferas e foi duas vezes à Europa. Em uma delas, me parece, passou dois meses excursionando por esses lugares.

Aí, é o detalhe interessante: o que eles tinham a oferecer? Como é que se constitui esse público que lota os estádios pra ver um time brasileiro jogar? Um dos elementos essenciais é a presença de negros. E como é que a gente percebe isso? Além de outros indícios, pelas fotos publicadas nos jornais locais daqui do Brasil. Normalmente, os jornalistas não cobriam esses clubes pequenos, mas as reportagens publicadas nos jornais de lá saiam por inteiro às vezes nos daqui. Muitas vezes, pra mostrar que o clube em questão tinha feito sucesso ou sido noticiado na imprensa europeia. Invariavelmente, aparece a figura de um negro estampada.

Eu me dei conta disso quando estava, por outra razão, mexendo nos jornais franceses da década de 30 na *Bibliothèque de France*. Estava buscando a cobertura que os jornais da época fizeram da Copa de 38. Há um exotismo dos negros. Sob certo aspecto, há um fascínio do europeu desde tempos remotos. Basta a gente ver o consumo em larga escala de fotografias, de relatos de viagens, de narrativas... e, recentemente, um novo interesse pela chamada *art noir*, que seria a arte dos negros. Hoje, em Paris, tem mais de cinquenta galerias especializadas em obras desse tipo de arte. Na verdade, é uma grande pilhagem das produções artesanais... Enfim, há uma valorização e um fascínio pelo exótico e etc..

O que explica essa curva? Tem duas explicações. Uma delas, o custo. O atacante é mais raro e custa muito mais. Formar um atacante é muito mais difícil do que formar um zagueiro... A qualidade não sai senão da quantidade. Digamos assim: é preciso ter um “pré-sal” de crianças muito maior. E, com mais facilidade, se encontra isso nos países periféricos. O cara lá que eu entrevistei em Bilbao disse:

— Ah! No Brasil, as crianças ficam muito mais tempo com a bola. Por isso, tem muito mais habilidade. Enquanto nós temos que ensinar os garotos daqui a chutar, esses meninos já saem fazendo malabarismos com a bola. Não tem comparação!

Isso acontece em função de uma série de coisas. De todo modo, aqui tem essa oferta abundante e, praticamente, a legislação é muito falha. É muito barato para formar jogador aqui e, em função disso, tem todo esse mercado que manda jogador daqui pra lá.

A outra questão é que, efetivamente, há um espaço e um fascínio não só pela cor da pele e pela presença de negros, mas pela ideia mesmo de que eles podem fazer algo surpreendente, algo que os europeus não seriam capazes de fazer em razão de um longo processo de civilização, racionalização. Quer dizer, de uma sensibilidade moldada dentro de uma determinada estrutura em que o irracional, o emotivo, o criativo... são periféricos, desvalorizados.

Então, eu preciso fazer um levantamento pra ter um pouco mais de precisão, pra ver quais clubes excursionaram e em que época, e pra confirmar essa minha suposição de que esse período se arrastou basicamente do final dos anos 50, depois da conquista da Copa de 58 – uma época em que a Europa também já estava recomposta da Segunda Guerra e, portanto, já podia se dar ao luxo de gastar com esse tipo de espetáculo, com uma coisa supérflua... –, até o momento em que, obviamente, isso é compassado pelo surgimento dos meios de comunicação de massa. Havia, efetivamente, uma necessidade da presença desses times lá. Depois, os europeus descobriram que é muito mais em conta, muito mais negócio, ao invés de pagar para o time ficar excursionando, levar só o jogador. E, ainda, eles têm a possibilidade de vender de volta o espetáculo inteiro...

Antes que eu me esqueça, deixa falar um pouco do goleiro. Bom, tudo indica que ainda há preconceito com relação aos goleiros negros. Afinal, se está tão claro que um zagueiro tem que ser seguro, um goleiro muito mais. É o cargo de confiança máxima. A primeira coisa que o goleiro tem que ser é confiável... Aqui no sul, as pessoas falam muito de “zagueiro enfeitado”. É tipo um Domingos da Guia, que, vira e mexe, faz uma jogada arriscada, que as pessoas, quando estão vendo, falam:

— Olha lá! Vai fazer cagada.

É ideia de que os negros são muito enfeitados. Para o ataque, são bons, mas, para a defesa, não...

Pra limpar essa dúvida com relação ao goleiro negro, a gente teria que ir na várzea e ver se tem lá. Ou eles simplesmente não gostam de jogar no gol ou tem outras coisas por detrás... Eu já formulei algumas hipóteses a respeito. Inclusive, algumas delas, à primeira

vista, até poderiam parecer racistas. Cara, tu tens ideia do seja o treinamento do goleiro?... É uma tortura! É pancada o tempo inteiro. E grama! Caindo e levantando, caindo e levantando... O goleiro trabalha disparado mais que todos os outros! Não tem comparação...

Esse tipo de serviço não é muito valorizado. Essa valorização do trabalho, do sacrifício, é um discurso mais europeu. E digo que isso combina com o goleiro porque ele pode fazer muitas defesas em um jogo, mas, se deixar passar uma bola, é crucificado. É uma coisa muito desproporcional entre o trabalho que ele faz e o que ele aparece no jogo. Então, é trabalho demais pra reconhecimento de menos... Essa ideia desse trabalho excessivo não se coadunaria com uma cosmologia de uma tradição africana. Que o trabalho não é um valor supremo! Isso está presente mesmo nas classes trabalhadoras brasileiras. Basta pegar, por exemplo, a música popular brasileira clássica que traz o trabalho sempre como coisa de otário, né?! A ideia é que ninguém vai a lugar nenhum trabalhando...

É possível ser malandro até como zagueiro. O bom malandro é o centroavante. Goleiro malandro, tu já viste?... Impossível! Quer dizer, não é uma categoria que se aplica ao goleiro. Então, eu acho que tem uma série de elementos que fazem com que essa não seja uma profissão valorizada. Esse é um ponto, o outro é que tem essa coisa mais fina das técnicas corporais, que, às vezes, é determinante... Quando eu estava escrevendo a tese, tinha uma gurizada que jogava futebol aqui beco no fim da tarde. Era uma gritaria infernal! Agora, até que eles estão mais calmos. Até porque, ficaram grandes, é um outro grupo e tal. Na época, era muito intenso. Eu os observava e me lembrava muito das minhas dinâmicas quando era criança. Tem uma coisa: quem é que vai pro gol originalmente?... É o cara que não tem habilidade com os pés, o que não deixa de ser o pior. Então, teria que ver nas vilas e ruas pra ver quem é que vai para gol e essa coisa toda.

Porque, realmente, chama a atenção o fato de que, mesmo nas categorias de base, não tenham meninos negros que vão ser goleiros. E é difícil acreditar que essa história do Barbosa e mesmo essas hipóteses de que tem que ter confiança – até porque, são marcações que vão aparecendo mais ao longo do processo de profissionalização – sejam determinantes desde o início. Agora, tem que ir a campo e ver mesmo. Pois, se a gente for e ver que está cheio de guri negro no fraldinha e que não são aproveitados nas categorias seguintes, aí não tem como se valer de um discurso biológico e dizer que eles não têm agilidade. Não faria o menor sentido.

Eu tenho a impressão que tem aparecido muitos goleiros negros na Europa. O titular da seleção da França, o Mandanda, que joga no Olympique de Marseille, é negro. Esse é um processo mais recente, inclusive no Brasil, que, por um longo tempo, teve pouquíssimos goleiros negros. Acho que o Dida foi um marco, já que aparece depois de um longo vazio e participa da Copa do Mundo... Embora eu não aguento mais falar do Barbosa, a gente pode pensar que sempre existiu um pensamento de que os negros falham na hora agá e que o Barbosa foi só um evento. Ou seja, tomando como referência o livro *Ilhas de História*, do Marshall Sahlins, o Barbosa teria aparecido na hora errada, tal como o capitão Cook...

Veja que interessante: pensando na posição do zagueiro, podemos refletir uma outra relação, que é quem bate em quem. O zagueiro dá pontapé, certo?! Quer dizer, onde é que já se viu um negro batendo num branco? Isso seria inconcebível! Mas, o contrário pode: brancos na defesa dando pontapés nos negros. Agora, estes não levam pontapé nenhum, mas, a toda hora, estão se arrastando pelo campo, ao menos nos treinamentos... Eu não compro o discurso biológico, mas acredito na transposição da capoeira para o futebol brasileiro. Ninguém me convence do contrário.

Aí, entraríamos na discussão interminável de futebol-arte, do que especifica o estilo brasileiro de jogo. Um dos elementos importantes disso, que eu percebo no futebol do Rio de Janeiro, é a aversão ao toque. Isso, ainda hoje, é perceptível em função das escolas de arbitragem. Tem uma história que conto e que as pessoas riem um monte. No mestrado, quando estava folheando uns escritos sobre o Grêmio, peguei uma revista do clube que fazia uma homenagem a um zagueiro parrudão que tinha vindo da Alemanha, o Mordick. Ele era destacado como sendo o introdutor do encontrão. Isso se deu tardiamente, já que estávamos na década de 1910. Ele, então, ensinou aos porto-alegrenses que jogo de corpo não era falta. O Mordick fez a festa! Afinal, ninguém usava essa técnica corporal. E a escola de arbitragem local, normalmente quando ouvimos os comentários, tende a ser comparada com uma escola sul-americana, que deixa o jogo andar mais à europeia. Já o futebol no Rio de Janeiro, se um jogador tocar, é falta.

Certa vez, acompanhei um jogo entre Grêmio e Fluminense e conversei com o técnico Gilson Gênio, que treinava o juvenil do Fluminense, mas que tinha jogado pelo Grêmio também. Como o torneio era aqui, os árbitros todos eram da Federação Gaúcha, e ele se mostrou preocupado com isso:

— O time é muito bom tecnicamente, mas estou achando que a gente vai ter problema porque a escola de arbitragem do Rio Grande do Sul é diferente. Eles não marcam umas faltas que lá no Rio se marca. Então, já avisei os guris, mas estou preocupado.

E não deu outra! O jogo começou e os jogadores do Grêmio chegaram botando o corpo. Os meninos cariocas pediam falta, mas o árbitro tocava a partida. Dali um tempo, eles passaram a reclamar e o juiz começou a dar cartão amarelo. Conclusão: perderam o jogo com dois jogadores expulsos. Eles choraram copiosamente! De tão nervosos que ficaram no fim do jogo. Eles acharam que tinham sido roubados injustamente, uma ladroagem etc.. Não. Era simplesmente uma questão de interpretação da arbitragem. Aquilo me fez pensar seriamente o assunto.

Efetivamente, no Rio de Janeiro, se dá muitas faltas por toque. Acho que isso tem a ver com a capoeira porque, na capoeira, não se toca o outro. Então, isso desenvolveu um tipo de sensibilidade, mas é claro que é uma história conjectural. Dá pra se imaginar que, quando o futebol começou a ser jogado, sobretudo entre as classes mais populares, eles tinham algumas referências corporais, dentre as quais a capoeira. Se o Mordick introduziu muito tempo depois o encontros no Rio Grande do Sul, quanto mais no Rio de Janeiro. Então, criou-se um futebol que tem uma sensibilidade muito grande. Quando toca, para. É falta. Bom, se não se pode tocar, mudam-se as estratégias de jogo. E mais do que o toque, tem toda a história do gingado, em que se movimenta o quadril de lado a lado.

O texto do Mauss sobre as técnicas corporais permite a gente fazer essas elucubrações. Quer dizer, dá pra se pensar como essas maneiras de se usar o corpo são emprestadas de um lugar para outro, assim como a gente empresta termos de outras línguas, do inglês, do francês, do italiano... Então, vejo o futebol do Rio de Janeiro como sendo muito mais influenciado pela capoeira e por essas técnicas corporais do que são os outros futebolis...

*

Em primeiro lugar, eu acho que o dom é uma categoria presente em quase todas as narrativas de carreiras artísticas... Geralmente, quase não se diz:

— Aquele sujeito tem o dom pra ser cientista.

Não. Se forem falar algo nesse sentido, dizem:

— Ah, ele é inteligente. — ou qualquer coisa parecida: esforçado, cdf...

Já, pra qualificar um artista, parece que é sempre necessário ter algo a mais. Pra mim, um trabalho paradigmático é o do Norbert Elias sobre a biografia do Mozart. Ele escreve assim: “Mozart era um gênio e ponto. Não discute a sua genialidade...”. Depois de afirmar que ele era um gênio e um sujeito fora da sua época, foi discutir outras coisas a partir da trajetória do músico. Então, o Norbert Elias usa seguidamente a ideia de que o Mozart era dotado de um talento extraordinário. O dom aparece enquanto uma categoria nativa para compor, digamos assim, uma certa inteligibilidade das carreiras artísticas bem sucedidas em geral. Acho que o futebol de espetáculo está muito próximo do campo artístico. Eu incluiria essa modalidade dentro, tanto é que a trato como bem simbólico. Nem sempre foi assim, mas, hoje, esse futebol é...

Não vou dizer, no caso específico da sociedade brasileira, que tem uma coisa genética que explica o bom desempenho dos negros no futebol. Não discuto essa questão. Ela é muito arriscada porque não se consegue limpar o que é da natureza e o que é da cultura. Agora, dá para se dizer, sem sombra de dúvidas, que, independente da genética, os negros são pensados — e não é só o caso do Brasil, mas de uma cartografia mais ampla — como sendo muito habilidosos pra fazerem coisas com o corpo. O espaço artístico é, digamos assim, menos vigiado, onde, como disse anteriormente, eles podem desenvolver as suas competências. Isso vale pro futebol, mas vale pra música também. A gente tem vários negros que são expoentes na música nacional, super talentosos... Acho que nada é mais ilustrativo do que o jazz norte-americano. Não são poucos os que dizem:

— Um branco não pode ser jazzista. Isso é coisa pra negro! Só eles têm talento pra isso, pra sambar, pra certas coisas...

E o futebol entra nessas “certas coisas”. Acho que tem o aspecto positivo e o negativo. O aspecto positivo é que, efetivamente, alguns negros conseguem desenvolver os seus talentos, que, certamente, não conseguem desenvolver em outras áreas. Porque, nas outras áreas, eles têm uma série de constrangimentos. No caso do futebol e da música popular, não têm... Por outro lado, toda vez que aparece um negro bem sucedido no futebol, ele reforça esse estereótipo:

— Isso é coisa pra negro.

Ou:

— Ele está no lugar certo.

Sobretudo, porque ele sempre aparece como jogador... O ideal seria que rompesse com esses constrangimentos, com esses estereótipos. Agora, o dom, em si mesmo, não é uma categoria que oblitera a trajetória de ninguém...

Dentro dessa discussão sobre natureza e cultura, há duas coisas importantes a se dizer. Uma é que a própria Antropologia está dando uma certa guinada. Em algum tempo, lá nos anos 50, a Antropologia enfatizou muito essa fronteira entre a natureza e cultura. Agora, todos os textos contemporâneos preocupam-se muito mais em mostrar como essas fronteiras são borradas. É difícil dizer:

— Aqui termina a natureza e começa a cultura.

Por um lado, vamos dizer assim, poderia pensar que o futebol é só cultura. Se o Pelé tivesse nascido cinquenta anos antes, ele não existiria para o mundo. Então, foi preciso que o futebol existisse enquanto cultura para que a sua habilidade – e, aí, tem muito de genética – pudesse aparecer...

Eu tenho um irmão que não é gêmeo, mas a nossa carga genética é bastante parecida. Tenho muito pouca habilidade pra jogar futebol. Ainda assim, tenho mais habilidade do que ele. Ele pode passar a vida inteira treinando que não vai adiantar. Se eu passar o mesmo tempo treinando que ele, vou me desenvolver muito mais. Por outro lado, ele tem uma habilidade musical que eu não tenho e que invejo. Do mesmo modo, posso gastar uma boa parte do meu tempo treinando o ouvido. Conseguiria me tornar melhor do que sou nisso, mas ele, no mesmo tempo, certamente deslancharia muito mais. Quer dizer, é um discurso estúpido esse que argumenta assim:

— É só cultura. Todos somos iguais.

Não. Eu acredito nesse discurso de senso comum sobre diferentes modalidades de inteligência. Todos somos dotados de alguma inteligência, mesmo que seja em um grau medíocre ou muito baixo, mas todos temos competência pra fazer alguma coisa... De fato, a sociedade oferece oportunidades muito desiguais pra desenvolver esses talentos. É Bourdieu quem nos ajuda a entender isso. A diferença da educação das elites é que elas têm essa oportunidade de experimentar muitas coisas. Uma criança de uma família de classe média alta não pratica um esporte. Aposta em vários esportes! Até que a pessoa ache um que goste e em

que consiga se dar bem. Afinal, ninguém gosta de ser o pior o tempo inteiro ou ser achincalhado pelos outros.

Se realmente essa pessoa não pratica bem nenhum esporte, vai achar alguma outra habilidade, seja na música, na dança... Faz parte da sensibilidade, da educação do corpo, achar alguma coisa pra fazer. Bom, se não der mesmo, aí o cara vai buscar uma habilidade intelectual, pelo menos. Quer dizer, as classes mais baixas têm um espaço de mobilidade muito menor. Ou o sujeito dá para aquilo que tem na escola ou ele é desencorajado e tachado como sendo um incompetente, um incapaz, um cara que não tem espaço no mundo.

Agora, isso é um antídoto contra aquele argumento que diz:

— Cada um tem a sua natureza e é isso que determina o sucesso ou o fracasso.

Seria uma espécie de uma teoria da predestinação genética, homóloga de uma predestinação divina, que está muito presente na ideia do dom... Nenhum dos meus informantes, por mais que tivessem esse discurso incorporado, era tolo a ponto de achar que só isso bastava. Há, também, toda uma conjuntura social, cultural e histórica que determina o sucesso ou o fracasso de alguém. Então, eu diria que, nesse momento, está mais para juntar natureza e cultura. Agora, é claro que, enquanto antropólogos e sociólogos, a gente lida melhor com essas categorias culturais, sociais e políticas do que biológicas. De gene, eu não entendo nada!

Deixa eu esclarecer uma coisa: na minha visão, raça e classe são duas categorias separadas. Onde é que elas aparecem? Tem que ter uma certa sutileza pra perceber. De maneira geral, sempre específico: pobres em geral, negros em particular. Quando se fala em termos de exclusão, tem a de classe, que é essa exclusão que eu estava falando anteriormente, e a de raça, que é de uma outra natureza. A exclusão racial sempre vai pelo viés da estigmatização.

Ser pobre não é um estigma, né?! Significa ter um espaço aberto pra progredir, digamos assim. A classe o limita... A pessoa pode ascender, mas vai ser muito difícil, vai depender de uma série de fatores muito circunstanciais. Quer dizer, a sorte de esta pessoa ter uma competência que é valorizada. Por exemplo: a sorte de um menino em ter um talento pra jogar futebol e de esse talento ser visto por um olheiro, que lhe tira a sorte que poderia ter em alguma outra área. Às vezes, na escola dele, tinha um bom professor de matemática que

também era interessado em incentivá-lo nisso... Não tem nada que o desencoraje a desenvolver os seus talentos.

No caso do racismo, aí tem uma outra modalidade de preconceito, que é mais atávico mesmo e que tenta desencorajar a pessoa dizendo:

— Não, esse não é o teu lugar.

No fundo, são representações. A ideia de que a pobreza é produzida socialmente, talvez na origem dessas categorias. Deixa eu pensar... A pessoa pobre tem mesmo a experiência de uma certa mobilidade social. Tem toda uma mitologia, sobretudo de ascensão, mas tem, também, o sentido inverso, de decadência. Isso é uma coisa cultural construída historicamente. Já a questão da raça, seria uma coisa da ordem da natureza mesmo. Por isso, é um preconceito muito pior e dramático porque é percebido como sendo alguma coisa dada e imutável. Se é da natureza de uma pessoa ser negro, portanto, é da sua natureza ser bem sucedida, se for o caso, no futebol ou na música. Não é da natureza de ninguém ser pobre, isso é da sua circunstância. A pessoa pode ter tido o azar de nascer em uma família pobre como pode ter tido o azar de nascer negro. Mas, o fato de nascer em uma família pobre não significa que ela vai sê-la a vida inteira... Isso me parece que são as teorias nativas, de senso comum...

Por que, no futebol, aparece muito claramente, pra mim, a questão do racismo no caso dos técnicos? Porque, aí, o sujeito está dizendo:

— É negro? Então, não vai ser capitão de equipe. Não vai mandar e ponto final!

Os próprios negros acabam se autoexcluindo... Eu vou te dar um exemplo. Quando fiz trabalho de campo – talvez isso já tenha mudado, mas acho que não –, existe realmente toda uma mitologia, que está presente nesses manuais do senso comum de Administração, sobre os líderes natos. Na visão dos autores desses livros, é como se o sujeito que tem liderança nascesse pra mandar e pra liderar os outros. Uma pessoa dessas tem algum carisma ou outra qualidade qualquer que o determina como líder...

Eu percebi que esse discurso estava muito presente nos formadores. Afinal, todo grupo tem que ter uma liderança. No caso do futebol, um ou, às vezes, mais do que um, mas tem que ter uma liderança porque, dentro de campo, o técnico tem um poder limitado. Mesmo quando se joga pelada, tem alguém que organiza o time antes e durante a partida, ordena voltar pra posição, chama aqui, chama lá... Essas dinâmicas são muito interessantes! Nesses microgrupos, sempre tem o cara que manda. Os próprios formadores, desde as categorias de

base, já procuram aquele pirralho que vai se impor em relação aos outros. Essa é uma categoria importante...

Ninguém se impõe e chega a ser líder só por um atributo, do tipo: não basta ser branquelo. Se não jogar nada, ninguém vai respeitar. Mas, também não adianta o cara só jogar bem se não consegue se impor. Aí, não interessa se ele é branco ou negro. Então, tem determinados atributos diferenciados e um deles é uma certa ideia subjetivamente constituída de que o sujeito pode exercer um poder de mando em relação aos demais. E a chance que se tem de encontrar isso em meninos brancos é muito maior do que em negros. Até porque, a probabilidade de os brancos serem de uma classe média também é maior. O futebol recruta meninos muito pobres. Não junta o lumpen, mas, às vezes, junta negritude, pobreza, ausência de capitais simbólicos mesmo... Bom, aí não tem como.

Mas, isso é determinante! Quando eu pego as revistas pra ver quem eram os líderes dos times que acompanhava, noto que eram normalmente brancos. Eram jogadores que conversavam com os dirigentes... Tem muito dirigente extremamente preconceituoso, racista! Porque eles são recrutados dentro de uma classe conservadora, tradicional... Tem alguns que deveriam ir em um analista, né?! Afinal, têm um gosto mesmo de mandar nos outros que é deplorável. Na maior parte, esta é uma atividade gratuita. Então, penso: “o que é que o sujeito está fazendo lá?”. Perdendo seu tempo!

Eu vi muitos espetáculos deprimentes do sujeito se impor perante os outros. Percebi nitidamente que ali era um desejo psíquico de se impor enquanto homem. Eles tomam uma série de cuidados, como, por exemplo, a comissão técnica não toma banho junto com os meninos pra evitar comparações, o tamanho do falo etc.. Seguidamente, aparece um sujeito que se impõe de uma tal maneira que, literalmente, como dizem, “caga na cabeça”. Enquanto tem chance, faz isso porque, dali a pouco, o guri desponta e não o respeita mais. Enfim, não é uma coisa que seja aparente no cotidiano, mas ela é muito aparente, às vezes, em certos eventos dramáticos, pequenas circunstâncias de conflitos.

Eu acompanhei um caso de um jogador que era capitão da categoria juvenil do Inter, mas foi dispensado. Depois, andou pela Itália, jogou a terceira divisão e desapareceu, ou seja, não fez uma carreira bem sucedida. Ainda na época do Inter, se dizia que ele não iria muito longe porque tinha problemas físicos mesmo, de obesidade, e, futebolisticamente, tinha

chegado no seu limite também. Agora, ele mandava, era o capitão do time, um branco, de classe média... Num certo treinamento, ele desafiou o auxiliar de preparação física.

As hierarquias, nesse universo, são muito bem estabelecidas. Por ordem: técnico, auxiliar técnico, preparador físico – que está praticamente no mesmo nível que o auxiliar técnico, até porque ambos têm especificidades diferentes e um não se mete no trabalho do outro –, auxiliar do preparador físico, preparador de goleiros, massagista e, por último, roupeiro. O dirigente está acima de todos. Isto revela um pouco a capacidade de quem pode demitir quem...

Bom, esse jogador que era o capitão resolveu contrariar uma ordem do auxiliar do preparador físico. Aí, a comissão técnica bancou o auxiliar e ele perdeu a braçadeira de capitão. Eu não presenciei o fato, mas soube no dia seguinte e pude acompanhar os desdobramentos do episódio. Até porque, esse foi um assunto muito comentado dentro do grupo. Dali em diante, a carreira desse jogador começou a degradingolar. É nítido que ele se sentiu autorizado a contrariar. Não à toa o auxiliar do preparador físico eraaa... negro, mulato. Mas, era um cara diferenciado, digamos assim, porque tinha muita consciência da questão do racismo mesmo. Conversei com ele, que me confessou:

— O cara acha que tem o direito de me cagar na cabeça só porque eu sou negro.

E me parece que o jogador teria, inclusive, usado expressões racistas.

Entre esses meninos, tem sempre aquelas “brincadeiras”. Na sociabilidade deles, eu não percebia muito o uso de expressões racistas, mas também não tinha lá tanta intimidade a ponto de eles ficarem mais descontraídos na minha frente. Nitidamente, havia algumas afinidades entre os negros, porém, se eu perguntasse, eles iriam dizer que não tinha racismo. O que tinha, efetivamente, era uma afinidade de grupos de pertencimento baseados na classe social. Aí, por afinidades de classe, eles acabavam tendo afinidades de raça. Só que eu não acho que isso fosse a coisa mais importante.

De classe, com certeza. Por quê? Onde é que isso aparece? É na hora de flertar com as meninas, por exemplo. Os adolescentes nunca vão pra “batalha” sozinhos, sempre vão em bando. E qual é o grupo que se escolhe para ir em uma festa, sobretudo pra fazer jogos de aproximação de um grupo de amigas? Havia, nitidamente, o pessoal que estudava em colégio particular e que frequentava um circuito mais de classe média, enquanto os outros vinham da periferia... Agora, é aquela coisa que se diz no Brasil e que é válida também para o futebol:

— Se o sujeito tem prestígio, tem dinheiro, ele fica menos preto.

Isso é verdade. Nunca vai deixar de ser negro, mas ele fica mais branco, embranquece... Sem dúvida, isso é algo perceptível desde essas categorias. Eu acompanhei o Diego e o Diogo, que, além de serem gêmeos, jogavam muito. Em todas as categorias de base da seleção, só dava eles. No Inter, queimaram as etapas todas e foram promovidos rapidamente. Pra você ter uma ideia, o Nilmar e o Sobis eram reservas deles. Teve uma competição que o Nilmar nem na reserva ficou. Depois, o Sobis só virou titular porque os gêmeos foram promovidos para a categoria de cima.

Eles eram bem *pop*. Onde os dois estivessem, sempre tinham umas guriinhas à volta. Mas, não sei te dizer se eles acabavam ficando com as meninas brancas. Até porque, eu não me preocupava tanto com isso. Embora eles não sejam negros retintos – são mulatos –, eram tratados quase como brancos. Até porque, eram bobinhos! Sabe aquelas pessoas que não têm nenhuma consciência racial, social?... Ao mesmo tempo, os dois eram superqueridos e, apesar de serem muito famosos para a idade deles, cumprimentavam todo mundo.

Agora que a gente está tocando nesse assunto, estou tentando puxar algumas coisas aqui na memória... Engraçado! Estou me lembrando de algumas fotos que eu tinha de meninos nessas excursões. Sempre tinham meninas por perto e era muito rápido para eles arrumarem parceiras e ficarem. O detalhe é que os guris brancos conseguiam muito mais facilmente...

Mas, realmente não encontrei capitães de equipes negros. Aquele garoto que te falei, o Jacomi – o próprio nome já diz muito, né?! –, era o cara que conversava com os dirigentes de igual para igual. Quer dizer, quando que um menino negro que vem da periferia vai chegar no dirigente e conversar dessa maneira? Ele pode ser muito bom de bola, mas ele se ressentia dessa autoridade. Agora, se for um branco e jogar mais que todos os outros, então ele tem todas as portas abertas...

Tinham alguns garotos que eram realmente muito escancarados. Só que, no âmbito mais amplo da sociedade, a gente também vai encontrar pessoas que são abertamente muito racistas. Então, tinha aquele tipo de guri que é chamado pelos outros de “pau no cu mesmo”, que é o cara que diz, por exemplo:

— Bah! Não me misturo com eles.

*

É difícil analisar se universo profissional do futebol brasileiro se abriu aos negros ou não de 70 pra cá. Acho que não, mas talvez tenha se aberto para a arbitragem, que é um campo que valeria a pena investigar. Afinal, os negros conseguiram uma certa inserção em um dos lugares que, em tese, é de autoridade no futebol. Mas, veja: se tem alguém contra o qual é dirigida toda e qualquer tipo de violência, é contra os árbitros. Muito pior do que os jogadores! Então, vamos pensar: qual é o branco que quer ser xingado o tempo inteiro? Quer dizer, nesses espaços que ficam descobertos, os negros têm a possibilidade de se inserir.

Conquanto seja um lugar de autoridade, ela é seguidamente destituída. Agora, criaram o tal do comentador de arbitragem, que usa o tira-teima, umas quatro câmeras no gramado etc. pra apontar os erros dos árbitros. Aí, as pessoas, a princípio, não têm como dizer assim:

— Ah, mas só fazem isso hoje porque tem muitos negros na arbitragem.

Digo “a princípio” porque é aquela coisa: será que também não é? Do tipo: ninguém tem dúvida de que os árbitros são todos ruins, não prestam, são mal intencionados, são subornados etc.... Então, eu fico com uma pulga atrás da orelha quando aparece. Só que acho que isso é uma coisa importante porque a arbitragem, inclusive, abriu espaço para as mulheres também. Uma das poucas coisas que elas podem fazer no futebol é arbitrar, ser bandeirinha e tal. Enfim, acho que, se há um lugar onde houve alguma mudança, é na arbitragem. Mas, para isso, seria necessário, também, olhar um pouco mais para o passado para ter uma análise melhor...

Certamente, na preparação física também houve uma abertura. No entanto, primeiro que, repetindo, o preparador físico tem menos *status* do que o treinador, segundo que demanda uma formação universitária. E, dentro dos cursos universitários, o de Educação Física, de novo, pelo fato de que reproduz essa coisa do corpo, é onde se encontra a maior quantidade de negros. Essa é um pouco a minha experiência de dar aula.

Nessa área da preparação física, os professores de Educação Física, em geral, dominam e tomaram pra si porque foi uma profissão criada. Até os anos 70, não existia o tal do preparador físico. Era o técnico que fazia as duas coisas, mandava os jogadores correrem e ficava fumando um cigarro. Depois, quando os atletas voltavam, ele dava um ataque contra a defesa e ficava por isso mesmo. Hoje em dia, o treinamento está muito sofisticado e requer

um especialista. Aí, tem muitos negros. Não negros pobres, mas negros com formação e que tiveram a chance de estudar em uma universidade boa e conseguiram fazer carreira. O próprio Paulo Paixão é um exemplo. Só que eu não gosto de pegar esses casos isolados porque, às vezes, eles deturpam...

Deixa eu frisar a hierarquia de um clube. Quem manda? É o presidente. Depois, o diretor de futebol. Aí, vem o técnico e aqueles que já falei na sequência. O preparador físico tem um trabalho importante, mas, poder de mando, tem muito pouco! Ele não escala ninguém, não contrata ninguém... a menos que o técnico resolva fazer uma concessão e dizer:

— Eu dialogo com o preparador físico, discuto com ele e resolvemos algumas coisas em conjunto.

Só que, por mais que seja valorizada a preparação física, ela não é tão importante quanto a parte técnica. O salário é a metade ou, às vezes, menos até. Então, num cargo desse, um negro pode até ali, não passa disso. O preparador físico está longe de ter o mesmo *status* que um técnico. Nesse universo, como é que se demarca as hierarquias? Pelo salário. Tu não imaginas o quanto eles são preocupados em relação ao que ganham e em relação ao que os outros ganham. E pela visibilidade midiática. Quantas vezes a gente vê o preparador físico falando na TV, dando entrevistas, sendo chamado para essas mesas de fofoca no meio da noite?...

*

Deixa eu falar duas coisas da imprensa esportiva: primeiro, ela, de maneira geral, é uma imprensa politicamente conservadora; segundo, ela é comprometida com o sucesso do próprio esporte. Ninguém faz mais propaganda do esporte do que a crônica esportiva. Então, a crítica que ela faz é no sentido de reafirmar determinado fato. Por exemplo, quando tem que criticar alguma coisa:

— Tem que tirar a violência!

É a ideia de que os jornalistas são contra a violência porque ela prejudica a imagem do esporte como um todo. Quer dizer, eles têm que banir a violência do esporte. Por isso, são contra, mas não porque têm uma preocupação com a violência em si ou com outra problemática como o racismo. É uma combinação entre conservadorismo político e

preocupação em preservar o esporte. Os jornalistas, de maneira geral, são logicamente conservadores e votam em partidos de direita, tradicionais... Essa postura conservadora, eu diria, faz com que eles não digam nada, ou melhor, nada além de sutilezas ou coisas do gênero. Uma, porque não conseguem efetivamente; outra, porque esse não é o papel deles. Então, não espere que um jornalista tenha uma apreciação mais elaborada sobre essas questões.

Você já os entrevistou? E o que eles falaram?... A menos que tu tenhas entrevistado um cara muito peculiar, o jornalista vai dizer que não tem racismo no esporte ou, pelo menos não mais do que existe na sociedade. Quer dizer, em primeiro plano, é um discurso de defender, discurso que engloba esse outro que diz:

— Ah, eventualmente pode ter um caso ou outro.

Veja! É um pouco a leitura do Mario Filho:

— Existiu racismo, mas isso é uma coisa do passado... Tem, mas isso é periférico... Tem, mas não mais do que na sociedade como um todo. Tem, mas existe porque na sociedade também tem racismo... – e assim vai.

Esse discurso da defesa do esporte prepondera sobre qualquer outro discurso contrário e oblitera completamente a capacidade de enxergar aquilo criticamente no esporte. É isso que eu vejo.

A FIFA está muito preocupada com isso, porque a ideia do racismo depõe contra o esporte. Por isso, ela tem uma militância pra tentar banir esses episódios do tipo: pichação, faixas, xingamentos nos estádios... Aí, eu acho que uma coisa importante a se acrescentar é que a sociedade brasileira tem sido muito mais vigilante, tanto em função da legislação como dos movimentos sociais, movimentos negros e outros que acabam esclarecendo a população. E isso, de alguma maneira, aparece no futebol. Quer dizer, aquele episódio que ocorreu recentemente com os jogadores do Cruzeiro partindo pra cima do Maxi López provavelmente não teria acontecido vinte ou trinta anos atrás. Nessa época, diriam:

— Isso é coisa de futebol.

Mas, agora não. Falaram:

— Não! Cor da pele, não. Isso não pode.

Essa é uma percepção de que os próprios negros estão tomando consciência do lugar que eles ocupam dentro da sociedade, dizendo:

— Não, isso eu não admito.

De maneira geral, a imprensa deu uma grande visibilidade para esse episódio recente. Mesmo a imprensa local, ainda que de um modo muito aquém do que eu faria se estivesse lá, criticou a atitude do Maxi López e dos dirigentes gremistas. É claro que, aí, eles têm um limite também. Uma coisa é eu falar pra ti aqui e outra coisa é o cara falar no rádio. Se eles não ouviram o que o Maxi falou, como é que podem afirmar que ele disse efetivamente o que o Elicarlos estava falando que ele disse? Mas, todos os indícios fazem crer que ele disse. E que sabia o que estava dizendo. Afinal, o Maxi López não é um tanso. Muito pelo contrário, é um jogador muito esclarecido, tanto que sabia o que estava dizendo.

Bom, acho que as coisas acabaram por aí, mas a repercussão que teve na imprensa foi de muito negativa, mesmo aqui no Rio Grande do Sul. Eu olhei um pouco os *sites* e a crítica das pessoas, dos torcedores... Inclusive, apareceram gremistas reprovando:

— Isso é uma coisa abominável!

Ou seja, é a ideia de que não se tolera mais esse tipo de atitude. Tanto que, na partida seguinte, aqui no Olímpico, quando parte da torcida se manifestou com insultos racistas, a imprensa se manifestou na hora do jogo mesmo, criticando com palavras mais fortes... Tem uma parte da torcida do Grêmio que é terrível! Eu não vou dizer que no Inter também não tenha, mas, no Grêmio, eles se sentem mais autorizados em função de toda a história do clube. Aqui no sul, sobretudo, tem uma parte dessas colônias mais no interior que é racista mesmo. Quando dei aula em Santa Cruz, pude perceber isso nitidamente. Os caras me admitiam abertamente:

— Não, tu não vai me dizer que negro é a mesma coisa que branco? Tu não sente o cheiro? Tu isso, tu aquilo...

Penso que isso é em função do fato de ter tido uma imigração europeia recente no sul, sendo, talvez, quantitativamente mais expressiva do que em outras partes do Brasil. Se você me perguntasse qual é a torcida mais racista entre Grêmio e Inter, sem dúvida responderia que a do Grêmio é muito mais racista. Fazendo uma enquete, as probabilidades que tu terias de encontrar racistas no Grêmio são bem maiores.

Teve um episódio de um aluno meu que foi baleado em uma briga entre duas torcidas do Grêmio. Ele alega que uma das motivações era de cunho racista, porque o grupo dele apareceu algumas vezes no estádio com uma bandeira do Everaldo, que foi um lateral

esquerdo negro que jogou a Copa de 70. Daí, a outra parte dos torcedores teriam se irritado. Uma outra versão é de que ambas as torcidas já tinham uma rixa anterior. Disso tudo, em que eu acredito? Conhecendo um pouco esse meu aluno, que não é santo, e a torcida do Grêmio como um todo, acho que as duas versões são verdadeiras. Até porque, já ouvi expressões racistas dos torcedores gremistas. Dos colorados, nunca. Jamais!...

Levando em consideração tudo isso que já falei, eu vejo que o racismo no futebol brasileiro é produto do racismo em geral, com a peculiaridade – aí, diria como na música, mas me parece que fica mais explícito no caso do futebol – de que os negros têm a possibilidade de uma oportunidade, um revés, uma vingança ou uma resistência... que seria, dentro do campo, ganhar e se sobressair em relação aos brancos ou em relação a eles próprios, ou seja, de serem cultuados e aclamados. Isso mostra uma modalidade de racismo à brasileira, já que, certamente, cada sociedade tem lá os seus racismos, os seus preconceitos, os seus estigmas...

Embora ache o Gilberto Freyre um conservador sobre alguns aspectos, ele consegue dar uma tradução relativamente consistente da sociedade brasileira, no sentido de que nós, de maneira geral, somos abertos à miscigenação. Isso significa o quê? Que não há maiores problemas em se dividir o espaço e mesmo de se conviver com as diferenças, desde que sejam respeitadas as hierarquias. Então, enquanto o negro estiver no seu lugar, não tem nenhum problema. Apesar de nós sermos uma sociedade que, do ponto de vista dos valores modernos, sejamos menos do que os Estados Unidos e a Europa e, portanto, também os negros conseguiram menos direitos civis aqui do que lá – aliás, essas discussões sobre ações afirmativas, cotas etc. são recentes no Brasil e apenas um viés de conquistas –, eu, de novo, ao pensar nessas teorias de longo curso, acho que o iberismo, sim, tem uma influência. Pra mim, ele é convincente sobre certo aspecto, sobretudo pela ideia de que se pode manter uma certa convivência com a presença do outro ainda que com todos os estigmas e preconceitos.

Recentemente, eu fiz junto com o meu irmão um vídeo dos 90 anos da minha avó. Pra mim, é um caso paradigmático. Os meus avós não são portugueses nem espanhóis, são italianos, mas, de alguma forma, partilham desses valores. Na casa deles, eles se relacionavam muito com os “caboclos”, como chamavam. Praticamente, criaram um caboclo e um negro, que ninguém sabe da onde veio exatamente, nem ele sabe. Inclusive, o meu irmão conta esse mito da família – que não deixa de ser um mito – e a gente faz questão de quase encerrar o vídeo com eles falando a respeito da minha avó. Um fala:

— Ela é como se fosse a mãe pra nós.

E o outro:

— Ela me criou.

Neste vídeo que produzimos, aparecem só os depoimentos dos filhos e de algumas pessoas de mais idade. Então, os dois têm praticamente o mesmo *status*. E, quando eles apareceram, todo mundo gostou. Quer dizer, era uma presença necessária porque eles fazem parte da família.

No entanto, o negro sempre morou na casa velha, local onde tinha o galpão e ficavam os porcos. Além disso, sempre fizeram brincadeiras e chacotas com ele. É um primo tipo bobo da corte... Inclusive, mesmo que eu não mandasse nada, a minha mãe me perguntou:

— A gente leva ele pra festa?

E ela mesma respondeu:

— Ah! Melhor não levar porque vão ficar fazendo algum tipo de chacota e eu vou me sentir muito mal. Eles vão me irritar. Não quero.

Enfim, eu também temia uma atitude dessas, embora tenha convivido com isso na infância e achasse isso perfeitamente normal. Por exemplo: era uma brincadeira de infância amarrar o Sid na cama, jogar uma caneca de água fria nele ou botar um espantalho para assustá-lo. Então, é uma coisa controversa. Ao mesmo tempo em que a família o recebeu, o integrou, deu um prato de comida e tal, promoveu esse tipo de brincadeira e deu a ele um lugar à parte. A minha família é modesta, praticamente pobre. Não tinha posses, apenas o suficiente... Ele gosta da família, procura, nunca saiu muito longe. Visita a minha avó até hoje, tem um carinho enorme por ela e por todos os filhos dela... É muito difícil pensar nessa questão...

Eu estou contando tudo isso por quê? Pra marcar a diferença de uma outra família que tinha lá, uma família extensa, essas com vários filhos: a família do Celas. Jamais um negro teria sido recebido por eles. Era, simplesmente, inconcebível! Eu nunca morei nos Estados Unidos, apenas leio algumas coisas sobre lá, mas, quando falo nesses modelos raciais do Brasil e dos Estados Unidos, penso neste modelo que trouxe da minha infância: duas famílias que moram no Brasil, mas que tem modos de pensar completamente diferentes. Enquanto uma integra, desde que preservadas as hierarquias e os estatutos, a outra simplesmente exclui.

Então, eu acho que, de maneira geral, se integra no Brasil, porém sempre com estatuto diferenciado.

E o futebol é ótimo! Porque reforça isso. Jogar, pode. Então, o Sid podia tocar violão, podia comer na mesa, podia até não trabalhar quando ficava emburrado às vezes, e uma série de outras coisas. Ao mesmo tempo, não podia fazer outras coisas, tinha que dormir na casa velha, tinha que... Entendeu? E ele nunca se rebelou contra isso, como muitos outros negros. Aliás, só muito recentemente, no caso do Brasil, eles estão se mobilizando socialmente pra reivindicar os seus direitos.

No entanto, não vejo isso tão presente no futebol, mas eu não gostaria de falar mais sobre isso porque também não é uma coisa que tenha investigado mais a fundo. Aqui e acolá, tenho a impressão, às vezes, que isso apareça, sobretudo, em parte desses jogadores que circularam pela Europa. Aí, tem, sem dúvida, um capital intelectual que é importante. Quer dizer, o sujeito tomar consciência do preconceito, conseguir se colocar e etc.. Afinal, um mecanismo de defesa comum ou uma ilusão bem fundada é quando o negro diz:

— Não, não tem preconceito!

Ele não quer ver o preconceito. É o caso de um técnico das categorias de base do Inter, que, de vez em quando, se queixava:

— Ah, só porque eu sou negro e não sei o que...

Mas, quando eu perguntava pra ele:

— Tu não acha que tem racismo?

— Não, não tem! – respondia prontamente.

Na verdade, ele queria dizer:

— Eu não gostaria que tivesse... Não vou dizer que tem porque tu vai concordar e isso é muito triste.

Quer dizer, é preferível acreditar que não existe... Tu conheces aquela teoria do Paul Veyne de que o Papai Noel pode continuar existindo mesmo que as crianças descubram que são os próprios pais que compram os presentes? Eu acho que isso é um pouco a história do racismo no futebol. Ou seja, a gente, por um lado, sabe que tem, mas, por outro, continua acreditando no Papai Noel.

*

Naquele textinho que escrevi e que te passei, falei de uma discriminação racial branda no futebol brasileiro. Só que o sentido que quis dar a essa expressão está próximo do que o Bourdieu teoriza quando fala sobre a noção de violência simbólica. Embora seja uma violência que existe e que é cruel, sobretudo pra quem é vítima dela, não é uma violência manifesta, aberta. Ao contrário, é velada, dissimulada, não declarada. É a mesma relação da violência física com a simbólica. Nos Estados Unidos, eu imagino que seja a violência física mesmo. É apartado, negro é negro. Aqui, não; brancos e negros convivem juntos. Então, já esclareço de antemão que “branda” não é no sentido de que seja leve e fácil de lidar com ela, mas por ser mais camuflada e cheia de meandros. Aliás, estou pensando agora que a palavra “branda” talvez até não seja a ideal por possibilitar essa interpretação errada.

Enfim, digamos que há nisso um lado bom e outro que é muito ruim. O lado bom é que os negros aqui no Brasil têm uma margem de negociação, ao contrário do que acontece nos Estados Unidos. Por outro lado, isso fez com que os negros de lá fossem para o enfrentamento e, com isso, eles conquistaram muitas coisas que os negros daqui ainda não conseguiram. Afinal, a sociedade brasileira faz essas concessões, mas desencoraja o enfrentamento...

Agora que você me recuperou o argumento do Sansone sobre áreas “moles” e “duras” das relações raciais no Brasil, eu concordo completamente que o futebol está muito próximo do espaço das artes em geral e da música em particular. Ao mesmo tempo, ele é subvalorizado em relação ao campo da política e da economia, por exemplo, que são espaços onde a gente certamente vai encontrar maiores restrições à presença dos negros. O futebol o que é? É uma coisa periférica! Tem muito espaço na mídia e tal, mas é tido como um entretenimento, uma coisa menos importante. Não é porque estudo futebol que vou dizer que é a coisa mais importante do mundo. É bom para ser estudado! Quer dizer, se os negros fizerem sucesso no futebol, não tem maiores problemas. Então, se é nesse sentido – não me lembro exatamente dos meandros do texto que você citou –, eu tenderia a concordar. Sim, é possível que o futebol seja uma dessas áreas “moles” porque não é um espaço muito vigiado.

Agora, eu acho que o mais importante de tudo é reconhecer que, dentro do futebol, a gente tem uma retradução desses campos. Ou seja, os espaços do dirigente, do técnico e mesmo do cronista, particularmente do comentarista, seriam equivalentes ao campo da

economia e, sobretudo, ao da política nesse caso. É o campo onde vão prevalecer os brancos. Então, acho que tu poderias olhar o futebol com uma lupa e com uma luneta. Quando a gente o olha com uma luneta, na sociedade como um todo, ele aparece como uma área “mole”, aparecendo junto com a música, com a dança, com as atividades artísticas. Mas, quando a gente o olha com uma lupa, de dentro, aí a área “dura” vai aparecer junto com a área “mole”. A área “mole” é o quê? É o jogar e o torcer. Isso pode. Agora, comentar e dirigir não. Por quê? Porque essas são as áreas “duras” dentro da área “mole”, vamos pensar assim. Até porque, o futebol não poderia ser completamente diferente ou avesso à sociedade brasileira.

Acho fundamental a gente pensar que esse futebol de espetáculo que nós estamos falando o tempo inteiro é um grande negócio. Quanto mais negócio ele for, mais vai aparecer a área “dura” dentro da área “mole”. Com isso, a expectativa é que, se os negros já não têm espaço, cada vez menos vão ter. Não vejo nenhuma sinalização de uma abertura nesse futebol. Agora, um dado que eu tinha me esquecido de falar é que acompanhei muito o futebol de várzea quando trabalhei na Prefeitura de Porto Alegre. Esse também é um parâmetro de comparação porque tem muitos técnicos negros na várzea. Quer dizer, a gente não pode dizer que a explicação da falta de técnicos negros no futebol espetacularizado seja que eles não querem ou não têm vocação. Não, os negros querem, têm vocação, gostam de mandar em outros homens também... mas conseguem chegar até a várzea. Por que não no espetacularizado? Porque aí, se a gente continuar com essa brincadeira do “mole” e do “duro”, o futebol começa a se endurecer porque entra o negócio... Bom, prestígio significa dinheiro e poder. Então, o futebol de espetáculo já não é mais um lugar para os negros. O irônico é que, se a várzea virasse espetáculo, eles provavelmente seriam banidos, né?!...

As visões mais biologicizantes sobre os esportes tendem a ser próprias do mundo acadêmico. E onde a gente vai encontrá-las com mais facilidade é entre os profissionais da Educação Física, que vão tentar enfatizar isso. Esse não me parece ser o caso do Wisnik... Nessa coisa ridícula – mas que é impossível não fazer – de classificar todo mundo, o Wisnik, dentro daqueles meus quatro segmentos, está entre os cronistas. O livro que ele escreve é um ensaio. Fala de todas as coisas! Dentro de tantas coisas que fala, algumas categorias – como ele é um sujeito muito inteligente, capaz e performático – poderiam ser, digamos assim, levadas adiante e aproveitadas. Mas, no conjunto da obra, é um trabalho ensaístico. Ele pode gostar ou não gostar de Sociologia, mas o trabalho dele não é sociológico.

Inclusive, tenta fazer um trabalho criticando sociólogos e antropólogos. É aí que eu discordo da postura dele, pois acho absolutamente deselegante construir uma fala em cima da dos outros ou desconstruindo a dos outros, tal como ele fez em alguns eventos que participamos juntos. Bom, mas deixando isso de lado, eu li o livro dele e espero que ele faça o mesmo com a gente antes de sair nos criticando. No livro, ele tem esse discurso da licenciosidade, da metáfora...

Eu, particularmente, nessa história do pertencimento clubístico, que é um conceito importante e que consegui dar uma certa consistência pra ele aos pouquinhos e ao longo de vários trabalhos – inclusive, poderia falar sobre ele durante um bom tempo, já que o acho convincente –, quem me deu o *insight* foram os poetas. Afinal, cheguei em um momento que pensei: “O que significa torcer por um clube de futebol?”. Mas, não tem um torcedor que seja capaz de dizer algo diferente de:

— Ahhh... torcer é bom, é gostar do time, é fazer...

Quer dizer, todas as coisas redundantes que não dizem muito. Os poetas, não. É só pegar os hinos do Lamartine Babo:

Uma vez Flamengo

Sempre Flamengo

Flamengo até morrer

Flamengo hei de ser...

Ou Lupicínio Rodrigues:

Até a pé nós iremos

para o que der e vier

mas o certo é que nós estaremos

com o Grêmio onde o Grêmio estiver...

Eles estão dizendo coisas! Assim como o Drummond ao falar:

— É uma opção. Ser Fluminense é como ser comunista...

Entre outros que dizem coisas do gênero. E o Wisnik... não o colocaria nesse nível, mas também ao ler o livro dele, que eu diria que é muito bom, a gente vai reparar que tem *insights* interessantes. Afinal, ele é um erudito. Eu não conseguiria escrever um livro de quatrocentas páginas tão bom sobre música, que é a área dele. Não é qualquer um que faz isso. De todo modo, é um livro de ensaios, quer dizer, ele fala da várzea à pelada, do futebol

de espetáculo, do juiz, do jogador, do técnico, da bola... de tudo! Ele não está preocupado com a filigrana e até vai achar chato e sem sentido analisar uma série de coisas no futebol, como a posição que o negro joga, por exemplo...

Bom, tu querias saber se ele tem um discurso biologicizante, mas eu acho que é, sobretudo, metafórico. A impressão que tenho é que está muito próximo do discurso do Gilberto Freyre, de quase culto à brasilidade, de afirmação da mestiçagem como um valor positivo, da ideia de que os negros tem bossa, da originalidade do nosso futebol... Sem dúvida que a gente não pode tirar esse encantamento que existe com o futebol brasileiro. Eu morei fora do Brasil e, quando falava que era brasileiro, as pessoas já diziam:

— Ah é?! Futebol, Ronaldinho, isso e aquilo...

Então, evidentemente há alguma coisa importante nisso, como o reconhecimento de uma comunidade e tal. Mas, tem também um argumento político que eu percebi em Marseille, que é uma cidade onde tem muitos imigrantes. Uma vez em uma parada de ônibus, tarde da noite, um grupo de baderneiros, que estava quebrando tudo, veio pra cima de mim. Achei que os caras iam me linchar. Um deles virou até mim gritando:

— *Vous êtes français?*

— *Non, je suis brésilien.* – respondi.

— *Oh! Brésilien?! –* falou surpreso.

Daí, ele começou a falar de futebol, de travesti, de coisas do gênero... É evidente que eles reconhecem essas peculiaridades, mas qual é o argumento político? A ideia de que o Brasil é um país miscigenado e que a seleção brasileira traduz isso. Esse é um argumento fortíssimo! E é uma das coisas que essa população que está na diáspora se ressenete, né?... Da ideia de ser integrado, de se miscigenar, de fazer parte, sobretudo, no caso da Europa. Basta a gente olhar para um país como a França, que é a terra dos direitos, da liberdade, igualdade e fraternidade, mas onde estão muito demarcadas as origens de cada um. Se há um magrebino na vizinhança, em todo poste tem alguma coisa escrita. A impressão é que a sociedade brasileira, vista num time de futebol, é completamente integrada.

Só que tem que ter um pouco de sutileza. O DaMatta usa muito a ideia de que o futebol espelha a sociedade. Mas, acho que, seguidamente, ele distorce... As coisas são mais complicadas. Quer dizer, é preciso trabalhar com esses vários níveis discursivos. É um pouco a ideia de que, se o sujeito quer ver uma sociedade miscigenada em uma seleção, ele pode ver.

O Brasil oferece essa oportunidade, coisa que a Alemanha não oferece ou que a Holanda, que sempre tem muitos negros, também não oferece porque tem negro e tem branco, mas não tem o elemento intermediário. Então, por um lado, a miscigenação do Brasil por um tempo foi muito mal vista, identificada como algo ruim para o país; agora, por outro, a tendência é ver a mistura como uma coisa positiva e, aí, valoriza-se a experiência brasileira.

Nesse sentido, a gente pode se valer do que o Hobsbawm escreveu, quando disse que os onze jogadores simbolizam a pátria. Essa imagem é muito potente! É o poder de um time, da coletividade... No entanto, não podemos fazer toda uma análise do futebol só a partir do que os outros enxergam na nossa seleção. O futebol como fato social é cheio de meandros. E, se você quiser enxergar a fina flor do racismo brasileiro, ele está ali. Essa metáfora é boa, quer dizer, a parte dura na parte mole.

Eu te digo francamente que aquele textinho que te mandei foi elaborado, na verdade, para compor um livro que um colega meu está fazendo. Ele me pediu um texto sobre racismo no esporte e, aí, como tinha aquele episódio que não coube na minha tese, pensei em falar alguma coisa a partir disso. Então, não é um grande pensamento. Ainda estou elaborando todas essas coisas que estou falando pra ti. Só que eu acho que são necessários dados concretos.

PARTE 3 – INTERPRETAÇÕES POSSÍVEIS

3.1. JUVENTUDE

3.1.1. Infância

3.1.1.1. Origem social e familiar

Como se diz no léxico do futebol de espetáculo, “a oferta de matéria-prima no Brasil é abundante”. Sobretudo das camadas populares, da onde é recrutada a maior parte dos futebolistas. Em vista da quantidade, homens vindos de baixo têm, probabilisticamente, uma chance maior de conseguirem sucesso nesta profissão, o que não significa dizer que o caminho é fácil. Muito pelo contrário, são pouquíssimos os que, dentre os inúmeros pretendentes, realmente conseguem lapidar o dom a ponto de se tornarem jogadores profissionais. Mais raros, ainda, são aqueles que, tal como imaginam muitas crianças, atuam em grandes clubes, obtêm prestígio social, alcançam salários altíssimos e, com isso, podem adquirir bens desejados socialmente.

No entanto, este longo processo de formação, descrito e analisado por Arlei Damo (2007), é desconhecido por muitos ou, então, despercebido, dentre outros fatores, em decorrência das carreiras de sucesso de atletas como Leônidas, Pelé, Paulo César Caju ou Ronaldo. Em vista do êxito destes, cria-se no imaginário popular um estereótipo, que não deixa de ser preconceituoso, acerca dos jogadores de futebol. De forma geral, é comum os retratarem da seguinte maneira: negros, de família humilde, infância pobre, escolaridade incompleta, sem posses nem grandes perspectivas de vida.

Embora isto componha um padrão de julgamento sobre os futebolistas e até seja algo observável neste universo profissional, não se pode dizer que seja uma regra. No entanto, dentre os nossos colaboradores, tal estereótipo também apareceu, e prevaleceu. Aliás, ficou perceptível logo no nosso primeiro jogador entrevistado. Vejamos um trecho da história de Bizi (Carlos Roberto Bento), um paulistano nascido em 1955, que teve uma longa carreira no Clube Atlético Juventus durante os anos 1970 e 1980: “A minha família, graças a Deus, era bem unida, apesar das dificuldades que a gente passava... Naquela época, a gente só tomava leite em casa aos domingos. Durante a semana, tinha apenas chá ou café. Pão com recheio era a mesma coisa...”. Ainda que lhe tenha faltado ingredientes elementares na dieta de qualquer criança, diz não lembrar “disso com tristeza, não. Lembro com alegria porque vivia tão bem!”.

Pouco depois, recorda que, “[d]esde os 8 anos de idade, fazia os meus próprios brinquedos.”. Na sequência, expressa julgamentos positivos sobre sua infância: “não posso falar que a minha infância foi triste. Não foi triste! Foi assimmm... sofrida, mas sempre tivemos onde morar e nunca passamos fome. Fomos privados de algumas coisas, só que fome, graças a Deus, nunca passamos! Nem eu, nem as minhas irmãs.”. Adiante, assegura ter “saudades da minha infância... Se falar que não tenho, é mentira! Na verdade, tenho muita saudade! Porque, apesar das dificuldades, ela foi feliz. Feliz mesmo!”. Imediatamente, e de forma tocante, Bizi faz comparações com a infância miserável de tantas crianças na atualidade:

Hoje, infelizmente, vejo algumas situações de crianças carentes, que não têm a infância que eu tive. Crianças que não têm pai nem mãe, que passam fome, que não têm onde morar... Fico bastante sensibilizado com essas situações. Como tive tudo isso, graças a Deus, dou cada vez mais valor à minha infância.

Esta citação é sintomática porque revela não só a sua humildade como o seu conformismo perante a vida que teve em tenra idade. Afinal, “graças a Deus”, teve “tudo”: pai, mãe, comida e moradia. Algo que, para tantos, é apenas o mínimo para que uma criança tenha uma infância digna, que possibilite a sua formação em múltiplos sentidos. Ainda que tenha passado por muitas dificuldades e privações, o colaborador afirma dar “cada vez mais valor à minha infância.”.

Dos cinco jogadores de futebol entrevistados, outros três relataram experiências semelhantes. Citemos, então, outro caso, o de José Carlos Serrão, de 60 anos, atleta que atuou por muitos anos no São Paulo Futebol Clube e que posteriormente se tornou treinador. Filho de motorista e de empregada doméstica, ele, em suas palavras, também teve “uma infância, como todos os meninos carentes, de pobreza.”. Todavia, do mesmo modo que Bizi, afirma: “A minha infância foi uma das melhores” e, logo, justifica traçando comparações com o momento presente “porque, naquela época, não tinham tantos problemas de criminalidade, de doença, não é?”. Mesmo tendo nascido e morado na cidade de São Paulo, exemplifica o que disse e conta algumas “peripécias” que fazia:

Eu e os outros meninos tínhamos liberdade de brincar na rua, sem ser molestado por ninguém, a não ser pela educação dos pais. A gente estava o tempo todo jogando bola, andando descalço, nadando, pulando cerca pra roubar frutas, andando em cavalos dos outros...

Em virtude disto, reitera que teve “uma infância maravilhosa”, que a aproveitou “ao máximo” e que dá, hoje, “preferência para o interior” de São Paulo, onde tem residência fixa em Mogi Mirim.

Ao destacar estas experiências, um dado importante é que a maioria dos colaboradores relatam trajetórias próximas: meninos pobres, filhos de lares carentes com um apontamento para a vida futura que os convidava a pensar em romper as barreiras da linha da miséria. Para contestar tal estereótipo, vale recuperar a narrativa de Junior (Leovegildo Lins Gama Junior), pessoense de 56 anos, ídolo e multicampeão pelo Clube de Regatas Flamengo ao longo das décadas 1970, 1980 e 1990. A começar pela história de sua família, ainda na região nordeste, ele chama a atenção para a contribuição do seu avô paterno na construção de diversas obras em sua cidade natal:

Sou de uma família de nordestinos, de João Pessoa... Meu avô, pai do meu pai, foi mestre de obra, conceituadíssimo na cidade. Foi ele quem construiu nos anos 50, 60, a maioria dos grandes monumentos, casas, biblioteca, rodoviária, aeroporto... Ele tinha uma fábrica de mosaico que se chamava Corenos. Era a fábrica da onde saía, na verdade, a maioria dos produtos para essas obras...

O avô materno, por sua vez, também tinha posses: “A família da minha mãe era de agricultores, tinha fazenda. Meu avô, por parte de mãe, era dono de um engenho de cana de açúcar, de aguardente...”. Com vistas na situação privilegiada de ambos os lados da família, conclui: “Pois é, a minha família sempre teve uma certa condição lá em João Pessoa”. Outros dados evocados revelam uma vida de luxo, que não era exclusividade dos seus patriarcas:

Eu me lembro da fazenda do meu tio Américo, que foi casado com a irmã da minha tia-avó. Ele fazia aquelas fogueiras imensas na época de São João... Me lembro da casa em que morei no Parque Sólon de Lucena. Era uma casa grandona, aonde eu andava de bicicleta... A Praia do Poço, que é uma praia perto de Tambaú, onde meus tios e meus pais tinham uma casa. Todo ano, praticamente, a gente passava as férias por lá... Eu era muito pequeno, tinha 5 anos de idade... Mas, quando eu vejo fotografias, aí retorna um pouco aquela memória fotográfica da época.

Através dos imóveis (fazenda do tio, casa grande e casa na praia), lugares (Parque Sólon de Lucena, à época bairro nobre de João Pessoa, e Praia do Poço) e objetos (bicicleta e fotografias) – além de poder aproveitar o período de férias ao invés de trabalhar –, podemos ver o tamanho do contraste entre a infância do Junior e a dos demais ex-jogadores de futebol entrevistados. Quando boa parte da família dele se transferiu para o Rio de Janeiro na

passagem dos anos 1950 para 1960, o padrão de vida se manteve, uma vez que “[m]orei sempre aqui em Copacabana, nesse prédio mesmo, só que no apartamento 101, ali no primeiro andar.”, a uma quadra da praia.

Dentre os negros entrevistados de outras redes, o único que também teve uma boa condição na infância foi o jornalista Abel Neto, que trabalha na Rede Globo de Televisão desde 2000. O seu pai, Abel Verônico da Silva Filho, foi jogador de futebol e atuou como ponta-esquerda, entre outros times, no Santos de Pelé na segunda metade da década de 1960. Segundo o próprio jornalista, enquanto o seu pai esteve trabalhando profissionalmente no futebol, fosse como jogador ou treinador, ele e seus três irmãos tiveram certos privilégios para pouquíssimos negros no Brasil, ainda mais considerando os anos 1970 e 1980. Dentre as regalias, Abel Neto chama atenção para: estudar em escola particular, fazer curso de língua inglesa e morar no exterior, oportunidades que o seu próprio pai não teve. Embora, como muitas crianças neste país, sonhasse em seguir os passos do pai e se tornar atleta profissional de futebol, o jornalista diz que ele “não me incentivava muito: ‘Não. Vai estudar e não sei o quê...’”. Tentando entender o pai, fala: “talvez por saber as dificuldades que o jogador de futebol passa”. Consciente da trajetória familiar especial, Abel Neto se vê e é visto como “exceção”, condição que ele espera deixar de ser.

Voltando os olhos para as histórias de vida dos demais colaboradores negros, podemos ver que esta era, de fato, uma experiência excepcional. Para o paulistano radicado em Piracicaba João Paulo Araújo, ex-árbitro de futebol nascido em 1952, a “minha infância foi boa até os meus 6 anos. Daí pra frente, a coisa ficou complicada porque o meu pai não arrumava emprego. Era tudo subemprego e ele não conseguiu mais se aprumar...”. Até os seus 6 anos, o pai de João Paulo trabalhava na Nitro Química Brasileira, do Grupo Votorantin. Apesar de ganhar “bem” devido à sua “habilidade muito grande na fundição”, “acabou saindo de São Paulo” por ter ficado “desgostoso demais” com o fato de não se tornar instrutor do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) em virtude de ser negro. Desde cedo, o racismo sofrido na capital e em Piracicaba impactou profundamente na vida de seu pai e de sua família:

Aqui em Piracicaba, o racismo era muito grande naquela época. Existiam duas grandes empresas: a Dedini – que hoje é a Belgo – e a Mause, que não aceitavam negros. Então, não tinha onde ele trabalhar aqui na cidade, mesmo tendo uma

habilidade muito boa. Foi obrigado a trabalhar em fundições pequenas e passou a não ganhar o suficiente.

Pouco depois, continua dizendo:

Aí, voltou a trabalhar em São Paulo, mas não queria na Nitro Química porque achou que foi discriminado. Ele nunca me disse essas coisas, mas eu sentia e via o que acontecia. Tempos depois, em umas conversas com ele, consegui confirmar isso a partir do que ele me contou. Voltamos para São Paulo, mas o meu pai logo morreu. Era novo, tinha 52 anos e eu, 14 só...

Para João Paulo, como podemos ver, o racismo foi uma dura realidade percebida e vivida desde a infância, uma vez que trouxe consequências desastrosas, em termos não só socioeconômicos, mas também psicológicos. Desestruturou toda a sua família.

Os árbitros irmãos Paulo Cesar, 36, e Luiz Flávio de Oliveira, 33 anos, naturais de Cruzeiro-SP, também enfrentaram um dilema parecido. A morte do pai, quando ainda eram crianças, abalou o lar. Nas palavras de Paulo Cesar, “[m]eu pai tinha problema de pressão, de coração, e acabou falecendo muito jovem. Tinha 7 anos de idade...”, lembra com pesar. E conta em seguida: “Ele deixou dez filhos [...], todos solteiros, e a minha mãe foi quem teve que batalhar pra poder nos criar.”. A respeito desta mesma passagem, Luiz Flávio a narra de modo mais dramático:

Ela perdeu o marido, meu pai, muito cedo. Imagine uma casa com dez filhos! Eu tinha 4 anos e o mais velho, o Zé Roberto, acho que era o único maior de idade. E nós ficamos assim... Passamos por muita dificuldade. No interior, ainda tinha muito daquilo de um compadre ajudar o outro. Como éramos em vários filhos, muitos compadres nos ajudaram bastante... A Igreja mesmo nos auxiliou muito!

Luiz Flávio completa o trecho acima revelando os valores aprendidos: “Mas, posso dizer que todos os irmãos venceram através da luta, do trabalho, da honestidade...”. Reconhecendo o papel da mãe diante das dificuldades para educar e sustentar os filhos, Paulo Cesar diz com ternura: “Inclusive no dia dos pais, eu sempre ligo para parabenizá-la porque a gente fala que ela foi mãe e pai ao mesmo tempo.”.

Embora tenha sido sempre dona de casa, a mãe destes árbitros, desdobrava-se: “Fazia artesanato, bordava, pintava... Desde a época em que meu pai tinha bar, ela preparava muitos salgados. Fazia de tudo ali pra poder dar o sustento da família. E meus irmãos todos trabalharam...”. Assim, o trabalho aparece como valor fundamental na formação destes negros de origem humilde. Paulo Cesar deixa isso claro: “Uma característica de todos nós lá em casa

foi começar o trabalho muito cedo. Brinco que, se eu tivesse carteira registrada desde criança, hoje estaria praticamente me aposentando e com fundo de garantia pra estar bem tranquilo.”, mostrando que o trabalho impôs-se na vida familiar desde cedo de modo a sobreviverem.

Os dois torcedores negros entrevistados também pertencem às camadas populares. Alex Minduín (Alex Sandro Gomes), paulistano de 33 anos, descreve as funções dos seus progenitores: “O meu pai era mestre de obras e minha mãe, cozinheira. Tenho oito irmãos, dois falecidos.”. Com este trecho, podemos destacar dois pontos recorrentes nas narrativas: primeiro, as famílias, em sua maioria, tiveram vários filhos, o que demonstra falta de educação sexual, algo comum e compreensível já que o tema só foi incorporado nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997; segundo, a presença e o impacto da morte na vida dos colaboradores, sobretudo nestas famílias numerosas.

Na rede dos intelectuais, a infância do negro Miguel Archanjo de Freitas Júnior, professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR, nascido em 1972 nesta mesma cidade, merece realce. Como ele mesmo se refere a ela, “teve altos e baixos”. Filho de jogador de futebol que, ao se aposentar, se tornou policial militar, Miguel traz à tona um novo problema no conjunto das crianças negras: o alcoolismo paterno. Com uma vida infantil cheia de percalços, ele próprio admite que “teria todas as justificativas possíveis para atribuir um possível fracasso a uma questão social.”.

Para piorar, a morte do pai quando tinha 9 anos tirou-lhes, dele, de sua mãe e de seu irmão adotivo mais velho, “uma condição financeira bem legal” em comparação com os demais moradores do bairro periférico em que mora até hoje. A fome rondou-lhes a vida, como podemos ver em: “Então, nós tivemos momentos em que comíamos arroz com limão, porque tinha um pé de limão plantado no fundo de casa.”. Em seguida, reitera o argumento dito há pouco, algo que também está presente no discurso do árbitro Paulo Cesar de Oliveira: “Nem por isso eu fui roubar, nem por isso eu fui fazer coisas que considerava fácil. Quer dizer, essa formação foi algo importante na minha vida.”. Como pôde dar outra condição para os seus filhos, agradece: “Graças a Deus, hoje meus filhos vivem uma realidade totalmente diferente disso!”.

Devido a esta educação recebida, Miguel considera como “heroica” a atitude da sua mãe. Evidentemente, não foi só este colaborador que valorizou o papel desempenhado pelos familiares na formação. As dificuldades enfrentadas eram tantas que outras pessoas, às vezes

de fora da família, auxiliaram na criação e passaram a ocupar uma função importante, sobretudo na ausência da figura do pai. Este é o caso do árbitro Paulo Cesar de Oliveira, que volta a ressaltar o papel fundamental da mãe:

Passei necessidade, mas eu tive uma mãe do meu lado que sempre me ensinou o caminho correto. Muitas pessoas não têm! Graças a Deus, tive mães, tive amigos, tive tios, tive patrões, tive professores. Todos eles foram importantes na minha formação. Por isso, que dou muito valor à escola, à família, ao trabalho...

Para Lula Pereira (Luiz Carlos Bezerra Pereira), olindense de 54 anos que atuou no futebol nordestino e que é treinador desde o final dos anos 1980, um tio preencheu a lacuna deixada pelo pai:

Tive muitas dificuldades quando criança e adolescente... De um casamento da minha mãe, que foi o primeiro e único, ficaram eu e a minha irmã... Quando tinha 1 ano de idade, a minha mãe estava grávida dela e o meu pai foi embora de casa... E nós passamos por muitas, mas muitas necessidades! Fomos morar na casa do meu tio, irmão da minha mãe. Agradeço a Deus por ele ter me criado e ter me dado essa personalidade e todo esse embasamento de vida para que pudesse chegar aqui onde estou hoje.

Do mesmo modo, o ex-jogador Bizi contou com os padrinhos: “Na minha infância, passei algumas vontades, principalmente na época de Natal. Mas, a vida da gente era tão feliz! O meu pai e a minha mãe eram muito queridos pelos nossos padrinhos, que, até por serem bem de vida, nunca nos deixavam sem presente...”. Com impressionante afeto, reportou ao pai em seguida:

E o meu pai me passou um ensinamento muito bom que, até hoje, eu conservo. Ele sempre falava pra mim:

— Filho, um dia eu não vou estar aqui, mas você dá sequência nessas amizades que o papai criou.

E eu estou dando sequência até hoje. Mas, o meu pai foi o melhor e o único amigo que tive na vida! Porque ele teve presente tanto nos bons momentos, quanto nos piores que eu passei. Sempre estive ali do meu lado, junto de mim...

Ressentindo-se por não ter tido nenhuma oportunidade de atuar nos clubes grandes da capital paulista e também por não ter feito a esperada “independência financeira” como atleta profissional de futebol, Bizi completa a fala de maneira humilde e um pouco amargurada: “Até hoje, eu tenho orgulho de ter a educação que meu pai me deu. Por isso que tenho portas

abertas em vários lugares! Aprendi a fazer amizades, né? Essa é uma herança boa que eu vou levar pro resto da minha vida.”.

Mesmo Júnior, que teve uma vida mais estruturada em termos materiais e de organização familiar, salienta a união de todos como valor essencial: “A união da família sempre foi a base de tudo. Um ajudando o outro. Como diz a minha mãe: ‘Quem tem mais ajuda o que tem menos. Foi assim que as coisas foram evoluindo na verdade...’”. Assinala, em seguida, uma característica da educação nordestina: “A família nordestina é muito rígida. Respeitar os outros, os mais velhos. Naquela época, ainda se dizia: ‘Bença, mãe. Bença, pai.’. Hoje, aqui no sudeste, dificilmente você vê as crianças pedindo a bença.”, traçando diferenças regionais e geracionais.

Em todos os casos, podemos notar que as funções sociais exercidas pela família foram fundamentais na criação dos colaboradores. O apoio moral, psicológico e financeiro apresentou-se, com segurança, como alicerce para que estes meninos pobres e negros conseguissem seguir a vida apesar das dificuldades. Os trechos citados mostram o reconhecimento deles para com as diversas pessoas que os educaram: pais, mães, tios, irmãos mais velhos, compadres, amigos, professores, patrões, entre outros familiares e não familiares. Todos, de uma maneira ou de outra, tornaram-se influências positivas na formação de cada um dos entrevistados.

3.1.1.2. Outras instituições: escola e igreja

Para enfrentar os obstáculos que a vida lhes impunha desde a tenra idade, outras duas instituições, além da família, estiveram presentes e cumpriram papéis determinantes: escola e igreja. Excluindo os dirigentes e um ou outro caso excepcional das demais redes, a maioria dos pais das pessoas entrevistadas não concluiu os estudos básicos. Alguns, inclusive, disseram que pai e mãe eram semianalfabetos, como o intelectual negro Luiz Carlos Ribeiro, que tem 60 anos e é professor da Universidade Federal do Paraná. Como a falta de estudo foi preponderante para que estes pais não conseguissem empregos bem remunerados a ponto de saírem do estado de pobreza em que se encontravam, passaram a incentivar ou mesmo “obrigar” os filhos irem às escolas. Há um trecho da narrativa de José Carlos Serrão bastante elucidativo neste sentido: “A única coisa que não gostava muito era de estudar, mas terminei

até o meu segundo colegial. Só que foi naquela obrigação, com os pais cobrando diuturnamente a performance dos filhos, tanto a minha como a dos meus irmãos.”.

Em outros casos, como o de Paulo Cesar Oliveira, o estímulo para o estudo partia de uma brincadeira: “Nós tínhamos o hábito de brincar de escolinha na minha casa. Basicamente, o início da minha alfabetização foi com os meus irmãos mais velhos.”. Brincadeira esta que foi fundamental para o seu bom desempenho escolar: “Quando eu cheguei na 1ª série na época, com 6 anos de idade, já era uma criança com bastante conhecimento. Isso facilitou e foi assim que eu aprendi a ler e escrever.”. Já alfabetizado, Paulo Cesar explorou ao máximo as atividades culturais desenvolvidas em sua escola: “[...] participei do Grupo de Teatro do Folclore, dançava na quadrilha, era o representante de sala, participei do Grêmio Estudantil. Sempre participei dos movimentos, entendeu?”.

O irmão Luiz Flávio reforça o discurso ao dizer:

Vencemos através do estudo também. Minha mãe não teve tanta oportunidade de estudar, mas conseguiu forçar que alguns filhos terminassem ao menos o primeiro ou o segundo grau. Só eu e o Paulo Cesar, os dois mais novos em casa, somos universitários formados. Fizemos Educação Física na nossa cidade mesmo, na ESEFIC.

Pouco depois, volta a argumentar sobre as vantagens de ter sido o filho caçula:

Apesar de lá em casa todos começarem a trabalhar bem cedo, eu fui um dos que demoraram um pouco mais. Com isso, tive a vantagem de poder me dedicar mais aos estudos... No meu primário, estudei na parte da manhã, e a parte da tarde era pra brincar e ficar à vontade. Já no ginásio, estudei de manhã também e à tarde estava engajado em um projeto da prefeitura no meu bairro.

Mesmo tendo a incumbência de ajudar a mãe nos afazeres domésticos (“lavava o banheiro, arrumava a cozinha, encerava o chão...”), Luiz Flávio pôde participar deste projeto municipal de Cruzeiro e desenvolver o lado lúdico, conforme descreve: “Cada tarde tinha uma atividade: futebol, voleibol, basquete, jogos lúdicos, dama, dominó, corda, brincar de queimada... Eram brincadeiras bem típicas mesmo do nosso folclore!”. Responsável por essas atividades, o professor Laércio tornou-se uma pessoa fundamental na formação deste árbitro:

Eu sempre falo que, como não tive pai, o professor Laércio era a minha referência, porque não era só o técnico dessa equipe, era realmente um educador e um professor formado. Tanto é que eu fiz Educação Física, pra ser bem sincero, por causa dele, dos exemplos que ele dava e demonstrava no dia a dia pra gente.

Vemos, pois, que a instituição escolar assumiu um papel para além daquele do ensino formal das disciplinas elementares. A aprendizagem de valores, limites e normas sociais, constituintes do processo de socialização, eram, por vezes, mais importantes para a vida destas crianças: participando de diversas atividades em período integral, “não tinha tempo pra pensar em drogas e em outras coisas.”. Luiz Flávio ressalta, assim, outras funções da escola. Para famílias carentes e numerosas como a dele, uma dessas atribuições era vital: “Sem falar que, na minha casa, a gente tinha uma certa dificuldade: não tinha tanta comida à vontade. Indo lá, tínhamos pelo menos um lanche e um Toddy pra complementar a alimentação...”.

Benecy Queiroz, dirigente do Cruzeiro Esporte Clube que tem 70 anos e que se considera branco, acha que deve haver um investimento ainda maior por parte dos governos nestes outros papéis que a escola acaba exercendo:

Eu acho que, se o governo tivesse uma política mais agressiva, que buscasse esses meninos de rua, esses meninos de favela, e desse a eles esporte, escola e alimentação, eu tenho certeza que nós iríamos diminuir muito os problemas graves de droga e homicídio que a gente vê todo dia.

Com a experiência de ter trabalhado em escola e de participar de projetos sociais, o intelectual Miguel Archanjo de Freitas Júnior discorda deste ponto de vista e não acha que a instituição escolar deve ter múltiplas responsabilidades. Segundo ele, a maior parte das crianças problemáticas tem famílias desestruturadas e, por isso, defende que “a responsabilidade da educação formal é da escola, mas a dos valores de vida é da família. Não podemos passar isso pra escola.”. Argumenta que os pais passam muito tempo do dia trabalhando e, às vezes, não se preocupam tanto com essas questões, delegando à escola e à sociedade educar os seus filhos. Conclui: “isso acaba gerando problemas porque essas crianças não têm uma referência de limites.”.

Na outra ponta das experiências escolares, estão os casos dos negros Junior e Abel Neto. Pertencentes às classes sociais mais altas, puderam estudar em “colégios” particulares. De acordo com o ex-jogador do Flamengo, “[e]studamos em colégio público até o primário.”. Parecendo preocupado com a sua imagem, justifica logo em seguida: “Que, naquela época, colégio público tinha um ensino bom. Depois, eu passei a estudar em colégio particular. Meu irmão, também...”. Modesto, reflete sobre sua condição socioeconômica: “Quer dizer, tivemos uma vida de... praquela época, de classe média normal. Não faltava nada, mas, também, não se extrapolava.”.

Abel Neto, por sua vez, mostra-nos que, além da rua e da praia, foi no espaço da escola particular, ambiente majoritariamente frequentado por brancos, onde se deparou com a realidade racista da nossa sociedade. Convivendo com outras crianças e adolescentes, lhes foram desferidas ofensas através de vários apelidos: “Enfrentei isso [‘brincadeiras’] na escola também, principalmente com os apelidos de conotação racista: ‘macaco’, ‘piche’, ‘asfalto’, ‘seu preto’, ‘seu negro’ ou seja lá o que for...”. Adepto do pensamento rousseauiano de que o homem nasce bom e é degenerado pela sociedade, Abel diz pouco depois: “As crianças não têm maldade, mas normalmente reproduzem alguma coisa que escutam em casa.”.

O jornalista segue falando que sobrinhos seus também passaram por este tipo de situação na escola: “Os meus sobrinhos, um de 10 anos e outro de 18, já passaram por este tipo de problema e voltaram pra casa chorando.”. Com várias experiências negativas neste sentido, prevê que o seu filho também passará por isto: “O meu filho, por enquanto, é muito pequeno, mas, daqui a pouco, vai sofrer na escola.”. Por fim, expressa quais são os seus sentimentos e as suas reações diante dos atos discriminatórios: “Pra mim isso não é brincadeira. Eu não gosto, me sinto mal... Já tive discussões...”. Por vezes, certos aprendizados na instituição escolar, sobretudo através do relacionamento pessoal, se dão de modo duro. Em todo caso, a educação é vista como uma possibilidade de sair do mundo da pobreza e ascender socialmente. Não à toa, vários entrevistados disseram frases próximas a de Paulo Cesar Oliveira: “Educação é a base de tudo!”.

Para alimentar este sonho da ascensão e, sobretudo, para superar as adversidades impostas pela vida miserável, muitos entrevistados apoiaram-se na instituição religiosa, a Igreja Católica em especial. A influência da religião mostrou-se presente nas narrativas tanto no uso de simples expressões características (como por exemplo: “graças a Deus”, “se Deus quiser”, “peço a Deus”, “pelo amor de Deus”, “meu Deus” etc.) como, principalmente, na incorporação de certos valores cristãos (tais como: fé, caridade, esperança, humildade, simplicidade, perseverança, misericórdia, bondade, vocação para o trabalho, busca de paz e justiça, entre outros). De modo geral, podemos dizer que as histórias mais permeadas por este tipo de discurso são: Bizi, Lula Pereira, José Carlos Serrão, os irmãos Paulo Cesar e Luiz Flávio de Oliveira, Renato Camargo e Miguel Archanjo de Freitas Júnior.

José Carlos Serrão diz que, quando criança, a sua família impôs o catolicismo em sua vida, assim como a escola ou como o ato de torcer para o São Paulo Futebol Clube: “Afinal,

meu pai era são-paulino e eu fui induzido a ser. É como na religião, onde também fui induzido a ser católico. Nossa família, ia na igreja e acaba forçando os filhos.”. Atualmente, no entanto, reproduz a educação que recebeu: “Hoje, como pai e avô, faço a mesma coisa.”.

A ação social da mãe através da religião foi exemplar para os árbitros irmãos, que ingressaram cedo na Igreja Católica. Assim nos conta Paulo Cesar:

Minha mãe sempre foi muito envolvida com a igreja. Até hoje, ela participa de vários segmentos, principalmente da Sociedade São Vicente de Paula. Como vicentina, faz parte do grupo de oração e do grupo de canto. Sua vida é voltada pra religião! Ela se envolve muito com as coisas lá da comunidade, ajudando as famílias que mais precisam.

Em seguida, valoriza esta doação ao próximo: “E como é bom a gente poder ajudar!”. Como sua situação socioeconômica melhorou muito se comparado com a infância, retribui a caridade que fizeram com ele e sua família: “Falo isso por conta dos meus irmãos, mas também porque tenho condição de contribuir com alguns projetos sociais do nosso bairro...”. Afinal, conta-nos que “[q]uando criança, a Sociedade São Vicente de Paula socorreu a nossa família, e, hoje, nós socorremos várias famílias. Isso pra gente ééé... Essa história é muito legal, sabe?!”, emociona-se. Na sequência, completa o pensamento dando o sentido da vida: “Acho que a vida é exatamente isso: é lutar pelos seus objetivos, crescer, amadurecer e depois poder retribuir. Não teria graça se hoje eu me encastelasse e ficasse no meu canto... Tenho que dividir com as pessoas!”.

Nascido no dia de Santo Antônio, 13 de junho, Luiz Flávio – que só não se chamou Luiz Antônio por já ter um irmão este nome – afirma que “[u]m dos motivos da minha família ser muito unida é a religião. A minha mãe é muito religiosa, beata mesmo da Igreja! A minha família é toda católica e, posso dizer, fervorosa na fé.”. Logo após, conta-nos a sua trajetória e a dos irmãos dentro da Igreja: “Todos nós sempre participamos de catecismo, de comunidade jovens, de grupos de cânticos... Cantei muito em missa, em casamentos, em aniversários de 15 anos...”. Diz, inclusive, que só acabou se afastando um pouco por causa da faculdade e da arbitragem, que toma o tempo aos finais de semana. Diferentemente do irmão que se mudou de Cruzeiro ainda na juventude para dedicar-se aos estudos e trabalho, Luiz Flávio continua morando em sua cidade natal e, atualmente, esforça-se para participar das atividades religiosas:

Hoje, apesar do meu trabalho, ainda participo ativamente do grupo OVISA, que trabalha com casais do nosso bairro que ainda não tiveram essa oportunidade de aproximar um pouco mais da Igreja. Já que toco violão, faço parte da animação desses encontros. É muito legal!

Ao mostrar a interação familiar na instituição religiosa e na comunidade carente na qual nasceu, o árbitro confirma o que disse no início de sua história de vida: “A Igreja mesmo nos auxiliou muito! Mas, posso dizer que todos os irmãos venceram através da luta, do trabalho, da honestidade...”, citando alguns dos valores pregados pelo catolicismo e incorporados por ele. Como conseguiu passar pelas dificuldades e como ascendeu social e economicamente, do mesmo modo que o irmão, pede a Deus para “que eu continue mantendo os pés no chão...”.

Miguel Archanjo de Freitas Júnior também buscou na fé católica forças para enfrentar os problemas familiares. Segundo ele, o primeiro motivo para a sua vida ter “dado certo” foi “ter descoberto Deus”. Como a sua mãe era uma pessoa religiosa, levou-o à igreja “desde muito cedo”, onde estabeleceram a ele “alguns limites”. Fervoroso, assim resume a sua crença: “se você não acredita que Deus existe, tudo é possível.”.

Assim como o intelectual, Paulo Cesar de Oliveira fala que esta fé não diminuiu ao longo do tempo apesar do seu sucesso profissional. Não só fala como evidencia através do ritual que segue antes de entrar em campo para arbitrar:

Nos meus jogos, gosto sempre de rezar em grupo. Cada um respeitando, é lógico, a religião um do outro... Sou católico. Depois de uma oração particular no cantinho do vestiário, faço uma oração geral antes de entrar no campo de jogo. Falo da responsabilidade do jogo e lembro das pessoas que estão torcendo pela gente. Gosto de contagiar os meus companheiros. Em seguida, abro a palavra para alguém que quer fazer algum tipo de comentário e rezamos um “Pai Nosso” e uma “Ave Maria”. Encerro sempre com o Salmo 22: “O Senhor é meu pastor e nada me faltará!”. E não falta mesmo! Aí, eu já entro no corredor do jogo transformado, entendeu?

Hábito comum entre os jogadores e treinadores de futebol, a oração antecedente aos jogos também foi mencionada por outros colaboradores, como narra o ex-goleiro Jairo do Nascimento, que tem 64 anos e é natural de Joinville-SC:

Antes das partidas, tinha sempre aquela oração tradicional. Tanto junto com os colegas como só também, porque, queira ou não, ninguém consegue fazer nada sem a ajuda do nosso Poderoso Pai lá de cima. Ele é quem manda. Não adianta a gente falar que vai fazer qualquer coisa se Deus não estiver conosco.

Bizi, por sua vez, relata um caso “pitoresco” referente ao culto católico, “como é de praxe”, quando ele e outros atletas do Juventus estavam prestes a entrar em campo, em uma partida contra o Botafogo de Ribeirão Preto. Segundo ele, era comum nas décadas de 1970 e 1980, o massagista pôr no peito dos jogadores, após o aquecimento, uma “bisnaguinha de álcool” para melhorar a respiração. Narra assim: “Estava fazendo a minha oração em frente a uma imagem de Nossa Senhora Aparecida que estava em cima de uma mesa junto de uma vela acesa. De repente, senti uma coisa queimando. A parte de baixo minha camisa estava pegando fogo!”. O que aconteceu em seguida foi um “alvoroço” por parte dos colegas. De acordo com Bizi, “Naquele desespero, a primeira imagem que veio na minha cabeça foi Deus e, então, elevei meu pensamento até Ele: ‘Meu Deus, seja o que o Senhor quiser!’. Até hoje, acho que estava pensando isso, mas o Wilsinho jura que eu gritei.”. Este companheiro, por fim, pegou uma toalha e abafou o fogo. Como a camisa grudou em sua pele, Bizi tem marcas de queimadura no peito e no antebraço até hoje.

Resumindo a sua história de vida, o ex-lateral deixa uma mensagem de fé: “acho que, pra superar as dificuldades que tive, pra tirar lições de vida e pra viver dessa maneira, só tendo muita fé em Deus, independente da religião de cada um.”. Logo em seguida, numa demonstração de confiança absoluta, diz: “Na minha vida toda, sempre entreguei tudo nas mãos Dele e fiz minhas preces também a Nossa Senhora Aparecida.”.

Como pudemos ver, as instituições escolar e religiosa marcaram presença na vida destes meninos negros e pobres, quer lhes dando esperança de dias melhores, quer auxiliando os seus pais na formação do caráter deles através do ensino de valores e da imposição de limites.

3.1.1.3. Primeiras manifestações do futebol

Em seu estudo clássico, Johan Huizinga (2004) trabalha com a noção de jogo e a trata como uma totalidade anterior à cultura, cuja essência está no divertimento que traz aos seus praticantes. Enquanto jogo, o futebol exige basicamente dois instrumentos para a sua prática: a bola e as metas ou, simplesmente, objetos que as representem. Muitos são os autores que argumentam que a facilidade da prática deste esporte é a principal razão para a sua popularidade em todo o mundo, já que qualquer espaço relativamente plano pode ser utilizado para tal. Sinteticamente, seria o que Arlei Damo (2007) chamou de futebol bricolado. Como

se sabe, brincar com bola é uma das primeiras atividades estimuladas nos lares brasileiros, sobretudo quando os filhos ou netos são do sexo masculino.

Evidentemente que, com os nossos entrevistados, não foi diferente. Ainda na fase infantil, estes garotos iniciaram-se no futebol e o praticou em ruas, terrenos baldios, praias, pátios e em tantos outros espaços. Para alguns deles, possuir uma bola oficial, ou seja, da prática do futebol espetacularizado ou próximo disto, era algo raro, como nos conta José Carlos Serrão:

Brincava com bolinha de meia, bolinha de tênis, bolinha de borracha, que era mais barato de comprar do que a bola de capotão. Esporadicamente, só em época de Natal, a gente ganhava presentes melhores como esse ou como uma bicicleta, um carrinho rolimã... E eu sempre queria uma bola. Então, talvez ganhava uma bola por ano e olhe lá!

Com outra vivência na infância, Junior relata quais os lugares em que jogava futebol e fazia outras brincadeiras:

A minha vida toda sempre foi aqui em baixo! Tem uma área interna aqui do prédio onde a gente jogava futebol... Na rua, passavam pouquíssimos carros. Era pique-bandeira, polícia e ladrão, subir nas árvores, passar pro prédio de lá, aquelas brincadeiras todas... E a praia, que, na verdade, era a grande diversão de todo mundo! Não somente pra jogar futebol, vôlei, essas coisas, mas pra fazer amizades, se integrar.

Ele mostra, assim, a importância das diversas práticas esportivas na socialização das crianças. Mais adiante, o ex-atleta compara a rivalidade daquela época com a de hoje e analisa que houve um agravamento da questão: “A rivalidade das brincadeiras era normal praquela época. Sem violência, coisa que não existe mais, não é? Infelizmente, hoje, rivalidade é sinônimo de agressividade, de violência...”.

O intelectual branco Arlei Sander Damo, natural de Quilombo-SC, passou por experiência parecida à de Junior. Com a frase “O futebol foi uma coisa importante no meu processo de socialização.”, ele inicia a sua história de vida contando o “causo”, conforme as suas palavras, que o levou a “fazer parte do grupo” de meninos da escola. “O jogo só começou a fazer sentido” para ele na segunda série, quando, contrariado pela professora, se viu obrigado a brincar com os meninos. Visto por estes como um “outsider”, ficou na defesa do seu time.

No momento em que o melhor atacante da turma desferiu um chute em sua direção, a bola bateu-lhe a canela e Arlei salvou um gol certo. Narrou o instante da seguinte maneira: “Ao mesmo tempo em que deu vontade de chorar,” já que a bolada tinha sido dolorida, “todo mundo veio pra cima de mim e me abraçou porque tinha salvado o gol. Eu tinha feito um grande feito! A partir daquele momento, o tal do futebol mudou de figura...”. Extasiado, diz ter chegado em casa “eufórico”. Termina a história dizendo que gostaria de ter feito parte deste universo masculino bem antes: “Provavelmente, devia ter quisto há muito tempo participar da dinâmica. Só que não sabia como porque nunca tinha ganhado uma bola, nunca tinha participado dessa socialização...”.

Assim como este intelectual, muitos outros colaboradores também narraram a maneira como foram introduzidos no futebol. Na maioria dos casos, este jogo era uma tradição familiar. Em sua narrativa, Lula Pereira fez questão de contar a trajetória futebolística do pai e do tio. Aliás, foi através de um exemplar da Revista Placar que ele viu pela primeira vez uma foto do seu pai, que foi campeão do primeiro turno do Campeonato Baiano de 1971 pela Associação Desportiva Jequié. Já o seu tio atuou pelo Fluminense do Rio de Janeiro no final dos anos 1940. Ambos os familiares, após encerrarem as suas carreiras como jogador, tornaram-se treinadores de futebol. Dito isto, Lula Pereira completa dizendo: “Então, venho de uma dinastia de pessoas ligadas ao futebol.”.

Abel Neto, cujo pai atuou tanto no futebol paulista como no carioca, expressou-se de forma muito parecida a de Lula Pereira: “[...] veja: já nasci praticamente respirando futebol. É de família!”. O jornalista branco Celso Dario Unzelte, paulistano nascido em 1968, fala entusiasticamente: “A gente é de uma família de fanáticos por futebol! Futebol sempre esteve muito presente na minha casa. Tradição essa que começou com o meu avô.”. Como o ex-centroavante Teleco “acabou com o jogo” diante do São Paulo em 1935, o seu pai “ficou corinthiano e inaugurou uma grande ramificação corinthiana na minha família”. Logo após, recorda com fanatismo: “Em casa, a gente sempre respirou Corinthians! O erre de *replay* no canto da tela, quando era pequeno, eu achava que fosse de Rivelino de tanto que se falava de Corinthians.”.

Por sua vez, o torcedor Renato Camargo, porto-alegrense nascido em 1972, conta que, embora o seu irmão gremista tenha tentado influenciá-lo, foi um tio seu que teve papel fundamental na sua paixão futebolística. Em 1979, ele o levou para o Estádio Beira Rio, onde

Renato sentiu que “aqui é a minha casa” e se tornou colorado. Desde então, acompanha o Internacional de Porto Alegre e associou-se posteriormente à torcida organizada Camisa 12, da qual é secretário.

Referindo-se à iniciação em equipe precariamente instituída, que nos termos de Damo (2007) corresponde ao futebol comunitário, Bizi relata assim:

Comecei a jogar futebol com 10 anos de idade. Jogava descalço mesmo, ao contrário dessa garotada de hoje, que tem material adequado. Na minha época, jogava em campo de terra, na rua, aonde desse. Em uma daquelas brincadeiras ali na rua, uma pessoa do meu bairro, que tinha um time de futebol, me convidou pra jogar. Aí, eu fui com toda a minha esperança.

Como se pode notar, desde cedo, Bizi almejava ser atleta profissional, da mesma maneira que outros entrevistados e milhões de crianças por todo o Brasil. Apesar do sonho, o futebol ainda era encarado como uma brincadeira, já que promovia a formação de grupos sociais e, principalmente, proporcionava-lhes um momento único de liberdade e de imaginação, dentro de um tempo e espaço determinados. Parafraseando Huizinga, este jogo apresentava-se como um feliz intervalo na vida dura que estes meninos pobres levavam.

3.1.1.4. Trecho de história de vida característica desta seção

Valmir Jorge

A minha mãe veio de uma família mineira. O meu pai, eu não conheço até hoje. Sei que mora em Jundiaí, mas nunca o vi... Ele nunca me procurou. Tentei procurá-lo, mas, também, nunca tive sucesso... Fui criado em Dracena, no tempo que ainda tinha o trem que ia de São Paulo pra lá. Inclusive, passava em Campinas, na beira do campo da Ponte Preta. Costumo brincar às vezes com os caras:

— Pô, pra quem saiu de Dracena de trem e hoje consegue voltar pra lá de carro, já foi um grande progresso porque nem o trem tem mais.

Em Dracena, vivi até os meus 14 anos. Nesse período, cursei só até a quinta série por um problema assim meio que de justiça... É que eu fui criado por uma família de italianos... Sou de 61. Naquela época, ser mãe solteira era uma coisa complicada. A minha mãe engravidou e o meu pai deixou pra lá. O pai dela a expulsou de casa e ela teve que sair pelo mundo. Foi parar em Dracena e, lá, me deixou com uma família pra que tomassem conta de mim. Dali, a minha mãe desapareceu e foi cuidar da vida dela.

Só que tinha a questão jurídica, já que não tinha mãe nem pai. Até por medo, essa família precisava de uma autorização do juizado de menores pra tudo o que eu ia fazer. Então, até essa idade de 13, 14 anos, sempre fui Valmir Jorge. Eu não tinha sobrenome porque não fui registrado com o sobrenome da minha mãe e nem podia ter o sobrenome da minha família de criação por conta dessa questão aí complicada, né?!

3.1.2. Adolescência

3.1.2.1. Trabalho e estudo

Ao longo da infância, os pais destes meninos pobres e negros os incentivaram e até mesmo os obrigaram a frequentar as instituições escolar e religiosa. Nesta fase da vida, podemos dizer que a dedicação à educação, em sentido amplo, era a principal obrigação que estes filhos tinham que cumprir. O tempo restante era dividido entre lazer e trabalho, ao menos para algumas destas famílias que viviam em condição miserável.

Se estes garotos foram impelidos a exercer pequenas atividades de modo a ajudar os rendimentos familiares na infância, na fase da adolescência o trabalho tornou-se uma necessidade para todos eles. Tal obrigação começou a dividir a atenção com a escola, quando não se tornou até mais importante. O tempo do lazer foi, assim, exprimido por duas atividades fundamentais.

Começamos, então, pela história mais representativa deste processo, a do árbitro Paulo Cesar de Oliveira. Como sempre teve “muita facilidade com números” e gostava “muito de matemática”, ele, desde criança, esteve ligado a alguma atividade no comércio da cidade de Cruzeiro-SP. Em suas palavras:

Também iniciei minha vida trabalhando, com meus 6, 7 anos, vendendo pastel, pano de prato, picolé... Vendia abacate pra uma senhora que era vizinha nossa lá. Os abacates dela eram muito cobiçados! Aqueles que não tinham condição de pular no quintal dela pra pegar acabavam comprando de mim, que era o vendedor ali do bairro.

Já a partir dos 10 anos de idade, Paulo Cesar, do mesmo modo que outros garotos como ele, começou a trabalhar de pajem em “casas de famílias, de pessoas com uma condição social melhor.”. Enquanto uma empregada doméstica fazia os serviços internos da casa, ele cuidava da parte externa, cortando a grama do jardim e limpando o quintal. Além disso, era incumbido de brincar com os filhos da “patroa Mara Furtado” e auxiliar o mais velho nas

tarefas escolares. Analisa a atividade exercida do seguinte modo: “É um trabalho que me marcou muito porque fui pajem de um menino excepcional, que se chama João Paulo. Ele tinha uns 4 anos na época... Eram dois irmãos: ele e o Fábio, que era um menino sadio.”. Segundo o árbitro: “Antes de ir trabalhar [formalmente] com vendas, esse foi meu primeiro emprego mesmo porque tinha salário certinho, todo mês.”.

Aos 12 anos, Paulo Cesar foi trabalhar em feiras livres com uma conhecida família de japoneses, a Hiamazaki. Descreveu a rotina da semana assim:

[...] terça-feira no depósito, organizando e preparando os legumes, verduras e frutas para as feiras; quarta em Guaratinguetá; quinta em Aparecida; sexta no depósito de novo pra gente preparar toda a mercadoria que nós levávamos de caminhão para as feiras de sábado e domingo em Cruzeiro; e segunda era dia da minha folga, já que tinha uma equipe que ia fazer as compras no Ceasa...

De acordo com ele, foram dois anos trabalhando com essa família neste ritmo. O emprego teve uma “importância muito grande” na sua formação “porque os orientais são muito disciplinados e corretos.”. Diante das atividades remuneradas desempenhadas na passagem da infância para a adolescência, Paulo Cesar avalia a vida que teve e agradece a sua mãe: “Tive uma vida boa, não posso reclamar! Minha mãe sempre batalhou bastante e nos educou com muita disciplina e rigor. Agradeço muito a minha mãe, que tem uma importância muito grande não só na minha vida, na minha formação, como na dos meus irmãos.”. Apesar disso, ele lamenta que o trabalho forçado desde a tenra idade lhe tenha impossibilitado de curtir todos os momentos da sua infância, incluindo o aprendizado de brincadeiras comuns para as crianças. A maneira como narra nos sensibiliza:

Mas, desde criança, devido à necessidade de trabalhar pra ajudar no orçamento familiar, eu não tive muita infância, sabe? Ou ter um momento de lazer...

Não sei soltar pipa até hoje! Acredita? Não sei fazer pipa, não sei jogar bolinha de gude, não sei... O que eu fazia aos finais de semana, quando sobrava tempo, era jogar futebol. E jogava na equipe juvenil de uma associação do meu bairro.

Da mesma família, Luiz Flávio de Oliveira diz que, em termos de idade, começou a trabalhar fora de casa depois dos irmãos, “com os meus 11 pra 12 anos”. Primeiro que, por ser o caçula de onze filhos, a vida familiar tinha melhorado um pouco com os trabalhos exercidos pelos demais; segundo que, exatamente por ficar em casa, era o responsável pelos afazeres domésticos. Como ele mesmo diz: “No sábado de manhã, era o dia da faxina. Não precisava chamar sobrinhas, netos, cunhados, nada disso! Porque era eu que tinha que tomar conta.

Assim que voltava do catecismo, já iniciava a limpeza da casa.”. Em seguida, fala com orgulho da lição que tirou dessas tarefas: “Essas coisas normais da vida só me fizeram dar mais valor e ter mais disciplina também!”.

De todo modo, com o passar da idade, o salário advindo com o emprego tornava-se essencial para ele e sua família, tanto que, no “segundo grau” (que corresponde atualmente ao ensino médio), passou a estudar à noite para trabalhar no período integral no comércio. Segundo ele:

Comecei a trabalhar no maior supermercado da cidade, levando o carrinho de compras nos carros dos clientes. De vez em quando, ganhava uma gorjeta deles. Dali, passei a ser registrado e fiquei no estabelecimento cinco anos e cinco meses. Só saí de lá no último ano da faculdade.

Assim como o irmão, fez questão de contar com detalhes a rotina que levou ao longo de dez meses “de esgotamento”:

Na época, de segunda à sexta-feira, servia das seis às oito da manhã; saía do tiro [de guerra], ia pro supermercado; saía do supermercado, ia pra faculdade. No sábado, o tiro era das seis às dez, o supermercado das dez às duas e a faculdade das duas às seis da tarde. O único dia que eu tinha para descansar era no domingo, mas estava iniciando na arbitragem, bandeirando um ou outro joguinho do meu bairro, e ainda jogava futebol no Campeonato Juvenil. Então, na verdade, não tinha descanso!

Se antes de servir o Exército Luiz Flávio não tinha nenhuma vontade, até pelo fato de ser o único filho recrutado, depois de servi-lo avalia-o positivamente: “[...] hoje, me arrependeria bastante se não tivesse servido o tiro de guerra, porque aprendi e cresci muito como homem. A disciplina militar é muito boa, com seus limites...”. Assim, a disciplina se junta a outros valores aprendidos que já foram citados: fé, trabalho, perseverança e honestidade.

O ex-jogador Bizi, do mesmo modo, diz ter feito “vários serviços” desde a infância. Começou ajudando a mãe. Enquanto “[e]la lavava e passava roupa pra fora [...] eu fazia as entregas ou, então, buscava as peças de roupa. Cuidava da casa...”. Depois, passou a ocupar-se com atividades na vizinhança: “Quando algum vizinho queria limpar o quintal, aí eu carpia e ganhava um dinheiro”. A rua foi o passo seguinte:

Fazia carroto na feira, coisa que sumiu dos anos 80 pra cá. Eu lembro que voltava da escola ainda pela manhã, tirava meu uniforme e colocava a minha roupa de “pilha”, como se diz no popular. Aí, era só pegar meu carrinho, que eu mesmo tinha feito

com rolimã e caixa de bacalhau, e ir pras várias feiras-livre. A cada dia, a gente ia numa feira diferente.

Logo em seguida, explica-se: “Digo ‘a gente’ porque vários garotos da minha idade faziam isso.”, o que foi reafirmado pela experiência de outros entrevistados. Com sua simplicidade característica, Bizi completa de maneira tocante: “Durante muitos anos, eu fiz isso e ganhei dinheiro assim. E não era só dinheiro! Ganhava alimentos, roupas, frutas... Porque já tinha uma freguesia certa.”.

Ao lado de outros garotos, entre eles seu “irmão” Gilberto Sorriso, conhecido jogador de futebol dos anos 1970 e 1980, José Carlos Serrão também trabalhou em feiras-livre. Não como Paulo Cesar de Oliveira, com carteira assinada, mas na informalidade, como Bizi, carregando as compras ou “os carrinhos dos homens, dos senhores de idade e das mulheres”. Revelando uma realidade diferente do presente, diz que essas pessoas “[...] depositavam confiança em nós porque, naquela época, não tinha esse negócio de ladrão, de trombadinha que rouba carteira e essas coisas, sabe? Eles nos respeitavam e davam um troquinho pra quem estava na rua.”. O ex-atleta, tinha “uns 14 anos” nessa época.

Por aproximadamente quatro anos, Serrão trabalhou como engraxate e flanelinha na região da Igreja de São Judas Tadeu, próximo ao Jabaquara, bairro onde nasceu em São Paulo. Perto do dia 28 de outubro, data comemorativa do santo, era quando “a gente mais faturava porque tomava conta dos carros dos grã-finos próximos à igreja e ganhava um trocadinho, uma moedinha”. O que ganhava como flanelinha investia na atividade de engraxate: “Com o dinheiro, nós comprávamos o material para engraxar. Ao mesmo tempo em que a gente cuidava dos carros, engraxava sapatos das pessoas. Então, ganhava dos dois lados.”. Garante que, nessa fase da vida, estava “sempre trabalhando” e “[d]e todo jeito, a gente arrumava um dinheirinho!”. Quando sobrava um pouco, “nós podíamos ir no cinema, pegar um bailinho tanto na infância quanto na adolescência...”.

Numa época em que televisão era artigo de luxo, Serrão nos conta o que ele e esses garotos se sujeitavam a fazer para poderem assistir aos desenhos e seriados que gostavam: “[...] fazíamos um mutirão. Nós pegávamos jornais nos vizinhos e íamos pra casa dela. Lá, a gente encerrava aqueles assoalhos bem vermelhos e depois punha o jornal pra sentar em cima e poder assistir televisão.”. Com uma alegria pueril de quem se recorda de fatos da infância, se expressa e revela os sentimentos daquele tempo: “A gente se realizava! Ou era assim ou não

assistíamos. Adorávamos ver desenhos e seriados, principalmente ‘Pica-pau’ e ‘Os três patetas’...”.

A despeito das privações, diz num outro momento que teve “uma adolescência muito boa apesar das dificuldades. Não posso dizer que passei fome porque minhas três irmãs ajudavam os meus pais a sustentar a família, principalmente eu e o meu irmão caçula.”. Consciente, fala que “[g]ostaria de ter tido uma vida melhor do que tinha na época”, mas assegura que “foi um aprendizado”.

O ex-goleiro Jairo também precisou trabalhar antes de se profissionalizar no futebol. Como a sua família era humilde, “tinha que ajudar”. Ainda mais depois da morte do seu pai, quando não tinha nem 18 anos. Primeiro, trabalhou na indústria de refrigeração Cònsul, depois na Tigre, que fabrica tubos e conexões. Ao todo, foram quase cinco anos.

Lula Pereira foi mais lacônico ao falar das dificuldades que passou na juventude. Após falar que já sofreu tanto na vida, retoma o nascimento: “Costumo dizer que nasci negro, pobre e há dois palmos da lama pra baixo. E é verdade. Nasci em 6 de junho de 1956, na beira da maré, em Salgadinho, Olinda. Só vendo, meu Deus...”. Por conta disso, frisa que está “nessa caminhada de luta há muito tempo.”. Em virtude da sua superação, completa dizendo que ainda tem amigos de infância que “são admiradores da minha luta e da minha forma de ser...”.

O drama familiar vivido pelo jornalista Valmir Jorge, que foi deixado pela mãe para ser criado por uma família de italianos, só foi superado pela condição do trabalho que o permitiu, desde cedo, cuidar “do meu nariz”. Até porque, não queria ficar com a mãe, que morava em São José dos Campos-SP, e não podia ficar legalmente com a família de criação, em Dracena-SP. Desta maneira, fez “de tudo!”. Aos 8 anos de idade, chegou a trabalhar na roça, colhendo “café, algodão, amendoim...”. Em 1975, quando tinha 14 anos, começou a trabalhar como padeiro, atividade que exerceu por cinco anos. Relatou assim: “Com três meses, deixei de ser ajudante pra trabalhar, da meia-noite e meia às sete da manhã, como forneiro principal... Trabalhava, ralava o tempo inteiro e nunca faltava!”. Por sua dedicação ao trabalho, orgulha-se de nunca ter sido “mandado embora”. Pelo contrário, “sempre saí bem” dos empregos que arranjava. Quando atingiu a maioridade, pode, “enfim, morar com a família de criação” na cidade de Dracena-SP, que é “o lugar que eu gosto”.

Enfrentando também problemas familiares, já que os pais eram separados, o torcedor Renato Camargo teve que trabalhar para ajudar a sustentar a casa, onde viviam ele, sua mãe e

seus irmãos. O trabalho, do mesmo modo que para Valmir Jorge, o levou à independência não só financeira, mas também em termos de liberdade de escolha futebolística, social e política. Aos 20 anos, por exemplo, decidiu associar-se à torcida Camisa 12, na qual atua até hoje. Segundo ele, sua família, de maioria gremista, não se opôs porque sabia que não “ia ser um mal”. Afinal, embora jovem, “trabalhava, me sustentava, tinha o meu dinheiro...”. Atualmente, Renato é metalúrgico.

Divergindo de todas essas histórias, vale recuperar a experiência de Junior que declarou: “Eu te juro por Deus, não trocava minha adolescência por nada... Pô! A gente soltava pipa aqui, rodava pião na pracinha, jogava botão, totó, pingue-pongue no meio da rua... e todas aquelas coisas de crianças dos anos 70.”, num contraste notável com o que nos foi relatado por Paulo Cesar de Oliveira. Mais uma vez, o ex-lateral traça comparações entre a sua juventude e a dos garotos da atualidade: “Naquela época, era mais fácil você encontrar as diversões. Hoje, a galera tá no computador, no *PlayStation*...”. E avalia logo em seguida:

A própria evolução fez isso acontecer, mas eu acho que é uma vida que mudou pra pior, não concorda?! Nós tivemos a adolescência na liberdade! A gente ficava sentado lá em baixo, encostado nos carros, conversando nas férias até duas horas da manhã, sem que houvesse nenhuma preocupação.

Olhando para a adolescência dos seus filhos, diz que ele e seus irmãos viam “menos televisão”, revelando a sua condição econômica privilegiada. Termina dizendo que os jovens hoje têm outras atividades e que, em virtude disso, “não adianta” o seu filho mais velho, por exemplo, que nasceu em 1984, “querer jogar botão ou rodar pião porque não tem mais ninguém pra fazer isso!”.

Tendo em vista os relatos citados, podemos ver que os jovens pobres e negros, que geralmente vêm de famílias numerosas e por vezes desestruturadas em termos de organização (ausência dos pais, falecimento do pai, união matrimonial desfeita), foram impelidos a trabalhar desde cedo, principalmente na adolescência, de modo a ajudar no sustento familiar. Embora alguns pais, de maneira consciente, reconhecessem a importância da educação para a vida futura dos seus filhos – até em virtude da falta que ela fez para as suas próprias vidas –, ela foi posta em segundo plano em favor de um ganho advindo de um serviço qualquer que garantisse, pelo menos, a alimentação e a moradia da família. O trabalho, desta maneira, trouxe para a formação destes adolescentes as noções de responsabilidade e disciplina, tão perceptíveis e valorizadas ao longo das suas narrativas.

No entanto, isto os colocava numa situação arriscada, uma vez que, quanto antes saíssem de casa para trabalhar, mais dependentes dessas atividades de baixa remuneração e de pouca exigência de instrução eles ficariam e, em contrapartida, teriam menos tempo para se dedicarem aos estudos e uma provável estagnação hierárquica nas posições da estrutura ocupacional. A este processo de desigualdades educacionais e ocupacionais que tende a se perpetuar, ao qual os negros estão expostos no Brasil, o sociólogo Carlos Hasenbalg (2005, p. 230) deu o nome de “‘ciclo de desvantagens cumulativas’ em termos de mobilidade social intergeracional e intrageracional”. Este é um processo que continuará a ser observado na próxima seção deste capítulo, quando será analisada a profissionalização dos negros entrevistados no universo do futebol de espetáculo.

3.1.2.2. O futebol como oportunidade

Romper com esta estrutura racista vigente no mercado de trabalho e ascender socioeconomicamente, tal como argumenta Hasenbalg, é uma tarefa tão difícil que a possibilidade para os negros é só em termos individuais e não coletivos. Isto, porém, não é nenhuma garantia, já que, mesmo tendo um grau de escolaridade igual ao do branco, os negros podem ser preteridos numa seleção em virtude da discriminação racial dos empregadores. Dentro deste quadro em que são pouquíssimos os negros que atingem o ensino superior e no qual os que obtêm essa formação não asseguram um cargo no mercado de trabalho compatível ao seu nível de escolaridade, são raros os setores profissionais que permitem uma ascensão abrupta. Aos negros pobres, talvez as atividades que mais estejam ao seu alcance neste sentido sejam aquelas ligadas basicamente ao uso do corpo, como a música, a dança e o esporte, o que não significa dizer que eles tenham uma “prontidão” para as mesmas, como sustenta Wisnik (2008, p. 227).

A entrevista realizada com o intelectual Arlei Damo foi bastante esclarecedora neste sentido. De acordo com ele, “tem três maneiras de se trabalhar a questão racial no futebol brasileiro”: através da contribuição teórica de Gilberto Freyre, da de Pierre Bourdieu e da de Florestan Fernandes. Na matriz freyreana, “que pensa o Brasil em contraposição aos Estados Unidos”, haveria aqui uma “espécie de democracia racial”. O futebol aparece efetivamente “como sendo um daqueles espaços onde o negro tem oportunidades...”. Mais do que isso, a

idolatria de jogadores negros “seria a prova cabal de que não tem racismo” em nossa sociedade.

Na perspectiva bourdiana, “o campo esportivo” seria “o lugar dos negros”, os quais “são tidos como predestinados pra atividades basicamente corporais, razão pela qual não seria de se esperar que, se eles tivessem algum espaço na nossa sociedade, seria no esporte e na música...”. Em relação aos campos político, econômico e intelectual, o campo artístico é o “menos valorizado” e “vigiado”. Por conta disso, neste campo, “os negros podem desenvolver os seus talentos, fazer carreiras e etc.. Então, como no Brasil predomina basicamente o futebol, os negros estão neste esporte.”.

Na “tradição mais uspiana de Florestan Fernandes e companhia”, o campo deve ser pensado “por dentro ou a partir dele mesmo”. Ou seja, ao invés de o futebol ser tratado “como se fosse um todo homogêneo”, deve ser dividido em matrizes (espetacularizada, bricolada, comunitária, e escolar). Os membros que fazem parte do universo do futebol de espetáculo podem ser separados em quatro categorias: os profissionais, os mediadores especializados, os torcedores e os dirigentes. Foi desta maneira que Arlei trabalhou no seu doutorado com a formação de futebolistas no Brasil e na França.

Diante disto, Arlei argumenta a discussão aqui proposta da seguinte maneira:

Não vou dizer, no caso específico da sociedade brasileira, que tem uma coisa genética que explica o bom desempenho dos negros no futebol. Não discuto essa questão. Ela é muito arriscada porque não se consegue limpar o que é da natureza e o que é da cultura. Agora, dá para se dizer, sem sombra de dúvidas, que, independente da genética, os negros são pensados – e não é só o caso do Brasil, mas de uma cartografia mais ampla – como sendo muito habilidosos pra fazerem coisas com o corpo. O espaço artístico é, digamos assim, menos vigiado, onde, como disse anteriormente, eles podem desenvolver as suas competências. Isso vale pro futebol, mas vale pra música também.

De modo a ilustrar o debate, vale retomar a experiência de Miguel Archanjo de Freitas Júnior. Sendo de família pobre e morando num bairro periférico da cidade de Ponta Grossa-PR, Miguel passou a infância brincando na rua, jogando bola em um campo esburacado, subindo árvores, andando em cima de muro e uma série de outras atividades, as quais, segundo o próprio intelectual, deram-lhe “um repertório de movimentos bastante grande”. Esse “vocabulário motor”, conforme as suas palavras, “facilitou pra que, na minha adolescência, eu passasse pelas diferentes seleções esportivas da cidade”, praticando futsal,

vôlei, basquete, handebol, entre outros esportes. Aos 12 anos, ele teve “uns resultados legais” no atletismo e ganhou “uma bolsa do governo do Estado” do Paraná. O salário mínimo que recebia ajudou “bastante” a família.

Note-se que o espaço onde Miguel viveu e cresceu o levou a aprender e a aprimorar as técnicas corporais, para usarmos a definição de Mauss (2003), de modo que ele pôde se beneficiar disto na prática de esportes. O seu desempenho foi num nível tão acima dos demais que conseguiu uma bolsa de estudos. Agora, por que atletismo? Os mais imediatistas talvez queiram explicar a partir de uma “predisposição biológica” ou “propensão congênial” voltada para estas modalidades esportivas em detrimento da natação, do tênis, do hipismo e da vela, por exemplo. A visão do jornalista branco Juca Kfoury, paulistano de 60 anos, vai por este caminho:

O fato que me parece inegável é que os negros têm uma vocação para a prática esportiva, provavelmente por complexão física, arcada do pé, fibra muscular, enfim, eles parecem melhores que os brancos. O melhor pugilista de todos os tempos é negro, o maior jogador de basquete de todos os tempos é negro, o maior jogador de futebol de todos os tempos é negro e vai por aí.

Com impressionante convergência, apresentamos a opinião do jornalista negro Valmir Jorge:

Se a gente for olhar pro atletismo, vamos ver muitos mais negros do que brancos em algumas posições. Por quê? Porque é a genética de cada um. Querendo ou não, o maior jogador de futebol do mundo é o Pelé, negro; o maior jogador de basquete é um negro norte-americano; com *boxer*, é a mesma coisa; e por aí vai. Inclusive, a santa padroeira do Brasil é negra. Então, tem umas coisas assim que nos valorizam.

Podemos notar como este tipo de discurso está não só presente no senso comum como é compartilhado por negros e brancos. O intelectual Arlei Damo (2008b) critica aqueles que atribuem demasiado peso à biologia para explicar o sucesso dos negros em esportes de vistos como “de negros”. Para ele, tais vantagens biológicas devem ser contextualizadas, sem se esquecer de levar em conta outras variáveis como, por exemplo, classe social e tradição dos países nas diversas modalidades esportivas. Argumentando contra um discurso unicamente biologizante, o intelectual questiona:

Por que não se tem a mesma preocupação em relação à hegemonia branca nas provas de natação por exemplo? Será em função de que nesse caso a resposta é óbvia, evidente ou coisa que o valha? [...] De outra parte, existe predisposição

genética para velejar ou cavalgar? Por que, então, os medalhistas desses esportes são, via de regra, brancos? (DAMO, 2008b, p. 6-7).

O próprio Juca Kfourri percebe algumas dessas nuances quando relata: “Curiosamente, não se encontra um grande nadador negro, porque para nadar na piscina do clube tal é mais complicado. O mesmo serve para os tenistas. Foram poucos os que ultrapassaram a barreira do esporte branco: Arthur Ashe, as irmãs Williams e não passa disso.”. O árbitro Luiz Flávio de Oliveira, apesar de acreditar numa predisposição genética dos negros para a prática futebolística, desconfia que a pouca presença deles em outros esportes é causada também por racismo:

[O futebol] É onde os negros já têm uma característica própria de serem mais habilidosos, terem a ginga e aquela coisa toda. Mas, fora o futebol, em qualquer outro esporte que a gente for analisar, mesmo que não seja tão de elite, o número de negros já não é tão proporcional assim... Não sei se é por causa da falta de condições financeiras pra praticar certos esportes ou se realmente é o famoso racismo velado.

Voltemos, então, à narrativa de Miguel para esclarecer: “[...] me encontrei no atletismo. Não pela questão da cor, mas pela questão da classe. Em algumas modalidades dessas, um exemplo que eu tenho é do voleibol, 80% da equipe era de meninos ricos.”. É evidente que a questão racial está inserida na social, pois, como o próprio colaborador relatou, negou a oferta de uma bolsa de estudos de um dos “melhores colégios da cidade” por não se identificar, por ser “muito fora da minha realidade”.

Além de as competições de atletismo envolverem viagens, algo novo dentro da vivência de Miguel, outro fator que o atraiu foi que “grande parte dos meninos ali do bairro começaram também a participar desse projeto”. Como ele mesmo prossegue: “boa parte das pessoas que fazem atletismo são pessoas simples e negras”, o que explica, no seu entender, o fato de o “preconceito racial nunca” ter “batido” ou acontecido com ele neste esporte. Por encontrar iguais e se reconhecer, ocorreria, desta maneira, uma reprodução do atleta típico desta modalidade. Isto, de forma mais ampla, também poderia se argumentar que acontece com as demais modalidades, já que o meio o protegeria de coerções e constrangimentos, sobretudo para os negros em “esportes de brancos”.

Outro trecho da história de vida de Miguel elucida a discussão:

Algo que eu sempre falo para os meus alunos do curso de graduação é a importância da figura do profissional de Educação Física, principalmente quando se trabalha com crianças carentes. Ele é a referência daquelas crianças. Se for uma pessoa boa, de

bons princípios, essas crianças vão se espelhar nele. Num determinado momento, ele se torna um grande herói pra elas. Isso acabou acontecendo comigo. Pra minha grande felicidade, eu tive um treinador de atletismo que é professor de Educação Física e uma pessoa que seguiu a carreira acadêmica. Eu me espelhei nele.

É uma experiência muito próxima da que foi vivida por Luiz Flávio de Oliveira, como pudemos ver na seção anterior. A transmissão dos “valores educativos” feita por este professor foi o “segundo motivo” que o “levou a uma carreira de sucesso”. Este “mestre” acompanha até hoje a trajetória de Miguel, de menino pobre a professor universitário. Além de padrinho do seu filho, foi seu orientador no mestrado e membro da sua banca no doutorado. Ter alguém em quem se espelhar foi fundamental para a carreira esportiva e, também, acadêmica de Miguel, o que possibilitou a sua ascensão socioeconômica. O antropólogo Arlei Damo comunga desta análise, uma vez que: “Há tantos negros e mulatos bem-sucedidos no futebol que serve como estímulo para muitas crianças e adolescentes que se projetam nesses destaques também porque se identificam com eles sob o ponto de vista étnico/racial e classista.” (DAMO, 2008b, p. 4).

A experiência esportiva de Miguel certamente foi mais rica, no sentido de ampla, do que a dos demais entrevistados que também viraram atletas, só que no futebol. À exceção de Junior, cuja família tinha uma tradição esportiva, os jogadores não tiveram a oportunidade de conhecer totalmente outras modalidades muito menos praticá-las competitivamente.⁵⁹ Podemos dizer que a sua condição social (pobreza, dificuldades em manter a escolarização, trabalhos de baixa remuneração, problemas familiares, entre outros fatores como violência e criminalidade) os convidava, como dizem, a “tentar a sorte” no futebol, e os colocava como jogadores em potencial.

Até porque, nunca é demais lembrar que este é o nosso esporte nacional, que não só possui historicamente uma longa lista de futebolistas negros vindos de baixo como esta lista se renova a cada dia. Levando-se em consideração ainda elementos como a pouca exigência

⁵⁹ O trecho alusivo da narrativa de Junior é: “Meu irmão mais velho jogou voleibol. Foi uma geração antes do Bernard, desse pessoal. Jogou na seleção brasileira, disputou Pan-Americano. Foi atuar profissionalmente nos Estados Unidos em 74, onde ficou quatro anos. Estudou na Universidade de El Paso, no Texas... O meu tio, irmão da minha mãe, tinha uma rede de vôlei aqui. Um outro tio jogou basquete... Todos nós jogamos futebol de praia. Só o meu irmão caçula que nunca praticou nada, foi pro outro lado. Trabalha há 20 anos na TV Globo, na área de produção de elenco. Ele foi pro lado mais da Arte. Mas, do resto: meus filhos, meus sobrinhos... O Rodrigo, meu filho, tá indo quarta-feira pra Portugal. Vai jogar na segunda divisão lá. Quer dizer, sempre teve um envolvimento da família dentro do esporte! Desde o meu pai lá em João Pessoa, que jogava futebol amador... O Auto-Esporte que era o time de lá... Acho que ficou mesmo dentro do sangue, não é?”.

instrumental para a prática futebolística e a sua supervalorização midiática e social (sobretudo nas camadas populares), a chance dos jovens pobres e negros arriscarem-se profissionalizar no futebol é muito maior do que em outros esportes. Da mesma maneira, o boxe está para os irmãos de cor que vivem em situação muito próxima nos guetos suburbanos norte-americanos, como nos mostra a pesquisa de Loïc Wacquant (2000).⁶⁰

Por fim, convém destacar uma passagem da narrativa do ex-jogador e treinador Lula Pereira, que, de certa maneira, resume toda a discussão feita nesta seção:

No futebol, pior ainda porque, junto com a música, é o lugar onde mais os negros conseguem se sobressair em virtude da pobreza, da condição de pouco estudo que lhe são ofertados... Até porque, normalmente a gente advém de família pobre e precisamos primeiro ganhar dinheiro pra depois estudar. Muitas vezes, passamos a ganhar dinheiro e não conseguimos mais estudar... Aí, faz como eu faço: dá aos filhos o que não tive, a condição de estudar e de ser alguém através da educação. Eu me sinto muito orgulhoso, como disse ainda há pouco, de estar fazendo isso pelos meus filhos. E sempre que posso, ajudo outras pessoas também...

3.1.2.3. Trecho de história de vida característica desta seção

João Paulo Araújo

Eu fiz o SENAI e já comecei a trabalhar em uma officininha aqui, outra ali. A minha mãe era empregada doméstica: passava roupa, limpava casa e aquelas coisas todas... A gente foi se virando nessa época.

No SENAI, era assim que funcionava: os alunos ficavam seis meses estudando na escola e seis meses trabalhando na empresa. De todos, eu era o único negro da turma. Todos faziam isso, menos eu... porque era negro. Lembro, como se fosse hoje, o que disse o professor Edson no começo do primeiro semestre do ano seguinte, quando a gente voltou para o SENAI:

— Ô, pessoal, todo mundo trabalhou?

Todo mundo levantou a mão. No segundo semestre que tinha passado, os alunos conseguiram trabalhar na Mause, na Dedini e em outras empresas pequenas. Inclusive, esse

⁶⁰ Ao teorizar sobre o campo esportivo, Bourdieu (1983, p. 150) assinala que os membros das classes dominantes são, em tese, repelidos da prática dos esportes populares em virtude da sua composição social e dos valores em jogo.

professor de desenho era dono de uma metalúrgica. Nisso, eu e o Miguel – que se chamava Miguel Antônio Euler – falamos que não trabalhamos.

— Você, Miguel, por que não? – perguntou o professor Edson.

— Ah! Porque não quis, professor. Não quero trabalhar ainda, não. – respondeu ele.

— E você, João Paulo? – virando-se pra mim.

— Porque eu não consegui.

— Então, você precisa tomar um banho de leite de camelo para ficar branco.

Lembro como se fosse hoje dessas palavras que ele falou pra mim... Na hora, eu dei risada como todo mundo. Não consegui pegar o que tinha acontecido... Então, eu passei os três anos de SENAI assim: estudava seis meses e ficava em casa no segundo semestre. É claro que pegava uns servicinhos pra fazer. Até porque, nós éramos em cinco e eu tinha que ajudar a família. Só consegui arrumar um emprego quando me formei, com 17 para 18 anos. Era uma empresa de uns italianos. O chefe de lá era um carrasco do caralho, mas era mais comigo. Também, era o único negro que trabalhava na empresa! Mesmo porque, fui um dos poucos negros naquela época que conseguiu fazer SENAI. Fiquei quatro anos nesse emprego. Enquanto isso, a minha mãe aguentou firme.

Bom, o Adilson Maluf se elegeu como prefeito da cidade e trouxe a Caterpillar pra cá. Quando a Caterpillar veio, vieram várias outras empresas junto. Aí, como eu era torneiro mecânico, ficou fácil de arrumar emprego nessa época. Saía daqui, entrava ali. Saía dali, entrava lá. Quer dizer, desde que comecei a trabalhar com carteira assinada, nunca fiquei UM dia desempregado até hoje. É claro que não fiquei rodando muito, não. Trabalhei em poucas empresas.

Depois disso, em 75, eu entrei aqui no COTIP para fazer o técnico. Foi uma dureza. Foi porque tinha que trabalhar durante o dia e estudar à noite. Só que sempre pediam para eu fazer hora extra. E tinha que fazer, né?! No ano seguinte, sobrou uma vaga aqui de ajudante, e eu consegui entrar. Desde então, não saí mais daqui. Em 80, comecei a apitar e, de 82 a 84, fiz Educação Física... A partir do momento que comecei a trabalhar com carteira assinada e passei a ganhar mais, deu pra tocar a vida de uma maneira melhor e fui em frente. Vamos vivendo, como todo mundo...

3.2. PROFISSIONALIZAÇÃO

3.2.1. Jogadores

3.2.1.1. Das primeiras tentativas ao primeiro contrato

Se quando crianças os negros pobres levavam o futebol como um jogo que os fazia esquecer por um tempo das agruras da vida comum, à medida que foram crescendo e amadurecendo, dadas as experiências de vida, sobretudo com o trabalho, começaram a encarar o futebol de outro modo. Deixava de ser uma brincadeira para ser tratado cada vez mais com seriedade. Neste sentido, a seguinte fala de Lula Pereira é reveladora: “Cada vez mais, a minha cabeça estava ligada ao futebol, assim como tinha a necessidade de ganhar rapidamente uma grana para ajudar a minha mãe e a minha irmã.”. Vislumbrando a realização de um sonho, tanto em termos profissionais quanto ascensionais, lançaram-se ainda jovens em competições amadoras ou em testes de clubes buscando a carreira de futebolista.

Bizi, por exemplo, sonhava em jogar no Santos Futebol Clube, assim como tantas pessoas em sua época, “por causa do Pelé!”, fala entusiasmamente. Começou, por ironia, no Santos Foguinho da Vila Carrão, no bairro onde nasceu na cidade de São Paulo. Atuava como ponta-direita ou ponta-esquerda até que, numa emergência, saiu do banco de reservas para jogar na lateral esquerda, ainda que fosse destro. A competição era o I Campeonato Paulista de Futebol Dente de Leite, no ano de 1969, que tinha transmissão pela TV Tupi aos sábados. Na partida em questão, o seu time estava enfrentando o poderoso BANESPA, no qual jogava o Wladimir, que seria justamente lateral esquerdo do Sport Clube Corinthians Paulista. Após a sua entrada, o Foguinho ganhou por 3 a 1, com direito a gol de Bizi, que foi escolhido o melhor jogador em campo. Então, ele conta assim: “O prêmio que ganhei foi um relógio e um emprego nas antigas Lojas Eduardo, que vendia calçados. Lembro que trabalhei por algum tempo nessa loja... Depois desse jogo, nunca mais larguei a posição.”.

As boas atuações renderam-lhe na época, 1969, quando tinha 14 anos, um elogio em jornal, nada mais nada menos, de Pelé, “rei do futebol” e seu maior ídolo. Trata a reportagem como “uma relíquia, uma joia rara”, tanto que colocou num quadro (vide página 70). Emocionado, refere-se a este objeto: “Isso aqui não tem dinheiro que pague!... Não tem porque foi uma coisa que vai ficar marcado pro resto da minha vida!”. Não à toa, o “Garoto do Pelé”, como ficou conhecido nesse tempo, acredita que sua mudança de posição foi uma predestinação divina: “Porque, às vezes, eu paro pra pensar que, se não tivesse ido pra lateral,

não teria a oportunidade que tive e não conseguiria ser atleta profissional. Por isso, falo que foi Deus que me direcionou pra tudo isso que aconteceu...”. Fiel, Bizi diz que todas as decisões que toma é “Ele quem” o “direciona”.

Com um futuro promissor no futebol, surgiram as primeiras oportunidades. Chegou a fazer testes no São Paulo Futebol Clube junto com o seu “amigão” Muricy Ramalho, mas, seis meses depois, “desisti do futebol por causa da minha família”. Como o pai ficou doente, ele e sua irmã precisaram trabalhar para “ajudar em casa”. Com tristeza, expressa-se: “Aí, voltei à minha vida de novo...”. Por longo tempo, trabalhou de marreteiro e vendia “*tupperware*, baldinho, pratinho, manteigueira, saboneteira, ralador... e uma série de coisas pra ganhar um troquinho”. Nessa época, com o futebol, “não ganhava nada ainda! Não tinha nem uma ajuda de custo...”, diz com certa indignação. Eis que afirma algo já perceptível, dada a sua condição social: “Os meus pais, por mais que quisessem, não podiam me dar nada. E eu me virava bem, viu! Não tenho vergonha de falar isso.”. Assim, Bizi orgulha-se e relata a superação de algumas dificuldades enfrentadas:

Então, fazia de tudo um pouco. Com o dinheiro que conseguia, ajudava a minha mãe e ainda me deslocava até os treinos. Como na minha época eram só dois por semana, eu tinha tempo pra estudar, pra trabalhar e pra treinar. Precisava desses serviços porque, senão, não teria como pagar a condução pra ir treinar. Do bairro onde eu morava, do Carrão, até o Bom Retiro, perto da Marginal Tietê, era uma boa distância. O campo de treinamento do São Paulo ficava ali. Então, pegava um ônibus até a Praça da Sé e, de lá, ia a pé! Mesmo assim, eu fui galgando e superando as dificuldades...

Após um ano nessa vida, o ex-lateral, retorna ao futebol para jogar nas categorias de base da Associação Portuguesa de Desportos. Decorrido um ano e meio, “tive outra dificuldade e larguei o futebol. Na verdade, foi uma desilusão.”. Em seguida, explica que um dirigente do clube o procurou dizendo para ele largar o seu emprego no comércio e dedicar-se apenas aos treinos e jogos. Embora tenha sido alertado pelo pai, Bizi estava cansado da vida de treino e trabalho e acabou se “iludindo com a promessa dessa pessoa”. Durante quatro meses, o diretor lhe deu “uma ajuda de custo”, porém, depois disso, “sumiu” sem avisar. A Portuguesa “não se manifestou” nem assumiu o compromisso. Sentindo-se enganado, Bizi “achava que nunca mais iria voltar. Nunca mais! Porque foi muito duro, sabe? Largar meu emprego... Talvez poderia até ter seguido carreira aonde eu trabalhava...”.

Ao afirmar que esta experiência “não aconteceu só comigo!”, traça comparações com a situação vivida pelos jovens jogadores de hoje:

Não era igual hoje que é bem mais profissional! Atualmente, o atleta faz um contrato, traz documentação e um monte de coisas. Na minha época, só entregava meu RG. Não tinha nada documentado. A gente tinha que confiar na pessoa que nos convidava. Esse era o risco que se corria.

Mesmo acreditando que atualmente a relação entre clube e atleta ocorre de maneira mais profissional se comparado com a sua época, Bizi adverte que, “se não for bem direcionado, se não tiver pai envolvido pra ver o negócio, se o acerto for só com o moleque, a coisa não é confiável”. Com conhecimento de causa, assegura que só o dom e a técnica não são suficientes para um garoto tornar-se atleta profissional de futebol, e enumera uma série obstáculos a serem transpostos:

Já nesse tempo, fui vendo as dificuldades que se tem pra chegar. Porque não é só ter a parte técnica, o dom de saber jogar futebol, que influencia. É uma série de coisinhas que estão no caminho: pessoas que iludem, que enganam, que prometem e não cumprem... a falta de uma ajuda de custo, as dificuldades de locomoção... É por isso que eu falo que todos querem ser atletas profissionais de futebol, mas são poucos os que chegam.

Depois dessa experiência negativa na Portuguesa, Bizi ficou “longe do futebol por mais um ano...”. De tanto insistir, um colega seu da vizinhança do Carrão, que era profissional do Juventus, convenceu-o a fazer um teste no clube da Mooca, já que ainda tinha “idade e que deveria tentar.”. Nesta oportunidade, Bizi passou e foi “ficando, subindo as categorias...”. Diz que passou “metade da minha lá”: “Cheguei no Juventus com 15 anos e só saí com 33. Foram 17 anos no clube. Muito tempo, né!?”. Fala, também, que não se arrependeu porque o tratamento foi “de uma outra maneira” e lidou “com pessoas bem mais profissionais”. A imprecisão deste “profissionalismo” é notável: “Algumas pessoas que trabalhavam lá na época já me conheciam da Portuguesa e de outros times, o que facilitou a minha permanência...”. De todo modo, diferentemente da outra vez, estas pessoas “mandaram chamar” o seu pai para fazer o acerto. Bizi relata, assim, o momento da assinatura do seu contrato:

Eu nunca me esqueço do primeiro contrato profissional que fui assinar... Um diretor, já falecido, disse pra mim:

— Ó, Bizi, aqui a gente valoriza primeiro o homem, depois o atleta.

Então, isso me marcou muito. Carreguei pro resto da minha carreira, no Juventus e em outras equipes que joguei... “Primeiro o homem, depois o atleta.”...

O ex-atleta guardou este ensinamento para sempre e o repetiu por algumas vezes ao longo dos nossos encontros. Nenhum outro jogador entrevistado deu tantos detalhes da sua trajetória como Bizi. Isto porque, mais do que se identificar com a proposta desta pesquisa, contar a sua história de vida e tê-la por escrito ou “documentada”, como me disse, era um objetivo e um sonho a ser realizado. Os outros colaboradores, no entanto, mesmo sendo mais concisos, relataram experiências parecidas.

José Carlos Serrão também disputou, como era de se esperar, uma série de campeonatos amadores. Por se destacar neles, “várias pessoas me davam cartão pra fazer teste.”. Do mesmo modo que Bizi, passou pela frustração de não passar nos testes que realizou no Corinthians, “na Portuguesa, no Juventus...”, interrompendo a fala e sugerindo outros clubes. Em seguida, justifica-se: “Mas, eu era muito franzino, muito magro e sempre tive essa dificuldade pelo meu corpo.”.

Uns seis meses depois de ser dispensado do Corinthians, Zé Carlos, como era conhecido na sua época de jogador, foi levado ao São Paulo “e, então, fui aprovado.”. Nesta época, “já estava com 15 pra 16 anos, na mão de um mecena.”, revelando que uma espécie de agente, percebendo as suas qualidades para a prática futebolística, já o tinha cooptado. Contudo, só após passar no teste do São Paulo, “comecei a ter uma ajuda de custo. Pequena, mas me ajudava.”. Para economizar, “[d]e vez em quando, pegava carona” ao invés de tomar “dois ou três ônibus pra ir treinar”. Mesmo com os treinamentos, “dava tempo de continuar os estudos.”.

Serrão conta que, quando era aspirante, último passo para o profissional, “tive que servir o Exército lá em Quitaúna, Osasco, em 1969.”. Lembra, inclusive, que chegou a ser detido pelo seu capitão, que “[e]ra um terrorista”, o Lamarca. Como ele sabia que Serrão jogava futebol, “me convocou pra jogar no time dele, na seleção do Exército.”. Então, o ex-jogador disputou simultaneamente o campeonato do Exército e aquele que o São Paulo estava participando. O que se segue narra assim: “Nas finais, coincidiram os jogos e eu optei pelo São Paulo. Era o meu futuro! Fomos campeões. E o time do exército acabou perdendo... Puta merda! Quando cheguei no quartel, fiquei detido por dez dias, sem poder sair, sem comunicação. Pelo menos, fui campeão.”, consola-se.

A partir de então, Serrão foi enfrentando uma série de problemas. Um deles, segundo relata, era a sua liberação para os treinamentos do São Paulo, antes facilitada por Lamarca. Quando escalado para tirar o serviço noturno, o ex-jogador “dava um dinheirinho” para os “laranjeiras, ou seja, aqueles soldados que moram no próprio quartel” e que “não tinham o que fazer”. Assim, eles faziam no seu lugar e Serrão só voltava ao quartel no dia seguinte. Sincero, diz: “Todos esses tipos de malandragem, tive.”. Apesar da experiência indesejada, o ex-jogador diz que “foi bom!” porque aprendeu “a sofrer um pouco”. Mas, logo se lamenta: “Queria ser jogador de futebol. E ele me bloqueou um ano praticamente. Podia ter sido profissionalizado um pouquinho antes.”. Até em virtude disto, avalia que passar pelos estágios infantil, juvenil e aspirante até o profissional foi “uma dificuldade”.

Passando por estas fases, foi promovido e assinou seu primeiro contrato profissional no próprio São Paulo. Logo no início, “atuei várias vezes no time principal, ainda no ano de 69, ao lado de craques como: Gérson, Pedro Rocha, Toninho Guerreiro, Paraná e uma infinidade de jogadores da seleção brasileira.”. Buscando o seu espaço no time titular, completa na sequência: “E eu, ali, como uma minhoquinha no meio deles, sabe? Comecei a me destacar e fui titular do São Paulo por sete anos seguidos, de 70 a 77.”. Por várias vezes, mostra-se agradecido ao São Paulo e orgulha-se pela duração da sua titularidade em um dos maiores clubes brasileiros.

Ainda jovem, Lula Pereira atuou por dois times amadores em Olinda: aos domingos pela manhã jogava no Guarani, à tarde na seleção do bairro. Certa vez, “[p]ra minha sorte, houve um comício na rua do bairro que morava”. Neste evento, o seu treinador do Guarani encontrou-se com o treinador do juvenil do Sport Clube do Recife e pediu a ele que desse “uma oportunidade a cinco garotos irem treinar em Recife: dois meias, dois atacantes e eu como zagueiro.”. Como o time juvenil estava “cheio” de zagueiros, o treinador do Sport não queria levar Lula, mas, dada a insistência, acabou levando. O teste realizado na capital de Pernambuco foi narrado da seguinte maneira:

Fomos os cinco. Chegamos lá, os quatro primeiros entraram e eu fiquei aguardando. Treinei apenas trinta minutos. No final, no meio daquela multidão de pretendentes, o preparador físico do clube chamou:

— Fulano de tal, beltrano, Luiz Carlos...

Luiz Carlos era eu. Pra você ver: dos cinco, o que ficou foi eu! Os outros quatro voltaram a treinar, mas não permaneceram.

Assim, Lula Pereira teve pela primeira vez a oportunidade de treinar e jogar em um clube profissional, ainda que estivesse na categoria juvenil. Novamente atribuindo a uma contingência favorável, ele conta como se deu a sua profissionalização: “Pra minha sorte, no ano de 1972, disputei o campeonato juvenil pelo Sport e já passei a integrar o time profissional. Quando faltava um jogador ou outro, eu era chamado. Fui guindado à condição de profissional pelo professor Aureliano Beltrão.”, manifestando em seguida o seu profundo apreço por este colega que lhe deu as primeiras chances profissionalmente.

O ex-goleiro Jairo do Nascimento, assim como Lula, foi sucinto no relato das suas experiências amadoras. Também começou em sua cidade natal, Joinville, junto com uma turma de amigos, entre eles o Badeco, que era seu vizinho e que iria jogar na Portuguesa. Na categoria infantil, jogaram juntos. Já no juvenil, Jairo foi para o Caxias e Badeco para o América. Anos depois, o time em que Jairo jogava disputou um torneio contra o São Bernardo do Campo e o Grêmio. Nas duas partidas, o seu time ganhou de 1 a 0 e Jairo foi eleito “o melhor jogador”. “[A]í, começou a haver interesse” em sua contratação e um diretor de futebol do Fluminense, que estava presente nesta competição, o “levou emprestado por seis meses”.

Neste mesmo ano de 1969, embora fosse reserva do Félix, então goleiro da seleção brasileira, Jairo teve a oportunidade de participar de alguns jogos do Campeonato Carioca. Como o ex-goleiro teve boas atuações e o Fluminense sagrou-se campeão estadual, “o Telê” Santana, treinador do time na época, “mandou me contratar, o que acabou acontecendo em janeiro de 70.”. Jairo revela, ainda, como surgiram as primeiras oportunidades: “Aprendi muito, inclusive, com ele [Félix]. Era meu amigo e me ajudou bastante nesse sentido. Lembro que, em algumas partidas, ele dava uma de machucado só para eu entrar. Comecei a jogar assim...”.

A camaradagem e os ensinamentos de Félix, além é claro do sucesso do clube naqueles anos, foram fatores fundamentais para que Jairo se afirmasse profissionalmente, ainda mais numa fase tão difícil para os recém-chegados, que têm de provar a sua profissionalização suprimindo o time titular. Deve-se levar em conta, também, a sua posição, que geralmente oferece pouquíssimas oportunidades em grandes clubes e que historicamente se mostra restrita aos negros. Assim Jairo conclui sobre seu o início afortunado na carreira:

“Foram três anos no Fluminense. Fui campeão carioca em 69, da Taça Guanabara em 70, e da Taça de Prata também em 70. Três títulos!”.

A passagem da fase amadora para a profissional é sabidamente complicada e incerta a todos os que se aventuram nessa carreira.⁶¹ Com Junior, embora fosse das classes altas, não foi diferente. A sua condição social privilegiada trouxe-lhe, contudo, algumas oportunidades. No edifício onde morava, residia também “o senhor Gerson Coutinho, irmão do Giulite Coutinho, que foi depois presidente da CBF”. Como a família dele era ligada ao América do Rio de Janeiro, incentivou Junior a fazer um teste neste clube. O ex-lateral passou na seletiva e foi “ficando” na agremiação.

Até que, certo dia, uma situação o desagradou: ao contrário de todos os outros garotos que foram ao treinamento, ele e dois colegas que também moravam em Copacabana não receberam “o dinheiro da passagem” para voltar à casa. A alegação do funcionário do clube era que “não precisavam”, insinuando que as famílias poderiam bancá-los. Junior ainda tentou argumentar com ele, mas sem sucesso:

— Pô! Mas isso não é critério! A gente gasta da mesada da gente pra vir pra cá e tal...

— Ah. Não, não, não... – e cortou o papo.

Quer dizer, foi o primeiro preconceito que eu vi já com 18 anos. Que tava errado isso, né!? Não é porque a gente morava em Copacabana que a gente tinha de ser discriminado! Então, eu falei:

— Ah. Não volto mais.

O sentimento de ser discriminado devido a sua condição socioeconômica privilegiada fez com que o ex-lateral “nunca mais” voltasse a treinar no América e perdesse “um pouco o ânimo por essa luta pra ser jogador de futebol.”.

Uns seis meses depois, outro dirigente vizinho de Junior, “Mozart Di Giorgio, da CBD na época”, também o indicou para fazer um teste no juvenil do Fluminense, já que “sou conselheiro” e “muito amigo do pessoal”. Mostrando intimidade com o dirigente, Junior respondeu: “Pô, Mozart! Você sabe como é que funciona isso, né cara? Esse negócio é meio complicado.”. Porém, Junior foi convencido pela insistência dele. Mesmo tendo “muuuuuta gente” no teste do Fluminense, o ex-jogador foi passando. No terceiro teste, falaram para ele:

⁶¹ Em seu livro, Arlei Damo (2007) contribui para o conhecimento das especificidades da carreira de futebolista no Brasil, apresentando, pois, uma série de dificuldades. Ver especialmente o capítulo 3.

“‘Pô! Tem muita gente, papapá...’. E eu entendi aquilo como: ‘Vai demorar.’. Aí, eu também tava estudando e pensei: ‘Ah, vou pra outra coisa.’”, cogitando desistir do futebol.

O sonho de Junior sempre foi atuar como meia e, assim, ele foi treinar, em outra ocasião, no Botafogo. Chegando lá, no entanto, ouviu de alguém: “Uhhmm... Tá faltando um lateral.”. Quando Joel Martins perguntou se tinha algum lateral, Junior logo acenou com o braço e foi para o jogo. Passado um mês, revelou seu desejo ao treinador. Como não havia lugar no meio de campo, o ex-atleta agradeceu-lhe e saiu do clube. Preocupado com sua imagem, Junior lança mão de um eufemismo para explicar as primeiras tentativas sem sucesso:

Foram essas as experiências que eu tive, mas não que eu tenha sido reprovado. Porque, nesse período do amador para o profissional, a concorrência é muito grande. E, se você não olhar a coisa dessa maneira, você se decepciona... Nada disso me incomodava. A única coisa que me incomodava era eu não poder jogar na praia no sábado...

Logo em seguida, afirma: “Futebol de praia sempre foi a minha paixão!”. Ao explicar o motivo, revela a sua frustração até então:

Porque eu, apesar de jovem, era reconhecido, entendeu? Pelo meu trabalho que fazia. E eu fazia bem! Mesmo no meio dos grandalhões e até dos “coroas”. Eu tinha 18, mas tinha gente de 36 ainda jogando, pais de família e tal. Então, quer dizer, eu me sentia o caçula, as pessoas me tratavam como diferenciado. E isso me fazia bem!

Principalmente para o seu ego ferido. Ainda mais quando o pessoal da praia perguntava por que ele não jogava em um clube. Humilde, era sincero: “Pô! Não é fácil, né? Às vezes, você joga bem aqui, mas lá tem gente que joga melhor do que você.”. E “foi exatamente no futebol de praia que um amigo de vôlei do meu tio” o ajudou. Foi pessoalmente com ele à sede do Flamengo e o apresentou ao Modesto Bria, que havia sido jogador do clube nas décadas de 1940 e 1950. Reconhecendo Junior dos tempos em que ele jogou pela equipe de futebol de salão do Flamengo, Modesto Bria o colocou em uma peneira. Como muitos atletas do time juvenil, entre eles “Zico, Cantarelli, Rondinelli...”, tinham subido para o profissional, “[a]briu um espaço de praticamente 20 novos jogadores, porque os que eram do infante não cobririam tudo isso”, “o que facilitou na verdade.”.

Passando pela seleção, Junior integrou a equipe juvenil aos 19 anos. Como conta: “comecei a treinar, a jogar e aí engrenou.”. Nessa oportunidade, ele foi convencido pelos seus treinadores a voltar a atuar como lateral, só que no lado direito. Sua “tendência natural” o

levou a fazer bons jogos no juvenil e ele passou para o profissional no final de 1974. Assim narrou:

Joguei todo o segundo turno do campeonato de lateral direito. Como eu tinha jogado salão, tinha noção de marcação. Quer dizer, não tive tanta dificuldade. E eu fazia um tipo de jogo que poucos faziam: jogava pra frente! Por instinto, né?! Quando chegou no final do ano, passei para o profissional. Um mês depois, o treinador já me deu uma oportunidade e fiquei.

Diante das experiências relatadas, pode-se notar que os atletas amargaram anos até conseguirem a profissionalização. Não passar nos testes realizados em clubes trouxe-lhes dissabores e até mesmo dúvidas sobre as suas qualidades para a prática futebolística. O reconhecimento e a insistência de outras pessoas em virtude das habilidades apresentadas em partidas amadoras serviram-lhes de alento para continuarem tentando a carreira de futebolistas.

Dois foram os modos utilizados para tal objetivo: ou por tentativas próprias ou por indicação. A primeira maneira apresentou pouquíssimos resultados. De todas as muitas tentativas, apenas o ex-goleiro Jairo do Nascimento obteve sucesso. Mesmo assim, não foi propriamente a partir de uma seleção ou peneira, mas, sim, de uma competição. Os atos isolados resultaram geralmente em dispensa ou reprovação nos testes.

Já as indicações, embora não garantissem aprovação nos mesmos, auxiliaram na queima de etapas ou, pelo menos, fizeram com que os funcionários dos clubes envolvidos no processo seletivo tivessem uma atenção especial para com os atletas. Até porque, quem os indicou fazia parte de algum modo do universo do futebol, fossem treinadores de outros times (caso do Lula Pereira), jogadores do próprio clube (Bizi), dirigentes (Junior) ou, inclusive, agentes (José Carlos Serrão). Neste sentido, as experiências destes dois últimos ex-atletas são emblemáticas e revelam, mais do que uma indicação, um apadrinhamento.

Em todo caso, os entrevistados tiveram que comprovar as suas qualidades em seguidos testes e treinamentos. Ao obterem êxito, os ex-jogadores, de uma forma ou de outra, buscaram explicá-lo por meio da sorte, predestinação divina ou biológica (racial, instinto, dom, talento). Muitas vezes, as causas para o sucesso conquistado se misturavam. A preparação física e os treinos técnicos e táticos, rotinas repetitivas e desgastantes da “lapidação do dom”, como diria Damo (2007), foram praticamente apagados do discurso dos colaboradores.

Antes de passar ao próximo tópico, cabe fazer algumas considerações sobre a conciliação ou não dos estudos durante o processo de profissionalização. No caso dos jogadores especificamente, os estudos, que até então já estavam colocados em segundo plano por conta do trabalho (com exceção ao Junior), passaram a perder espaço também para a prática futebolística. O ex-goleiro Jairo do Nascimento, por exemplo, concluiu o primeiro grau, mas depois parou os estudos porque tinha que trabalhar para ajudar a família. Só foi terminar o segundo grau quando atuava pelo Coritiba, após passar por Caxias e Fluminense. Já Bizi, interrompeu o primeiro colegial por causa de uma oportunidade no futebol, conforme relata:

Os estudos, eu sempre procurei manter até que chegou um momento em que tive de decidir: ou estudava ou jogava futebol. Isso foi em 1976, quando o Juventus me emprestou e fui pra Vitória do Espírito Santo. Na época, estava cursando o primeiro colegial. Tinha que decidir!... Apareceu essa excelente oportunidade pra disputar o Campeonato Brasileiro pelo Rio Branco. Este time era o Corinthians de lá. A camisa era igualzinha: preta e branca com listras verticais. Por esse clube, joguei contra equipes poderosas mesmo: Palmeiras, Internacional, que foi campeão, Grêmio... Joguei contra equipes fortíssimas!

Desta forma, abandonou os estudos neste momento da vida para disputar um campeonato importante embora por uma equipe modesta e com poucas chances na competição.

O ex-lateral Junior foi quem mais prolongou os estudos ainda na fase de transição do amadorismo para o profissionalismo. Até porque, diferentemente das outras famílias, os seus pais sempre o orientaram assim: “Pode fazer o que quiser, mas o estudo vai estar sempre em primeiro lugar.”. Não à toa, colocaram-no em uma escola particular, numa época em que “ninguém pagava”. Por anos, “fazia as duas coisas: jogava bola e estudava. A única obrigação era aquela de final de ano, de passar pra justificar o gasto... que não era pouco.”.

Junior fez cursinho e prestou vestibular antes de se profissionalizar. Tentou Veterinária em um ano e, no outro, Administração, quando passou na Universidade Cândido Mendes. Nessa época, estava na categoria juvenil do Flamengo. Contudo, conciliar futebol com estudo estava, a cada semestre, mais difícil. As seguidas faltas, motivadas por treinamentos, competições e viagens, eram prova disto. Ele evidencia que, mesmo nessa fase, já tinha um reconhecimento do público, o que lhe trazia certas facilidades dentro da universidade:

Por exemplo, na época de prova, a galera me ajudava, entendeu? Quer dizer, me davam matérias. Era aquele negócio: você jogava no Flamengo e tal, não sei quê... E todo mundo tinha um orgulho de dizer:

— Ah! Eu estudo com o Junior.

Então, quer dizer, tinha uma ajuda. Quando eu chegava atrasado pra aula, assinavam presença às vezes pra mim.

Quando foi convocado para a seleção olímpica em 1976, em que disputaria os Jogos de Montreal, foi falar pessoalmente com o reitor da universidade pedindo o trancamento da matrícula. A intimidade dele com o reitor impressiona:

— Ô Sérgio, não vai dar, não. Eu vou ter que trancar a matrícula.

— Ah, não faça isso. Se você trancar a matrícula, nunca mais vai voltar.

— Pô! Se não voltar, é sinal que as coisas deram certo pro lado de lá, né? – falei todo esperançoso.

Ele ainda insistiu:

— Ah, mas dá pra conciliar. A gente te ajuda e tal...

Mas não dava! Chega uma hora que... Eu vou te falar: a vontade era fazer as duas coisas, mas não tinha condição.

Dessa forma, Junior abandonou o curso superior quando os estudos começaram a atrapalhar a sua carreira. Afinal, os treinamentos “já eram *full time*, de manhã e de tarde. No profissional, a coisa já era num outro nível, entendeu?”. O ex-lateral acha que não errou no “investimento” porque “pra estudar eu ia ter tempo! Mas, pra jogar bola, eu precisava me arriscar ali naquele período até os 20 anos, que é aonde você tem a definição da tua vida no esporte.”. Se desse certo a carreira de jogador de futebol, “eu teria, pelo menos, dez anos de vida útil nessa profissão. Se não desse, com 24 anos, eu poderia voltar a estudar tranquilamente...”. Mesmo porque, como assegurou, “a minha família sempre me apoiou.”.

Como ingressou cedo nas categorias de base do São Paulo, José Carlos Serrão conseguiu terminar o segundo colegial até se profissionalizar, ainda que tenha sido “naquela obrigação” uma vez que “não gostava muito” de “estudar”. Apesar de concluir os estudos escolares, há uma passagem da narrativa de Serrão na qual ele fala de ensinamentos que não aprendeu na escola, mas, sim, na sua família e na “escola do São Paulo”. Vejamos: “[...] sou uma pessoa transparente e não falo uma coisa na sua frente e outra atrás de você. É olho no olho... Foi assim que eu fui criado, foi assim que tive a escola do São Paulo e é assim que vou encerrar a minha carreira.”. Com este trecho, reforça-se a ideia de que, na ausência das instituições familiar e escolar, o clube assumiu certos papéis no ensinamento de valores.

A interrupção dos estudos na juventude traria consequências para a vida destes atletas no momento em que eles encerrassem as suas carreiras de futebolistas, como veremos daqui a dois tópicos (3.1.3.).

3.2.1.2. Reflexos da carreira bem sucedida: dinheiro, ascensão e embranquecimento

Ao se profissionalizarem, os colaboradores realizaram um sonho de criança: tornar-se jogador profissional de futebol. Efetivada a carreira, eles podiam, então, dar outros passos, sobretudo aqueles que vinham de origem pobre. Mais do que uma melhora significativa na sua própria condição social, estes atletas, com a assinatura do primeiro contrato, puderam concretizar antigos desejos. Talvez, o do ex-goleiro Jairo represente o modelo seguido pela maioria dos jogadores logo que se profissionalizam:

Ainda hoje, pode ver que a primeira coisa que todo atleta profissional, que vem de família humilde, faz é tentar fazer alguma coisa boa pros seus pais, né?! Até porque, eles o ajudaram até aquele momento. E eu não fugi à regra, não! Também fui assim. A primeira coisa foi dar uma vida melhor pra minha mãe – já não tinha mais pai nessa época. Então, pude ajeitar um pouquinho a minha família para que eles tivessem uma vida mais ou menos... distinta.

Em seguida, diz que sempre foi um “cara tranquilo”, “reservado”, “controlado” financeiramente, afirmando ter “uma vida normal” desde o período em que “ganhava um pouquinho mais”.

Se esta foi e é a “regra” das vontades altruístas dos jogadores ao ascenderem economicamente, há também as ambições pessoais. E o bem material que, muito provavelmente, mais simboliza isto, dentro da lógica capitalista, é o carro. O caso de Bizi serve de exemplo, ainda que ele não recebesse “altos salários”:

A partir do momento que assinei meu primeiro contrato profissional, a minha situação começou a melhorar um pouco. Lembro que, com as “luvas” que recebi, eu não sabia se dava a entrada pra comprar um carro ou uma casa. Por falta de orientação, acabei comprando um carro. Meu primeiro carrinho foi um fusquinha 1300, usado, ano 68. Fiquei com ele durante cinco anos...

Na sequência, consola-se da sua falta de “cabeça” dizendo que a atitude que tomou é a da “maioria dos jogadores”, inclusive nos dias atuais. Segundo ele, “[a] diferença é que, antes, nós tínhamos que parcelar a compra e, hoje, eles pagam à vista.”, revelando pela primeira vez uma certa amargura pelo fato de as remunerações (salários, “bichos” e premiações) dos atletas

de sua época (década de 1970 e 1980) serem consideravelmente menores do que as dos jogadores do presente, algo que seria repetido ao longo dos nossos encontros.

Além dos bens materiais, as “melhores mulheres” também compõem uma lista de desejos dos futebolistas, ainda mais para aqueles que estão na “flor da idade” e atuando em clubes grandes, como relata José Carlos Serrão: “Aí, veio o momento que estava com os meus 18, 19, 20 anos. E o que é que eu queria? Queria, como qualquer um, um carro e as melhores mulheres. Ainda por cima, estava em evidência, jogando pelo São Paulo.”. Logo em seguida, o ex-atleta diz que o seu treinador na época, o Poy, antigo goleiro do tricolor paulista entre as décadas de 1940 e 1960, orientava os seus comandados a investirem os salários na compra de imóveis. Para não serem dedurados por outros jogadores, Serrão e os seus colegas escondiam os carros comprados. Em suas palavras: “Eu, Gilberto Sorriso, depois vieram outros jogadores também como Serginho Chulapa, Mirandinha, Muricy – veja: tanto negro quanto branco –, a gente tinha que deixar o carro no Palácio do Governo e pegar um ônibus ou descer a pé pra chegar no estádio.”.

De acordo com ele, o Poy não poderia saber, senão “dava porrada mesmo na gente”, pois “nos obrigava a comprar um terreno ou uma casa.”. Mesmo assim, Serrão mostra-se muito agradecido ao treinador: “Mas, Deus o tenha em bom lugar porque consegui, através dessa pegada dele em cima de mim e dos outros jogadores, o meu pé de meia. Se fosse um treinador que não estivesse nem aí, eu só trocaria de carro e de mulher.”, equiparando estes dois itens desejados como se ambos fossem objetos. E, desta maneira, volta a falar das mulheres e dos interesses delas quando os jogadores estão “no auge”: “Até porque, quando a gente está no auge, é só abrir a porta do carro. Não precisa nem chamar, pois a mulherada vem. Maria-chuteira cai em cima, né?!”. O ex-goleiro Jairo confirma o relato de Serrão: “No Corinthians era uma beleza. Pô!... A mulherada, depois do treino, estava nos esperando pra sair. A gente escolhia. Orra! Fácil, fácil...”.

Embora atuando num clube de menor expressão, Bizi também teve uma experiência parecida: “Jogando no Juventus, vivi, posso falar assim, um assédio das mulheres. Que o Juventus, numa época, tinha uma certa projeção...”. Reconhece, em seguida, que tanto os jogadores daquela época quanto os de hoje sabem que o interesse das mulheres é pelo que o que eles representam naquele momento, da mesma forma que cantores e atores. Consciente, relata assim: “Duvidava da atitude delas: ‘Poxa! Essa atenção toda é só porque sou jogador de

futebol e porque sou atleta do Juventus.⁷. Não era pela pessoa, pelo homem, pelo ser humano que sou. Então, sempre tive isso na minha cabeça!”. Diz, também, que em dias de jogos “tava cheio de mulheres esperando”, confessando: “Se eu falar que não fui assediado, é mentira.”. Logo em seguida, porém, afirma ter sido “muito discreto e reservado pra me relacionar com alguém.”. Ao invés das “farras”, preferia relacionamentos “sérios” e “duradouros”.

Chega-se, então, a um ponto aparentemente contraditório: se para “farrear”, ou seja, sair com as mulheres para se divertir, cantar, dançar, beber e, principalmente, fazer sexo, era “fácil”, para namorar era difícil. Vejamos os motivos identificados pelos próprios narradores. Jairo, por exemplo, diz que só teve problema com as famílias das namoradas quando ainda estava em Joinville-SC. O pai de uma moça não queria que ela o namorasse porque ele era “jogador de futebol” e, por isso, “não prestava”. Nas palavras do ex-goleiro: “Na época era assim mesmo! Jogador de futebol, quando eu comecei a jogar lá em Santa Catarina, dizia-se que era tudo malandro, safado.”. Depois, até chegou a namorar a moça e entrar na casa dela.

Bizi, da mesma forma, relata: “Era muito difícil arrumar uma namorada naquela época! Porque os pais achavam que jogador de futebol era vagabundo e não queriam que suas filhas namorassem a gente.”. Outra alegação, para o ex-lateral, era que os jogadores “não tinham estudos”, razão pela qual Bizi diz “que, decorrida a minha carreira, voltei a estudar”. Entendendo a reação dos pais das moças, ele acredita que a falta de “credibilidade” era, entre outras, por questões profissionais:

É até uma preocupação natural dos pais naquela época com relação ao futuro das filhas, né? Porque o futebol é realmente uma incógnita! Uma hora você tá por cima, outra por baixo; às vezes ganha dinheiro, às vezes não... Só que eu sempre fui bem centrado nisso. Começaram a pagar um pouco melhor depois que a profissão foi regulamentada. Quando comecei, o tratamento do clube não era tão sério. Não tinha registro, carteira assinada, uma série de coisas. Até por isso, acho que nós não tínhamos tanta credibilidade.

Se a “preocupação” dos pais “nos anos 70 e 80” era “com relação ao futuro das filhas”, por que, como contou Bizi, proibi-las também de manter amizade com os jogadores? José Carlos Serrão, de maneira confusa, aponta para a discriminação racial:

Jogador de futebol é discriminado. E não é só pela cor de pele, não! Antigamente, em me lembro que, até pra mim namorar, o pai da minha noiva perguntava:
— Ah, é jogador de futebol? Esquece! Não, não, não...

Não aceitava mesmo! É verdade... Ela, loira, de olhos azuis, e eu negro... Isso aconteceu comigo na minha época de jogador e não foi nem uma, nem duas vezes, não. Foram várias! Ééé! Jogador de futebol era visto como marginal. E era penalizado. Com o tempo, a coisa foi melhorando, melhorando...

Imprestável, malandro, safado, vagabundo, ignorante, marginal... Todos qualificativos depreciativos em relação ao jogador de futebol. Muito mais do que desqualificar o profissional, a intenção era rebaixar a pessoa que estava por detrás ou, em outros termos, o tipo ideal de futebolista no Brasil: o negro. É evidente que se discriminava juntamente por ordens social e cultural. Afinal, estes atletas estavam ascendendo socioeconomicamente e, para mostrar isso, nada mais simbólico do que se casar com mulheres, brancas, de olhos azuis, de classe média ou alta, e, de preferência, cultas. A aparente contradição está aí: essas eram mulheres diferentes daquelas com as quais eles saíam para “farrear”. As “moças de família” não precisavam correr atrás dos jogadores feito as “marias-chuteiras”.

Ao que nos indicam as narrativas, a situação atual é bem diferente. Jairo, por exemplo, gargalhou após dizer: “Hoje mesmo, os pais adoram o cara [jogador de futebol] que namora a filha dele...”. Bizi também foi enfático: “Hoje, não! Hoje, tanto o pai como a mãe jogam, no bom sentido, as filhas no colo do jogador. O motivo é o dinheiro, né?”.⁶² Seguindo a interpretação, valhamos da última frase dita por Serrão: “Com o tempo, a coisa foi melhorando, melhorando...”. Nela, está implícita o embranquecimento do negro através do futebol. Quanto mais eram reconhecidos na sociedade e subiam às camadas sociais, menos negros se tornavam e por menos situações discriminatórias passavam. O próprio Serrão torna claro isto ao relatar algumas passagens da sua vida. No início de sua carreira profissional, passou por situações humilhantes ao ser barrado pela polícia:

Só que o mais alarmante e, ao mesmo tempo, pitoresco é que eu não podia ter um carro como qualquer pessoa branca, vamos dizer assim. Se tivesse, a polícia me parava. Naquela época, a moda era usar aquele cabelo *black power*, assim como a careca há um tempo atrás.

⁶² Hoje em dia, ser esposa de atleta profissional de futebol – talvez poderíamos alterar os termos para “ser maria-chuteira”, restringindo o grupo para aquelas mulheres que se casam com jogadores para ganharem *status*, se enriquecerem direta ou indiretamente, ou se beneficiarem de algum modo – está sendo encarado como profissão. Ao menos, é o que defende a especialista em psicologia esportiva Camile Pasqualotto Lewczynski, esposa do ex-jogador de futebol Roger Machado Marques, que teve longa carreira no Grêmio. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2010/11/esposa-do-ex-lateral-roger-defende-tese-mulher-de-jogador-e-profissao.html>. Acesso em: 30 nov. 2010. O trabalho dela pode ser baixado na página oficial do próprio Roger: http://www.roger6.com.br/uploads/artigo_final.pdf.

Com o passar do tempo, o seu “padrão de vida” foi melhorando e ele “podia ter o carro que quisesse.”. No entanto, “[e]ra eu sair do Morumbi com ele [carro zero quilômetro] e a polícia me parava direto.”, rememora com chateação. Para amenizar a discriminação racial que sofria, conta o que costumava fazer:

Teve até uma época que comprei uma carteira que, conforme abria, mostrava todos os documentos. Então, eles me paravam, mandavam sair do carro e pôr as mãos pra cima. Quando falavam:

— Seus documentos!

Eu já abria essa carteira e mostrava, inclusive, a minha carteirinha do São Paulo.

Alguns reconheciam, outros não...

A humilhação era ainda maior quando outros jogadores do clube o viam na batida policial, conforme narra:

Às vezes, me paravam num ponto de ônibus. Os jogadores passavam, me viam e davam risada. Só que quando eu passava e via o Serginho Chulapa, o Tenente, o Paraná ou outro jogador, também ria. Entre nós, era uma coisa legal, pitoresca, mas era humilhante perto dos outros.

E questiona-se e afirma com indignação:

Quer dizer, porque sou negro não podia ter um carro? Só podia se fosse famoso? Um trabalhador não? Não é? Isso acontecia direto! Mesmo quando saía da minha casa com a minha noiva, eles me paravam. Era muito humilhante. Isso é um preconceito, um grande preconceito.

A fama trouxe-lhe prestígio e algumas benesses, como relata: “Outra coisa que aconteceu muitas vezes foi alguém pagar a conta pra mim em um restaurante por me reconhecer.”. Em outro trecho, Serrão evidencia que a referência ao clube como se fosse um sobrenome do jogador foi fundamental na vida cotidiana destes negros:

É lógico que se eu chegar numa boate como jogador do São Paulo, vou entrar porque sou o Zé Carlos do São Paulo. Agora, se vem o Benedito atrás de mim, eles param! Entendeu? Eu era conhecido como o Zé Carlos do São Paulo naquela época, não é? O Serginho Chulapa, a mesma coisa. Se fosse um negão comum da Casa Verde, seria barrado também. Já o branco, não! Isso, nós vimos e passamos direto, embora não seja tão negro assim, né? Dá pra disfarçar um pouquinho, mas passou das “seis horas” é noite. Eu me orgulho de ser negro porque tenho os meus pais negros.

Experiências parecidas de reconhecimento seguidas de privilégios são narradas também por outros colaboradores. Jairo fala que, antigamente, “não era possível” negro casar-

se com polaca em Joinville, Blumenau e outras cidades do interior de Santa Catarina. Corrigindo-se, diz que “não era possível nem você namorar com branca.”. Mais grave do que isso, só a segregação de negros e brancos através de bailes distintos para cada raça, numa referência que nos lembra os estudos de Ianni (2004) em Florianópolis: “Era assim em Joinville. No baile dos brancos, os negros não podiam entrar. No baile dos negros, os brancos não podiam entrar.”. De acordo com Jairo, a situação “começou a mudar um pouquinho depois que nós [Jairo e Badeco] estávamos jogando” no Caxias e no América respectivamente, quando “já éramos mais conhecidos”. Apesar disso, primeiro foram uns amigos brancos deles, com quem jogavam juntos, que tentaram ir aos bailes dos negros. Para tanto, o ex-goleiro teve que pedir permissão ao presidente do clube. Depois, inverteram-se as circunstâncias: Jairo e Badeco é que foram aos bailes dos brancos. “Aí, começou já...começou a dar uma melhorada”, relata. De todo modo, garante que era preciso “coragem”.

Bizi, por sua vez, diz que, em sua opinião, “o racismo, o preconceito racial é a hipocrisia... Por quê? Porque ninguém vê a cor do negro rico!”. Até por isso, segundo ele, “não me incomoda muito com esse tipo de coisa.”. Pouco depois, lembra com satisfação: “Em todos os lugares que chegava ou que frequentava, era bem recebido sem problemas... Nunca gostei de me expor, mas, quando ficavam sabendo que era o Bizi do Juventus, muitas vezes eu me via em volta das pessoas e conversando...”. Nota-se, contudo, que o tratamento mudava a partir do momento em que ele era reconhecido publicamente, deixando de ser uma pessoa comum.

Do mesmo modo, Junior argumenta: “Quando alguém diz: ‘Esse aqui é o Toninho que joga no Flamengo.’. Aí, a coisa já muda. Enquanto a pessoa não se identifica, né? Se fosse só o Toninho, era um negro! Mas, se é o Toninho que joga no Flamengo, aí já...”. Isso, assegura o ex-lateral, “tem muito” no Brasil. Aliás, completa ele, “se o negro tiver uma boa situação social, uma boa situação financeira, praticamente passa despercebido.”. Ou seja, tendo dinheiro, o negro ascende socialmente e embranquece. No entanto, a presença do advérbio “praticamente” permite-nos dizer que de algum modo, seja rico, seja pobre, o negro será notado por sua cor de pele, a qual não o deixa passar “despercebido”. Além disso, algumas características do racismo à brasileira são evidenciadas: dissimulado, assistemático, assimilacionista, as quais serão aprofundadas na próxima seção.

Um ponto crucial deste debate, repita-se, é a referência à identificação precisa de quais negros se está falando: “Zé Carlos do São Paulo”, “Jairo do Caxias”, “Badeco do América”, “Bizi do Juventus” e “Toninho que joga no Flamengo”. Ausentando-se os adjuntos adnominais (“do São Paulo”, “do Caxias”...), os negros passariam a ser apenas pessoas comuns, como tantos Zé Carlos, Toninhos e assim por diante. O que se mostra mais grave, desta maneira, é que, sem a menção ao clube de futebol, fator que garante à pessoa um certo *status* social, a sua negritude se coloca como uma característica visível. No entanto, havendo a referência, o negro ascende socialmente e até embranquece. A partir destas experiências, podemos enxergar o futebol como um instrumento de dissimulação do racismo no Brasil.

Supomos que o caso de Junior seja bastante representativo deste processo, não tanto pela ascensão social, mas, sim, pelo embranquecimento. Afinal, há que se diferenciar entre um embranquecimento vindo da sociedade e uma incorporação do embranquecimento. A entrevista realizada com ele nos deu alguns indícios. Registra-se, antes disso, que este ex-atleta recebeu na década de 1970 o apelido de “Junior Capacete” devido ao seu cabelo *black power*, traço marcadamente negroide. Ele passou a maior parte da entrevista falando dos negros em terceira pessoa, não se sentindo pertencendo a esta raça, como por exemplo: “Tem que perguntar a alguém que tenha vivido, que tenha sofrido esse tipo de situação [discriminação racial]...”. Ao mesmo tempo, ambigualmente, contou uma situação pessoal de discriminação racial sofrida e não negou a sua ancestralidade africana. Autoidentificou-se, ao final da entrevista, da seguinte maneira: “Quer dizer, até porque eu não sou um negão nem sou branco, digo que tô ali no meio da África.”.

3.2.1.3. Declínio e término da carreira

Do auge ao declínio das carreiras, dois aspectos marcaram presença: frustrações e lesões. Começemos por Bizi que, em todos os nossos encontros, demonstrou frustração pelo fato de não ter jogado em grandes clubes. Segundo ele: “Por duas vezes na sequência, em 1979 e em 1980, eu tive a chance de ir para duas equipes grandes de São Paulo e do futebol brasileiro. Até do futebol mundial!...”, engrandecendo os clubes para mostrar a decepção pela chance perdida. Por mais de uma vez, garante que o culpado não foi a instituição, mas, sim, o seu dirigente, cujo nome prefere não citar: “Não fiquei chateado com o Juventus porque o clube continua, mas pessoas passam! E a pessoa que o dirigia na época me impediu de chegar

aonde eu queria.”. Em seguida, demonstra os seus sentimentos e os clubes interessados em seu passe:

Não fiquei com raiva, mas mágoa eu senti bastante! Porque, talvez naquela oportunidade, poderia não ter ficado rico, mas ter feito a minha independência financeira! E, pelo menos, ter jogado uma temporada em uma dessas duas equipes. Em 1979, foi o Palmeiras, que era treinado pelo Telê Santana, que se interessou... Em 1980, foi o São Paulo do Carlos Alberto Silva.

Pouco depois, ele completa indignado até hoje: “Mas, eu fui ceifado!”. Diz que só ficou sabendo desses interesses “dois, três meses depois”. Bizi acredita que o presidente do Juventus na época quis levar dinheiro na negociação: “Às vezes, a pessoa queria receber uma vantagem financeira e, antes de chegar até a mim, já propôs a quem veio me contratar tal situação.”. Credita ao destino a situação desagradável vivenciada: “Fazer o quê? Tinha que passar por isso.”. Mais uma vez, traça comparações com a diferente situação atual vivida pelos jogadores: “Não existia empresário pra cuidar dessa parte, pra fazer esse intercâmbio. Hoje, o atleta tem empresário ou, então, já fica sabendo pela imprensa. É bem mais informado e orientado...”. Num conformismo impressionante, relata assim:

Naquela época, ainda existia a tal da Lei do Passe. E o meu pertencia ao Juventus... Sempre fui um atleta que procurei fazer o meu trabalho. Nunca discuti, nunca briguei! Eu não tive a mesma atitude daqueles colegas que brigaram e ameaçaram pra poder sair do clube. Não condeno eles por quererem sair, ter uma outra vida, ganhar dinheiro e fazer a independência financeira. Mas, não me arrependo. Por quê? Porque, hoje, falo até com muita propriedade que eu sou um dos poucos ex-atletas que tem as portas abertas no Juventus... A hora que chego, sou bem recebido. E a minha passagem no clube como atleta profissional, como homem, é uma coisa que marcou a sua história...

Deixando claro que essa situação também foi vivida por colegas, Bizi questiona-se revoltado: “E o pessoal ainda fala em ética? Cadê?”. Depois de realizar o seu primeiro sonho, que era se tornar atleta profissional de futebol, o passo seguinte era ser jogador de time grande. Se tivesse conseguido, teria “estabilidade financeira” para “dar uma condição boa pra minha família” e “construir um teto pra eles”. Conclui desapontado e relaciona com a sua condição financeira atual: “Enfim, o meu sonho era esse... Não pude dar nem pros meus pais, nem mesmo pra mim! As condições financeiras que eu tive e tenho é de me manter apenas, sem me privar de nada.”. Em seguida, apegase àquilo que lhe sobrou: “E saúde, né? Saúde é uma coisa que não tem preço! A gente tendo saúde, supera tudo...”. Após segundos de

silêncio, termina essa discussão de uma maneira tão positiva que nos deixa comovidos e ao mesmo tempo desconfiados:

Sou um cara muito feliz. Sou um homem muito feliz mesmo! Se você perguntar pra mim se tenho alguma desilusão, eu respondo nunca. Nunca tive! Tive, é claro, algumas coisas na minha vida que não deram certo, tanto do lado profissional quanto do pessoal, mas são situações que todo ser humano passa. E comigo não seria diferente. Só que eu soube administrar, absorver bem... Tenho 53 anos de idade e ainda tenho muita coisa pra realizar na minha vida. Continuo sonhando ainda!

Na mesma época, passagem dos anos 1970 para 1980, Lula Pereira passou por situação parecida. Após “fazer grandes campanhas [pelo Santa Cruz], não só em nível regional como no nacional”, o ex-zagueiro alimentou a expectativa de se transferir para o time do Flamengo, que vivia talvez a sua melhor fase. Segundo Lula, o treinador do clube carioca, o “capitão Cláudio Coutinho, mostrou duas ou três vezes interesse em mim.”. Ficou sabendo através do então centroavante rubro-negro Nunes, que havia jogado justamente pelo Santa Cruz: “Ele era a pessoa que conversava comigo e fazia a mediação.”. O que se segue, Lula narra assim:

O Flamengo mandou dois times pequenos pra me contratar, mas o Santa Cruz não negociou... Fiquei muito aborrecido por isso e fui falar com a diretoria. Disse que não podiam fazer aquilo comigo, pois estavam atrapalhando a minha carreira. Hoje, entendo que agi com a cabeça quente. Lógico que não destratei ninguém, mas as palavras foram duras. Imediatamente, fui punido e fiquei afastado por dez dias.

Pouco depois, o Ceará demonstrou interesse em contratá-lo, já que o seu presidente, Franzé Moraes, “era candidato a deputado em sua primeira eleição e o Ceará tinha perdido dois turnos.”. Só se motivou “realmente” quando o dirigente lhe disse: “O pessoal do Flamengo tem boas relações com a gente e, assim, daria pra você fazer a ponte.”. Por conta disso, Lula Pereira se transferiu para o clube cearense e lá conquistou o último turno do campeonato e sagrou-se campeão nas finais. Com o objetivo alcançado, foi falar com o presidente para que finalmente fosse jogar no Flamengo:

— Agora, preciso seguir meu caminho.

— Não! Como é que eu vou largar o meu capitão, o meu líder? E a minha vida, como é que fica aqui?

De certa forma, eu não lamento. Porque agradeço muito ao Ceará, às pessoas deste estado, principalmente aqui na capital, pelo carinho, receptividade e oportunidades que me foram dadas... Joguei durante seis anos no Ceará, com quatro títulos.

Mesmo não jogando onde desejava, Lula mostrou-se agradecido ao clube e ao povo cearense. Foi exatamente lá onde encerrou a sua carreira como atleta em 1986.

Embora não a tenha tratado como “frustração”, Jairo também teve uma desagradável experiência que influenciou negativamente na sua carreira. Campeão da Taça de Prata de 1970 pelo Fluminense, Jairo era o “reserva imediato” do arqueiro da seleção brasileira, o Félix. Após a conquista do campeonato, houve a troca de treinador e quem chegou ao clube foi Zagallo. Após as férias, ele alterou a ordem do segundo e terceiro goleiros sem dar qualquer explicação. Sentindo-se “prejudicado” por ser rebaixado, Jairo foi conversar com ele, que lhe respondeu com arrogância marcando a hierarquia: “Olha, eu não tenho satisfação a dar a você, mesmo porque quem manda aqui sou eu! E, se você não está satisfeito, vai embora.”. Mesmo com o tratamento hostil, Jairo ficou mais “uns dois meses” sem treinar direito, sem concentrar nem muito menos jogar. Com a ajuda do supervisor do Fluminense, Almir de Almeida, transferiu-se para o Coritiba.

Dois anos depois, Jairo estava vivendo uma grande fase, que culminou com indicação para o prêmio Bola de Prata, como um dos melhores goleiros do Campeonato Brasileiro de 1973. Cogitado para entrar no grupo da seleção brasileira que disputaria a Copa do Mundo de 1974, na Alemanha, Jairo diz ter sido preterido por Wendell, que, apesar de ser “bom goleiro”, estava machucado. Assim, para a terceira vaga de goleiro do Brasil, Zagallo, treinador da seleção na época, “levou o Wendell machucado, mas não me levou.”.

O segundo aspecto que marca o final da carreira dos jogadores entrevistados é a lesão física. Lula Pereira, por exemplo, encerrou sua carreira no Ceará em 1986 “em virtude do rompimento no tendão de Aquiles”. Bizi, por sua vez, depois de longa carreira no Juventus, conseguiu finalmente a liberação para trocar de clube. Foi para o Ituano. Assim narra o seu infortúnio: “no primeiro jogo, contra o Taubaté, fracturei a perna logo aos vinte minutos. Foi num lance em que o jogador deu um carrinho por trás e quebrou minha perna. Aí, fiquei catorze meses parado... e foi aquela luta, né!?”. Para a sua “sorte”, um médico do São Paulo, Marco Aurélio Cunha, a quem “agradeço até hoje”, assistia ao jogo e se sensibilizou com o seu caso. Foi levado para se tratar no tricolor paulista “como se fosse atleta deles!”, diz orgulhoso. Mesmo com “seis parafusos de platina” na perna direita, Bizi voltou a jogar por mais três temporadas, até os seus 36 anos, e encerrou a carreira no União Mogi das Cruzes, o que revela quão dependente era do salário que recebia como atleta profissional.

A trajetória final de José Carlos Serrão é a mais representativa. Após sete anos como titular do São Paulo, onde conquistou títulos e participou de grandes times, ele saiu do clube e começou “a ter muitas lesões”. Passou por vários clubes de menor expressão e encerrou precocemente a carreira, quando um jogador do próprio clube o machucou na Colômbia. Como a sua “parte financeira começou a ficar ruim” e o “padrão” de vida não era mais o mesmo, separou-se da mulher. Para sobreviver, começou a vender carros por seis meses. Até que o São Paulo lhe deu a chance de trabalhar como membro da comissão técnica do clube.

Com isso, vemos como foi difícil o final da carreira dos jogadores entrevistados, tanto em termos físicos como financeiros, à exceção de Junior é claro. Este, aliás, foi o único atleta a encerrar profissionalmente em um dos grandes clubes do futebol brasileiro. Os outros, mesmo lesionados, arrastaram as carreiras e as findaram em clubes pequenos por depender financeiramente do salário como futebolista. Neste momento, um dilema lhes foi apresentado: o que fazer agora? Principalmente, para manter o “padrão de vida” anterior. Alguns deles viram como a reconversão do investimento feito nesta profissão é pouco provável e penosa, sobretudo pela baixa escolaridade. Por “não saberem fazer outra coisa”, a saída, para todos, foi tentar continuar no universo do futebol a partir das amizades feitas nos tempos de jogador.

3.2.1.4. Trecho de história de vida característico desta seção

José Carlos Serrão

Quando saí do São Paulo, em 77, depois de ter sido campeão brasileiro, fui pro Botafogo da Paraíba e comecei a ter muitas lesões. Já tinha feito a minha terceira cirurgia e estava na descendente.

Naquela época, jogadores com 28, 29 anos eram considerados velhos, principalmente aqueles que tinham lesão. E eu tive duas lesões graves no São Paulo. Então, aos poucos, fui parando e jogando só em time pequeno: Botafogo, Anapolina, Juventus, Joinville, Santo André... Nos três últimos anos, joguei sempre nessa situação de ter que ficar cuidando do joelho. Aí, fui pra Colômbia em 80. Estava com 29 anos e, quando apareceu esse dinheiro no final da carreira, pensei: “Vou fazer a minha independência lá e vou parar.”. Mas, me machucaram... Também por inveja. No treino, um jogador do nosso próprio time me pegou por trás. Ao invés de ser operado lá, que era o que eles queriam fazer, falei:

— Eu vou me embora pra São Paulo.

Quando vim pra São Paulo, constatarem uma artrose. Ela sempre prejudicou o meu andamento profissional, pois já sentia nos jogos. Então, o médico disse:

— Ó, Serrão, acho melhor você parar. Pare por cima! Você tá num ponto bom. É melhor parar por cima do que ficar passando vergonha por aí com esse joelho. Mesmo assim, vamos ter que fazer a cirurgia.

Fiz a cirurgia e parei. Aí, tive outro problema: me separei da mulher porque a minha parte financeira começou a ficar ruim. Deixei de ter o padrão de antes. Tinha uma vida até legal, com um imóvel pra mim, outro pra minha mãe e outro pra minha mulher, ex-esposa. Mas, não é o mesmo patamar. Antes, ganhava “bicho”, prêmio, salário alto. Depois que deixa de ganhar tudo isso, o dinheiro foi acabando e, aí, o casamento foi ficando mais difícil.

Como estava parado e não tinha guardado dinheiro suficiente para ter uma paralisação tão precoce, fui vender carro. Isso foi logo depois que parei em 80. Pelas amizades que tinha feito no futebol, fiquei seis meses vendendo carro pra uns amigos. Fui sobrevivendo assim: ganhando uma porcentagem em cima das vendas que fazia.

3.2. Outras profissões

3.2.1. Treinadores

Como se sabe, a maioria dos treinadores de futebol no Brasil é recrutada dos ex-atletas profissionais. Até em virtude disso, muitos jogadores ao encerrarem as suas carreiras visam dar prosseguimento neste esporte enquanto técnicos. Embora almejada, esta é uma carreira que se efetiva para uma minoria dos ex-futebolistas. Não obstante, aqueles que conseguem geralmente passam por um longo período de preparação e, principalmente, de estabelecimento de redes profissionais de sociabilidade, tal como salienta Toledo (2002). Muitas vezes, os ex-atletas que fazem cursos para treinadores de futebol têm como principal objetivo reatar tais redes. De todo modo, além de demonstrarem capacidade técnica para a função, estes ex-jogadores precisam manifestar capacidade de liderança e de relacionamento com atletas, dirigentes e, até mesmo, imprensa.

Dos futebolistas entrevistados, apenas Jairo do Nascimento deixa claro que não pretendia se tornar treinador de futebol: “Eu nunca pensei em ser treinador de futebol. Nunca pensei. Gostava de ser treinador de goleiro. Aí, tudo bem, era o meu *métier*. Isso eu gostava, mas ser treinador, não. Auxiliar técnico, também não fazia questão alguma.”. Primeiro, o ex-

goleiro diz “não ter aptidão” para ser treinador de futebol; em seguida, corrige-se e fala: “Eu talvez possa ter até um pouco de aptidão, mas talvez não tenha paciência ou, de repente, jogo de cintura suficiente para ser treinador. Porque, para ser treinador de futebol, tem que se ter um jogo de cintura muito grande.”. Diz isso pelos inúmeros problemas que surgem em uma equipe profissional.

Ainda assim, Jairo, da mesma maneira que os seus iguais, investiu, como se pôde notar, na continuação dentro do universo profissional do futebol. Através das suas amizades, tornou-se “treinador de goleiros”. Logo que encerrou sua carreira de futebolista no Trespontano em 1991, Jairo foi convidado por seu último técnico a fazer parte da comissão técnica do Mineiros, em Goiás.

Pouco tempo depois, um conhecido do Coritiba ligou para ele de modo que indicasse um goleiro. E sugeriu justamente o do Mineiros. Como o contrataram, o treinador coritibano pediu também que viesse o seu preparador. Assim, Jairo voltou ao Coritiba, onde treinou goleiros por mais dois anos. Até que um dia, pediu demissão para aceitar um convite para integrar o time máster do Corinthians, que faria uma viagem à Ásia.

Concomitantemente à atividade de treinador de goleiros, Jairo montou, desde o último ano como jogador, escolinhas de futebol na região metropolitana de Curitiba. Atualmente, é esta a sua atividade profissional. Como diz, “faço mais porque gosto”, mas o ajuda financeiramente. Nota-se que ele soube não só aplicar o dinheiro que amealhou da sua época de jogador de futebol como se valer do seu nome e sucesso profissional para atrair crianças para as suas escolinhas, do mesmo modo que vários outros ex-atletas fazem.

Já os outros quatro colaboradores que foram futebolistas, em algum momento almejaram e exerceram a função de treinador. Logo após encerrar a sua carreira no Flamengo, Junior iniciou a de técnico no mesmo clube, apesar de não tê-la planejado: “Eu virei treinador em 94, logo depois que tinha parado, mais para atender um pedido do pessoal que tinha jogado comigo. Não era da minha cabeça ser treinador, apesar de achar que poderia ter feito uma carreira até legal.”. Em seguida, começa a enumerar as dificuldades da profissão:

Mas... eu quero viver! E treinador ele não vive. Pô! Acabava o treino, todo mundo ia pra casa, ficava eu, com meu auxiliar, com o preparador físico, com o supervisor, planejando – entendeu? – uma série de coisas:

— Porra! E se o cara não sei quê, e se o cara...

Quer dizer, a gente tá sempre na dependência dos outros! Você não depende do seu trabalho. Isso é conversa... É pelos outros!

Além de “não viver”, de ter que planejar “uma série de coisas” e de depender dos outros, tem de saber lidar com problemas familiares dos jogadores:

O cara treina de segunda a sábado. Treina de manhã e, depois, vai almoçar em casa pra concentrar às cinco da tarde. Aí, o cara briga com a mulher. Tudo aquilo que passou durante a semana acabou! Não dá!

— Junior, eu tô com um problema com a minha mulher.

E daí? Como é que vai resolver isso? Não resolve...

Essa “vida” não era o que “tinha planejado” pra si. Na sua “cabeça”, gostaria de “ser um gerente, um supervisor geral do futebol”. Na sequência, traz outros elementos complicadores do ofício do treinador:

Trabalho de campo, na verdade, é fácil. Difícil é você criar harmonia no grupo. Se você criar essa harmonia, essa amizade, a probabilidade da coisa dentro do campo dar certo é grande. Administrar ego, administrar vaidade... pô! Essas figuras dos procuradores que fazem a cabeça dos garotos. Botam até palavra na boca deles... É difícil você gerir tudo isso.

Assim, conclui que uma pessoa só opta por essa profissão ou por “gostar muito” ou por estar “precisando de dinheiro”. Estimulado por mim, falou de sua experiência no Corinthians no final de 2003. Começa assim: “[...] me venderam um “peixe” que, na verdade, não ia acontecer...”, referindo-se ao investimento e à reestruturação administrativa que seriam feitos no ano seguinte. Quando ouviu boatos dentro do clube de que as promessas poderiam não ser cumpridas, foi falar com os dirigentes. Com a confirmação de que não tinham nenhuma garantia, entregou o cargo após somente dezoito dias de tê-lo aceito. “Aí, choveu aquela loucura toda, né?”, conta Junior, quando o chamaram de “maluco”. Apesar disso, o ex-lateral saiu “sem atirar em ninguém”.

Em pouco tempo, as pessoas o caracterizaram de outra forma: “Sete meses depois, eu já não era mais maluco, era o vidente. Se o Grafite não faz aquele gol, tinha caído...”. Com atitude nobre, preferiu não receber o salário respectivo aos dias em que trabalhou no clube: “Edvar, eu não tenho dinheiro nenhum pra receber, cara... Pode pegar esse dinheiro e botar nas categorias de base do Corinthians. Eu não quero esse dinheiro. Eu não trabalhei porra!”, disse ao dirigente do clube na época. Na sequência, contudo, revela outras razões para ter entregado o cargo:

Você acha que não foi difícil pra mim? Pensa que eu não queria ser técnico do Corinthians? Porra, cara! Eu ia adorar! O outro lado da família da minha mulher é de São Paulo... Eu já tinha feito uma porrada de programas e de planejamentos pra ir pra lá... O que acontece? Eu ia sacrificar a minha família de uma forma que eles não mereciam e a gente não precisava passar por uma situação dessas. Porque, na verdade, ia ser porrada por cima de porrada e a minha cabeça à frente. Toda quarta e domingo. Não dava!...

A transferência da sua família do Rio de Janeiro para São Paulo e a possível mácula no seu vitorioso currículo também pesaram na sua decisão. Registra-se que Junior comandou o Corinthians por apenas duas partidas, sofrendo duas goleadas de 3 a 0 contra o São Caetano e o São Paulo. Corroborando o segundo motivo, usemos um trecho do próprio narrador: “Querida ir pro Corinthians quando a MSI foi pra lá. Aí, era mole, né? Porra! Bota na minha mão o Mascherano, o Tevez, o Roger... Aí, o meu time ia jogar! Dez vezes melhor do que jogou naquele ano!”, garante ele. Por mais que Junior não planejasse ser treinador de futebol, pode-se conjecturar outros fatores para a sua breve carreira: o fato de a sua imagem estar muito atrelada ao Flamengo e o seu desconforto num provável confronto com o seu clube do coração e do qual é ídolo.

Assim como Junior, Bizi, no mesmo clube em que encerrou a sua carreira de jogador, União Mogi das Cruzes, iniciou a de treinador, só que nas categorias de base. Logo, percebeu que precisava de uma formação para continuar na nova profissão. Incentivado pela segunda esposa, “quis fazer faculdade. Eu não tinha ganhado nada até então. Não tinha dinheiro, não tinha nada! Só tive o apoio dela que foi a única pessoa que me estimulou”, cujo triste fim de carreira representa o de boa parte dos futebolistas. Então, ingressou em uma faculdade particular para fazer o curso de Educação Física.

O ex-atleta pediu e conseguiu uma bolsa de estudos de “100%”, orgulha-se. No entanto, quando estava para concluir, a instituição de ensino quis cobrar-lhe as mensalidades. “Aí, fui no PROCON e entrei com ação na justiça, no juizado de pequenas causas aqui na São Judas. Ganhei a causa por direito! Eu queria pagar da maneira que pudesse, não da maneira que a faculdade queria.”, conta os desdobramentos do caso que se arrastou por anos. Afinal, “[m]e formei em 97, mas só fui pegar o diploma agora em 2006. Deixei de ganhar empregos muito bons porque não tinha o CREF. E, assim, não pude exercer minha profissão!”. Enfim, ele resume como enfrentou as dificuldades da trajetória: “Então, veja: eu sofri pra caramba, viu Marcel! Mas, sempre com o pé no chão, sem desespero, batalhando, correndo atrás,

pedindo ajuda. Uma coisa que não tenho vergonha de fazer é pedir ajuda. Eu dou minha cara mesmo!”.

Ao falar dos valores que o “direcionaram na vida”, Bizi busca se distinguir dos demais ex-jogadores de futebol:

Sinto que sou respeitado não por ter sido um ex-atleta, mas pelo meu caráter e pela pessoa, profissional e homem que eu sou. Porque um ex-atleta que não tem fama, não ganhou dinheiro... ninguém vai respeitar. Você concorda ou não? Eu penso assim. Só que comigo, graças a Deus, acontece diferente! Várias pessoas chegam a falar pra mim:

— Pô! Você nem parece que foi jogador de futebol. É tão humilde!

Poxa vida! Quando ouço esse tipo de coisa, fico muito feliz! Isso me engrandece muito.

A partir disso, como ele mesmo disse, volta “no início da nossa conversa: às minhas origens.”, assegurando em seguida: “Eu jamais vou esquecer minhas origens! Jamais! Então, este é o Bizi ex-atleta profissional de futebol, o Bizi profissional de educação física e o Bizi que tá batalhando e que tá querendo ainda conquistar um lugar ao Sol... Só isso!”, falando novamente em terceira pessoa durante a entrevista.

Como a nossa “conversa” estava lhe agradando, resolveu “falar uma coisa que nem pro Milton Neves falei!”: “Eu que revelei o Grafite que jogou no São Paulo!”, diz todo orgulhoso. Apesar de já estar “um pouquinho fora da idade”, Bizi deu uma “chance” ao Dina, como era chamado na época em que vendia “saco de lixo” devido à sua condição miserável. Em uma semana de treinamento, Bizi disse ao seu auxiliar: “Ó, esse rapaz vai longe!”, tamanho era o seu “dom”. Em nove anos trabalhando no União Mogi das Cruzes, o ex-lateral do Juventus revelou outros “vários jogadores”, que não tiveram o mesmo sucesso profissional de Grafite. Apesar das revelações, Bizi mostra como a falta de dinheiro é um problema em sua vida atual: “Não tive recompensa financeira nenhuma! Mas, tive o reconhecimento dos atletas! E isso não tem dinheiro que pague... né?”, consola-se.

Durante dois anos, na passagem do milênio, Bizi trabalhou com um empresário que o colocou como treinador de alguns clubes pequenos da região metropolitana de São Paulo (“Mogi das Cruzes, Suzano, Itaquaquecetuba, Guarulhos, Tietê, Barueri...”), com os quais trabalhava para subir de divisão. Neste período, o ex-jogador viveu “o lado pior da profissão”: “O treinador negro no Brasil não vence!”. Em 2000, quando estava em “uma agremiação recente e que está na primeira divisão do Campeonato Paulista”, cujo nome preferiu manter o

sigilo, Bizi sentiu que foi “mandado embora desse clube por causa da minha cor de pele.”. Afinal, além de não darem explicações, “o meu trabalho estava sendo muito bem feito! Até porque, lembro que, em 14 jogos, o meu time não tinha perdido nenhum jogo!”.

Na sequência, Bizi vai dando uma série de sinais que sustenta o seu sentimento de ser discriminado. O mais agravante deles é a demissão ao mesmo tempo de outros dois colegas de profissão negros, ambos treinadores de categorias inferiores do próprio clube:

Três de uma vez só!? Coincidência, não? E na mesma semana! Entende? Então, é por isso que falo que foi uma coisa que aconteceu. Eu não descarto que tenha tido esse problema... Não descarto! Tá certo que, depois disso, foram outros treinadores que nem eu pro clube, mas, na época que vivi lá, acho que foi, sim. Fiquei chateado, é claro. Não só por mim, mas também por esses meus colegas que sofreram e passaram pela mesma situação que eu.

Pouco depois, esclarece o registro: “Tô comentando isso porque é a minha história de vida! Foi uma coisa que vivi, que passei na minha carreira e que quero deixar registrada...”. Mesmo com essa experiência humilhante, Bizi não desistiu da profissão: “Ainda falei pra minha esposa e pra minha sogra: ‘Não vou desistir! Ainda tem outros clubes. Não existe só lá pra trabalhar.’. E foi o que aconteceu. Não desisti e fui pra outros lugares...”. Para superar a adversidade, o apoio moral da sua família foi “a base de tudo!”.

Em meio à exposição de um conjunto de dificuldades da profissão, Bizi conta o que o fez se desiludir “completamente” desta carreira de treinador: a falta de ética dos seus pares, que “ligavam se oferecendo pra ficar no meu lugar por menos do que ganhava.”. Garante que “isso acontece até hoje”, inclusive entre os “treinadores *top* do Brasil”. E conclui: “[...] o futebol é meio sórdido, meio falso, assim como são outras áreas. E é assim porque envolve muitos interesses!”.

“A gota d’água”, contudo, aconteceu em 2003, quando abriu mão do emprego no “Chute Inicial”, escola franqueada do Corinthians, para ser técnico pela primeira vez fora do Estado de São Paulo. O clube era o Auto Esporte, da Paraíba. Durante dez dias, ele e seus “comandados”, jogadores de várias regiões do Brasil, foram “abandonados” sem ter o que comer nem onde ficar. Por “sorte”, pôde contar com a ajuda de um dono de hotel e de taxistas, que se comoveram com o drama vivido. A situação só foi contornada quando o caso foi denunciado a uma repórter da TV Globo da Paraíba, que fez uma matéria com eles.

Após se recuperar de grave lesão no tendão de Aquiles, Lula Pereira também buscou acolhimento no clube pelo qual encerrou sua carreira de jogador, o Ceará Sporting Club, onde se tornou auxiliar técnico do departamento amador. Dois anos depois, na sua primeira oportunidade como treinador obteve sucesso: “Em 1988, fui levado à condição de treinador dos juniores e fizemos um trabalho que eu reputo como extraordinário. Em 22 jogos, conquistamos 22 vitórias! Se não me engano, nós fizemos 110 gols e sofremos apenas 7. Foi uma campanha fantástica!”. Imediatamente após essa campanha, “fui guindado à condição de treinador da equipe profissional”, realizando “um trabalho maravilhoso de base” e conquistando “alguns campeonatos”.

Posteriormente a esta experiência vitoriosa, Lula Pereira resolveu investir na profissão, de modo a “melhorar a minha condição de aprendizado e de qualidade.”. Através de um amigo da Suíça, conseguiu fazer estágio na Europa, onde teve a oportunidade de conhecer o trabalho desenvolvido pelos maiores clubes europeus (Barcelona, Bayern de Munique, Ajax e Milan), além de aumentar a sua rede de contatos. Voltando ao Brasil no final de 1993, trouxe conhecimentos “a nível de trabalho e em termos de alimentação” do atleta. Vangloria-se em seguida: “Foi quando nós introduzimos a banana no futebol, em 1994.”. Com novos métodos de trabalho, conseguiu interromper o jejum de vinte anos sem título estaduais pelo Figueirense.

Por meio de indicações e de um moderno “projeto de trabalho”, deu sequência à carreira. Em pouco tempo, chegou a dirigir o União São João, clube da primeira divisão do futebol paulista, mercado de trabalho mais cobiçado pelos treinadores e jogadores no Brasil. Assim conta: “De dezesseis clubes no campeonato, éramos décimo quarto colocado, mas acabei classificando o time nas finais do Paulista.”, assegurando em seguida que “Isso foi, sem dúvida nenhuma, a minha porta de abertura no sudeste!”. Sentindo saudades dessa experiência, diz:

[...] quando falo, eu me emociono porque... trabalhei num clube do interior e vi o povo da cidade se integrar com a gente. Isso, pra mim, é muito, mas muuuito importante! Digo sempre pros meus amigos: é fundamental ver o povo integrado e feliz. O futebol possibilita isso.

Prosseguindo, Lula Pereira lista uma série de títulos conquistados nos clubes paulistas pelos quais passou. Da mesma forma, faz com os jogadores revelados, entre eles: Doni,

Cicinho, Ricardo Oliveira, Liédson, Felipe Melo e André Dias. O currículo é completado com a descrição dos trabalhos bem-sucedidos realizados em outros estados.

Apesar das glórias alcançadas em clubes pequenos e médios, teve apenas uma única chance de comandar um time grande, o do Flamengo. “Mais uma vez, o Felipão teve participação.”, falando deste técnico como o seu “padrinho no futebol”. Foi a realização de um “sonho”, principalmente pelo seu pai ter jogado lá. O fator racial também pesou: “O jornal O Globo colocou a manchete: ‘50 anos depois um negro treina o Flamengo’.”. E continua: “Só em 2002 e de lá pra cá nenhum negro treinou, não! Ah, o Andrade treinou, mas interinamente. Tá vendo só?”. No entanto, o clube vivia problemas dentro e, sobretudo, fora de campo. As dificuldades foram tantas que saiu após “cinco meses e vinte e três dias...”, conta os dias em que comandou o clube.

Na Portuguesa, em São Paulo, fez questão de ser “apresentado no salão de honra” e “de terno”. O motivo:

No salão de honra, agradei a confiança em mim depositada pra ser treinador da Portuguesa e disse que, séculos depois, os portugueses estavam se redimindo. Afinal, no passado, foram eles que nos trouxeram nos porões dos navios pro Brasil e, em 2000, um time deles tinha um treinador negro.

E completa: “Disse também que, por mais paradoxal que seja, os grandes ídolos da Portuguesa foram negros: Enéas, Badeco, Djalma Santos, Ivair, Denner, Zé Roberto... No final, fui aplaudido, porque mexi com a história do clube...”. Mesmo mexendo com a história do clube, enfrentou muitas resistências a ponto de fazer uma declaração polêmica na imprensa: “[...] o treinador tá sempre perto de uma cadeira elétrica, né?! A mídia é o nosso juiz. Se ela diz sim, a gente é salvo; se diz não, somos imediatamente eletrocutados...”.

Com o gravador desligado, chegou a me dizer outros fatores, além do racial, que atrapalharam a sua carreira: a sua personalidade forte, o fato de não ter empresário e a saída do Felipão para o futebol europeu. Realmente, o mercado brasileiro fechou-se para ele, que, não à toa, foi trabalhar por três vezes em um clube, pequeno por sinal, da Arábia Saudita. Ainda almeja “voltar a treinar grandes clubes”.

Passando dificuldades financeiras ao encerrar a carreira de futebolista, José Carlos Serrão foi vender carros para sobreviver. Após seis meses nessa atividade, recebeu um convite do Poy, que havia sido seu treinador, para trabalhar na comissão técnica do São Paulo, clube onde foi formado. Em pouco tempo, foi promovido da equipe júnior para a profissional e,

enquanto auxiliar técnico, ficou no clube de 1981 a 1987. Durante esse longo período, chegou a ser treinador do clube:

Quando saiu o Cilinho, fui efetivado como técnico do clube pelo Juvenal Juvêncio, que hoje é presidente e meu amigo. Trabalhei nessa posição durante uns dez meses e não tive problema nenhum, não. Tanto é que fui técnico do time profissional do São Paulo mesmo sendo de cor!

Note-se que, em sete anos de clube, Serrão comandou o quadro principal por apenas dez meses. Não queremos, com isso, diminuir o mérito dele em exercer tal cargo de tanta importância em um dos maiores clubes do país. É evidente que há um processo de aprendizado até se tornar um treinador profissional de futebol, mas a experiência de Serrão lembra, sob o nosso ponto de vista, a de Andrade (Jorge Luís Andrade da Silva), que há pouco ainda trabalhava no Flamengo.

Além de negros, é claro, ambos foram jogadores com passagens vitoriosas nas respectivas agremiações e, depois de um longo período enquanto auxiliares técnicos, foram testados como treinadores interinos até serem efetivados. Se em curto espaço de tempo os resultados esperados não vêm, ou técnicos iniciantes como eles voltam à condição de auxiliares ou são demitidos e dão continuidade à carreira em outros clubes. Embora este seja um processo pelo qual passam todos os interinos, independente da cor da pele, não teriam os negros um tempo menor para mostrarem a qualidade do seu trabalho no comando de um grande clube? Tal como em outras áreas profissionais, será que os poucos treinadores negros também não teriam uma remuneração menor em comparação com a dos brancos nessa posição?⁶³

Sendo ou não especulações sem comprovação, o fato é que Serrão exclama com orgulho: “Tanto é que fui técnico do time profissional do São Paulo mesmo sendo de cor!”. Além de exaltar a sua conquista, dá a entender que ser negro significa uma barreira para se ocupar um cargo de tamanho prestígio como esse e que há, mais do que um racismo velado nos grandes clubes, um racismo difuso e consensual. Da maneira como se expressa, parece que ser treinador negro em um clube como o São Paulo é um feito inacreditável. Por falar nisso, depois de Serrão, qual outro negro comandou esta importante agremiação?

⁶³ Sobre diferenças salariais entre brancos e negros no mercado de trabalho, ver: ANDREWS, 1998, capítulo 6, e HASENBALG, 2005, capítulo 7. No entanto, se os salários dos treinadores negros no Brasil acompanharem o dos jogadores negros do Rio de Janeiro, conforme pesquisa de José Jairo Vieira (2003, p. 230), é provável que esta hipótese não seja tão especulativa assim.

Em outro momento da sua narrativa, mostra-se sincero e afirma: “Quando era jogador, nunca imaginei que fosse ser técnico. Até porque, não tinha nem cacoete pra isso. Sempre fui uma pessoa muito reservada, muito tímida. Tinha personalidade, mas não estava preparado pra ser comandante.”. Embora admita que, ao se aposentar da profissão de jogador, precisava passar por um período de preparação para se tornar “comandante”, revela com tal passagem que enquanto atleta não foi estimulado esta nova profissão. Seguindo os passos de um paradigma indiciário (GINZBURG, 1990), o não estímulo poderia ser explicado pelo fato de ser negro?

Depois da experiência no São Paulo, Serrão começou a exercer a profissão em uma série de clubes pequenos, sobretudo no interior paulista, tais como: XV de Piracicaba, Marília, Rio Branco, Guarani e Mogi Mirim, clube com o qual, aliás, criou uma forte relação, tendo sido seu treinador por quatro vezes. Em virtude disso, ele, assim como seus filhos, fixou residência na cidade independentemente de trabalhar em uma agremiação de outro local.

Em uma única oportunidade, Serrão voltou a comandar um clube grande. Após a eliminação dramática do Corinthians na Copa Libertadores de 2000, quando pelo segundo ano consecutivo o time foi superado pelo arquirrival Palmeiras, instalou-se uma crise no clube que culminou com a demissão do então treinador Oswaldo de Oliveira e de vários jogadores. Neste contexto, o time foi comandado por uma série de pessoas que faziam parte da comissão técnica do clube, entre elas Serrão. Ainda que tenha sido por um único jogo e de forma interina, ele faz a seguinte construção narrativa: “Graças a Deus, não posso reclamar da minha profissão. Fui muito bem sucedido! Na minha carreira, dirigi o time principal do Corinthians, o do São Paulo. Então, não posso questionar ou reclamar muito de falta de oportunidades a negros, não.”. Como podemos notar, ele analisa que teve oportunidades em clubes grandes mesmo sendo negro e apesar de elas terem surgido em uma dada circunstância, qual seja a demissão de um treinador e a assunção do cargo pelo auxiliar técnico de forma provisória. Na próxima seção, quando aprofundaremos a discussão do racismo no futebol, veremos que Serrão faz um relato no sentido inverso.

Todos os colaboradores desta rede expuseram as dificuldades da profissão de treinador. Desde os problemas técnicos ou de “material humano” a serem enfrentados dentro do elenco de atletas até, e diríamos principalmente, fora das quatro linhas. A influência negativa dos empresários, por exemplo, foi algo notável no discurso deles, tanto em relação à

carreira dos jogadores quanto à falta de recursos financeiros dos clubes, que, de uma maneira ou de outra, afetou o trabalho destes técnicos. Outro ponto bastante comentado foi sobre os dirigentes, em cuja palavra e apoio devem sempre desconfiar. A atenção para com eles explica-se por todos serem “iguais” ou “calçarem 40”, como diz Bizi. Por fim, a discriminação racial sofrida em algum momento apresentou-lhes como uma barreira que limitava o desenvolvimento das suas carreiras de treinador profissional de futebol.

3.2.2. Árbitros

Os três árbitros entrevistados, dois deles irmãos, vieram de famílias humildes e passaram por necessidades no período da juventude. Muito antes de se lançarem na arbitragem, já trabalhavam e dependiam das atividades desempenhadas para ajudar no sustento familiar. O interesse pela arbitragem surgiu exatamente pela possibilidade de incrementarem a renda. Esclareçamos, contudo, que o futebol já fazia parte das suas vidas desde a infância. Aliás, os três jogaram em times amadores por longo tempo. Embora alimentassem o sonho de se tornar jogador profissional algum dia, como Luiz Flávio de Oliveira, não podiam parar de trabalhar para “tentarem a sorte”. Neste sentido, a fala de João Paulo Araújo é sugestiva:

Até teve uma época que tinha um cara que queria me levar para treinar em uns times profissionais. Não fui porque estava trabalhando, não tinha jeito. Naquele tempo, jogador de futebol não ganhava muita coisa e não dava para parar de trabalhar e arriscar. Então, não fui e acabei ficando na várzea mesmo.

Por essa ligação com o futebol de várzea, João Paulo começou a apitar alguns jogos do segundo quadro. A partir desses jogos, um colega de trabalho da Escola de Engenharia de Piracicaba o incentivou a investir na atividade. Como estava às vésperas de seu casamento, respondeu: “Caramba! Eu acho que vou fazer isso aí mesmo pra ganhar um dinheirinho e ajudar nas despesas do casamento.”. Em seguida, relata o seu início:

Entrei na arbitragem assim. Comecei a apitar sem pretensão nenhuma, sem fazer curso, sem nada, só para aumentar a minha renda mesmo... O primeiro campeonato que apitei foi a Copa Continental aqui em Piracicaba no ano de 78. O campeão dessa copa ia para o Desafio ao Galo lá em São Paulo.

Piracicaba sempre teve tradição na arbitragem paulista, como ele mesmo salienta. Mesmo com a presença de árbitros “famosos” e “ladrões”, citando o Dado, o Medeiros e o Mandoni, ele foi eleito “o melhor árbitro da Copa”, ganhando inclusive “um prêmio da

Caderneta Continental”. Com o resultado acima do esperado, pensou em se aprimorar. Por conta própria, “peguei uns outros livros sobre arbitragem e comecei a ler.”. Em 1979, “continuei a apitar e já cometi uns erros clamorosos de interpretação porque não conhecia a regra direito. Porque estudar só não vale, não consegue.”, destaca. Então, no ano seguinte, decidiu fazer o “curso da Federação” Paulista de Futebol. “Até porque”, ressalta, “apitando profissionalmente, ganharia mais ainda.”.

O seu “maior incentivo” veio em 1981, quando bandeirou o jogo preliminar da final do Campeonato Brasileiro no Estádio do Morumbi. Narra assim: “Foi a primeira vez que entrei no estádio. Nossa, estava lotado! Depois do meu jogo, assisti à final e fiquei encantado com o clima de decisão. Tanto que falei: ‘Porra, é isso que eu quero!’ Daí, eu comecei a mandar pau, mas só como bandeirinha...”. Concomitantemente, ingressou em uma universidade para cursar Educação Física, formando-se em 1984.

Se a final do maior campeonato do país foi o seu estímulo, a “coisa mais desestimulante que teve comigo também foi por racismo.”. Como não participava do “esquema” de venda de resultados, organizado por “Dirceu Fernandes, um ladrão sem vergonha que era diretor de árbitro na época”, João Paulo, embora demonstrando qualidades, passou cinco anos bandeirando partidas da primeira divisão e apitando somente “*juniors* de segunda e de terceira.”. Segundo ele, enquanto “fui devagarzinho”, todos da sua turma já apitavam nessa época. Avalia, contudo, positivamente: “Talvez, tenha até sido bom porque pude chegar sólido lá na frente.”.

Em 1987, a Federação Paulista de Futebol e o Sindicato dos Árbitros entraram em acordo e denunciaram os árbitros corruptos. Com a “limpeza”, João Paulo teve a oportunidade tão esperada: “Então, eu cheguei na primeira divisão por causa disso aí. Saiu um puta monte e subiu a nova safra, que era: eu, o Godói, o Zé Aparecido, o Dionísio, o Serginho Corrêa – que hoje é da CBF –, o outro Serginho que foi jogador de futebol e um bando de cara.”. Pouco depois, completa dizendo que aproveitou a chance: “Aí, rapaz, na hora que eu comecei a apitar primeira divisão, não parei mais. Ninguém me segurou! Há há há...”.

Em 1994, João Paulo se destacou tanto que concorreu junto com o “Robertinho” ao prêmio de melhor árbitro do Campeonato Paulista. Segundo ele, o “esquema” estava armado pelos dirigentes para que Roberto Perassi ganhasse a disputa. Tanto que na última rodada, Roberto apitou “um dos únicos clássicos” que fez na competição, entre o Palmeiras, campeão

antecipado, e Corinthians. A ideia, de acordo com João Paulo, era que ele fosse coroado com uma grande atuação. Enquanto isso, João Paulo foi “apitar uma pauleira lá no interior para decidir quem caía. Só! Há há há... Há há há...”, conta com ironia. No fim, Roberto foi “mal no jogo” e, por conta disso, “não poderia ser o melhor árbitro de São Paulo.”. A contragosto, elegeram, então, João Paulo. Mesmo estando entre os melhores árbitros, nunca fez uma final de campeonato no Brasil, o que foi uma frustração:

Pra você ter uma ideia, eu não fiz nenhuma final de campeonato aqui em São Paulo. Nenhuma! Dá pra acreditar?... O Zé Aparecido fez. Ele não fez uma só, fez TRÊS! E eu não fiz nenhuma... Sempre estava no grupo dos melhores, entre os três ou quatro que ficavam para as finais. Mas, nunca fiz uma final de campeonato...

Embora tenha se mostrado um pouco confuso na lembrança de datas, algo comum em entrevistas de história de vida, João Paulo fala que uma conjuntura de fatores o levou ao quadro internacional de árbitros: a briga política entre Ives Mendes, presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, e Eduardo José Farah, presidente da Federação Paulista de Futebol; a exclusão do colega José Aparecido de Oliveira do quadro da FIFA; e a sua eleição como melhor árbitro de São Paulo. Em suas palavras: “Cheguei na FIFA também por causa dele [Ives Mendes]. Eu não tive apoio nenhum de São Paulo para ir à FIFA. Politicamente, era um zero à esquerda! Ooorra! E consegui me manter três anos.”. Nesse período, sempre tentaram retirá-lo por várias vezes. No entanto, não eram só os dirigentes paulistas que o atacavam, a imprensa também:

Tem uma coisa que é engraçada. A Sul-Americana me escalava muito. Eu fazia pra fora o jogo que não fazia no Brasil. Aqui, a imprensa descia o cacete direto em mim, mas, fora do país, a negada me elogiava pra caramba. Era incrível isso aí! Lá, muito elogio; aqui, só cacete. Só CACETE!

— Não, porque tá gordo, porque não sei que lá, porque não sei de que, porque tetetê...

Qualquer errinho meu era maior que os dos outros, né?! Por ser negro sem dúvida nenhuma...

Até os colegas de profissão, reconheciam a sua falta de apoio por parte dos dirigentes brasileiros:

Depois do meu jogo [no Peru], a imprensa [de lá] me elogiou pra caramba! O próprio Godói me falou assim:

— Puta que pariu, João Paulo! Você é um cara que apita pra caralho, e no Brasil não dão chance pra você, né?!

Você entendeu? Quer dizer, ele estava falando pra mim: “Lá no Brasil, os dirigentes não dão muita chance pra você porque você é negro, cara.”. Ele me disse claramente isso...

Em 1997, João Paulo acabou saindo do quadro internacional de arbitragem com 44 anos, um ano antes da idade limite. Levando em consideração todos os problemas enfrentados, o ex-árbitro ainda guarda algumas mágoas:

Tenho algumas mágoas também. Tenho mágoa da Federação Paulista, tenho mágoa dos caras lá... É complicado essas coisas, sabe por quê? Porque acho que eu poderia ter sido melhor aproveitado, por ser um cara que passou limpo na arbitragem. Poucos passam limpo, né?! E como eu passei limpo, acho que a moçada deveria valorizar isso em mim.

Ao longo de toda a entrevista, João Paulo narra a arbitragem como um ambiente de relações escusas, corruptas e imorais, permeado por interesses de todas as ordens (esportivos, financeiros, políticos, pessoais...) e por trocas de favores entre dirigentes de federações, dirigentes de clubes, árbitros e até jornalistas. É evidente que se refere mais ao seu tempo de arbitragem, décadas de 1980 e 1990, mas acredita que a situação não melhorou tanto quanto deveria: “Até 88, essas coisas existiam muito mais! De 88 pra cá, diminuíram. Só que isso não acaba nunca.”. Aliás, destaca que os árbitros são os que mais sofrem, pois, além de serem pressionados pelos dirigentes e imprensa, ficam com uma imagem negativa perante a sociedade.

Diferentemente de João Paulo Araújo, Paulo Cesar de Oliveira foi muito mais contido e preocupado com tudo o que me falou. Não à toa, quis saber detalhes “científicos” da minha pesquisa e reservou uma tarde inteira para contar a sua vida e experiência com calma. É compreensível, pois, como ainda está “na ativa”, poderia sofrer represálias dos dirigentes e prejudicar a sua bem-sucedida carreira. Antes de isso acontecer ou mesmo de almejar com a profissão, Paulo Cesar sofreu bastante na juventude. Do mesmo modo que João Paulo, fez SENAI aos 14 anos de idade. Como a maioria dos habitantes de Cruzeiro, sonhava em trabalhar na maior empresa da cidade, na época “a FNV, Fábrica Nacional de Vagões, do grupo Engesa.”. Após três anos, foi dispensado e enfrentou o problema do desemprego.

Como tinha “facilidade com números, com matemática”, passou a exercer a atividade de professor particular. Com o tempo, dava aulas de várias matérias. “Durante uns três anos aproximadamente, dos 17 aos 20 anos de idade, foi assim.”, conta. Aos finais de semana, jogava bola em uma “equipe juvenil de uma associação do meu bairro.”. A partir desse time,

surgiu a arbitragem em sua vida no ano de 1991. Por faltar um árbitro-assistente numa competição, veio o convite para ajudar a associação de árbitros local. Decidiu parar de jogar bola quando sofreu uma lesão e ficou impossibilitado de apitar. Afinal, “eu já recebia uma ajuda, uma taxa de arbitragem que pra mim era importante e fazia diferença no meu orçamento.”.

Construindo uma narrativa de sucesso, exalta o seu destaque e as suas qualidades desde o início:

Em 92, eu já recebi um convite pra integrar o quadro de árbitros da Liga de Cruzeiro e passei a apitar o Campeonato Amador. Até porque, as informações foram chegando:

— Olha, tem um rapaz apitando ali. É jovem e parece que sabe apitar!

E foi assim que o senhor Geninho, que era o diretor da Liga de Cruzeiro, me convidou. Na época, foi realmente pra “quebrar o paradigma”! Até então, árbitros, tanto de futebol profissional quanto de futebol amador, eram pessoas muito mais velhas, barriguetudos, de cabeça brancinha... E eu cheguei com 18 pra 19 anos e fui tendo um destaque já desde o início na Liga, na arbitragem. Comecei a receber convites também pra apitar em toda a região do sul de Minas: São Lourenço, Caxambu, Itamonte, Passa Quatro... E depois no sul Fluminense: Volta Redonda, Resende, Barra Mansa... Então, já comecei a ficar um árbitro conhecido na minha região.

Por meio das suas aulas como professor, reencontrou uma antiga “patroa” de infância e dela recebeu um convite para trabalhar no seu estabelecimento comercial, “na loja de referência de Cruzeiro: ‘Mara Armarinhos’”. Desenvolvendo três atividades, a sua renda foi aumentando e, após concluir o “segundo grau” em 1992, ele começou “a ver uma possibilidade de fazer o curso de arbitragem”. Nesse momento, faz questão de “frisar” mais uma vez a sua rotina de trabalho na época e o trajeto entre Cruzeiro e São Paulo para mostrar o “sacrifício” que foi fazer o curso. Em termos financeiros, a mesma coisa, sempre contando com a ajuda da mãe, irmãos, tios e amigos. Orgulhoso, relata assim: “Sei que fiz o curso todo dessa maneira e Deus provê mesmo! Até porque, não faltei em nenhuma aula. Consegui ir em todas as aulas! 100% de frequência e com uma média final de 9,2. Fui o segundo melhor aluno da turma!”.

A sua ascensão na carreira “foi muito rápida”. Em apenas dois anos, saiu da terceira divisão do Estado de São Paulo para apitar jogos da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 1997, quando foi eleito “o melhor árbitro” aos 23 anos. Dessa maneira, Paulo

Cesar coloca-se como o “pioneiro” de um processo de renovação da arbitragem nacional. Desde que começou, o seu “estilo de arbitragem” agradou ao Armando Marques, então presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, que lhe deu boas oportunidades.

Em 1999, com a idade mínima exigida pela FIFA, entrou para o quadro internacional de árbitros, onde está “até hoje! Já são onze anos de bastante trabalho, luta e entrega.”. Embora a carreira internacional não tenha tido “a mesma projeção e ascensão rápida como a nacional”, almeja chegar a uma Copa do Mundo: “Como tenho idade pra atuar até 2018, creio muito que vou me firmar na América do Sul e vou chegar a um mundial. Se Deus quiser, vou chegar! Quero ser o representante do Brasil numa Copa do Mundo.”, mostra-se confiante. Apesar do sucesso profissional, rememora os percalços vividos para “nunca abandonar as minhas raízes”. Com isso, chega ao seu tom vital: “eu sempre conto a minha história pra mostrar que sonhar não custa nada”.

Enquanto Paulo Cesar já apitava partidas amadoras pela Liga de Cruzeiro, o seu irmão mais novo, Luiz Flávio de Oliveira, ainda jogava bola pela equipe juvenil do bairro onde morava. Além do exemplo do seu mentor, o professor Laércio, Luiz Flávio esteve atento à carreira do irmão: “Comecei a acompanhá-lo na arbitragem e passei a ficar mais interessado. Antes disso, apenas o via no campo de jogo; depois, pensei nessa posição em detalhes.”. Antes de seguir os passos de Paulo Cesar, preferiu se formar em Educação Física. “Nisso, fui fazer estágio na prefeitura local, que era relacionado à arbitragem em campeonatos de vôlei, basquete... Cheguei a arbitrar vôlei, futsal e algumas partidas de futebol.”, conta em seguida.

Em pouco tempo, abriu “mão” do emprego que tinha porque “percebi que, atuando só de final de semana como árbitro, tirava quase a mesma quantia em dinheiro do que trabalhando trinta dias no supermercado”. Mesmo assim, precisou contar com a ajuda do irmão para fazer o curso de árbitros, que “não era tão barato: um salário mínimo mensal mais o deslocamento de Cruzeiro a São Paulo”. Lembra-se das dificuldades e malandragens com alegria: “É até um pouco engraçado. Às vezes, no dia que tinha que ir pra São Paulo, pedia pra ele uma carona até a rodoviária. Chegando lá, falava que não tinha dinheiro da passagem e aí ele que me emprestava...”.

Quando começou a fazer o curso da Federação Paulista de Futebol, o seu irmão “já era um árbitro conhecido nacionalmente”. Desde aquele tempo, o sucesso de Paulo Cesar era visto como uma meta e, ao mesmo tempo, cobrança:

Naquela época, criei aquela expectativa de ser também um árbitro profissional e de ter uma carreira boa. Até pelo fato de ser irmão do Paulo Cesar, a expectativa era sempre grande. Os dirigentes cobravam muito as mesmas atuações dele quando eu estava dentro de campo. Hoje, não. Todos sabem que são duas pessoas diferentes, cada um com a sua característica...

O sonho de Luiz Flávio até então era poder atuar ao lado do irmão como árbitro-assistente. Privilegiando a função de bandeirinha, ele trabalhava na Liga de Cruzeiro. No entanto, como “alguns companheiros não tinham condições físicas pra apitar as duas partidas”, acabava invertendo de papel e “ganhava experiência nas duas posições”. Na escola de arbitragem, também foi obrigado a exercer ambas as funções. “Através das notas dos observadores e até do meu trabalho em campo que se definiu que eu seria árbitro central.”, conta. E, assim, se formou em 1998. De lá pra cá, o árbitro se firmou na primeira divisão do Estado de São Paulo e começou a atuar do mesmo modo no Campeonato Brasileiro.

Apesar de não viver só da arbitragem, já que sempre manteve um emprego paralelo, Luiz Flávio também teve a sua vida transformada por ela: “Posso dizer que várias conquistas na minha vida pessoal foram em decorrência da arbitragem: poder conquistar uma casa, comprar um carro, sustentar a minha família...”. Desta maneira, diz que conquistou “muitas coisas além dos meus sonhos de infância!”. Humildemente, exemplifica: “A gente brinca que toda criança sonha em andar de avião. E, hoje, graças a Deus, viajo bastante por conta dos campeonatos.”. “[M]uito feliz” com sua trajetória, sentencia: “Eu nunca esperava que aquele menino negro e de infância pobre fosse ter a vida de hoje e conhecer o Brasil.”.

Nenhum dos três entrevistados almejava ser árbitro quando crianças, uma vez que a imagem do jogador ofusca todas as outras profissões do universo do futebol. A arbitragem apresentou na vida deles em um momento em que já tinham profissões. Mais do que isso, mostrou-se como uma atividade com a qual eles poderiam aumentar a sua renda em prol da família. Ainda que sempre tenham gostado e praticado futebol, foi o retorno pecuniário que os incentivou a aprenderem os ofícios da profissão.

Aliás, é preciso registrar que a arbitragem não é uma atividade profissional reconhecida, regulamentada e instituída oficialmente. Embora os dois irmãos reconheçam o trabalho feito pela Federação Paulista e pela Confederação Brasileira de Futebol, afirmam que a não profissionalização dos árbitros impede a melhora da qualidade da arbitragem nacional.

Sobretudo Luiz Flávio de Oliveira, que não vive unicamente desta atividade, tece longos comentários acerca deste problema. De modo a ilustrar e a fechar este tópico, citamos:

Entenda isso: estamos no limite! É o máximo que podemos fazer pela arbitragem nestas condições. Pode ter algo mais? Pode, mas não vai fugir muito disso. Porque o árbitro sai dali e a vida dele continua... Ele volta pro seu emprego. Enquanto a arbitragem for vista dessa forma, não vamos evoluir muito.

3.2.3. *Dirigentes*

Se tem um espaço dentro do universo do futebol espetacularizado que as classes dominantes não abriram mão é a direção de clubes e federações. As classes populares podem dominar as arquibancadas e os gramados, podem até se apresentarem como árbitros, treinadores e jornalistas, mas não podem, sob o ponto de vista dos próprios dirigentes, ocupar cargos políticos e administrativos, os quais são estratégicos na estrutura futebolística. Tanto é assim que estes não são cargos remunerados, restringindo-se àqueles que, por diletantismo, podem se despendar às atividades necessárias. O amadorismo, certamente, é uma barreira mantida para que os populares não vislumbrem ocupar tais postos de poder. No limite, podem até assumir cargos diretivos, mas precisam primeiramente enriquecer, ascender socialmente e demonstrar habilidade política. Considerando o que foi dito, é preciso afirmar que há um critério social e racial na base de recrutamento dos dirigentes de futebol no Brasil.

Dentre os nossos entrevistados, este padrão se repetiu, como esperávamos. Os três colaboradores vêm de famílias de posses e estão no futebol há muito tempo. A autoapresentação de Sérgio Grillo, então vice-presidente administrativo e financeiro do Juventude, é representativa:

Eu sou filho da terra, nasci em Caxias do Sul mesmo. Sou de 21 de abril de 1944. Tenho, portanto, 65 anos. Os meus antepassados, meus bisavós, vieram da Itália, da região do Vêneto, constituíram família e se desenvolveram aqui na nossa região... Profissionalmente falando, as nossas vidas têm origem na indústria. Nós temos uma empresa de autopeças, a Autotravi Borrachas, que é composta por duas famílias majoritárias. Eu represento uma delas. Temos também uma empresa de distribuição, chamada Macrosul. Ela distribui fixadores, ou seja, todos os parafusos que você imaginar da forma mais ampla e completa possível em território nacional. Inclusive, agora, temos inserção no mercado latino-americano e estamos exportando. Além disso, temos uma fábrica de abraçadeiras, que são aquelas pecinhas de metal que a gente aperta pra fixar a mangueira no bico da torneira. Sabe? Onde tem uma

mangueira, tem uma abraçadeira! Então, nós estamos nesse mercado também. O nome da empresa é Metalmatrix... Em função disso, estamos organizando uma nova empresa para fabricarmos mangueiras.

O conservadorismo mantém-se ao falar da sua família:

Eu sou casado e tenho três filhos. O Ângelo, que é o mais velho, tem 40 anos e é médico. O meu filho do meio, que tem 36 anos, chama-se Cristiano e trabalha comigo. Devagarzinho, estou passando a batuta pra ele, porque esse é do ramo e tem o meu perfil. O Ângelo é cientista e o Cristiano é de negócios... Tenho, ainda, a Caroline, que tem 25 anos e é nutricionista. Ela também trabalha nas nossas empresas e tem consultório junto com o Ângelo.

A organização familiar fica com a minha esposa, a Miriam, que é quem toma conta da casa. Um dia, ela quis vir trabalhar conosco, mas nós dissemos pra ela:

— Não. Tu ficas em casa, organizando a retaguarda, que nós vamos buscar o dinheiro.

E não erramos na decisão porque criamos três filhos exemplares.

Descrevendo a sua tradição no Juventude, Sérgio Grillo assim relata:

Faz vinte e cinco anos que sou conselheiro do Juventude. Sempre ajudei o clube de uma forma ou de outra. Anteriormente, as entidades como um todo tinham um tipo de gestão mais amadorista, ou seja, os dirigentes vinham aqui pro clube somente no final do dia. Aí, é que eles faziam o rescaldo do que aconteceu durante o dia e viam o que podiam fazer pela entidade. Na verdade, podiam fazer pouco. Nós sabemos que não é assim que se dirige uma empresa.

Após falar do legado deixado pela parceria com a Parmalat (organização “com gestão e conceitos empresariais”), o dirigente diz que o Juventude, apesar de “algumas oscilações do modelo de gestão”, “já está muito próximo da profissionalização completa”. Cita, por exemplo, a nova “filosofia” do clube: “ser formador de atletas e de cidadãos”. Enxergando o futebol como uma empresa e os jogadores como mercadorias, Sérgio Grillo continua a explicar sobre o CFAC (Centro de Formação de Atletas e de Cidadãos) que está sendo implementado pelo clube:

Este centro será como uma fábrica de atletas. Ou seja, nós vamos formar pessoas competentes e responsáveis não só como jogadores, mas como homens. Nós queremos que eles levem essas ideias para as suas famílias. Essa é a mensagem que o clube passa para os seus atletas.

Em grande medida, esta é a mensagem que o clube também quer nos passar. Se a nossa intenção com a entrevista era ouvir o que o Juventude tinha a dizer sobre a questão

racial no futebol através da experiência de um dos seus dirigentes, a do clube era usar a nossa pesquisa para desfazer uma imagem negativa que relaciona o clube com o racismo. Nesse sentido, acreditamos que, representando o clube, Sérgio Grillo tinha a incumbência de frisar o seguinte discurso preparado:

Uma marca de um clube que quer formar não só o atleta, mas o cidadão. Não deixe de fazer constar isso no seu trabalho: nós temos o Centro de Formação de Atletas e Cidadãos. E Cidadãos! O atleta tem que sair daqui com o selo de garantia! Garantia de qualidade, que é a boa formação. Não basta ser um bom jogador, tem que ser uma pessoa do bem. Certo? Um cidadão que vai multiplicar essas ideias no seu meio socioeconômico. Assim, ele se inclui na sociedade de uma forma importante.

Para além da formação dos atletas, a preocupação com a formação dos cidadãos revelaria um lado social desempenhado pelo Juventude, com grande contribuição para a sociedade sul caxiense. Seria como se isso fosse uma compensação pelos atos de discriminação racial cometidos pelos seus jogadores e torcedores.⁶⁴ A repetição da mensagem *ad nauseam*, contudo, parecia não ser suficiente. Era necessário exagerar, de um modo que o próprio colaborador assume tal postura: “Se ele [atleta do clube] estiver – exagerando – com dor de barriga, nós vamos estar com diarreia, vamos estar ligado e colado nele. O problema dele é o nosso!”.

Querendo se opor tanto ao racismo, Sérgio Grillo acaba não percebendo que está, ao contrário do que se imagina, corroborando para o estreitamento da ligação entre Juventude e racismo. Isto se dá, no nosso entender, exatamente por ser um discurso forçoso, que parece não corresponder à realidade das práticas no interior do clube. Afinal, como fala o entrevistado: “Qualquer um que entra aqui, é formado como cidadão, é visto como um dos nossos e não como uma pessoa de cor. [...] Volto a dizer pra você: nós temos diversos jogadores que são de cor e que transitam pelo clube.”. Ora, qual o problema de “uma pessoa de cor” (expressão retrógrada e preconceituosa) ser vista como negra mesmo sendo “um dos nossos”? Não era de se esperar que todo atleta negro transitasse pelo clube? Se esta fosse uma prática comum dentro da agremiação, não seria necessário dizê-la, não? Parece-nos que voltamos décadas no tempo, quando jogadores negros ainda eram impedidos de circular

⁶⁴ Casos de racismo veiculados pela imprensa (agredido, clube do agredido, agressor, data): Tinga, Internacional, torcida do Juventude, 22 out. 2005; Jeovânio, Grêmio, Antônio Carlos, Juventude, 05 mar. 2006; Júlio César, Juventude, torcida do Juventude, 05 ago. 2007; Felipe, Corinthians, torcida do Juventude, 12 nov. 2008.

livremente dentro das dependências sociais de clubes como Fluminense, Palmeiras e Grêmio, por exemplo.

O exagero de Sérgio Grillo chega ao ponto de falar que tem origens familiares que não são de todo “branqueadas”: “O meu próprio bisavô, por parte de mãe, não passaria por branqueada. Por isso que eu tenho também a tez... morena, além do cabelo escuro... Apesar de que, com os anos, já branqueou.”. É difícil saber qual ao certo é a sua intenção ao fazer este tipo de afirmação. Em todo caso, podemos supor que, “desbranqueando” as suas origens, ele não só se mostraria solidário à causa negra como se previne de ser tachado de “racista” por qualquer pessoa que viesse a ler a sua narrativa.

Como se sabe, a classificação racial no Brasil é baseada tanto em um cientificismo biológico quanto em características fenotípicas e critérios subjetivos, ideológicos e de *status* social.⁶⁵ Tendo isto em mente, nada mais ambíguo e impreciso (no sentido de vago) do que adotar critérios classificatórios como “moreno”, que tem inúmeros significados e que ora pode estar mais próximo do branco, ora do negro. De todo modo, é perceptível a sua hesitação ao afirmar a cor da sua “tez”. Registrando isso logo no início da sua história de vida, ele chama a atenção do leitor para reter essa informação e levá-la em consideração pelo resto do texto.

Curiosamente, essa mesma estratégia foi utilizada por outro dirigente entrevistado, o Luiz Onofre Meira, então vice-diretor de futebol do Grêmio: “Eu nasci no interior do Rio Grande do Sul, em Bagé, em 1949. A minha família também tem origem negra... Quer dizer, o meu pai era filho de português com uma negra, a minha avó. Até por isso, tenho o sobrenome Meira, que representa essa situação.”. Note-se que, como a afirmação sobre a origem étnica dos antepassados era muito forte, dada a branquidão da sua pele e a falta de traços negroides, o colaborador trata logo de se explicar dizendo que apenas uma de suas avós era negra.

Independentemente de Luiz Onofre Meira e Sérgio Grillo terem ou não ascendência negra em algum dos seus familiares passados, as falas posteriores de ambos mostram-nos que eles não se sentem identificados etnicamente como negros. Embora ambos tenham preelaborados um discurso de valorização dos negros e da contribuição destes para o Brasil, deixam transparecer no decorrer das entrevistas os seus reais pensamentos e sentimentos

⁶⁵ Cf. ANDREWS, 1998, apêndice b; SCHWARCZ, 2001, capítulo 4; e D’ADESKY, 2005, capítulo 7.

quanto a esta parcela da população e ao fenômeno do racismo. Em outras palavras, tecem críticas e evidenciam estereótipos preconceituosos sobre os afrodescendentes, e tentam amenizar as discriminações raciais cometidas por indivíduos ligados aos seus clubes de futebol.

Certamente, se as entrevistas tivessem sido feitas dentro dos moldes do jornalismo, seria muito mais fácil para eles ludibriarem o entrevistador e os leitores a partir de respostas prontas. No entanto, como se tratava de entrevistas de história de vida, os dirigentes se viram na situação de terem que falar sobre suas experiências, memórias e histórias, numa construção narrativa que expôs as suas idiossincrasias.

Voltemos à discussão proposta no início desta seção para ver as atividades profissionais desenvolvidas por Luiz Onofre Meira fora do futebol:

Apesar de trabalhar no Grêmio, mantive a minha atividade profissional fora do futebol. Sou economiário aposentado pela Caixa Econômica. Depois de me aposentar, continuei trabalhando e administro um plano de saúde que eu mesmo criei e que é voltado para os servidores públicos do Estado do Rio Grande do Sul. O nome é Saúde PAS Medicina & Odonto.

O emprego do “seu Meira”, forma como foi chamado por sua secretária (da empresa) e pelos funcionários do Grêmio, não o impossibilitou o seu ingresso precoce neste clube. Ele conta a sua trajetória dentro do Grêmio da seguinte maneira:

Iniciei cedo no futebol. Em 1966, eu fui a Porto Alegre para estudar e, após pouco tempo, quando consegui o meu primeiro emprego e consequentemente um salário, me associei ao Grêmio. Em 1982, tive a possibilidade de trabalhar no clube, iniciando na administração. Desde aquela época, permaneço aqui ou como dirigente ou como conselheiro, algo que ingressei em 1986. Já tive cinco passagens pelo futebol do clube: por duas vezes estive ligado às categorias de base e por três, ao futebol profissional. Gosto muito do que faço... Acho que isso, mais ou menos, dá um caminho de como cheguei e onde estou hoje no Grêmio, o que muito me orgulha.

Logo em seguida, esclarece de antemão que não recebe qualquer retorno pecuniário pelos trabalhos exercidos no clube: “Evidente que nós não somos diretores remunerados, né? Trabalhamos por amor ao clube, embora, hoje, já se busque muito a profissionalização no futebol através de pessoas especializadas em cada uma das áreas.”. Continuando, fala da profissionalização da parte administrativa do futebol que se operou no Grêmio ao longo das duas últimas décadas:

É claro que isso trouxe uma redução da presença do dirigente dentro do clube. Até porque, esses profissionais são contratados para fazer aquela grande parte operacional que um clube como o Grêmio necessita. Lá em 1989-1990, éramos nós mesmos que, praticamente, tínhamos que examinar e fazer toda a minuta dos contratos dos jogadores. Hoje, não. A gente possui profissionais totalmente preparados para lidar com essas questões.

Luiz Onofre Meira analisa também a função de dirigente e relata sobre relações e disputas políticas no interior de um clube de futebol:

É por esse lado da paixão e do envolvimento no clube que a gente tem que analisar a posição de dirigente. Evidentemente que, em todo clube como o Grêmio, tem várias facções políticas. Ao longo desses vinte e poucos anos de permanência e trabalho, eu também mantive relações com determinadas pessoas e formamos um grupo por empatia, afinidade e uma série de outras situações.

Na sequência, volta a falar do trabalho diletante desempenhado pelos dirigentes, revelando que a “dificuldade maior” da atividade é o “tempo tomado”.

Essas várias facções políticas não são uma dificuldade, principalmente quando se trabalha com amor. A dificuldade maior é ter o tempo tomado em relação à minha atividade profissional. Além disso, tem a parte familiar que fica prejudicada também. O futebol exige muito da gente. A nossa presença em viagens são constantes, sobretudo no Campeonato Brasileiro e na Libertadores. Aí, tenho que administrar ao mesmo tempo a família, a vida e o Grêmio.

Como podemos ver, para se dedicar a esta atividade sem receber remuneração, só tendo mesmo uma fonte de renda fora do futebol e, além disso, com pessoas trabalhando para o seu usufruto. Não à toa, a classe dirigente é geralmente formada por empresários, políticos e profissionais liberais. Isto posto, perguntamos: independentemente das relações políticas necessárias para se tornar um dirigente de clube de futebol, como membros das camadas populares, sobretudo os negros, podem se abdicar dos seus empregos para investir na carreira de dirigentes de futebol sem receber qualquer salário? De “amor ao clube”, ninguém se sustenta. É nítido, pois, a existência de uma barreira de classe.

Já Benecy Queiroz, que é supervisor do departamento profissional de futebol do Cruzeiro, pareceu-nos um pouco mais espontâneo aos estímulos feitos (sobretudo em relação à questão racial) e nos relatos de sua vida. Ele se apresenta assim: “Sou Benecy Queiroz, nasci em Peixe, no Estado do Tocantins, em 1940. Fui pra Belo Horizonte por conta do estudo

universitário em 1965 e lá permaneci. Me formei em Educação Física e em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais...”. Logo após, fala do seu ingresso no futebol:

A ideia inicial era retornar à minha cidade, mas, por uma questão de ocasião, fiquei para trabalhar no futebol. Eu tive um colega na escola de Direito que era dirigente do Vila Nova, em Nova Lima, cidade próxima a Belo Horizonte. Ele me convidou pra ser preparador físico e iniciei, então, a minha carreira em 69.

Como preparador físico, Benecy Queiroz foi convidado a trabalhar no Cruzeiro em 1972 e, com o sucesso nesta profissão, chegou às seleções mineira e brasileira. Mesmo assim, permaneceu no Cruzeiro desde que entrou e foi crescendo na estrutura hierárquica do clube. Avalia a sua carreira da seguinte maneira: “É uma carreira, no meu entendimento, brilhante porque agreguei, gostei da função, tive oportunidade de fazer milhões de amigos e conhecer milhares de cidades, que, talvez com o poder econômico que tenho, não teria condição. E isso é muito importante na vida.”.

Fora do futebol, Benecy Queiroz diz ter sido diretor administrativo da previdência do estado. No entanto, afirma que atualmente é “ligado apenas no futebol, porque, na verdade, dentro do sistema do poder, há uma carência por profissionais que possam se dedicar vinte e quatro horas por dia”. Isto é mais um sinal da elitização dessa área dentro do universo do futebol profissional, uma vez que, além de não serem remunerados, os dirigentes devem dedicar-se integralmente.

Em sua trajetória de sucesso, é perceptível a importância da sua formação acadêmica. Ao longo da entrevista, Benecy Queiroz salienta que a falta da educação é o que dificulta o acesso dos negros nas diversas atividades profissionais, incluindo a classe dirigente: “Por isso, eu bato na tecla: é a instrução que faz com que a abertura seja maior em termos de branco e preto.”.

3.3. RACISMO

3.3.1. Racismo no Brasil

Os trabalhos de Gilberto Freyre e de uma série de seguidores (tais como: Donald Pierson, Melville Herskovits, Franklin Frazier e Charles Wagley) exerceram grande influência no imaginário nacional e internacional sobre as relações raciais no Brasil. A partir dos escritos desses autores, cristalizou-se a ideia de que aqui seria um “paraíso racial”, onde negros, brancos e todos os grupos étnicos que compõem a nossa população vivessem em uma

sociedade livre de preconceitos e discriminações raciais. As supostas relações harmoniosas e a ausência de uma “linha de cor” que impedisse a ascensão social dos negros culminaram na crença de uma “democracia racial” neste país.

Este mito também esteve presente nas narrativas dos nossos entrevistados. Talvez, a expressão mais representativa dele tenha sido feita por Junior. Ao ser informado por um colega italiano a respeito de uma faixa da torcida da Juventus o xingando de “Junior, negro sujo! *Sporco negro!*”, o ex-lateral respondera: “Ah, eu vivo num país em que a miscigenação é total. Isso aí... não me preocupa por nada.”. Notemos que a frase foi pronunciada exatamente em um momento em que Junior, um brasileiro, deparou-se com um ato discriminatório vindo de um (ou vários) torcedor italiano. A tensão racial em solo estrangeiro levou-o a contrapor a ofensa através da afirmação de sua própria cultura, evidenciando um aspecto que, na sua crença, a distingue das demais: a miscigenação racial e a ausência de racismo.

Tendo isto em vista, não é de se estranhar que Junior não se sinta completamente negro: “Mas, eu como... quer dizer, meu avô paterno era mais escuro do que eu, era jambão mesmo! Já por parte da minha mãe, era tudo branco. Então...”. Como podemos ver, ele não se define, hesita por duas vezes. Além de em várias passagens se referir aos negros em terceira pessoa, ele afirma num dado momento:

Eu, particularmente, não vivenciei nenhuma situação de discriminação, mas vi companheiros... Por que o que acontece? Eu acho que o problema do negro no Brasil é uma questão muito mais social do que o que a gente vê, sei lá, nos Estados Unidos, por exemplo, não é? Quer dizer, o negro é visto de uma outra maneira. Aqui no Brasil, se o negro tiver uma boa situação social, uma boa situação financeira, praticamente passa despercebido.

Sendo uma pessoa, um negro, de posses, passou “praticamente” “despercebido”, embranqueceu e, por isso, não vivenciou “nenhuma situação de discriminação”. Exatamente a respeito disso, o intelectual Arlei Damo relata:

Agora, é aquela coisa que se diz no Brasil e que é válida também para o futebol:
— Se o sujeito tem prestígio, tem dinheiro, ele fica menos preto.
Isso é verdade. Nunca vai deixar de ser negro, mas ele fica mais branco, embranquece... Sem dúvida, isso é algo perceptível desde essas categorias.

Dentro desta lógica, nada mais compreensível do que Junior analisar “o problema do negro no Brasil” como “uma questão muito mais social”. Assim, como nos mostra Oracy

Nogueira (1985, p. 90), “o preconceito de raça” fica “disfarçado sob o de classe, com o qual tende a coincidir”. A longa convivência também se coloca como um disfarce do racismo: “Quando você convive muito tempo, isso não sente”, conforme relata o ex-lateral.

Ser uma pessoa conhecida também favorece para uma “amenização” do fenômeno, tal como argumenta o ex-goleiro Jairo: “Mas, sabe, para quem é mais conhecido, não ouve tanto” [ofensas]. Usa a si próprio como exemplo: “Eu tenho ainda um certo reconhecimento. As pessoas ainda lembram do que fiz e tal no futebol... Tem certas pessoas que podem até ter preconceito, mas não demonstram na minha frente.”. E conclui: “Se eu não fosse conhecido, talvez houvesse ainda um afastamento.”. A característica dissimulada do nosso racismo fica nítida.

O ex-árbitro João Paulo Araújo argumenta que filhos de conhecidos também se beneficiam:

Porém, eu sei que os policiais são racistas. Isso, eu tenho certeza! Porque veja bem: quando pararam o meu filho, ele falou assim:

— Ah, sou filho do João Paulo.

— O seu pai é o João Paulo? Ôôô...

Você entendeu?! Aí, a coisa mudou da água para o vinho. Por isso que era racismo.

Se é transgressão, é transgressão. Não importa filho de quem seja.

Até não ser reconhecido, o tratamento dispensado era um, quando se percebeu a filiação, “a coisa mudou da água para o vinho”. A assimetria torna-se clara.

Com “a intenção de entrar mais profundamente nesta questão”, do racismo no Brasil, Lula Pereira relata:

Se a gente perguntar a qualquer brasileiro:

— Você é preconceituoso, você é racista?

— Não!

No entanto, ele não deixa a filha branca dele casar com negro... Infelizmente, é uma grande verdade.

Da forma como o treinador aborda a questão, remete-nos imediatamente aos escritos de Lilia Moritz Schwarcz (2001), nos quais a autora analisa alguns resultados de pesquisas que tinham por objetivo entender de que maneira os brasileiros definiam o racismo vigente no Brasil. Os números apresentados por ela sempre mostram porcentagens altas tanto na afirmação da existência de tal fenômeno neste país quanto na identificação do mesmo em outrem e não em si próprio. Isso leva Schwarcz (2001, p. 77) a concluir que “ninguém nega

que exista racismo no Brasil, mas ele é sempre um atributo do ‘outro’”. Para completar a semelhança entre o que foi narrado por Lula com as conclusões da autora, lembramos que ela ainda observou que, tendo em vista a história da nossa sociedade, o racismo brasileiro afirma-se basicamente de forma privada. Daí, a não aceitação do vínculo conjugal entre brancos e negros por parte de muitas famílias brancas.

Da mesma forma que Lula Pereira, o jornalista Juca Kfoury busca “ir bem no âmago da questão”:

[...] pra mim a pergunta sempre é a seguinte: se uma filha aparecer com um negrão e dizer:

— Vou me casar com ele, papai. Vou me casar com ele, mamãe. Tudo bem pra vocês?

Em regra, a resposta não é “tudo bem”, o que revela que o problema existe. É assim que eu vejo pra ir bem no âmago da questão.

Corroborando a análise de Schwarcz, Juca ainda diz: “Quer dizer, tem muita gente que gosta de fazer um discurso progressista da boca pra fora, mas que, posto diante do problema na sua vida particular, a reação é outra.”.

O dirigente Sérgio Grillo reconhece que, apesar de encontrarmos “uma convivência harmônica” entre negros e brancos no Brasil, a “hipocrisia não pode fazer parte desse tipo de assunto”, dizendo: “A gente não pode ser hipócrita de dizer que as famílias, usando um linguajar mais popular, amariam de paixão que a filha de pele... branca fosse constituir família com um menino de pele... escura.”. Afirma logo em seguida que “[e]xiste racismo”. No entanto, faz questão de esclarecer que tal fenômeno não é exclusividade brasileira: “Não só no Brasil como no mundo.”. Voltando a falar da “constituição familiar no nosso país”, Sérgio Grillo fala que “[c]om algum percentual de exceção”, “o branco procura uma branca e o preto, o moreno, o mestiço, também, procura a sua identidade através da pele...”, apresentando, pois, que o casamento inter-racial no Brasil é visto como um tabu.

Como pôde ser percebido, vários entrevistados, incluindo negros, hesitaram em falar certas palavras, por exemplo: “negro”, “branco”, “discriminação” e “racismo”. Muitas vezes, com destaque para Sérgio Grillo, ao invés de dizerem “negro” preferiam palavras como “pessoa da cor da pele escura”. Independentemente da clareza dos colaboradores quanto às diferenças teóricas entre certos conceitos, a palavra “preconceito”, da mesma maneira, foi usada no lugar de “discriminação” ou “racismo” como se ela não fosse tão “forte” ou

“pesada” para descrever uma ofensa sofrida. Podemos citar Bizi: “Talvez discriminação seja uma palavra muito forte pelo que aconteceu comigo. Porque não foi uma coisa, assim, muito acintosa.”, mesmo sabendo que foi dispensado por um clube pelo fato de ser negro.

Isto acontece porque, dada à crença nas relações raciais harmoniosas, racismo é um assunto proibido neste país. Conforme se expressou José Carlos Serrão: “O racismo no Brasil é normal. Até hoje, tem preconceito. Dizer que não existe é mentira. Então, o racismo aqui é embutido, vamos dizer assim. Afinal, são poucas pessoas que discutem sobre isso...”. Como escreve Joel Rufino dos Santos (2005, p. 41): “Nós brasileiros, quando somos pilhados em flagrante de racismo nos assustamos, reagindo, de imediato, contra quem denuncia.”. Até por conta de a questão racial não ser afluída em nossa sociedade que Luiz Carlos Ribeiro afirma que as pessoas aqui “tem vergonha de ser racista”. Embora muitas delas sejam racistas, argumenta, é “um racismo envergonhado, dissimulado”, completando pouco depois:

É um racismo não de conflito, mas um racismo de mentalidade, de sentimento, de moral. Quer dizer, essa ideia de que o negro é um cidadão incapaz, um grupo cultural e racialmente inferior, uma raça inferior, isso permanece. Apesar disso, essa ideia é muito dissimulada, mas não é um conflito. E é contraditória!

Pelas experiências vividas e por trazer “na cor da epiderme” o “problema”, Lula Pereira fala que há, nesse sentido, “um processo muito sutil de eliminação da raça negra... Só que ninguém assume. Essa é a grande verdade.”. Embora seja silenciado, o assunto é “de grande relevância”, segue ele, que deveria ser discutido “com objetividade e finalidade” “todo mês” em programas de televisão e rádio visando esclarecer a população “pra que se pudesse melhorar nisso”. Esse processo de “reeducação” é algo que o inquieta tanto que volta a discuti-lo outras vezes durante a entrevista:

Acho que isto deveria partir do governo federal. Eles deveriam fazer todo mês um programa, chamar as pessoas, passar pro Brasil todo pra nos reeducar... pra nos reeducar! Porque tem muita gente que está educada errado... Ainda espero que isso aconteça. Tem que fazer como se faz contra o fumo, contra as drogas: todo dia passar propaganda na televisão. É pra massificar mesmo! Você já pensou as crianças brancas e negras brincando juntas, sem preconceito e em todos os segmentos sociedade?

Para além de o casamento inter-racial e de a discussão sobre racismo serem encarados como problemas em nossa sociedade, as desigualdades raciais no tocante ao trabalho também foram apontadas pelos entrevistados. O próprio Lula Pereira levanta a questão: “O homem

deveria ter as oportunidades pela sua competência, independentemente da cor... Mas, o que a gente vê no Brasil...”, lamentando-se. Pouco depois, fala do comportamento esperado do negro no mundo dos brancos, para nos remetermos a Florestan Fernandes (2007): “Uma das coisas que falo é que o negro, quando subalterno, é bem aceito... Até porque, ele se esmera pra fazer tudo melhor que o branco e merecer a oportunidade... Mas, pra chegar a nível de comando, a coisa pega. Aí, é seríssimo!”.

Na sequência, Lula Pereira volta a alimentar uma esperança de uma harmonia racial de fato: “Então, a gente tem alguns problemas e espero que um dia isso passe pra que possamos ter negros, brancos, índios, pobres, ricos, ou seja, a sociedade de uma forma geral vivendo em paz e com as mesmas oportunidades.”. Contudo, conclui de maneira realista: “Porque, de uma certa forma, a gente vive em paz, tendo o branco as melhores condições e oportunidades. O negro, não...”.

Abel Neto, por sua vez, retoma o mito da democracia racial para falar da falta de oportunidades aos negros:

De forma geral, procuro discutir no dia a dia, em todo lugar que vou... Mas, sinceramente, não vejo interesse das pessoas. Ao contrário! A maioria ainda acha que o Brasil é uma democracia racial, que não existe racismo, que é o país da miscigenação... Não é por aí, né?! É só a gente ver que as oportunidades não são as mesmas pra todo mundo. Nunca foram... É um negócio que já vem da escravidão e que continua até hoje. Por isso que sou a favor da política de cotas, das ações afirmativas, que é uma forma de reparação aos danos causados a esse povo, a essa raça...

Dentro deste mesmo debate, as ações afirmativas voltam a ser lembradas por outros colaboradores. Vejamos o que diz Luiz Flávio de Oliveira: “Ainda bem que agora tem as cotas. Afinal, as condições de renda e as oportunidades de emprego são menores para a população negra em comparação com aqueles que têm condição de estudar desde jovens. Muitos destes vão prestar uma faculdade por si só...”. A partir disso, ele fala da dificuldade de ser negro no Brasil, retomando a trajetória sua e do seu irmão:

A gente sabe das dificuldades atuais... Ainda mais, com a questão racial, não é? A cor, ser negro deixa tudo muito mais penoso. Digo que a nossa vitória tem que ser sempre dobrada! A gente entende isso porque, apesar de vivermos num país onde se fala que não tem tanto racismo, sabemos que é um racismo velado. Então, a nossa luta tem que ser um pouco maior... Não pra criar essa barreira ou essa rivalidade, nada disso! Mas, aqui no Brasil, há uma restrição em número de empregos, em tudo

na vida, né? Até por isso, é um motivo a mais pra nós [Luiz Flávio e Paulo Cesar de Oliveira] orgulharmos da nossa trajetória.

Ao falar de racismo, alguns entrevistados mencionaram a polícia brasileira tanto com relação à ação discriminatória contra negros quanto à falta de atitude na defesa das nossas leis antirracistas. Para exemplificar o primeiro caso, citemos um episódio que aconteceu com Valmir Jorge em uma viagem que ele fez de trem.

A gente tava em turma, todos nós arrumadinhos, as menininhas bonitinhas. Saiu uma confusão lá e o policial viu que eu era negro, né?! Logo, veio até mim e pegou a mão na minha orelha. Como estava escuro dentro do trem, assim que tomei aquele tapão, já virei e coleí o cara também.

Vemos que, em virtude de uma “confusão”, um policial logo desconfiou do único negro dentro do trem, visto como suspeito. É dessa forma que o jornalista termina de contar o caso:

No entanto, ao mesmo tempo, é aquela coisa da truculência, infelizmente, da nossa polícia. Ou melhor, é quase sempre assim no mundo inteiro... Então, se um policial tem um problema e vê, de um lado, uma turma de arrumadinhos, branquinhos e bonitões, e, de outro, um negro – por mais que esteja bem vestido –, ele vai no negão! A gente sabe disso...

Já na situação em que a instituição policial deveria proteger os negros, Abel Neto argumenta que os policiais geralmente costumam desqualificar o ato discriminatório. Segundo o repórter:

De um modo geral, uma coisa que não acontece só no esporte, mais uma vez, é desqualificarem o fato ocorrido. Nem sei se “desqualificar” é o termo jurídico correto, mas, ao invés de o racismo ser colocado como racismo, vira injúria, calúnia, difamação... E, aí, não acontece nada...

Por conta disso, Abel acaba se lembrando que fez até uma música de *reggae* para retratar a falta de cumprimento da lei 7.716 que “define os crimes resultantes de raça ou de cor”:

Uma vez, li um livro que falava sobre racismo e, aí, fiz uma música com o nome “7.716”. Não sei se você conhece, mas 7.716 é a lei. Então, no refrão, cantava mais ou menos assim:

7.716, você já funcionou alguma vez?

Acho que não.

Por quê?

Acho que não.

Que é exatamente isso que eu tô te dizendo: foi criada a lei, só que ela não é aplicada. Raramente, uma vez ou outra, a gente vai ver alguém indo parar em uma delegacia.

Em seguida, chega a duvidar da atitude dos policiais quando estes são requisitados por negros:

E acho que, quando chega na delegacia, o próprio delegado de polícia fala:

— Pô! Tem tanta gente matando e roubando, e eu vou prender uma pessoa por causa disso?

Se bobear, o cara também acha que é normal e completa dizendo:

— Isso aí eu falo no meu dia a dia. Xingo todo mundo de “macaco” e não sei o quê...

Na sequência, lembra que nos ditames da lei:

O racismo é um crime inafiançável. Não é isso?! Se o racista for preso em flagrante, não tem nem como pagar fiança e sair. Tá “fodido”! Entre aspas porque a gente sabe que o que acontece, na maioria dos casos, não é isso... Eu nunca vi alguém condenado. Tem algum caso?... Você também não conhece? Aí, está vendo? A lei “existe”... Chega a ser engraçado...

Dada a recorrência, José Carlos Serrão passou a “conviver naturalmente” com situações de discriminação racial na vida cotidiana:

Ofensas, a gente ouve na rua. Se tô dirigindo o meu carro e dou uma fechada numa mulher burguesinha ou patricinha, ela já me xinga de “negro” e essas coisas todas. Entendeu? Se a gente for dar ouvido a tudo que ouço na rua, vou pra cadeia toda hora! A polícia vai ter que ter um monte de sulfite pra fazer B.O.! E nós pra anotar a placa. Que nada, pô! Finge que não ouve muitas coisas, né?! Lógico, desaforo, eu não vou levar pra casa, mas dá pra conviver naturalmente com isso aí.

Em pesquisa realizada junto à Delegacia de Crimes Raciais de São Paulo Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2004, p. 66) conclui que, no período de 1993 a 1997, “havia uma tendência de a autoridade policial sobre-representar os casos de crime contra a honra, recusando-se, assim, a verificar o crime de discriminação racial”, corroborando, pois, os relatos dos nossos entrevistados. Outra observação relevante contida neste estudo de Guimarães indica que é provável que a população negra de maior *status* social e econômico procure menos a Delegacia de Crimes Raciais.

Fechamos, então, essa seção, baseando-nos no estudo de Livio Sansone (2007), que identifica o casamento ou o namoro, o trabalho, sobretudo quando se procura um emprego, e as interações com a polícia como áreas “duras” ou “pesadas” das relações raciais no Brasil.

As situações pessoais de discriminação racial vivenciadas pelos entrevistados, as quais correspondem a uma ínfima parcela daquelas que nos foram narradas, comprovam que a propalada “democracia racial” não passa de um mito.

3.3.1.1. Trecho de história de vida característica desta seção

Lula Pereira

Certa vez, dei uma entrevista pro Juca Kfoury, na época que ele ainda comandava o Cartão Verde, na TV Cultura, e o programa teve uma grande audiência. Foi logo em seguida ao caso do Grafite. Na semana seguinte ao ocorrido, o Juca me ligou pra participar. Na época, um grupo de portugueses junto com o seu João Rabelo entraram no Ceará e me colocaram no cargo de coordenador. Não podia viajar até São Paulo porque a gente estava aqui, como sempre, fazendo um time em cima da hora. Faltavam apenas uns dez dias pra começar a competição e o clube ainda não tinha nada! Então, o Juca fez com que participasse daqui mesmo. No programa, estavam também o Fabão, zagueiro do São Paulo, e o professor Carlos Alberto da Silva, do Rio de Janeiro, que, se não me engano, editou dois livros a respeito de preconceito.

Naquele momento, fiz algumas observações muito interessantes, que foram duras, mas que são verdadeiras. Sei que falei até com ênfase... Depois, recebi tanta ligação, tanta mensagem desse Brasil afora! Eram negros do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de Belém, de Manaus, do Brasil todo! Eles ficaram encantados com a minha maneira sincera de ser diante de um fato tão complexo. Disse pro Juca nesse tom:

— Juca, você tem filhos?

— Eu tenho netos.

— Então, você tem filhos duas vezes. Afinal, neto é um filho que você não tem, mas que acaba sendo seu porque é filho do seu filho ou da sua filha. Então, é seu filho. Você quer algum mal pro seu filho?

— Não.

— Eu também não quero pros meus... – e comecei a falar do negro no Brasil...

Eu acredito no amor, tá certo?! Acho que sem amor não tem razão de se viver. Muitas vezes, o negro não tem coragem de dizer, mas eu tenho. O negro fica idealizando os filhos. Ele pensa: “Se me caso com uma branca, o meu filho vem mulato e, assim, vai sofrer menos

do que eu e vai ter mais oportunidades na vida. Se me caso com uma negra, o meu filho vai sofrer as mesmas coisas que eu sofro.”. Isso é uma grande verdade!... Sei que muitos irmãos não vão ter a coragem de dizer isso, mas, lá no fundo do coração deles, lá dentro da cabeça deles, eles sabem que eu tenho razão. Porque essa é a grande verdade nossa aqui no Brasil, diferentemente do que acontece nos Estados Unidos. O negro americano faz questão de casar com uma negra, seja em que situação for! Por quê? Porque ele tem uma condição de vida. Independentemente, tem a sua faculdade e será juiz, médico... e vai embora, diferentemente da gente aqui. Por isso, ele não se mistura! Pelo contrário! Valoriza a raça negra se casando com mulheres negras. E desafiei:

— Me apontem um brasileiro branco, bem sucedido, casado com uma negra.

Ninguém apontou!... NINGUÉM!... Repeti a pergunta:

— Me digam um juiz, um médico, um desembargador, um homem bem sucedido, BRANCO, casado com uma NEGRA!

Todo mundo ficou quieto... De repente, alguém falou:

— Ah, tem de fora, o Hans Donner.

— E ainda casa com a mulata mais bonita!... E ela também tem feições de branca... — retruquei.

— Há um europeu.

— Mas, eu falei brasileiro...

Disse, nesse mesmo programa, que negros e brancos são verdadeiramente iguais na pobreza. Lá na pobreza, você não é branco e eu não sou negro, e nós somos irmãos. Você vai na minha casa e eu vou na sua e ninguém tá nem aí. Então, foram várias situações que fui colocando pro Juca e que Fabão e o professor ficaram em silêncio...

Na verdade de fato, ninguém tinha coragem de debater como eu falava! Só que eu estava pedindo às pessoas que me mostrassem uma situação diferente da que estava colocando...

— Mas, a filha do Pelé não é mulata? — falou alguém.

— É, mas, oficialmente, ele só se casou com mulher branca... — respondi.

— Ah, porque onde ele andou não tinha...

— Não é não... Eu acredito no amor, sou homem do amor, mas a grande maioria dos negros pensa dessa forma. A gente sabe o quanto custa ser negro...

Trabalhei mais de um ano na Bahia. A população baiana tem 75% de negros. Um dia, cheguei no hospital e vi que o vigilante era negro, a recepcionista era negra, a enfermeira era negra, o médico era negro e o paciente também era negro. Achei tão bonito! E te digo que o baiano é desprovido de vaidade e dessa preocupação do que os outros vão pensar ou falar... Pouco importa o que as pessoas acham. O baiano é fenomenal. Cansei de ver, em frente ao meu apartamento, negras gordas se bronzeando, dançando na praia, vestidas com a roupa que queriam, com o cabelo que queriam... Lá, ninguém se mete na sua vida! Diferentemente de outros locais, onde as pessoas logo já apontam e falam:

— Iii... olha lá.

Fiquei encantado com isso na Bahia! Uma vez, sentei na mesa com um professor da universidade de lá e começamos a conversar. Dá pra perceber que adoro uma conversa, não? Ainda mais quando tem uma cervejinha e um tira gosto. Nós estávamos conversando e eu colocando esse meu estranhamento. Ele me advertiu:

— Aqui, a gente anda do jeito que a gente quer. O negócio é diferente dos outros lugares. Nós somos a maioria!... Agora, a elite é branca. Esses 25%, Lula, é quem manda, como na África do Sul. Essa é que é a verdade: o poder tá na mão do branco na Ba-hi-a!

Mas, voltando ao programa do Juca Kfoury, ele foi de uma franqueza e de uma abertura pras pessoas de todo Brasil... Através dessa minha aparição e opinião, muitas pessoas me convidaram pra participar de movimentos, mas não tenho interesse... Gostaria mesmo é que as pessoas comesçassem a repensar em tudo aquilo que coloquei naquele dia. Hoje, a gente está conversando aqui de uma forma bem mais tranquila, não é?! Foi um bom programa. Só que não houve outro mais! Há há há... Você tá vendo como eu tenho razão?...

Nunca tinha pensado nisso que vou te falar agora. Acho que Juca não esperava que eu fosse falar as coisas que falei, ainda mais porque o programa era ao vivo. Eu é que passei a fazer as perguntas e a respondê-las. Ficaram sem palavras diante dos meus argumentos. Acho até que não concordavam com algumas coisas, mas não tinham como rebater. Até porque, eu acho que nunca alguém havia dito todos aqueles fatos colocados em uma televisão pública...

No final, parabeneizei o Juca e disse:

— Olha, Juca, eu não sei se você vai ter condições de fazer outro programa a respeito desse mesmo assunto, que volto a repetir: deveria todo mês ter.

Acho que isto deveria partir do governo federal. Eles deveriam fazer todo mês um programa, chamar as pessoas, passar pro Brasil todo pra nos reeducar... pra nos reeducar! Porque tem muita gente que está educada errado... Ainda espero que isso aconteça. Tem que fazer como se faz contra o fumo, contra as drogas: todo dia passar propaganda na televisão. É pra massificar mesmo! Você já pensou as crianças brancas e negras brincando juntas, sem preconceito e em todos os segmentos sociedade?

3.3.2. Racismo no futebol

Em 1964, Mario Filho, ao escrever a nota à segunda edição do livro clássico *O negro no futebol brasileiro*, falou de um processo “longo e penoso” de “democratização do futebol brasileiro” (2003, p. 16), o qual teria se completado com a assunção de Pelé. Embora não tenha dito, sabemos que ele estava se referindo aos jogadores profissionais de futebol e não a todas as áreas de atuação que fazem parte do universo do futebol espetacularizado.

A seção anterior sobre racismo no Brasil foi fechada com uma contribuição teórica do antropólogo Livio Sansone acerca das áreas “duras” das relações raciais no Brasil. Já que estamos tratando de racismo no futebol, voltemos a ele para entendermos o que seriam, então, as áreas “leves” ou “moles” das relações raciais. De acordo com ele, são aqueles espaços em que ser negro não constitui empecilho e onde negros e não negros convivem num clima relativamente livre de tensões raciais. Em certas ocasiões, inclusive, ser afro-descendente pode até trazer prestígio, como, por exemplo, no candomblé, na capoeira e em blocos afro. Até por isto, estes espaços são rotulados frequentemente como da “cultura negra”.

Aplicando tal tese ao futebol, Helal e Gordon Júnior (1999, p. 16) caracterizaram a história deste esporte como um processo de um domínio “duro” para uma área “mole” das relações raciais no Brasil. A possibilidade de ascensão social via futebol e a presença de inúmeros negros enquanto atletas os levaram a essa afirmação. Olhando de modo amplo para a sociedade brasileira, esta parece ser uma avaliação, que é, inclusive, compartilhada por parte dos nossos entrevistados. Lula Pereira, por exemplo, diz que, dada a sua experiência, “É isso que tenho visto. Não só no futebol, mas em todas outras áreas! No futebol, pior ainda porque, junto com a música, é o lugar onde mais os negros conseguem se sobressair em virtude da pobreza, da condição de pouco estudo que lhe são ofertados...”.

Já para Luiz Onofre Meira, Pelé tem grande parcela naquele processo de democratização: “Eu acho que o grande evento do negro no futebol está caracterizado no Pelé, né? Ele, não somente por ser negro mas também pela sua qualidade e conduta, foi muito representativo no futebol brasileiro.”. Até por isto, os negros não sofrem, a seu ver, discriminação neste meio: “Os negros têm, evidentemente, o mesmo espaço neste esporte e o mesmo amor do torcedor. A questão racial, em nenhuma situação, prejudica a sua participação. Não há discriminação!”. Em seguida, apresenta outro motivo: a “própria qualidade técnica dos negros” para a prática do futebol:

E não existe racismo também. Até pela própria qualidade técnica dos negros. Às vezes, são até superiores na comparação com jogadores brancos. Inclusive, acho que eles encontram um espaço no futebol onde se sentem seguros, reconhecidos e têm resultados extremamente positivos.

No entanto, olhando o futebol por dentro, ou seja, através das práticas sociais nele reproduzidas, tal interpretação perde sua força, sobretudo porque as tensões raciais acontecem em todos os setores que compõem o seu universo profissional. As histórias de vida dos nossos colaboradores permitem fundamentar isto por meio das inúmeras situações de discriminação racial experimentadas por eles dentro deste esporte. Até mesmo onde a inserção dos negros é incontestável, como atletas profissionais, os casos revelam uma realidade diferente daquela que é imaginada socialmente. Junior relata que o ambiente do campo de jogo é suscetível às ofensas durante a prática futebolística:

Isso [racismo] é menos comum no futebol de hoje, mas acho que, no passado, teve bem mais. Eu não estou me referindo dentro do jogo porque, no calor, alguém pode falar ali na hora:

— Porra! Seu macaco do caralho!

Isso aí acontece... Aquele caso do Antônio Carlos: quem conhece ele, sabe que jamais... Fez aquilo porque tava puto com o cara! Ao invés de chamá-lo:

— Ô, Sérgio, vai se foder e não sei quê...

Falou:

— Seu macaco!

Sabe? Mas, não que ele tenha sido preconceituoso... Eu acho difícil que exista, dentro do futebol, um cara que tenha esse preconceito porque se convive muito! A não ser que isso venha do sangue do jogador, ou da família dele, sei lá... Entendeu? Mas, dentro do ambiente? No dia a dia? Pô! No sul, tem negros pra caralho! No nordeste, também...

Ainda que revele que os atos de discriminações raciais fazem parte da disputa, não considera os jogadores de futebol racistas, mesmo quando um deles xinga outro de “macaco”, como aconteceu no caso envolvendo os atletas Jeovânio (do Grêmio) e Antônio Carlos (do Juventude). Esta visão é compartilhada por Luiz Onofre Meira, que argumenta que o xingamento é “decorrência da competição do jogo”, sendo visto como algo “normal”:

Eu volto a dizer: essa situação do Maxi López e, também, aquela outra do Antônio Carlos com o Jeovânio foram casos que acontecem em decorrência da competição do jogo. Mas, eles não são absolutamente relevantes. Inclusive, sobre esse último caso que citei, os dois jogadores preferiram não evoluir a situação. Até o próprio Antônio Carlos pediu desculpa. São coisas normais, que ocorrem dentro de um espaço, que, repito, é deles, né?!

Insinua ainda que “não levar a ofensa a sério” seria uma característica brasileira: “A dimensão que a imprensa e o torcedor dão é passageira, momentânea. A questão não tem essa relevância toda, como acontece lá na Itália, por exemplo, que é onde mais acontecem essas situações. Não tem esse perfil aqui no Brasil!”.

O jornalista Celso Unzelte, embora admita que tais situações se tratem de racismo, acha que elas compõem um “código” próprio ao futebol: “O futebol tem regras próprias”, exemplificando em seguida:

Por outro lado, no código do futebol também, alguém fala assim:

— Ô Negão! Ô Brad Piche!

Soam... claro que é racismo, mas é o chamado racismo do ponto de vista acadêmico, do ponto de vista até mais holístico. Dentro do futebol, os códigos são outros...

Este tipo de argumento sustenta aquela visão de que, “dentro das quatro linhas”, as leis são outras que não as da sociedade em geral. Evidentemente, há aqueles entrevistados que não concordam embora achem a atitude corriqueira, tal como Bizi:

É lógico que, se você perguntar pra mim como que é no momento do jogo, não tem como eu negar que já fui xingado. Fui e por várias vezes! Torcida, então, nem se fale. Nossa! É até hoje. Me xingaram quando era atleta, quando era treinador... E ouvia muitas coisas. Muitas!... Me ofendiam de “negro”, “negro sujo”, “macaco”...

Lula Pereira relata que esse tipo de ofensa também parte das arquibancadas com frequência:

Se tive... tive aquilo que é normal, ou seja, do torcedor falar:

— Negro isso, negro aquilo...

Isso acontece na maioria dos estádios brasileiros... Na verdade, esse tipo de atitude não é normal porque, quando uma pessoa está me chamando de negro, é no sentido pejorativo, com a intenção de me rebaixar. Tá entendendo? Lógico que não gosto.

Abel Neto também lembra de situações parecidas:

Já que o seu trabalho, Marcel, é sobre o futebol, eu imagino que você já tenha ido a uma partida. Em todo jogo, por exemplo, o juiz é xingado. Errando ou não, sempre tem alguém insatisfeito com a sua atuação. É até engraçado... Se for um juiz branco, ninguém vai falar da cor dele. Você já ouviu alguém falar: “Seu branco, filho da puta, tá roubando meu time!”?... Não, né?! Se for negro, perceba:

— MA-CA-CO! Preto filho da puta! — e segue xingando.

Tá no meu dia a dia isso. Não é agradável, pra mim, ouvir isso. Só que as pessoas não têm ideia do quanto isso é ruim.

O árbitro Luiz Flávio de Oliveira também passou por isso:

Isso é bem comum no futebol amador. Já no profissional, aconteceu comigo, mas prefiro não citar o clube e nem o local. Foi na época do problema com o Grafite. Aconteceu um fato isolado durante o jogo: a marcação de um pênalti e, em seguida, um coro de torcedores me xingando de “macaco”. Eles acharam melhor isso do que de me xingar de “juiz ladrão”. Os jogadores foram lá pedir pra que eles parassem, a equipe adversária queria que eu suspendesse o jogo e os assistentes também me perguntaram se tomaria alguma atitude após a partida. Mas, falei que não ia me deixar abater e nem entrar naquela onda. Até porque, tudo é modismo no futebol. Se acontece uma coisa aqui, começa também em todos os lugares.

As situações de xingamento são tão corriqueiras que alguns negros acabam “naturalizando” e achando “normal”, como Paulo Cesar de Oliveira:

Já com relação ao fato de ser negro, nunca fui ofendido diretamente. É lógico que uma vez ou outra, tem aquela coisa de torcedor:

— Ô, neguinho, olha isso, olha aquilo! Ô, seu negro...

Até acho que talvez... é uma coisa natural. Sabe assim? Mas, aquela coisa direcionada mesmo, um comportamento racista, de grupos, com cantos, graças a Deus, nunca passei por isso. Nem de jogador, nem de técnico, nada, nada, nada...

Abel Neto foi alvo de racismo que partiu de um próprio colega de profissão. Narra assim o ocorrido:

Um cinegrafista que trabalhava comigo, por exemplo, começou com esse papo:

— Ah, macaco, não sei que, parará...

Um certo dia, cheguei pra ele e falei:

— Ó, é o seguinte: ou você para com isso ou o nosso relacionamento vai ser estritamente profissional. Como a gente trabalha junto, seremos obrigados.

— Não, é brincadeira. Eu não sou racista.

— Eu não admito esse tipo de brincadeira. Acho que isso é uma coisa que não é legal de se ouvir e não tem nada a ver.

Dali para frente, nunca mais ele me tratou assim. Então, eu realmente não admito e é uma coisa que machuca porque, desde criança, a gente ouve esse tipo de ofensa... Foram poucas vezes dentro da Globo...

Valmir Jorge, por sua vez, também teve uma experiência parecida. O desfecho, contudo, foi outro:

[...] uma vez, tavam jogando São Paulo e Palmeiras e o Roni Silva, que, inclusive, é de Campinas, era o operador da Bandeirantes na época. Nós começamos a discutir por causa do equipamento. Ele tava puxando um fio e eu falei:

— Se você puxar esse fio, vou te dar um puta murro aqui no meio de todo mundo.

— Ahhh... – debochou ele – Você vai fazer isso? Duvido!

Quer dizer, o cara não acreditava que eu ia arrumar uma briga dentro do jogo do São Paulo, atrás do gol do Zetti. Aí, o cara puxou o negócio e eu enchi a lata dele... Inclusive, o Paulo Pinto, que é um repórter muito famoso, pequenininho e que tava no Diário de São Paulo na época, tirou uma sequência de fotos. Eu e o Roni Silva rolamos no chão, deu polícia, foi uma merda!

Os árbitros também discutiram sobre o racismo em seu meio. Luiz Flávio indaga-se sobre a pequena proporção de árbitros negros na Federação Paulista:

Tirando como exemplo a Federação Paulista, acho que só temos dois árbitros negros na primeira divisão hoje... Não quero cometer injustiça com algum outro companheiro que eu possa estar esquecendo no momento, mas este é o caso meu e do Paulo Cesar. Já como assistente, tem mais: o Mario e alguns outros... Em São Paulo, nós tivemos árbitros negros de destaque como o José Aparecido de Oliveira e o João Paulo de Araújo, que integraram o quadro da FIFA, assim como o meu irmão hoje. Tivemos também o Tadeu, que atuou na primeira divisão do Campeonato Paulista e do Brasileiro. Mas, realmente é uma proporção muito baixa pelo número de árbitros que se tem no quadro da Federação. Dos quinhentos árbitros, acho que os negros não chegam a uns 20%. Num país que tem quase a sua totalidade negra, é muito pouco...

Já João Paulo de Araújo, enfrentou o problema vindo dos próprios colegas de profissão:

Qualquer errinho meu era maior que os dos outros, né?! Por ser negro sem dúvida nenhuma... Chegou uma época que foi um barato. Na Federação Paulista, mais ou menos junto comigo, em 89 e 90, vários negros começaram a apitar na primeira divisão. Vários! Dagoberto, eu, Zé Aparecido... Sei lá, tinha uns sete ou oito negros apitando. Tinha também o Raí Silva, que até já morreu. Era realmente um cara bastante honesto e começou a apitar nesse mesmo momento. Até porque, já estava ali fazia tempo, mas não tinha expressão. Nessa limpeza, ele conseguiu também um espacinho. Aí, na hora que estava todo mundo reunido, os brancos falavam assim pra gente:

— Pô, gente! Vamos pintar de negro! Vamos lá, vamos lá... — passavam as mãos nos braços. — Vamos nos pintar pra gente poder apitar. Porque aqui só negro apita.

Então, a gente via o racismo vindo dos próprios colegas, das pessoas com quem nós convivíamos, com quem trabalhávamos. Pessoas que iam bandeirar o jogo pra nós!...

Dá pra acreditar?

Além disso, João Paulo de Araújo acha que o seu colega José Aparecido de Oliveira também foi alvo de racismo por parte dos dirigentes, tanto que disse: “É complicado pra caramba! Ai, ai... E com o Zé Aparecido. Usaram ele mais uma vez, um negro, porra! Entendeu?!...”. Enquanto dirigente, João Paulo também sofreu com o racismo no futebol:

Como dirigente, poxa vida, como é complicado! Lembro que um dia estava no estádio e o XV acabou perdendo o jogo. Depois da partida, veio uma torcedora até mim e falou:

— Enquanto um negro for presidente do XV, o XV não vai ganhar!

Uma mulher, hein?! Uma mulher me disse isso ali na arquibancada, quando estava todo mundo caminhando junto para ir embora. Eu estava num patamar acima da arquibancada, e ela olhou pra cima e disse isso na minha cara.

O que é inaceitável para a maioria dos entrevistados é o fato de os negros não chegarem a ocupar cargos de comando, como treinadores. José Carlos Serrão vivenciou isso na pele:

Mas, aqui no Brasil também, soube que eu não fui contratado por um time numa época porque era negro... Não vou divulgar o nome desse time porque isso é muito grave. Um diretor do clube, que fez de tudo para me levar, falou pra mim que o que pesou foi a minha cor. Naquele momento, estava no auge da minha carreira como treinador, já tinha feito meu nome no São Paulo e tudo. Fazer o quê? Mas, isso aí me marcou... Isso aconteceu por volta de 93, 94 e foi fora do Estado de São Paulo.

Bizi também viveu na pele a situação:

Mas, ao longo do tempo, fui vendo e pensando a respeito disso que esse treinador tinha falado e acho que ele tava certo. Porque vivi e sofri isso na pele! Eu fui discriminado... Não gostaria de citar o nome do clube porque o responsável por isso foi a pessoa que o estava dirigindo naquela época. Não tenho nada contra o clube! Mas, é uma agremiação recente e que está na primeira divisão do Campeonato Paulista. O ano em que isso aconteceu foi 2000. Este clube ainda não tinha time profissional, era só base.

Para piorar outros dois colegas negros foram dispensados na mesma semana:

Por coincidência – até me lembrei agora –, na mesma semana que eu fui mandado embora, outros dois colegas meus foram despedidos. E, por coincidência, nós três somos... né? Olha só que coisa! Por isso que, até hoje, penso da maneira que te falei. E eu sou mais... deles. Eu era da categoria sub-20, um deles da sub-17 e o outro da sub-15... Três de uma vez só!? Coincidência, não? E na mesma semana! Entende? Então, é por isso que falo que foi uma coisa que aconteceu.

Em virtude disso, José Carlos Serrão se pergunta onde estão os técnicos negros:

Mas, dentro dessa sua proposta de entrevista, há racismo, sim, no futebol. Se formos procurar negros como treinador, a gente não acha. Afinal, o jogador negro até se educa a não ser treinador de futebol porque sabe que a carreira pode ser curta, né? Nós temos excelentes jogadores aqui no Brasil e a maioria é de negros. Só que eles não se tornam treinadores. Salvo raríssimas exceções, isso acontece no norte, nordeste. Aqui, nas regiões sul e sudeste, tem poucos. Eu conheço o Edmilson de Jesus... Não me lembro de outro... Ah, tem o Lula, que trabalhou aqui e tá lá em Fortaleza agora. Tem eu também... Não tem! Se procurar mesmo, não tem.

Outro dia, tava falando com o meu auxiliar sobre essa entrevista que você vinha fazer comigo aqui e ele disse:

— Pô, Serrão, é mesmo! Sabe que eu nunca reparei isso?

Porque as pessoas se acostumam a não ver negros nessas posições.

O seu colega Lula Pereira também questiona a falta de negros em cargos de comando:

Agora, há um fato difícil de ser diluído: como é que nós, com tantos jogadores negros, não temos treinadores negros? Nas escolinhas juvenis, até temos um ou outro, mas não a nível profissional... Essa é uma realidade. Se você fizer um levantamento hoje, na Série B e na Série A não tem nenhum negro trabalhando! Quando eu digo “negro” é igual a mim ou um pouquinho até mais. Afinal, tem muito mulato por aí. Por exemplo, o Luxemburgo é negro? Não é negro. Joel Santana é negro? Não é. Celso Roth é negro? Não é. E o Serrão? Também não. Negro sou eu: Lula Pereira. Aí, te pergunto: cadê um outro?... Até pra te dá como base. CADÊ OUTRO?... Não tem! A gente tem nas divisões de base, mas não tem

no nível profissional. Nas Séries A e B, nós temos 40 clubes! E, mesmo assim, não tem nenhum negro. O que poderia estar trabalhando era eu se tivesse aceitado a proposta do Campinense... E se você for pra Série C, também não tem!... Por isso que eu te falo do processo sutil de eliminação... Será que nós não temos num país tão grande uns três atletas negros com capacidade de ser treinador?

Neste ponto, chega-se às rebarbas do racismo no futebol brasileiro, a um lugar em que a quase inexistência de negros não permite negar a sua realidade. Afinal, como os nossos colaboradores também se questionaram, onde estão os treinadores negros? Ainda mais por sabermos que a grande maioria dos treinadores no Brasil é composta por ex-atletas profissionais, os quais, por sua vez, são em grande parte negros. Tendo em vista o nosso passado escravocrata, o antropólogo Arlei Sander Damo foi, ao nosso ver, preciso ao buscar responder a questão acima mencionada:

É pelo fato de que a função de treinador é considerada própria àqueles vocacionados por natureza a mandarem em outros, que os negros são alijados da concorrência ao cargo. Na perspectiva do status quo, compete-lhes a obediência, e isso não combina com as exigências em relação a um treinador, homem que se faz respeitar por outros homens. (DAMO, 2008b, p. 9).

Estes são, pois, os parâmetros simbólicos que continuam distanciando os negros de cargos de comando, ao mesmo tempo em que os condena à posição de comandado, às atividades que demandam poucas habilidades intelectuais. Como José Carlos Serrão relatou: “o jogador negro até se educa a não ser treinador de futebol porque sabe que a carreira pode ser curta”. Para Damo (2008b, p. 1), os negros são desencorajados a investirem nessa carreira, o que é consequência da reprodução de “uma forma de discriminação racial branda” em nosso futebol.

Dessa maneira, podemos entender o porquê de os entrevistados não conseguirem citar sequer dez nomes de treinadores negros de futebol que trabalham em clubes que disputam as principais competições nacionais, e, além disso, o porquê de esta ser uma realidade também presente nos outros esportes praticados neste país, como bem reparou e se indignou Lula Pereira. José Carlos Serrão ainda disse que o “processo sutil de eliminação”, para usarmos os termos de Lula, acontece em todo o país, sobretudo nas regiões sul e sudeste.

Talvez, alguns elementos que expliquem tal fenômeno sejam: a maior tradição dos clubes destas regiões que disputam os campeonatos mais prestigiados; maior investimento financeiro; maior cobrança por parte dos dirigentes, dos patrocinadores, das torcidas e da

imprensa esportiva; e, conseqüentemente, menor espaço para falta de resultados e para treinadores iniciantes ou com pouca experiência na profissão. E nós sabemos que os poucos negros que rompem essa barreira geralmente comandam equipes de menor expressão. Assim, como podem ter oportunidades nos principais clubes brasileiros? Com isso, a tese do “desencorajamento” aparenta-se convincente. Ademais, qual grande agremiação que deseja ter negros lhe representando publicamente? Levando tudo isso em consideração, a frase final de José Carlos Serrão ganha todo o sentido: “as pessoas se acostumam a não ver negros nessas posições”.

Concluindo, se visto de fora o futebol pode ser analisado como uma área “mole” das relações raciais em comparação com as esferas do trabalho e do matrimônio, por exemplo, olhando-o por dentro vemos que a sua estrutura profissional também tem a sua rigidez, o que explica os vários casos de racismo ocorridos nas suas diversas áreas e envolvendo os seus atores: jogadores, treinadores, árbitros, dirigentes, jornalistas e torcedores. Ao contrário da posição de jogadores, as outras funções não contam com a mesma proporção de negros, excetuando os torcedores. Diferentemente de Mario Filho, não tenho a pretensão de dar forma definitiva aos estudos sobre os negros no futebol brasileiro. Tenho certeza de que esta pesquisa abre novas áreas a serem pesquisadas com a profundidade que elas merecem.

3.3.2.1. Trecho de história de vida característica desta seção

Arlei Damo

Agora que você me recuperou o argumento do Sansone sobre áreas “moles” e “duras” das relações raciais no Brasil, eu concordo completamente que o futebol está muito próximo do espaço das artes em geral e da música em particular. Ao mesmo tempo, ele é subvalorizado em relação ao campo da política e da economia, por exemplo, que são espaços onde a gente certamente vai encontrar maiores restrições à presença dos negros. O futebol o que é? É uma coisa periférica! Tem muito espaço na mídia e tal, mas é tido como um entretenimento, uma coisa menos importante. Não é porque estudo futebol que vou dizer que é a coisa mais importante do mundo. É bom para ser estudado! Quer dizer, se os negros fizerem sucesso no futebol, não tem maiores problemas. Então, se é nesse sentido – não me lembro exatamente dos meandros do texto que você citou –, eu tenderia a concordar. Sim, é possível que o futebol seja uma dessas áreas “moles” porque não é um espaço muito vigiado.

Agora, eu acho que o mais importante de tudo é reconhecer que, dentro do futebol, a gente tem uma retradução desses campos. Ou seja, os espaços do dirigente, do técnico e mesmo do cronista, particularmente do comentarista, seriam equivalentes ao campo da economia e, sobretudo, ao da política nesse caso. É o campo onde vão prevalecer os brancos. Então, acho que tu poderias olhar o futebol com uma lupa e com uma luneta. Quando a gente o olha com uma luneta, na sociedade como um todo, ele aparece como uma área “mole”, aparecendo junto com a música, com a dança, com as atividades artísticas. Mas, quando a gente o olha com uma lupa, de dentro, aí a área “dura” vai aparecer junto com a área “mole”. A área “mole” é o quê? É o jogar e o torcer. Isso pode. Agora, comentar e dirigir não. Por quê? Porque essas são as áreas “duras” dentro da área “mole”, vamos pensar assim. Até porque, o futebol não poderia ser completamente diferente ou avesso à sociedade brasileira.

Acho fundamental a gente pensar que esse futebol de espetáculo que nós estamos falando o tempo inteiro é um grande negócio. Quanto mais negócio ele for, mais vai aparecer a área “dura” dentro da área “mole”. Com isso, a expectativa é que, se os negros já não têm espaço, cada vez menos vão ter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No segundo semestre de 2007, quando iniciei a elaboração do projeto que resultou nesta pesquisa, esperava realizar entrevistas de história oral de vida com alguns negros que atuaram no futebol brasileiro no período de 1970 e 2010. À medida que fui discutindo com o meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, percebemos a necessidade de realizar uma primeira entrevista, que serviria de pontapé e iluminaria este campo no qual adentrava. Se antes do registro desta narrativa fundante pensava entrevistar, principalmente, jogadores, treinadores e jornalistas, após a primeira gravação o projeto ganhou forma e eu fui encorajado a abranger o leque, levando o meu gravador para outras áreas do universo do futebol espetacularizado: arbitragem, direção, torcida e intelectualidade.

Para tanto, a adoção dos conceitos “comunidade de destino”, “colônia” e “rede”, dentro de uma linha específica de história oral, foi fundamental para organizar e justificar as pessoas selecionadas de uma coletividade ampla. Mais do que isso, a realização de entrevistas de história oral de vida permitiu trabalhar elementos poucos explorados por pesquisas já realizadas: memórias, experiências e subjetividades.

Concomitantemente, o aprofundamento teórico de conceitos essenciais alicerçou o projeto que estava se delineando. Do mesmo modo, a leitura da bibliografia especializada acerca da questão racial no Brasil e no futebol situou-me dentro de um debate e aclarou-me lacunas existentes, para as quais tentei contribuir. Especificamente, pude identificar uma carência de estudos sobre os negros num período recente do futebol brasileiro (pós-1970), a falta de uso de fontes orais e a tênue consideração de funções outras que não a do jogador profissional de futebol na reflexão acadêmica sobre o racismo neste esporte.

Com a formação de sete redes de colaboradores, a minha intenção era conseguir uma diversidade de narrativas que possibilitasse novos e abrangentes olhares sobre o tema. A partir das suas experiências e memórias narradas, busquei estabelecer traços comuns nas trajetórias de vida dos entrevistados, com especial atenção aos marcadores da juventude: origem social e familiar, presença de instituições, o papel do futebol e as atividades ligadas ao trabalho e à escola. Da mesma maneira, procurei destacar as diferenças entre as carreiras profissionais, a saber: jogadores, treinadores, árbitros, dirigentes, torcedores, jornalistas e intelectuais.

Ao percorrer esse caminho, chegamos finalmente à discussão do racismo. Conforme procurei argumentar, o futebol, tendo em vista a sociedade brasileira, é analisado como sendo

uma das áreas “moles” das relações raciais. Isto porque os negros, que compõem a maioria dos jogadores profissionais, conseguem ascender socialmente e ganham evidência perante a sociedade. Esta, por sua vez, enxerga os esportes e a música, em geral, e o futebol e o samba especificamente como espaços tidos como “dos negros”. No entanto, se voltarmos os olhos para a estrutura do futebol de espetáculo, poderemos ver que os negros não ocupam na mesma proporção – às vezes sequer chegam – outras áreas profissionais deste universo esportivo, com destaque para os cargos de comando e poder: árbitros, treinadores e dirigentes.

Neste sentido, a história de vida apresenta-se como um instrumento privilegiado e possibilita-nos uma compreensão subjetiva de um determinado processo histórico à luz dos seus próprios sujeitos. Elas forneceram uma série de elementos que possibilitou o aprofundamento de todo o debate e que suscita a continuidade do estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge. Uma análise sobre o caso “Grafite x Desábato” à luz do “racismo à brasileira”. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, mar./jun. 2007.
- ADORNO, Sérgio. Violência e racismo: a discriminação no acesso à justiça penal. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.
- AGUIAR, Flávio. Notas sobre o futebol como situação dramática. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2003. p. 151-166.
- ALABARCES, Pablo (Org.). **Futbologías**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.
- _____. (Org.). **Peligro de gol**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2005.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; AMORIM, Maria Aparecida Blaz Vasques; BARBOSA, Xenia de Castro. **Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, n. 2, p. 101-109, jul./dez. 2007.
- AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 145-155, abr. 1997.
- ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo, (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1998.
- ANTUNES, Fatima Martins Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro não há quem possa!** Futebol e identidade em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquem. **Guerra e paz**. São Paulo: Ed. 34, 1994.
- BANTON, Michael; MILES, Robert. Racismo. In: CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000.
- BARBOSA, Fabíola Holanda. **Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia**. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo. A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil. In: HENRIQUES, Ricardo (Org.). **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Comunidade**. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.
- BELLOS, Alex. **Futebol: o Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.
- BERND, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social**. São Paulo: Atelie, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.
- _____. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.
- CALDAS, Alberto Lins. Pontuação em história oral. **Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, n. 4, p. 163-167, jul./dez. 2008.
- _____. Transcrição em história oral. **NEHO-História**, São Paulo, n. 1, p. 71-80, 1999a.
- _____. **Oralidade, texto e história**. São Paulo: Loyola, 1999b.
- CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não-escrita. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.
- CAMPOS, Maria José. Cassiano Ricardo e o “mito da democracia racial”: uma versão modernista em movimento. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 140-155, dez./fev. 2005-2006. Dossiê Racismo I.

- CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1960.
- CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior. São Paulo: Attar, 2005.
- CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000.
- CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CAVALCANTI, Everton Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 741-748, out./dez. 2009.
- CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. 3. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. São Paulo: Papirus, 1995.
- _____. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CLARK, Mary Marshall. Vídeo-testemunhos sobre o holocausto, história oral e medicina narrativa: a luta contra a indiferença. **Oralidade: Revista de História Oral**, São Paulo, n. 5, p. 150-166, jan./jun. 2009.
- CORRÊA, Lúcia Helena. Racismo no futebol brasileiro. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CORRÊA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a “garantia da ordem social”. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 130-139, dez./fev. 2005-2006. Dossiê Racismo I.
- CORRÊA, Ricardo Santhiago. **Entre a harmonia e a dissonância**: história oral de vida artística de cantoras negras brasileiras. Dissertação (Mestrado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- COSTA, Márcia Regina da. et al. (Org.) **Futebol**. São Paulo: Musa, 1999.
- D’ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multi-culturalismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun./ago. 1994. Dossiê Futebol.
- _____. (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

- _____. **Relativizando:** uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão:** formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 2007.
- _____. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 139-150, fev. 2008a.
- _____. Os racismos no esporte. In: GOMBERG, Estélio; MANDARINO, Ana Cristina de Souza (Org.). **Racismos**. Salvador: EDUFBA, 2008b. (no prelo).
- DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo Cesar. (Org.). **Futebol:** paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral:** memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DENIS, Philippe. A ética da história oral na África do Sul. **Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, n. 3, p. 47-63, jan./jun. 2008.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 1 v.
- _____; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008. 2 v.
- _____. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.
- _____. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- _____; PEREIRA, João Baptista Borges; NOGUEIRA, Oracy. A questão racial brasileira vista por três professores. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 168-179, dez./fev. 2005-2006. Dossiê Racismo I.
- FERNANDES, Luis. Futebol, racismo e identidade nacional (prefácio à quarta edição). In: FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral e tempo presente. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- _____. (Org.). **Entre-vistas:** abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1994.

- _____; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FLECK, Ludwik. **Genesis and development of a scientific fact**. Chicago: The University of Chicago Press, 1979.
- FLEW, Antony. **Pensar direito: ou, será que eu quero sinceramente estar certo?**. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1979.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)**. Dissertação (Mestrado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- FREYRE, Gilberto. O negro no futebol brasileiro (prefácio à primeira edição). In: FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- _____. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Record, 2002.
- _____. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 jun. 1938.
- FROTA-PESSOA, Oswaldo. Raça e eugenia. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.
- FRY, Peter. **A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GIL, Gilson. O drama do “futebol-arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 25, 1994.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- GORDON JÚNIOR, Cesar. “Eu já fui preto e sei o que é isso”: história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, Eduerj, n. 3/4, p. 65-78, 1996. Futebol: síntese da vida brasileira.
- _____. História social dos negros no futebol brasileiro: primeiro tempo: “essa maravilhosa obra de arte fruto da mistura”. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, Eduerj, n. 2, p. 71-90, 1995. Futebol e cultura brasileira.
- GRELE, Ronald. La historia y sus lenguajes em la entrevista de historia oral: quién contesta a las preguntas de quién y por qué. **Historia y Fuente Oral**, Barcelona, n. 5, p. 111-129, 1989. El peso de la historia: 1989.
- GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro**: instituição zero. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- _____. **Preconceito e discriminação**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- _____. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.
- _____. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.
- HASENBALG, Carlos Alfredo; SILVA, Nelson do Valle. **Estrutura social, mobilidade e raça**. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.
- HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999.
- HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. **Lance de sorte**: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

- HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOSKINS, Janet. **Biographical objects**. New York: Routledge, 1998.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. Refletindo sobre história oral: procedimentos e possibilidades. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- JOHNSON, Allan G.. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- JOUTARD, Philippe. Nuevas polémicas sobre historia oral: algunos retos que se plantean a la historia oral del siglo XXI. **Historia, Antropología y Fuentes Orales**, Barcelona, n. 17, p. 149-162, 1999.
- _____. **Esas voces que nos llegan del pasado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- KUPER, Simon. **Football against the enemy**. Londres: Phoenix, 1995.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.
- LEVINE, Robert. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião. **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: IMESP/DAESP, 1982.
- LIMA, Solange Martins Couceiro. Reflexos do “racismo à brasileira” na mídia. *Revista USP*, São Paulo, n. 32, p. 56-65, dez./fev. 1996-1997. Dossiê Sociedade de Massa e Identidade.
- LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In:

- MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.
- LOPES, José Sergio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Org.). **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.
- _____. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 64-83, jun./ago. 1994. Dossiê Futebol.
- MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 41, p.141-158, jul./dez. 1999.
- _____; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.
- MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2003.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral: desafios conceituais. **Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, n. 3, p. 136-141, jan./jun. 2009.
- _____. História oral: 10 itens para uma arqueologia conceitual. **Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, n. 1, p. 13-20, jan./jun. 2007.
- _____. **Augusto & Lea**: um caso de (des)amor em tempos modernos. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. **Brasil fora de si**: experiências de brasileiros em Nova York. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- _____. **A colônia brasilianista**: história oral de vida. São Paulo: Nova Stella, 1990.
- _____. Para que serve o futebol? In: _____. WITTER, José Sebastião. **Futebol e cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: IMESP/DAESP, 1982.
- _____. HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

- _____.; WITTER, José Sebastião. **Futebol e cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: IMESP/DAESP, 1982.
- MONTES, Maria Lúcia. Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.
- MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- _____. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.
- _____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.
- _____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto Pereira. **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EdUFF, 2004b.
- _____. Teorias sobre o racismo. In: HASENBALG, Carlos A.; MUNANGA, Kabengele; SCHWARCZ, Lília Moritz. **Racismo**: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. Niterói: EdUFF, 1998. Estudos & Pesquisas.
- _____.; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.
- MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2007.
- _____. Considerações possíveis de uma resposta necessária. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 24, 1999.
- _____. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de Sociologia do Futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- _____. O lugar teórico da sociologia do futebol. **Pesquisa de campo**, Rio de Janeiro, Eduerj, n. 2, p. 101-115, 1995. Futebol e cultura brasileira.
- _____. Corpo, magia e alienação. **Pesquisa de campo**, Rio de Janeiro, Eduerj, n. 0, 1994. Futebol 100 anos de paixão brasileira.
- MUYLAERT, Roberto. **Barbosa**: um gol faz cinquenta anos. São Paulo: RMC, 2000.
- NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco**: estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 57-60, jan./abr. 2004. O negro no Brasil.
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papirus, 1998.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- _____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed. Campinas: Pontes, 2005.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.
- _____. Mitobiografia em história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 29-40, dez. 1993.
- PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PEREIRA, João Baptista Borges. Racismo à brasileira. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Edusp, 1996.
- PERKS, Robert; THOMSON, Alistair (Ed.). **The oral history reader**. 2. ed. New York: Routledge, 2006.
- PESSANHA, Elina. Fronteiras disciplinares e o uso da história oral: por que, de quem, para quem? In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- _____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiara (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

- _____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev. 1997.
- _____. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 41-58, dez. 1993.
- RAMOS, Jair de Souza. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.
- RIBEIRO, Darcy. Sobre a mestiçagem no Brasil. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996.
- _____. **O povo brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Tramas e traumas**: histórias de vida e identidades em marcha. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, Nélson. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva/Edusp; Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.
- SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: Edufba; Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- _____. As relações raciais em Casa-Grande & Senzala revisitadas à luz do processo de internacionalização e globalização. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.
- SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira (Org.). **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- SANTOS, Joel Rufino dos (Org.). **Os negros**: história dos negros no Brasil. São Paulo: Caros Amigos, 2009.

- _____. **O que é racismo**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão de jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: PubliFolha, 2001.
- _____. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 30-37, jun./ago. 1994. Dossiê Futebol.
- SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCB, 1996.
- _____. Os paradoxos da miscigenação. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 165-185, 1991.
- SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; VOTRE, Sebastião Josué. **Racismo no futebol**. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2006.
- SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. Sobre O Negro no Futebol Brasileiro, de Mário Filho. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mario Filho. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.
- SILVA, Nelson do Valle; HASENBALG, Carlos Alfredo. **Relações raciais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (Org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.
- SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- SOARES, Antônio Jorge. História e invenção de tradições no campo do futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999.
- SOUTO, Sérgio Monteiro. **Os três tempos do jogo**: anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.
- SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo!** Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.
- SOUZA, Jessé (Org.). **Multiculturalismo e racismo**: uma comparação Brasil – Estados Unidos. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- SOUZA, Marcos Alves. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.6/7, p. 109-152, 1996. Raça e gênero.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.
- _____. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 52, p. 133-165, jul./dez. 2001.
- _____. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.
- TURRA, Cleusa; VENTURI, Gustavo (Org.). **Racismo cordial**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- VANGELISTA, Chiara. Da fala à história: notas em torno da legitimidade da fonte oral. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra

- Jatahy (Org.). **História e linguagens**: texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. 6. ed. São Paulo: Jorge Zahar; Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2007.
- VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 42-43, p. 221-244, jan./jul. 2003.
- VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.
- WACQUANT, Loïc. Putas, escravos e ganhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 127-146, out. 2000.
- WIERVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.